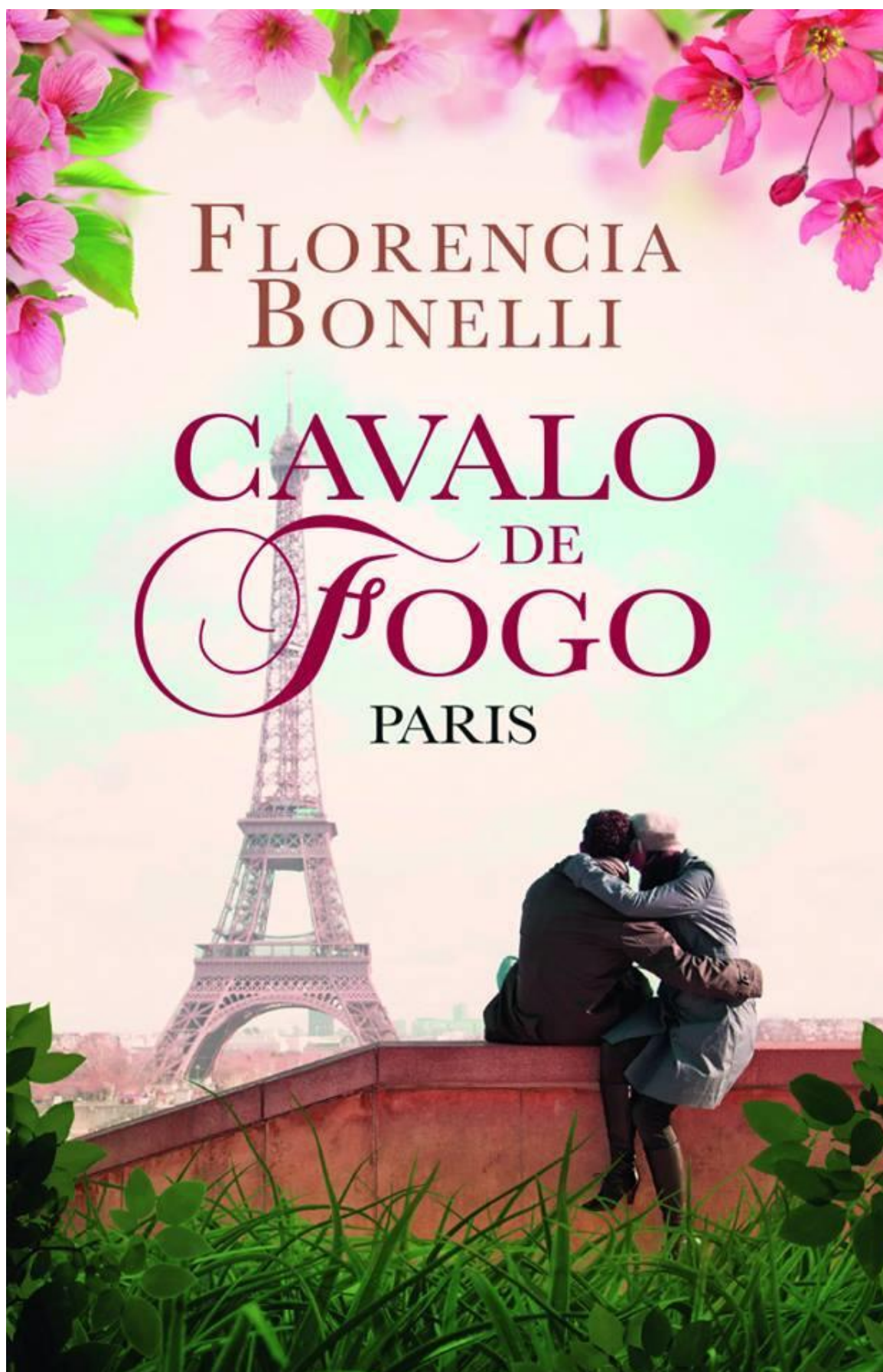






FLORENCIA BONELLI

CAVALO DE FOGO PARIS

Tradução de Rita Custódio e Àlex Tarradellas

Esse livro foi digitalizado e revisado da versão PP, numa parceria de Dani Cullen, Bebel Cabeluda e Gata Bakana.



O acidente de Bijlmer

Amsterdã, Holanda. 1996.

O boeing 747-200 da companhia aérea israelita El Al esperava no início da pista número um do Aeroporto Amesterdão-Schiphol para decolar. O engenheiro de voo espreitou da cabina para dirigir uma ordem ao único passageiro, Yaron Gobi.

- Dirija-se ao *jump seat* - referia-se ao assento desdobrável junto à porta do avião - e aperte o cinto. Era a sua vez; o operador da torre de controle anunciaria em seguida. Voo 2681 - chamou-os pelo seu número de voo - perante o rugido das quatro turbinas do Jumbo, como era conhecido o *boeng* 747, o seu único passageiro sentiu um arrepio. Nunca tinha gostado de voar, e muito menos com a carga que ocupava completamente a fuselagem pela qual era responsável. De acordo com os documentos de frete, o avião levava perfumes e outros produtos de cosmética; ele, no entanto, conhecia a natureza da carga.

ESTAVA NERVOSO. Abanou o pulso para ver o relógio escondido debaixo do punho, seis da tarde, a cerca de cinco horas aterrissariam em Telavive- última parte do trajeto até as instalações do Instituto Israelita de investigações biológicas, na localidade de Ness Ziona. Seria feita por terra, em caminhões acondicionados para produtos relacionados com a segurança.

O avião iniciou a subida para atingir voo de cruzeiro. Yaron sentia um nó no estômago e náuseas. Tentou acalmar-se. Fechou os olhos e respirou de um modo sereno.

Os seus olhos abriram-se de repente. Uma sacudidela arrancou o do *jump seat* ao mesmo tempo que uma explosão lhe adormeceu o sentido da audição durante alguns segundos. O avião virou bruscamente para a direita e sacudiu-o para os confins do assento como se estivesse numa montanha russa. A voz do jovem copiloto atravessou a porta fechada: «Mayday! Mayday! Mayday!» Conhecia o significado dessa palavra pronunciada três vezes. Meidei! Meidei! Meidei! Tratava-se do pedido de socorro dos pilotos, derivado da expressão francesa *maidez*.

Em menos de um minuto, o piloto estabilizou a aeronave, que continuava a ser sacudida pela turbulência. Yaron não hesitou em livrar-se do cinto e em precipitar-se para dentro da cabine.

- O que é que se passa? - Não obteve resposta.

O copiloto, encarregado da comunicação com a torre de controle, explicava ao operador que os motores três e quatro tinham deixado de funcionar e pedia autorização para uma aterragem de emergência.

- Dada a nossa velocidade - esclareceu vamos precisar da pista mais comprida do aeroporto.

Yaron fechou a porta e dirigiu-se para a parte de trás do avião segurando-se aos objetos e às paredes. Espreitou por uma janela. Tinham perdido altura e sobrevoavam os

subúrbios da zona sul de Amesterdã. Deduziu que, se o avião não conseguisse aterrar no aeroporto, iria colidir contra as casas.

- Deus nos ajude - sussurrou.

Em Haia, sede do Serviço de Inteligência de Israel na Europa, conhecido como Mossad no mundo da espionagem ou simplesmente como «Instituto», o chefe de Operações de Recrutamento, o katsa Ariel Bergman, recebeu a chamada do colaborador, o sayan, que mantinha na torre de controle do Aeroporto Amsterdã-Schiphol. Bergman tinha reconhecido o número no ecrã. Levantou o fone e perguntou:

-O que é que se passa? - Apesar da utilização de linhas seguras, as regras diziam que jamais se mencionavam nomes nem apelidos.

-Acaba de chegar um Mayday. E proveniente do voo de número 2681.

Tratava-se do primeiro serviço que lhe prestava esse sayan, nome com que a Mossad denominava os judeus da diáspora, cidadãos comuns dispersos pelos quatro cantos do mundo que, dado o seu entusiasmo pelo Estado sionista, prestam serviços em troca da satisfação por colaborarem com a defesa e a sobrevivência de Eretz Israel, a Terra de Israel. A vulnerabilidade da El Al, alvo cobiçado pelos terroristas, convertia esse empregado da torre de controle de Amsterdã-Schiphol, um dos aeroportos mais utilizados pela companhia aérea israelita, num sayan de valor incalculável. Assim o tinha julgado Bergman ao recrutá-lo, e só tinha precisado de tempo para o demonstrar.

Segurou o fone entre a cabeça e o ombro e agitou os dedos no teclado do computador enquanto falava.

- O que é que me podes me contar?

- Os motores três e quatro deixaram de funcionar. Está a regressar.

-1 Schiphol para tentar aterrar de emergência. Volto a ligar quando tiver novidades.

O ecrã devolveu-lhe a informação solicitada. Não se tratava de um voo de passageiros, mas sim de carga, o qual pensou Bergman com certo alívio, reduziria o número de vítimas caso acontecesse o pior. No entanto, ao ler a linha seguinte, murmurou insultos em hebraico. O voo 2681 transportava «substâncias químicas altamente tóxicas». Destinatário: o Instituto Israelita de Investigações Biológicas, Ness-Ziona, Israel. Não havia detalhes sobre a mercadoria, apenas o alerta da sua toxicidade.

As manobras desencadearam-se numa questão de minutos e com a precisão de um mecanismo de relojoaria. Um helicóptero Chinook decolou de uma base privada a quarenta quilómetros a sul de Amsterdã. Dada a sua velocidade, superior à de outros helicópteros de transporte, conduziria um grupo de especialistas em ataques químicos e biológicos em menos de meia hora ao Aeroporto Amsterdã-Schiphol para atuar caso o avião não conseguisse uma aterrisagem bem sucedida. Por outro lado, foram alertados os dois katsas estacionados em Amsterdão que, numa questão de minutos, também se apresentariam no aeroporto. Outra equipe dedicar-se-ia a rastrear os arredores em busca de possíveis terroristas que tivessem disparado mísseis com lança foguetes RPG e destruído as turbinas. Por último, comunicaram a contingência ao diretor geral do «Instituto», que decidiria quando e como seria informado o primeiro ministro, Henjamin Netanyalm, o ministro da defesa, Yltzhak Mordchai, o chanceler, Davd Lewy.

Às seis e meia da tarde, o voo El Al 2681 preparava-se para aterrissar; enquanto o copiloto o anunciava à torre de controle, o comandante levantava o nariz do avião para diminuir a velocidade. Esta manobra de rotina provocou uma crise na sustentação, e o avião voltou a perder a estabilidade.

Yaron foi projetado para a direita e rolou até chocar com a fuselagem. Levantou-se agarrando-se ao rebordo da janela e a uma cilha* para segurar a carga. Deu-se conta de que perdiam altura. O comandante, ao contrário de há uns minutos atrás, não conseguia dominar a aeronave. Tinha ouvido num documentário da National Geographic que o Jumbo estava preparado para voar apenas com dois dos seus motores. Se o problema se encontrava no fato de as turbinas três e quatro terem deixado de funcionar, porque é que o avião se sacudia, perdia estabilidade e caía em espiral? Não havia turbulência nem qualquer sinal de tempestade. Morreriam. Ele não tinha dúvidas.

A visão invadiu-o de uma forma estranha, surpreendeu o, mas também o encheu de paz. O rosto de Moshe refletiu no acrílico da janela.

O seu amado Moshe, que o esperava em Ness Ziona. Não era fácil assumir a homossexualidade num país como Israel. Contudo Moshe e ele tinham aprendido a aceitar o seu amor. Ocultavam no para se protegerem, em especial no Instituto de Investigações Biológicas, onde trabalhavam. Tinham vivido a liberdade nas suas férias no ano anterior, ali mesmo, em Amsterdã. Recordou esses dias felizes, quando caminhavam de mãos dadas ou se abraçavam enquanto a lancha navegava pelos canais, e ninguém olhava para eles. Lembrou-se também do passeio pelo Lago Issel

- O lago! - gritou.

Arrastou-se, levantou-se, caiu de bruços e voltou a levantar-se até chegar à cabina. Abriu a porta e vociferou:

- Por amor de Deus, evitem a água! A todo o custo, que esse avião não caia na água! Ou que Deus nos ajude!

**tira de couro ou de pano com que se prende a sela ou a carga sobre algo.*

O jornalista Ruud Kok datilografava no seu computador o artigo sobre mercenários que entregaria ao NRC Handelsbluii, um jornal vespertino holandês de grande reputação. Trabalhava na sala do seu apartamento em Bijlmermeer, mais conhecido como Bijlmer. Os seus colegas do jornal, os seus amigos e a sua família achavam uma excentricidade que ele vivesse nesse subúrbio a sudeste de Amsterdã, famoso pela violência urbana.

Ruud sentia-se bem no bairro; gostava da paisagem pitoresca composta pelos seus vizinhos de diferentes raças, já que os imigrantes encontravam refugio em Bijlmer, sobretudo os que tinham abandonado o Suriname depois da independência, em 1975. Concebido como um projeto moderno e vanguardista, inspirado nas ideias revolucionárias de Le Corbusier, o Bijlmer era composto por compridos blocos de prédios de dez andares que ziguezagueavam para formar uma colmeia. Entre uma e outra linha de construção, espalhavam-se espaços verdes e lagos, áreas comerciais e de escritórios.

Ruud terminou o frenético teclar, alongou os braços, distendeu o pescoço e bebeu um gole de café com leite. Releu as primeiras linhas do texto. A investigação sobre mercenários estava a mostrar-lhe o lado mais escuro e cruel do ser humano. A Organização das Nações Unidas tinha aprovado uma convenção que repudiava «a contratação, o financiamento, a formação e a operação com mercenários»; não ficando por aqui, acabavam de nomear um relator especial sobre atividades mercenárias destinado a controlar o cumprimento da proibição. Na semana anterior, Ruud tinha-o entrevistado no seu escritório da sede do organismo, em Turtle May, um bairro de Manhattan. O funcionário tinha sido claro:

- Se quer conhecer o mundo das chamadas empresas militares privadas, o seu nome é Eliah Al-Saud. Todos os caminhos levam até ele.

Uma vibração percorreu-lhe o corpo, umas leves cócegas. Dirigiu o olhar para a xícara. Ondas concêntricas desenhavam-se na superfície do café com leite e pareciam responder ao assobio que rapidamente se converteu num trovão e que penetrou nas janelas de vidro duplo. A casa estremeceu.

Ruud correu até à varanda. O que viu levou-o a dizer:

- É o fim.

O gigantesco avião, cujo nariz apontava para o seu rosto, embateria contra o prédio em segundos.

Tinha ouvido falar disso, mas até àquele dia, não acreditara. Era verdade no instante que antecedia a morte, a nossa vida, desde a infância até idade adulta, projeta-se num lampejo diante dos nossos olhos.

O avião guinou para a esquerda, em direção ao prédio vizinho. Ruud pensou que, se tivesse esticado a mão, teria acariciado o bojo da aeronave.

Correu para o telefone e ligou para os serviços de emergência.

O telefone voltou a tocar no escritório do katsa Ariel Bergman.

-Sim?

- O avião acabou de desaparecer do ecrã do controlador - informou o sayan. - Embateu, caiu! - Bergman pôs-se de pé. - Aqui da torre de controle vemos a coluna de fumaça negra que se eleva na zona do Bijlmer. - Pronunciou «beilmer».

- O Bijlmer - sussurrou Bergman, e apoiou a mão na secretária. «O Bijlmer!», uivou para si mesmo, porque sabia que se tratava de uma das zonas mais densamente povoadas de Amesterdã.

Ruud Kok resgatou vários vizinhos, presos nas suas casas, ameaçados pelas chamas, que rugiam e lambiam a estrutura do prédio. Dias mais tarde compreendeu a ferocidade e magnitude do incêndio quando o comandante dos bombeiros lhe explicou que as asas do Jumbo transportavam mais de 25 mil litros de combustível.

O número de vítimas ascendeu a quarenta e três, e incluíam a tripulação - o comandante, o copiloto e o engenheiro de voo. O avião abriu uma brecha no comprido bloco de apartamentos, dividindo-o em dois. A imprensa mundial conjecturava sobre o motivo do acidente. Nenhum jornalista se esquecera de pronunciar a palavra terrorismo, embora passassem semanas sem que qualquer organização tivesse reivindicado o facto ou se tivessem encontrado evidências de explosivos entre os detritos.

Um cidadão comum que navegava no lago Issel lançou o primeiro raio de luz na investigação ao declarar que viu como os motores do Jumbo caíram na enseada. As turbinas não tinham deixado de funcionar; tinham-se desprendido do avião. Os mergulhadores resgataram os motores três e quatro e os técnicos iniciaram o seu trabalho.

Ruud Kok participou na conferência de imprensa na qual se informou que os motores se tinham desprendido devido à fadiga do material que os unia à asa.

- Caso tais motores se tivessem simplesmente apagado - explicou o chefe dos investigadores o avião teria aterrado sem problemas. Mas, quando faltaram os dois motores, a asa sofreu uma avaria na sua estrutura e perdeu estabilidade, com gráficos e diagramas, explicou o fenómeno pelo qual a passagem do ar por cima e por baixo da asa permite que a aeronave voe. - A peça que mantinha o motor três colado à asa apresentava uma falha. Finalmente, cedeu. O motor três desprendeu-se, chocou com o quarto e arrancou-o.

Ruud levantou a mão e formulou uma pergunta. Esclareceu que era dirigida ao responsável de Relações Públicas da El Al.

- Podem explicar-nos porque é que, semanas depois do acidente, alguns dos moradores de Bijlmer, entre os quais me incluo, sofreram problemas respiratórios, dermatites agudas, transtornos gástricos e da visão e alterações nervosas? Alguns inclusive vomitaram coágulos de sangue.

- Não recebemos nenhuma informação a esse respeito. Próxima pergunta?

- Há quem compare estes sintomas com os sofridos pelos soldados iranianos na época da guerra com o Iraque - insistiu Ruud.

- Não fazemos comentários. Próxima pergunta?

Aeroporto Internacional Ministro Pistarini, a trinta e cinco quilômetros a sudoeste de Buenos Aires, Argentina. 31 de dezembro de 1997.

Ficou a olhar para ela porque a moça, ao pôr-se de cócoras para tirar algo da sua mochila, tocou no chão com as pontas do cabelo, estava acostumado aos cabelos compridos: o da sua irmã Yasmin, o da sua mãe, o da sua tia Fátima. «O de Samara», pensou, e apertou o celular na mão. Custava-lhe pronunciar esse nome.

A jovem lá continuava, a vasculhar na mochila enquanto acariciava os mosaicos do chão com o cabelo. Para dizer a verdade, nunca tinha visto um cabelo tão comprido, tão loiro, tão vistoso. Não era liso; pelo contrário, caía, lânguido, em caracóis que brilhavam apesar da escassa iluminação do aeroporto. Seria sueca? Talvez dinamarquesa? Mudou de posição com a intenção de lhe estudar o rosto. «Deve ser insossa», disse para si; ele preferia as morenas.

O celular tocou.

- Allô?

- *Elijah, cest moi. André.*

- *À lafin, André.* Estou há um tempo a tentar localizar-te.

- O que é que se passa? A que se deve a pressa?

- É para te pedir um favor. Estou no aeroporto de Buenos Aires e preciso conseguir um lugar no próximo voo da Air France. O que parte às duas da tarde.- André ficou em silêncio. - Allô? André, está ouvindo?

- Sim, sim, desculpa. É que fiquei surpreendido. Para ti, um lugar no voo da Air France? E o teu avião?

Elijah Al-Saud ficou irritado com a pergunta. Atribuía-o à sua profissão, talvez ao seu temperamento, mas a verdade é que não gostava de interrogatórios; nem mesmo em criança, sem se importar com os castigos que isso podia acarretar. No fim das contas, sim, devia-se ao seu carácter, e talvez, por isso mesmo, era bom no que fazia. Se pedia um favor ao noivo da sua irmã Yasmin, raciocinou, bem podia abrir uma exceção.

- Voei para Buenos Aires no meu avião. Hoje, ao tentar descolar, apercebi-me de uma vibração na fuselagem que não me agradou e decidi não arriscar. Os técnicos só vão tratar do assunto dentro de dois dias. Tenho urgência em estar em Paris amanhã. Tenho uma reunião com o Sliiloah Moses, que chega muito cedo de Telavive. - Tinha dado demasiada informação. Começou a ficar de mau humor.

- Qual avião? O *Learjet 45*?

Elijah ergueu os olhos ao céu, ao mesmo tempo que ouvia a voz da irmã:

- André, deixa-o em paz. Estás a aborrecê-lo com tantas perguntas.

-Estou a falar do meu novo avião, o *Gulfstream V*. A questão é que preciso de estar em Paris amanhã de manhã, André.

- Então compra uma passagem e vem.

Em certas ocasiões, Eliah tinha dificuldade em compreender de que forma o seu futuro cunhado tinha alcançado um posto tão elevado na direção da Air France; também lhe custava perceber o gosto de Yasmin.

- André, estou a ligar-te porque a funcionária da Air France acaba de me dizer que não há lugares livres em primeira classe, só em executiva. com essa promoção que lançaram para a primeira classe...

-Sim. Viajam dois, paga um - interpôs André. - Queremos dar um impulso à primeira classe do nosso novo *Boeing 777*.

-Sim, a promoção é muito boa - ironizou Al-Saud. - Viajam dois, paga um, e a primeira classe ficou sem lugares. E não penso viajar em executiva. Preciso dormir. Amanhã tenho de trabalhar.

- Eliah, amanhã estamos no Ano Novo. Pensas trabalhar?

-André, o shiloih eslã se nas tintas para o Ano Novo. Já te esqueceste de que é judeu já festejou Rosh Hashaná e agora esta disposto a arruinar o meu primeiro dia do ano, consegues- me esse maldito lugar na primeira classe, por favor ?

- Vou ver o que posso fazer.

- És um dos diretores da Air France! - virou-se, movido pela impaciência. - O que queres dizer com...? Calou-se.

- Allô? Eliah?

A moça encontrava-se a poucos metros, à sua frente. Flanqueavam- na algumas pessoas. Sorria, com as maçãs do rosto e os olhos grandes com uma expressão de surpresa. «É linda.»

- Eliah?

- Sim, sim, estou aqui.

- Reserva esse lugar na classe executiva. Eu encarrego-me de que te passem para a primeira assim que entrares no avião.

Telefonou ao seu contacto na SIDE e pediu-lhe dissimuladamente, que se ocupasse de lhe facilitar o caminho até ao avião; ia armado e não desejava discutir com nenhum funcionário de quarta categoria sobre a legalidade de entrar num voo comercial com uma SIG Sauer nove milímetros metida debaixo do colete do terno. Apesar do seu ânimo festivo - afinal de contas, era dia 31 de dezembro à tarde -, o agente não hesitou em cumprir o solicitado: Al-Saud pagava muito bem pelos seus serviços.

Eliah guardou o celular e dirigiu-se ao balcão da Air France. A funcionária falava muito bem francês; ele dirigiu-se a ela em espanhol:

- Comprarei essa passagem de classe executiva que acaba de me oferecer.

-Vou já emití-lo. - Teclou até perguntar: - Nome?

- Eliah Al-Saud - soletrou.

- Número de passaporte? - Eliah disse-lho.

Continuou a teclar.

- São cinco mil, oitocentos e trinta e quatro dólares, com impostos e taxas incluídos.

Eliah meteu a mão no bolso interior do casaco. Da carteira, tirou um cartão preto com a cabeça de um centurião romano em prateado. A funcionária disfarçou o seu assombro. Tratava-se do novo cartão *centurion* da American Express. Embora tivesse ouvido falar dele, era a primeira vez que via um. Que lhe tocava. O frio do metal confirmou-lhe o que se dizia: não era de plástico mas sim de titânio, e o aspeto do homem que acabava de lho dar, de fato de seda azul-escuro de corte perfeito e uns *Serengeti* que lhe velavam os olhos, confirmou-lhe que não era qualquer um que o possuía, mas apenas clientes convidados pela American Express cujos gastos anuais fossem superiores a duzentos e cinquenta mil dólares.

- Senhor Al -Saude, a nossa companhia oferece-lhe uma sala muito confortável para esperar pelo seu voo. Chama-se *Le Salon Air France*. - Estendeu-lhe um mapa do aeroporto e, com uma caneta de tinta permanente azul, desenhou um círculo na localização do lugar. - Encontrá-la-á aqui o senhor, por ter um cartão American Express, também poderá esperar pelo embarque na sala VIP chamada *Centurion*. Aqui. - Repetiu a operação no mapa com a caneta de tinta permanente. - Aquele - disse, e indicou-o - é o balcão reservado para o check-in dos passageiros de primeira classe e de executiva. Desejo-lhe uma boa viagem.

Al-Saud limitou-se a inclinar a cabeça. Não houve sorrisos nem palavras. Estava de mau humor, o que não era pouco habitual. Em geral, destacava-se pelo seu ar grave; as pessoas achavam-no frio e reservado.

Contratempos como a avaria do seu avião de última geração serviam para aumentar a sua reputação de intratável. A metros do balcão, foi abordado pela tripulação do *Gulfstream V*.

- Não há hotel no aeroporto, senhor. Teremos de regressar a Buenos Aires para passar lá a noite. Talvez duas, até que os técnicos façam uma revisão da aeronave - informou-o o comandante.

- Comandante Paloméro - falou Eliah -, sei que acha que a minha decisão de não voar é exagerada.

-De modo nenhum, senhor Al-Saud!

O comandante, um francês que mal chegava ao peito de Eliah, tirou o chapéu e sacudiu-o para marcar bem a sua afirmação. Ele não cometeria a imprudência de contradizer Eliah Al-Saud, piloto de guerra condecorado.

Al-Saud despediu-se da tripulação do *GulfstreamV*, que se encarregaria de o levar de regresso ao Aeroporto de Le Bourget, a doze quilómetros a norte de Paris, e dirigiu-se para o balcão da classe executiva. No caminho, passou perto de um grupo no qual se encontrava a moça loira. Procurou uma parede - nunca ficava parado com as costas expostas, hábito adquirido durante os seus anos em *L' Agence* - e deteve-se para a observar. Uma jovem, de pele morena e cabelos escuros, que se destacava pela sua elegância, encostava-se a ela, apoiando o cotovelo no seu ombro esquerdo. Também a

rodeavam um homem mais velho, que tinha uma certa similaridade com a jovem alta e morena, uma mulher de cerca de cinquenta anos e dois rapazes, evidentemente irmãos. Perguntou-se quem iria viajar; era óbvio que viajavam pela Air France; pois permaneciam em frente aos balcões da classe turística.

- O meu pai garantiu-me que vinha. Não me quero ir embora sem me despedir dele - disse a loira.

Dessa pequena conversa, Eliah tirou várias conclusões. Primeiro: a moça era cordovesa. Adivinhou-o pelo sotaque característico. A sua mãe, a sua tia Sofia e, sobretudo, o seu tio Nando falavam da mesma forma. Jamais o teria notado se não se tivesse relacionado com portenhos, como chamavam aos habitantes de Buenos Aires, devido à compra e venda de cavalos. Segundo: era ela quem viajaria no voo da Air France. Terceiro: achou a sua voz fascinante. Ele reparava sempre nas vozes, tratava-se quase de uma obsessão, talvez por ser um melómano*, talvez porque o seu sensei lhe tinha assegurado que a voz transmitia a música interior dos seres humanos. «Há vozes», tinha-lhe explicado o seu mentor, «que desafinam. São guinchos que penetram como fios e desejamos tapar os ouvidos. São seres que elevam demasiado o tom, gritam em vez de falar. Revelam o seu desespero, a sua angústia. A música interior está danificada por vibrações energéticas extremamente negativas. Pelo contrário, quando a harmonia rege o espírito, a voz surge como uma carícia que absorvemos com suavidade, que nos serena». Na verdade, as palavras da moça loira tinham-no acariciado. Tratava-se de um som cristalino e cultivado.

- Mat - disse a jovem morena -, confiar no teu pai é pior do que confiar num político.

«Mat?» Não conhecia esse nome em castelhano.

- Juanita, pelo amor de Deus! - zangou-se a senhora ao seu lado.

- Mãe, sabes que é verdade.

- Sim, é verdade - admitiu «Mat», com uma serenidade absolutamente fingida -, mas é o meu pai, Juana, e quero acreditar que se me prometeu que viria, cumprirá a promessa.

- Falando do diabo... - interveio um dos rapazes, e apontou para a entrada do aeroporto.

- Ora, ora - apontou a tal Juana -, parece que, por uma vez na vida, o senhor Aldo vai cumprir a promessa. Ah, não! - soltou de repente. - Não posso acreditar. Por que raios vem com aquele?

- Juana! - voltou a intervir a mulher mais velha. - É o marido dela!

Eliah virou a cabeça e observou dois homens que caminhavam para o grupo: um mais velho, talvez com um pouco mais de sessenta anos, bem- parecido, com uma barba loira a ficar grisalha, e ainda espessa: vestiu roupa excelente. O outro, jovem, loiro, alto e muito magro, avançava com umos olhos fixos em «Mat». Eliah dirigiu o olhar para a moça. Um sentimento estranho apoderou-se dele ao verificar a reação da jovem. O seu medo era evidente; tinha-se retraído atrás de Juana, como em busca de proteção. Ao mesmo tempo

**Indivíduo amante e conhecedor da música, intérpretes e estilos musicais.*

que se mantinha atento à atitude da jovem, Al Saud esforçava-se por decifrar o significado da emoção que o embargava, desejava correr até ela e a envolvê-la nos seus braços.

- *Monsieur Al-Saud?*

Elijah deparou-se com uma mulher vestida com o uniforme da Air France ao pé dele. Sorria-lhe, ansiosa. Ele, incomodado, contemplou-a com desdém. Dar-se conta de que tinha perdido o controle do que se passava à sua volta e de que uma simples empregada acabava de o surpreender não ajudou a melhorar o seu humor.

- O meu nome é Esther e sou a responsável pelo embarque. - Al-Saudi soltou a pega da sua pequena mala e estendeu-lhe a mão. - Lamentamos os contratempos, mas quero que saiba que faremos o possível para passa-lo para a primeira classe.

- *Merci* - respondeu. As diligências de André começavam a surtir efeito.

- Pode acompanhar-me ao balcão? Está a sua espera uma assistente para fazer o check-in. Não demorará muito tempo. Janela ou corredor?

- Janela.

Antes de seguir a mulher, virou-se para o grupo. A moça devia gostar muito do pai pela forma como o abraçava. Ele beijava-lhe a testa e quase a levantava do chão. O seu olhar deteve-se no homem loiro que o acompanhava. Era-lhe familiar. Onde teria visto aquela cara?

Matilde recebia os beijos do pai sem se importar que a barba lhe fizesse cócegas. Desde há uns anos, Aldo usava-a assim, muito espessa, e essa característica fazia parte das mudanças ocorridas na prisão. Matilde suspeitava que, durante os seus anos no cárcere, Aldo sofrera uma alteração mais radical do que aquela que ela conseguia ver. Tornara-se enigmático; sabia pouco sobre as suas atividades e hábitos. Às vezes vivia em São Paulo e outras em Marbella. Um dia ligava de Joanesburgo e outro de Damasco.

- Pai. obrigada por ter vindo

-Pensaste que não o faria?

- Claro que pensamos que não o faria senhor Aldo! -Era Juana

- Matilde - disse Aldo estou aqui. Não ia te enganar, filha. Além disso, queria desejar-te que tivesses um bom começo de ano. Cumprimenta o Roy. Soube que ias viajar e veio despedir-se. - Aldo separou-se de Matilde e aproveitou para cumprimentar os pais e os irmãos de Juana.

- Olá - sussurrou Matilde.

Roy inclinou-se e apoiou os lábios sobre a sua face, onde os deixou mais do que a conta.

- Já chega, Roy! - exclamou Juana. - Não te venhas armar agora de romântico.

- És insuportável - murmurou ele.

- Só com os imbecis.

-Já chega - interveio Aldo. - Parecem crianças. Vá lá, contem me. Já fizeram o check-in? - Informaram-no que não. - Bem. Tinha medo de que o tivessem feito. Como pertenço ao programa de fidelidade da Air France - explicou, enquanto tirava da carteira um cartão prateado que dizia *Flying Blue* -, tenho vários upgrades para pedir que as passem da classe turística para a executiva.

- Não precisas de te incomodar, pai.

- Claro que é preciso! - queixou-se Juana. - Não lhe dê ouvidos, senhor Aldo. E consiga-nos esses upgrades. Será fantástico, Matt! A nossa primeira vez em executiva.

Matilde não discutiu com Juana ao vê-la tão entusiasmada, embora lhe desgostasse o fato de ter a ver com o dinheiro do seu pai. Desconhecia a origem da repentina fortuna de Aldo e, embora lhe custasse desconfiar, intuía que a fonte não era legítima. «Sou um *broker*, filha», dizia-lhe quando ela indagava. «Compro e vendo qualquer coisa, em qualquer parte do mundo.» Daí as suas frequentes viagens e o cartão *Platinum* do programa *Flying Blue*.

Esperava sozinho no avião. O resto dos passageiros, incluindo os de primeira classe e os de executiva, ainda estavam em terra. Antes, Esther e um policial da Federal, que se apresentou no momento oportuno, tinham-no acompanhado através dos trâmites de rotina para evitar o controle de bagagem e acelerar-lhe a espera nas Migrações. Como tinha decidido passar o tempo na sala VTP da American Express, o setor exclusivo para os clientes do cartão preto, Esther conduziu-o a um recinto amplo e vazio, onde as empregadas lhe ofereceram mundos e fundos ele aceitou um suco de laranja natural.

Meia hora depois, a responsável da Air France regressou à sala VIP para o escoltar ao interior do Boeing 777. Dentro do avião, Eliah entregou-lhe o casaco, e Esther levou-o para o pendurar. No caminho, longe do olhar do passageiro Al-Saud, enterrou o nariz na gola e inspirou o perfume. «Requintado», pensou. Os seus olhos pousaram na etiqueta da peça, *Ermenegildo Zegna*; de seguida esclarecia *tailor-made*, o que significava que tinha sido feito à medida. Quem era aquele homem, que chamava a atenção no seu Zegna feito à medida e que, com uma chamada telefónica, tinha revolucionado o escritório da Air France no Aeroporto de Ezeiza?

No seu lugar da classe executiva junto à janela, apaziguado pelo mutismo do avião, Eliah observava a pista e pensava em Roy Blahetter, pois lembrara-se porque lhe era familiar aquele jovem de trinta e três anos; pelo menos era essa a idade indicada no relatório fornecido pelo seu contacto na SIDE, a Secretaria de Inteligência do Estado argentino.

A mulher mais velha dissera; «É o marido dela!»? A alma caiu-lhe ao chão. Porquê? O que lhe importava se era casada? O que o tinha levado a querer protegê-la? Era bonita, mas não mais do que muitas outras mulheres que conhecia, como, por exemplo, a modelo Céline, com quem às vezes ia para a cama. Não se orgulhava dessa relação. Agitavam-no as piores lembranças. Tiravam-lhe a paz; no entanto, a sexualidade desenfreada e agressiva de Céline atraía-o como o mel atrai as moscas. Às vezes odiava-a pelo que ela representava: a traição, os instintos mais baixos, a superficialidade, a frivolidade. Em certas ocasiões, dependendo do seu estado de ânimo, não suportava olhar para ela depois do sexo.

Não queria pensar nisso. Voltou a Roy Blahetter, marido da moça loira. A julgar pela atitude dela, parecia mais seu inimigo. Estariam separados? Essa possibilidade trouxe

um raio de luz ao seu humor negro, que se ensombrou de novo quando censurou o seu interesse. «Que demónios me importa?»

O seu contacto na SIDE trabalhava bem; a fotografia de Blahetter anexada ao documento era recente. Dispôs-se a ler o relatório, que não poupava ironias. «A Argentina», escrevera o seu informante da SIDE, «é conhecida no mundo por quatro coisas: por Diego Armando Maradona; pela sua carne de vaca; pelos tubos de aço sem costura da *Techint*; e pelos pesticidas da química Blahetter».

O velho Wilhelm Blahetter, fundador do laboratório e de um império com tentáculos em ramos tão dispareos como a metalúrgica, a construção, o sistema financeiro e a exploração das infraestruturas do metropolitano e uma linha de comboios, continuava à frente dos negócios familiares, governando-os com mão de ferro aos oitenta e seis anos. Embora fosse judeu, não praticava a religião, apesar de possuir um fervoroso coração sionista. Falar da grandeza de Israel apaixonava-o.

O império nascera em Córdoba, já que, na opinião de Blahetter, nessa cidade reuniam-se as condições que levariam ao sucesso. Da Alemanha trazia os conhecimentos em matéria de pesticidas adquiridos depois de ter sido assistente do professor Gerhard Schrader, um génio da Química, e em Córdoba encontraria as pragas que assolavam os campos da província, em especial a do gafanhoto, e que levavam à ruína de milhares de famílias. Os seus pesticidas vender-se-iam como pão quente num país onde a indústria ainda dava os primeiros passos.

Pouco tempo depois de chegar a Córdoba, conheceu uma moça de família judia cuja fortuna provinha das explorações agrícolas do pai, que se mostrava muito agradecido para com o jovem e brilhante Guillermo (nessa época tinha adaptado o seu nome ao novo país) por tê-lo livrado dos problemas que lhe tiravam o sono: os insetos e o celibato da sua filha. Guillermo Blahetter e Roberta Lozinsky casaram-se em 1940. No final desse mesmo ano nasceu o primogénito e único varão, a quem chamaram Ernesto; seguiram-lhe quatro mulheres. Ernesto, a esperança de Guillermo, decepcionou-o logo desde a infância, demonstrando um carácter bonacheirão, algo melancólico, e fortes inclinações artísticas. Gostava de pintar e de desenhar - Guillermo tinha de admitir que era bom nisso e de moldar figuras com massa que Roberta lhe preparava. Com bom coração, expressava sempre a pena que tinha dos insetos que morriam gaseados no campo. O seu pai tê-lo-ia esbofeteado se a sua mãe não tivesse intervindo. Finalmente, aos dezesseis anos, manifestou o desejo de estudar Arte.

- Estudarás Engenharia Química em Santa Fé, e não se fala mais do assunto.

No entanto, Ernesto demonstrou que, apesar de tudo, o sangue alemão corria nas suas veias. Abandonou a casa paterna e foi para Buenos Aires estudar Belas-Artes. No ambiente boémio que rodeava o pintor Quinquela Martín, Ernesto encontrou um espaço para desenvolver o seu talento. Ali conheceu aquela que, com o tempo, se converteria na pintora mais famosa da Argentina, Enriqueta Martínez Olazábal, cujos quadros se leiloavam nas salas da Sotheby e da Christies em Nova Iorque por quantias que rondavam os cem mil dólares. A amizade com Enriqueta mantinha-se até ao presente. Embora Ernesto não tenha alcançado a fama, os seus trabalhos de motivos religiosos gozavam de boa reputação no mercado local, e vivia sem problemas económicos; evidentemente, cada ano recebia a porção de dividendos que rendiam as empresas do seu pai.

Na opinião de Guillermo, a única obra-prima de Ernesto era o seu filho Roy, o jovem mais brilhante que o alemão conhecia. Ao observá-lo, via-se nele refletido: o mesmo

porte esbelto, a mesma estatura, os mesmos olhos azuis, penetrantes e atentos, a mesma inteligência. Desde pequeno que mostrara inclinação pelas Ciências Exatas. Roy, o seu orgulho, tinha o apelido Blahetter.

O neto predileto não seguiu nenhum dos cursos que teriam agradado ao seu avô: Engenharia Química, Direito ou Gestão de Empresas, mas decidiu-se pela Física, de modo que, aos dezesseis anos (tinha estudado sozinho os últimos dois anos do secundário), iniciou a licenciatura em Física no IMAF (Instituto de Matemática, Astronomia e Física), em Córdoba. Contudo, o seu objetivo encontrava-se a vários quilómetros, no Sul do país, na cidade de San Carlos de Bariloche: o Instituto Balseiro. Dois anos mais tarde, cumpria os requisitos exigidos pelo Balseiro para iniciar o curso de Engenharia Nuclear, no qual se licenciou com distinção. De seguida viajou para os Estados Unidos para continuar os seus estudos no MIT (Massachusetts Institute of Technology).

Um pouco cansado do êxito académico do marido da moça loira, Al-Saud voltou à parte mais interessante: o velho Blahetter e o seu império. Os laboratórios contavam com filiais nos principais países americanos e europeus; atualmente preparava-se a abertura de um escritório em Xangai. A última parte do documento afirmava: «Pensa-se que Guillermo Blahetter tenha cooperado no passado com a Mossad.» Al-Saud conhecia o termo pelo qual o Instituto designava os seus colaboradores judeus na diáspora: *sayanim* no plural, *sayan* no singular. «Participou ativamente num dos primeiros trabalhos da agência israelita, a Operação Garibaldi, em 1960.» «Operação Garibaldi» fora o nome dado à missão na qual Rafi Eitan, um mito no mundo da espionagem, localizou em Buenos Aires e prendeu Adoll I ichm.mn. o assassino nazista encarregado da chamada Solução Final. Levou-o para Israel onde foi julgado e executado. «Julga-se que, depois dos atentados, a sede da embaixada de Israel a ao prédio da AMIA, Blahetter tenha colaborado novamente com a Mossad, Eliah tinha poucas provas. Os laboratórios, o de Cordova e o de Pillar, em Buenos Aires erguiam-se como fortalezas inexpugnáveis. Evidentemente que, para ele para os seus homens, nada era intransponível. Com apenas dez por cento do seu espaço aéreo protegido por radares, a Argentina era bastante vulnerável. Penetrar de modo clandestino teria sido uma brincadeira de crianças. Entrar nos laboratórios, retirar as provas e desaparecer era o que eles sabiam fazer. Contudo, esgotaria outras alternativas antes de levar a cabo essa medida extrema. O aparecimento de Roy Blahetter não podia ter sido coincidência.

Roy Blahetter pediu a Matilde para lhe falar em particular. Em frente do pai, ela não pôde negar.

- Não te demores - pediu-lhe Juana. - Antes de embarcar quero passar pelo freeshop.

Roy lançou um olhar fulminante à amiga da mulher e pegou-lhe no braço para a conduzir até um local mais afastado. Longe dos outros, tentou beijá-la. Matilde afastou a cara.

- Tens nojo de mim, não é? - Matilde baixou o olhar, apertou os lábios. Nunca me desejava. Devia ter percebido isso durante o nosso namoro.

Levou as mãos à cabeça e alisou o cabelo. - Mas estava tão apaixonado por ti que não teria visto um elefante numa sala. Confundi pudor e virgindade com frigidez.

Matilde fez tenções de ir ter com o grupo; Blahetter pegou-lhe no braço e puxou-a para ele. Ela soltou-se.

- Não vás. Não me deixes. Não apanhes esse avião. Não me abandones.

- Roy - Matilde expressava-se sempre num tom de voz baixo que o obrigava a encurvar-se; era bem mais alto do que ela. - Não te abandono. tu e eu estamos separados e, dentro de algum tempo, divorciados. Quem é que te disse que eu me ia embora? O meu pai?

- Não, a tua tia Enriqueta.

«A tia Enriqueta.» Adorava a tia, admirava-a pela força que demonstrava para superar os obstáculos: primeiro o seu alcoolismo, depois a oposição da avó Celia perante a sua vocação por Belas-Artes e, por último, a morte do seu marido, que quase a conduziu novamente à bebida.

- Explicaste-lhe porque é que saí da tua casa? Porque é que te deixei?

- A nossa casa - precisou ele. - É a nossa casa. E não, não lhe disse nada porque não falo sobre a nossa intimidade com ninguém, ao contrário de ti, que foste contar tudo à estúpida da Juana Folicuré.

- Vamos, Mat! - chamou Juana.

- Tenho de ir.

- Eu amo-te, Matilde!

Pegou-lhe nos ombros e abanou-a. Matilde levantou a cabeça com lentidão deliberada, e Blahetter aguardou com a respiração contida que o seu olhar se fixasse nele. A sua mulher tinha o aspeto de uma adolescente, apesar de ter quase vinte e sete anos. Media um metro e cinquenta e nove centímetros e pesava cinquenta quilos; teria podido levantá-la com uma mão; no entanto, era dona de um temperamento com o qual aprendera a não brincar.

- Tira as mãos de cima de mim.

Blahetter fê-lo lentamente.

- Sabes que é verdade, sabes que te amo - insistiu, com menos ênfase.

- Por ti distanciei-me da minha família, zanguei-me com o meu avô.

- Eu também me zanguei com a minha avó. Quero lembrar-te que ela não aceitava que fosses judeu.

- Tu não sentes nada pela tua avó Celia. Eu, pelo contrário, tinha uma excelente relação com o meu avô Guillermo. E, por tua causa, fiquei fora dos negócios familiares e estou na ruína.

- Agora podes voltar, recuperar o teu dinheiro e casar-te com a tua amante.

- Ela não significa nada.

- Para mim, sim, Roy.

- Não me podes culpar por ter procurado uma amante.

- Adeus, Roy. - Ele voltou a segurá-la.

- Já te disse que não me toques.

- Está bem. Desculpa. Vais encontrar-te com o meu irmão em Paris?- perguntou depressa para a reter.

- Claro que sim. O Ezequiel é um dos meus melhores amigos. Ele vai- nos buscar ao aeroporto e levar-nos ao apartamento da minha tia Enriqueta no Quartier latin. Como sabes, não conhecemos Paris.

- Sim, claro que sim.

- Obrigado, meu amor.

Matilde pegou na carta e guardou-a na sua shika, a bolsa de tecido de gravatá que as mulheres da tribo Wichi, no Norte da Argentina, fabricam e que ela usava a tiracolo.

- Matilde, os problemas económicos também jogaram contra nós. Estávamos sempre nervosos porque o dinheiro não chegava. Tu, com o teu saldo miserável no Garrahan - falava de um dos hospitais pediátricos mais importantes da Argentina -, e eu sem trabalho, apesar do meu currículo. Discutíamos, e isso não ajudava a que tu relaxasses e me aceitasses. Agora tudo vai mudar. Estou prestes a fechar um negócio muito importante e teremos muito dinheiro.

- Julguei que já tinhas muito dinheiro, o que ganhaste ao leiloar o meu quadro, o que a minha tia pintou com o meu retrato quando eu era mais pequena e que eu guardava como uma relíquia. Ou por acaso desfizeste-te dele?

- Vou recuperá-lo! Faço o que tu quiseres para salvar o nosso amor.

- Pedi-te para fazeres terapia, mas tu não quiseste. Preferiste resolver o problema seguindo o conselho do teu primo Guillermo.

- Desculpa! Quantas vezes tenho de repetir isto?

- Eu já te perdoei, Roy, a sério, mas agora quero continuar com a minha vida. E o casamento não está nos meus planos.

- Sim, uns pretos malcheirosos de África devem ser melhores do que eu. Qualquer coisa em vez de mim, não é verdade? Desculpa! - disse rapidamente. - Desculpa - repetiu quase sem fôlego.

Matilde suspirou. A discussão adquiria contornos patéticos.

- Quanto tempo ficam em Paris?

- Quatro meses. A Mãos Que Curam pagar-nos-á um curso intensivo de francês antes de nos enviarem para o Congo.

Blahetter assentiu, enquanto ponderava revelar-lhe que, com sorte, talvez a encontrasse em breve na capital francesa. Preferiu calar-se. Matilde surpreendeu-o ao dizer-lhe, com a frieza e o desapego que teria utilizado para se despedir de um conhecido:

Adeus, Roy desejo que sejas feliz.

Viu-a afastar-se. A pontada no peito era real. Seria por isso que relacionavam o amor com o coração? O dele doía-lhe << Vou recuperar-te, Matilde. Juro pela minha vida>>

Aldo e Roy despediram-se da família Folicuré depois de as moças terem se dirigido para o avião. Quando estavam sozinhos, escolheram a mesa mais afastada e solitária de um café.

- Que novidades há?

- Fiz alguns telefonemas - informou Aldo. - Um país poderia estar interessado. No entanto, colocam questões para as quais não tenho resposta. Por exemplo, se poderão ver um protótipo.

-Trabalhei durante meses no laboratório da metalúrgica do meu avô. Fabriquei algumas peças, mas já não tenho o dinheiro para avançar com o projeto.

- Se não virem um protótipo, não acredito que o comprem. Têm medo de que se trate de uma grande mentira. Quando lhes expliquei o que a tua centrífugadora faria, mostraram-se céticos. Interessados, intrigados, mas céticos. Julgam que é uma quimera.

Blahetter tirou do bolso do blusão várias folhas dobradas e estendeu-as com mãos nervosas em cima da mesa, em frente de Aldo.

- Acalma-te, Roy.

-Não consigo. Aqui está a prova de que o que eu inventei - disse, pondo o dedo indicador no peito - é uma das descobertas da Física Nuclear mais revolucionárias desde a criação da bomba atômica. Tirei este artigo da revista *Science and Technology*. É a revista mais prestigiada a nível mundial em questões de ciência e tecnologia. É conhecida como o trampolim para o Nobel. O filho da puta que me roubou o invento publicou-o aqui... E sabes porquê, Aldo? Porque ele, que é um génio da Física Nuclear, sabe que isto funcionará.

Aldo folheou as páginas e procurou o nome do autor do artigo. Orville Wright. Depois olhou para a data. Tratava-se de uma publicação recente.

- Como é que a tua invenção caiu nas mãos deste tipo?

- Porque sou um imbecil! - exclamou Blahetter, e deu um murro na mesa. - Fui imbecil, confiei nele. Conhecemo-nos no MIT. Eu era jovem e estúpido. Cheio de vontade de aprender. E o Orville Wright é um génio da Física. E reparou em mim. Pediu-me que fosse seu assistente no laboratório. Eu levitei de emoção. Não é fácil ser o assistente de um homem como ele. Trabalha a horas imprevisas, é irascível, é um louco. Eu, no entanto, fazia o que fosse preciso para que ele desenvolvesse as suas investigações e me incluísse nelas. Vivía de noite porque o Wright leciona de noite.

Parecia um *zombie* durante o dia. Nada importava. Confiei-lhe os meus estudos, os meus planos, as minhas descobertas. Algo que nunca fazia com ninguém. De facto, sempre desprezei a tecnologia digital porque é vulnerável. Qualquer hacker se pode introduzir no teu computador e deixar-te sem nada. Trabalhei à antiga, com desenhos feitos pela minha própria mão e escrevendo os relatórios numa Olivetti. Ele roubou-me. O meu trabalho era a minha vida.

- Acabas de saber isso? Soubeste-o através desta revista?

- Sim. Inclusivamente, até há poucos dias, continuávamos a trocar e-mails. Agora percebo algumas das suas perguntas dissimuladas. Ele precisava de completar a centrífugadora porque o que me roubou no MIT era um trabalho inacabado. Eu, como não queria falar através da Internet, nunca lhe respondi sobre esse assunto.

- Parece que ele completou o teu trabalho - disse Aldo desanimado.

- Caso contrário, não o teria publicado. Para além disso, já o deve ter patenteado. O mais provável é que acabem por lhe comprar a ele a invenção, que conta de certeza com um protótipo.

- Protótipo que nunca funcionará. - De repente, os olhos azuis de Blahetter recuperaram a vivacidade. Aldo incentivou-o a explicar-se, levantando as sobrancelhas. - Não te vou explicar as questões pelas quais o modelo do Wright não funcionará. Não as entenderias. Mas dir-te-ei que o Wright incluiu alguns pressupostos erróneos na fase final.

- Podias desacreditá-lo, desmascará-lo. Cometeu um plágio que não poderá sustentar. Tu és o verdadeiro dono da invenção.

- Fá-lo-ei. A vingança chegará um dia. Mas enquanto não contar com o protótipo que me permita demonstrá-lo, não será possível. Além disso, eu próprio preciso de ver se o meu protótipo funciona. Por isso tenho urgência em construí-lo, e preciso do dinheiro de um *sponsor*.

- Roy - Aldo adotou uma atitude grave -, com as pessoas com quem chegarmos a um acordo não se brinca. Não lhes podes garantir que lhes vendes algo, construí-lo e depois dizer-lhes: «Ups! Enganei-me. Não funciona.» Acabarias degolado num esgoto.

- Sei que vai funcionar! Eu sei.

- És brilhante, meu filho, não há qualquer dúvida disso. Eu confio em ti.

- Aldo, estou desesperado lenho uma mina de* ouro nas mãos e não posso tirar proveito dela. Preciso do dinheiro para recuperar a Matilde.

O velho sorriu com ar nostálgico - Dinheiro. Com isso vais afastá-la ainda mais.

- Quero dar-lhe uma situação económica estável, para que ela não se preocupe com nada.

- Não te julgo pelo caso da tua amante. Sabe Deus que não tenho autoridade moral para te dizer nada. Mas era necessário enganá-la quando estavam casados apenas há alguns meses? Sobretudo - exasperou-se Aldo ser tão negligente! Como se quisesse que ela te apanhasse.

«Não foi por isso que a Matilde me deixou, mas por algo muito pior», pensou Blahetter, incapaz de o proferir em voz alta.

Elijah Al-Saud ouviu as vozes dos primeiros passageiros, que passaram ao seu lado e se perderam atrás do cortinado que separava a primeira classe da executiva. Levantou-se do seu lugar, baixou a cabeça e saiu para o corredor à procura de Esther. Deu um passo e de seguida retrocedeu ao ver que a tal Juana e «Mat» caminhavam na sua direção. Surpreenderam- -no; ele tinha-as visto na fila da classe turística. Juana vinha à frente, a olhar para o cartão de embarque e os números dos lugares; lia-os em voz alta. «Mat» seguia-a em silêncio e estudava o ambiente. Ao contrário de Juana, que exibia a sua figura numas calças brancas justas e numa *T-shirt* com letras douradas - *I'm in love with myself*, diziam que não chegava a tapar-lhe a barriga, a jovem loira vestia de uma forma simples: jardineiras azuis e uma *T-shirt* verde-esmeralda discreta; nos pés, sandálias brancas, apenas duas tiras de couro formando um xis, sem salto. chamou-lhe a atenção a bolsa que levava a tiracolo, de um tecido rústico em tonalidades castanhas; carregava a mochila ao ombro como se a incomodasse, Era difícil apreciar as curvas do seu corpo dado que as calças lhe ficavam largas e a camisa cobria quase até ao pescoço. Elijah disse para si mesmo que ela era muito pequena; calculou que não ultrapassava o metro e sessenta.

- Mmmm - ronronou Juana. - Alguém está a usar o *A Men*. Esse perfume do *Thierry Mugler* deixa-me louca.

Matilde surpreendia-se sempre com o olfato da amiga, que conhecia as fragrâncias suspensas no ar ou que persistiam na pele. Nessa ocasião, não compreendia como conseguia detectar a do tal *A Men* quando no *free shop* se tinha banhado no *Organza da Givenchy*. Juana adorava perfumes e conhecia-os todos mas, ao não poder comprá-los, conformava-se com as imitações do *Secret* que, na sua opinião, conseguia as melhores imitações.

Apesar de ter falado em voz baixa ouviu- a.

-Este é o bonitão do *A Men*. É bom como o milho!

A atitude de Mat chamou a sua atenção: em nenhum momento lhe dirigiu o olhar, nem sequer dissimuladamente, como se a outra não tivesse comentado nada. Uma hospedeira aproximou-se e trocaram umas palavras em francês.

- Ah! Ainda por cima é francês - referiu Juana, enquanto revirava os olhos.

- Juani, os desconhecidos são o último recurso.

Perante o comentário de «Mat», Al-Saud arqueou uma sobrancelha, surpreendido pela sobriedade da jovem, pelo seu aprumo e maturidade. Quantos anos teria?

- São estes os nossos lugares, Juani. O meu é o sete B e o teu, o seis B.

A emoção de Al-Saud não se refletiu no seu rosto. Ele ocupava o sete

A. Desanimou-se ao ouvi-la dizer:

- Se o sete A ou o seis A ficarem livres, podemos viajar juntas.

- Excuse-moi. - Passou à frente dela e ocupou o seu lugar.

Juana, colocando-se de forma a que Al-Saud não a visse, desenhava a palavra «sortuda» com os lábios.

- Mat, isto é o máximo! - exclamou, enquanto descobria os benefícios de um lugar na classe executiva.

Matilde esticou-se para guardar a mochila no compartimento superior e a *T-shirt* acompanhou o movimento. Al-Saud vislumbrou a cintura magra e a pele translúcida salpicada de pequenas sardas. Porque lhe veio a imagem à cabeça: os lábios pousados naquela curva, a sua língua a marcar-lhe a pele? Mexeu-se no lugar devido a um pulsar que o invadiu entre as pernas. Desviou o olhar para a pista, incomodado. Ouviu-a acomodar-se ao pé dele. Um aroma suave, que lhe lembrou o seu sobrinho mais pequeno, invadiu o espaço. Perfumava-se com colônia de bebê.

Virou-se, incapaz de dominar o desejo de olhar para ela. Simulou procurar o cinto de segurança debaixo dele e inclinou-se sobre ela. Por alguma razão alheia ao seu entendimento, o cheiro de «Mat», o de uma criança, avivava emoções ferozes nele. Deu-se conta de que não conseguia tirar os olhos de cima dela. Um livro, que retirara da bolsa rústica antes de a guardar no bolso do lugar da frente, descansava nas suas pernas, e nesse instante levantava o cabelo para fazer uma trança. Fazia-a velozmente, com habilidade. Gostou das suas mãos de dedos compridos e finos, bem como da forma das unhas sem verniz, limpas e curtas; não usava anéis nem pulseiras, só um relógio barato de plástico cinzento, demasiado grande para um pulso tão estreito; não tinha pelos no antebraço e conseguiu contar cinco sardas, diminutas manchas castanhas que formavam constelações. Continuou o percurso ascendente. «Poderia rodear lhe o braço com uma mão e ainda sobraria.»

- *Monsieur?* - Tratava-se de Esther. - O seu lugar em primeira classe já está pronto, *monsieur*. Queira acompanhar-me, por favor.

Eliah meditou que, em primeira classe, dormiria toda a noite; os assentos reclinavam-se cento e oitenta graus. A sua resposta desorientou a assistente de bordo.

- Decidi ficar aqui. - O motivo encontrava-se ao seu lado

Esther ficou a olhar para ele até que o lampejo de uma cabeleira loira entrou no seu campo visual. A moça era adorável, admitiu.

- Desejo-lhe uma boa viagem - disse e, antes de se ir embora, acrescentou em espanhol: - Aperte o cinto, minha senhora.

Matilde afastou o livro e pegou nos dois extremos do cinto. Tentou várias vezes encaixá-lo na fivela. Umas mãos morenas pairaram sobre as dela e, sem lhe dar tempo para as retirar, indicaram-lhe em silêncio como fazer. Pela primeira vez dignou-se reconhecer que havia alguém ao seu lado e olhou-o fixamente.

- Obrigada - disse, e virou-se de novo para a frente. «Meu Deus!», exclamou para si mesma, e agarrou no livro em cima das pernas. Sempre tinha subestimado a beleza física; não lhe importava, não tinha qualquer valor para ela e, mais do que um elemento de atração, convertia-se num problema porque, na sua opinião, as pessoas bonitas eram superficiais e tontas. Juana afirmava que ela era injusta, e a sua psicóloga garantia que, por detrás dessa indiferença pela beleza, se ocultava um escudo que a protegia contra a atração. No entanto, nesse momento, a formosura do rosto que acabava de contemplar atuara com a contundência de um golpe; tinha- -lhe roubado a compostura, como se tivesse descoberto algo sagrado e sobrenatural. Os olhos desse homem não lhe tinham sido em absoluto indiferentes, também não pareciam os de alguém leviano ou tonto. Pelo contrário, vislumbrou um fulgor inteligente neles. De que cor eram? claros, sim, mas de que tonalidade? Estava a esforçar-se para não olhar para ele.

Esse movimento de pestanas, tão lento como o bater de asas de uma borboleta que se equilibra sobre uma flor, tinha sido deliberado? A intuição dizia-lhe que não. Gabava-se da sua capacidade para descobrir, com uma simples troca de palavras ou com a análise de certos gestos, as arestas obscuras de uma pessoa, e podia afirmar que não havia nem um bocadinho de artificialidade naquela criatura. Por uma fração de segundos tinha-o honrado com um olhar, e ele, um cínico insensível, sentiu-se trespassado, nu e rendido. Tinha-o dominado com a confiança das almas sábias e serenas. Voltou a perguntar-se quantos anos teria. Vinte? Não mais do que isso. De que cor eram os seus olhos? Existia a íris prateada na raça humana? Ele nunca a tinha visto. Não conseguia sair do seu assombro, e continuava cravado no seu perfil.

- Olá, Mat! - Juana quebrou o feitiço e, de joelhos no assento, espreitava atrás do encosto como um fantoche. - Toma, põe um bocadinho do *Organza*. Consegui que a hospedeira me desse uma amostra grátis.

Al-Saud conhecia o *Organza*; Céline usava-o. Tratava-se de uma fragrância voluptuosa que combinava flores e baunilha. No entanto, preferia que «Mat» continuasse a cheirar a bebé. Agradou-lhe a sua resposta.

- Não, obrigada, Juani. Já tenho o meu perfume.

- Ah, a tua colónia de bebé Upa la la\ Que Deus não permita que um dos melhores perfumes do mercado arruine a Upa la la. - Sublinhou as últimas sílabas com ironia.

Elijah tapou a boca para não evidenciar o riso que lhe fazia cócegas na garganta.

- Eu gosto - contrapôs «Mat», sem veemência; expressava-se em voz muito baixa. - Para além disso, para os gaiatos...

- Não digas «os gaiatos», Mat. Pareces do século passado. Diz as crianças.

Pouco tempo antes, Juana tinha aprendido o significado da palavra anacronismo, e desde então utilizava-a para definir a sua amiga de infância. «És um anacronismo vivo, querida Matita», repetia-lhe cada vez que Matilde se expressava com palavras em desuso. Nunca dizia palavrões nem modismos próprios dos jovens; também não utilizava gíria; era quase assombroso que usasse o «você» em vez do «tu». Na opinião de Juana, vestia-se se

como Uma mulher da comunidade Amish, esse grupo de agricultores norte americanos parados algures no século XIX, tal como uma amish, sabia preparar conservas, doces, marinados, Matilde chamava-lhes agora tinha-lhe dado para aprender a arte do *découpage*. Ninguém podia culpá-la. Nascida num palácio de cinquenta quartos, atendida por uma dúzia de empregadas e educada pela sua avó Celia, a versão cordovesa de Fräulein Rottenmeier, a malvada da série Heidi, a «pobre» Mat não tinha tido muitas oportunidades para ser normal. Juana ficava desconcertada com as irmãs mais velhas de Matilde, Dolores e Celia, que, embora tivessem sido vítimas do mesmo regime educativo, estavam tão longe de serem mulheres amish como a Terra de Plutão.

- Está bem - concordou Matilde. - Para as crianças, este aroma é mais familiar do que o de um perfume francês.

A aeromoça passou e distribuiu estojos de cosmética. Al-Saud recusou o seu com um gesto.

- Olha, Mat! É divino. Todas as coisinhas que tem... E tu que não querias aceitar o upgrade que o teu pai nos queria oferecer!

- Teria preferido que não insistisses, Juani. Eu não queria aceitar.

- Ai não? A menina não queria aceitar, eh? Pois não sei onde ias encaixar esse cu enorme que Deus te deu na classe turística.

Matilde levantou a cara com lentidão e não pestanejou enquanto fixava o olhar na sua amiga.

- Juana - disse, num sussurro letal.

- Matilde? - retorquiu a outra, impassível.

«Matilde!» Que belo nome. Ficava-lhe bem.

- Não te preocupes com o bonitão! Não percebe nada.

- Juana, existe a possibilidade, embora seja uma num milhão, de que ele entenda a nossa língua.

- Mat, os franceses são como os piratas ingleses. Só falam na sua própria língua. Reparaste que tem um Rolex? - Antes de pronunciar Rolex, pôs a mão na comissura direita da boca e baixou o tom. Acho que é um *Submariner*, o que combina ouro e aço, com a esfera e o bisel azul. Adoro esse modelo. Gosto imenso do bracelete, a *Oyster*. Nunca tinha visto um ao vivo e a cores.

Tal como com os perfumes, Juana mostrava fascínio pelo mundo dos relógios e conhecia as marcas de renome - *Rolex*, *Breitling*, *Cartier* - e outras mais exclusivas, *Breguet*, *Blancpain* e *Louis Moinet*.

- Não tinha reparado - admitiu Matilde.

- Óbvio! Como é que tu te podes dar conta, tarântula?

- A alcunha que o Gómez te pôs não é boa? li quando te chamava Pechochura Martinez era de chorar a rir.

- Para mim, pelo contrário, Foi um verdadeiro martírio suportá-lo durante todo o secundário.

O pobre Gómez não sabia o que fazer para que lhe prestasses atenção. Por isso realçava os teus atributos da frente e de trás. Ai, Mat! - exclamou, e tapou a boca com as mãos. - Acho que afinal de contas o francês percebe a nossa língua. Está-se a rir. Olha lá! - irritou-se Juana. - Porque é que não nos avisou que percebia? Ficou bem caladinho.

Al-Saud soltou a gargalhada que tinha reprimido nos últimos minutos. Se os seus amigos ou a sua família tivessem presenciado aquela demonstração de divertimento, teriam ficado boquiabertos. Calou-se de seguida ao ver que Matilde se dignava a olhá-lo.

- Desculpe-a. É uma mal-educada.

- Não, de forma alguma. Fez-me rir e isso é bom. Talvez, se permitisse que a senhora visse o meu *Submariner* - Tateou, enquanto desapertava a bracelete -, pudesse obter o seu perdão.

- Oh! - foi o que Juana conseguiu articular enquanto recebia o Rolex com uma expressão de êxtase. - Que relógio incrível! - comentou depois de verificar que se tratava de um original; o ponteiro dos segundos avançava com suavidade e não dando saltinhos. - É pesado, sólido. É a primeira vez que tenho um Rolex nas mãos. Obrigada!

- A senhora também quer vê-lo?

- Não, nem pense! - interveio Juana. - Ela não sabe apreciar as coisas boas da vida. Olhe bem para o relógio com que anda! De plástico a quartzo que ganhou no McDonalds e que funciona tão mal que chega sempre atrasada a todo o lado.

- Juana, acho que o senhor não está muito interessado no meu relógio.

- Estou interessado - garantiu Eliah, e inclinou-se para lho dizer.

Juana, ao reparar na atitude do francês, sorriu.

- Como é que fala tão bem a nossa língua? Porque, embora tenha um pouco de sotaque, desenrasca-se muito bem em espanhol.

- A minha mãe é argentina.

O comandante anunciou que descolariam em breve. As hospedeiras fecharam as portas.

- O seis A ficou livre - anunciou Matilde. - Podemos viajar juntas.

- Nem penses, tarântula. Quero deitar-me nos dois lugares

- O apoio de braços não se levanta - objetou Matilde, e demonstrou - lho.

- Estou-me nas tintas. Vou dobrar os joelhos. E não me chateies mais - concluiu enquanto devolvia o Rolex. - Como se chama?

- Eliah.

- Eliah, imagino que já sabe os nossos nomes.

- Sim - acrescentou Matilde -, e também sabe as minhas alcunhas.

Al-Saud voltou a rir-se.

O silêncio caiu sobre eles quando Juana foi para o seu lugar. «E como um terramoto», pensou Eliah. Gostava de Juana, em especial porque, com a sua frescura e desfaçatez, não ofuscava Matilde, mas realçava-a. As duas faziam um belo par e, embora fossem diferentes, era óbvio que tinham carinho uma pela outra. Pensou nos seus amigos de infância. Eles também tinham formado um grupo heterogéneo; Shiloah e Gérard Moses eram judeus; Shariar, Alaman e ele, filhos de um príncipe saudita; e Anuar e Sabir Al-Muzara, filhos de palestinianos. Gostavam uns dos outros apesar das suas origens e das diferenças que os separavam, em parte graças à consciência da infância que os salvaguardava do ódio. No entanto, a nuvem da ignorância dissipou-se e a realidade acabou por impor a sua dureza. No presente, alguns continuavam a ser amigos; outros, inimigos mortais.

Deu-se conta de que, enquanto pensava nos seus amigos, não tinha afastado o olhar do perfil de Matilde. Ela lia, absorta. observou- lhe a curva da testa, ampla, branquíssima, sem rugas, uma pele lisa como a de um bebé; não usava maquiagem, o que convertia a visão numa experiência assombrosa. Ele tinha a pele áspera e grossa, com algumas marcas de varicela, o nariz com os poros dilatados e a parte do buço sempre escurecida devido à barba incipiente. Fazia sempre a barba de manhã, mas, às primeiras horas da tarde, esta apresentava um aspeto descuidado.

O movimento das pestanas de Matilde acalmava o. Estudou-as com o interesse que despertava cada parte do seu rosto. Eram compridas e curvas, e quase transparentes. Com a cabeça inclinada e as pálpebras semi-cerradas, Matilde ocultava os olhos e ele ainda não tinha percebido se fora imaginação sua a cor prateada da íris. Ansiava tê-la à sua frente, com o que pretendia essa mocinha que nem sequer tinha vinte anos? "estou aborrecido", pensou, apesar de ter um relatório para analisar e uma reunião para preparar.

Matilde levantou as comissuras dos lábios. Algo no livro a fazia sorrir. Al-Saud inclinou a cabeça para ver a capa, e foi a sua vez de sorrir. Tratava-se de Encontro em Paris.

- O que acha, Matilde? É um bom livro?

Com o rosto virado para a esquerda, olhou-o fixamente, pestanejou duas ou três vezes e franziu os lábios. «Embora pareça mentira, são prateados», concluiu Eliah.

- Acho que é o melhor que li de há uns anos para cá.

Como reparou que já tinha chegado a meio do livro, perguntou-lhe:

- O que acha da personagem do Étienne?

- Ah, então leu-o. - Eliah assentiu e absteve-se de comentar que tinha lido o manuscrito. - Porque é que me pergunta pelo Étienne?

- Identifico-me com ele.

- Julgo que o Étienne é a quem o Salem mais ama e respeita.

- E o que acha de Étienne? - insistiu.

- Também o admiro. É intrépido e inteligente, mas não arrogante.

- E como mulher, o que acha dele?

Ela franziu o sobrolho, confusa.

- Bem... Como mulher, diria que me dá medo.

- Medo?

-De acordo com o que a trama sugere, é incapaz de se comprometer. A sua alma nunca está tranquila. Nenhum lugar é o seu lugar. Nenhuma mulher, a sua mulher, exceto a que perdeu em jovem. Precisa de estar sempre em movimento, incansavelmente, como se nada fosse suficiente. Encanta-me a sua capacidade para dar atenção a tantos assuntos ao mesmo tempo, como se pudesse dividir o seu cérebro.

O comandante anunciou que a descolagem estava demorada devido ao tráfego na pista.

- Mas, como mulher, teme-o.

- Sim, temê-lo-ia. Para o Étienne nada é suficiente, nenhum lugar, nenhuma mulher. É volátil, imprevisível. O mundo parece ser pequeno para ele.

«Boa conclusão» meditou Al-Saud, e de seguida ousou dizer:

- Talvez seja porque ainda não encontrou a mulher da sua vida. Onde quer que ela esteja, esse será o lugar do Étienne.

«Não olhes para mim dessa forma ou vou beijar-te aqui mesmo.»

Matilde desviou o olhar, confusa com o breve discurso. Além disso, não suportava a intensidade daqueles olhos verdes, de um verde esmeralda leitoso. Não gostava das comparações estúpidas mas, na verdade, lembravam-lhe a esmeralda do anel da sua mãe. A imagem de Eliah gravou-se na sua mente e, por mais que dissimulasse que ele não eslava ali, notava a sua presença como o hálito abrasador de um aquecedor.

O *Boeing 777* avançou pela pista, e o rugido das turbinas perturbou Matilde. Era a segunda vez que viajava de avião. A primeira fora há mais de quinze anos, quando tinha apenas onze e ainda viviam bem. Os pais tinham-na mandado estudar Inglês num curso de verão organizado pelo aristocrático colégio Eton, no condado de Berkshire, em Inglaterra. Não se lembrava de que o estômago se contraísse dessa forma.

Fiel ao seu coração de piloto, Eliah observou a pista enquanto o *Boeing* lutava por descolar. Era-lhe estranho não estar na cabina, aos comandos do avião. Geralmente, e exceto se tivesse muito trabalho, ele descolava e aterrava os seus aviões; no resto da viagem delegava o comando a Paloméro. O *Boeing* abandonou o asfalto e iniciou o voo. Eliah esperou pela pancada que indicava que o trem de aterragem recolhera. Na sua opinião, o piloto mostrava falta de domínio. Ao não esquivar uma repentina rajada de vento, acabava de provocar a perda de altitude - uns noventa metros, calculou -, que se ressentiria no estômago de alguns passageiros.

- Juana.

Al-Saud virou-se. O chamamento fora quase inaudível. A palidez de Matilde era cadavérica, de uma cor cinzenta que até os lábios lhe tingia; a tensão do seu corpo revelava-se nas mãos, uma cerrava-se sobre a lombada do livro e a outra no apoio de

braços direito. Os nós dos dedos tinham adquirido uma coloração esbranquiçada, que também se revelava nas suas pálpebras cerradas. Inclinou-se sobre ela e sussurrou-lhe:

- Calma. Vou fazer com que passe.

Embora o sinal permanecesse ligado, Al-Saud desapertou o cinto e tirou o saco para vômito do bolso do assento da frente. Abriu o, esticou o, colocou- o sobre o nariz e a boca de Matilde e pediu-lhe :

- Segure no saco e respire normalmente pelo nariz. Não se assuste. Feche os olhos e encoste-se ao assento.

Sem lhe tocar, alcançou o botão do outro lado e inclinou um pouco o encosto. Abanou algo à sua frente, ela deduziu que fosse uma revista.

- Relaxe, Matilde. Vai passar. Foi essa descida brusca. Vai passar.

Mantinha os olhos fechados, não para obedecer à sua indicação mas sim para não o enfrentar. Sentia vergonha. Devia parecer ridícula a respirar para um saco. Tinha medo de vomitar. Não queria fazê-lo à sua frente. Odiava as náuseas, traziam-lhe péssimas recordações. Procurou relaxar os músculos. O sangue precipitara-se para o estômago, daí o desvanecimento. «Vai passar», disse a si própria, «já está a passar». Estremeceu quando se deu conta de que ele lhe secava o suor da testa.

Al-Saud estudava-a fixamente enquanto a abanava com a revista, impressionado pela qualidade translúcida da sua pele. A área das pálpebras adquiria uma coloração perlada que evidenciava uma rede de veias pequenas e azuis, tal como nas têmporas.

- Está a passar, não é verdade?

Falou-lhe ao ouvido, e a sua voz fê-la tremer. A onda sonora, grave, profunda, tinha-a percorrido não com suavidade, mas de uma maneira intensa, desrespeitosa mesmo, como se lhe tivesse passado uma mão pelo peito e o ventre. Abriu os olhos, assustada. De lado, um pouco inclinado sobre ela, ele observava-a. Susteve o olhar os instantes necessários para perceber porque é que o verde dos seus olhos a tinha surpreendido, porque é que surgia tão definido e brilhante; devia-se aos seus contornos escuros: as pálpebras inferiores pareciam delineadas a preto e as superiores sombreadas com uma pigmentação castanha; as sobrancelhas, largas e escuras como o carvão, acrescentavam dramatismo ao conjunto. Ela não se lembrava de ter visto uns olhos tão exóticos. Tirou o saco da cara, consciente de repente da situação ridícula.

- Sim, obrigada. Já me sinto melhor.

As cores estão a regressar à cara.

O sinal luminoso apagou se. Enquanto Al-Saud chamava a hospedeira, Juana voltou a espreitar pelo encosto do assento. O seu sorriso esfumou-se perante a palidez de Matilde

-Mat ! O que é que se passa? -Sem esperar resposta, precipitou-se para o seu lado, - O piloto fez uma descida brusca e a Matilde sentiu -se mal.

A atitude profissional de Juana, que pegou no pulso de Matilde para lhe contar as pulsações, surpreendeu Al-Saud.

- A tua pulsação está normal, amiga.

- É enfermeira?

- Não. Sou... Melhor dito, *somos* médicas pediatras. Na realidade, eu sou pediatra. A Matilde é cirurgiã pediátrica. A melhor cirurgiã pediátrica do mundo.

- Não é verdade. Não acredite nela - contradisse Matilde com um sorriso débil.

Al-Saud não respondeu. Ficou a olhar para ela, desconcertado.

Juana regressou com uma lanterna pequena e prateada, de uso médico, e estudou o reflexo das pupilas de Matilde.

- Admito que estou surpreso. Pensei que a Matilde não tivesse mais de vinte anos.

- Quando faz duas tranças, alguns dão-lhe quinze - admitiu Juana -, mas, na verdade, tem quase vinte e sete. Faz anos em março. Posso tratar- -te por tu, Eliah?

- Claro que sim.

- E a mim, quantos anos me dás? Não digas nada, dás-me trinta e sete, mas quero que saibas que acabo de completar vinte e sete. Tens náuseas, Mat? - Matilde assentiu e Juana explicou a Eliah: - A Matilde detesta as náuseas.

- Acho que todos as detestamos.

- Mas a Matilde mais do que ninguém.

A chegada da aeromoça distraiu Al-Saud. Pediu-lhe um suco de laranja natural com muito açúcar e uma toalha úmida. Como na classe executiva não havia laranjas nem espremedor, pediria o suco às suas colegas da primeira. Tinham-lhe ordenado que servisse o passageiro do sete A como se fosse um rei.

Al-Saud alternava o olhar entre as mãos de Matilde e o seu rosto de miúda, incapaz de conciliar esse quadro com o de uma hábil cirurgiã. Ele também era jovem - dentro de um mês faria trinta e um anos -, no entanto, parecia muito mais velho e vivera o que outros fariam em cem anos.

- Amiguinha - disse Juana, e beijou Matilde na testa desculpando por não ter estado aqui quando te sentiste mal.

-Obrigada, não sei o que teria feito sem a sua ajuda,

-Por favor, Matilde, não me trate por senhor não sou um velho, sabia?

-E deixem de se tratar por você interveio Juana.

A aeromoça apareceu com o suco e a toalha e esperou que Al Saud puxasse a mesinha desdobrável do apoio de braços esquerdo para lho entregar.

- Nunca teria imaginado que a mesinha estivesse aí - disse Juana. Lembro-me da única vez em que viajei de avião, estava no encosto do assento da frente, por cima do bolso.

- Na executiva, o assento da frente está demasiado distante, por isso colocaram-no aqui. - Entregou o copo a Matilde. - Bebe-o em goles curtos e pequenos.

- Na Argentina não dizemos «bebe-o», mas sim «toma-o» -corrigiu-o Juana.

- Vou tê-lo em conta.

- De qualquer forma, Eliah, o teu espanhol é impecável. Sabes falar outras línguas?

- Uma ou outra - esclareceu, enquanto verificava se Matilde bebia o suco. - Está doce? - Matilde assentiu. - O açúcar fará com que te sintas melhor.

- Que outras línguas? Inglês?

- Sim, inglês. Nos dias que correm, quem não sabe falar inglês?

- E que mais?

- Juana, não sejas fofqueira. Não perguntes.

- Ou seja, és trilingue - deduziu, ignorando a ordem da amiga.

Na verdade, Al-Saud era poliglota. Para além do inglês, do francês e do espanhol, falava fluentemente árabe, italiano, alemão e japonês, e safava-se bastante bem em hebraico, suaíli, russo, bósnio e sérvio; era apaixonado pelo latim e pelo grego. A sua facilidade para as línguas tinha o convertido, entre outras razões, num elemento cobiçado pelo grupo de comandos cuja existência poucos conheciam no mundo da espionagem e ao qual chamavam *L' Agence*, A Agência em francês. Por alguma razão que não conseguiu descortinar, Al-Saud preferiu ocultar os seus talentos linguísticos. Talvez, meditou, assim como não lhe interessavam os perfumes caros nem os relógios exclusivos, Matilde também não apreciava os sinais de vaidade nas pessoas.

- Que línguas falas tu, Juana? - interessou-se, ao mesmo tempo que recebia o copo das mãos de Matilde; nem sequer tinha bebido metade.

- Inglês bastante bem - respondeu Juana, enquanto passava a toalha húmida à sua amiga. - A Mat e eu frequentámos um colégio bilingue em Córdova onde o inglês era muito bom. Chama-se Academia Argüello. Temos muito boas lembranças desse lugar.

Juana falava de si própria com facilidade. Em segundos tinha dado informação mais do que suficiente para encher várias páginas de um relatório.

- Com exceção do tal Gómez e das suas alcunhas impertinentes - notou Al-Saud, e sorriu para Matilde. Viu-a corar e rir-se um pouco. A visão de uma mulher adulta ruborizada era pouco frequente. Da mesma forma, ainda lhe custava ajustar o aspecto de adolescente de Matilde ao de uma mulher que enfrentava a morte com um bisturi na mão. Minuto a minuto, o que tinha começado como uma atração convertia-se numa obsessão; ele podia senti-lo, conhecia-se, conhecia os sintomas que indicavam que o Cavalo de Fogo que o habitava estava prestes a descontrolar-se, esse animal do Zodíaco Chinês com um coração duplamente de fogo: porque é de fogo a essência do Cavalo e porque, de sessenta em sessenta anos, o fogo se converte no seu elemento. Segundo o seu mestre e mentor, o japonês 'Iakumi Kaito, na China evitavam o seu nascimento. «Porquê?», tinha-lhe perguntado um Eliah de catorze anos. «Porque ao não compreendê-los, temem-nos. Um Cavalo de Fogo vive do desafio, é a sua força motriz, o que dá sentido à sua vida. Quanto

mais arriscado, mais atraente. Parar é morrer. E isso assusta os outros. Ou então põe a nu os seus próprios limites, a sua cobardia. E isso incomoda.»

- O Gómez era fantástico, embora fosse um pouco chato com a Mat. Esteve apaixonado por ela durante os cinco anos do secundário.

«Não o culpo.»

- Sabes falar francês? - perguntou para não continuar com o assunto do Gómez e da sua paixoneta por Matilde.

- Muito pouco. Estudámos no colégio, mas a Mat e eu escolhemos o inglês como segunda língua, por isso sabemos pouco ou nada de francês.

As hospedeiras apareceram com os carrinhos para servir a refeição, Juana disse Matilde . o cheiro da comida está a enjoar -me, Passa-me a minha colônia Upa la la

Juana tirou a mochila e entregou-lhe. Não ficou de cócoras junto ao assento de Matilde, mas regressou ao seu lugar e abriu a mesinha. Apesar de gostar da companhia de Juana, Al-Saud agradeceu que os deixasse a sós.

Estudava-a abertamente, um pouco recostado no seu lugar, enquanto Matilde molhava os braços e o pescoço com a colônia de bebé. Por que razão se absteria do estudo desse ser que, na sua simplicidade, o fascinava? O seu nome também era simples e clássico. Tratar-se-ia realmente de uma jovem simples? «Matilde», repetiu para si. Tinha gostado de o pronunciar enquanto conversavam. Ela, pelo contrário, não lhe tinha chamado Eliah nem o tinha tratado por tu.

Matilde recusou o menu que a aeromoça lhe ofereceu.

- Tens de comer alguma coisa, Matilde - interveio Al-Saud.

- Não consigo manter nada no estômago.

- Nem sequer um chá?

- Um chá, sim.

Eliah dirigiu-se à aeromoça em francês.

- Um chá com bolachas de água e sal para a senhora. Não, não - disse enquanto agitava a mão para recusar a bandeja com salada de lagostins.

- Traga-me um café e também umas bolachas.

- Não pensa comer? - perguntou Matilde, preocupada.

-A visão e o cheiro da comida provocar-te-iam náuseas. Pedi um café.

- Não é justo. O senhor...

- Por favor, não me trates por senhor...

- Está bem.

A situação, ao mesmo tempo que a incomodava, agradava-lhe. Embora fosse estranho, gostava da atenção daquele homem. Caso contrário, já teria mostrado o seu lado mais frio e indiferente.

- Não é justo que te privas da refeição por minha causa.

- Faço-o com gosto.

O olhar que trocaram não durou mais de dois segundos, e Matilde refugiou-se no seu livro. As letras esmoreceram e a cara do homem tomou o seu lugar. Uma crua virilidade desprendia-se de cada detalhe daquele rosto, desde, a testa larga até á pequena cova que lhe dividia o queixo, Tinha o pescoço forte, o que lhe dava um aspecto de desordeiro, e a maçã de Adão proeminente, tinha se concentrado nela enquanto falava com Juana. Não costumava fixar-se nas características do pescoço nem na maçã de Adão de um homem, nem sequer na linha do maxilar nem nos outros ossos da cara. Em geral, reparava em detalhes relacionados com a personalidade, o sorriso e as maneiras. No caso daquele homem, tinha-lhe sido impossível resistir ao magnetismo do seu corpo.

Al-Saud deixou o seu lugar e caminhou pelo corredor até à zona da casa de banho. Apesar de tudo, Matilde seguiu-o com o olhar. Ficou surpreendida com a graça do seu andar e a força dos seus membros; embora magras e compridas, as pernas pareciam fortes e musculadas sob a seda das calças azuis, tal como os braços sob a camisa branca. Tratava-se do corpo elástico e ágil de um desportista.

Juana assomou a cabeça pelo corredor e, depois de assobiar, comentou:

- Que rabo!

- Sim.

- O que é que os meus ouvidos acabam de ouvir, Matilde Martínez?

- Bem, Juana Folicuré, não vou negar que tem um belo corpo.

- Admites que tem o melhor rabo que vimos nos últimos... digamos... vinte e seis anos? Amiga, não podes negá-lo, é um adónis. E acho que ele gosta de ti. A que se deve o facto de o teres observado? Nunca olhas duas vezes para um homem, muito menos se é bem-parecido.

- Ajudou-me quando fiquei maldisposta e agora recusou a comida para que eu não voltasse a ter náuseas.

- Deus dá nozes a quem não tem dentes! Se eu estivesse no teu lugar, já estaria a planejar o casamento. Olha, tarântula, se o bonitão te convidar para sair e...

- Juana, ninguém me conhece como tu. Ninguém conhece os meus problemas como tu. Não me podes pedir isso.

- Posso pedir-to e vou fazê-lo. A tua psicóloga por acaso não te disse que tens de tentar até conseguires vencer os teus medos?

- Chiu. Vem aí.

- Mat, é mais do que um bonitão. É perfeito. Para além disso, é um cavalheiro e, a julgar pela roupa que traz e pelo relógio que tem (devo dizer-te que custa à volta de dez mil dólares), é rico.

Matilde reparou que Eliah regressava na companhia da hospedeira que lhes trazia o chá e o café. Porque é que a molestava que ela se risse com ar de tonta? Bamboleava se ao lado de Eliah com um movimento intencional de ancas roçando nele ao de leve. Ide recebia de bom grado a atenção que ela lhe dedicava. <<É igual aos outros», pensou tristemente.

Reparou que, sobre a camisa branca, Eliah tinha um colete do mesmo tecido das calças, justo na cintura e que lhe destacava a solidez dos ombros. Abriu rapidamente o *Encontro em Paris* depois de os seus olhos pousarem na protuberância que se formava debaixo do fecho das calças.

Eliah não gostava do silêncio de Matilde. Tal como ela, ele também poderia ter-se dedicado à leitura do relatório sobre Blahetter. Não podia, e aborrecia-o que ela se concentrasse nas páginas de *Encontro em Paris* com ele ao seu lado. Admitia que se tratava de um romance cativante, mas não consentia que o fosse mais do que ele. Desejava ser o centro das atenções daquela mulher com cara de adolescente.

Encostara-se à parte esquerda do assento para a observar, por isso reparou que uma lágrima espreitava pelo canto do olho antes de resvalar pela face. Endireitou-se imediatamente e não pensou em conter-se: varreu-a com o dedo indicador. Ela sentiu um arrepio e dirigiu-lhe um olhar de pânico que o desconcertou. Não se mostrava ultrajada, mas sim aterrada.

- Desculpa! - apressou-se a dizer. - Vi que estavas a chorar. Não quis assustar-te. - Passou-lhe o seu lenço de seda.

- Está bem. Obrigada - disse, e secou os olhos.

A doçura da sua voz desarmou-o; tê-la-ia beijado nesse instante. Quantas vezes, em poucas horas, tinha desejado beijá-la?

- Acabo de ler uma parte muito triste.

- Que parte? - Al-Saud inclinou a cabeça simulando interesse no livro enquanto inspirava para absorver o seu aroma a bebé.

- A parte em que o Salem descreve o massacre de Sabra e Chatila.

Al-Saud lembrava-se desse capítulo. A ele não lhe tinha causado tristeza mas sim impotência. Se tivesse estado em algum desses campos de refugiados palestinos no Líbano, teria despachado mais de um membro do partido cristão conhecido como Falanges Libanesas. No entanto, em setembro de 1982, ele só tinha quinze anos.

- É o primeiro livro que lêes do Sabir Al Muzara? - perguntou-lhe para a afastar da imagem do genocídio de Sabra e Chatila,

- Não. Li toda a sua obra. Sigo- o há três anos, quando por acaso o descobri num alfarrabistas na avenida Corrientes. Conheces a avenida Corrientes? - Eliah assentiu. - Admiro-o profundamente, Fiquei feliz quando soube que tinha ganhado o prêmio Nobel da Literatura deste ano. Merecia! Não é talentoso, mas sim genial. - Os seus olhos brilhavam era embora delicada e tímida, Matilde também se apaixonava. - Adorei o discurso dele quando recebeu o Nobel.

«Na verdade», pensou Al-Saud, «o Sabir não leu o discurso na cerimónia de entrega, mas depois, durante o banquete». Teve a impressão de que tinham passado meses desde o acontecimento, quando tinham sido apenas algumas semanas desde 10 de dezembro, aniversário da morte de Alfred Nobel. Como ditava a tradição, a cerimónia

tivera lugar em Estocolmo. Embora ele não tivesse assistido porque se encontrava no Sri Lanka, a negociar com os tâmile, os seus pais, os seus irmãos e Shiloah Moses tinham acompanhado Sabir. O seu discurso em Estocolmo teria causado um terramoto político se tivesse sido pronunciado por outros lábios. Al-Muzara era das poucas pessoas a quem os palestinos e os israelitas respeitavam e admiravam e a quem era permitido expressar as verdades que ninguém se atrevia a pronunciar. Nem sempre tinha sido assim. Sabir tinha conquistado a pulso o lugar que ocupava numa das regiões mais conflituosas do planeta. A sua mensagem de paz e amor concedera-lhe vários epítetos, entre eles, o Nelson Mandela palestino, o Gandhi de Gaza, o Luther King branco (Sabir distinguia-se pela sua tez pálida) ou o Jesus árabe, o que desagradava aos católicos, apesar das palavras do Papa João Paulo II, que garantia que se Jesus tivesse encontrado Al-Muzara no Jordão teria sido seu amigo. Yitzhak Rabin tinha dito dele que, de tantas em tantas décadas, nascia um palestino com bom senso, enquanto que um dos dirigentes da Mossad defendia que se tratava de um líder esplêndido: inteligente, carismático e corajoso.

- Algum dia ganhará o prémio Nobel da Paz - comentou Matilde.

- De que parte do discurso do Sabir gostaste mais?

- Mal começou o discurso, fiquei muito emocionada ao ver como dedicava o prémio aos seus irmãos palestinos e aos seus amigos e vizinhos israelitas. É um símbolo de perdão, não achas? Digo-o porque foi prisioneiro dos israelitas durante anos.

Poucos conheciam o cativo de Al-Muzara como Eliah Al-Saud. Numa noite de agosto de 1991, dois agentes do Shabak, o Serviço de Inteligência para assuntos internos de Israel, apresentaram-se no seu apartamento na cidade de Gaza e prenderam-no. Tratava-se de uma «detenção administrativa», uma figura jurídica do Código Penal israelita pela qual se pode prender uma pessoa «por razões de segurança» e mantê-la na prisão por tempo indefinido, sem processo judicial. Sabir passou cinco anos em Ansar 3, como os palestinos chamam à prisão da base militar de Ketziot, no deserto de Neguev, onde, em várias ocasiões, o torturaram para tentarem saber a localização do esconderijo do seu irmão mais velho, Anuar Al-Muzara, chefe das Brigadas Ezzedine al-Qassam, braço armado do Hamas.

À declaração de Rabin, «Se ao menos a Faixa de Gaza se afundasse no mar», Anuar Al-Muzara tinha respondido: «O lado prático de os judeus se reunirem em Israel é que seremos poupados a ir procurá-los por todo o mundo.» Por fim, os agentes do Shabak convenceram-se de que Sabir desconhecia o paradeiro de Anuar. Enganavam-se, Al-Muzara sabia onde se escondia o seu irmão e, apesar de estarem zangados - um defendia a resistência pacífica, o outro, a armada -, não o tinha traído.

Durante os anos de prisão, a figura de Sabir Al-Muzara ganhou dimensões inesperadas. Apesar da privação de liberdade e da tortura, através de cartas que escrevia na cela e que escapavam à confiscação, Sabir Al-Muzara comunicava com o seu povo para pedir calma e, sobretudo, nada de violência, que só gerava mais violência. Aconselhava-os a não organizarem manifestações na rua para solicitarem a sua libertação porque se infiltravam grupos mal-intencionados que causavam distúrbios; citava-lhes frases célebres de grandes homens e relatava-lhes os seus dias em Ansar 3, abstendo-se de mencionar as torturas e as péssimas condições. As cartas acabaram por ser publicadas em jornais de Israel, como no prestigiado Haaretz ou no Últimas Notícias, e no dia seguinte reproduziam-se nos matutinos londrinos, nova-iorquinos e parisienses. Com o tempo, essas cartas converteram-se num dos seus livros mais vendidos.

Kamal Al-Saud, pai de Eliah, e Shiloah Moses, filho do multimilionário israelita Gérard Moses, dono do jornal Últimas Notícias, tinham lutado pela libertação de Sabir Al-Muzara. Kamal contratou os melhores advogados de Israel, enquanto Shiloah, com excelentes relações nos círculos políticos e da comunicação social, fazia das tripas coração para que libertassem o seu amigo de infância. Conseguiram que personalidades como o Papa, o Dalai Lama, Adolfo Pérez Esquivel (argentino, prémio Nobel da Paz de 1980), Nelson Mandela, Jimmy Carter e os dirigentes de instituições como a Anistia Internacional, a Human Rights Watch e a Paz Agora elevassem as suas vozes para pedirem a libertação de um homem que nunca pegara numa pedra.

- Também gostei - continuou Matilde - da parte em que citou Martin Luther King, quando repetiu aquela frase tão bonita: «Eu ainda tenho um sonho. Parecer-vos-á uma utopia. Garanto-vos que amanhã será realidade. Sonho em ter paz na minha terra e ver uma nação formada por israelitas e palestinos, irmanados na compreensão de que todos somos filhos de Deus.»

Al-Saud concluiu que, com essa frase controversa, Sabir tornara fértil o caminho que Shiloah Moses percorreria poucas semanas depois: a luta pela criação de um Estado binacional. Eliah achava que os seus amigos estavam loucos, e que o Estado binacional era uma quimera. De seguida recordou que, tal como ele, Sabir e Shiloah tinham nascido no ano do Cavalo de Fogo, por isso não eram homens comuns e nunca pensariam nem se dedicariam a questões banais.

- E pareceu-me grandioso quando nesse momento levantou o olhar, deixando o discurso de lado, e esclareceu: «Não disse Alá. Não disse Jeová. Disse Deus, o termo universal com que todos O conhecemos, porque Deus é um para todos.»

Al-Saud começou a perceber que não seduziria essa rapariga com relógios caros ou perfumes franceses. Conquistaria o seu entusiasmo e atenção ao descobrir os seus extravagantes interesses, tal como o discurso do último prémio Nobel da Literatura. Que bela ficava quando se entusiasmava! As maçãs do rosto coravam e os olhos iluminavam-se, enquanto movia as mãos de dedos compridos com delicadeza, as mesmas mãos que, custava-lhe a acreditar, manejavam um bisturi. Num dado momento, sem parar o seu discurso, refez a trança, e Al-Saud vislumbrou algumas mechas de um loiro quase prateado que se misturavam com outras mais escuras. No seu fervor por Al-Muzara, Matilde tinha-se sentado de lado no assento, com as pernas cruzadas como os índios norte-americanos. «É tão pequena», pensou Al-Saud, «como será abraçá-la?»

- A minha parte preferida - começou Matilde - foi quando mencionou os gaiatos.

- Mat! - interveio Juana, do banco de trás. - Não digas os gaiatos, por amor de Deus!

Al-Saud soltou uma gargalhada perante o gesto de Matilde, que ergueu os olhos ao céu e mordeu o lábio inferior, revelando uns dentes brancos e direitos. Os seus incisivos pareceu-lhe adoráveis, quadrados, bem proporcionados sem defeitos.

- Juana, não é de boa educação ouvir as conversas dos outros.

- Não posso evitar ouvir, querida Mat, se falas para que todo o avião te ouça.

- Enfim - começou Matilde em voz baixa. - Gostei muito quando disse que dedicava esse prémio sobretudo às crianças israelitas e palestinas, às que tinham partido e às que ficavam, porque a paz pela qual ele lutava era para elas, para que caminhassem

pelas ruas de Telavive-Yafo, Jerusalém, Gaza e Ramallah com sorrisos e sem preocupações. Pareceu-me muito acertado quando disse: «Porque não aceito que roubem a infância às crianças e que as obriguem a serem homens de dez anos.» Foi um momento comovente quando doou o prémio, que é muito dinheiro, um pouco mais de um milhão de dólares, ao Crescente Vermelho Palestino.

Ficou em silêncio, de olhos semicerrados, como se meditasse nas suas últimas palavras. - Não é um homem endinheirado, pois não?

- Não, pelo contrário. Vive de maneira simples.

- Vejo que o conheces bem - observou, espantado. Al-Saud não comentou nada e ela acrescentou: - O Al-Muzara deve ganhar muito dinheiro com a venda dos seus livros.

- Doa tudo a instituições de beneficência.

- O seu discurso não foi muito longo - apontou ela depois de uma pausa.

- Por alguma razão lhe chamam O Silencioso.

- Sim, é verdade. Li que é uma pessoa que prefere ouvir a falar.

Eliah descobriu que a devoção de Matilde por Al-Muzara começava a entristecê-lo.

- Porque é que a parte em que fala das crianças é a tua preferida? Gostas muito de crianças?

- Sim, muito. - A sua resposta saiu sem ânimo. A mudança desconcertou-o e ficou calado, a observá-la. Ela baixara o rosto, como se não quisesse falar do assunto, e folheava o livro. Matilde estava a converter-se num desafio, e Al-Saud suspeitou que, por detrás daquela aparência de anjo, se ocultava um espírito rico, com luzes, mas também com sombras. «Matilde, quem és realmente? O que fazias com o neto do Blahetter? É teu marido?» Não queria saber.

Suponho que deves gostar muito de crianças para teres decidido ser cirurgiã pediátrica, não?

- Já te sentes melhor?

- Sim, muito melhor. E já não há qualquer rasto do mal-estar.

A hospedeira aproximou-se com copos de champanhe e informou que acabava de começar o novo ano em França. Juana saltou do lugar e juntou-se a eles no brinde. Depois de entrechocarem os copos, Eliah aproximou-se de Matilde e deu-lhe um beijo na comissura do lábio esquerdo.

- Feliz mil novecentos e noventa e oito, Matilde.

- Igualmente.

Desajeitada, baixou o olhar e, enquanto ouvia Juana e Eliah trocarem votos de um bom ano, tentou determinar se a tinha beijado quase sobre os lábios num ato de desfaçatez ou por causa da posição incómoda. Notou que ele pousara o copo de champanhe intacto na mesinha desdobrável, nem sequer bebera um trago. Quando Juana terminou o seu, sem medir as palavras, pegou no de Matilde.

- Não bebes champagne, Matilde? - Gostou da forma como pronunciou champagne; mas gostou mais de que não o tivesse bebido.

- A Mat a tomar champanhe? Nem num milhão de anos, Eliah A minha amiga é a inimiga número um de qualquer bebida alcoólica. Nunca bebe.

- Eu também não - confessou ele.

Olhou-a fixamente, e Matilde soube que a tinha beijado de forma intencional.

- Nunca tomas bebidas alcoólicas? - surpreendeu-se Juana.

- Não, nunca.

- Que estranho! Não conheço nenhum homem que não beba. Não gostas?

- Não lhes dou a importância que os outros lhes dão. Prefiro outras bebidas. Por um lado, não gosto que o álcool diminua a qualidade dos meus reflexos. Por outro, considero que o corpo humano não foi feito para beber álcool. Deteriora-o.

- Dizem que o vinho tinto é bom para o sangue.

- Há outras coisas muito boas para manter o sangue saudável e que não afetam o fígado como o álcool do vinho tinto.

- Tens muito cuidado contigo - afirmou Juana.

- E o único corpo que tenho.

Matilde tinha abandonado a sua reserva e, enquanto ele falava com Juana, observava-o com claro interesse. Os seus lábios cativavam-na, não só pelo desenho carnudos, embora pequenos, bem delineados, úmidos -, mas pela forma como se moviam ao falar, como se o superior e o inferior mal se tocassem. Surpreendeu-se ao dar por si a estudar os seus dentes porque nunca reparava nesses detalhes. «Talvez pareçam tão brancos porque tem a pele escura.» Apercebeu-se de que não estava bronzeada; era simplesmente escura, como a de Juana.

Admirou a facilidade com que ele e Juana comunicavam, essa familiaridade na qual costumam cair os estranhos. De facto, Juana conseguia comunicar com qualquer ser vivo, a que tinha problemas para encetar uma conversa era ela, exceto com as crianças. Afastou depressa o rosto quando ele se virou para olhar para ela.

- Tu também não, Matilde?

- Desculpa, não estava a prestar atenção.

Juana disfarçou o riso. A sua amiga evidenciava-se como um elefante na Plaza de Mayo.

- Pergunto se tu também não conheces Paris.

- Não, não conheço.

As hospedeiras recolheram os copos antes que as luzes diminuíssem e a cabina mergulhasse na penumbra. Juana espreguiçou-se.

- Vou dormir. O champanhe deu-me sono. Boa-noite, Eliah.

- Boa-noite. Tens sono, Matilde?

- Nenhum - admitiu.

-Eu também não.

Ele tinha os atributos de um homem frívolo e mulherengo. Um dandy, como lhes chamava a sua avó Celia. No entanto, desejava que essa atração a arrastasse por um caminho no qual ela nunca se tinha aventurado. «São só umas horas», justificou-se. Ao chegar a Paris, despedir-se-iam e não voltariam a ver-se. Essa certeza que, por um lado, a arrebatava para se conceder o prazer de se sentir desejada por esse homem magnífico, por outro, entristecia-a porque queria voltar a vê-lo. Ao mesmo tempo sabia que, se existisse a possibilidade de voltar a vê-lo, ela encarregar-se-ia de a eliminar.

- Vives em Paris?

Eliah, que se tinha retirado para o extremo esquerdo do seu lugar, aproximou-se com prontidão.

- Sim, vivo

- É uma cidade tão bonita como dizem?

Ele sorriu, e Matilde ficou com cócegas no estômago, ainda sensível. Seduziu-a aquele sorriso franco, quase inocente, que destoava num rosto que emanava experiência e cinismo. Esse sorriso seria pouco habitual? Estaria destinado só a algumas pessoas? Não tinha sorrido daquela forma à hospedeira. Durante horas mergulharam numa conversa sussurrada sobre Paris e o carácter dos franceses, que derivou na análise do temperamento peculiar dos argentinos, na excelente qualidade da sua carne de vaca, no costume de tomar chá-mate e na superioridade do doce de leite sobre a Nutella, com o qual Eliah não estava de acordo.

Eliah era espirituoso, e Matilde dissimulava o riso na pequena almofada sentindo-se leve de espírito; os problemas tinham desaparecido. Com o encosto reclinado, de lado, com as pernas encolhidas, apoiava a face esquerda no extremo do lugar, muito perto dele, tanto que se apercebia do perfume que Juana tinha sentido mal embarcaram. Foi percorrida por um arrepio, e Eliah passou-lhe a mão pelo braço nu antes de a tapar com uma manta.

- Trouxeste um casaco? Em Paris está muito frio nesta época.

- Sim, claro - disse, e levantou-se com a languidez de quem emerge de um sonho. - Venho já.

O que tinha quebrado o encanto? Que lhe tivesse tocado? «Merde!» Tinha passado a noite em branco quando precisava de descansar. Ao chegar a Paris, reunir-se-ia com Shiloah, que o atormentaria com perguntas e problemas. Esfregou a cara e esticou os braços e as pernas até ouvir as articulações a estalar. Não se arrependia, nem sequer tinha dado pelas horas a passar. Há muito tempo que não se sentia tão bem na companhia de uma mulher, que não experimentava aquela serenidade em relação ao sexo oposto. Apesar de a desejar, ela tornara o ambiente descontraído e ele não tinha de fingir nem de encarnar o papel de macho conquistador.

Matilde lavou a cara, secou-a e estudou a imagem que lhe devolvia o espelho da casa de banho. A péssima iluminação acentuava-lhe as olheiras e as faces magras, dando-

lhe um aspeto adoentado. «Foi com esta cara de morta que estive a falar com o Adónis?» Beliscou as bochechas, assegurou-se de não ter remelas e bocejou. Desfez os restos da trança e prendeu o cabelo solto atrás das orelhas. Porque é que tinha abandonado o seu lugar de forma tão intempestiva? Ele tocara-lhe. Pela segunda vez em poucas horas, primeiro tinha-lhe secado uma lágrima, depois tinha -lhe acariciado o braço. Fechou os olhos para tentar esquecer as imagens e os pensamentos que a atormentavam. Esforçou-se em vão para dominar a sua mente, que recriou a sensação da mão dele na sua pele. Inspirou com violência e apoiou os dedos no lavatório. Sacudiu a cabeça. Não, não devia gostar dele, não devia sentir nem desejar.

Abriu a porta desdobrável e encontrou-se com ele. Não sorria, só permanecia de pé, imóvel. A camaradagem de alguns minutos esfumara-se. A intensidade do seu olhar assustou-a -. Fez menção de voltar ao seu lugar mas ele impediu-a.

- Quero ouvir-te dizer o meu nome, Diz Eliah.

Evitara-o deliberadamente, nem uma vez os seus lábios se tinham traído, porque se pronunciasse o seu nome, ele adquiriria importância na sua vida.

-Eliah - disse com voz diáfana,

-Com licença! -,exclamou a hospedeira, enquanto as luzes inundavam o avião e os passageiros se espreguiçavam e murmuravam.

Al-Saud afastou-se, e a mulher adiantou-se com o carrinho que transportava o pequeno almoço. Matilde seguiu-a e sentou-se no lugar ao pé de Juana.

- O que se passa, Mat?

- Não perguntes, Fico aqui.

- Está bem, não pergunto.

Matilde fez um esforço para engolir o que lhe entregou a hospedeira. Juana tinha razão, não encontrariam nada para comer no apartamento da tia Enriqueta e, como era dia 1 de janeiro, não seria fácil encontrar uma mercearia ou um supermercado aberto.

- Talvez o Ezequiel nos tenha comprado provisões - calculou Juana.

- Talvez.

Eliah ouvia as frases de Juana sem perceber as respostas sussurradas de Matilde. Quem era Ezequiel? Os ciúmes combinados com a irritação e a falta de horas de sono formavam uma mistura explosiva que só os seus mais de quinze anos de treino na filosofia shorinji kempo lhe permitiram dominar. As técnicas de respiração serviram-lhe para relaxar os músculos e atingir um estado de meditação profunda. Quando o avião aterrou, Al Saud abriu os olhos e verificou que tinha recuperado o equilíbrio interior. Ela a conduzir-me até Blahetter», recordou-se. Ajudou-a a tirar a mochila do compartimento e, sem olhar para ela, disse-lhe:

- Veste um casaco. Está muito frio lá fora.

Pelo canto do olho viu-a enfiar um poncho preto e vermelho vivo e a calçar luvas a condizer.

- Eliah - disse Juana -, foi um prazer conhecer-te. Oxalá nos encontremos nas ruas de Paris! - Deu-lhe dois beijos e dirigiu-se para a porta do avião.

Matilde tentou segui-la, mas ele meteu-se no meio do corredor. Estendeu a mão e entregou-lhe um cartão pessoal.

- Caso precisas de qualquer coisa em Paris, qualquer coisa sublinhou -, liga-me para estes números.

Matilde ergueu o rosto. «É tão alto!», pensou e, num ato de valentia, contemplou-lhe os olhos sombrios e severos. Tremaram-lhe as mãos, e receou que a voz lhe saísse deformada e insegura.

- Obrigada, Eliah.

Ele inclinou-se e beijou-a no mesmo lugar, próximo da comissura do lábio esquerdo. Matilde inspirou a fragrância um pouco cediça depois de horas, e permitiu-se sentir o toque da sua pele áspera. Não afastou o rosto até que ele se separou dela.

- Adeus, Eliah.

Ele não respondeu. Minutos mais tarde, mal entrou na manga, encontrou o seu amigo Edmé de Florian, um agente da *Direction de la Surveillance du Territoire* (Direção da Vigilância do Território), o Serviço de Inteligência interno francês. Al-Saud telefonara-lhe de Ezeiza e, em código, porque não falava por uma linha segura, pediu-lhe que lhe poupasse os trâmites migratórios e fronteiriços. A SIG Sauer nove milímetros continuava debaixo do seu colete.

Cumprimentaram-se com um caloroso aperto de mão. Edmé aproveitava todas as oportunidades que surgiam para ajudar Eliah Al-Saud, embora soubesse que jamais poderia retribuir o gesto do seu antigo colega de L' Agence: ele salvara-lhe a vida em Mogadíscio, onde Edmé caíra inconsciente com uma bala no peito enquanto o seu grupo de comandos, liderado por Eliah, lutava para escapar de uma emboscada; tinham-no denunciado. Edmé de Florian não era um homem pequeno, media um metro e oitenta e quatro e pesava noventa quilos. No entanto, Al Saud pusera-o às costas, e corra durante um pouco mais de duas horas, sem esquecer os trinta quilos de equipamento.

O que estás a fazer aqui no De Gaulle? Aterras sempre os teus aviões no Le Bourget, - Edmé falava do aeroporto localizado a doze quilómetros a norte de Paris, destinado à aviação geral, ou seja, a aviões privados, táxis aéreos, ultraleves aviões de mercadoria com itinerários irregulares.

Al Saud explicou-lhe as circunstâncias do seu regresso a Paris, e Edmé lamentou os inconvenientes.

- Há uma razão para cada acontecimento - comentou Eliah e, de seguida, acrescentou: - Deixa-me fazer uma chamada antes de continuar. Afastou-se enquanto marcava o número de Medes, o seu motorista, que estaria à sua espera na entrada do aeroporto, como combinado. Como o homem era curdo do Iraque, Al-Saud falou-lhe em árabe: - Sou eu. De entre os passageiros do voo AF 417, localiza duas mulheres, uma alta, magra e morena. a outra, baixa, loira, de cabelo comprido, com um poncho preto. Segue-as e siga-me daqui a uma hora para o George V. - Desligou e juntou-se ao amigo.- Edmé, fiquei sem motorista. Diz-me onde posso alugar um carro.

- De forma alguma. Eu levo-te. Para onde vais?

- Para o George V .- PRONUNCIOU «sanc», cinco em francês.

Cumpridos os trâmites e recuperada a bagagem, Matilde e Juana saíram para uma zona onde avistaram Ezequiel Blahetter. Não havia muito movimento no aeroporto dado que se tratava do dia 1 de janeiro às oito da manhã.

- Negrinhal - Ezequiel levantou Juana e fê-la rodar pelo ar. - Estás linda, Negral

- Tu estás fantástico. Mais fantástico do que antes, se é possível. És um desperdício para o nosso género!

- Juana! - envergonhou-se Matilde e atraiu a atenção de Ezequiel, que a abraçou em silêncio, com os olhos fechados e um sorriso. Inclinou a cabeça e beijou-a no cocuruto. A altura de Matilde comovia o sempre; a sua delicadeza transmitia-lhe paz.

- Olá, Mat - cumprimentou-a, e passou-lhe o indicador pela face.

- Olá, Eze - respondeu ela; abraçou-se novamente a ele e afundou o rosto no seu casaco de couro. - Obrigada por nos teres vindo buscar tão cedo no primeiro dia do ano.

- E um prazer - garantiu. - Tu também estás muito bonita. Tens o cabelo tão comprido!

- Uf! - soprou Juana. - Já sabes que não o corta desde os dezasseis anos. Só me deixa cortar as pontas espigadas, não mais de um centímetro.

- Está bonito. Muitas modelos dariam a vida por este cabelo. Vamos? Tenho o carro no parque. Dá-me isso. - Tirou a mala a Matilde.

Os gritos de Juana fizeram ricochete nas paredes do terminal ao vislumbrar, em duas ocasiões, os anúncios com fotografias gigantes de Ezequiel, de um perfume da Davidoff e de cigarros Gauloises; em ambas se explorava a visão que os músculos do peito e dos braços do modelo compunham.

- Ah, essa cabra - resmungou Juana, e apontou para um anúncio do perfume Organza, da Givenchy, com a fotografia de uma modelo num vestido branco.

- Essa cabra - referiu Ezequiel - é a irmã da tua melhor amiga.

- A Matilde sabe que a Celia é uma cabra.

- Aqui diz-se chamar-se Céline. E digo-te já que, neste momento, é uma das topfive de Paris, Milão e Nova Iorque. Os costureiros mais prestigiados querem-na nas suas campanhas e passagens de modelos.

- A imbecil tinha logo de fazer publicidade ao meu perfume favorito.

- Se a tratares bem - conjeturou Ezequiel -, talvez consigas que te ofereça um frasco.

- Jamais! Prefiro usar o Upa la la da Mat. Ui, que frio! - queixou-se mal saíram para o exterior.

- Espero que o apartamento da tua tia Enriqueta tenha bom aquecimento, Mat - disse Ezequiel. - Não percebo porque é que não quiseste aceitar viver na minha casa durante estes meses. Acho que terias gostado mais do septième arrondissement do que do Quartier Latin.

- O septième quê? - perguntou Juana.

- O sétimo bairro - interveio Matilde. - É um dos mais luxuosos de Paris, onde está a Torre Eiffel.

Parece que estiveste a ler sobre Paris - comentou Ezequiel, e Matilde absteve-se de lhe confessar que o seu companheiro de viagem lho tinha explicado. O meu apartamento tem uma vista fantástica da torre. Se virmos que o da tua tia não está preparado para o inverno, vêm para a minha casa.

- Não queremos incomodar-te - expôs Matilde - nem alterar a tua vida com o Jean Paul.

- Também não vamos morrer de frio, Mat!

- Vamos ver em que condições está o apartamento da minha tia. Ela garantiu-me que estaríamos muito confortáveis.

O aquecimento do BMW 850i relaxou-lhes os músculos. Matilde, sentada na parte de trás, ia calada, a observar a paisagem, enquanto Juana se dedicava a admirar o tabliê do carro e a interrogar Ezequiel.

- Não me disse que tinhas um Porsche 911 turbo?

- Sim, tenho um Porsche 911 Turbo. Mas é demasiado desportivo para esta missão. Onde ia meter-vos com a bagagem no meu Porsche? Um amigo emprestou-me este BMW.

Com a atitude de uma criança que rouba chocolates do armário, Matilde tirou da shika o lenço de Eliah. Quisera devolver-lho; ele, pelo contrário, dissera-lhe: «É uma lembrança minha que quero que conserves.» Fixou a vista na seda branca, que se tornou muito brilhante e a cegou. Não se deu conta de que sorria enquanto o evocava. Eliah já fazia parte do passado. O encontro, embora intenso, tinha sido fugaz e fortuito. Porque é que pensava nele quando nunca mais o voltaria a ver? O que sabia sobre Eliah? Só o seu nome e que vivia em Paris. Lembrou-se do cartão pessoal e tirou-o do bolso das calças. Só dizia *Mercure S.A. Information and Security Services*; havia dois números. No meio destacava-se a figura do deus Mercúrio, caracterizado pelo pétaso de abas, as sandálias talares e o caduceu. Guardou o cartão na shika depois de meditar se convinha desfazer-se dele.

- Conseguiram dormir no avião?

- Nem cinco minutos - respondeu Juana. - A tua amiguinha de infância - com o polegar apontou para o banco de trás - esteve no paleio com uma brasa que tinha ao lado e conversaram toda a noite. Não consegui pregar olho.

Ezequiel contemplou Matilde através do espelho retrovisor. Arqueou uma sobrancelha e a comissura do lábio, um gesto que Matilde lhe conhecia bem e que a fez corar.

- Uma brasa, eh?

- Sim, um morenaço de olhos verdes que era uma maravilha. Alto como tu, Eze, talvez um pouco mais, bem magro, embora tivesse os mûs-culos firmes. Um rabo de fazer parar o trânsito e uma protuberância que quase me deixa vesga.

- Juana! Não tens limites!

- Desculpa, Santa Matilde de Assis! Além disso, Eze, usava o A Men, o novo perfume do Thierry Mugler. Conheces?

- Claro que sim. É espetacular.

- Então, imagine *all the people*... Semelhante homem com semelhante perfume.

Matilde mergulhou o nariz no lenço. «*A Men, do Thierry Mugler*», memorizou. Os seus olhos detiveram-se nas letras bordadas a azul. E, A e S, as iniciais de Eliah. A de Albert? De André? De Alexander? Qual seria o seu apelido? «Chega!»

Ezequiel anunciou-lhes que se aproximavam da rue Toullier, no Quar- tier Latin.

- Como é que o pronuncias? - quis saber Matilde.

- Cartié latán.

- Em que bairro estamos?

- No sixième arrondissement. No sexto - esclareceu.

- É pitoresco. Gosto.

- O apartamento da tua tia Enriqueta está a uns passos da *Sorbonne* e a poucos quarteirões dos Jardins e do Palácio do Luxemburgo.

Ezequiel, que conduzia pela rue Soufflot, virou à direita e entrou na Toullier, estreita e de um quarteirão, que não recebia luz solar àquela hora da manhã. Juana apontou para a cafetaria da esquina, Soufflot Café, mas ficou desanimada ao descobrir que estava fechada. Pararam no número nove. Não havia elevador no prédio, por isso Juana e Ezequiel ocuparam-se de levar as malas até ao segundo andar, e Matilde, os objetos menores. Ezequiel regressou ao BMW para ir buscar uma caixa com provisões.

O apartamento contava com dois quartos localizados nos extremos de um corredor onde também se encontrava a porta da casa de banho e de uma divisão que Enriqueta destinava ao seu atelier. Pela sala acedia-se à cozinha e à lavandaria. Ezequiel regressou com a caixa de provisões e parou no hall de entrada, onde assobiou.

- A tua tia deve estar a vender bem os quadros dela, Mat, porque este apartamento, garanto-te, custa uma fortuna. - Pousou a caixa na mesa da cozinha. - Não vão ter problemas com o aquecimento. Vejo aquecedores em todo o lado.

Estão quentinhos informou Juana. - Ficamos cá, Eze. Obrigada pela comida que nos trouxeste! - Pendurou-se-lhe ao pescoço e beijou-o na face.

Agradece ao Jean-Paul. Foi ideia dele.

Matilde afundou se no cadeirão da sala de estar e descansou a cabeça no encosto, os olhos lixos no teto falso, branco e com molduras de gesso.

Ouvia Juana trautear uma canção de Marta Sánchez na cozinha. *«Desesperada... porque nuestro amor es una esmeralda que un ladrón robó... Sí, sí,*

Ezequiel instalou-se ao pé de Matilde e puxou-a para o seu peito.

- Nunca teve bom gosto musical.

Matilde riu-se antes de admitir:

- Eu também não. Tive imensas saudades tuas, Eze.

- Não mais do que eu. Beijou-a na testa. - Quero tocar-te porque me trazes paz. Dás-me sempre serenidade, Mat.

Ezequiel Blahetter e Matilde eram da mesma idade, tinham frequentado o mesmo colégio e gostavam um do outro como irmãos. Com Juana, tinham formado um trio ao qual os outros chamavam «os três mosqueteiros». Ezequiel não confiava em ninguém como em Matilde, tanto que, aos dezassete anos, lhe revelou um grande segredo, que era homossexual, e chorou nos seus braços porque sabia que o avô Guillermo o repudiaria.

- Não sou a melhor pessoa para te dar paz nem serenidade nestes dias. Zanguei-me com o teu irmão em Ezeiza. Antes que me esqueça, mandou-te uma carta. Tenho-a na minha shika.

- Tenho vontade de matar o meu irmão por várias razões. As principais, pelo que te fez e por ter dito ao meu avô que sou homossexual. Ele ligou-me há umas semanas e disse-me tudo e mais alguma coisa, começando por me chamar depravado.

- De acordo com o que o Roy me contou, o teu avô ligou-lhe para confirmar o que já sabia. Exigiu-lhe que jurasse pela tua vida que não és gay. Obviamente, o Roy não pôde fazê-lo e admitiu a verdade.

- De certeza que foi o meu primo Guillermo. Faz os possíveis para pôr o meu avô contra mim. Planeia ficar com todo o império Blahetter.

- Pois que fique. Tu és feliz aqui. Tens uma carreira impressionante.

Aos dezoito anos, logo após ter terminado o secundário, Ezequiel, contra o desejo do avô, foi para Buenos Aires começar uma carreira de modelo publicitário. Aos vinte e dois, conheceu Jean-Paul Trégart, o dono da agência mais importante da Europa, que lhe demonstrou que o caminho a percorrer era longo. Mudou-se para Paris e trabalhou arduamente para alcançar o lugar que ocupava. Tal como Celia, ou Céline, Ezequiel Blahetter também pertencia à elite dos topfive.

- Sim, a minha carreira está no seu ponto máximo, mas às vezes preciso de ti e da Juana. Lembras-te de quando íamos à tua quinta, no Arroyo Seco? E montávamos a cavalo. Tenho saudades dos dias na Academia Arguello. Tenho saudades tuas, Mat. Muitas. Sempre,

- Vais faltar-te de mim nestes meses.

- Nunca me fartaria de ti. Fizeste exames antes de vir? - Matilde assentiu com um sorriso, e deu-lhe a entender que estava tudo bem. - Graças a Deus.

A viagem e a diferença horária começavam a afetar o ânimo de Matilde e de Juana. Esta já não cantava e Matilde tinha dificuldades em manter os olhos abertos.

- Deixo-as descansar. Estarei muito ocupado com desfiles e sessões fotográficas nestes dias, mas terei tempo para vos ver. Deixo-te aqui os meus telefones e a minha morada.

Deu-lhe um cartão pessoal que dizia: Ezequiel Blahetter. Mannequin. 29, Avenue Charles Floquet, troisième étage, e detalhava os telefones. Reconheceu a caligrafia do seu amigo, que tinha acrescentado na parte de baixo do cartão: «Quase na esquina com a avenue du Général Tripier:»

- Qualquer coisa, Mat, qualquer coisa, ligam-me. Sem problema, a qualquer hora.

A veemência de Ezequiel trouxe-lhe à memória a cena no avião. Suspirou.

- Tchau, Negral

- Tchau, Eze! - gritou da casa de banho. - Até breve.

- Acompanho-te até lá abaixo - disse Matilde, e abrigou-se com o poncho.

Abraçaram-se no passeio, e Ezequiel beijou-a na testa sem se aperceber de que, de um carro, lhes tiravam fotografias.

- Agradece ao Jean-Paul da minha parte por nos ter mandado os mantimentos.

- Quer conhecer-te. Disse-me que vai organizar uma festa em tua honra.

Matilde levou as mãos ao peito e pestanejou.

Que honra!

Precisam de dinheiro? Posso dar-te até trocares, liouxomos uns francos. Suponho que amanhã, que é sexta-feira, as casas de câmbio e os bancos abrirão, não?

Sim, sim. amanhã é um dia de atividade normal

Despediram-se, Ezequiel entrou no BMW e leu a carta de Roy, "irmão, a Matilde vai para Paris, para longe de mim, deixo-la, cuida dela e mantém os lobos ferozes afastados. Não é preciso explicart-te o que ela significa para mim. Cometi um erro colossal, eu sei, c suponho que ela. como sempre, já te contou. De qualquer forma, vou recuperá-la. É a minha vida. Espero ver-te em breve porque (não comentes isto com a Matilde) é provável que me desloque a Paris dentro de umas semanas. Um abraço. Roy.

Ligou o carro e conduziu até à rue Cujas, a que dá a volta pela Sorbonne. Um lampejo no espelho retrovisor cegou-o por um instante, e deduziu que se tratava do flash de um turista que fotografava a fachada lateral da universidade.

Vladimir Chevrnikov, que tinha sobrevivido cinco anos na prisão de Lefortovo, nos arredores de Moscovo, pensou que não sobreviveria à ressaca, consequência dos excessos da noite anterior. A campainha, que não parava de tocar, acabaria por confirmar o seu prognóstico.

- Quem é?

- Eu. O Medes.

Abriu e deixou entrar o motorista de Al-Saud.

- Que raios queres a esta maldita hora da manhã no dia 1 de janeiro?

- Preciso que reveles umas fotografias. O chefe precisa delas com urgência.

Vladimir murmurou insultos em russo antes de acrescentar:

- Vou preparar café.

Medes caminhou até ao interior do apartamento e entrou no atelier de Chevrnikov. Como de costume, ficou um momento a admirar os instrumentos, os líquidos, as tintas e colas, os selos e restantes elementos dos quais Vladimir se servia para falsificar todo o tipo de documentos. A divisão contígua, fechada a sete chaves, sem janelas e com a temperatura e a humidade controladas, albergava matrizes e os originais da maioria dos passaportes existentes. Medes suspeitava de que, entre as matrizes, haveria algumas para fabricar notas.

Durante os anos da Guerra Fria, ninguém tinha superado a mestria de Chevrnikov como falsificador dentro do KGB, o Serviço Secreto da União Soviética. Atualmente, dizia-se que era o melhor falsificador do mundo. Tinha um talento especial para copiar e, sobretudo, para detectar as armadilhas que os organismos e instituições colocavam nos documentos. Era ele próprio que fabricava o papel, para a o qual precisava do documento original, e estudava a sua composição ao microscópio. Os governos tinham medo dele já que uma invasão de moeda falsa, obra de Chevrnikov, teria sido difícil de descobrir.

Vladimir acabou na prisão de Lefortovo depois de uma amante despeitada ter denunciado que ele vendia passaportes falsos a desertores russos. O KGB interrogou-o até que ficou persuadido de que trabalhava sozinho e não para a CIA nem para o SIS (Secret Intelligence Service), o Serviço de Inteligência britânico. Medes sabia que Chevrnikov coxeava porque, em consequência das torturas, lhe faltavam dois dedos do pé direito. Também sabia que Al-Saud lhe pagava uma fortuna para trabalhar só para ele, para além de o ter convertido em sócio da Mercure S.A. ao dar -lhe uma pequena percentagem das ações. Essa categoria, a de detentor de ações da empresa de Al-Saud, convertia-o em membro de um grupo seletivo no qual «o chefe» depositava a sua confiança.

- Não toques em nada - avisou-o Vladimir, e passou-lhe uma chávena de café.

- Tenho de ligar ao chefe. Vou usar o teu telefone.

- Para onde vais ligar? Para o George V? - Medes assentiu. - Não o faças. Hoje, por ser feriado - enfatizou -, o Peter não se deve ter apresentado para limpar os quartos.

Peter Ramsay, ex-membro da unidade de rastreio do SIS, conhecida como «O Destacamento», também fazia parte do grupo variado e seletivo do chefe. Ocupava-se em manter os escritórios da Mercure S.A., bem como as propriedades, aviões e carros de Al-Saud e dos restantes sócios e empregados livres de microfones e outra tecnologia utilizada para o roubo de informação. Era sigiloso por natureza e, tal como descobria microfones, também os colocava, tirava fotografias a partir de grandes distâncias e executava tarefas de escuta e de vigilância durante dias sem levantar suspeitas. Tinha cimentado uma sólida amizade com Alaman Al-Saud, irmão de Eliah e engenheiro eletrónico, que lhes fornecia a tecnologia de ponta.

O chefe disse-me para lhe ligar para o George V. Ele próprio limpará o local imaginou Medes. Como se chama o teu amigo, o inspetor da 36 *Quai des Orfèvres*? Medes releria-se à *Direction Régionale de la Police Judiciaire*, mais conhecida pela sua morada.

O inspetor Oliver Dussollier, da Brigada Criminal. O que é que queres dele?

- Preciso que investigue a quem pertence um veículo. Obteremos a matrícula ao revelar as fotografias.

Al-Saud atravessou a porta principal do Hotel George V e dirigiu-se à recepção. Se não tivesse sido criado num ambiente sumptuoso e se não percorresse esse lugar quase diariamente, talvez a magnificência da divisão o tivesse pasmado. Passou ao lado e não prestou atenção aos jarrões de Sèvres com peónias recém-chegadas da China, nem às estátuas de mármore, nem ao brilho do chão, nem às molduras nos tetos falsos, nem aos imensos candeeiros com lágrimas de cristal de rocha, nem aos frescos nas paredes, nem à imponente gobelina pendurada atrás do balcão da recepção. A recepcionista lançou-lhe um olhar de apreciação, atraída pelo seu ar abstraído, com o olhar no chão, uma mão no bolso das calças, que mantinha a parte lateral do casaco levantada, e a outra na pega da pequena mala com rodas. Não usava sobretudo, apesar de se tratar de uma manhã gélida. Há dias que não o via, e a emoção levou-a a levantar a voz, algo imperdoável num hotel dessa categoria.

- Bonjour, monsieur Al-Saud! - Acompanhou o cumprimento com um aceno de mão.

Eliah sorriu e aproximou-se do balcão.

- *Bonjour, Évanie. Ça va?*

- *Ça va bien, monsieur.* - Évanie sublinhava sempre o monsieur à espera que Al-Saud lhe sugerisse que o tratasse por tu, algo que nunca acontecia. Educado e cortês, mantinha as distâncias. O seu temperamento reservado contrastava com os modos expansivos do seu irmão Alaman. Da mesma forma, Eliah era mais simpático do que o mais velho dos Al-Saud, Shariar, proprietário do George V, a quem todos temiam. Na realidade, Shariar era dono da empresa construtora *Kingdom Holding Company*, que três anos antes adquirira o famoso e antigo hotel parisiense em decadência e, depois de investir trezentos milhões de dólares, devolvera-o ao lugar que merecia.

Monsieur Eliah Al-Saud alugava duas suítes do hotel no último andar, o oitavo, onde funcionavam os escritórios da sua empresa, a Mercure S.A. embora o centro nevralgico se encontrasse na cave da sua casa na avenue Elisée Reclus, O George V não se ocupava da limpeza nem da de tais divisões, e os empregados procuravam manter-se afastados delas.

NUMA noite, o canalizador do hotel aventurou-se numa das casas de banho das suítes de monsieur Eliah para reparar uma fuga que inundava o sétimo andar, e acabou com o cano de uma Browning High Power encostado à nuca. Anthony Hill, conhecido como Tony, o sócio mais importante da Mercure S.A. a seguir a Al-Saud, tinha levado um certo tempo a convencer-se de que o homem balbuciente e choroso era o canalizador do George V. No dia seguinte, trocaram-se as fechaduras, e nem a chave-mestra do chefe de manutenção pôde franquear as portas das suítes da Mercure S.A.

- *Bonne année, monsieur.*

- *Bonne année à toi, Évanie.* Alguma mensagem?

- Nada, senhor. A sua mãe, madame Francesca, esteve aqui ontem. Veio acompanhada do seu irmão, monsieur Shariar. Disse-me que acabava de chegar de Jeddah para passar o Ano Novo com os senhores.

- O senhor Shiloah Moses já está hospedado?

- Ainda não. Esperamo-lo a qualquer momento.

- Merci.

Encontrou um silêncio pouco frequente nas divisões do oitavo andar. Geralmente, os telefones tocavam, as suas secretárias moviam-se com prontidão para enviarem faxes, tirarem fotocópias, prepararem pastas, os seus homens entravam e saíam conforme eram convocados e destinados a diversas missões, e recebia-se os clientes. Olhou para as horas. Nove e meia da manhã. O seu Rolex Submariner trouxe-lhe boas recordações e riu-se com um pouco de nostalgia. Decidiu tomar um banho. Shiloah Moses não chegaria antes das dez e meia.

Um pouco mais tarde, com uma toalha à volta da cintura, entrou na sala, dirigiu-se a uma das janelas que davam para o jardim interior do hotel, e ficou ali, a olhar para a fonte, enquanto secava o cabelo com movimentos enérgicos para relaxar o couro cabeludo. O que estaria a fazer Matilde? O toque do telefone quebrou o silêncio.

- Sou eu, chefe. O Medes.

- Onde estás?

- Em casa do Vladimir, a revelar umas fotografias.

Tens a localização delas? Medes respondeu que sim. - Acaba o que estás a fazer e vem ao George V.

Virou-se para regressar à casa de banho e o seu olhar deteve-se no óleo pendurado sobre a lareira; o retrato de Jacques Méchin, de quem ele tinha gostado como de um avô. O seu avo paterno, o fundador do reino saudita, tinha morrido antes de ele nascer, e o seu avô materno não o era na verdade. Alfredo Visconti, marido da sua avó Antonina, gostava de Francesca como de uma filha e, consequentemente dos filhos dela como dos seus netos. Eliah sentia um grande afeto pelo velho italiano e recordava com carinho os verões passados na Villa Visconti no Vale de Aosta, no Norte de Itália; ainda desfrutava da sua companhia e da sua conversa cultivada. No entanto, tinha adorado Jacques Méchin. Ainda lhe doía a sua ausência. Antes de morrer, Jacques escolhera-o como herdeiro dos seus bens, incluindo a casa que durante gerações tinha pertencido aos Méchin na exclusiva avenue Elisée Reclus, na esquina com a rue Maréchal Harispe, e uma quinta nos arredores de Rouen, onde Eliah se dedicava à criação de cavalos frísios.

Shiloah Moses apresentou-se às dez e meia, fresco e sorridente como de costume. Cumprimentaram-se com um abraço. Shiloah afastou-se, observou o seu amigo e comentou:

- Monfrère, estás sempre em ótima forma. - Disse-o em inglês, a língua que tinham aprendido no colégio bilingue onde se conheceram.

Al-Saud, que vestia uma T-shirt de algodão branca Ralph Lauren, de decote em V, uns jeans azul-escuros e ténis Hogan verde-azeitona, apresentava um aspeto juvenil e descontraído.

- Eu, pelo contrário - disse Shiloah -, cada dia me pareço mais com o meu pai, e não é só pela calvície evidente. - Deu umas palmadas na barriga. - Mas pareces-me cansado. Não dormiste bem?

- Não dormi nada - confirmou Eliah. - Diz-me, deram-te o quarto seis zero quatro? - Moses assentiu. - O Peter Ramsay já tratou de instalar as contramedidas eletrônicas para que possas falar livremente. Não podemos garanti-lo noutra setor do hotel.

- Por amor de Deus, Eliah! Estamos no hotel do teu irmão.

- O meu irmão não pode pôr as mãos no fogo por cada empregado que contrata nem por cada pessoa que entra. Embora verifiquemos os seus antecedentes ao pormenor, sabes que podem ser falsos. Tu, meu querido amigo, desde que decidiste dedicar-te à política em Israel e desde que essa história do Estado binacional se meteu na tua cabeça, enfrentaste alguns peixes graúdos, começando pela Mossad, tornando-nos a tarefa de te proteger as costas cada vez mais difícil. Para isso que lhes pago uma fortuna referiu Shiloah, e riu se até que pôs a mão no ombro de Eliah. - Amigo, é bom Voltar a ver-te.

Shiloah Moses e Eliah Al-Saud conheciam-se desde a época do jardim de infância e, juntamente com Sabir Al-Muzara, tinham estreitado laços de amizade que perduravam ao longo do tempo e de várias tempestades. Em crianças, não se davam conta do insólito trio que formavam: o filho do presidente da Federação Sionista de França, o de um príncipe saudita e o de um exilado palestino. Às vezes, o trio ampliava-se, e os irmãos de Eliah, Shariar e Alaman, e o irmão mais velho de Sabir, Anuar, juntavam-se para brincar ou planejar travessuras. Normalmente reuniam-se em casa dos Moses já que Gérard, irmão de Shiloah, não a podia abandonar pois sofria de uma doença congénita que o impedia de apanhar sol.

Eliah e Shiloah dirigiram-se à pequena cozinha para fazerem café.

- Porque é que estás aqui e não na tua casa? Lá poderíamos beber o excelente café da Colômbia que prepara a boa da Leila.

- Como estás aqui hospedado, pensei que seria mais cómodo para ti. Porquê a urgência de nos vermos hoje, dia 1 de janeiro? - quis saber Al-Saud.

- Dentro de poucas semanas começa a convenção para a questão do Estado binacional e já não terei paz para conversar contigo. Queria fazê-lo hoje, sem que os telefones tocassem nem que houvesse interrupções.

Al-Saud informou-o sobre as medidas de segurança que a Mercure tomaria durante os dias em que a convenção decorresse no salão do Hotel George V. Na sua opinião, nada podia ser considerado exagerado se o barril de pólvora que era o Médio Oriente se transferia para a avenue George V de Paris.

Bateram à porta.

- Ainda bem que não temos interrupções - lamentou-se Shiloah.

- Ê o Medes - disse Eliah. - Deixa-me falar um segundo com ele.

Medes cumprimentou Shiloah de longe e seguiu o seu chefe até ao escritório. Falaram à porta fechada.

- Mostra-me as fotos.

Medes estendeu lhas em cima da secretária e, enquanto Eliah as analisava com lentidão, descrevia lhe o percurso das pessoas que o tinha encarregado de vigiar.

- Averuguaste de quem é o BMW?

- O Vladimir falou com o amigo da 36 Ouai des Ortèvres.- Tirou um papel do bolso da camisa e leu-o: Chama-se René Râoul Sampler.

Al-Saud ligou o computador e, enquanto os programas carregavam, voltou às fotografias. Quem era René Sampler que abraçava, acariciava e beijava Matilde daquela forma? Na sua opinião, havia mais do que carinho nos olhares que trocavam, havia amor.

- Volta à rue Toullier e fica de guarda dia e noite. Quero que fixes a tua atenção na rapariga loira. Segue-a para onde quer que vá. Podes fazer turnos com a Diana. Podes ir. Há café acabado de fazer na cozinha se te apetecer.

Introduziu o nome do proprietário do automóvel. Tratava-se de um modelo publicitário da agência Jean-Paul Trégart. Vinte e cinco anos, de Estrasburgo, sem antecedentes criminais. A fotografia que o sistema lhe mostrava não era boa. Cerrou os punhos. Seriam amantes? Porque lhe era intolerável? Levantou-se com tal ímpeto que a cadeira com rodas bateu contra a parede. Voltou para a sala e sentou-se no cadeirão em frente a Shiloah Moses.

- Que cara! Algum problema?

- Nenhum. Dizia-te que o Tony se ocupará de coordenar uma barreira de segurança com o nosso pessoal que rodeará o hotel. Ninguém entrará nem sairá sem ser revistado e sem passar pelos detetores de metais que o Alaman vai colocar nas entradas. Preciso que me passes uma lista dos teus convidados que se hospedarão no George V.

- Nem todos podem fazê-lo. Os mais pobres ficarão em hotéis baratos.

O telemóvel de Eliah tocou.

- Allô?

- Filho, sou eu - disse Francesca Al-Saud, em espanhol.

- Olá, mãe. Quando é que chegaram?

- Há três dias. Como estás, querido?

- Bem.

Francesca Al-Saud jurava que Deus tinha sido mais do que generoso com ela. Não lhe pedia nada para si, só saúde e felicidade para os filhos, em especial para Eliah que, desde há alguns anos, andava pela vida com o coração destruído.

- O Alaman disse-nos que tinhas ido à Argentina. Por causa dos teus cavalos?

- Sim. Como está o pai?

Muito bem. Está aqui, ao meu lado. Manda-te cumprimentos, Estou com o Shiloah. Ele Também te manda cumprimentos

- Ah, o Shiloah! Passa-mo.

Shiloah adorava madame Francesca, que sempre o tinha recebido com carinho na sua casa da avenue Foch, em Paris, onde se respirava uma harmonia inexistente no seu lar. Tinham-no convidado várias vezes para ir à Villa Visconti, no Norte de Itália, e até, numa ocasião, para ir à fazenda em Jeddah. Ninguém podia imaginar que o amigo dos filhos do príncipe Kamal, que ousava pisar a terra sagrada do Islão, era filho de um dos sionistas mais poderosos do mundo, Gérard Moses.

Shiloah desligou o telefone e riu-se perante a expressão de Eliah. Este tinha muitas dificuldades em compreender a fonte inextinguível do bom humor do seu amigo, que três anos antes tinha visto a mulher voar pelos ares, vítima de um atentado suicida do grupo palestino Hamas, numa pizaria de Telavive. Moses estava vivo porque minutos antes da explosão tinha ido à casa de banho.

- A minha mãe não queria continuar a falar comigo?

- Não. Só me disse que nos espera aos dois na casa da avenue Foch para almoçar. Todos os teus irmãos confirmaram que vão. A tua tia Fátima e a família chegaram ontem de Riade e também estarão presentes. Tal como a tua Sofia e o teu tio Nando.

-Voltemos ao nosso assunto, Shiloah. Quero terminar quanto antes. Cada participante da convenção terá uma credencial com um chip que conterà toda a informação sobre essa pessoa. Não poderão entrar sem essa credencial. Todos os dias, antes de começarmos as conversações, a sala será limpa de microfones e outros objetos.

- Quanto me custará tudo isto?

- Nada *barato, mon frère*. Tu quiseste armar este circo, agora tens de o sustentar.

- É o lançamento da minha carreira política. O nascimento do meu partido político. Sabes como lhe chamei? Tsabar.

- Esclarece me. Sabes que o meu hebraico é limitado.

Isiibar significa *cato opuntia*. De facto, o símbolo do meu partido é a silhueta dessa planta. É uma alusão figurada à tenacidade e ao carácter espinhoso do cacto, que sobrevive no deserto e que esconde um interior tenro e um sabor doce, sim! - Exclamou, Os gastos que terei de suportar vão valer a pena

Al Salud fitou-o.

- Porque é que o fazes, Shiloah ?

- Se o Takumi sensei estivesse aqui dir-te ia que o faço porque não posso controlar o Cavalo de Fogo que há em mim. Adoro os desafios e as coisas impossíveis. Nada me motiva mais. - De repente, a sua expressão adquiriu sobriedade. - Faço-o por tantas razões, *mon frère*, mas sobretudo faço-o por ela, pela minha Mariam. Morrer assim, às mãos da sua própria gente... Isto não pode continuar. Alguém tem de fazer alguma coisa.

A mulher de Shiloah Moses, embora tivesse nacionalidade francesa, era proveniente de uma família palestina que, depois da guerra de 1948, se refugiou em Paris sob a asa protetora de uns parentes ricos. Shiloah conhecera-a em casa dos Al-Saud, já que Mariam era uma das melhores amigas de Yasmin. Apesar da oposição de ambas as famílias, Shiloah e Mariam defenderam a sua relação. Julgou-se que o idílio terminaria quando Shiloah partiu para Israel aos dezoito anos para se alistar no Tsahal, o Exército israelita. Os anos passavam, e Shiloah Moses ainda mandava cartas e presentes a Mariam, que lhe jurava fidelidade.

- Não te permitirão avançar com o teu projeto político, Shiloah.

- Oh, há muitos como eu. A Paz Agora, o Comité Israelita Contra a Demolição, a Lista Progressista pela Paz, a Associação de Jovens Palestinos pela Paz, etc. Eles podem existir. Porque é que eu não?

- Tu tens um grande poder económico e és uma personalidade pública no teu país. Não és como os outros, gente de esquerda com boas intenções e sem poder. A tua defesa da ecologia trouxe-te o respeito e o carinho de muitos setores.

- E é isso que vou aproveitar para levar as minhas ideias de unidade ao Knesset. - Assim chamam os israelitas ao seu parlamento.

- Shiloah, se queres tanto reverter a situação e lutar pela paz, porque é que não apoias a OLP - Eliah referia-se ao partido de Yasser Arafat, Organização para a Libertação da Palestina - e a sua ideia de criar um Estado palestino?

Moses abriu uma pasta que havia colocado na mesa situada entre os cadeirões e de onde tirou um mapa da Cisjordânia.

- Olha para isto, Eliah. Tens aqui os colonatos israelitas e estas são as cidades palestinas. Podes verificar aqui como a população palestina ficou presa em ilhas. Em enclaves! Os colonatos israelitas contam, não só com a proteção que lhes dá o Tsahal, mas também com um sistema de estradas (estradas que não podem ser usadas pelos palestinos) que os ligam a Israel. E agora fala-se em construir um muro à volta dos territórios palestinos! Então, achas mesmo que é possível a existência de um Estado palestino? E preciso trabalhar pela ideia de um Estado único porque os colonatos não vão desaparecer e, consequentemente, a violência não vai parar.

- Shiloah, tu és sionista. De que é que estás a falar?

- Sim, sou, mas acho que o sionismo já atingiu a sua meta, um Estado judeu. Chegou o momento de conviver com os árabes. Durante séculos, nós e eles vivemos em paz. Já não quero mais párias, como na época do nazismo na Alemanha.

- Porque é que dizes que os colonos israelitas nunca abandonarão a Cisjordânia?

- Pelos recursos, *mon frère*, sobretudo pela água. A água é o mais importante no meu país. Oitenta por cento da água que se obtém na Cisjordânia vai para a Israel. E a água é vida.

- Então os Acordos de Oslo são um engano.

- O Sabir avisou-te em 1993, quando esses acordos foram assinados.

Al-Saud apoiou os cotovelos nos joelhos e segurou a cabeça com as mãos. Tratava-se de uma questão complicada.

- A tua ideia é uma utopia - sentenciou por fim.

- Não, não é - refutou Shiloah. - Qualquer coisa é possível, e magoa-me que sejas tu, entre todas as pessoas a dizer-me que algo é impossível. Tu, que fazes o que te apetece e que o consegues. Sempre, contra qualquer vontade.

- Esse assunto tem demasiadas arestas. Só estou a analisar os possíveis problemas que terás de enfrentar com os partidos e os centros de poder israelitas, sem contar com as opiniões da OLP, do Hamas e da Jihad Islâmica, e já sinto que me ultrapassa. Se acrescentarmos os Estados Unidos à mistura, o panorama torna-se ainda mais negro.

Passo a passo. Pouco a pouco.

Além disso, no teu jornal - Eliah falava do Últimas Notícias - criticaste sempre a Mossad por não aparecer na Lei de Orçamento Anual e por gozar de impunidade. Meteste a mão no ninho de vespas ao dizer que deveria ser objeto de controle por parte de uma comissão do Knesset. Agora estão contra ti. E com eles não se brinca, aviso- te já.

-Ah, mas é para isso que te tenho! Para que me protejas.

-Já te avisei de que estás a tornar tudo muito difícil, *mon frère* - diz-me, Shiloah -o tom de voz de Al Saud silenciou o riso de Moses- , o que é que sabes sobre o Instituto de investigações Biológicas de Israel?

- Não muito. Posso dizer-te que os residentes de Ness-Ziona, a cidade onde está instalado, manifestaram o seu medo pelos produtos que ali se fabricam. Nos últimos anos, morreram seis funcionários em condições não muito claras, provavelmente como resultado da manipulação de substâncias altamente tóxicas.

O som do telemóvel interrompeu o diálogo. Al-Saud verificou quem lhe ligava antes de atender. Céline. Baixou a tampa e desligou o telemóvel.

- Atende - incentivou Moses. - Não te preocupes comigo.

- Não é nada de importante. Diz-me, Shiloah, lembras-te do acidente aéreo de Bijlmer? - Pronunciou corretamente, «beilmer».

- O avião de carga que embateu contra um prédio em Amsterdã?

- Al-Saud assentiu. - Foi um grande escândalo para a El Al.

- Estamos a tentar averiguar o que transportava o Jumbo da El Al.

- A Mercure está a investigar? - surpreendeu-se Moses. - Porque é que a Mercure se dedicaria a isso?

- Eu, o Tony e o Mike - Eliah referia-se a outro dos seus sócios, Michael Thorton - estamos a alargar a esfera de negócios. Com a resolução da ONU que condena o uso de forças mercenárias, não nos deixa-rão em paz. Decidimos diversificar.

- Oh, os mercenários nunca vão deixar de existir!

- Eu sei, mas a procura dos nossos serviços poderia diminuir, e nós temos uma estrutura de custos fixos muito alta. Precisamos de lucros permanentes. Por isso abrimos a outros negócios, como as investigações de alto risco e os serviços de proteção económica e industrial. Já sabes que a espionagem industrial e económica é moeda corrente. Em relação ao acidente de Bijlmer, o que estamos a descobrir talvez seja útil para a tua campanha política.

- Interessa-me. Sou todo ouvidos.

- Fomos contratados por duas companhias de seguros, as mais importantes da Holanda, que devem fazer frente aos custos materiais e de vidas humanas provocados pelo acidente. Elas querem saber o que continha o avião da El Al. O Mike conversou com vários dos moradores de Bijlmer que garantem ter visto quatro ou cinco pessoas vestidas como astronautas no meio do caos pouco depois do acidente. As estatísticas dos hospitais da zona revelam que problemas de saúde entre os habitantes de Bijlmer aumentaram desde o acidente

- Isso não é indício de nada.

- É, se as pessoas apresentam os mesmos sintomas, que vão desde problemas de pele até um tipo de cancro pouco comum. Embora se saiba o que causou o acidente, até agora não se descobriu o que transportava o avião de carga. As autoridades holandesas e israelitas não se mostraram solícitas no momento de entregar os documentos de frete, o que levantou suspeitas.

- Um grande amigo meu é administrador da El Al. Ele também não gosta muito das manobras do governo. Vou perguntar-lhe, tentarei averiguar.

- Poderia ser-nos muito útil. Da viagem do Mike a Amsterdã obtivemos dois dados interessantes. Primeiro, um funcionário do Departamento de Operações de Carga de Amsterdã-Schiphol garante que no voo 2681 ia um quarto homem. Sempre se falou de que só viajava a tripulação: o piloto, o copiloto e o engenheiro de voo. No entanto, este homem garante que viu um quarto. Quem é ele? Porque é que a sua presença não foi declarada? Segundo, este mesmo funcionário, que verificou a carga, estava acostumado a ver nela etiquetas que diziam «Danger». Sabia que era material bélico. Este homem garante que, enquanto introduziam as caixas na câmara de pressão para detonar qualquer bomba, reparou numa etiqueta que não tinha visto antes. Dizia, junto à de «Danger»: Química Blahetter S.A. Proveniência: Córdova-Argentina - expressou-o em espanhol e depois traduziu para francês. - Chamou-lhe a atenção que estivesse em espanhol, uma língua que ele mal falava. Estamos a seguir esta pista. Chegaremos ao fundo e expô-lo-emos na comunicação social. Não serão apenas as companhias de seguros a ganhar com esta investigação. Sem dúvida, terás mais possibilidades nas eleições depois de um escândalo desta magnitude.

Shiloah ouvia o discurso de Al-Saud com o olhar fixo no chão e uma mão no queixo.

-Estou a pensar de que forma vou preparar o terreno para aproveitar o impacto desta notícia. O que achas que havia no avião da El Al?

- O Mike acha que se trata de compostos para produzir armas químicas, os chamados agentes nervosos, como o gás sarin, o tabun, o soman e outros, todos desenvolvidos pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial.

- O que o leva a suspeitar disso?

- Uma conversa muito interessante que teve com o controlador aéreo em função no momento da decolagem do voo 2681. Este tipo garante que, assim que o piloto informou que não podia estabilizar o avião para a aterragem de emergência e que o avião parecia condenado, pediu-lhe em reiteradas ocasiões desde a torre de Amsterdã-Schiphol que tentasse uma aterragem em direção ao lago Issel. Porque é que um piloto, veterano da Força Aérea Israelita, com vinte e cinco mil horas de voo, não conseguiria dirigir o avião para o lago? - Al-Saud respondeu-se a si próprio: - Porque queria evitar a água a todo o custo, embora isso significasse cair numa zona densamente povoada. Um especialista em armas químicas explicou ao Mike que o metilfosforato de dimetilo e o cloreto de tionila, ambos componentes do sarin, reagem furiosamente ao contacto com a água. Se o avião tivesse acabado no Issel, a catástrofe teria adquirido proporções inimagináveis. Julgo que o piloto fez o que tinha de fazer e salvou a população de Amsterdã.

- Como é que o piloto sabia que o dimetilo... o que quer que seja, e o cloreto não sei quantos reagem de maneira letal com a água? Esta não é uma informação que qualquer mortal conheça.

- Ou o piloto estava avisado da carga que transportava e dos perigos que envolvia, o que julgo improvável, ou o quarto homem teve um papel importante na decisão de aterrar sobre Bijlmer.

- Estes químicos poderiam ser utilizados noutros processos que não se relacionem com o desenvolvimento de armas químicas? Em inseticidas, fertilizantes, medicamentos?

- De acordo com a Convenção sobre as Armas Químicas da ONU, o cloreto de tionila encontra-se tipificado na tabela três, ou seja, na que enumera os químicos usados para o fabrico de armas como também de outros produtos da indústria legítima, por isso a sua comercialização está controlada e é restrita. O metilfosforato de dimetilo, pelo contrário, encontra-se na tabela dois, onde classificam os elementos essenciais para a produção de armas químicas e que não se usam em grandes quantidades para propósitos civis. Consequentemente, a sua comercialização está proibida.

- Até ao momento, o meu país não ratificou o acordo da Convenção sobre Armas Químicas, pois não?

- Não, não o fizeram.

Poderiam alegar - disse Moses- que precisavam desses produtos para fabricarem pequenas amostras de gases letais, de forma a conhecerem o comportamento dos mesmos e a desenvolverem antídotos em caso de um ataque por parte dos nossos inimigos, já sabes que, durante a guerra do Golfo, o grande receio era a possível utilização de armas químicas por parte do Saddam. Todos andávamos com as máscaras às costas e mandámos selar um quarto onde passaríamos o tempo enquanto durasse o ataque.

Al-Saud pensou que ninguém como ele conhecia os perigos que se correram durante essa guerra. Em cada missão que tinha levado a cabo, a máscara de gás juntou-se ao complexo equipamento de aviador NBC (Nuclear Biological and Chemical Defence - Defesa Nuclear Biológica e Química).

- É uma justificação plausível - admitiu. - Israel, desde a sua criação em 1948, sempre esteve rodeado de inimigos dispostos a apagá-lo da face da Terra. Tem direito a saber com que armas lhe calha lidar. No entanto, há coisas que não encaixam. Se a

situação é a que descreves, porque não admili-lo? Dir-te-ei porquê. Devido às quantidades transportadas. Uma coisa é transportar quantidades para amostras de estudo e análise, e outra para fabricar armas em grande escala.

Telavive defende que a construção de bombas atômicas por parte de Israel é uma decisão estratégica para dissuadir os nossos inimigos. Não pensamos usá-las. Devem ter a mesma postura em relação às armas químicas. É evidente que é mais seguro que as armas nucleares e químicas estejam nas mãos de Israel do que de um psicopata como o Saddam Hussein. No entanto, dissuasória ou não, a produção dessas armas viola uma grande quantidade de acordos e convenções internacionais, e tu podes tirar vantagem disso. - Depois de uma pausa, Al-Saud continuou: - Se chegarmos a descobrir o que havia no avião de carga da El Al, isso não deve ser publicado no Últimas Notícias, já que perderia credibilidade.

- Sim, sim, tens razão. Procuraremos outro meio.

- Um jornal holandês seria o melhor. Quando poderás comunicar com o teu amigo, o administrador da El Al? Tenho pressa em descobrir a identidade do quarto homem.

-Fá-lo-ei amanhã mesmo. -Shiloah levantou-se e tocou na barriga.

-Esta conversa abriu-me o apetite. O que me lembra que temos um convite para almoçar em casa dos teus pais, onde a comida é sempre ótima.

- Vamos na limousine do hotel ?

-Não, Vou mandar trazer o meu carro,

Al Saud ligou para o seu homem de confiança na garagem do hotel e ordenou-lhe que levasse o Aston Martin para a entrada principal dentro de cinco minutos. Vestiu um blusão curto do couro preto e compôs a gola de lã antes de abandonar a suíte. A caminho da saída e enquanto conversava com Moses, Al-Saud ia olhando em volta, detetando mudanças, ouvindo os sons, sempre em busca de algum sinal que fizesse soar o seu alarme interior. Depois do severo treino imposto para entrar em *L' Agence*, esse comportamento passara a ser tão natural como respirar. Nunca entrava numa divisão sem memorizar a disposição dos móveis, a fisionomia das pessoas, as suas roupas e atitudes, se as janelas e as portas estavam abertas ou fechadas, se o relógio marcava a hora correta e se o homem sentado no canto simulava ler o jornal. Tratava-se de eliminar o efeito surpresa. O seu instrutor tinha-lhes assegurado: «Se não o veem chegar, então são homens mortos.»

Atravessaram a receção. Shiloah comentava a excelente remodelação que Shariar tinha levado a cabo no lendário hotel parisiense. Cruzaram a entrada principal de vidro e ferro forjado no momento em que o carro desportivo inglês estacionava na avenue George V. Al-Saud reparou em tudo ao mesmo tempo: o assobio de admiração de Moses perante a visão do Aston Martin DB7 Volante e o olhar que o paquete trocava com um transeunte e o sinal sub-reptício que executava para marcá-lo a ele e a Shiloah. O transeunte moveu-se para a entrada do hotel com a mão debaixo da parte de cima do sobretudo. Não teve oportunidade de voltar a tirá-la. Al-Saud deitou o seu amigo ao chão e elevou-se com um impulso para aterrar com os pés sobre o tórax do suspeito, que acabou de costas no passeio, sem ar nos pulmões. Um segundo depois, Al-Saud virou-o de barriga para baixo, prendeu-lhe as mãos à altura das omoplatas e colocou-lhe o joelho no pescoço. Antes de lhe falar, olhou em redor. A exceção dos gestos alterados do paquete, do empregado da garagem e de um grupo de hóspedes do George V, não havia nada de estranho.

- Quem és?

- *Personne!* - gaguejou o homem, sem poder respirar e torcendo os lábios para não varrer o passeio com eles. Um jornalista holandês! - O meu nome é Ruud Kok. Trabalho para o NRC Handelsblad, Só queria entregar-lhe isto, senhor Al-Saud. Juro. - Abriu a mão atrás das costas.

Elijah reparou que o pedaço de papel amachucado era um cartão pessoal. Levantou-o e revistou-o desde as axilas até aos pés uma carteira, de onde tirou a identificação do SUPOSTO jornalista.

- Tentei contactá-lo por telefone, mas a sua secretária diz-me sempre que o senhor não está disponível.

- Ninguém conhece a minha agenda como a minha secretária, senhor... Kok - disse, lendo o documento.

- Sim, Kok. Ruud Kok, do NRC Handelsblad. Também sou correspondente da Paris Match e do Le Figaro em Amesterdã. Pode verificar.

Al-Saud enterrou-lhe a carteira no peito e Ruud Kok apressou-se a apanhá-la. O chefe da recepção apareceu no passeio.

- Didier, que esse indivíduo - Elijah apontou para o pacote - recolha as suas coisas e se vá embora imediatamente. Está despedido.

- Sim, monsieur Al-Saud. O senhor está bem?

Al Saud dirigiu-lhe um olhar que o obrigou a retroceder.

-Como estás tu, Shiloah?

- Um pouco dorido, mas bem, *monfrère*.

- Vamos.

- Senhor Al-Saud! - O jornalista holandês deteve-se perante o gesto feroz de Elijah, que se limitou a virar um pouco a cabeça para o olhar. -Gostaria de falar consigo. Será apenas um momento.

-O que deseja?

-Entrevistá-lo. - A expressão carrancuda de Al-Saud fez com que se lançasse numa explicação: - Estou a investigar para o meu próximo livro as novas empresas militares privadas, e a sua é a mais importante do mercado. Seria um honra poder entrevistá-lo - repetiu, nervoso.

- Não me interessa. Adeus.

- Por favor, pelo menos fique com o meu cartão!

Al Saud pegou nele e, sem sequer olhar, guardou-o no bolso do blusão de couro, Shiloah já estava no lugar do acompanhante. Elijah sentou-se ao volante. pôs o cinto de segurança e arrancou fazendo chiar os pneus.

Depois de um silêncio durante o qual o ruído do motor abafava qualquer outro som. Shiloah Moses perguntou:

-É para isso que serve o cinturão negro, 6º dan?

-Não. Aquilo foi uma técnica de ninjutsu- corrigiu-o com ironia.

- Era necessária toda essa contusão, *mon frère*?

Al Saud virou a cabeça com uma lentidão intencional e fixou o olhar em Moses Shiloah, deixa-me fazer o meu trabalho. É para isso que fui treinado.

-Está bem,está bem!

- Não subestimes o perigo no qual te colocaste desde que decidiste iniciar a tua carreira política com ideias tão pouco ortodoxas para o teu país e outros grupos.

O silêncio voltou a apoderar-se do habitáculo do Aston Martin enquanto avançava pela *avenue des Champs Élysées* até ao Arco do Triunfo.

-Fiquei a pensar no que me contaste sobre o acidente de Bijlmer - disse Moses. - Pergunto-me como teria esse laboratório argentino... Como disseste que se chama?

- Química Blahetter.

- Como faria a Química Blahetter para tirar essas substâncias tão tóxicas da Argentina?

Um sorriso divertido atravessou o rosto de Al-Saud.

- Ficarias surpreendido se soubesses como é fácil entrar e sair da Argentina sem levantar suspeitas. Tem um nível de sistema de radares péssimo na fronteira. De qualquer forma, a Blahetter, que não é só um laboratório mas sim um império, contou com um aliado imprescindível no envio das substâncias para Israel. Trata-se da empresa EDCA, com capital maioritariamente estatal mas cujo *management* está nas mãos de uma empresa do grupo Blahetter. A EDCA gere os serviços de armazenamento e depósito de cargas aéreas internacionais que entram e saem de vários aeroportos argentinos.

Shiloah Moses soltou um assobio.

- Então seria canja para a Blahetter - admitiu.

- Não temos provas para demonstrar que o que ia nesse avião era fornecido pela Blahetter. Nem sequer temos provas de que essas substâncias iam ao avião. Mas estamos a trabalhar para as conseguir.

Deram a volta à rotunda da place Charles de Gaulle, onde se situava o Arco o Triunfo, e tomaram uma das artérias que ali nascem, a avenue Foch. Al-Saud travou na esquina com a avenue Malakoff, em frente de um palacete rodeado de jardins e protegido por um gradeamento de lanças de ferro forjado preto. Abriu o portão com um comando eletrónico e o Aston Martin avançou lentamente pelo caminho de cascalho. Dois homens de fato preto encontravam-se nas escadarias que conduziam à entrada principal da mansão Al Saud. Um deles levantou o braço para cumprimentar o seu chefe, e Shiloah reparou na pistola debaixo do casaco.

- Que armas usam os teus homens?

- Pistolas Browning High Power, mais conhecidas como HP35.

- São boas?

- Eu diria letais. A HP 35 é a rainha das nove milímetros. Carrega treze cartuchos de Parabellum.

- Porque é que escolheste a HP 35?

-Não fui eu que a escolhi, foi o Tony. É a preferida dos membros do SAS.

Shiloah Moses sabia que Anthony Hill, o sócio principal de Al-Saud, um tipo que rondava os quarenta anos, mas com a condição física de um rapaz de vinte e cinco, pertencera à força de elite do Exército britânico, o Special Air Service, mais conhecido como SAS, e que para, além disso, obtivera as melhores notas na Academia Militar de Sandhurst. Na opinião de Shiloah, o próprio Hill era uma arma letal, embora, com as suas feições de menino bonito e o cabelo loiro e ondulado, ninguém acreditasse.

A família Al-Saud juntou-se no hall de entrada para cumprimentar Shiloah Moses; não o viam há algum tempo. Francesca afastou-se do grupo e foi ao encontro do filho, que se inclinou para a beijar. Francesca segurou-lhe o rosto e, embora os conhecesse de cor, admirou a beleza dos olhos do seu terceiro filho, de um verde diferente do de Kamal, mais intenso, mar, como a relva no verão, e pensou que as pestanas negras e densas serviam para intensificar a cor. Eliah afastou o rosto porque não gostava que a mãe o sondasse daquela maneira.

- Como estás, querido? - perguntou-lhe, enquanto lhe afastava o cabelo da testa.

- Bem, mãe. E tu?

Enquanto a ouvia relatar os pormenores da viagem desde Jeddah, estudava-a. Como de costume, a mãe escolhera uma roupa sóbria e elegante. Apesar de ter tido quatro filhos, conservava uma figura magra, que o casaco justo na cintura tornava mais elegante. Tinha o cabelo solto, preto e brilhante, como ele o recordava desde criança.

Kamal Al Saud aproximou-se para o cumprimentar. Pai e filho abraçaram-se e trocaram algumas palavras relacionadas com o único tema que partilhavam os cavalos, Kamal nunca aceitara que o seu filho enveredasse pela carreira de piloto de guerra nem que agora fosse dono da empresa militar privada mais conhecida do mercado. Teria preferido que estudasse medicina, economia ou Relações internacionais para se converter no embaixador saudita em França. Por razões contratuais, Eliah nunca tinha mencionado os seus anos como membro do corpo de elite da *NATO*, *L'Agence*. O pai também não o teria aprovado. Segundo Francesca, eram ambos demasiado autoritários, independentes e fora do comum para se darem bem.

Durante o almoço, Shiloah entreteve os comensais com a sua tagarelice; até os filhos mais velhos de Shariar se riam. O tom mudou quando se falou do nascimento do Tsabar, o partido político de Moses, e a conversa foi ter ao conflito entre Israel e a Palestina.

- A verdade é que o mundo árabe não soube ajudar o povo palestino - admitiu Kamal, e evocou as diferentes guerras ocorridas para expulsar os sionistas da terra que os palestinos reclamavam como sua.

- Tenho vergonha de pensar que um país recém-nascido como Israel, com um Exército com falta de experiência, tenha podido vencer cinco países árabes velhos e consolidados.

Kamal Al-Saud falava do «seu» país e do mundo árabe porque se sentia árabe. No entanto, refletiu Eliah, ali estava a festejar o Ano Novo cristão num palacete parisiense, com a sua mulher católica e os seus filhos que, embora tivessem sido educados na fé muçulmana, conduziam as suas vidas de acordo com os padrões ocidentais. Para ele, o seu pai, Kamal Al-Saud, sempre fora um enigma.

Atento à conversa, dedicou-se a observar os comensais para decifrar o significado dos seus gestos e atitudes, outro dos ensinamentos aprendidos durante o treino recebido em *L'Agence*. «Há expressões, movimentos e atitudes que falam mais do que as palavras», assegurara-lhes um especialista em linguagem corporal. Por exemplo, a sua irmã Yasmin estava zangada; sabia-o pela forma como mordida a face interna da bochecha. Talvez tivesse discutido com André, sentado ao seu lado, embora ele parecesse muito contente e interessado na conversa; ou talvez se tratasse de uma nova disputa com o seu guardacostas, o bósnio Sándor «Sanny» Huseinovic, que Yasmin não suportava.

Ao deter-se em Francesca, reparou na forma como ela olhava para Kamal, que falava nesse momento. «Devoção» foi a palavra que lhe ocorreu para definir o que transmitia o rosto da mãe enquanto admirava o marido. Ela não só o amava, venerava-o. A diferença de idades entre os dois notava-se. Ele, com os seus setenta e dois anos, tinha o cabelo branco as sobrancelhas, misteriosamente, conservavam uma tonalidade preta azulada e o rosto envelhecido pelas rugas e as linhas de cansaço. Eliah reconhecia que o pai soubera manter-se direito e em forma com uma mente ágil. Francesca, pelo contrário, não chegava aos sessenta e conservava a frescura de sempre. Então, absorto na expressão de Francesca, Eliah compreendeu porque é que o seu pai, ainda no trono, tinha renegado o Islão e a Arábia - algo que a avó Fadila nunca lhe tinha perdoado -, só para se assegurar de que contaria com o olhar daquela mulher todos os dias da sua vida. Nunca experimentara um sentimento assim. Apesar de ter amado Samara, tinham tentado mudar-se um ao outro sem conseguir nada exceto discussões. Saiu do transe de maneira abrupta quando o rosto de Matilde apareceu em frente dele.

Mais tarde, Eliah viu o tio Nando numa salinha afastada, a ler o *Le Monde*. Na verdade, o homem não era seu tio, mas o marido de Sofia, a melhor amiga de Francesca. Durante trinta anos fora o braço-direito de kamal. Sentou-se ao seu lado e perguntou-lhe:

- Tio, porque é que na Argentina alcunhariam uma mulher de Pecho-Chura?

Nando riu.

É um jogo de duas palavras: preciosura e pechos, ou seja, preciosidade e peitos. Chamariam isso a uma mulher bonita com grandes peitos. Mas atrevo-me a dizer, Eliah, que essa alcunha não se aplicaria a qualquer mulher argentina, mas a uma cordovesa. Essa expressão é típica do humor e da picardia da minha província.

Eliah anunciou que não ficaria para jantar e, antes de se despedir, subiu ao primeiro andar onde estavam os quartos, para ir buscar o seu blusão. Ao passar em frente ao quarto de Shariar, viu o seu sobrinho Dominique, um bebe de seis meses, a dormir no meio da cama, rodeado de almofadas. Ao contario de Alaman e de Yasmin, que tinham criado laços muito fortes com os filhos do mais velho dos Al-Saud, Eliah preferia manter a distancia Incomodavam-no, desconcertavam-no, não sabia como agir na presença dessas criaturas pequenas e barulhentas, sentia-se desajeitado e ridículo ao tentae cair- lhes nas

boas graças. Da sua altura de um metro e noventa e dois centímetros, permaneceu estático a contemplar o bebé. Várias imagens passaram-lhe pela mente e em todas estava Samara, até que se inclinou para cheirar o pescoço de Dominique e pensou em Matilde.

Voltou ao George V para concluir o relatório que entregaria às com panhais de seguro holandesas. Encontrou Céline na recepção do hotel sentada num cadeirão, perto da área dos elevadores. Contemplaram-se à distância. Ela vestia um sobretudo de caxemira cor de-rosa e sapatos clássicos de verniz preto. Como tinha cruzado as pernas, o tecido do sobretudo abria-se e revelava os tornozelos magros, as barrigas da perna firmes e os joelhos pontiagudos. «É mesmo de sexo que eu preciso para me libertar de toda esta energia tão pesada», meditou. Subiram no elevador. Com aqueles saltos, a jovem ultrapassava o metro e oitenta e cinco de altura.

Céline encostou-se a um dos lados, afastada dele e, com os olhos carregados de sensualidade, abriu o sobretudo e revelou a sua nudez resguardada apenas por umas diminutas calcinhas de renda pretas.

Aldo Martínez Olazábal subiu ao convés do seu iate recém-comprado para absorver a paz do entardecer no Puerto Banús, em Espanha. Levantou os olhos para a lua cheia que se perfilava no céu pouco escuro, e uma brisa temperada, apesar do inverno, acariciou-lhe o rosto. Fechou os olhos e sentiu um aprazível ardor. Estava exausto, não dormia há mais de vinte e quatro horas. Depois da conversa com o genro no aeroporto de Ezeiza, apanhou um voo da Iberia com destino a Madrid. Dali deslocou-se a Banús num carro alugado, quase num ato suicida: quatrocentos quilómetros sozinho e com sono. Mas Aldo tinha perdido o medo havia muito. Depois de tudo, como dizia o seu sócio e melhor amigo, Rauf Al-Abiyia, devia tratar a vida por tu.

Voltou à divisão principal do barco e recostou-se no divã. Dali telefonou a Raul e, em árabe, informou-o de que se encontrava no seu iate, no Puerto Banús.

- estou em Marbella informou Al Abiyia. - Estou aí dentro de uma hora.

Rauf Al Abiyia era conhecido no mundo do tráfico de armas e de estupefacientes como o Príncipe de Marbella de origem palestina, aos sete anos fugira com a família da sua Burayr natal, localizada perto da cidade de Gaza, durante o período conhecido como o Mandado Britânico da Palestina, instalaram-se nos arredores do Cairo, como refugiados, ou seja, como párias, vivendo em tendas, comendo quando podiam, sem água, sem eletricidade e com a amargura de terem perdido a terra amada que, cinquenta anos mais tarde, não os abandonava. Os palestinos no Egito não obtiveram a cidadania e, à exceção da educação gratuita, o país não lhes mostrou muita hospitalidade. As autoridades egípcias temiam-nos, como tinham temido o povo judeu na época de Moisés. No campo de refugiados, Rauf aprendeu o que era a fome. Numa ocasião, Aldo, em tom brincalhão, perguntou-lhe porque é que mantinha três frigoríficos e um congelador a rebentar pelas costuras, e Rauf, com uma seriedade que emudeceu o amigo, respondeu-lhe com outra pergunta: «Diz-me, Mohamed» - tratou-o pelo seu nome árabe -, «alguma vez sentiste fome? Não me refiro ao apetite normal depois de três horas sem comer, mas sim à fome de dias, à que te oprime o estômago, te enche a boca de mau sabor e te tira a vontade.»

Rauf também aprendera que, para sobreviver, não podia depender dos pais; se desejava comer, tinha de procurar o alimento. Ia ao mercado com outros meninos palestinos, onde mendigava, roubava, trocava, regateava, comprava e vendia. Aos dezassete anos comandava um grupo de ladrõezecos cujas atividades rendiam o suficiente para alugar uma pequena casa para os seus pais e irmãos, e conceder-se alguns prazeres. Durante esses anos conheceu um estudante de Medicina palestino, Fathi Shiqaqi, membro da Sociedade dos Irmãos Muçulmanos, um jovem com um talento natural para a liderança e para espalhar o seu fervor religioso.

A vida de Rauf deu uma volta radical e, de simples delinquente das ruas do Cairo, passou a integrar a chefia de um grupo com objetivos enaltecidos. Na sua busca pelos méritos que o conduziriam ao Paraíso junto do Profeta (a paz e as bênçãos de Alá estejam com ele), a Jihad ou Guerra Santa ocupavam o primeiro lugar e, embora Rauf não tivesse perdido o interesse pelo dinheiro nem pelo bem-estar, nada se antepunha à sua luta: expulsar os sionistas do Médio Oriente e recuperar a amada Palestina.

No início da década de 80, fez uma viagem a um conturbado país da América do Sul, a Argentina, onde concluiria uma venda de armas a um grupo rebelde que se dispunha a prosseguir com a «revolução» de Che Guevara. A troca das armas pelo dinheiro

realizar-se ia numa tranquila localidade da província de Córdoba chamada Carlos Paz, num chalé próximo do rio San Antonio, onde o armamento ficaria escondido. No dia marcado, quando os rebeldes e Al Abiyia fechavam o seu negócio, um grupo de soldados caiu-lhes em cima e prendeu os. Os seu advogado informou-o através de um intérprete que, graças a um infiltrado, os militares tinham tido conhecimento dos detalhes da operação, inclusive que as espingardas de assalto FAMAS tinham sido retiradas do depósito da Legião Estrangeira na República do Djibouti. Condenaram-no a dez anos de prisão, que afinal se reduziram a cinco. Da sua temporada no cárcere do bairro dr San Martin, na cidade de Córdoba, Rauf Al-Abiyia obteve dois benefícios, um bom domínio do espanhol e a amizade de Aldo Martínez Olazábal.

O que fazia aquele homem, que não tinha cinquenta anos, com aspeto aristocrático - o alcoolismo não lhe deformara os traços aquilinos nem inchara as finas feições naquele buraco esquecido da mão de Alá, roeado de escória humana?

-Declararam-me falência fraudulenta - explicou Aldo num inglês perfeito, no meio de tremuras e suores causados pela abstinência do álcool.

Na prisão teria conseguido qualquer coisa, inclusive o melhor conhaque. Com muito dinheiro.

-Não tenho um centavo. Penhoraram-me até ao último bem e leiloaram-nos para cobrirem as dívidas. A minha família come graças às minhas irmãs, que pagam todas as contas.

A aventura bancária de Aldo Martínez Olazábal tinha terminado mal. No final dos anos 60, farto de administrar campos, de contar gado e de pisar esterco, convenceu o pai e o sogro a investirem no negócio do momento, o que tornava as pessoas ricas do dia para a noite: uma entidade financeira, que depois adquiriu pessoa jurídica de banco. O Banco Independência. O dinheiro começou a jorrar como de uma fonte e, com esse excesso, nasceu a vertigem do poder. Ele, um licenciado em Filosofia, a quem a mãe prognosticara um futuro medíocre, era o proprietário de um dos bancos nacionais mais importantes do mercado, com várias sucursais e projetos de envergadura. A sua imagem tornou-se carismática, convocam-no da Bolsa de Comércio para dar conferências, das universidades para dar aulas, da Secretaria das Finanças para o consultar, convidavam-no para festas do jet set e aparecia nas revistas cor de rosa com um copo de lagavulin numa mão e um cigarro na outra, rodeado de mulheres bonitas. Isto passava-se em Buenos Aires, onde a sua mulher Dolores o acompanhava cheia de ciúmes, descuidando a educação das filhas, Dolores, Celia e Matilde, que ficavam a cargo da sua mãe no velho palacete familiar em Córdoba.

Em meados dos anos 80, um amigo empresário» desses que conhecera nas festas do jet set, pediu-lhe um empréstimo de vários milhões de dólares e, para o convencer, ofereceu-se para pagar uma taxa dois pontos superior à do mercado. Aldo cedeu, embora de má vontade e, como o empresário precisava do dinheiro com urgência, passaram por cima das auditorias e das análises exaustivas do estado das contas. Poucas semanas depois, a empresa do seu amigo declarava falência, os empregados tomavam a fábrica e denunciavam o esvaziamento dos ativos e a Justiça intervinha. Assim começou o fracasso, e os problemas precipitaram-se sobre o Banco Independencia como uma avalanche. No Banco Central e em outras instituições financeiras de Buenos Aires, murmurava-se que Martínez Olazábal já não era uma aposta segura. Os investidores pressionavam-no para que lhes devolvesse os fundos, enquanto que os seus devedores desapareciam.

- A bolha em que vivia - contou Aldo a Rauf - não rebentou de um dia para o outro mas foi um processo de meses durante o qual, para salvar o que não tinha salvação, me deixei levar pelos conselhos dos meus assessores, que acabaram por me enterrar. Estava cego. Na verdade, sempre estivera. Depois de tudo, o que sabia eu de depósitos, prazos fixos, reservas e dinheiro bancário e todas essas coisas? Nada, absolutamente nada. No fim - confessou -, tinha perdido qualquer rasto de moral que alguma vez tivera. Os meus amigos e advogados encheram os bolsos com o dinheiro dos meus outros clientes, eu fiquei na ruína e sepultado nesta degradação.

Rauf Al-Abiyia converteu-se no enfermeiro de Aldo durante o mais duro período da abstinência e, enquanto lhe secava o suor e lhe dava de beber caldo nos lábios, falava-lhe de Alá, do Profeta Maomé e dos cinco pilares do Islão. Aldo emergiu dos vapores do álcool como um espírito purificado pelo fogo e, graças ao apoio de Rauf, vivia dia após dia sem tocar numa gota, apesar de a sua filha Matilde, a única que o visitava, lhe deixar um pouco de dinheiro com o qual poderia ter comprado vinho de garrafão. A apostasia de Aldo foi a consequência lógica de quem encontra a salvação nas mãos de outro credo. Aprendeu árabe para ler o Corão - Rauf chamava-lhe Qúran - e decorou os fundamentos do Islão. Estudou a vida do Profeta, por quem chegou a ter uma admiração que a figura de Cristo jamais lhe tinha inspirado. Quase sem notar, cada vez que proferia o seu nome, caía no bordão de Rauf: que a paz e as bênçãos de Alá estejam com ele Acompanhava Al-Abiyia nas cinco orações, diárias e eram severas no bairro de San Martin, e Aldo pronunciou a shahada, o ato de fé que o converteu num homem novo, como recém saído do ventre materno.

- *La ilaha illa-llahu, Muhammad rasulu Ilah* disse, sabendo que declarava: «Só há um Deus, e Maomé é o seu profeta.»

Homem novo - disse o imã em árabe -, que nome desejas tomar? Mohamed Abu Jihad. - O nome do Profeta e «pai do esforço», embora no ocidente seja traduzido incorretamente por «pai da Guerra Santa».

A amizade consolidou-se nesse dia e, a partir de então consideraram-se irmãos e protegeram-se mutuamente. Não gostavam de Al-Abiyia por ser estrangeiro e muçulmano, e do Loirinho por ser loiro, branco e altivo. Aldo, ou Mohamed, saiu da prisão do bairro de San Martin três meses mais tarde do que o seu amigo Rauf, que o foi esperar à entrada, para lhe dizer: Irmão, a partir de hoje começa uma nova vida para ti.

Rauf Al-Abiyia pisou o chão de madeira do convés e proferiu uma exclamação para expressar a sua admiração pelo iate de Aldo. Os negócios estavam a correr bem, pensou. Os abundantes ganhos provenientes da venda de armas e do tráfico de heroína juntavam-se aos lucros de um novo negócio: o contrabando no Iraque. Ao terminar a Guerra do Golfo no início de 1991, uma resolução do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas decretou sanções ao país derrotado: proibiam-nos de vender petróleo e de comprar armas. O Iraque, desprovido dos lucros do petróleo, sofreu rapidamente as consequências. A qualidade de vida, devastada durante a guerra, ressentiu-se a um nível alarmante, com uma mortalidade infantil que assustava os organismos humanitários. Não havia alimentos, nem medicamentos, nem artigos de consumo básico. O contrabando apresentava-se como a única alternativa para sobreviver. Rauf Al-Abiyia e Mohamed Abu Jihad, aproveitando a sua extensa rede de contactos e a estrutura com que contavam para vender armas e drogas, introduziram no Iraque desde alimentos e medicamentos até peças sobresselentes para veículos e maquinaria, roupa e calçado, a preços moderados a que as esgotadas reservas, do Iraque puderam fazer frente e que lhes proporcionaram importantes amizades entre os iraquianos, como a de Uday Hussein, o primogénito de

Saddam, de quem se dizia ser um demónio, e a de Qusay, o seu segundo filho, que estava à frente do destacamento de Polícia Presidencial, o Amnal Khass. Para fazerem as entregas dos produtos usavam pistas de aterragem clandestinas disfarçadas no deserto ou então dos beduínos ou dos guias que habitavam as montanhas curdas. Por ter ajudado o Iraque nesses momentos de desgraça e carência, Rauf Al-Abiyia teve a honra de ser recebido pelo próprio sayid rais, o senhor presidente, no seu palácio de Sarsing, a quatrocentos e dezoito quilómetros a norte de Bagdade, na região dos curdos.

Em 1996, com a entrada em vigor do programa da ONU, Petróleo por Alimentos, que pretendia resgatar o Iraque da miséria, só se conseguiu que os Hussein, os seus sócios, amigos e funcionários aumentassem os saldos das suas contas secretas de maneira escandalosa, enquanto as crianças iraquianas continuavam a morrer em massa. Rauf e Aldo encontravam-se no momento e no lugar exatos quando o dinheiro começou a chover no Iraque. O iate de Aldo, com os seus oitenta metros de comprimento, exteriorizava os chorudos lucros que os negócios com a família Hussein lhes proporcionavam.

- Já diz o velho ditado, meu irmão - disse Rauf: - *L' argent fait la guerre*, e eu atrever-me-ia a acrescentar: *Et la guerre fait de L' argent*. Olha que barco magnífico! E batizaste-o de Matilde, como a tua querida filha.

Aldo preferia esquecer o ataque de histeria e de choro que a sua filha Celia sofreu ao saber que tinha chamado Matilde ao iate. Não se incomodou em consolá-la; não podia explicar porque é que gostava mais de Matilde. No fim prometeu-lhe que a casa que comprasse em Marbella teria o nome de Celia, ao que ela vociferou: «Céline, pai!» Desde então, a sua filha do meio não atendia às suas chamadas nem respondia aos seus e-mails. A situação era irónica, pois, enquanto Celia se tinha mostrado exultante diante da visão do barco - pelo menos até ler o nome da sua irmã na proa -, Matilde não sabia que Aldo o tinha comprado. A filha mais nova não ficaria comovida, pelo contrário, dirigir-lhe-ia esse olhar que lhe tocava no coração e perguntar-lhe-ia, quase a sussurrar, com que dinheiro o tinha comprado, a que se dedicava, qual era a função de um *broker*. Matilde suspeitava da natureza dos seus negócios, e essa presunção o atormentava. Uma vez, há mais de trinta anos, tinha desejado a aprovação de uma mulher, a de Francesca De Gecco, e tinha a perdido por ser covarde. Não suportaria perder a da sua adorada Matilde. Contudo e talvez por ter convivido intimamente com a miséria, não podia resistir a essa vida de luxos e à sensação de poder. Arriscava a vida diariamente no entanto, o perigo a que se expunha injetava no seu sangue a dose de adrenalina que o enchia.

- Anda, Rauf, chegaste mesmo a tempo da oração do Isha. Entra. Tens aí uma casa de banho para as abluções.

Cumprido o preceito corânico, Aldo mostrou ao seu amigo o resto do iate.

- Já jantaste? Vamos à sala. Tenho aí uns sanduíches deliciosos.

Enquanto comiam, Rauf e Aldo discutiam os termos da reunião que teria lugar nessa mesma sala no dia seguinte.

-O Anuar Al-Muzara virá amanhã pessoalmente? - perguntou Aldo, surpreendido, referindo-se ao cabecilha das Brigadas Ezzedine al-Qassam, aparelho militar do grupo palestino Hamas, cujo lema era: «Lutamos, logo existimos.»

-É verdade. Transmitiram-me aqui as coordenadas onde nos vamos encontrar. - Arrastou um pedaço de papel que Aldo leu por alto.

Sei que é o irmão do Sabir Al-Muzara, o que ganhou o Nobel da literatura no ano passado.

- Bem podiam ser inimigos - declarou Al-Abiyia. - Um está nos antípodas da ideologia do outro. Enquanto o Anuar defende a recuperação da Palestina através da luta armada, o Sabir procura a paz e a conciliação com os ladrões sionistas.

-O que é que sabes sobre o tal Anuar? Quem é que te contactou para marcarmos o encontro com ele?

- Não te preocupes, Aldo. Fiz o meu trabalho e nada pode correr mal. Não te esqueças de que ainda tenho amigos na Jihad Islâmica que me são muito úteis para estes casos. O Anuar chegará numa lancha ao amanhecer e trará o adiantamento.

-Onde é que ele arranjou o dinheiro? Se as nossas informações estão corretas, ele encontrava-se em péssimas condições económicas. - os do Hamas receberam um magnífico presente do Muammar Kadhafi. Raul referia-se ao presidente líbio. - Dizem que está furioso com os Acordos de Oslo e incita a luta armada oferecendo dinheiro a torto e a direito. Agora, diz-me tu, irmão, como foi no teu país? Poderemos contar com as armas?

-Não, o meu contato no Ministério da Defesa foi suspenso sumariamente por umas irregularidades que os auditores do Congresso detectaram. No pouco tempo que estive em Buenos Aires foi-me impossível encontrar.

- Ah, que pena. A vantagem de comprar armas a funcionários corruptos é que lhe dão um ar de legalidade que nos poupa muitos problemas.

- Não perco a esperança. O meu contacto está a tentar conseguir alguém que nos emita a certidão de expedição de armas. Caso isto falhe, não lerei outra alternativa senão visitar Madame Gulemale no Congo. Ela resolve sempre os nossos problemas de stock.

- A um preço elevadíssimo - queixou-se Rauf.

-Entretanto, poderemos satisfazer em parte o pedido do Al-Muzara com o que há no depósito de Chipre. Temos um pouco mais de quatrocentas mil munições Parabellum, alguns RPG-7, duas dúzias de Kalashnikov se não me falha a memória, várias granadas M-26 e quilos de pólvora para que os rapazes das Ezzedine al-Qassam se entretenham a fabricar os seus mísseis caseiros.

-Nada de explosivos? Precisam deles para os ataques suicidas.

- Nada. Nem cordite, nem Semtex. Nada.

- Sabes, Mohamed, acaba de me ocorrer que podíamos transferir no Matilde as armas do depósito em Chipre para onde o Al-Muzara nos indicar. - Com um movimento do braço, abarcou o espaço à sua volta. - Pouparíamos milhares de dólares em transporte.

Aldo levantou-se com o olhar nos restos de comida, incomodado e desconfortável pela menção do nome da sua filha em relação aos seus negócios.

- Não, no Matilde não. Continuaremos como até agora, a alugar barcos rascas, com tripulações que não fazem perguntas. Vou descansar, Rauf. Já não consigo estar de pé. Ocupa o camarote que mais te agradar.

Aldo apoiou a cabeça na almofada e soltou um queixume quando a tensão o abandonou. Apesar do cansaço, não conseguia dormir. Pensava em Roy Blahetter e no seu desespero. Doía-lhe que Matilde e ele se tivessem separado. Gostava de Roy como de um filho e Matilde era a coisa mais importante para ele. Tinha-o conquistado desde pequena, mesmo antes de andar. Ele vislumbrava uma qualidade peculiar na filha mais nova, uma serenidade e um domínio -raramente chorava- que o reconfortavam quando sentia que o seu casamento e a sua Vida se desmoronavam. Também pensava que não tinha mencionado a Rauf o assunto de ligações que lhe permitiria aceder às pessoas COM o poder, o dinheiro e a audácia para comprar esse maldito artefato de Roy. Finalmente, decidiu contar-lhe quando terminasse a reunião com o homem das Brigadas Ezzedine al-Qassam.

No dia seguinte, mal o sol se insinuava no horizonte, Anuar Al-Muzara e a sua guarda pessoal abordaram o Matilde. Tinham-se aproximado por estibordo numa lancha com um motor fora de borda. Aldo ficou surpreendido com o aspeto do terrorista. Por alguma razão tinha imaginado que se trataria de um homem baixo e barrigudo. Pelo contrário, o chefe das Brigadas *Ezzedine al-Qassam* era alto e elegante, apesar de se vestir com simplicidade. Era difícil conciliar esse porte com o de um homem que organizava ataques suicidas a civis israelitas. Não estava armado; os guardas, pelo contrário, ostentavam as suas AK-47, ou seja, as Kalashnikov, a tiracolo sobre o peito.

Anuar Al-Muzara detestava os traficantes de armas, que nadavam em dinheiro e não cumpriam o terceiro pilar do Islão, o zakat ou a esmola. Sentia a falta do esplendor da Rússia comunista, quando a Guerra Fria não mostrava indícios de terminar e a União Soviética fornecia armas a preços irrisórios ou grátis aos movimentos de libertação marxistas e leninistas. Com a queda do Muro de Berlim, acabada a Guerra Fria e desmembrada a União Soviética, os grupos revolucionários viram-se obrigados a voltar-se para os traficantes de armas do mercado negro, como Adnan Khashoggi, Rauf Al-Abiyia e o tal Mohamed Abu Jihad, um homem que não lhe inspirava confiança. Ele chamava-lhes bestas de rapina. No entanto, por mais que os desprezasse, precisava deles. Com o golpe que tinha entre mãos, o mais arriscado da sua carreira, precisaria de se reabastecer, em especial de explosivos. Foi isso cumprimentou-os com cortesia, desejando lhes que a paz de Alá estivesse com eles.

-As salaam -alaikum.

-Alaikum salaam- responderam Aldo e Raul em coro.

Alguns guardas ficaram no convés, vigiando tanto o mar como o céu; dois deles acompanharam o chefe no interior do barco. Havia chá com muito açúcar, tal como gostam os árabes, e um excelente café Sanani de Mocha. O diálogo desenrolou-se em bons termos, embora Aldo tenha detectado uma tensão subjacente que não lhe permitia tirar satisfação do acordo dólares de sinal pela máquina de contar notas e pelo detetor de moeda falsa. Anuar Al-Muzara levantou-se e fez um cumprimento à oriental, locando nos lábios e na testa com a ponta dos dedos antes de estender a mão e inclinar o tronco.

- Por aqui - convidou Aldo, e indicou-lhe a escada que conduzia à escotilha. - Senhor Al-Muzara, sei que o senhor é irmão do Nobel da Literatura.

Aldo quase caiu de costas da escada inclinada quando o chefe do grupo terrorista se virou para o fulminar com uns olhos negros que pareciam pupilas gigantes.

- Esse homem não é meu irmão, é um traidor! Só por aceitar esse prémio dos hereges ocidentais vê-se logo as suas inclinações perversas.

- Oh, lamento.

- Um homem que se relaciona com os sionistas e com as víboras árabes jamais poderia ser meu irmão.

Aldo ignorava a quem chamava víboras árabes. Mais tarde, Rauf explicou-lhe que as víboras eram os árabes alinhados com o Ocidente, sobretudo as famílias reais da Arábia Saudita e do Kuwait.

Na sexta-feira de manhã, Matilde levantou-se renovada depois de ter dormido a maior parte do dia anterior. O efeito da síndrome dos fusos horários, o jet lag, mergulhou-a num sono profundo como não se lembrava de ter experimentado no passado. Juana acordou com um pouco de febre, que Matilde atribuía não ao efeito da diferença horária, mas à chamada de Jorge, um médico do Hospital Garrahan, casado e sem filhos, com quem Juana se tinha envolvido. Meses antes, ele tinha-lhe jurado que se divorciaria da mulher, com a qual garantia não ter nenhuma afinidade. A mulher engravidou e Jorge terminou a relação com Juana. Matilde julgava que a decisão da sua amiga de embarcar na aventura da Mãos Que Curam se relacionava mais com distanciar-se de Jorge do que com um coração compassivo. Isso acontece-te por teres telemóvel afirmou Matilde. Porque é que não mudas de número e assim o Jorge não te incomoda mais?

-Atendi porque quis, Mat- admitiu Juana, reclinada num cadeirão da sala de estar,- Por acaso não sabes que se pode ver num telemóvel quem te liga.

- Não sabia.

- Uf, Matilde Martinez! Vives noutro mundo, meu anjo.

- Então, é mais fácil. Não precisas de mudar de número para não atender o Jorge. Não atendes e pronto. O que é que te queria dizer? Por acaso não tinha acabado contigo?

Matilde correu para o pé de Juana ao ver que os seus olhos escuros se enchiam de lágrimas. Abraçou-a.

- Parece que somos amigas para nos consolarmos uma à outra - soluçou e, apesar de tentar soar irónica e engraçada, Matilde, que a conhecia muito bem, soube que se tratava de um artifício da sua amiga para disfarçar a dor.

- Nesta vida, Juani, tu já me consolaste muitas mais vezes do que eu te consolei a ti.

- É que a tua vida, querida amiga, parece uma telenovela!

- O que é que o Jorge te disse?

- Que me ama, que tem saudades minhas, que não pode viver sem mim, que volte, que a vai deixar...

- Agora que está grávida?

- Vai esperar que o bebé nasça.

- Juani, sabes que apoiaria qualquer decisão que tomasses, mas se me permites uma opinião, gostaria de te dizer que não aceites o Jorge novamente. Dá uma oportunidade a essa criança de ter uma família.

-Ah, Matilde! - queixou-se a outra e começou a chorar de novo.

Tu tens os teus pais juntos, eles sempre se amaram, mas eu, que sofri o divórcio dos meus, posso garantir-te que foi a pior coisa que vivi na minha vida. Mais duro do que aquilo, e tu sabes o quão duro foi.

- Sim murmurou Juana, afundada no colo da sua amiga.

- Tu és como uma droga para o Jorge. Se te mantiveres longe durante um tempo, talvez ele ultrapasse essa dependência que sente por ti.

- Não quero que ultrapasse essa dependência que sente por mim.

Matilde sussurrou ao ouvido de Juana enquanto lhe acariciava a testa e o cabelo preto, -Faça pelo bebe,Juani.Por ele.

Juana lançou um grito que era uma mistura de zanga,impotência e emoção,Passado algum tempo,voltou ao quarto,deitou-se e, depois de tomar um chá e duas aspirinas,adormeceu.

Por volta das duas da tarde, Matilde preparou se para sair. Lá fora estava muito frio, por isso enfiou-se numas calças de lã, collants e sapatos fechados.

- Onde vais? - perguntou Juana, enquanto esfregava os olhos sonolentos.

- Vou dar uma volta pelo bairro e comprar qualquer coisa para comermos.

- Estás linda, Mat. Ah, finalmente decidiste usar o conjunto que te ofereci. Fica-te lindamente. A que se deve a honra de usares o meu humilde presente?

- Não sei. Vi-o na mala e pareceu-me que hoje tinha vontade de o estreitar. Pelo menos não me vais acusar de parecer uma mulher amish.

- Não, mas acusar-te-ei de usares a palavra acusar, mulher amish.

Matilde vestiu o casaco de lã, calçou as luvas e enfiou o gorro com um pompom. Despediu-se de Juana e abandonou o apartamento. O ar gélido pareceu esbofeteá-la. No entanto, a determinação em conhecer os arredores e em familiarizar-se com o Quartier Latin incentivou-a a dirigir-se para a esquina. O *Soufflot Café* estava aberto e com grande atividade, o que lhe fez lembrar o que Ezequiel lhe contara, que a grande predileção dos portenhos pelos bares e cafés era uma sombra em comparação com a dos parisienses. Continuou o seu passeio. Há algum tempo que não vivia essa alegria. Estava em Paris, prestes a começar uma nova vida. Agradeceu a Deus pelas bênçãos recebidas, e pediu-Lhe - acabava sempre por Lhe pedir algo - que lhe concedesse a liberdade de mente, espírito e coração, porque sabia que, acorrentada como estava, não alcançaria a plenitude nem a felicidade.

Os Jardins de Luxemburgo, apenas a três quarteirões da *rue Toullier*, tiraram-lhe o fôlego, tal como o frio, porque nesse parque imenso o vento parecia enfurecer-se. Voltou ao refúgio que as ruelas constituíam. Caminhou sem rumo, apreciando a arquitetura e a novidade de percorrer uma cidade tão antiga e célebre como Paris. Estudava com avidez as pessoas, as suas roupas e os seus traços; achava tudo invulgar. Passada uma hora tinha- -se afastado bastante, e o frio, que entrava por qualquer orifício, congelara a até aos ossos, «Tenho de comprar collants de lã», anotou mentalmente. Entrou num sebo mais em busca de calor do que de exemplares interessantes. O aquecimento devolveu-lhe o calor as faces em poucos minutos.Tirou as luvas para vasculhar entre as - ás prateleiras que transbordavam de livros. Chamou-lhe a atenção um antigo,com o titulo estampado na capa de couro azul: *The Perfumed Garden*. Estava em inglês, língua que conhecia tão bem como o espanhol.Começou a folheá-lo e a ilustração da primeira página acelerou-lhe as pulsações: um casal, ambos nus à exceção do turbante que envolvia a cabeça dele e do véu que mal escondia o rosto dela, encostados entre almofadas, a fazer amor. A mão do homem repousava num dos seios da jovem; a dela fechava se à volta do membro masculino. A primeira frase comoveu-a: «Deus pôs a fonte do maior prazer do homem nas partes naturais do corpo da mulher e colocou a fonte do maior prazer da mulher nas partes naturais do homem.» Continuou a passar as páginas, como que em transe. Os

desenhos escandalosos sucediam-se e ilustravam posições impensáveis para o coito. Frases como «o seu penes cresce e ganha força» ou «prende-a entre as suas coxas e introduz o teu pénis» saltavam diante dos seus olhos arregalados. Olhou para um lado e para o outro. Ninguém a observava. Uma mulher jovem atendia atrás do balcão. Comprá-lo-ia? Não era muito caro, vinte francos - pouco mais de três dólares -, e, apesar de não se poder dar ao luxo de gastar dinheiro em ninharias, uma força imperiosa levava-a a querer comprar o livro. Intuíu que os segredos que guardava não eram ninharias. Por sorte, a jovem ao balcão estava a ouvir música com auscultadores e atendia com uma atitude indiferente.

Saiu para a rua com o coração alvoroçado e grande expectativa por ler *O Jardim Perfumado*, a tradução do título. Parou em frente de uma perfumaria, atraída pela antiguidade da sua arquitetura, talvez de princípios do século xx. A montra, forrada a madeira escura com molduras ricas, exibia, sobre veludo vermelho, modernos frascos de perfumes que se alternavam com outros antigos, semelhantes aos que colecionava a avó Celia. Um dos novos chamou a sua atenção: de um negro opaco, no centro destacava-se uma estrela de vidro azul, como se fosse uma safira engastada.

Uma emoção percorreu-a ao ler o nome na caixa: *A Men*. «O perfume do Eliah», disse para si mesma, e a familiaridade com que os evocou, a ele e ao aroma da sua pele, causou-lhe saudades. De repente, sem razão, teve consciência do livro que acabava de comprar.

Não foi fácil entender-se com a empregada. Como a tinham avisado de que não utilizasse o inglês com os parisienses - ficavam de péssimo humor -, explicou-lhe por sinais que queria experimentar o *A Men*, *Thierry Mugler*. "*est pour homme*" insistia a mulher e oferecia-lhe outras fragrâncias femininas, até que se deu por vencida e pulverizou o pulso de Matilde. «A luva ficará impregnada e durará muito tempo, como no lenço dele.» Deambulou pelas ruas. A cada instante, cheirava o pulso e também o lenço de Eliah, e tentava descobrir as essências exóticas e inebriantes que compunham o perfume. Cheirava a baunilha; às vezes, a laranjas; depois conseguia decifrar um laivo de café.

Decidiu que compraria a comida e os collants de lã nas imediações da *rue Toullier*. Como estava cansada para voltar a pé, apanharia o metro que, na opinião da tia Enriqueta, era uma réplica da cidade debaixo da terra.

Eliah desculpou-se com os seus sócios e abandonou a sala para atender a chamada.

- Sou eu, chefe. O Medes.

- Onde está agora? - disparou Al-Saud.

- A caminhar pelo boulevard *Saint-Germain*, em direção ao boulevard *Raspail*.

- Continua sozinha?

- Sim, sozinha.

A resposta libertou-o da inquietação que o envolvia desde que Medes o informara que Matilde tinha saído do apartamento da *rue Toullier* sozinha. Juana não a acompanhava porque planeava encontrar-se com o tal René Sampler? Dado que há mais de uma hora perambulava pelas ruas do Quartier Latin, Al-Saud deduziu que se tratava de um passeio de reconhecimento e não de um encontro amoroso.

- Vou para aí. Mantém-me informado de cada um dos seus movimentos.

Voltou à sala de reuniões, e bebeu o último trago da água Perrier do seu copo.

-Vou-me embora - anunciou, enquanto pegava nos *Ray-Ban Wayfarer* e no blusão de couro. - Esta noite jantamos em minha casa com o Shiloah. Às sete. Ali discutiremos a estratégia para a Eritreia.

- A Leila preparar-nos-á o seu delicioso borscht? - perguntou Peter Ramsay.

- Liga-lhe e pede-lhe sugeriu Al-Saud.

O frio levou-a novamente a introduzir-se na primeira entrada do metro, Lá dentro, resguardada, consultaria o mapa. Descobriu que se encontrava na estação rue du Bac, da linha doze, cujo desenho arquitetónico não era muito diferente do das portenhas. Segundo o mapa, na próxima estação, a Sèvres Babylone, existia uma ligação com a linha dez que a levaria à Clunney-La Sorbonne, perto da rue Toullier.

Embrenhada nessas reflexões, levantou o olhar ao ouvir o som de um carro do metro, que parou na plataforma posterior. Ficou a olhar para ele, a estudar os vagões e as pessoas, até que as portas se fecharam e a máquina se pôs em andamento. A plataforma ficou vazia, à exceção de um homem à sua frente. Não demorou um segundo a descobrir que se tratava de Eliah, o seu companheiro de viagem, que a observava atentamente.

A intensidade do seu olhar levou-a a pensar que estava há algum tempo a submetê-la a esse escrutínio, embora o metro estivesse parado e ele a observasse através do vagão. O seu semblante moreno revelava tanto como uma máscara inanimada. A energia que lhe chegava daquele contato visual controlava-a dos seus movimentos e, sem perceber porquê, Matilde sustinha a respiração e não afastava os olhos dele. O olhar daquele homem tinha poder, reconhecia, e tinha medo, por isso ficou aliviada ao ouvir o solavanco do metro na sua plataforma. Não voltaria a encontrá-lo, e aquele encontro fortuito diluir-se-ia no nada.

Al-Saud pensou: «A Juana tem razão. Com duas tranças parece ter quinze anos.» O gorro de lã com um pompom exacerbava o seu aspeto adolescente. A surpresa de Matilde era palpável e tornava-a encantadora porque lhe corava as bochechas e dava-lhe brilho aos olhos prateados. Olhou para a direita e confirmou que o metro se aproximava a grande velocidade. Calculou as suas possibilidades e saltou para as vias.

O rugido das rodas e da buzina abafaram o grito de Matilde e o apito do guarda. Sentiu um nó na garganta, e o coração retumbava-lhe nos ouvidos com o fragor de tambores de uma dança religiosa. Já não ouvia nada, a cor ofuscante dos azulejos da estação apagou tudo à sua volta, embora o discernisse a ele com clareza, que parecia avançar lentamente entre as vias, em direção a ela tudo aconteceu num segundo. Tudo aconteceu numa eternidade Matilde não teria conseguido explicá-lo. Como num delírio febril, encontrou-se envolvida nos braços dele, enquanto os seus lábios lhe murmuravam ao ouvido: "vamos sair daqui ". O guarda barrigudo vociferava, " Anrrêtez! Eh, vous, madame, monsieur, arrêtez!" e corria para eles,

Deu-se conta de que, enquanto subia as escadas, os seus pés tocavam nos degraus. Ele segurava pela cintura e conduzi-a como se ela fosse uma pena. No meio daquela cena absurda, deu-lhe para rir. Ao chegarem cá fora, continuava a rir-se, enquanto Al-Saud se empenhava em afastá-los do metro e do guarda, atravessando as ruas sem consideração ao denso trânsito e avançando pelo passeio aos ziguezagues. Para se

esconderem, escolheu um grupo de turistas que virava na rue du Bac em direção ao Museu d'Orsay.

- Acho que o despistámos - disse, na esquina da rue de l'Université. Não olhava para ela porque estava atento ao boulevard Saint-Germain.

Matilde, pelo contrário, fitava-o com seriedade e espanto. Dúvidas e perguntas invadiam-lhe a mente, e não chegava a nenhuma conclusão, exceto que ele não estava ofegante, como se a acrobacia e a corrida nunca tivessem tido lugar; ela, por outro lado, sentia-se como um cão velho.

Os olhos verdes de Al-Saud encontraram os dela.

- Olá, Matilde.

- Porque é que fez isso? - perguntou num fio de voz. - Podia ter morrido.

- Estás zangada? É por isso que não me tratas por tu?

A surpresa deixou Matilde sem palavras; nem sequer estava nervosa, só pasmada. Em geral, sentia-se desajeitada em relação ao sexo oposto. A desenvoltura daquele homem pura e simplesmente anulava-a.

Al-Saud apoiou levemente as mãos no casaco dela e inclinou-se para lhe pedir:

- Diz: «Olá, Eliah.»

- Olá, Eliah - obedeceu, como um autómato, tal como no avião. Al-Saud sorriu, o mesmo sorriso que lhe tinha oferecido durante a viagem, o que gostava de considerar especial, quase um segredo entre os dois.

- Adoro que pronuncies o meu nome - garantiu - e parece que para ter esse privilégio tenho de te pedir. - Sorriu de novo, mostrando os dentes.

Matilde, que não conseguia determinar se a situação se tornava grosseira, vergonhosa ou divertida, insistiu:

- Porque é que fez aquilo na estação? Assustei-me imenso.

- Lamento, a sério, mas temi perder- te se te deixasse entrar no metro. Matilde baixou o olhar para esconder as suas emoções. Não sabia como agir.

-Ainda estou a tremer- murmurou

- Há uns segundos

- De nervos - apressou-se a explicar, envergonhada

- Agora tremes de frio - determinou ele. Convido-te a tomar alguma coisa quente.

- Não, não - disse depressa, sempre a esquivar o poder dos seus olhos. - Tenho de me ir embora. Boa tarde.

Virou para se dirigir ao boulevard Saint -Germain. Al-Saud ultrapassou-a e meteu-se à sua frente. Fletiu os joelhos até conseguir o contacto visual. O movimento alvoroçou o

ar à volta de Matilde e o aroma do seu perfume invadiu-a de surpresa, o mesmo que levava no pulso e no elástico da luva.

- Lamento, Matilde - disse Al Saud num tom grave e íntimo. - Sei que te assustei. Peço desculpa. Mas pensei muito em ti desde que nos despedimos ontem no aeroporto. Ao ver-te na plataforma senti-me feliz e não te queria deixar ir. - Depois de um silêncio, acrescentou: - Sempre soube que não me ligarias. Pergunto-me se ainda tens o meu cartão.

Matilde ergueu o rosto e ficou abismada com o feitiço daquele olhar como quem se entrega a um vício do qual se empenhou em manter-se afastada. Pensou que algumas mulheres, como Juana, se sentiriam lisonjeadas por Eliah as convidar a tomar um café. Outras, mais sensatas, afastar-se-iam de um estranho que bem se podia dedicar ao tráfico de mulheres. Ela, pelo contrário, só pensava nela, nas suas limitações e no seu pudor.

-Sim, ainda o tenho - garantiu, e apoiou a mão sobre a shika.

- Perdoas-me, Matilde?

Matilde assentiu, sorriu levemente, e Al-Saud recebeu a bondade que essa jovem irradiava como uma onda de calor. Tinha-se comportado como um idiota ao arrastá-la para fora da estação e pela rua. Outra tê-lo- ia esbofeteado; ela, pelo contrário, censurava-o por ter posto a sua vida em perigo.

Obrigado. Aceitas tomar um café comigo? Quero compensar-te pelo mau momento.

-Tenho mesmo de me ir embora garantiu, enquanto consultava o relógio de plástico cinzento. Que horas são? O meu relógio não funciona.

- Quatro e vinte

- É quase noite -observou, espantada.

-Sim,mas ainda é cedo.Vamos só tomar um café. Depois acompa- nho-te ao teu hotel. -O medo que o gesto de Matilde refletia levou-o a perguntar - Desconfias de mim,é isso?

- Mal o conheço.

- Não me tratas por tu para me castigares?

- Não, não, é que não me habituo.

-Vá, Matilde. Um café num local público manter-te-a a salvo das minhas macabras intenções. Se for preciso, atiras-me café quente para a cara enquanto pedes ajuda aos gritos. Tenho a certeza de que vários cavalheiros te virão salvar.

A iluminação pública começava a funcionar e na penumbra que invadia as ruas, Al-Saud não se apercebeu do intenso rubor de Matilde. «Sou uma imbecil, uma retraída, infantil, estúpida, uma medrosa, uma reprimida. A Juana já me teria dado um sermão de uma hora. Já para não falar da minha psicóloga.»

Al-Saud conteve-se de lhe passar o braço pelos ombros. Tinha reparado na tonalidade violácea dos seus lábios e no nariz avermelhado. A medida que caminhavam pela rue du Bac em direção ao Sena, a temperatura descia.

- O rio! - entusiasmou-se Matilde na esquina que se formava com o quai Voltaire.

- Primeiro vamos tomar alguma coisa quente, aqui, no café La Frégate. Estás gelada.

Matilde não comentou o quanto gostava de o ouvir falar francês. «La Frégate», repetiu para si, imitando, sem sucesso, o sotaque de Eliah.

- Como é que isso se pronuncia? - Apontou para o cartaz da rua.

- Kê Voltér. Quai significa plataforma se estás numa estação de comboios, ou cais, se estás numa margem, como agora.

- E La Frégate? Desculpa, a minha pronúncia é má.

- Não, não é. La Frégate significa «a fragata».

Apesar de as mesas no passeio disporem de aquecedores a gás, Al-Saud preferiu o interior do café. O ar morno envolveu Matilde como um abraço e reconfortou-a. O seu ânimo mudara e, mais relaxada, permitiu que Eliah a guiasse por entre as mesas. O peso da mão dele sobre o seu ombro proporcionava-lhe um novo bem-estar.

Matilde não se tinha apercebido de que a escolha do local surgia como consequência de um rápido estudo da disposição do interior do café. Escolheram a última mesa ao pé do janelão que dava para o quai Voltaire, de modo que Matilde poderia apreciar o ultimo vislumbre do Sena antes que a noite o ocultasse, enquanto Al Saud cobriria as suas costas com a parede.

- Tinha frio - admitiu ela, tirando as luvas. - Este clima tão rigoroso não é comum em Córdova e em Buenos Aires. Tu, pelo contrario, manténs-te inerte à baixa temperatura. Esse blusão de couro não te abriga muito.

- Bom começo - sorriu Al Saud A doutora Matilde dignou-se a tratar-me por tu.

De repente sentiu-se incómodo em frente dela, indigno talvez, como se se encontrasse prestes a profanar algo sagrado. Ela, inocente, com as duas tranças, o rosto sem maquiagem e os olhos faiscantes e emocionados, não tinha consciência do cínico com que lidava. Um instante depois, a perspectiva de Al-Saud mudou e, como numa montanha russa, arrastou-o para uma zona na qual a menina tinha desaparecido. Soube conservar a expressão impávida enquanto Matilde se desfazia do casaco. Ao arquear a coluna e encostar o tronco ao rebordo da mesa, o seu peito projetou-se sobre a toalha. Al-Saud concluiu que havia uma desproporção na figura da rapariga. O tamanho dos seus seios não estava de acordo com a largura das costas, que ele calculou terem uns trinta centímetros. Mordeu o lábio e enterrou o olhar no menu ao evocar o significado de Pechochura.

- Gostava de lavar as mãos - anunciou Matilde e, encolhendo os ombros, justificou-se: - Acho que é uma mania derivada do meu trabalho como cirurgiã.

Um rapaz situado numa mesa ao pé das escadas que conduziam às casas de banho levantou o olhar do jornal e fixou-o no traseiro de Matilde. Ao contrário do dia anterior no avião, onde as jardineiras largas lhe tinham velado o corpo, nessa tarde Matilde usava uma peça de roupa que o destacava. As calças de tecido escocês castanho e cor-de-rosa com elásticos que se escondiam dentro dos sapatos rasos ajustavam-se a uns glúteos não largos mais arrebitados, como o rabo de um pato. «Como o de uma tarântula», lembrou-se. A camisola cor-de-rosa, justa e de gola alta, revelava-se insuficiente para travar o leve agitar

dos seios. Os olhos do cliente subiam e desciam seguindo o ritmo. Eliah não teria ficado incomodado se se tratasse de outra mulher; jamais reparava nos olhares que os homens lançavam a Céline; também não se tinha incomodado quando apreciavam Natasha; e Samara, com o seu recato e timidez próprios de uma mulher muçulmana, tinha sabido preservar-se dos mulherengos. Matilde mostrava-se presa fácil, como o Chapeuzinho Vermelho do conto. Talvez essa qualidade que detectava nela lhe despertasse a raiva. Respirou fundo e concentrou-se para não perder de vista o objetivo para a cabeça fria, pois precisava dela para o levar até Blahetter, não para se envolver numa paixão.

Matilde regressou com as mãos lavadas e pegou no menu esforçava-se por desempoeirar os seus magros conhecimentos de francês ao consultá-lo. Uma estranha disposição fazia-a rir-se das suas tentativas para pronunciar o nome dos pratos. Tinha-se libertado da vergonha, uma forma de se desfazer do medo, pensou. Sentia-se leve de espírito, e essa leveza tornava-a risonha e descontraída.

- Vou pedir um chocolate quente. É o melhor para combater o frio.

- E para comer? - Perante a indecisão dela, Al Saud sugeriu: A pastelaria de Paris é conhecida em todo o mundo. Garçon! - chamou o empregado, e Matilde seguiu o diálogo com atenção. Como gostava do som da sua voz ao pronunciar o francês! Os seus lábios hipnotizavam-na; no avião, tinha reparado na forma como os movia, como se mal tocassem um no outro ao falar, e essa peculiaridade acalmava-a. Reparou na barba meio azulada que endurecia ainda mais o conjunto formado pelo queixo fendido e pela linha do maxilar. Baixou imediatamente o olhar quando Eliah se virou para ela.

- Então, Matilde, conta-me, o que estás a fazer em Paris? Turismo?

- Não. Na semana que vem eu e a Juana vamos começar um curso de Francês. Precisamos de aprender a falar com a maior fluência possível.

- Porquê? A língua dos médicos é o inglês.

- Sim, é verdade. As publicações, os cursos, os seminários, é tudo em inglês. Mas nós precisamos do francês porque daqui a alguns meses vamos para o Congo.

De repente, Al-Saud franziu o sobrolho, unindo as sobrancelhas numa linha dura que deixava transparecer a sua súbita seriedade.

- Para a República Democrática do Congo ou para a República do Congo?

- Para a República Democrática do Congo.

O silêncio instalou-se novamente.

- Esse lugar é um inferno, Matilde. Porque é que uma moça como tu se vai meter nessa caldeira prestes a explodir?

- Prestes a explodir?

- Matilde, o Congo está mergulhado em permanentes guerras de guerrilhas. A isso tens de acrescentar os conflitos com Ruanda, herdados do massacre de 1994, quando os hutus assassinaram quase um milhão de tutsis.

- Lembro-me bem desse massacre. Passaram imagens na televisão que pareciam irreais. Fiquei muito impressionada.

Al-Saud preferiu não revelar que as imagens televisivas tinham parcamente esboçado a atrocidade sofrida pelos tutsis e os hutus «moderados» às mãos das milícias hutus extremistas, chamadas Interahamwe, que significa «golpeemos juntos». Naquela época, ele, como cabeça de um pequeno grupo de comandos de L' Agence, entre os quais se encontravam os seus atuais sócios, Peter Ramsay e Tony Hill, tinha levado a cabo uma missão de resgate de três conselheiros belgas entrincheirados num hotel de Kigali, ao mesmo tempo que o massacre fazia milhares de mortos por hora. Treinados na luta, acostumados ao derramamento de sangue e à brutalidade, depois de três anos, não conseguiam livrar-se das macabras lembranças. Crianças esquartejadas à machadada, mulheres violadas e mutiladas, velhos despedaçados, troncos e membros por todo o lado. Uma cena de Hieronymus Bosch não teria igualado o horror a que ele e os seus homens tinham assistido. E Matilde, com leveza, comunicava-lhe que planejava aventurar-se no Congo. O seu bom humor estava a ir por água abaixo.

- O panorama na região não mudou muito desde 1994, e o conflito entre tutsis e hutus ultrapassou as fronteiras do Ruanda e invadiu o Congo. A violência é moeda corrente. E quando falo de violência refiro-me a um tipo de violência que tu não serias capaz de imaginar. - Disse-o com um tom displicente, e ela apercebeu-se. - Porque é que havias de ir para o Congo? - rematou, incapaz de controlar a sua agressividade.

O empregado regressou com o pedido: duas xícaras, uma de chocolate quente e outra de café, e várias amostras da pastelaria parisiense, éclairs, três fatias de torta, brioches mornos recheados com creme e bolachas de manteiga com avelãs. A visão do festim acalmou os ânimos, a ira de Al-Saud e o desconcerto de Matilde.

- Têm um aspeto delicioso - sussurrou ela, intimidada pela mudança brusca e inexplicável de humor do seu companheiro.

-Estes parecem muito bons disse ele, e apontou para os éclairs. - Quero vet- te , comer - acrescentou numa tentativa de moderar a aspereza anterior.

-Está bem,

Durante um momento, enquanto saboreavam os bolos e tomavam as bebidas quentes falaram de trivialidades, Eliah observava-a a comer e a falar com franqueza, e detinha-se nas suas faces coradas, nas duas longas tranças, no nariz pequeno, nos olhos grandes um pouco afastados da cana do nariz, o que lhe dava um ar exótico, fixou -se também nos ombros pequenos e magros cobertos pela lã leve da camisola e perguntou-se que raios pretendia dela. Numa pausa, voltou a perguntar:

- Matilde, porque é que queres ir para o Congo?

- Foi para isso que estudei Medicina, Eliah.

Quase nunca o tratava pelo seu nome. O efeito era avassalador. Se pudesse defini-lo, teria utilizado o verbo comover. Sim. ela comovia-o.

- Estudei Medicina para curar os pobres, os desvalidos, os que ninguém vê nem quer ver. Interessam-me especialmente as crianças, porque constituem o grupo mais vulnerável. Por isso escolhi a especialidade de Pediatria. Enquanto estudava, tinha a impressão de que estava a perder tempo. A urgência de curar tornava-me impaciente. Eu e a Juana fizemos algumas disciplinas como voluntárias, quero dizer, não íamos às aulas, não as frequentávamos, mas estudávamos por nossa conta para ganhar tempo. Licenciámo-nos muito jovens e de seguida fomos para Buenos Aires porque o meu maior

desejo era tirar a especialidade no Hospital Garrahan, um dos melhores hospitais pediátricos da América do Sul. Ainda me lembro de como nos preparámos para o exame da especialidade. Foram bons tempos.

- Como te decidiste pelo Congo?

- Na verdade, eu não decidi, mas sim a organização humanitária Mãos Que Curam. Uma colega do Garrahan, que trabalhou com eles na Somália, entusiasmou-me ao contar-me a excelente experiência que vivera em Merca, perto de Mogadíscio. A Juana e eu enviámos os nossos currículos e umas cartas para a sede da MQC em Buenos Aires, manifestando o nosso desejo de ir para um país da África subsariana. Chamaram-nos ao fim de duas semanas e, depois de várias entrevistas e testes de todo o tipo, comunicaram-nos que nos tinham admitido e convidaram-nos para vir a Paris fazer o que eles chamam «preparação para a primeira missão». Dias depois, informaram-nos de que dentro de quatro meses abriam vagas num projeto pediátrico na República Democrática do Congo, na zona de Kivu. - Ao ouvir aquele nome, o coração de Al-Saud deu um salto; as províncias de Kivu do Norte e Kivu do Sul, no Leste do Congo, eram umas das regiões mais violentas do mundo, Aceitámos imediatamente. Por sua vez, a MQC propôs que frequentássemos um curso de Francês durante esse período de espera.

-Tu e a Juana tiveram sorte de ficar juntas.

- Sim, é verdade. Poderiam ter-nos enviado para cidades diferentes, embora na sede, em Buenos Aires, tenham percebido que nos complementaríamos muito bem, eu como cirurgiã pediátrica e ela como médica pediatra. Além disso, tínhamos mostrado o nosso desejo de irmos juntas para África, e deram-nos esse prazer.

- Quem as vai financiar durante estes meses em Paris?

- A MQC paga o curso de Francês. O resto, casa, comida e transporte, somos nós.

- Os alugueis em Paris são muito altos. Por acaso és uma menina rica?

- Rica? Não, de modo algum. Vou dilapidar as minhas parcas poupanças.

- Imagino que deves ter um amigo ou uma amiga em Paris e que vivas com ele ou com ela.

- Não. Vamos viver no apartamento de uma tia minha. Ela ocupa-o durante o verão. No resto do ano vive em Córdova, a minha cidade natal.

- Tens amigos em Paris?

- A minha irmã vive aqui, mas não nos damos muito, por isso suponho que a verei com pouca frequência. Além disso, ela está muito ocupada com o trabalho.

- E amigos?

- Sim, o Ezequiel, o nosso amigo de infância. A Juana, ele e eu andávamos juntos na escola.

Por que diabos não lhe falava de René Sampler? E quem era o tal Ezequiel, amigo de infância? Lembrou-se de que ela e Juana não o tinham referido no avião.

- Comeste muito pouco - referiu.

Isto está uma maravilha, mas já não posso mais. - Perante o gesto entre-surpreendido e desiludido dele, Matilde explicou: - Às vezes acho que o meu estômago e tão pequenino como o meu punho. Fechou a mão e estendeu- lha.

Como se pegasse numa borboleta. Al Saud cobriu o punho de Matilde com as Mãos e beijou-lhe o indicador, várias vezes, com os olhos cravados nela. Matilde permitiu - se gozar desse instante inesperado em que os olhos dele a prendiam e a voluptuosidade dos seus lábios, a sua humildade e a sua suavidade lhe provocavam um arrepio que lhe eriçava a pele, lhe atravessava o estômago e terminava numa pontada dolorosa entre as pernas. Na verdade, nunca tinha sentido nada assim.

- Ah, Matilde, Matilde - murmurou ele sobre a sua pele, e fechou os olhos, como se de repente o invadissem um cansaço.

Matilde retirou a mão suavemente. Al-Saud não moveu as suas, deixou-as ao pé da boca como se a mão dela permanecesse ali. Olhou-a. Ela adivinhou a mudança na sua expressão; havia sinceridade naquele gesto cansado.

- Estou contente por te ter encontrado no metro, E tu, Matilde? - Ela limitou-se a acenar com a cabeça. Com algo da leveza anterior, Al-Saud perguntou-lhe: - Aceitas-me como teu novo amigo em Paris? Serei o melhor guia. Ninguém conhece esta cidade como eu.

No fim, Al-Saud obteve o que queria, que ela lhe permitisse acom-panhá-la ao apartamento que ocupava na rue Toullier. Mas, primeiro, foram a um supermercado a dois quarteirões, na rue Malebranche, e ele ajudou-a com os sacos. Ela não permitiu que ele pagasse a conta.

-Olá, Juani! Trago uma visita - saudou Matilde ao entrar.

-Eze? - perguntou a outra, e saiu da cozinha. - Ah, o bonitão do avião!

Al-Saud soltou uma gargalhada, e esse som afetou Matilde, como se tivesse vibrado no seu peito. Ele e Juana conversavam com a naturalidade dos velhos amigos. Com o gorro e o casaco ainda vestido, Matilde estudava-o de perfil: o nariz retilíneo, de grandes fossas nasais; a tonalidade acastanhada das pálpebras; teve vontade de lhe passar um dedo debaixo da pálpebra inferior para comprovar que não se tratava de eyeliner. Finalmente decidiu que o efeito se devia às pestanas negras. Observou-lhe as maçãs do rosto pouco salientes, já que a sua cara era mais quadrada, de linhas retas; e também a protuberância que formava a maçã de Adão, que subia e descia pelo pescoço forte e com barba. Também lhe observou a nuca, e os músculos que se esticavam quando ele se ria, e o cabelo negro cortado muito curto, como um militar, e imaginou-se a passar a mão ao arrepio. Porque é que pensou no livro que tinha na mala? Porque é que imaginava cenas escandalosas? Porque é que se emocionava com detalhes que antes leria julgado frívolos? Ficou nervosa. Era tudo novo para ela, e aquele desconhecido, o tal Eliah, em quem não confiava, estava a pro vocar-lhe sensações que a chocavam, nada bem- vindas,

Antes de ir embora : Al Saud pediu a Matilde o numero de telefone

- Não, por amor de Deus, Eliah! - Interveio Juana. -A nossa Mat não usa celular. Primeiro dizia que as radiações do aparelho eram prejudiciais à saúde. Agora, desde que soube que a bateria funciona a coltan, um mineral que se rouba do Congo, não o usa por uma questão ética.

Al-Saud virou a cabeça e contemplou-a com a mesma expressão do *Café La Frégate*, com um vestígio de cansaço que ela interpretava como sincero. Al-Saud, entretanto, perguntava a si próprio: «Que tipo de mulher és, Matilde?»

Depois de Al-Saud sair, Juana apareceu porta do quarto da amiga. Apoiou-se na ombreira e chamou a sua atenção. Matilde, que lia Encontro em Paris na cama, baixou o livro.

- Já te contei o que tinha para contar. Agora, deixa-me dormir.

- É que estou a dar voltas e mais voltas, Mat, e não posso acreditar que o tenhas encontrado no metro. Isto não é coincidência! O teu destino e o dele estão unidos.

- Não te armes em esotérica.

- Chega-te para lá. - Juana meteu-se debaixo dos cobertores. - Ai, amiga - suspirou - , que beldade arranjaste.

Matilde colocou o livro na mesa de cabeceira e pôs-se de lado para falar com Juana. Tirou o lenço de Eliah e a luva que guardava debaixo da almofada.

- Juani, fiz mal em trazê-lo ao apartamento? Não fui imprudente? Ele insistiu tanto. E tu conheces-me, eu não sei dizer que não.

- Fizeste lindamente! Lindamente! E um homem decente, tenho esse pressentimento.

- Senti-me muito desajeitada o tempo todo. Já sabes que eu não tenho a tua desenvoltura com os homens.

- Pois a tua falta de jeito, querida amiga, cativou-o. Está louco por ti.

- Será casado?

- Não tem aliança.

Matilde sorriu e escondeu o rosto atrás do lenço. Sem o destapar, confessou: - Então, não me canso de olhar para ele. Nunca vi ninguém tão bonito, -Iupi! - Juana bateu com os pés na cama. - A Mat está apaixonada! Pela primeira vez na sua vida! -Juana levou a mão à testa, - já me esquecia! Ligou a tua tia Sofia.

-A minha tia Sofia.O que disse? Matilde endireitou-se na cama.

- Quer convidar-nos para irmos a casa dela, quer te conhecer. Amanhã liga outra vez. - Beijou Matilde na testa. Boa noite, amiga. Animaste-me ao trazer o bonitão.

De novo sozinha, Matilde abriu a gaveta da mesa de cabeceira onde escondia O Jardim Perfumado. Abriu-o numa página à sorte. A posição do ferreiro. A mulher está deitada de costas, com uma almofada debaixo das nádegas, e dobra os joelhos sobre o seu peito de modo a que a sua vulva sobressaia como um tamis. Então ajuda a introduzir o pénis. O homem realiza os movimentos convencionais durante algum tempo e, de seguida, retira o pénis e desliza-o entre as coxas da mulher, tal como o ferreiro que retira o ferro a arder do fogo e o mete em água fria.

O carro vibrava com os acordes de Équinoxe, de Jean-Michel Jarre. Não a ouvia porque gostasse de música eletrônica, mas porque sabia que Eliah Al-Saud o considerava um dos melhores trabalhos do músico francês. Esperava sentado no interior do veículo para obter um vislumbre dele e para receber a onda de energia que o seu corpo magnífico e saudável emanava. Ao fim de tanto tempo, precisava de ter coragem para o enfrentar e, quando o fizesse, fingiria como sempre. Dessa forma, às escondidas, deleitar-se-ia à sua vontade, sem se reprimir.

Abriu a janela e, apesar do frio, pôs a cabeça de fora. A noite protegia-o. A solidão e o silêncio da avenue Elisée Reclus acalmavam-no. Não pensaria na sua doença. Por agora, não o incomodava, embora já tivesse sofrido um desses ataques ferozes, com pontadas lancinantes no abdômen, vômitos e alucinações, que o confinariam vários dias à cama. Lamentava, ainda mais do que tê-la herdado do pai, que a porfíria lhe roubasse tempo, e que com os anos lhe roubasse a sensatez. Roubar-lhe-ia também a inteligência, o seu bem mais prezado?

Voltou-se de novo pura a rua. Nesse canto do sétimo arrondissement, o que se formava na esquina da avenue Elisée Reclus com a rue Maréchal Harispe, a poucos metros da Torre Eiffel erguia-se o hotel particulier de Eliah, herdado de Jacques Mechin e que a empresa construtora do seu irmão Shariar remodelara e preparara por um preço que ultrapassava os duzentos mil dólares, com tecnologia de segurança e de infra estruturas digna de um bunker da CIA. Tratava-se de uniu sólida construção de três andares de finais do século XIX num estilo que, embora manifestasse claramente o seu berço clássico - aspeto compacto e sombrio, telhados de lousa, jardim à volta -, também apresentava traços de uniu arquitetura eclética - combinação de pedra calcária e tijolo, arcos ogivas nas janelas, e uma marquise no centro da fachada, com reminiscências mouriscas. As grades das varandas e das portas, como caules que trepam, com flores e folhas, falavam da influência do arquiteto belga Victor Horta.

Na sua opinião, a avenue Elisée Reclus, com as suas mansões e veredas orladas de castanheiros-da-índia, era o bairro mais requintado de Paris. A bela Paris. Às vezes sentia a sua falta, embora sem Berta perdesse o encanto. Depois da cremação e de tratar das suas questões financeiras e legais, não lhe tinha sido difícil abandoná-la. Gostava da sua condição de ave migratória. Tinha a esperança de um dia conhecer todos os países do mundo, exceto Israel, evidentemente, terra onde jamais poria os pés. Ali viviam Gérard e Shiloah Moses, o seu pai e o seu irmão. Como o incomodava ter o nome do maldito que o afundara na miséria, como o incomodava o apelido do pai! Que mau sangue corria nas suas veias! Odiava-os com a mesma intensidade com que amara Berta e com que amava Eliah Al-Saud.

No silêncio que o caracterizava, Udo, o seu motorista e braço-direito, um berlinense de aparência feroz, passou-lhe uma barra de chocolate gianduja. Recebeu-a no mesmo silêncio e comeu-a em pequenos pedaços. O seu tipo de porfíria não perdoava o jejum, por isso comia qualquer coisa de duas em duas horas para evitar os ataques.

- Que horas são, Udo? - perguntou.

- Quase nove, senhor. - A voz metálica e artificial do homem fundiu-se com os sintetizadores de Jarre, como se fizesse parte da composição. Por isso, o guarda-costas berlinense venerava-o e teria feito qualquer coisa por ele, porque não só lhe salvara a vida

na noite em que uns capangas do famoso terrorista palestino Abu Nidal o balearam, como lhe devolvera a voz com um artefacto eletrônico inventado por ele e que uns cirurgiões de Bagdade lhe colocaram, evidentemente com as despesas a seu cargo.

- Aí vem ele, senhor.

O aparecimento dos inconfundíveis faróis do Aston Martin na escuridão da avenue Elisée Reclus coincidiu com a explosão da quinta parte de Équinoxe. O seu coração acelerou. O efeito era cinematográfico. A música descrevia a sua emoção. A música descrevia Eliah. Trovões, vigor, chuva, frescura, rapidez, agilidade, saúde, beleza.

Os vidros fumados impediram que o visse. Conduziria ele ou Medes? Iria sozinho ou com uma mulher? «Não», disse para si próprio, «ele não traz as suas mulheres para esta casa. Este é o seu refúgio, o seu santuário». Com sorte, não estacionaria na garagem, mas no passeio. As comissuras dos lábios tremeram-lhe quando o carro desportivo inglês se colocou ao lado do passeio. Vê-lo-ia. Mediu as suas próprias pulsações. Não deviam superar as oitenta ou entraria em zona de risco. Noventa e dois. Obrigou-se a respirar profundamente.

Medes saiu primeiro, contornou o automóvel, caminhou até à casa e colocou-se a uns passos da porta de serviço, uma réplica mais pequena da porta principal - com arco peraltado, de vidro, evidentemente à prova de bala, e protegida por uma intrincada grade de ferro forjado preto. Depois saiu Eliah, pelo lado da rua. Não demorou a reparar no único carro estacionado a uns metros. Sorriu quando o seu presságio se cumpriu: Eliah virou-se e cravou o olhar na silhueta mal definida do solitário veículo. Através do espaço e do vidro escuro olharam um para o outro. Eliah não o sabia, mas entre os seus olhos tinha-se criado uma corrente energética que o fazia sentir-se vivo.

Sem afastar o olhar, Al-Saud golpeou duas vezes o tejadilho do Aston Martin, e a porta de trás do lado do passeio abriu-se. Quem sairia? Endireitou-se no banco. A visão teve nele o efeito de uma bofetada - Shiloah Moses, o seu irmão. A pontada no estômago deixou-o sem fôlego.

- Vamos, Udo! - arquejou. - Arranca!

Ao passar junto ao Aston Martin, pôde ver que Eliah tinha tirado uma pistola e que, embora apontasse para o asfalto, a sua posição indicava que se encontrava pronto para disparar contra as janelas do carro suspeito.

- Onde nos dirigimos, senhor?

-Ieva me à casa do Rani Dar Salem, o rapaz do Anuar Al-Muzara.

Usaram a porta de serviço, e atravessam um um comprido e corredor até a cozinha de onde chegavam vozes jovens.

- Ah! - exclamou Shiloah. Os irmãos Huseinovic no seu melhor!

- Estendeu a mão, e Sándor, o do meio, apertou-a com um cumprimento. Diana a mais velha, mas de longe, acenando-lhe com a mão e sorrindo-lhe. Sabia que não lhe devia tocar. Conhecia o seu verdadeiro nome, Mariyana. Ela detestava-o dado que lhe lembrava os soldados sérvios que durante meses a tinham violado no campo de concentração de Rogatica. Adotara o da deusa romana, famosa pela sua castidade e aptidão para a caça. «O que desejas esta noite, Mariyana, que te violemos, ou preferes ver como o fazemos com a tua irmã Leila?» A beleza das irmãs Huseinovic convertera-as nos alvos preferidos dos

soldados de Milosevic. Enquanto Leila, a mais nova, de vinte e dois anos, se tinha refugiado num mundo de criança, Diana conservava a lucidez graças ao planeamento da sua vingança. No fundo do seu olhar adivinhava-se a escuridão tormentosa de quem se balança em frente a um abismo de dor e de rancor.

O semblante tempestuoso de Diana contrastava com o da irmã, que, perante o aparecimento de Eliah na cozinha, deu um grito de felicidade, correu para ele e abraçou-o. Al-Saud beijou-lhe o cocuruto e manteve-a abraçada durante um momento, enquanto trocava palavras com Sándor, ou Sanny, como lhe chamavam, e com Diana. Leila levantava o rosto e contemplava-o com enlevo. Eliah Al-Saud era o seu cavaleiro da armadura brilhante, o seu herói, o seu salvador, o que, com um grupo de homens vestidos de preto dos pés à cabeça, irrompera no campo de concentração de Rogatica e arrancara o soldado sérvio de cima dela, fazendo justiça no momento. Leila, em estado de choque, olhou para o homem de preto como se se tratasse de um monstro diabólico e tentou escapar. Eliah tirou o capacete e o passa-montanhas e abraçou-a. Sussurrou-lhe num bósio mal pronunciado: «Calma, estás a salvo.» Dingo, ex-soldado das forças de elite do Exército australiano, ocupou-se do que violava Mariyana, enquanto o resto do grupo eliminava os oficiais a cargo da praça.

Contra as ordens das altas patentes de L' Agence, Eliah e a sua equipa regressaram a Srebrenica, cidade onde dias antes se tinha perpetrado o massacre de oito mil bósnios muçulmanos às mãos do Exército sérvio, e fizeram-no acedendo às súplicas de Mariyana. Leila não abria a boca e começava a dar indícios de alheamento. Em Srebrenica viram que o restaurante dos Huseinovic fora destruído e os pais assassinados. Onde estava Sándor, o seu único irmão? Enquanto os homens de preto cavavam duas valas para sepultarem Eszter e Ratko Huseinovic, as irmãs percorreram as ruínas do que antes fora o orgulho de seus pais.

Os queixumes chegavam da pequena cave, onde guardavam os mantimentos. Eliah ordenou a dois dos seus homens que descessem para revistar. Voltaram com um rapaz sujo e pestilento, cuja expressão aterrorizada tornava evidente as cenas a que tinha assistido. Leila pronunciou as primeiras palavras após vários dias, «Sanny, meu irmão!», e ajoelhou-se junto a ele. O jovem não abraçou Leila devido ao seu estado débil. Os soldados trouxeram-no para o exterior para respirar ar fresco. Sentaram-no em cima de uma mochila. O paramédico do grupo diagnosticou desidratação e, sem perder tempo, tentou hidratá-lo por via intravenosa.

Em certas ocasiões, quando estavam os três juntos, como nesse momento na cozinha da sua casa da avenue Elisée Reclus, Al Saud perguntava-se porque é que os tinha acolhido debaixo de asa. Durante a missão na Bósnia tinham encontrado milhares de desamparados, órfãos, feridos, violentados; tinham salvado mulheres e crianças, velhos e jovens. Porquê incomodar-se tanto com os Huseinovic? Que vínculo especial e incompreensível o unia a eles? Takumi sensei, que acolhera os irmãos na quinta de Rouen para compor em parte o que os sérvios tinham destruído, sugeriu que a explicação para o magnetismo que o aproximava dos Huseinovic podia encontrar-se numa vida passada. «Talvez», disse o sábio japonês, «os seus espíritos e o teu tenham estado relacionados de uma forma íntima em algum dos teus momentos anteriores no mundo».

A missão na Bósnia trouxera outras consequências, como o começo da sua desvinculação de L' Agence. A insubordinação de Eliah - regressar a Srebrenica quando devia voar até Sarajevo - valeu-lhe um mês de suspensão e uma desonra na sua folha de serviço. Esta última não lhe tirava o sono. O que começava a incomodá-lo era o mesmo de sempre: receber ordens, ter um chefe a quem prestar contas, sentir a sua liberdade

limitada, que a sua opinião não contasse no momento de seguir cegamente quando um superior mandava fazer isto ou aquilo e, sobretudo, levar a cabo trabalhos desconhecendo as verdadeiras razões que os motivavam. Na opinião de Takumi sensei, a falta de liberdade enfurecia o Cavalo de fogo; nada motiva tanto como ser dono do seu próprio destino. «Mais cedo ou mais tarde, Eliah, tomarás as rédeas da tua própria vida e converter-te-ás em dono e senhor,»

Apareceram Peter Ramsay e Alaman Al Saud. Pouco depois chegaram Anthony Hill e Michael Thorton. A cozinha encheu-se de vozes, risos e aromas agradáveis. A boa disposição de Alaman contrastava com a seriedade de Eliah, embora se parecessem fisicamente. Apesar de o mais velho apresentar uma tez mais escura, e as feições de ambos, vincadas e varonis, definiam uma família na qual se entrevia a marca de origem árabe-. Uma análise mais minuciosa teria revelado diferenças sutis, como os lábios mais duros, de linhas retas e menos carnudos, sobretudo o superior de Alaman; o queixo mais forte de Eliah; ou as suas sobrancelhas mais espessas e largas; ou o verde dos olhos que era diferente, porque o de Alaman parecia diluído, com a tonalidade do jade, embora reavivado por um círculo azul que rodeava a íris. Quase da mesma altura do irmão, Alaman impunha-se com uma constituição sólida e maciça como o tronco de um carvalho, sem nada da elasticidade que se adivinhava no corpo magro de Eliah e, se não fosse pelo seu sorriso e a sua simpatia naturais, teria o aspecto de um ogro.

Eliah sentara-se num extremo da ilha de mármore preto que ocupava o centro da cozinha, para beber um suco de cenoura e laranja que Leila lhe preparava antes do jantar. Parecia alheio ao ambiente enquanto o bebia com uma lentidão que desmentia a velocidade com que a sua mente saltava de um tema para outro: a missão na Eritreia, o treino dos novos soldados, a investigação do acidente de Bijlmer, o carro suspeito de há minutos, a operação em Cabul, a convenção de Shiloah no Hotel George V. «Matilde.» O pensamento colou-se com a delicadeza do esvoaçar de uma libélula; no entanto, o efeito foi semelhante ao de uma lança. Acabou o suco, levantou-se e abandonou a cozinha em direção à cave.

- Eliah. - Diana alcançou-o em frente à porta blindada que conduzia às entranhas da mansão.

- Diz - respondeu, sem se virar, enquanto apoiava o queixo num suporte para que o scanner lhe lesse a pupila. Várias fechaduras cederam, e a porta abriu-se.

- Acompanho-te até lá abaixo.

Entraram numa pequena alcova forrada com painéis de alumínio que refletiam as luzes, terminando num brilho quase perturbador. Al-Saud apoiou a mão num recetáculo da parede e, depois de um raio violeta lhe percorrer a palma, a porta do elevador abriu-se. Diana e ele desceram três andares.

- O Medes disse-me que devo vigiar uma rapariga que vive num prédio da rue Toullier.

- Vão fazer turnos.

- Quem é?

Al Saud passou o pelo belo rosto de claras raízes eslavas, a brancura da pele sublinhada pelos cabelos e as sobrancelhas escuras como carvão, um contraste que os

olhos azuis pareciam suavizar. Tal como ele, Diana tinha dificuldade em receber ordens sem explicações. E, ao contrário do resto, ele tolerava-lhe essas impertinências.

- Está relacionada com a investigação para as companhias de seguros holandesas.

As portas do elevador abriram-se para uma sala de quase trezentos metros quadrados que teria deslumbrado um simples mortal. Ali pulsava o coração da Mercure entre paredes de betão tão espesso que bloqueavam as lentes dos satélites mais poderosos. Embora as suítes do George V estivessem bem equipadas e protegidas com medidas eletrônicas, constituíam a fachada da empresa, conferindo-lhe uma aparência de normalidade. Ali se reuniam com os clientes, marcavam encontros, ditavam cartas às secretárias, recebiam chamadas e tratavam da papelada legal e administrativa. Entre a cave da casa da avenue Elisée Reclus e os campos de treino nas ilhas d'Entrecasteaux, pertencentes à Papua-Nova Guiné, construía-se o verdadeiro espírito da Mercure.

Naquela sala espaçosa, à qual chamavam a «base», iluminada por candeeiros que simulavam a luz do dia e climatizada por um sistema de ventilação e aquecimento que proporcionava as condições ideais de temperatura, humidade e pressão, Al-Saud criara um centro de comando com tecnologia de ponta que lhe permitia receber, enviar e analisar milhares de dados por segundo através de uma rede de fibra ótica segura. Esse andar estava ocupado por diversas mesas colocadas em filas paralelas, onde os operadores, sentados em frente aos computadores, com auscultadores na cabeça e microfones perto da boca, processavam a informação ou enviavam dados a grupos que estavam em missões no estrangeiro. Os empregados, altamente qualificados, com domínio de diversas línguas e extensos conhecimentos em matéria de sistemas de computação, recebiam gordos salários em troca de uma discricção absoluta e disponibilidade total. Não se distinguia entre o dia e a noite quando se tratava de assistir um grupo de comandos enviado para a selva da Colômbia para resgatar um refém das FARC.

Numa parede distinguia-se um planisfério desenhado sobre uma placa de vidro de cinco metros por três de altura, iluminada com cores suaves e com tantos relógios na parte superior como os fusos horários da Terra. Na parede em frente a mesas havia cerca de vinte televisões com os canais de notícias mais importantes e um terminal Bloomberg para consultar os preços das ações e os índices das bolsas. Dow Jones, Nasdaq, o Footsie londrino, o CAC 40 parisiense, o Nikkei de Tóquio, o Hang Seng de Hong Kong, entre outros. Al-Saud, engenheiro eletrónico e amante da tecnologia, assegurava-se de que essa parafernália cibernética funcionasse, e fornecia à empresa as últimas melhorias em matéria de segurança e de computação, sem se preocupar com o dinheiro, já que os sócios lhe tinham garantido que não poupariam nessa área; uma falha nas comunicações ou um erro na informação podiam acarretar a morte de um soldado da equipe. A outra face do aspeto tecnológico da Mercure chamava-se Claude Masséna, uma espécie de guru dos computadores com aspeto de roedor, a quem os advogados de Eliah Al-Saud tinham tirado da prisão, onde cumpria uma pena por ter entrado no sistema do Banque Nationale de Paris e roubado centenas de milhares de francos. Claude era um hacker.

Al-Saud e Diana caminharam por entre as mesas até à secretária de Masséna. Eliah gostava da ordem que o hacker mantinha apesar do caos de papéis, cabos e aparelhos. O rapaz deixou de olhar para o ecrã e tirou os óculos antirreflexo. Para Eliah, Masséna era uma incógnita que o obrigava a manter-se alerta. Apesar do seu aspeto de rato de biblioteca, tinha desfalcado um dos bancos europeus mais importantes. Não o teriam prendido se ele não lhe tivesse preparado uma armadilha para tê-lo onde o tinha naquele momento.

- Ah, senhor Al-Saud! Boa-noite. Olá, Diana - disse com um sorriso e recebeu em troca um aceno impercetível.

- Que tal, Masséna? - cumprimentou Eliah. - Quando estará pronta a teleconferência com os comandantes do campo de treino? - Referia-se ao campo de treino nas ilhas de Papua-Nova Guiné.

- Acabam de me enviar uma mensagem porque o sistema não lhes permite entrar na *conférence*. Disse-lhes que a chave de participante não existe. Estou a criar uma nova. Dentro de dois minutos estará pronta.

- Entretanto - disse Al-Saud averigua-me a quem pertence a matrícula deste carro. - Repetiu-a de memória: - Quatro, cinco, quatro, whisky, Josefina, zero, seis.

- Porque é que perguntas por essa matrícula? interessou-se Diana.

- É de um carro que estava estacionado quando chegamos. Foi se embora rapidamente. Não me agradou.

- Viste quem ia La dentro?

- Não os vidros eram fumê

- Senhor, já me esquecia - disse Masséna -O Vladimir falava de Vladimir Chevrnikov, o falsificador russo enviou uma mensagem. Os passaportes para o Dingo e o Axel já estão prontos Segundo os registos da Direção da Vigilância do Território - continuou Masséna, esta matrícula corresponde a um automóvel alugado à Rent a car.

- Podes entrar nos sistemas da Rent a car e ver quem o alugou?

Masséna colocou os óculos na ponta do nariz e ensaiou uma expressão eloquente.

- É mole, senhor.

Al-Saud devolveu-lhe um olhar cético.

- Não conseguiste piratear os sistemas da Química Blahetter - recordou-lhe.

- Chefe, esse é um caso especial! Já lhe expliquei que a tecnologia que usam para proteger a informação é desconhecida para mim, algo muito pouco frequente. Daria o meu rim direito para saber de que se trata.

«É a tecnologia da Mossad», pensou Al-Saud.

- Consegue-me os dados desse carro.

- Num momento terá a informação.

Quando a teleconferência ficou pronta, Al-Saud subiu até ao seu escritório, situado no mezanino que dava para a sala. Peter, Tony e Mike juntaram-se a ele. Era urgente discutir várias questões com os responsáveis do treino dos mercenários - muitos chegavam em péssimas condições depois de longas temporadas de inatividade - e daqueles que expressavam o seu desejo de se converterem em soldados freelance. Eliah não gostou do resultado da conversa: requeriam a sua presença em Papua-Nova Guiné, entre outras questões, para dar a sua aprovação aos helicópteros de guerra que acabavam de adquirir. Nunca o incomodava viajar, e muito menos ocupar-se de vários assuntos ao mesmo

tempo; estava na sua essência atacar mais de uma frente ao mesmo tempo. No entanto, nessa ocasião, preferia ficar em Paris.

No elevador, de regresso à sala, Diana sussurrou-lhe: - Para onde é que vão o Dingo e o Axel?

- Para a Eritreia, em África, está em curso uma guerra com a Etiópia e contrataram-nos para organizar o exército.

- E a Etiópia?

- Deles se encarregará a concorrência.

Diana sabia que estava a falar da empresa inglesa Spider International, com quem Eliah mantinha uma disputa pessoal no seu afã de converter a Mercure na número um do mercado, com a maior faturação por ano.

Antes de jantar, Diana e Al-Saud entreteram-se no ginásio situado no último andar da casa. Tratava-se de uma divisão ampla e simples, com três colunas e três pequenas janelas junto ao teto que, pela manhã, filtravam os raios de sol. Os aparelhos para fazer exercício enchiam um setor; o outro, coberto de tatâmis, era um dojo. Depois de meia hora destinada a aquecer e a alongar os músculos, vestiram os fatos de artes marciais. Por esses dias, Al-Saud ensinava a Diana as técnicas da luta krav magá, desenvolvida por um israelita para as forças de defesa do seu país.

Eliah gostava dos reflexos de Diana, que apanhou no ar os dois bastões que lhe atirou de repente e sem dar a volta. Também praticaram com a catana - sabre japonês de fio único e curvado, de aproximadamente um metro de comprimento - e, por último, entraram num combate corpo a corpo simulando várias situações. Diana, estendida de costas sobre o tatâmi, com o antebraço de Al-Saud no pescoço e as pernas imobilizadas, conseguiu murmurar no seu francês mal pronunciado:

- O Takumi sensei diria que o krav magá precisa de estilo. É tosco e grosseiro.

Al-Saud notou que Diana perdia o controle. O peso de um homem sobre ela era-lhe insuportável. Imagens de outros tempos obnubilavam-na.

- Esta técnica não é uma dança, Diana, mas servir-te-á para saíres com vida, garanto-te. O que farias com um homem de noventa quilos em cima de ti? Concentra-te! Volta aqui! Deixa de pensar em Rogatica! Respira! Diana, respira. Ficas cansada se não fizeres como te indiquei. O que farias?

- Não sei! Estou totalmente paralisada.

- Erro! Tens a cabeça e os dentes livres.

- Estás a sufocar-me! Não posso mexer a cabeça.

- Diana, ouve-me, não existe situação da qual não possas sair. O Takumi sensei não te ensinou isso nas aulas de jiu jitsu? Golpeia-me com a testa! Sabias que o osso frontal é um dos mais duros do corpo humano? Usa-o! Se te concentras e me apanhares desprevenido, vai doer-me mais a mim do que a ti. E os dentes? Morde-me o nariz, a bochecha, o queixo. Não é elegante, mas o Krav magá é assim, Diana. Este sistema de luta agarra-se a qualquer coisa, inclusive à fuga, se com isso salvar a pele.

Terminada a sessão, praticaram exercícios de chi-kung para restabelecer a harmonia, tomaram um duche nos balneai los e desceram para jantar.

Al-Saud não acabava de se surpreender com a destreza de Leila na cozinha e a pôr uma mesa, quando no resto se comportava como uma criança. Sándor tinha-lhe explicado que, no restaurante familiar de Sre- brenica, ela trabalhara na cozinha dado o seu talento natural para a preparação de alimentos. Como não a tinham aceite na escola de culinária Le Cordon Bleu, Al-Saud contratou um professor para que ampliasse os conhecimentos, que se reduziam às comidas eslavas. Leila não só se ocupava de alimentar Eliah e os seus convidados ocasionais, mas também preparava o almoço e o jantar dos empregados da base. Mostrava-se zelosa com a lavagem e a passagem a ferro da roupa de Al-Saud e não permitia nem a Marie nem a Agneska, as outras empregadas da casa, que entrassem no quarto dele. Aquilo de que Leila mais gostava era de ir às compras com Eliah ou, na sua falta, com Medes, quando aquele se encontrava em viagem. Levavam-na a diferentes feiras e mercados de Paris em busca dos ingredientes para preparar as refeições. Era um espetáculo observá-la regatear com os comerciantes através de sinais e de sons guturais. Tinha uma habilidade inata para escolher as melhores partes da carne, o peixe mais saboroso, o peru mais carnudo ou as ostras mais frescas. Nunca comprava uma verdura ou uma peça de fruta sem cheirar primeiro.

- Leila - disse Peter Ramsay -, este borscht - referia-se à sopa de beterraba, típica dos Balcãs - está divinal. E uma delícia.

A jovem riu-se, procurou o olhar cúmplice de Al-Saud, sentado ao pé dela, e escondeu a cara no braço dele. Apesar de não falar, nem sequer na sua língua materna, percebia o francês e todos se perguntavam como o tinha aprendido. O doutor Brieger, o seu psiquiatra, dizia que Leila o aprendera como qualquer criança: imitando os mais velhos.

Durante a refeição, a atenção concentrou-se na convenção pelo Estado binacional. Como Shiloah Moses se mostrava tão entusiasmado, nem Al Saud nem os seus sócios quiseram manifestar ressentimentos. Shi loah, ocupado a saborear um bocado de *caneton rôti aux pêches*, incentivou Tony Hill a comentar

- Shiloah, se não contas com o apoio da imprensa, esta convenção passará despercebida e será o mesmo que não ter feito nada.

- Eu sei, eu sei. Para isso preparei algumas surpresas como a presença do brilhante prêmio Nobel da Literatura, o mais jovem prêmio Nobel da Literatura da história, o que destronou o Kipling e que nenhum jornalista conseguiu entrevistar.

Al-Saud levantou o olhar do bocado que estava prestes a meter na boca.

- Não me disseste que o Sabir viria à convenção.

- Confirmou-me esta manhã. Sabes o quanto detesta aparecer em público, mas consegui convencê-lo. Embarcámos juntos neste projeto do Estado binacional e a sua colaboração é imprescindível. O bom nome de que o Sabir tem gozado em Israel e na Palestina é o maior asset com que contamos.

- Devias ter-me dito logo - censurou Al-Saud, e dirigiu-se aos seus sócios: - É urgente aumentar as medidas de segurança, Temos de rever o plano. Por agora devo dizer que o Sabir não dormirá no hotel, mas sim aqui.

- Quem queria fazer mal ao Sabir, o apóstolo da Palestina? - perguntou Shiloah, com um pouco de ironia e ligeireza que irritou Al-Saud.

- A lista é tão longa que só acabaria de a ler amanhã de manhã. Para começar, poderia referir-te o irmão, Anuar, e também os principais partidos políticos do teu país, o Likud e o Trabalhista.

- Quem o protege em Gaza? - interessou-se Sándor. - A Mercure?

- Sim - confirmou Michael Thorton.

- Shiloah - disse Alaman -, espero que dentro de uns dias não nos venhas anunciar que também vem o Yasser Arafat.

- Convidei-o, embora seja impossível contar com ele. Se viesse, o Arafat estaria a apagar com uma mão a assinatura que deixou nos Acordos de Oslo.

- Um político a apagar com uma mão o que assinou com a outra? - ironizou Alaman. - Duvido!

- Por esta altura - opinou Tony Hill o mais provável é que o Arafat se esteja a lamentar por ter assinado esses acordos.

- Shiloah - interveio Eliah -, dou-te uma semana para que nos confirmes a lista de participantes e convidados. Se quiseres que o Arafat participe, tens de te apressar. Temos de terminar o maldito plano de segurança de uma vez.

Subiram até ao primeiro andar, à sala de música, uma divisão mais despojada, com muitos tapetes e cujos padrões psicodélicos em tonalidades azul, lavanda, cinzento e branco evocavam os desenhos de Emilio Pucci, Viárias cadeiras -, Wassily em couro preto e Barcelona em couro branco, definiam O estilo minimalista da decoração. Almofadões com arabescos estavam dispostos à volta de um móvel que albergava a aparelhagem Nakamichi e uma grande quantidade de Cd e de discos de vinil, que proporcionavam um toque eclético ao conjunto.

- O que é que queres ouvir, Shiloah? - perguntou Al Saud.

- Hoje passei o dia a cantarolar *Comfortably numb*. Gostava de a ouvir.

- Boa escolha - apoiou Alaman.

- Pink Floyd é sempre Pink Floyd. Um clássico - disse Michael Thorton.

Os acordes da canção surgiram de todo lado, desde o teto, do fundo da sala, da Nakamichi que tinham à sua frente e, com a sua lenta cadência, envolviam-nos, embalavam-nos em água tépida. A voz de Roger Waters silenciou-os. Al-Saud fechou os olhos e permitiu que a música lhe esvaziasse a mente. Nada tinha nele esse poder apaziguador. Pensou em Matilde, e imaginou-a encostada aos seus pés, em cima dos almofadões, a partilhar com ele essa música e aquele momento. Leila apareceu no segundo solo de guitarra, trazia uma bandeja com chá. Tinha preparado para Eliah um chá verde à maneira japonesa, e serviu-o de joelhos, como Takumi Kaito lhe ensinara, junto à cadeira

Barcelona que Al-Saud ocupava sempre. Eliah reparou nos olhos azuis de Peter Ramsay postos na rapariga. Na verdade, Leila resplandecia de beleza enquanto as suas mãos vertiam o chá nas chávenas de porcelana.

A pista do disco de vinil passou para *The show must go on* e originou uma mudança no ânimo. Shiloah e Alaman evocaram os velhos tempos, quando atravessavam o Canal da Mancha para assistirem aos concertos dos Pink Floyd em Hyde Park. Sándor e Diana ouviam-nos com interesse. Al-Saud e os sócios conversavam entre eles sobre a estratégia para a Eritreia.

O primeiro a despedir-se foi Alaman. Seguiu-se Sándor, que partia para substituir o colega na proteção da senhora Al-Saud. Eliah olhou-o fixamente e soube que o rapaz estava a ter problemas com Yasmin, pois podia tornar-se insuportável se quisesse. Pouco a pouco, a sala de música foi se esvaziando. Shiloah e Eliah ficaram sozinhos, reclinados nas cadeiras, os pés descalços nos almofadões.

- O que sabes sobre o Gerard?

Al-Saud sabia que, mais cedo ou mais tarde, Shiloah perguntaria pelo irmão mais velho.

- Nada. Há algum tempo que não me telefona nem o vejo. Às vezes ligo-lhe para um número que me deu. É da Bélgica. Nunca atende. Deixo mensagem.

- Maldito condenado. Odeia-me. Sabes disso, não sabes? Odeia-me. Sempre me odiou. E desde que a Berta morreu - os irmãos Moses nunca lhe tinham chamado mãe -, esfumou-se como se nunca tivesse existido.

- O teu pai pergunta por ele?

- Nunca. Esse é outro maldito, com um coração de pedra que só gosta de Israel, da causa sionista e um pouco de mim. Nunca gostou do Gérard. Às vezes acho que tinha nojo dele, por causa da sua doença. Julgava-o débil, sempre colado às saias da Berta. Nunca o valorizou! Nem sequer por ser a pessoa mais brilhante que eu já conheci. Lembras-te de como era brilhante? Meu Deus! Onde estará?

- Queres que eu o procure?

- Não. Vamos deixá-lo em paz.

- Voltará quando precisar de dinheiro.

- Dinheiro? Deve nadar nele! Ficou com a fortuna da Berta e com a casa da île Saint-Louis. Eu abstei-me de reclamar a minha parte para não aumentar a distância entre nós. Assinei o que havia para assinar e calei-me. Pensei que o meu gesto nos iria aproximar.

- O que achas que o Gérard anda a fazer?

- As universidades de todo o mundo, os governos e as empresas que desenham armas e aviões de guerra andam atrás dele. A última coisa que soube é que tinha assinado um contrato com a Dassault para fazer parte da equipa que desenhará o substituto do Mirage. Como vês, não deve ter problemas em ocupar o tempo. No entanto, tenho a impressão de que a sua atividade favorita é dedicar-se a odiar o meu pai e a mim. É lógico que odeie o meu pai. Nunca lhe demonstrou carinho, destroçou o coração à Berta com

tantas infidelidades e abandonou-nos quando éramos adolescentes para ir para Israel. Mas odiar-me a mim? Que culpa tenho eu por não ter herdado a doença? Por ser o preferido do meu pai? Às vezes penso que deve ter morrido sozinho, em algum país longínquo onde ninguém lhe deu uma sepultura decente

Tocou o telefone e Al Saud soube que tremeluzia no aparelho o toque da chamada era interna e vinha da base.

-Allô

- Senhor - disse Massena -, vou-me embora, mas antes queria dizer-lhe que, relativamente aos registos da *Rent-a-car* o automóvel foi alugado por Udo Jürkens. Não sei se estou a pronunciar bem. Vou soletrar. - Assim o fez.

- Yerkens - corrigiu-o Al Saud. O que conseguiste averiguar sobre ele?

- Nada. Não há dados nos registos aos quais tenho acesso.

A falta de informação deixou Al Saud ,alerta

- Nem sequer um cartão de crédito?

- Pagou em dinheiro, o aluguel e o depósito de garantia.

- Segue-lhe os passos através do sistema da *Rent-a-Car*. Talvez possamos saber onde vai devolver o carro. É tudo, Masséna. Boa noite.

Para afastar Shiloah do assunto de Gérard, que o mergulhava numa melancolia pouco frequente nele. Al Saud pediu-lhe que lhe relatasse as atividades que se levariam a cabo durante os três dias da convenção no George V. A enumeração levou a uma conversa mais profunda sobre a realidade palestina que não surtiu o efeito desejado no humor do seu amigo.

- Já sabes o que dizia kafka, *mon frère*. Nós, os judeus, somos seres extremamente culpados. E é verdade. Eu sinto culpa. Culpa do país em que vivo, um país do Primeiro Mundo rodeado da miséria dos palestinos. Sinto a culpa dos três mil milhões de dólares que recebemos dos Estados Unidos enquanto que à Autoridade Palestina chegam apenas migalhas.

- Estás a exagerar, Shiloah. O Egito recebe a mesma quantidade de dinheiro dos norte-americanos, e o que fazem com ele? Nada que se traduza em benefícios para o seu povo. Há tanta pobreza como em qualquer país esquecido. Relativamente ao dinheiro que o Arafat recebe, deixa-me esclarecer-te: não é pouco. Mas é devorado pela grande corrupção que rodeia o rais e o seu séquito. Eles deslocam-se em Mercedes Benz enquanto que os palestinos não têm o que comer.

- É isso que diz o Sabir.

-Ouve, Shiloah. Se metade dos povos e dos governos fosse tão nacionalista e amante do seu país como é Israel, o mundo seria um lugar diferente, garanto-te. É verdade que o momento em que os sionistas quiseram a terra foi polémico, mas converteram um deserto num pomar, criaram cidades pujantes na rocha. Não deves esquecer-te de que trabalharam arduamente.

- Eu sei, eu sei. Mas chegou o momento de olhar para os nossos vizinhos e de nos compadecermos. Nós também podemos mostrar compai-xão, monfrère.

Al-Saud não tinha nada a acrescentar, de modo que se remeteu a um silêncio relaxado. Os Pink Floyd continuavam a tocar. De repente, Shiloah levantou-se e o movimento alertou Eliah. Levantou os olhos e estudou o amigo com desconfiança. O segundo copo de Rémy Martin estava a surtir efeito. Shiloah, com a cabeça para a frente e os cotovelos apoiados nos joelhos, perguntou-lhe:

- Como fazes para viver sem a Samara?

O coração de Al-Saud disparou. Parecia-lhe que se *Another brick in the wall* não tivesse enchido cada centímetro cúbico da sala, Shiloah teria ouvido o bater das suas pulsações.

- Às vezes, a ausência da Mariam torna-se insuportável.

Al-Saud voltou a fechar os olhos para conter as lágrimas. A culpa deixava-o sem fôlego.

O elevador de carros parou ao nível da rue Maréchal Harispe, em frente à entrada independente da base, a que usavam os empregados. Masséna espreitou pela janela e fixou o olhar no monitor que captava as imagens da rua. Como não viu ninguém nem nada levantou as suas suspeitas, carregou no comando que abria o portão de ferro forjado. Fechou a janela antes de as rodas alcançarem o passeio, e saiu para a noite fria e solitária. Percorreu a baixa velocidade os poucos metros da rue Maréchal Harispe até desembocar na avenue Elisée Reclus, onde se encontrava a entrada principal da mansão de Al-Saud. Reparou que o Aston Martin do seu chefe continuava estacionado lá fora. Invejava-lhe aquela máquina inglesa, tal como o vigor tosco das suas feições árabes, o corpo de atleta e o metro e noventa de altura. Às vezes imitava-o ao caminhar e, irremediavelmente, ao fim de uns metros, caía novamente na sua posição curvada de utilizador de computador. Embora não lhe conhecesse mulheres, tinha a certeza de que não lhe faltavam, e das boas. Não ficou surpreendido quando Tony Hill comentara com veemência a beleza de Samara. Pelo menos nisso, ele e o chefe estavam empatados; a beleza da sua Zoya não tinha comparação.

Tirou do porta luvas um frasco de perfume, o mesmo de Al Saud, e aspergiu -se generosamente Stephane, uma das especialistas em computação que Mercure tinha contratado para o assistir e para o CONTROLAR, ELE não era parvo dissera-lhe o nome: *A Men, do Thierry Mugler*. Tinha real mente acertado porque Zoya, ao cheirá-lo, ficava doce e disponível.

Chamou-lhe a atenção o único carro estacionado no quarteirão seguinte e, graças aos seus olhos de lince, conseguiu ler a matrícula: 454WJo6, a mesma que Al-Saud lhe tinha pedido para investigar nos registos do governo. Como de costume, a intuição do chefe provava-se verdadeira o automóvel suspeito regressava à cena. Um homem como Eliah Al-Saud, meditou, mercenário de profissão, traficante de armas quando a ocasião o justificava, espião se fosse necessário, filho de um príncipe saudita e multimilionário, devia ter vários olhos em cima dele. Quem era Udo Jürkens? Dos Serviços Secretos da Alemanha? Descobriria a sua identidade; talvez lhe servisse para guardar um trunfo na manga. Ele ainda não tinha percebido bem como fora parar à prisão. O aparecimento dos advogados de Al-Saud, com o doutor Lafrange a dirigi-los, representante em Paris de um dos escritórios mais reputados de Londres, que cobrava quinhentas libras por hora, fora demasiado auspicioso. A tentadora oferta de o tirarem da prisão em poucos dias em troca

de assinar um contrato para trabalhar na Mercure escondia uma trama que ele temia e não conseguia decifrar.

Estava cansado. Depois da festa de fim de ano, de duas noites de sexo esgotante e de dezesseis horas de trabalho contínuo nessa sexta-feira choviam os contratos na Mercure e, embora o seu salário se mantivesse igual, o trabalho não parava de aumentar -, desejava chegar a casa de Zoya, tomar um banho de imersão com ela, comer qualquer coisa e dormir nos seus braços. Apertou o volante e mordeu o lábio quando uma dúvida lhe atravessou a mente: Zoya estaria com um cliente? Detestava o trabalho que ela fazia, apesar de, no passado, as prostitutas fazerem parte da sua vida como os computadores. No entanto, tinha conhecido Zoya num bar e conquistara-a. Ele nunca lhe pagara, nem sequer naquela primeira vez. << Apaixonei-me por ti, Claude», repetia lhe. «Os outros são um negócios para mim, nada mais.» Embora os ciúmes o corroessem, devia aguenta-se por que, apesar de ganhar um bom salário na Mercure, não conseguiria proporcionar a Zoya o luxo ao qual estava acostumada jantares no *La Tour d' Argent*, invernos em *Gstaad*, Verões na Grécia, peles, joias, roupas de marca, nem enviar para a Ucrânia as remessas que sustentavam os irmãos mais novos da prostituta.

No sábado de manhã, Al-Saud ligou-lhes às nove. Matilde preguiçava na cama e, com sinais, ordenou a Juana que lhe dissesse que tinham outro compromisso.

- Nunca mentes! - censurou-a a amiga. - Nunca o fazes. Tinhas logo de começar hoje com o bonitão? O que é que te deu? Estás louca?

- Juana, não quero mais problemas. Não quero outro homem na minha vida.

- Outro homem? Meu anjo, este é o homem! Meu Deus - exclamou, erguendo os olhos ao céu -, dás nozes a quem não tem dentes! Estás morta de medo, não é? É isso? Tens medo?

- Sim, tenho medo! Mas não vou falar sobre esse assunto. Por outro lado, não o conhecemos. Pode ser um traficante de mulheres!

- Não, não é um traficante de mulheres. É Jack, o Estripador.

Pouco depois ligou Sofia, a irmã mais nova de Aldo Martínez Olazábal, que Matilde não conhecia. Ficou nervosa ao telefone. Sofia era a irmã favorita do pai; a que, juntamente com Enriqueta, as tinha sustentado economicamente durante o cumprimento da pena de Aldo; a que nunca regressara a Córdoba, nem sequer para o funeral do avô Esteban. Só se falava dela em sussurros; a avó Celia proibira a menção do seu nome, e Matilde só o ouviu uma vez para se referir ao seu marido, «esse pretinho que não vale nada» tinha dito, Sofia convidou-as para almoçar em sua casa e mandou o motorista buscá-las. «O pretinho que não vale nada» tinha prosperado a julgar pelo Mercedes benz que as esperava à porta e pelo apartamento no número 15 da passage Jean-Nicot, nas imediações da Torre Eiffel, onde as recebeu uma governanta que as conduziu à sala. Ali esperavam-na Sofia, o seu marido Nando e Fabrice, o único filho, o mais novo da família, de dezessete anos, que não tirava os olhos de Juana e se esforçava por estabelecer uma conversa com ela no seu espanhol rasteiro.

- És tão bonita como a tua mãe - disse Sofia, e acariciou a face de Matilde. - Como está ela?

- Bem. Vive em Miami com o marido. Por isso não nos vemos muito.

- Eu e a Dolores nunca fomos muito amigas - confessou Sofia, e desde o princípio se mostrou sincera, com uma retidão que evidenciava o seu carácter maduro. - Talvez tenha sido porque eu tinha ciúmes dela. Eu e o teu pai éramos muito amigos e gostávamos muito um do outro. Hoje de manhã falei com ele ao telefone - anunciou.

- Sim? - Matilde não dissimulou a sua ansiedade. - Como está?

Ficou contente quando lhe disse que vos tinha convidado para almoçar, o almoço decorreu num ambiente relaxado e amistoso. A inquietação inicial de Matilde desvaneceu-se no hall de entrada do luxuoso apartamento, quando a tia a acariciou e a contemplou com uma doçura maternal a qual não estava habituada. Nem Dolores, a sua mãe, nem a sua avó Celia se tinham destacado pela doçura nem pelo instinto maternal. «O pretinho que não vale nada» comia com as maneiras de um senhor, falava com um sotaque suave e olhava carinhosamente para a mulher e para o filho. Antes de se ir embota desculpou-se dizendo que tinha um jogo de golfe, Nando pegou nas mãos de Matilde e garantiu-lhe:

- Sobrinha, está e a tua casa e nós somos a tua família. Não te esqueças.

Para tomar café e chá, Sofia convidou as para uma divisão no fundo do apartamento, com um grande janelão de onde se apreciava o jardim do prédio pela qual entrava a luz que fazia o parquet brilhar. A governanta entrou empurrando um carrinho com o serviço de chá.

- eu trato disto, Ginette- disse Sofia, - Obrigada. Podes retirar-te.

Fabrice, que não escondia o seu encantamento por Juana, convidou-a para ir ao seu quarto.

- Quero mostrar-lhe a minha coleção de CD e de filmes - esclareceu, perante o olhar da sua mãe.

Sofia e Matilde ficaram sozinhas, Depois de uma pausa, a tia enfrentou a jovem com um olhar sério, mas não duro,

- Matilde, queria contar-te porque é que nunca regressei a Córdoba, nem sequer para o funeral do teu avô.

- Antes, queria agradecer-te a ajuda económica que nos deste quando houve o problema do meu pai. Não sei o que teríamos feito se tu e a tia Enriqueta não nos tivessem ajudado. Penhoraram, tudo até os jarrões e os quadros. Vivemos durante um tempo das joias da avó, mas renderam pouco dinheiro e acabaram depressa.

- Em parte, essa ajuda servia para compensar péssima tia que fui para as tuas irmãs e para ti. Quando soube de... Bem do que te aconteceu, estive prestes a viajar, mas confesso-te que dessisti porque não tinha força para enfrentar os meus pais. Eles magoaram-me. Matilde, muito. Fizeram-nos, ao Nando e a mim, algo imperdoável conheces bem a minha mãe, sei que foste praticamente criada por ela, por isso não é preciso explicar-te até onde é capaz de chegar para manter as aparências. Confesso-te que me alegrei quando soube que o meu pai a tinha abandonado para fugir com a Rosalía, uma empregada doméstica, toda a vida a sua amante. Não me condenes por ter ficado contente.

- Não te condeno

- Deve ter sido um golpe terrível para ela, tão orgulhosa do seu apelido, da sua ascendência. do seu palácio. Ah, lembrar estas coisas não me faz nada bem! O rancor é tanto,...

- Não precisas de me contar, Sofia.

- Gostaria que me chamasses de tia, como fazes com a Enriqueta. - Susteve-lhe o olhar, e Matilde não afastou o rosto; sentia-se à vontade com aquela mulher, talvez por lhe lembrar o pai. - És muito doce, Matilde. Há algo nos teus olhos tão belos que me leva a confiar-te este segredo que poucos conhecem.

- Só se te sentires bem em confiar-mo.

-Quando era muito jovem, conheci o teu tio Nando, naquela altura um simples aprendiz nos escritórios do meu pai, em Córdoba. Era um rapaz humilde de Mina Clavero, que nem sequer tinha terminado o secundário, mas por quem me apaixonei à primeira vista. Resumo-te a história. Pouco tempo depois de começar o nosso romance,

evidentemente clandestino engravidei. Já podes imaginar o escândalo que se armou no Palácio Martínez Olazábal. O Nando foi despedido, e ameaçaram-no para que não voltasse a aparecer. Eu fui enviada, como uma encomenda, para uma casa não muito longe daqui, em Paris, para ter o meu bebé. Ninguém em Córdova devia saber. Foram os meses mais duros que vivi. Tive-o nessa mesma casa, sozinha, aterrada, com o coração destroçado e assistida por uma parteira que me metia medo. Quando voltei a mim depois do terrível parto, disseram- -me que o bebé tinha morrido. Não chores, querida. - Sofia passou para o cadeirão ao pé de Matilde e limpou-lhe as lágrimas com um guardanapo.

- Não chores, meu anjo. Esta história tem um final feliz. Ouve. Voltei a Córdova, para casa dos meus pais. Não tinha outro lugar para onde ir. Já não era eu própria. Julgo que por um tempo estive no limbo da loucura. Tinha perdido o homem que amava e o filho dele nascera morto. Nem sequer me tinham deixado enterrá-lo. A dor parecia um buraco no estômago. Só contava com a minha amiga de infância, a Francesca...

- A Francesca? A filha da cozinheira do Palácio Martínez Olazábal?

- Sofia franziu as sobrancelhas, confundida, e Matilde apressou-se a esclarecer: - A Rosalía, a mulher do avô, falava-me sempre delas. Tinha- -lhes muito carinho.

- Sim, falo-te dessa Francesca. Ela era o meu consolo e o meu grande apoio. Um ano mais tarde, o Nando regressou por mim e pelo nosso filho. Foi um duro golpe para ele saber que tinha nascido morto. Culpava-se. Dizia-me que ele me devia ter raptado, que o bebé estaria vivo se o tivesse feito. Enfim, muita dor, muita dor. - Suspirou e pegou na xícara com a mão trémula; bebeu um pouco de chá. - A Francesca casou-se com um magnata árabe, e instalaram-se aqui, em Paris. Pouco tempo depois trouxeram-me a mim e ao Nando. O marido da Francesca deu trabalho ao Nando, e acabaram por ser grandes amigos. Esta tarde deixou-nos justamente para ir jogar golfe com ele. Enfim, como te digo, instalámo-nos em Paris. Apesar de ter perdido o bebé nesta cidade, eu estava contente. Tinha- me afastado do inferno que era para mim o Palácio Martínez Olazábal, vivia com o Nando e perto da minha melhor amiga. Com o passar dos dias, notei que a Francesca não estava bem. Via-a taciturna, calada, como se um problema grave a afetasse. Quando lhe perguntei o que se passava, desatou a chorar e confessou- me que me escondera a verdade para meu bem e que Isso lhe pesava como um fardo, soubera pela Rosalía que, na verdade, o meu filho estava vivo e que os meus pais tinham ordenado que, mal nascesse, o separassem de mim para o levarem para um hospício, aqui em Paris.

- Meu Deus! As mãos de Matilde fecharam-se à volta da garganta como se tentasse calar os impropérios que brotavam no seu interior. - Meu Deus - murmurou, e deixou cair a cabeça,- Tiraram-te o teu filho... Não acredito!

Uma súbita palidez assolou Matilde. espalhando-se pelos lábios e pelo rosto. Sofia assustou se e obrigou-a a tomar um pouco de chá e a comer um bolinho de coco.

- Querida, não te sintas tão mal pediu lhe. e secou-lhe as lágrimas novamente. - Recuperei o meu bebé, que na verdade, era uma menina. Até nisso me tinham mentido. O marido da Francesca, um homem muito rico e generoso, contratou vários detetives que encontraram o hospício onde estava a Amélie. Depois contratou os melhores advogados para conseguirmos a sua guarda, foram meses de muitíssima angustia até que por fim a Amélie ficou conosco, Quando entrei com ela nos braços na nossa casa... Sofia abafou um soluço, e Matilde apertou os lábios para não começar a chorar como uma criança, Sofia levantou se ao ouvir vozes que avançavam pelo corredor. Abandonou o cadeirão e caminhou até à porta.

- ola . Sofi! -cumprimentou uma mulher. Olha só quem veio comigo. Oh, desculpa! Não sabia que tinhas visitas. A Ginette não nos avisou. Por favor, entrem convidou Sofia, ainda abalada.

Matilde vasculhou na sua bolsa, à procura do lenço de Eliah. Virou-se para esconder o rosto e secar as lágrimas. Ao voltar-se, ficou congelada, Eliah observava-a com firmeza na soleira da porta. Pôs-se de pé de repente, num gesto automático. A expressão dele assustou-a.

O duro treino recebido em L' Agence preparara-o para anular o efeito surpresa de forma a não perder a capacidade de reação que numa missão podia significar a diferença entre a vida e a morte. Também Takumi sensei lhe ensinara a esperar o inesperado. Mas encontrar Matilde na sala da sua tia Sofia deitou por terra anos de disciplina rigorosa, e deixou-o espantado e imóvel, embora de seguida tenha recuperado, ao reparar nas lágrimas na sua face. Aproximou-se depressa e pôs-lhe as mãos nos ombros.

- O que se passa? Porque estás a chorar?

- Nada, nada - conseguiu balbuciar Matilde.

- Como? - ouviu-se a voz de Sofia. - Vocês conhecem-se?

- Sim, tia, conhecemo-nos - respondeu Al-Saud, de costas para ela e sem deixar de olhar para Matilde, que o fitava num ato de coragem inusitada. - Diz-me - sussurrou-lhe, e inclinou-se para ela -, o que se passa?

- Eliah, meu filho, não nos vais apresentar?

Al-Saud retirou as mãos dos ombros de Matilde e afastou-se.

- Francis, apresento-te a minha sobrinha Matilde, a filha mais nova do Aldo. Matilde, esta é a Francesca, a minha amiga de infância e a mãe do Eliah, como podes ver.

- Muito prazer - disse Francesca, e deu-lhe dois beijos na face ainda húmida, e Matilde, apesar da sua perturbação, captou o rasto de perfume que brotou do pescoço da mulher e que adoçou o ar tal como faziam os jasmims japoneses da avó Celia em novembro. «A Juana saberia identificar o perfume que usa.»

- Muito prazer - murmurou Matilde.

- És tão bonita como a tua mãe.

- Obrigada.

- Tia, porque é que a Matilde estava a chorar?

- Porque lhe estava a contar uma triste história de família. Emocionou-se, nada mais, Eliah.

- Estás pálida - insistiu Al-Saud, e segurou-a pelo antebraço para a sentar no cadeirão.

Francesca, ainda de pé, seguia o seu filho com o olhar. Não se lembrava de o ter visto tão solícito. Nem com Samara tinha mostrado a preocupação que exibia com essa moça, «a filha mais nova do Aldo». «Que bonita é!», disse para si mesma, muito mais do

que Dolores Sánchez Azúa, possuidora de uma beleza indiscutível mas fria, à qual faltava o calor que irradiava dessa moça, ainda abalada pelo relato.

Tia, serve outro chá à Matilde, com muito açúcar. Por favor - instou a, sentado ao pé dela, no cadeirão -, come alguma coisa. - Mostrou-lhe o prato com os bolos.

- Estou bem garantiu-lhe, sorrindo. - O que é que estás a fazer aqui?

- Vim trazer a minha mãe.

- Francis, por favor, senta te. O que é que te sirvo? chá ou café?

Matilde ouviu que a senhora aceitava um chá com leite e de seguida, enquanto ocupava um canapé, censurava a sua inoportuna chegada. A sua voz, de notas mais graves e de sotaque refinado, proporcionou a Matilde uma grande paz. Virou a cabeça para olhar para ela, e deu-se conta de que era o objeto de interesse da mulher. Sorriam uma à outra.

- Com que então tu e o meu filho conhecem-se?

Matilde, ainda insegura, pigarreou antes de explicar:

- Conhecemo-nos no avião há dois dias, viajámos ao lado um do outro. E ontem encontrámo-nos por acaso numa estação de metro.

Al-Saud amaldiçoou a facilidade com que Matilde se abria como um livro, com uma inocência que era perigosa. A mudança da sua mãe não o apanhou de surpresa. Francesca arqueou as sobrancelhas e cravou nele um olhar interrogativo. Sofia não se mostrou tão comedida.

- Tu, Eliah, no metro? O que estavas lá a fazer? Nem sequer consigo imaginar-te a usar o metro. Toma, querido. - Passou-lhe uma xícara de café. - Sabes uma coisa, Francis? A Matilde sabia da tua existência e da tua mãe porque a Rosalía lhe falava sempre de vocês.

- A sério? A boa da Rosalía...

- A Rosalía e eu éramos grandes amigas. Ela ensinou-me a cozinhar.

- Depois de dois goles de chá, recuperara a compostura; nem sequer a presença de Eliah, que lhe roçava na perna com a coxa, a intimidava. - E dizia-me sempre continuou que o que me estava a ensinar tinha aprendido com a Antonina. De modo que, por exclusão de partes, tudo o que sei cozinhar devo-o à sua mãe.

Baixou o olhar, assustada de repente com a sua própria voz ainda suspensa no silêncio da sala. Não costumava expor-se em frente a desconhecidos; com dona Francesca acontecia-lhe algo pouco comum.

Francesca reparou que Eliah obrigava Matilde a abrir a mão para lhe tirar o lenço, que estudou antes de sorrir. Os sorrisos do seu filho eram tão raros que lhe inspiraram, por sua vez, um sorriso; intrigava-a o que o teria motivado. Sofia falava-lhe e ela assentia, concentrada nos jovens. Eliah achou a expressão de Matilde entre envergonhada e ansiosa. Olharam-se em silêncio, e Francesca permaneceu extasiada perante aquela troca. Apercebeu-se de uma corrente profunda entre eles. Com as cabeças muito juntas, começaram a murmurar. Ela não os ouvia.

- Diz-me a que é que correspondem estas iniciais. - Matilde acariciou o S e o A com o dedo.

O movimento do indicador sobre as letras do seu apelido provocou-lhe um tremor na virilha. O poder daquela jovem estava a tornar-se incomensurável, tal como a obsessão que se apoderava do seu estado de espírito e que ele não sabia ou não queria controlar.

- São do meu apelido - explicou, com a voz grave. - Al-Saud.

- Al-Saud - sussurrou ela com o olhar no bordado. - É tão estranho encontrar-te aqui - admitiu de repente, e levantou o olhar para lho dizer.

- Tu, o filho da dona Francesca. Cresci a ouvir o nome dela e o da tua avó Antonina. Estou surpreendida com tantas coincidências!

- Não há coincidências, Matilde.

- Não? - Brincou com ele, ela, a que desejava os homens bem longe.

- Não, não há. É evidente que tu e eu estamos predestinados a...

- Bonjour, tante! - Fabrice entrou na sala com Juana que, ao ver Al-Saud, permaneceu estática na soleira. - Cousin!

Al-Saud levantou-se e apertou a mão a Fabrice.

- Bonitão?

A gargalhada de Eliah motivou uma troca de olhares entre Francesca e Sofia.

- Sim, Juana, sou eu.

Deram um abraço.

- O que é que estás aqui a fazer?

- Vim trazer a minha mãe. Mãe, apresento-te a Juana, uma amiga da Matilde.

Juana inclinou-se para beijar Francesca.

- É um prazer. - Virou-se para Eliah. - Que coincidência incrível! Ontem no metro e hoje aqui. Não posso acreditar.

- Então chegaram há pouco tempo a Paris - disse Francesca, e iniciou uma conversa com Juana e Sofia.

Pelo seu lado, Fabrice atraiu a atenção de Al-Saud, e Matilde agradeceu a intromissão do seu primo porque Eliah se dirigia a ele em francês. Nunca imaginou que esse detalhe - ouvir um homem falar francês - a fizesse vibrar. Sozinha e esquecida no cadeirão, dedicou-se a estudá-lo. Notava-se a qualidade da sua roupa, e pela primeira vez envergonhou-se da sua saia de lã cinzenta e do cardigã preto, comprados no mercado do bairro Once por poucos pesos, enquanto que Al-Saud se vestia como um modelo da Yves Saint Laurent. O corte impecável do blazer em tons marfim, com botões dourados, realçava o físico de atleta, e ajustava-se-lhe aos ombros e à linha reta das suas costas como se tivesse sido feito à medida. As calças de gabardina azul marcavam-lhe umas pernas compridas e um pouco arqueadas, como as que têm os cavaleiros. «Saberá montar?»,

perguntou-se. Gostou da camisa de tecido escocês verde e azul, cruzada por finas linhas brancas. Até reparou no calçado, uns ténis creme, que marcavam o estilo informal, sem o privar de elegância. Notava-se que se sentia confortável com o corpo e com a roupa, apesar de não ser a mais adequada para um dia tão frio. Tudo nele - a forma como erguia a cabeça e perfilava os ombros, a roupa, o timbre da voz, a forma como movia as mãos ao falar - revelava uma personalidade sólida. Veio lhe à cabeça uma ilustração d'O Jardim Perfumado e o parágrafo que a acompanhava. A posição da ovelha. A mulher ajoelha-se e apoia os antebraços no chão, enquanto o homem se ajoelha atrás dela e desliza o pénis no interior da vulva, que ela tenta fazer sobressair como consegue. O homem deve colocar as mãos nos ombros da mulher.

O toque de um celular tirou-a daquele devaneio. Ainda restavam vestígios do pensamento pecaminoso: as faces quentes e a pulsação entre as pernas. Reparou que Al Saud se afastava para responder à chamada. Com quem falaria? Tratar se ia de uma mulher? A imagem daquele homem nos braços de outra deitou por terra a sua alegria e, ao ouvi-lo dizer que se ia embora, a raiva tomou o lugar do desânimo.

- Querem jantar comigo? Matilde reparou que ele fazia pergunta a olhar para Juana. Ou têm outro compromisso esta noite? - acrescentou e virou-se para a encarar.

Lamentou a facilidade com que o seu rosto corava, e perdeu a oportunidade de declinar a oferta porque Juana se adiantou.

- Claro que sim! Não temos nada para fazer esta noite.

A expressão de desconsolo de Fabrice obrigou Al-Saud a perguntar:

-Tu viens avec nous, Fabrice?

-Bien sûr!

Matilde, Juana e Fabrice dirigiram-se ao fundo da casa para recolherem os casacos, e Sofia aproveitou para pegar na lapela do casaco de Eliah e olhá-lo de frente.

- A tua mãe e eu vimos como olhas para a Matilde. Aviso-te, sobrinho, essa moça é um anjo que veio a esta Terra. Não a magoes. Já sofreu demasiado nesta vida.

Esta última afirmação mergulhou-o num silêncio angustiante. Não se atrevia a interrogar a tia. Ele, um Cavalo de Fogo que não tinha medo de nada, retrocedia perante a dor de Matilde.

- Sei que acabas de a conhecer - conseguiu dizer. - Como é que sabes que é um anjo?

- Porque me disse o meu irmão Aldo, e ele não fala assim da Céline.

«Céline, a irmã de Matilde.» Um ardor incomodou-lhe o estômago.

A glamorosa Céline, com quem partilhara umas horas de sexo duas noites antes. Agradeceu ter sido sempre discreto com ela.

Ao despedir-se das senhoras, Matilde reparou que Francesca lhe lançou um olhar especial, lhe apertou a mão e lhe chamou «meu anjo». Na rua, enquanto se dirigiam ao Aston Martin, Eliah confessou-lhe:

- Estou feliz por te ter encontrado na casa da minha tia Sofia. Sabes porquê? - Ela negou com a cabeça. - Porque esta manhã, quando disseste que não e a Juana me disse que tinham outro compromisso, julguei que estavas a mentir.

«Na verdade, menti-te.»

- Zanguei-me contigo - continuou Al-Saud - porque pensei que não tinhas nenhum compromisso. Ou, pior ainda, que ias sair com um namorado que tens em Paris.

- Eu não tenho namorado.

- Então porque és tão fria e esquiva comigo?

Al-Saud estudou-lhe o perfil e arrependeu-se por a ter pressionado. Ela acelerou o passo, com o olhar no chão e a mão no peito para fechar o casaco. Apontou para o automóvel com um aceno. De seguida, ouviu-a dizer:

- Eu sou assim, fria.

A sua voz atormentada oprimiu-lhe o peito. Al-Saud pôs-lhe as mãos nos ombros e encurralou-a contra o Aston Martin.

- A única coisa que tens frio, Matilde, é o nariz. - Beijou-o e, ao reparar no gesto de pânico dela, perguntou-se se alguma vez já teriam beijado. Ficou a contemplá-la. Tinha-a tão perto. Os seus olhos vaguearam pelo rosto oval, de pele suave e sem falhas, de uma brancura inverosímil e, como se o seu aspeto de adolescente não bastasse, descobriu-lhe umas sardas na ponta do nariz. Embora não lhe tocasse - as suas mãos descansavam agora no teto do bólido inglês -, percebia a tensão do seu corpo como a de um animal encurralado por um predador. Sentiu-se tentado a apoiar a barriga no estômago dela para ver a reação. «Seria a de uma virgem do século passado», pensou, Não que ela não o era. A lembrança de Blahetter, o suposto marido, levou-o a afastar-se. A correria de Juana e de Fabrice, que se tinham entretido numa vitrine, pôs fim ao momento.

- Bonitão! - exclamou Juana. - É verdade o que diz o Fabrice? Este Aston Martin é teu? - Eliah assentiu, sério, e abriu a porta do acompanhante. - Oh, my God! Oh, my God!

- Entra - ordenou a Matilde.

- Por favor, bonito, deixa-me sentar um bocadinho ao volante!

Al-Saud assentiu e, enquanto explicava a Juana e a Fabrice as funcionalidades do painel, lançava olhares furtivos a Matilde. Ela não se impressionava com a tecnologia nem com o design tio DB7 Volante.

- Noutra ocasião, deixo-te conduzir, prometeu Al-Saud, e Juana respondeu com um gritinho. Gostavas de o conduzir, Matilde?

- A Mat não sabe conduzir. Nunca quis que- lhe ensinasse.

Chegaram Shiloah e Alaman, ao volante do seu Audi AH. Al-Saud fez as apresentações. A simpatia de Shiloah e Alaman conquistaram Matilde, que os seguia com o olhar e sorria. Al Saud, raivoso, ciumento, instou-os com brusquidão:

- Vamos, vamos, entrem no carro. Vamos ao Benkay.

- Não gostavas de saber se nos apetece ir a um restaurante japonês? queixou se Alaman risonho.

- Nunca comi comida japonesa! O entusiasmo de Juana selou a contenda.

Fabrice preferiu ir com o primo Alaman. Eliah, sem dizer nada e com evidente mau humor, apertou o cinto de Matilde antes de começar a viagem. Meteu um CD com várias famosas, e a voz de Bocelli acabou com o silêncio entre eles e abafou o bater dos dentes de Matilde.

- Tenho muito frio - acabou por admitir, incapaz de controlar os arrepios.

Al-Saud olhou-a, preocupado, e aumentou a potência do aquecimento. Matilde notou-o nos pés e suspirou. Descontraiu-se pouco a pouco, e os arrepios cessaram.

- Estás melhor?

-Sim, obrigada. Tu não tens frio? Estás tão mal agasalhado.

- Estou habituado - disse de forma seca. O que lhe diria? Que durante o treino em L' Agence o meteram em tanques com água gelada até que os seus membros se enchessem de câibras e o médico avisasse de risco de enfarte? Essa prática, que o habilitava a suportar a hipotermia por muito mais tempo, parecia ter-lhe modificado a temperatura do corpo, e dias gélidos como aquele não o afetavam.

- Quem não tem um casaco apropriado para este clima és tu - disse, lançando um olhar displicente ao seu velho casacão de lã.

- Ah, a Torre Eiffel! - extasiou-se Juana. - É mais imponente do que julguei.

Al-Saud observou Matilde, que se virou no assento para admirar a torre que ia ficando para atrás.

- O contraste entre as luzes cor de laranja e o céu negro é deslumbrante - disse por fim, sem se virar, com o nariz colado à janela. Como se a elegância da torre a tivesse envergonhado, voltou-se para a frente e perguntou: - O lugar onde vamos é muito luxuoso? Eu não estou bem vestida.

- Assim estás bem. - «Com o teu cabelo solto e as tuas feições», ter-lhe- -ia dito, «ninguém vai reparar nessa roupa que te favorece tão pouco». No entanto, calou-se. As suas palavras assustá-la-iam como a um passarinho.

O restaurante, no vigésimo nono andar de um hotel no quai de Grenelle, em frente ao Sena, era um dos preferidos de Al-Saud. O maitre conhecia-lhe os gostos e mostrava-se sempre disposto a satisfazê-lo. Colocou os seis numa mesa baixa, com duas cadeiras frente a frente, ao pé do janelão que dava para o rio. A vista noturna era impressionante. A decoração japonesa mal se via através da ténue penumbra; as velas, as luzes baixas e os grandes janelões criavam um ambiente exótico e voluptuoso que intimidou Matilde. Sentia-se deslocada e mal vestida.

Alaman e Shiloah, parecidos nos seus modos afáveis, espíritos otimistas e sorrisos incansáveis, conseguiram o que para ele se tinha tornado impossível: fazer com que Matilde se sentisse confortável. Com o irmão e o amigo, não se assustava nem se punha à defensiva, até se ria e participava na conversa em inglês, em consideração a Shiloah, que não dominava o espanhol. Eliah tinha-a ao seu lado no cadeirão, mas teria sido a mesma

coisa que se estivesse na outra ponta do restaurante. Houve momentos de intimidade, quando lhe ensinou a usar os pauzinhos e o riso de Matilde, perante a sua própria falta de jeito, lhe acariciou a alma, e quando a ajudou a escolher os pratos do menu. Também quando, depois de se dirigir ao empregado em japonês, ela lhe perguntou onde tinha aprendido essa língua.

Foi o meu mestre de artes marciais que me ensinou. Gostaria que o conhecesses.

- Vive em Paris?

- Não. Em Rouen.

- É muito longe daqui?

- Não. Pouco mais de cem quilómetros.

- E em que língua pensas?

- Em francês.

Shiloah interrompeu a conversa. O homem queria saber se era verdade que Matilde tinha vinte e seis anos e era cirurgiã. Alaman também não acreditava. Matilde confirmou o que lhe perguntavam, e Juana incitou-a, triunfante:

- Mat, mostra-lhes o teu RI! Vá!

Ao verem a identificação de Matilde, os homens admitiram a sua derrota.

- Devem-me cem francos cada um.

- Juana, por favor! - scandalizou-se Matilde, mas ninguém lhe prestou atenção; riam-se e comentavam enquanto saldavam dívidas.

O empregado perguntou se podia retirar os pratos. O de Matilde estava quase cheio.

- Não comeste nada - censurou Al-Saud. - Queres que peça para aquecerem a tua comida?

- Não, obrigada. Estou satisfeita.

- Satisfeita? Só comeste três bocados.

Pelo canto do olho, Al-Saud captou a piscadela de olho de Juana, que baixou os olhos e negou ligeiramente com a cabeça. «Não insistas», sugeria-lhe claramente.

- Que horas são? - quis saber Matilde; o seu relógio continuava sem pilha.

- Vinte para as onze - respondeu Al-Saud.

- Já venho - anunciou; devia tomar a medicação e não queria fazê-lo em frente dele.

Al-Saud viu-a entrar no banheiro. Deixou o lugar e foi atrás dela. Esperou-a no corredor. Ela saiu do banheiro e não o viu.

- Matilde!

O poder da sua voz enfraqueceu-lhe as pernas. Virou-se e vislumbrou-o na escuridão do fim do corredor. As sombras acariciavam-lhe o rosto à medida que ele se aproximava. Tinha tirado o casaco, e a camisa de tecido escocês, que lhe cingia o tronco e os braços, deu-lhe a entender que era um homem muito forte, muito mais do que Roy. Sentiu pânico. Os olhos de Eliah tinham escurecido como um céu que pressagia tempestade.

- O que é que se passa? - tentou parecer calma.

O silêncio no qual ele avançava acabou com a sua segurança fingida. Retrocedeu e chocou contra a parede. Al-Saud caiu sobre ela como ave de rapina, e afogou-a com o seu corpo, com os seus braços, com o seu peito, e também com o seu perfume e o sua aura de poder. Ela esquivou os lábios, e ele segurou-lhe no rosto com uma mão até que a sua boca se apoderou da dela. O terror de Matilde era tão palpável como o seu corpo. «Que pequena és!», exclamou a sua alma desbocada. «Qualquer um lhe faria mal! Meu Deus! O que estou a fazer?» Ela parou de se debater e ficou tensa. Nunca se tinha imposto a uma mulher. Porque o fazia com Matilde? Que qualidade tinha ela para despertar esse energúmeno nele? Em que instante se tinha desviado do seu objetivo? Insistia com os seus lábios sobre os dela, incapaz de travar o frenesim que o dominava.

- Meu Deus, Matilde... O que estou a fazer? - Não se atrevia a enfrentá-la, por isso escondeu a cara no seu pescoço com cheiro a bebé. - Porque é que me rejeitas? Não o suporto - acabou por admitir. - Estás a me deixar louco. - E não mencionou que na noite passada tinha dormido pouco e mal por causa dela, e que se tinha levantado de madrugada ansioso pelas nove horas para lhe ligar.

Matilde mal tocava no chão com as pontas dos pés. O corpo de Al-Saud sustentava-a contra a parede. Sentia os seus lábios no pescoço enquanto ele falava, e o vigor das suas mãos na cintura. Queria deixar-se levar. «O teu medo é, na verdade, orgulho», tinha diagnosticado a sua psicóloga. És tão perfeccionista que não te perdoas não sê-lo nesse assunto, e proíbes-te experimentar. Pratica, Matilde. É sempre necessário praticar.» Queria praticar.

- Não te rejeito - sussurrou por fim, tocada pela infelicidade dele.

Al Saud levantou a cabeça porque lhe pareceu que ela tinha dito algo. Como?

- Não te rejeito, Eliah.

Ele sorriu ao ouvi-la pronunciar o seu nome pela primeira vez nesse dia com que migalha se contentava! Ele, que dormia com uma das modelos mais famosas da Europa. Acariciou-lhe a face e os lábios avermelhados com os seus próprios lábios sem deixar de a abraçar.

- Já te disse, eu sou assim, fria.

- Não é verdade. Estás a mentir, e irrita-me não entender porquê.

- Não sei beijar.

A confissão apanhou-o desprevenido. Demorou um segundo a recompor-se. A sua mão direita subiu pelas costas de Matilde e segurou-lhe na nuca, enquanto o braço esquerdo se ajustou à sua pequena cintura. Atraiu-a para o seu corpo e beijou-a. Não havia técnica com ela, simplesmente fechou os olhos e devorou os seus lábios, consciente da mulher que tinha presa contra a parede, um mistério, uma cirurgiã com cara de

adolescente, um anjo, tinha dito Sofia. Sim, sim, havia algo de sobrenatural nela, e como o seduzia! Êbrio, avançava para ela sem medir as consequências. Em que confusão se estava a meter? Porque se precipitava para uma grande confusão. Estava a misturar as coisas, algo imperdoável num profissional. Sentiu-a tremer e desejou que fosse de paixão. Tinha esquecido a ternura inicial. As suas questões precipitavam-no para um beijo com lábios desesperados. Movia a cabeça de um lado para o outro à procura... O que procurava? Agradar-lhe. Que gostasse dele. Desejava a sua aprovação. O que diria se conhecesse o seu passado? Que opinião teria do trabalho de mercenário? O temor a essa resposta acelerou a sua paixão, e um gemido involuntário escapou de entre os seus lábios.

Matilde nem sequer podia mexer as mãos, presas pelo tronco dele. Nada do que se tivesse esforçado a imaginar igualava a sensação de ser beijada por Eliah Al Saud. A sua boca tinha começado com prudência para acabar descontrolada sobre a dela. Não se atrevia a nada, o atrevimento dele mergulhava-a numa atitude passiva. Só queria sentir. E estava a sentir como nunca. Queria concentrar-se para não esquecer. Levaria esse beijo com ela e revê-lo-ia na sua mente mil vezes. Era a melhor coisa que lhe tinha acontecido na vida. Estava descontraída e tensa ao mesmo tempo; queria fazê-lo bem, mas estava disposta a aprender. O temido momento chegou e ele exigiu-lhe com a língua que se abrisse. Inspirou porque sabia que o *A Men* que impregnava a camisa dele a ajudaria. A voluptuosa fragrância encheu-a de energia e abriu a boca para aquele homem, que se introduziu com o ímpeto de uma locomotiva e percorreu o seu interior com a impaciência de quem tinha perdido algo vital. Não sabia o que fazer. A sua própria língua tinha-se retraído, assustada perante a invasão. Quanto tempo duraria o beijo? «Em algum momento acabará», disse para si própria, e esse pensamento desanimou-a. Com Roy sempre desejara que terminasse.

Atreveu-se a tocar na língua dele, e ele reagiu com um gemido rouco. Empurrou-a com a pélvis, e Matilde sentiu a sua ereção contra a lã do cardigã. Afastou a boca e suplicou-lhe:

- Chega, por favor.

Al-Saud obedeceu. Ficaram em silêncio, ela com os olhos fechados e a boca entreaberta por onde escapavam os seus arquejos. Era a boca mais doce que tinha beijado, e tinha beijado umas quantas. Matilde apoiou a testa no peito dele.

- Não digas nada, por favor. Tudo o que disseres soará como uma mentira para mim.

Al-Saud não pensava dizer nada. Tinha ficado sem palavras e só desejava continuar a beijá-la. Uns clientes destruíram-lhe as intenções. Ao ouvi-los, Matilde mexeu-se, nervosa, e ele afastou-se. Antes de voltar à sala, disse-lhe ao ouvido:

- Mentirosa. Não és fria. - E beijou-a nos lábios.

Agradecia a penumbra reinante, de outra forma a sua excitação teria sido evidente. Passou pela caixa e pagou a conta. Foi recebido com olhares entendidos na mesa.

- Vamos? - disse, enquanto vestia o casaco. - Já é tarde.

- E a Mat?

- Já vem.

Matilde regressou, inquieta e ruborizada, e, de cabeça baixa, aceitou a ajuda que Al-Saud lhe ofereceu para vestir o casaco. Desceram os vinte e nove andares até ao hall do hotel sem trocar olhares nem palavras. Por sorte, os risos e brincadeiras dos restantes enchiam o elevador. A saída do hotel, Al-Saud deu-se conta do disparo de um flash nas suas costas. Virou-se com rapidez. Demorou um segundo a identificar Ruud Kok, o jornalista holandês que lhe apontava uma máquina fotográfica. O jornalista enfrentou-o com grande coragem já que não se esquecia da demonstração de artes marciais à porta do George V. Eliah parou em frente a Kok e cravou nele um olhar feroz antes de lhe tirar a máquina, abrir o compartimento do rolo e velá-lo. O jornalista tentou tirar-lha, em vão, e acabou com a máquina metida no peito, no mesmo ponto onde tinha recebido o pontapé de Al Saud. Gemeu de dor. Eliah tirou cinquenta francos da carteira e atirou-lhos á cara. Em silêncio, levantou o indicador em sinal de aviso. Deu meia volta e afastou-se.

Apresentou umas explicações lacónicas a Sliiloah e a Moses em francês, por isso Matilde e Juana ficaram excluídas. Mais tarde, à porta do prédio da rue Toullier, Juana deixou-os a sós. Matilde tinha os pés congelados e o corpo doido, e uma náusea ligeira avisava-a de que se tinha excedido. Olhou para ele para se despedir Al Saud abraçou-a, e ela não disse nada, comprazendo-se no calor do seu corpo.

- Matilde - disse, e inclinou se para apoiar a testa na dela. - Não sei o que me acontece contigo.

- Eu também não. - Deu meia-volta e fugiu dele.

Tinha tanto frio, só pensava num banho. Mais recomposta depois de meia hora debaixo de água quente, saiu da casa de banho envolvida na toalha e, enquanto secava o cabelo com lânguidas fricções, deteve o olhar num ponto indefinido e ficou a pensar. Há três dias que estava em Paris, e a sua vida começava a dar sintomas de se tornar incontroável. Como tinha chegado a esse ponto? Se raciocinasse com calma, tudo começara no início da própria viagem, quando, por uma questão de sorte, ficara sentada ao lado de Eliah. Agora sabia o seu apelido. Al-Saud. «Eliah Al Saud», murmurou para que Juana não ouvisse, e passou os dedos pela boca. Al Saud. Tratava-se de um apelido exótico. «Eliah Al-Saud», pensou e enterrou o nariz no elástico da luva ainda impregnado de *A Men*. Esse nome ficava bem ao seu aspecto fora do vulgar. Ela duvidava que Al Saud entrasse numa divisão e passasse despercebido; era difícil não se virar para o admirar.

Nessa mesma noite, Francesca tirava a maquiagem sentada em frente a sua penteadeira. Através do espelho, observava Kamal, que lia o jornal na cama.

- Acho que o teu filho está apaixonado.

- O Alaman? - perguntou sem tirar os olhos da leitura.

- Não. O Eliah.

Kamal levantou o rosto e tirou os óculos.

- Como é que sabes?

- Vi com os meus próprios olhos, hoje na casa da Sofia. Encontrámos lá a Matilde, a sobrinha dela, a filha mais nova do Aldo. Ela e o Eliah conheceram-se no avião quando vinham de Buenos Aires para cá. Já viste bem esta coincidência?

- Em que avião? No do Eliah?

- Não sei. Não tive oportunidade de indagar. Não percebo.

Francesca não deu importância ao assunto e encolheu os ombros.

- Acho que esta moça é a que esteve tão doente há anos. Câncer, segundo me lembro.

- Agora está bem? - perguntou Kamal. Francesca assentiu. - Porque é que dizes que o Eliah está apaixonado por ela?

- Pela forma como a olhava. - Francesca deixou o banco e deitou-se de barriga para baixo na cama, ao lado do seu marido. Sabes, meu amor? Hoje o nosso filho lembrou-me muito de ti. E quando olhava para Matilde fazia-o da mesma forma como tu me olhavas na minha primeira visita no sítio de Jeddah.

- Ah, então está louco por ela.

No dia seguinte, de acordo com o combinado, Eliah e Shiloah passaram pela rue Toullier para as irem buscar. Juana desceu sozinha.

- E a Matilde? - preocupou-se Al-Saud.

- Hoje não vem connosco. Não se sente bem.

Juana deteve-o pelo antebraço quando Eliah se lançou para a porta do prédio.

- Bonitão - disse-lhe com uma seriedade que Al-Saud não se atreveu a ignorar -, eu estou do teu lado, e tu sabes. Mas agora aconselho-te a que a deixes. A Matilde não é como uma mulher qualquer. No que lhe diz respeito, penso que é feita de vidro.

O dia tornou-se cinzento e deprimente para ele, embora o sol brilhasse e o céu tivesse adquirido uma tonalidade azul suave, sem nuvens. Estava prestes a abandonar Shiloah, mas, ao vê-lo tão entusiasmado com Juana, desistiu. Não queria deixá-lo sem meio de transporte; conseguir um táxi em Paris é como encontrar uma agulha num palheiro. Por isso passou o dia a fazer de motorista mal-humorado. Em todo o caso, o que faria nesse domingo? Refugiar-se na base para trabalhar ou encerrar-se na suíte do George V a preencher papelada?

Shiloah, que desejava realizar qualquer pedido de Juana, aceitou levá-la ao último andar da Torre Eiffel. Há anos que Al-Saud não subia; tinha-se esquecido do quão magnífica era Paris a trezentos metros de altura.

O desejo de ter Matilde ao seu lado, de se inclinar sobre ela para lhe mostrar as construções mais famosas, como Shiloah fazia com Juana, converteu-se numa agonia tão imprópria da sua índole que acabou por apanhar o elevador e voltar para terra firme. Na base da torre, não conseguiu resistir e ligou-lhe no celular.

- Sim? - A sua voz soou congestionada. Na verdade, não estava bem. Na noite anterior tinha apanhado frio. - Sim? Quem fala. Roy, és tu?

- Sou eu.

- Ah, olá.

- Ligo para saber como estas. A Juana disse-me que não te sentes bem.

- Estou melhor. Obrigada.

- Fico contente. - Após uma pausa, disse: Quero ver-te. Vou agora para a tua casa.

- Não, estou muito confusa. Para além disso, podia contagiar-te.

Outra pausa.

- Está bem. Então não te vou incomodar. Melhoras - e desligou.

O carro parou em frente a um portão de madeira. No centro do arco de volta perfeita destacava-se uma placa de cerâmica azul com o número trinta e seis em branco. A familiaridade do portão, da placa, da tipografia do trinta e seis, das rosetas, de tudo, provocou-lhe uma inquietação que, se não fosse controlada, levaria ao choro e à angústia e provavelmente a um ataque de porfiria. O passado golpeava-o cada vez que visitava a mansão dos Rostein, a família de Berta, localizada no número trinta e seis do *quai de Béthune*, na *île Saint-Louis*, onde ele e Shiloah tinham crescido num ambiente hostil, cheio de sombras e semblantes severos. Mantinha o velho casarão e voltava a ele apenas por uma razão: os seus pombos da variedade *Columba livia*, mais conhecidos como pombos-correios. No terraço, dentro de um pombal que Berta mandara construir para ele, viviam cinquenta exemplares, dez dos quais pertenciam a Anuar Al-Muzara. Durante anos, Antoine, o velho caseiro da família, tinha cuidado deles e tinha ensinado o ofício ao seu filho, o jovem Antoine, que se entendia com os pombos como se fossem seres da sua própria espécie.

A amizade com Anuar Al-Muzara, que conhecia desde criança, nunca teria prosperado se na adolescência não tivessem descoberto que eram ambos columbófilos*. Al-Muzara, um rapaz tosco, rebelde, só parecia gostar dos pombos. Depois da morte dos pais, em Nablus, às mãos do Tsahal, o Exército israelita, quando os Al Saud se converteram em seus tutores e os levaram, a ele e aos seus irmãos, Sabir e Samara, para viverem na casa da *avenue Foch*, o príncipe Kamal permitiu-lhe continuar com o seu passatempo, e disponibilizou um espaço no jardim para instalar o pombal.

- Antoine, quando é que o Pélérin regressou? - quis saber Gérard Moses enquanto acariciava o dorso do pombo.

- Ontem, às três e cinco. Está aqui a mensagem. - Antoine estendeu-lhe o pequeno pedaço de papel que a ave tinha transportado no tubinho metálico preso à sua pata.

- Lindo menino - disse Gérard, e beijou a cabeça do pombo. - Prepara o Coquille. - Estava a falar de um dos pombos de Al Muzara. - Vamos soltá-lo às cinco da manhã.

Dirigiu-se ao escritório para ler a mensagem de Anuar. Não havia risco de que Antoine a entendesse porque se tratava de textos cifrados. O código tinha sido desenvolvido por Gérard aos quinze anos. Nunca teria imaginado que um passatempo de adolescentes se converteria num meio de comunicação entre um desenhador de armas e o terrorista mais procurado pela Mossad.

De fato, se a Mossad ainda não tinha encontrado Al-Muzara era porque este prescindia da tecnologia. Nada de computadores, GPS, celulares, faxes, rádios. Comunicava com a sua gente utilizando os métodos antigos. «Se os romanos e os egípcios os usavam, porque é que nós não?», raciocinava. Construíra uma rede de mensageiros de grande eficiência. Uma mensagem cifrada num pedaço de papel emitido em Limassol, Chipre, às seis da manhã, chegava à Faixa de Gaza ao meio-dia. Só em casos de extrema urgência - Al-Muzara e o seu lugar-tenente, Abdel Qader Salameh, definiam quando a situação era de extrema urgência - pegavam num celular com encriptação militar, ou seja, com um sistema que impedia a interceção das chamadas. Da mesma forma, Al-Muzara desconfiava dessa tecnologia e usava-a muito pouco, porque não sabia quando é que uma nova tecnologia ultrapassaria a que ele tinha. Nada era inverosímil no que se referia ao que os norte-americanos e os israelitas inventavam para se defenderem e neutralizarem os inimigos. Com os aviões norte-americanos AWACS, esses Boeings 707 com um enorme

radar em forma de cúpula, que traçavam círculos em volta do planeta, e a rede ECHELON, capaz de interceptar três mil milhões de comunicações diárias, nenhuma medida de segurança ora exagerada.

** Columbofilia, columbismo ou columbicultura é a prática da criação, seleção e cultivo de pombos-correio para competição.*

Gerard Moses desenrolou o pequeno papel e leu a mensagem depois de a decifrar. Na cidade do que nasceu em Quercy e que expulsou os otomanos, no dia em que o herdeiro de Antoine de Saint-Exupéry veio a este mundo, às oito da noite, na casa daqueles que escaparam de Atabíria para se converterem em hospitais. Nesse dia eu dar-te-ei os meus Columbae liviae e tu, os teus. Al-Muzara queria vê-lo e, com aquelas palavras, comunicava-lhe o dia, o lugar e a hora. Na última frase indicava-lhe que trocariam os pombos-correios. Sorriu; o seu amigo ainda mostrava predileção pelas adivinhas.

O herdeiro de Antoine de Saint-Exupéry: assim se referiam a Eliah Al-Saud, aviador, tal como o escritor; o seu aniversário, a sete de fevereiro. O lugar: a Catedral de São João, em La Valeta, capital da ilha de Malta, construída pelos Cavaleiros da Ordem de Malta, que primeiro ocuparam Rodas, antigamente conhecida como Atabíria, antes de passar a Malta, onde lhe chamaram «os hospitalários». La Valeta devia o seu nome ao Grão-Mestre da Ordem, Jean Parisot de la Valette, nascido em Quercy, França. Ninguém podia negar que se tratava de um terrorista muito culto.

La Valeta era uma escolha muito inteligente. O fluxo de turistas tinha aumentado na ilha de Malta nos últimos anos. Ninguém suspeitaria se ele visitasse a cidade principal com a máquina fotográfica a tiracolo.

No entanto, a mensagem decepcionou já que não mencionava o golpe que o grupo de Anuar daria em Paris.

Supunha-se que dessa forma lhe pagaria o valioso contato que lhe tinha proporcionado com o traficante de armas Rauf Al-Abiyia, mais conhecido como Príncipe de Marbella-, Al-Abiyia não lhe teria vendido rigorosamente nada se ele não tivesse intercedido. Rani Dar Salem também não sabia nada e continuava escondido na pocilga do décimo nono *arrondissement* à espera de instruções.

Anuar já falhara uma vez. Ele tinha conseguido a informação sobre os movimentos do seu irmão Shiloah para nada. Naquela hora de almoço em Telavive-Yafo, quando o bombista-suicida se imolou na pizaria Barros, o idiota, antes de carregar no detonador, não se deu conta de que o alvo principal, o filho do famoso sionista Gérard Moses, tinha ido ao banheiro.

O toque do celular sobressaltou-o. Só uma pessoa conhecia aquele número.

- Diz, Udo.

- O rapaz, o Rani Dar Salem, acaba de receber as primeiras instruções. - Conta - impacientou-se Gérard Moses.

- Abriu uma vaga no George V. Há dias despediram um mensageiro por cometer uma indiscrição. Já está tudo preparado para que o Dar Salem ocupe o seu lugar.

O comboio Thalys de alta velocidade entrou na *Gare du Nord* à hora marcada, às onze e meia da manhã, depois de ter partido da estação central de Amesterdã às oito e um quarto desse mesmo dia, domingo. O katsa Ariel Bergman saiu da primeira classe apenas com um saco desportivo como bagagem. Dois homens aproximaram-se dele e estenderam-lhe a mão. Não trocaram nem uma palavra enquanto caminharam para o Range Rover estacionado na *rue Dunkerque*, e continuaram em silêncio enquanto o todo-o-terreno avançava para a Embaixada de Israel localizada no número 3 da *rue Rabelais*. Travaram o jipe à entrada do prédio, e o condutor mostrou uma credencial ao guarda, que a examinou antes de levantar a barreira.

A base francesa da Mossad encontrava-se, tal como o resto das suas bases no mundo, nas caves blindadas da embaixada israelita em Paris. Ali, os agentes expressavam-se com liberdade; aquele local representava um refúgio com alarmes de alta tecnologia e contramedidas eletrônicas, e estava preparado para que as horas passassem agradavelmente.

Ariel Bergman foi ao banheiro e regressou à sala de reuniões depois de se ter refrescado. Os seus homens, Diuna Kimcha e Mila Cibin, aproveitaram para o felicitar. A rápida atuação de Bergman no acidente de Bijlmer dois anos antes, que evitara uma catástrofe de dimensões internacionais, acabou por significar para ele a ascensão à chefia geral da sede da Mossad na Europa, localizada em Haia.

Apesar de Diuna e Mila serem seus velhos amigos - tinham feito juntos os dois anos de treino para se converterem em katsas -, Bergman recebeu com frieza as felicitações e os elogios e foi ao cerne da questão.

- O que me podem dizer sobre o Eliah Al-Saud?

- Muito pouco - admitiu Diuna Kimcha. - É o sócio maioritário de uma empresa que presta serviços de segurança e informações. Antes disso, piloto.

-Foi mais fácil encontrar informação sobre a sua família, os Al Saud Informou Mil Cibin, e referiu-lhe os dados biográficos do príncipe Kamal e do irmão mais velho de Eliah, o engenheiro civil Shariar Al Saud

- Porque é que temos que investiga-lo? interessou-se Diuna.

- Por agora não nos incomoda - admitiu Bergman mas não podemos perdê-lo de vista. Pode converter-se num grande incómodo. Ontem, o nosso sayan na SIDE, os Serviços de Inteligência da Argentina, garantiu-me que o Al-Saud foi a Buenos Aires para investigar um dos nossos *sayanim* mais importantes, o Guillermo Blahetter.

- O dos laboratórios - acrescentou Mila.

- É verdade. De qualquer forma, a informação que obtive não é de grande valor.

- Alguma ideia de porque é que ele queria investigar o Blahetter?

- O acidente de Bijlmer - foi tudo o que disse Bergman.

- No hotel do irmão do Al-Saud - disse Diuna Kimcha -, no George V, far-se-á a convenção sobre o Estado binacional de que te falámos. É o Shiloah Moses que a está a organizar. Começa a 26 de janeiro.

- A convenção decorrerá sem pena nem glória, como julgamos. A imprensa não lhe presta atenção - opinou Bergman. Nenhum meio de relevância norte-americano, israelita ou francês, enviará correspondentes. De qualquer forma, deveríamos infiltrar dois dos nossos para que obtenham a maior quantidade de informação possível.

- Já pedimos a Telavive que se falsifiquem credenciais para que a Greta e o Jãel possam fazer-se passar por membros da Paz Agora - comentou Diuna.

- Dizem que O Silencioso vai abrir o evento - apontou Mila Cibin.

- Talvez a sua presença atraia os meios de comunicação. Sabes que não deu entrevistas, e os jornalistas estão desejosos de falar com ele.

- Talvez - disse Bergman, e de seguida mudou de assunto: - O que é que conseguiram averiguar sobre o Udo Jürkens?

- Está em Paris. Soubemos que alugou um carro. Pensamos seguir-lhe o rastro através do sistema da empresa de aluguel. Porque é que temos de segui-lo?

Bergman abriu uma pasta da qual tirou várias fotografias, umas antigas, a preto e branco, e outras mais recentes, de um homem branco, de cabelo curto e loiro e de maxilares notoriamente quadrados.

- Estas - disse, e apontou para as fotografias novas - foram tiradas há meses no Aeroporto Ben-Gurion por um dos nossos agentes, que pensou estar a ver um fantasma do passado: Ulrich Wendorff.

Diuna Kimchae Mila Cibin eram jovens e, no entanto, tinham ouvido referências a ULRICH Wendorff, um mito das guerrilhas de influência marxista que assolaram a década de 60, membro ativo da Facção do Exército Vermelho, o grupo terrorista alemão mais conhecido como Baader-Meinhof, que, aliado aos grupos de extrema esquerda palestinos, se tinha convertido num pesadelo para muitos países, entre os quais Israel. A crueldade e o fanatismo de Wendorff eram conhecidos. Garantia-se que tinha tatuado na parte superior do braço esquerdo o emblema da Facção do Exército Vermelho, a estrela vermelha atravessada pela espingarda MP5 e pela sigla RAF (Rote Armee Fraktion).

- Naquela ocasião - prosseguiu Bergman - os registos de Migrações disseram que o passageiro usava um passaporte austríaco em nome de Udo Jürkens. Se o tal Udo Jürkens fosse na verdade o Ulrich Wendorff - referiu Bergman - tratar-se-ia de um golpe de sorte. Há anos que vários Serviços Secretos querem apanhá-lo. Há uns tempos sabia-se que estava em Bagdade, ao serviço do Abu Nidal. - Bergman referia-se ao terrorista palestino considerado por muitos como o mais sanguinário, como seria de esperar, essa relação não acabou bem. A última coisa que sabemos é que o Abu Nidal o tinha mandado matar. Agora, com este lido Jürkens a dar voltas pela Europa, as dúvidas apareceram.

Ilha de Fergusson, pertencente às ilhas d'Entrecasteaux, Papua-Nova Guiné. Quinta-feira, 8 de janeiro de 1998..

Elijah Al-Saud ocupava o seu pequeno escritório no campo de treino que a Mercure possuía na parte sudeste da ilha de Fergusson. Tinha pedido que o pusessem em contacto com Medes, o seu motorista, que estava em Paris. Impaciente, aproximou-se da janela. Gostava de observar o que ele e os seus sócios tinham construído em tão pouco tempo. Avistou um dos seus homens que enrolava com o grupo de recrutas que passaria uns dias na selva úmida e densa, a maioria russos e de países submetidos no passado à hegemonia do eixo comunista. A queda do Muro provocara um desastre no Exército Vermelho, deixando sem trabalho milhares de oficiais e de soldados que se tinham convertido em mão de obra barata e altamente qualificada. Da mesma forma, o mercado fora inundado por armas e artilharia, uma parte das quais se encontrava armazenada no *bunker* da Mercure, a alguns metros do seu escritório, em condições de temperatura, umidade e pressão controladas permanentemente; o clima da selva corroía tudo.

Deslocou-se uns metros para a direita para ver ao longe a parte da frente da última aquisição da Mercure, um dos investimentos mais importantes da empresa no último ano, o velho Boeing 747-100, propriedade do seu tio Fahd, rei da Arábia Saudita, que lho vendera em troca de serviços: vigiar os oleodutos, instruir um grupo de pilotos de guerra e fazer da Mukhabarat, o Serviço de Inteligência saudita, digna desse nome. «Sobrinho», dissera-lhe Fahd, «quero pôr os serviços jordanos a um canto». Embora o preço de mercado de um Jumbo tão velho, que transportaria equipamento e homens para as zonas de conflito, fosse inferior ao custo dos serviços exigidos pelo tio Fahd, Al-Saud e os seus sócios chegaram à conclusão de que conquistar a simpatia do rei da Arábia Saudita trar-lhes-ia lucros no futuro.

Um empregado bateu à porta.

- Entre - convidou Al-Saud.

- Senhor, o tenente Dragosi mandou-me dizer-lhe que os rapazes estão prontos.

- Vou já.

Dali a pouco, o tenente Dragosi, um dos especialistas encarregado do treino na ilha de Fergusson, e ele instruíam um grupo de jovens sobre o modo de descer de um helicóptero por uma corda. Mais tarde, tinham previsto levá-los até à parte montanhosa da ilha e ensinar-lhes a técnica de rapel, que se utiliza na descida de montanhas com um forte declive ou de prédios, usando uma corda, para o qual se toma impulso com as pernas e se controla a queda livre com os pés e a corda.

Diana entrou sem bater. Vestia um macacão militar de cores verdes e castanhas, dos que se usam para camuflagem na selva, botas pretas e um chapéu caqui.

- Elijah, o operador diz que a tua chamada para Paris está na linha.

Abandonaram juntos o escritório e encaminharam-se para outro setor dos barracões onde se localizava a central de comunicações. Sair do ambiente climatizado do

escritório para o calor do exterior foi como receber um golpe. A temperatura tornava-se insuportável às primeiras horas da tarde; a umidade tornava o ar mais denso, não corria vento, o cheiro da selva, tão peculiar, acentuava-se e colava-se aos corpos e aos objetos. De qualquer forma, Al-Saud não se queixava. A associação da Mercure com o governo de Papua-Nova Guiné trouxera-lhes grandes lucros. Não só a empresa estava sediada nesse país para escapar aos impostos e possíveis processos por questões contratuais, como também ocupava uma ampla propriedade nessa ilha alugada por uma soma anual irrisória; ali, sobre as ruínas de uma base aérea militar muito usada durante a Segunda Guerra Mundial, estava o seu centro de instrução e armazenagem do armamento.

Deviam ao governo de Papua Nova Guiné, com sede em Port Moresby, o primeiro acordo de relevância da Mercure, obtido graças aos contactos de Michael Thorton. Por trinta e seis milhões de dólares, a empresa comprometera-se a eliminar os rebeldes e conseguira o num espaço de tempo menor do que o planeado. Tratara-se de um grande sucesso, e ainda colhiam os frutos de um governo agradecido.

A central de comunicações estava equipada com vários telefones por satélite, antenas parabólicas, rádios de onda curta e longa, e tantos aparelhos quantos Alaman fora capaz de reunir para os manter em contato com as suas tropas em missão pelo mundo. O operador passou-lhe o telefone por satélite, parecido com um aparelho sem fios com uma antena mais grossa. Al-Saud deu uma olhadela ao seu relógio *Breitling Emergency*, que marcava a hora local e a de Paris. Eram cinco da manhã em França, dada a diferença de dez horas a menos que os separava da Papua-Nova Guiné.

O telefonema teria acordado Medes. Lamentava-o, mas ele estava ansioso e queria saber dela. Falou-lhe em árabe.

- Medes.

- Bom-dia, senhor.

- Lamento ter-te acordado.

- Não há problema, senhor.

- Diz-me que novidades tens.

- Nenhuma novidade. As senhoras estiveram na sede da Mãos Que Curam até à hora de almoço, depois foram à mesma escola de línguas de ontem e depois regressaram ao apartamento da *rue Toullier*, por volta das nove da noite.

- Nada sobre o proprietário do BMW?

- Nada, senhor. Como lhe disse ontem, revi as fotografias que tirei no dia 1 de janeiro no Charles de Gaulle e a matrícula do automóvel está correta. O seu amigo Edmé de Florian confirmou-me que esse veículo pertence a René Sampler.

- Mantém-te perto delas. Amanhã ligo-te.

Saiu da central de comunicações rumo à pista onde o esperava o UH-60, um helicóptero utilitário fabricado pela Sikorsky, mais conhecido como Black Hawk. Os rotores agitavam o ar e o ruído era ensurdecedor. Colocou o capacete e subiu para a aeronave. Diana saltou atrás dele. Os rapazes não estranharam; estavam habituados a contar com ela nos exercícios. Não passava pela cabeça de ninguém tratá-la de forma

diferente ou facilitar-lhe a prova; ela tinha demonstrado ser melhor do que muitos deles.

Alguns tinham tentado armar-se e acabaram com a bota da moça no pescoço. Embora quase nunca os vissem falar, jamais tocar-se, nem sequer sorrirem um para o outro, supunham que Al-Saud e Diana eram amantes.

Al-Saud trocou umas palavras com o tenente Dragosi antes de ordenar ao piloto que descolasse. O ruído do helicóptero abafava qualquer som, menos o da sua cabeça. «Matilde, Matilde.» Nunca lhe tinha acontecido uma coisa igual, a total perda de concentração. Gotas de suor molhavam-lhe a *T-shirt* debaixo do uniforme militar, umedeciam-lhe a testa, metiam-se-lhe nos olhos; os pés pulsavam dentro das botas; no entanto, nada lhe provocava o incómodo que Matilde lhe inspirava. Tirou os *Ray-Ban Clipper*, passou um lenço pela testa e voltou a esconder os olhos atrás dos óculos de sol. Fechou-os. Não queria recordar.

No domingo anterior, à noite, depois de a ouvir pronunciar o nome de Roy, e ferido no seu orgulho pela deserção, abandonou Paris para se ocupar dos seus assuntos na Base Fergusson. Precisava de ter alguma distância, de se afastar dela, estava a fazer um papel idiota. De nada serviu. A imagem de Matilde seguiu-o até essa remota ilha do Pacífico. Julgou que os ciúmes o levariam ao descontrole no dia anterior, quando Medes o informou de que, na terça-feira, as senhoras, o senhor Shiloah Moses e René Sampler, o dono do BMW que as tinha ido buscar ao Charles de Gaulle, visitaram as Galerias Lafayette, e que o senhor Sampler tinha gastado uma fortuna em roupa e sapatos para a senhora loira. O filho da mãe tinha comprado roupa a Matilde. Uma nuvem vermelha turvou-lhe a visão.

- Diana, dá ao operador o telefone do senhor Moses no George V! Imediatamente! - vociferou, alarmando os empregados, porque ele nunca usava aquele tom de voz.

O operador tivera dificuldades em encontrar Shiloah.

- De que é que estás a falar, Eliah? Que René Sampler? O rapaz que nos acompanhou ontem às Galerias Lafayette chama-se Ezequiel, um argentino muito simpático.

- É o namorado da Matilde?

- Eu não o diria. Tratam-se de uma maneira muito fraternal. Como é que sabes isso tudo?

- Os teus guarda-costas informaram-me - mentiu.

A exceção de um soldado ter torcido o tornozelo, o treino decorreu sem inconvenientes. Voltaram sujos, suados e exaustos. Al Saud só pensava em entrar num jipe e afastar-se vários quilómetros para chegar ao enclave que escondia uma cascata e um poço de água fria atrás de uma cortina de plantas tropicais. O operador espreitou pela janela da central de comunicações.

- Senhor, há uma chamada para si de Paris. Shiloah Moses.

Imediatamente pensou em Matilde, e sentiu um nó apertar-lhe a garganta. Passou o capacete a Diana e correu os últimos metros.

- Shiloah? Aqui Eliah. O que se passa?

- Olá, *monfrère*! Como estás? Mais calmo do que ontem?

-vSim, sim. O que é que se passa?

-Acabo de falar com o meu amigo em Telavive, o administrador da El Al.

- De que telefone é que me estás a ligar? - perguntou Al-Saud, preocupado.

- Do telefone do Mike nos escritórios do George V - referia-se a Michael Thorton. - Ele disse-me que era uma linha segura.

- Sim, é. Continua.

- No voo 2681 havia um quarto homem, tinhas razão. O meu amigo teve muitas dificuldades para o averiguar. De qualquer forma, foi impossível saber de quem se tratava. O caso está fechado a sete chaves, e o meu amigo não quis continuar a indagar por medo.

- Percebo. Obrigado, irmão.

- Quando regressas?

- Ainda não sei. Como vão os preparativos para a convenção?

- De vento em popa. Os meus assistentes e advogados estão a ocupar-se dos últimos detalhes.

Esteve prestes a perguntar-lhe por Matilde, mas o seu orgulho impôs-se e não a mencionou. Despediram-se. Al-Saud caminhou até ao compartimento onde se encontrava o rádio e fechou a porta. Consultou as horas em Paris. Precisava de falar com Vladimir Chevrnikov. Felizmente, encontrou-o em sua casa.

-Lefortovo, fala o Cavalo de Fogo. Passa a uma sintonia UHF segura.

Que Vladimir tivesse escolhido como nom de guerre o do recinto onde o tinham torturado e confinado durante anos descrevia em parte a sua complexa personalidade. Eliah Al Saud respeitava-o como poucas pessoas, não só porque o considerava um artista da falsificação, mas também porque não conhecia ninguém tão bem relacionado e informado como ele. Vladimir sabia quem se movia atrás dos bastidores da política da maior parte dos países.

- Pronto - disse Chevrnikov. - Fala com calma.

- Lembras-te do avião da El Al que se despenhou em Amesterdã há dois anos? - O russo lembrava-se. - Os porta-vozes da El Al e as autoridades de Schiphol disseram que só havia três passageiros. Acontece que havia um quarto. - Depois de um silêncio, Al-Saud fez o seu pedido: - Preciso que contactes o Yaakov Merari. Ele pode dar-nos o nome desse quarto passageiro. É urgente.

Yaakov Merari era um agente infiltrado da Mossad em Damasco. Chevrnikov sabia-o e chantageava-o de vez em quando para obter informação grátis e de primeira qualidade. Vladimir não só o ameaçava com revelar a sua identidade aos Serviços Secretos sírios, os mais cruéis do Médio Oriente, como também em denunciá-lo às autoridades da Mossad. Yaakov Merari estava há anos a receber quantias importantes do seu governo para descobrir a fidelidade de um informante sírio que, na realidade, não existia. Vladimir sabia-o porque, em mais de uma ocasião, lhe elaborara a documentação para sustentar os relatórios falsos que Merari passava à Mossad.

- Se há alguém que nos pode dar o nome do quarto passageiro - garantiu Chevrnikov - é o nosso querido Yaakov.

Evidentemente, a intervenção de Vladimir Chevrnikov não era grátis.

- O do costume e na mesma conta? - quis saber Al-Saud.

- Sim, velho amigo. É sempre um prazer fazer negócios contigo.

Uma hora mais tarde, Eliah, completamente nu, de pé em cima de uma rocha, entregava-se à energia da cascata. Já não lutava contra a recordação de Matilde e, tal como a água, permitia-lhe que o devastasse. Com o seu modo inocente e a sua aparente debilidade, ela esporeava o Cavalo de fogo que morava nele. Matilde já era um desafio e, para Eliah, não havia volta atrás. Tinha de a ter. Estava na sua natureza.

Há uma semana que não via Eliah Al-Saud, e, embora se tivesse concentrado em outras coisas, ele continuava cravado na sua cabeça. Nessa tarde de sábado, percorria as perfumarias das *Galerias Lafayette* para perfumar de novo o lenço dele e o elástico da sua luva com *A Men*. Achava esse impulso ridículo mas era incontável. Viu o frasco preto ao perto de outros do Thierry Mugler e lançou-se sobre ele a empregada, que atendia uma cliente, não reparou na avidez com que pressionava a válvula. As partículas do perfume flutuaram à sua volta e envolveram-na. Fechou os olhos e voltou a sentir que ele a abraçava. Eliah Al-Saud era vaidoso e obstinado. «Porque é que me rejeitas? Não o suporto.» A lembrança provocou-lhe ternura; ele não concebia a possibilidade de uma mulher o rejeitar, e mostrava-se quase como uma criança caprichosa com um brinquedo. Se tivesse sabido o quanto ela pensava nele e o desejava desde o primeiro dia, a sua arrogância não teria tido limite. A ansiedade ia ganhando vigor e domínio sobre ela. Nunca tinha sentido nada parecido por um homem. Ele emanava uma espécie de atração crua e magnética. Agora percebia a paixão que Juana e Jorge tinham partilhado.

Juana, que experimentava umas sombras da Chanel, encontrou-a a embeber o lenço com o perfume de Al-Saud. Sorriu, e o gesto acentuou a astúcia dos seus olhos negros. Eram divertidos os esforços de Mat para se mostrar superior. Às vezes, era vencida pela curiosidade e deixava escapar comentários aparentemente inocentes como «Que bem se portou o Eliah com o meu primo Fabrice ao convidá-lo para jantar connosco!», «Conseguiste cheirar o perfume da mãe do Eliah?», «Viste que o Eliah não bebe mesmo álcool? Nem sequer provou o saquê no outro dia no restaurante», «Quem seria o homem a quem o Eliah tirou o rolo da máquina?». Quando regressava de uma saída com Shiloah, bastante frequentes, Mat perguntou-lhe: «Alguma novidade?» Ela, com perversa disposição, encolheu os ombros e disse: «Nenhuma.»

-Vamos, Mat? O Shiloah vem buscar-me daqui a pouco e quero ter tempo para me arranjar.

- Vão sair outra vez?

- Sim, mas não comeces a imaginar coisas. O Shiloah diverte-me, eu divirto-o e chega. Estamos os dois numa fase demasiado complicada para nos envolvermos. Sabias que é viúvo? A mulher dele morreu em Telavive quando um terrorista do Hamas se fez explodir numa pizaria.

- Oh, meu Deus!

- Acho que o coitado não a consegue esquecer. E eu, com um fantasma, não compito. Posso enfrentar uma mulher, até um filho, mas um fantasma não.

Um filho também não - replicou Matilde e Juana ficou a observá-la. A sua amiga, magrinha e com cara de anjo, podia revelar uma capa de ferro se quisesse, a capa de ferro que afugentara Eliah Al Saud.

- Queres vir conosco? - perguntou-lhe, com má cara. - Acho que o bombom Cabsha também vem. - Assim alcunhava Alaman Al-Saud, que se riu às gargalhadas quando Matilde lhe explicou que Juana o comparava a um bombom de chocolate recheado com doce de leite.

- Prefiro ficar em casa. Tenho de estudar para o mini teste de segunda- -feira.

Na semana anterior tinham ido à sede da Mãos Que Curam, no número 6 da rue Breguet, a poucos quarteirões da Bastilha, onde, durante três dias, assistiram a um curso a que chamavam preparação para a primeira missão. Matilde sentiu-se imediatamente enquadrada, e, depois de absorver a filosofia, as atividades e os projetos do organismo, passou a viver numa exaltação só ofuscada pela lembrança de Eliah. Ela tinha nascido para aquilo, para ajudar os mais necessitados, encontrara o seu lugar no mundo. A Mãos Que Curam proporcionava-lhe a estrutura e os meios para dar um sentido à sua vida. Não via a hora de ir para o terreno, como denominavam o lugar de destino.

Na sede da Mãos Que Curam deram-lhes uma carta de apresentação que entregaram no *Lycée des Langues Vivantes*, uma escola de línguas onde se ensinava a maior parte dos idiomas, e que as habilitava a frequentar o curso intensivo de Francês de quatro meses, cinco dias por semana, das duas e meia às seis e meia da tarde. A escola ficava longe do *Quartier Latin*, na rue Vitruve, e tinham de ir de metrô.

- Já estudaste para o mini teste de segunda-feira - referiu Juana. - Sabes mais do que a professora. Ouviste o que te disse, que também vem o bombom Cabsha? Aproveita, assim podes perguntar-lhe tudo aquilo que queres saber sobre o bonito.

- Não, não quero saber nada sobre o Eliah.

- Não, claro que não. E eu sou loira e tenho olhos azuis.

O Learjet 45 - o seu preferido, o Gulfstream V, estava em Le Bourget, onde os mecânicos controlavam as reparações feitas em Buenos Aires - decolaria da ilha de Fergusson em breve. Al-Saud instalou-se aos comandos e pediu a Diana que lhe trouxesse o telefone encriptado. A jovem trouxe-lhe com uma atitude ativa. Eliah apoiou o polegar no leitor digital. Um scanner leu a sua impressão digital e possibilitou-lhe efetuar uma chamada segura.

- Allô?

- Lefortovo, fala o Cavalo de Fogo. Recebi a tua mensagem. O que averiguaste?

- Averiguei o que me pediste, o nome do quarto homem. Yaron Gobi. E aqui vem o mais interessante: era um cientista de alto nível, trabalhava no Instituto de Investigações Biológicas de Israel, que fica em Ness-Ziona.

- Tu e eu sabemos que está morto, mas o que é que dizem os registos oficiais?

- Um amigo do Gobi, colega do Instituto, um tal Moshe Bouchiki, comunicou o seu desaparecimento. Semanas depois, as notícias e os jornais informaram que Gobi tinha vendido segredos ao inimigo por milhões de dólares, e que se tinha refugiado na Líbia. É interessante, não é?

- Extremamente. Tens a morada do Bouchiki?

- Aponta-a. É em Ness-Ziona, no 54 da rua Jabotinsky. O apartamento dele é no terceiro andar.

- Obrigado, Lefortovo. Como sempre, o teu trabalho é impecável.

- Sempre às ordens, chefe.

O comandante Paloméro demorou algum tempo a mudar o plano de voo e obter o novo rumo. Não voariam para o Aeroporto Charles de Gaulle, mas sim para o Ben-Gurion, em Telavive-Yafo. Para entrar em Israel, Al-Saud utilizaria o passaporte italiano que Vladimir Chevrnikov lhe fizera com o nome de Giovanni Albinoni.

Depois de descolar o Learjet, Al-Saud foi sentar-se no seu cadeirão e planejou a visita a Moshe Bouchiki. De acordo com o GPS, Ness-Ziona localizava-se a poucos quilómetros a sul de Telavive. Alugaria um automóvel no aeroporto e dirigir-se-ia diretamente ao seu destino. Depois de analisar a estratégia mais conveniente para encarar Bouchiki, recostou-se no cadeirão, colocou as mãos debaixo da cabeça e pensou na ordem que tinha dado no dia anterior a Alaman e a Peter Ramsay: que colocassem microfones e câmaras no apartamento da rue Toullier. A decisão fora difícil, embora a tenha julgado imperativa devido à informação fornecida pelo agente da SIDE em Buenos Aires. Roy Blahetter tinha embarcado na segunda-feira anterior, 12 de janeiro, num avião da Iberia em Ezeiza. Destino final: Paris.

Na quarta-feira à noite, depois da aula de Francês, Matilde e Juana jantaram em casa de Sofia. As pulsações de Matilde dispararam ao encontrar na sala o casal Al Saud e a sua irmã Céline, que se ria e os tratava com desconfiança. Tremeu-lhe a mão ao estendê-la para cumprimentar o príncipe Kamal. O seu tio Nando tinha dito príncipe?

- Repara no perfume que usa - sussurrou ela a Juana, antes que esta cumprimentasse Francesca.

- Diorissimo - foi a resposta. - É muito antigo, mas refinado como poucos. Puro jasmim. Um clássico. Não te está a passar pela cabeça usá-lo, pois não?

- Porque não?

- Para que o Eliah te cheire o pescoço e se lembre da mãe?

As feições de Matilde ganharam cor.

- Não sei porque é que o Eliah havia de me cheirar o pescoço. Por outro lado, já nem se lembra de que existimos.

Juana ergueu os olhos ao céu e afastou-se com Fabrice. O jantar decorreu num ambiente descontraído, apesar de que, à medida que Céline dava conta do vinho Riesling do Mosela, a sua atitude se tornava agressiva para com a sua irmã mais nova. Matilde contemplava-a e não replicava. Que bela era Celia! O seu porte deslumbrava ao primeiro olhar. Quanto media? Um metro e oitenta? Matilde, apenas um metro e cinquenta e nove.

Apesar de ter chegado ao jantar da tia, orgulhosa do conjunto que Ezequiel lhe oferecera na semana anterior, Matilde sentiu-se um farrapo perante a elegância da irmã, que brilhava como ninguém num vestido cruzado de cetim cinzento com apliques e botões forrados de azul; Celia encarregou-se de revelar que se tratava de uma criação exclusiva de Valentino para ela. Depois do jantar, quando se instalaram nos cadeirões da sala, viu-a fumar muito, um cigarro atrás do outro; custava-lhe acertar com a chama do isqueiro. «Coitada da minha irmã», disse para si mesma, com uma impotência nascida da certeza de que não a podia ajudar. O abismo entre elas jamais poderia ser atravessado.

Com a desculpa de lhe mostrar uma fotografia de família, Sofia pegou no braço de Matilde e levou-a até uma divisão afastada, com uma biblioteca e lareira. Céline seguiu-as com o olhar, sem se preocupar em dissimular a expressão de ódio que se estampava nos seus olhos azuis. A maldição de Matilde perseguia-a até Paris, onde ela era a rainha, onde tinha conquistado o coração de Sofia, que gostava dela e a mimava. Não permitiria que, tal como acontecera com o amor do seu pai, da tia Enriqueta e da avó Celia, Matilde lhe tirasse o afeto de Sofia evidentemente, tinha se dado conta da forma amigável, quase carinhosa, como os pais de Eliah a tratavam.

- Não mordas a língua, que te vais matar com o teu próprio veneno - provocou-a Juana.

- Cala-te, índia negra.

Sofia pegou numa moldura e mostrou-lhe a fotografia de um grupo de pequenos negros, num evidente ambiente tropical, a rodearem uma freira.

- Esta é a Amélie - disse Sofia com orgulho.

- A tia Enriqueta contou-me que era freira - recordou Matilde.

- A Enriqueta fala de mim e dos meus filhos?

- Muito pouco. Onde tirou a foto?

- No Congo, numa zona muito conflituosa e perigosa chamada Kivu.

O Nando e eu vivemos com o coração nas mãos.

Matilde levantou o olhar da moldura e fixou-o no da sua tia.

- O que é que se passa?

- Estou estupefacta. A Juana e eu vamos dentro de uns meses justamente para Bukavu, que é a capital de Kivu do Sul. - Os olhos de Sofia encheram-se de lágrimas. - Como te disse da outra vez, vamos com a Mãos Que Curam.

- Isto não pode ser uma coincidência! - disse Sofia, emocionada.

- Desde que te vi soube que algo especial me iria acontecer contigo. E agora dizes-me que vais estar perto da minha Amélie. Têm de entrar em contato! Têm de se tornar amigas, para que, quando chegares lá, ela te possa ajudar. Vou dar-te o e-mail dela!

Sofia escreveu num papelzinho e arrastou Matilde de regresso à sala, onde contou a boa notícia. Céline não compreendia por que razão Matilde e Juana eram alvo de tanta admiração - que raios importava se eram pediatras, se iam para o Congo e se se ocupariam a tirar piolhos dos pretos? - e acabou por abandonar a casa da sua tia onde sempre tinha

sido o centro das atenções, com a sua fama, o seu glamour e a sua beleza. Ao chegar à rua, ligou a Eliah. Evidentemente, foi atendida pela caixa postal.

Claude Masséna obteve uma fotografia do doutor Moshe Bouchiki num simpósio de Biotecnologia em Bruxelas, em 1995, e enviou-a para o telefone de Al-Saud.

Depois de três dias em Ness-Ziona, Diana e Al-Saud conheciam as rotinas do cientista. Era surpreendente que, nesses anos, Bouchiki tivesse envelhecido tanto, embora, como referiu Diana, mais do que envelhecido, parecia atormentado, com olheiras, as linhas de expressão marcadas e um riso amargo. Desconfiavam que a Mossad o vigiava, por isso moviam-se com cuidado, e a partir de uma conversa que Diana teve com o porteiro do prédio de Bouchiki - tiveram a sorte de se tratar de um judeu de Sara- jevo - ficou claro que Yaron Gobi e Bouchiki tinham sido mais do que amigos.

Al-Saud entrou no bar onde o homem parava todos os dias para tomar um whisky, às vezes dois, após terminar a sua jornada no Instituto de Investigações Biológicas. Instalou-se ao balcão, ao pé do banco que o cientista costumava ocupar. Levava fones ligados a um pequeno gravador e, embora não ouvisse música, tamborilava com os dedos no balcão e mexia o joelho. A voz de Diana soou no fone direito.

- O Bouchiki acaba de entrar. Vai na tua direção. O katsa que o está a seguir não saiu do carro. Espera, está a sair agora.

Bouchiki sentou-se à direita de Al-Saud e disse algo em hebraico ao empregado, que lhe falou com familiaridade e lhe serviu uma bebida.

- O katsa acaba de entrar e sentou-se numa mesa às cinco. - Depois de um silêncio, acrescentou: - Finge ler um jornal.

Quando o empregado se afastou para a cozinha, Al-Saud, que tamborilava e abanava o joelho, sussurrou em inglês:

- Não se mexa, não olhe para mim, não mude a sua expressão. Não faça nada. Ouça-me apenas. - Aguardou uns segundos para verificar o controle de Bouchiki. - Quero falar consigo sobre o doutor Gobi. Sei toda a verdade e não sou um deles.

Bouchiki estava a sair-se bem, bebia o whisky com a expressão inalterada.

- Esperarei esta noite no terraço do seu prédio às onze horas.

Bouchiki assentiu com um movimento de pálpebras. Al-Saud bebeu o último gole da sua água mineral e abandonou o bar. Ao passar junto ao katsa, trauteou umas estrofes de *Comfortably numb*, dos Pink Floyd.

Depois das nove da noite, aquele bairro residencial de Ness-Ziona apresentava um aspeto desolador. Al-Saud, metido num traje de lycra preta, enfiou o gorro e, por cima dele, os óculos de visão noturna com intensificador de imagem; tudo à sua volta ficou verde. Aproximou o microfone da boca.

- Novidades? - perguntou a Diana, que se esconidia nos ramos de um carvalho, em frente ao prédio de Bouchiki.

- Nada. O carro continua estacionada no mesmo lugar. - Calibrou os binóculos e confirmou: - Não há movimentos suspeitos.

A partir de um terraço em obras, Al-Saud estudou o prédio de Bouchiki e o interior do conjunto habitacional oculto na escuridão. Baixou o olhar e observou a besta que tinha na mão. Por sorte, tinha-a trazido da ilha de Fergusson, onde as usavam para treinar os novos recrutas. Não podia falhar, só tinha uma. Apontou e disparou a seta de titânio que se incrustou no rebordo da alvenaria. Atou o extremo do cabo de aço à volta de uma coluna de betão e ajustou-o até formar uma linha com o prédio de Bouchiki. Calçou as luvas de malha de aço e, por cima delas, o tensor para dedos, uma espécie de mitene de poliuretano que lhe proporcionava maior flexibilidade. Sentou-se no rebordo da construção com as pernas no vazio, agarrou o cabo com as duas mãos e pendurou-se nele. Sem movimentos bruscos, apertou os abdominais para levantar as pernas até que estas se enroscaram no cabo. Começou a atravessar o interior do conjunto habitacional.

Demorou um pouco mais de quinze minutos a chegar ao telhado do prédio de Bouchiki. Agitado, com o corpo tenso, fechou os olhos e praticou alguns exercícios de respiração. Depois, esperou, escondido atrás da armação que sustentava o depósito de água.

Al-Saud consultou o seu Breitling Emergency. Bouchiki apareceu uns minutos antes das onze da noite. A brisa noturna arrastou o cheiro a álcool do cientista. Viu-o acender um cigarro e dar a primeira passa como se a sua vida dependesse disso. Levantou-se lentamente; assim vestido, era quase impossível vê-lo.

- Bouchiki.

- Quem é o senhor?

- Alguém interessado em contar a verdade sobre o voo 2681 da El Al. Para isso, preciso da sua ajuda.

- O que é que eu tenho a ver com esse voo?

- O seu amigo Yaron Gobi ia nesse voo. Ele morreu nesse acidente. E o senhor sabe disso. A história da sua traição e exílio na Líbia é uma grande calúnia. Desacreditaram-no para se encobrirem.

- Mancharam a sua memória! - respondeu o cientista, alterado. - Arrastaram o seu bom-nome pela lama. Estou sob vigilância permanente. Eles... Eles sabiam que o Yaron e eu...

- Que vocês eram amantes.

Al Saud reparou no esforço de Bouchiki para o ver entre as sombras.

- Estou sob vigilância permanente - insistiu.

- Eu sei. A sua casa deve estar cheia de câmaras e de microfones. Por isso combinei consigo aqui em cima.

- Não posso fazer nada. O que é que quer?

- O que continha o Jumbo que se despenhou em Bijlmer?

Bouchiki deu duas passas para ter tempo de decidir. Por fim, respondeu:

- Os componentes para fabricar vários agentes nervosos.

- Como por exemplo?

- Tabun, suman, sarin... A lista é longa. Uma gota desses agentes na sua pele e o senhor morreria em poucos minutos.

- Tal como aconteceu ao Khaled Meshaal em Amã no ano passado - Al-Saud referia-se a um alto dirigente do partido palestino Hamas. - Só que o Meshaal não morreu.

O homem assentiu, enquanto absorvia mais nicotina.

- Os da Mossad injetaram ao Meshaal umas gotas de VX atrás da orelha. O VX em estado líquido é altamente letal.

- O Instituto de Investigações Biológicas forneceu o antídoto?

- Sim. Quando a Polícia jordana apanhou os da Mossad, dizem que o rei Hussein ligou, furioso, ao Netanyahu e exigiu-lhe o antídoto. No Instituto nós criámos o veneno e o antídoto. Fornecemos-lho em poucas horas. Foi assim que o Meshaal salvou a vida.

- Para que é que fabricam esses agentes?

- No Instituto, não fazemos esse tipo de perguntas.

- Quem é que vos fornece os componentes para os gases?

- Dois laboratórios, um norte-americano e outro argentino. A última entrega, a que o Yaron devia controlar e proteger, foi fornecida pelo da Argentina.

- A Química Blahetter?

- Vejo que está informado.

- Têm um inventário ou um registo desses componentes?

- Claro que sim, detalhado.

- Posso obter uma cópia desses documentos?

- Repito lhe, estou sob vigilância permanente há dois anos. No Instituto controlam-me até quando vou ao banheiro.

- Nas suas tarefas diárias, entra em contato com essa documentação?

- Sim, mas não me permitiriam fotocopiá-la,

- Não teria de o fazer. Vou aproximar-me, Bouchiki. Tenho uma coisa para lhe mostrar. - Al-Saud emergiu das sombras; o gorro ocultava o seu rosto. - Isto é uma caneta, mas se pressionar este botão a ponta é substituída por uma máquina fotográfica. Cada vez que tocar no botão, tirará uma fotografia.

- Parece simples. O que obteria eu em troca de arriscar a minha pele? Quem é o senhor?

- Sou quem lhe oferece a oportunidade de limpar o bom-nome do Gobi. Mas, sobretudo, ofereço-lhe muito dinheiro e uma nova identidade.

Agora que se tinha aproximado, Eliah notou a angústia que transparecia na expressão daquele homem. Tratava-se de um animal encurralado e desesperado, que se refugiava na bebida para apaziguar a sua dor.

- Porque é que comunicou o desaparecimento do Gobi se sabia que ele viajava no Jumbo que caiu em Bijlmer?

- Eles obrigaram-me.

-Os da Mossad?

- Não tiveram a gentileza de se apresentar. Só me ameaçaram e me disseram o que fazer. Quanto dinheiro estaria disposto a pagar me por essas fotografias?

- Quinhentos mil dólares.

Bouchiki riu-se de maneira pouco natural.

- Quinhentos mil é o que terá de me depositar numa conta para que eu decida tirar essas fotografias. Sem isso, não moverei um dedo. No total, deverão ser três milhões.

- Um - regateou Al-Saud. - Quinhentos mil agora e o resto quando terminar o trabalho.

- Quinhentos mil agora - repetiu o cientista - e um milhão quando terminar o trabalho.

De repente, a expressão ébria e angustiada de Bouchiki mudou para uma mais desperta.

- De acordo. Quando comprovarmos a validade das fotografias, depositaremos um milhão de dólares numa conta numerada do *Credit Suisse* de Genebra. Além disso, entregar-lhe-emos um passaporte com uma nova identidade e uma carta de condução. - Deu-lhe a caneta e repetiu-lhe as instruções.

- Daqui a vinte dias vou ao Cairo para um seminário de Nanotecnologia no Hotel Semiramis, Intercontinental Bouchikii, - Como já viram que não abri a boca durante dois anos e que cumpro as suas exigências, aprovaram-me esta viagem.

- Estarão igualmente a vigiá-lo.

- Sim, mas numa cidade diferente, no meio de um simpósio de quinhentos cientistas, num hotel cheio de gente, o intercâmbio será mais fácil do que em Ness-Ziona.

- Então, será ali.

- Outra coisa: vocês ocupam-se de me tirarem do Egito e de me levarem para as Caraíbas.

- Pode contar com isso.

Al-Saud temeu que Bouchiki voltasse atrás, porque de repente franziu as sobrancelhas e uma sombra ofuscou-lhe o olhar.

- Como é que sei que posso confiar em si? Como posso ter a certeza de que depositarão o dinheiro? E, se o depositarem, como me posso assegurar de que não retiram os fundos mais tarde?

- Doutor Bouchiki, dentro de três dias use o endereço de IP de outra pessoa, a do seu amigo, o empregado do bar, por exemplo, e averigüe através da Internet o número de

telefone do *Credit Suisse* em Genebra. Ligue de um telefone que não esteja sob escuta e pergunte por Filippo Maréchal. Pode fazer isso?

- Sim, posso usar o telefone de um colega. Sei qual é o código porque o via a teclá-lo.

- Perfeito. Como lhe dizia, o Filippo Maréchal será o seu gestor de conta. Refira o dia e o mês do aniversário do doutor Gobi e o seu primeiro nome, Yaron. Lembre-se do que acabo de lhe dizer. Isto funcionará como código até que o senhor o mude. O Filippo será um dos poucos no banco que saberá que atrás do número da sua conta está o senhor; inclusive, para sua segurança, poderia fechar essa conta e abrir outra. Isso fica ao seu critério. Seja como for, o Filippo verificará se depositamos os primeiros quinhentos mil dólares e também poderá mudar os códigos de acesso e as perguntas de segurança. Há trinta anos que o Filippo trabalha no *Credit Suisse*. Não mancharia uma carreira impoluta por uns centavos. Relativamente ao restante milhão, mal seja depositado, poderá ligar ao Filippo a partir do Intercontinental no Cairo e pedir- lhe a confirmação de que esse dinheiro foi depositado na sua conta

- Dentro de três dias - manifestou Bouchiki - quando confirmar que os quinhentos mil dólares chegaram à minha conta, começarei a atuar

- A pessoa que o contatar no Intercontinental dir-lhe-á: «Diana e Artemisa são a mesma deusa.» Decore-o. Deve entregar a caneta a essa pessoa. Entretanto, recomendo-lhe que não fale com ninguém e que abandone a bebida. Os bêbados costumam soltar a língua. No seu caso, doutor Bouchiki, custar-lhe-ia a vida.

Um agente do Aman, a Inteligência Militar de Israel, dispunha-se a dar uma olhadela ao relatório sobre o movimento da aviação geral - aviões privados e de empresas - dos últimos cinco dias no Aeroporto Ben-Gurion, quando os seus olhos tropeçaram com um nome que lhe chamou a atenção - Mercure S.A. O avião, um Learjet 45, tinha matrícula com o código da Papua-Nova Guiné.

Pegou no telefone e ligou para a linha privada do seu amigo, Ariel Bergman, em Haia. Num encontro uns dias antes, em Telavive-Yafo, Bergman tinha-lhe feito uns comentários sobre um tal Eliah Al-Saud, dono de uma empresa militar privada, a Mercure S.A., a quem seguia de perto devido a umas possíveis averiguações que este realizara sobre o acidente de Bijlmer.

- Daqui fala Bergman.

- Ariel, sou eu. O Meir Katvan.

- Que tal, Meir? Como correm as coisas por Ben-Gurion?

- Acho que tenho uma informação muito interessante para ti. Há cinco dias aterrou no Ben-Gurion um jet privado, um Learjet 45, propriedade da Mercure S.A., a empresa que mencionaste no outro dia em relação ao acidente de Bijlmer. A matrícula do avião é P2-MIG.

- A que país corresponde o código P2?
- À Papua-Nova Guiné.
- É lógico, já que a Mercure está sediada legalmente nesse país. De qualquer forma, os seus quartéis-generais funcionam em Paris. O avião já abandonou Ben-Gurion?
- Sim, ontem de madrugada, com destino a Le Bourget, em Paris.
- Tens a lista dos passageiros?
- Só duas pessoas, para além da tripulação, evidentemente. Giovanni Albinoni e Mariyana Huseinovic.
- Enviarei uma fotografia do Al-Saud e dos seus sócios. Podes rever as fitas com as gravações do aeroporto e procurá-los entre os passageiros?
- Claro que sim,

-Sim?

- Olá, Juana. É o Eliah.

- Bonitão! Regressaste?

- Sim, estou em Paris.

- Que bom! Sentimos a tua falta - confessou-lhe, num tom carinhoso.

- Sim?

- Ufa! Não sabes quanto! A tua amiga tem estado insuportável desde que te foste embora. Fico contente por teres regressado, assim já não me esgota a paciência.

Sem deixar de sorrir, Al-Saud perguntou:

- Ela está?

- Não. Foi à sede da Mãos Que Curam, na rue Breguet, número 6. Disse-me que ficaria lá até à uma e meia.

Eliah olhou para as horas e, ao ver o Breitling Emergency em vez do Rolex, deu-se conta de que, com a pressa de ver Matilde, não o tinha tirado. Só o usava durante os treinos militares e para pilotar os aviões de guerra. Era uma e cinco. Tinha tempo.

- Obrigado, Juana.

- De nada, bonito! Até logo.

Estacionou em frente à entrada do prédio que ostentava uma placa de mármore com a inscrição *Mains Qui Guérissent* (Mãos Que Curam, em francês) A Breguet era uma rua estreita com pouco trânsito. Esperou.

Matilde sorria a Auguste Vanderhoeven sem vontade e esforçava-se por se mostrar simpática, já que o médico belga estava a ser muito amável com ela. Desde a reunião de preparação para a primeira missão, na qual Auguste se apresentou como o encarregado dos cirurgiões no projeto de Kivu, tinha esclarecido as suas dúvidas e respondido às suas perguntas com deferência. Acabavam de passar a manhã na biblioteca da organização a investigar sobre um tema que lhes interessava aos dois: a fístula vaginal, um mal que assolava as mulheres africanas e sobre o qual pouco sabia.

Auguste abriu a porta e deixou-a passar. Saíram e, enquanto trocavam as últimas palavras, Matilde avistou Eliah. A sua primeira reação foi uma secura na boca e na garganta e uma dor no pescoço, onde a pulsação tinha aumentado de forma anormal. Ele apoiava os braços no teto do seu carro desportivo, com a porta aberta, e observava os. Viu-o tirar os óculos de sol, uns *Ray-Ban Clipper*. Sem respirar, esperou que os seus olhos se encontrassem. Sorriu-lhe; ao princípio tratou-se de um sorriso tímido que se converteu num sorriso amplo e confiante; movia-a a alegria de voltar a vê-lo depois de tantos dias. Cumprimentou-o com um aceno de mão.

Para Al-Saud, o sorriso de Matilde converteu-se na autorização de que precisava para avançar. Viu-a despedir-se apressadamente do tipo que a admirava com cara de idiota e alegrou-se que Matilde apontasse para ele para justificar a sua partida abrupta. O

homem fitou-o e inclinou levemente a cabeça em sinal de cumprimento, que Eliah não se incomodou em retribuir, limitando-se a olhá-lo fixamente até que o palerma se afastou.

Matilde aproximou-se, insegura. Passou a língua pelos dentes para evitar que os lábios se colassem ao falar, e pigarreou para desfazer o nó na garganta. Já não olhava para ele, temia-o com o mesmo fervor com que o desejava. Tinha sonhado com aquele momento inúmeras vezes durante a sua ausência. «E isto a felicidade? Esta vontade louca de viver, de saltar, de cantar e de dançar aqui mesmo, no passeio, em frente à MQC, como se tivesse enlouquecido, só por ele estar à minha frente?» Como mudara em poucos dias!

-Olá.

- Olá - respondeu ela, esticando o pescoço para o olhar nos olhos, era mais belo e imponente do que se lembrava. Parecia ainda mais moreno, como se tivesse apanhado sol, o que realçava as restantes cores: o preto das pestanas, que pareciam uma escova, de acordo com a descrição de Juana, o verde-esmeralda dos olhos; o branco dos dentes, porque os mostrava ao sorrir. Ria-se dela, da sua inabilidade, da sua inexperiência, das suas faces coradas e dos seus olhos a faiscar. «Mat, és transparente como um vidro», costumava dizer-lhe Ezequiel em jeito de censura.

Ao vê-lo inclinar-se, Matilde fechou os olhos porque se tinha dado conta de que se se privasse da visão, os restantes sentidos ficavam mais alerta, e ela queria aspirar as notas do seu perfume e sentir o toque dos seus lábios. Eliah beijou-a como naquela manhã no avião, muito perto da comissura esquerda da boca. Permaneceu imóvel, desejando ter a coragem de mover a cara e ir ao encontro dos seus lábios, embora inutilmente, porque, apesar de ter mudado durante esses dias em Paris, os seus medos ainda a atavam aos demónios do passado.

- Quando regressaste?

- Esta manhã - respondeu ele, sem afastar os lábios, que deambulavam pela sua face, fria em algumas partes, quente noutras.

Matilde achou paradoxal que, embora ele só lhe tocasse na boca, ela se sentisse abrigada no seu peito, protegida pelos seus braços. A força daquele homem projetava-se para fora do seu corpo e arrebatava-a.

- A Juana disse-te onde me encontrar, não foi? - Sentiu-o concordar com um movimento de cabeça. - Ela gosta muito de ti.

- E tu? - perguntou ele, e afastou-se para a olhar.

Matilde corou e Eliah não pôde evitar rir-se.

- Eu também. Já sabes.

- Não, a verdade é que não sei. Da última vez deste-me o “bolo” da minha vida. - O riso dela, que tentou esconder atrás dos cadernos, encheu-o de ternura. - Se queres que te perdoe, tens de aceitar almoçar comigo. Agora. Estou a morrer de fome. - A expressão de Matilde transmitia verdadeiro desconsolo. - O que é que se passa? Não podes?

- Às duas e meia começa a minha aula de Francês. E não posso faltar porque temos o mini teste da semana. Olha - disse, e levantou um pequeno saco de plástico trouxe o almoço porque sabia que não teria tempo de voltar a casa.

Al Saud tirou-lhe o saco e espreitou lá para dentro. Um iogurte de Frutas Danone e uma sanduíche de brie do tamanho de um canapé grande

- Que grande almoço murmurou para si, em francês, - tens tempo para me levar a escola de línguas?

- Claro que sim. Vamos. Entra - ordenou Al-Saud, e abriu-lhe a porta.

Colocou-lhe o cinto - era evidente que na Argentina não era costume usá-lo - e ligou o Aston Martin. Nada o tinha preparado para a confusão de sentimentos que o reencontro com Matilde tinha provocado nele. Júbilo, ternura, desejo, ansiedade, inquietação, paixão. Amor. Era esse o verdadeiro amor aos quais os grandes poetas dedicavam odes que ele tinha julgado ridículas? Amava-a se mal a conhecia, se tinham partilhado tão pouco? Amava-a ou ela era um desafio, uma obsessão de acordo com a sua natureza de Cavalo de Fogo? Matilde constituía um grande mistério, sobretudo porque parecia tão simples. A sua Matilde. Sim, sua. Não podia negá-lo, assim pensava nela enquanto a olhava de soslaio e ela lhe falava, com aquela sua voz delicada, que nunca subia de tom, sobre os cursos de preparação para a primeira missão e sobre os projetos no Congo, e sobre as aulas de Francês, e sobre o quanto lhe custava pronunciar essa maldita língua, e sobre que não lhe pedisse que falasse em francês porque não o faria, tinha vergonha. Parou o Aston Martin em frente ao *Lycée des Langues Vivantes*, na *rue Vitruve*. Eliah não gostava da zona.

- Obrigada por me teres trazido.

- Gostaria de te levar a jantar esta noite, mas tenho um compromisso de negócios.

Amaldiçoou Tony Hill e a sua secretária que lhe tinham arranjado um jantar com um empresário israelita da área da computação. Pelo que o seu sócio lhe adiantara, podia tratar-se de um contrato milionário de que a Mercure precisava. Depois da compra de dois helicópteros, um Dauphin 365 e um Mil Mi-25, e de grande quantidade de armamento, as contas da empresa estavam com saldo negativo.

- Almoçamos amanhã? - propôs, e Matilde assentiu, sorridente. - Para que te perdoe pelo “bolo” de agora e daquele domingo, só tenho uma condição: que me venhas buscar amanhã ao meio-dia ao meu escritório.

- Está bem - aceitou Matilde. - Dá-me o endereço.

Al-Saud tirou uma *Mont Blanc* e um cartão da Mercure do bolso interior do seu casaco e escreveu em cima do volante.

- Que letra bonita - elogiou Matilde, e guardou o cartão na shika. - Tu és bonita, Matilde. Muito bonita.

Inclinou -se para ela e beijou-lhe os lábios entreabertos. O contato assustou-os aos dois. Ambos o tinham imaginado durante aqueles quinze dias de separação; no entanto, a realidade superava as expectativas. Al-Saud tirou o cinto e segurou-lhe na nuca para se apoderar dela com a certeza de quem se sabe dono e senhor. Ela esperava-o, entregando-se com os olhos fechados. Beijou-a como nunca tinha beijado outra mulher, não porque a técnica variasse mas sim porque ele não era o mesmo. Algo sublime e poderoso fazia-o sentir a felicidade e, ao mesmo tempo, um desejo devastador; aquilo era novo para ele, de fato, ninguém lhe tinha explicado que existia essa mistura tão desconcertante, li, ao reparar que os dedos dela se enredavam no seu cabelo, os seus olhos brilharam.

Matilde permitia-lhe tudo. A felicidade tornava-a forte e mantinha o pânico sob controle. Sem se afastar, às cegas, Al-Saud acionou um mecanismo, e o assento reclinou-se quase cento e oitenta graus. Ficou presa debaixo do seu peso. Ele segurou-a pela cintura com um braço e colou-a ao seu corpo, enquanto a sua língua, insaciável, a explorava até a deixar sem fôlego, e a dela, valente, ia ao seu encontro, incitando-o, fazendo-o gemer, e gostando de o fazer gemer. Que gemesse, por favor. As suas mãos deslizaram para dentro do casaco dele e acariciaram-lhe as costas, ele afastou-se dela e suspirou, como se Matilde lhe tivesse tocado numa ferida. Descansou a testa no assento de couro, e ela observou-lhe o perfil de olhos fechados e palpitante, a respiração ofegante e os lábios úmidos, vermelhos e entreabertos. Um segundo mais tarde, voltava a cair sobre ela.

- Gostas? - perguntou-lhe um pouco depois, ofegante. - Gostas dos meus beijos?

- Sim - sussurrou Matilde e, num laivo de sinceridade e de loucura, apertou-lhe a nuca com as mãos e colou-lhe os lábios ao ouvido para acrescentar: - Muito. Tanto, Eliah, tanto.

Ele sentiu uma alegria tomar conta de si, mas, antes de lançar uma gargalhada de felicidade, voltou a beijá-la, com a voracidade que ela lhe despertava por ser assim, tão Matilde.

Matilde, consciente de que estavam a armar um escândalo à porta da escola de línguas, deu-se conta de que se estava no ponto de que meia Paris rodeasse o carro de Eliah para os observarem. Não se reconhecia. Imaginava a careta de horror da avó Celia e dava-lhe para rir. «Estou mesmo a sentir-me assim?»

- Quero que sempre que nos beijemos, nos sintamos assim disse Al Saud sobre os seus lábios. - Quero ter-te. Matilde. Agora.

- Há tantas coisas que tu não sabes sobre mim.

- Quero saber tudo, tudo.

- E eu quero contar-te, mas preciso de tempo. Tem paciência comigo, Eliah, por favor.

A paciência não está entre as características de um Cavalo de Fogo; uma veia irritável torna-os pouco compassivos com os problemas e as necessidades alheias; há quem os ache desapiedados, insensíveis. Se Matilde lhe pedia paciência chamando-lhe Eliah com aquela voz que o comovia, ele abafaria o clamor da sua natureza e conceder-lha ia, embora para isso precisasse de recorrer aos seus quinze anos de disciplina na filosofia shorinji kempo.

- Toda a paciência de que precisas, meu amor.

Esse «meu amor» surgiu de uma forma tão espontânea que os impressionou aos dois. Matilde abraçou-se ao seu pescoço e, com um sussurro fervoroso, agradeceu-lhe.

Separaram-se, e Al-Saud colocou o assento na posição normal. Ajeitou-lhe as madeixas que lhe caíam na testa e passou-lhe os dedos pelos lábios inchados, lamentando a sua violência. Agora os colegas de Matilde veriam uma boca que parecia uma cereja.

- A que horas acabas as aulas?

- Por volta das seis e meia.

- Como te disse, não te posso vir buscar, mas vou mandar o meu motorista. Não, Matilde, não discutas. Este bairro não é dos melhores. Não quero que andes por aqui sozinha, à noite. E para que não te zangues, tenho um presente para ti.

- Eu também tenho um presente para ti. Em casa - esclareceu.

- Para mim? - Al-Saud foi incapaz de dissimular a alegria, o espanto, a ansiedade. - O que é?

- Um frasco de doce de leite que eu própria fiz para ti. Para que comproves que o meu doce de leite é melhor do que a Nutella. - Interpretou mal o olhar dele. - Ficaste dececionado com o meu presente.

Como resposta, ele tirou-lhe o cinto e apertou-a com firmeza e voltou a beijá-la.

- Obrigado, meu amor sussurrou lhe ao ouvido, enquanto concluía que Matilde tinha preparado o doce de leite na sua ausência, o que significava que tinha pensado nele; Juana não mentira.

- Agora quero o meu presente - ouviu-a exigir.

Al-Saud pegou num saco que escondia na parte de trás e que dizia Emporio Armani. Tinha pedido à sua secretária que tratasse do assunto e achava que a mulher tinha acertado na escolha.

- Ah! - Matilde retirou um blusão creme de seda lustrosa, alcochoado a penas de ganso. Os punhos e a gola eram de pelo de coelho branco. - É para mim?

- Claro que sim, para ti. Não deves usar esse casaco que não te protege do frio. Não quero que voltes a ficar doente - mencionou de propósito.

Matilde inclinou-se e, pela primeira vez, beijou-o nos lábios por iniciativa própria. Bastante comovida, deu conta de que se tratava também da primeira vez que o fazia na sua vida.

- É o melhor presente que já recebi. Não me lembro de ter tido uma peça de roupa tão fina e tão bonita. Que suave e delicada é. Obrigada, Eliah.

Al-Saud estendeu a mão e limpou-lhe a lágrima com o dedo. A emoção dela perante algo tão insignificante deixou-o sem palavras.

Passou a manhã atarefado e quase ao meio-dia ainda continuava reunido com Mike Thorton, Peter Ramsay e Tony Hill, que o achavam inquieto, invulgarmente de bom humor, propenso a sorrisos e brincadeiras. Os sócios de Al-Saud trocavam olhares ao vê-lo consultar as horas de cinco em cinco minutos e a levantar a cabeça para o monitor que transmitia o movimento da recepção dos escritórios no George V enquanto tentavam fazer o orçamento que apresentariam a Shaul Zeevi, o empresário israelita da computação. Se conseguissem fechar o acordo com Zeevi, a faturação da Mercure aumentaria em cinquenta milhões de dólares anuais. O empresário scandalizar-se-ia com o valor, mas eles sabiam expor os riscos de uma missão com aquelas características. Zeevi, sócio de uma empresa chinesa produtora de baterias e chips, obtivera uma licença do presidente da República Democrática do Congo, Laurent-Désiré Kabila, para a exploração de um dos minerais mais cobiçados, o coltan.

Na noite anterior, enquanto jantavam no Maxims, Zeevi tinha-lhe explicado que o coltan, ou ouro cinzento, como era chamado, era um mineral que não se encontrava na tabela periódica, um capricho da Natureza pelo qual, em certas regiões, dois elementos, a columbita e a tantalita - daí o nome coltan -. se misturavam para constituir uma nova solução sólida completa, com qualidades como a excelente condutividade da corrente elétrica, a capacidade para suportar elevadíssimas temperaturas e, sobretudo, para armazenar carga elétrica temporal e libertá-la quando fosse necessário; era por este último motivo que era cobiçado na fabricação de baterias de celulares, de computadores e todo o tipo de produtos eletrônicos. O Pentágono acabava de o classificar como «matéria-prima estratégica». As grandes corporações da eletrônica batalhavam entre elas para manter os seus depósitos cheios com toneladas do excêntrico mineral, o que fazia com que o seu preço aumentasse no mercado.

- Oitenta por cento das reservas mundiais de coltan encontram-se na República Democrática do Congo garantira-lhes Zeevi na região conhecida como os Grandes Lagos, no Leste do país, nas províncias de Kivu do Norte e Kivu do Sul, hoje em poder dos rebeldes. Os meus engenheiros e funcionários não conseguiram entrar na zona porque os rebeldes não o permitem. Para além disso, um dos trabalhadores foi baleado. Graças a Deus, não morreu.

- E o governo não lhe pode proporcionar a proteção do Exército - completou Michael Thorton.

- O Kabila não pode fazer nada, segundo me disse. Foi o filho, o general Joseph Kabila, quem mencionou a Mercure como a possível solução para o meu problema. O general garante - dirigiu-se a Al-Saud - que o senhor e ele são grandes amigos.

- Sim, somos.

Al-Saud consultou novamente o relógio - um quarto para a uma - e perguntou-se quando chegaria Matilde. Sorriu. Ela devia ser das poucas pessoas que conheciam na realidade o coltan e o mal que a sua extração implicava para os congoleses. A nossa Mat não usa celular. Primeiro, dizia que as radiações do aparelho eram prejudiciais à saúde. Agora, desde que soube que a bateria funciona a coltan, um mineral que se rouba do Congo, não usa por uma questão ética.

- De que te ris? - perguntou Peter. - Não vejo qual é a graça de lidar com uma manada de fanáticos e loucos.

- O problema aqui não são os rebeldes - observou Al-Saud - mas o poder económico que está por detrás deles, a Sociedade Mineira dos Grandes Lagos, ou Somigl, uma sociedade integrada pela Africom da Bélgica, a Promeco do Ruanda e a Cogecom da África do Sul. São eles que exploram e distribuem o mineral e armam os rebeldes a mando do Laurent Nkunda.

- Ou seja salientou Michael por detrás de tudo isto está a tua querida Madame Gulemale.

- Sem dúvida confirmou Al-Saud, e dirigiu-se para a porta da sala de reuniões atraído por umas vozes no hall de entrada. A visão de Matilde nesse contexto provocou-lhe uma profunda emoção. Ficou quieto e calado atrás da porta, vendo-a avançar acompanhada por Juana. Vestida assim, com o blusão creme novo e calças justas brancas, o cabelo loiro solto, a pele pálida, sem maquiagem - só um pouco de batom de manteiga

de cacau nos lábios e banhada pelo sol do meio-dia, Matilde parecia resplandecer, como se estivesse envolvida num halo de luz, branco e iridescente.

A secretária tinha-as convidado a sentarem-se; nenhuma lhe ligou. Juana movia-se como um beija-flor e exclamava perante a decoração carregada, típica do George V, com cadeirões e secretárias de estilo Luís XV, tapetes Kazan, jarrões gigantes de porcelana chinesa e densos cortina dos de tafetá de seda. Matilde, serena, alheia ao luxo da divisão, como se estivesse habituada a esse tipo de decoração cara, admirou e acariciou as peónias e depois passou à jarra com nardos, junto dos quais se deteve, cheio-rando-os com os olhos fechados. Atraiu-a a biblioteca, onde os livros eram quase todos de Eliah.

- Parece uma fada - ouviu Michael Thorton dizer atrás dele. - Quem é?

- É minha - avisou Al-Saud.

Matilde inclinou a cabeça para ler as lombadas dos livros; havia vários em outras línguas - italiano, alemão, inglês, russo. Não encontrou romances mas ensaios de história, de economia, sobre a guerra e biografias de militares famosos. Havia uma coleção completa de revistas em inglês. *World Air Power Journal*. Pegou numa e folheou-a. Tratava-se de uma publicação especializada em aviões de guerra. Será que Eliah se interessava por eles?

- Bonitão!

Matilde virou-se e viu Eliah entrar na recepção. Caminhava em silêncio, com um meio sorriso. Parou em frente dela, passou-lhe um braço pela cintura e obrigou-a a pôr-se ponta dos pés para se apoderar dos seus lábios e beijá-la sem rodeios, ali, em frente dos seus sócios, das suas secretárias e do estagiário.

- Olá - cumprimentou-a, e voltou-se para receber o abraço de Juana.

Matilde ficou aturdida. Descobrir como a olhavam aqueles três homens e os empregados não ajudou a diminuir o rubor das suas faces.

- Bonitão! - ouviu Juana dizer em tom ofendido foste-te embora e abandonaste-nos em Paris.

- Não me parece - objetou Al-Saud. - Pelo que me contaram, passaram muito bem sem mim. Até foram às compras às *Galerias Lafayette*.

- É verdade. O Ezequiel queria comprar roupa à Mat.

- O Ezequiel? - repetiu, e olhou para Matilde.

- Já te falei dele - apressou-se ela a esclarecer. - O meu amigo de infância.

- Porque é que ele te queria comprar roupa?

- Bonitão - disse Juana, e pegou-lhe nas mãos, não fique ciumento. O Ezequiel é o mais parecido a um irmão que a Mat tem na vida. Queria-lhe comprar roupa porque a Mal não tinha nada para vestir.

- Juana - reclamou Matilde, eu tinha roupa para vestir. Mas o Ezequiel e tu insistiram...

Juana, sem ligar aos protestos de Matilde, sussurrou ao ouvido de Al-Saud.

- Calma, bonitão, o Ezequiel é homossexual e vive com o namorado.

Elijah perguntou-se quando se resolveria a confusão de René Sampler e de Ezequiel. Lembrou-se que talvez o BMW pertencesse a Sampler, o namorado de Ezequiel. Essa ideia acalmou-o. Lembrou-se de que os seus sócios os observavam da porta da sala de reuniões e apresentou-os.

- Que chique é isto de ter o escritório num hotel de cinco estrelas! - comentou Juana.

- A verdade é que o hotel é do irmão do Elijah - explicou Michael Thorton, enquanto os seus olhos pardos apreciavam a esbelta figura da morena. - Cobra-nos uma renda bastante económica.

- Este hotel é do bomhom Cabsha?

- De quem? - estranhou Al-Saud.

Matilde explicou-lhe e Elijah deu uma gargalhada. O espanto das suas secretárias e dos seus sócios aumentava a cada minuto.

- Não, não é do Alaman. E do meu irmão mais velho, o Shariar. E é casado - acrescentou, perante a expressão ávida de Juana. - Queres almoçar conosco? - perguntou.

- Não, mas obrigada por me convidares. Na verdade, vim porque tenho de me encontrar com o Shiloah. Prometeu levar me a almoçar e contar-me de que se trata a convenção pelo Estado binacional.

Al-saud surpreendeu-se: o seu amigo devia estar realmente interessado em Juana a ponto de a convidar para almoçar a menos de uma semana do início da convenção e com tantos detalhes e questões para concluir.

- É por causa da convenção que temos de passar por um detetor de metais à entrada do hotel? - perguntou Juana.

- Sim explicou Tony Hill. - Vários dos convidados já estão alojados no hotel. Alguns são personalidades muito importantes em Israel e na Palestina.

Al-Saud desapareceu por um momento no seu escritório e regressou compondo a lapela do casaco. Com impaciência, esperou que Matilde se despedir antes de a enlaçar pela cintura e conduzi-la até lá fora. Mal as portas do elevador se fecharam, encurralou-a contra a parede e beijou-a como se em seguida planejasse despi-la e fazer amor com ela. Através do blusão acolchoado, sentia o corpo de Matilde, frágil e pequeno. A sua boca não encontrava saciedade em contato com os lábios dela; nunca chegava o momento em que desejasse afastar-se; ficava sem fôlego.

O elevador era silencioso, e Matilde só ouvia a respiração irregular de ambos e o som das suas bocas úmidas unidas num beijo que lhe branqueava a mente. Nem sequer temia que alguém entrasse no elevador. Aqueles sons excitavam-na tanto como a língua dele na sua boca. Na ponta dos pés e agarrada à nuca de Elijah, já não era Matilde Martínez, era outra, uma com a qual tinha sonhado, uma mulher livre, sem preconceitos, corajosa.

Al-Saud passou os lábios pela sua face e beijou-a atrás da orelha, onde ela tinha se perfumado com a colónia de bebé Upa la la.

- Tiveste saudades minhas? - ouviu-o perguntar.

- Sim -disse ela, e a voz saiu-lhe rouca, excitada.

Matilde teria contado que não tinha pregado olho toda a noite, porque pensar nele não a deixava dormir. Incapaz de conciliar o sono, tinha abado de ler O Jardim Perfumado. Também desejava partilhar com ele um parágrafo do livro: O prazer extremo que se origina numa ejaculação impetuosa e abundante depende de uma circunstância; É imperativo que a vagina seja capaz de sugar. Teria desejado confessar-lhe: «Eliah, a minha Vagina não é capaz de sugar. Eu não sou uma mulher completa. Na verdade, não sou uma mulher. Estou magoada. E sou frigida e incapaz de amar. E não te poderei dar o prazer extremo, por isso, não me procures mais, não me beijes mais, não me olhes mais. Afasta-te de mim porque eu não tenho vontade de o fazer, e não quero sofrer, e não quero decepcionar-te. Sobretudo isso, não te quero decepcionar.»

Não se atreveu a dizer nada disso, nem sequer que, cerca das cinco da manhã, apagou a luz e que, ao fechar os olhos, se imaginou como uma das mulheres das ilustrações em poses eróticas, presa com ele. A posição da ovelha, do ferreiro, da rã, das pernas levantadas, da cabra, a lançada. «Eliah, se há alguém com quem gostaria de experimentar estas posições é contigo. Mas tenho medo. Tanto medo. Ajuda-me.» Abraçou-se a ele com ímpeto e escondeu a cara no seu peito para que as lágrimas não escapassem. Ele, por sua vez, apertou-a e beijou-lhe o topo da cabeça; o seu cabelo também cheirava a bebé.

- E tu tiveste saudades minhas? - atreveu-se a perguntar-lhe.

- Muitas. - Al-Saud segurou-lhe o rosto com as mãos e observou-a, não diretamente nos olhos, mas passeou o olhar pelas feições dela. - Estás tão bonita. Não sabes como te fica bem o blusão. Estás agasalhada?

- Muito agasalhada assegurou ela, e o beijou na face áspera e arrastou o nariz pela mandíbula dele e pela maça de Adão até chocar contra o nó da gravata. - Adoro o teu perfume.

As portas do elevador abriram-se no térreo e separaram-se. Al-Saud deu-lhe a mão para atravessar a recepção. O novo mensageiro, o que substituíra o indiscreto, cumprimentou-o com uma inclinação de cabeça e perguntou-lhe se precisaria que trouxessem o carro. Al-Saud respondeu que não. Caminharam pela avenue George V até aos Champs Elysées e sentaram-se a almoçar num dos muitos cafés. Eliah apreciou a facilidade com que ele e Matilde conversavam, os temas brotavam logo como de uma fonte, nunca pareciam ter suficiente tempo, tinham imenso que contar um ao outro. Depois de o empregado ter levantado a mesa, Matilde tirou da shika o frasco com doce de leite e colocou-o em frente de Eliah.

- Aqui está o teu presente.

Al-Saud levantou-o para o observar. Tratava-se de um frasco comum, de doce, ao qual Matilde tinha tirado a etiqueta e forrado a tampa com um chapeuzinho de tecido vermelho, no qual tinha bordado uma frase em ponto cruz: Para Eliah de Matilde. A circunferência do chapeuzinho estava adornada com uma fita de cetim branca rematada com um laçarote.

- Achas ridículo, não é? A Juana disse-me que acharias ridículo.

- A Juana não me conhece. - A voz rouca e grave dele provocou-lhe um arrepio que acabou por lhe eriçar a pele das pernas e dos antebraços.

- Nunca ninguém me ofereceu uma coisa tão bonita. Uma coisa feita com as próprias mãos. Uma coisa a pensar em mim.

Ainda bem que perguntei Sofia como se escrevia o teu nome, porque não sabia que tinha um H no fim. - Não lhe contou as mentiras que tinha utilizado para averiguar essa informação sem levantar suspeitas.

Al Saud colocou o frasco na mesa e estendeu-lhe as mãos. Matilde entregou-lhe as suas, e percebeu no aperto dele a paixão que despertava entre eles. Observava-a no mais fundo dos olhos, e ela observava-o a ele, incapaz de se afastar como se um feitiço a mantivesse quieta. Eliah pensava que essas pequenas mãos tinham feito esse presente só para ele, a pensar nele. A Imagem de Matilde a cozinhar, a bordar, a decorar o frasco, agitava uma emoção no seu interior da qual ele não se sabia capaz. «*Qui estu vraiment, Matilde?*» (Quem és realmente, Matilde?) «De que reino de ninfas e fadas escapaste? Porque tu não és deste mundo.» Michel Thorton, um homem rude, dos melhores agentes do SIS durante a Guerra Fria e um atual mercenário, um solteiro empedernido e um mulherengo incurável tinha sido inspirado por um instante de poesia. «Parece uma fada», dissera ele.

- Não vais prová-lo?

- Está tão bonito assim que não quero estragá-lo.

- O chapeuzinho tem um elástico. Tira-lo assim e já está. Depois, se quiseres voltas a pô-lo.

Matilde abriu o frasco, encheu uma colher com doce e deu-lho na boca. Al Saud fechou os olhos com lentidão enquanto o doce deleite se derretia na sua língua. Na verdade, era refinado, diferente dos que a sua mãe comprava nas lojas de delicatessen, mais suave na textura e no sabor, de uma tonalidade mais clara, mais leitoso e menos doce; uma delícia.

- Este doce de leite é... *superbe*, muito mais do que a Nutella.

O sorriso de triunfo de Matilde contagiou-o e, por sua vez, sorriu-lhe exultante, desejando levá-la para sua casa, para o refúgio que nunca partilhara com outra mulher. Sentou-se numa cadeira ao lado dela, pegou-lhe na nuca e na cintura e beijou-a.

- Que beijo tão doce e saboroso.

- É uma receita que me ensinou a mulher do meu avó Esteban, a amiga da tua avó Antonia. A Rosalia era muito generosa e ensinou-me tudo o que sabia.

- A bordar também? perguntou ele apontou para o chapeuzinho.

- Sim era muito hábil com as mãos..

- As tuas mãos, Matilde, são mais hábeis porque não só fizeram este presente como também salvam vidas. - Inclinou a cabeça e beijou-lhe as palmas das mãos e passou-lhe o nariz pela zona das veias. - Estou orgulhoso de ti.

- Há coisas sobre mim que não sabes, coisas que não te fariam pensar da mesma forma.

- Quero saber tudo, Matilde, já te disse. Quero que partilhes tudo comigo.

Matilde retirou as mãos, baixou a cabeça e ficou em silêncio. Passado algum tempo, enfrentou-o com a decisão estampada no rosto.

- Sou casada, Eliah.

Depois de um silêncio, Al-Saud manifestou:

- És casada mas é evidente para mim que não estás apaixonada pelo teu marido.

- De fato, estamos separados e vamos divorciar-nos. E sim, tens razão, não estou apaixonada por ele. Nunca estive.

- Porque é que te casaste?

- Tenho vergonha de confessar. Pensarias que sou oca, sem vontade nem opinião própria. Pensarias que sou uma estúpida, e não quero que penses isso de mim.

- Tu, uma estúpida, oca e com pouca opinião?

- Espero que não. Não quero ser assim.

- Confia em mim. Eu também não sou estúpido. Além disso, sou capaz de compreender.

- Casei-me porque era isso o que se esperava, porque a sociedade assim o dizia. O meu pai, que tem um grande influência sobre mim, queria que eu «assentasse», como dizia. Ele gosta muito do Roy, o meu marido, como a um filho, tal como a minha tia Enriqueta, que é muito amiga do pai do Roy. E pressionavam-me. E o Roy pressionava-me.

- Ele ainda está apaixonado por ti. - Afirmou-o num tom duro, de sobrelheira franzida, sem a encarar, enquanto apoiava a testa com a mão direita e, com a esquerda, fazia um montinho com as migalhas de pão.

- E eu não percebo porquê. Fui a pior das mulheres. - Al-Saud contemplou-a com dureza. - Sim, Eliah, fui uma má mulher.

- Não amavas, por isso é que não foste uma boa mulher. Caso contrário, terias sido a melhor.

«Sim? Achas mesmo que seria uma boa mulher se tu fosses meu marido? Não me parece. Eu não sou normal. Nunca fui.» Os olhos de Matilde encheram-se de lágrimas e os lábios tremeram. Al-Saud tirou-a da cadeira e sentou-a nas pernas dele. Matilde nunca experimentara aquela sensação de proteção e regozijo como entre os braços daquele homem, pouco menos do que um desconhecido. O seu perfume, a sua força, a sua energia, a aspereza do seu pescoço, o vigor das suas mãos que lhe acariciavam as suas costas, tudo a fazia pensar num refúgio magnífico, do qual não desejava sair.

- Magoou-te?

- Eu magoei-o a ele. Muito.

- Magoou-te? - insistiu. - Fisicamente, quero dizer. - Ouviu-a sussurrar um sim, à beira do pranto, e apertou o guardanapo e os dentes até que as gengivas lhe doeram. - Nunca mais voltará a fazê-lo, juro-te pela minha vida. Agora sou eu quem te protege.

Ela acariciou-lhe a face e afastou-lhe a madeixa lisa e pesada que lhe caía sobre a testa. Passou-lhe as mãos ao arrepio da nuca, onde o cabelo estava cortado à máquina zero, e beijou-lhe o nariz e os lábios, algo que nunca teria feito com Roy nem com nenhum outro homem, muito menos em público, e, no entanto, com ele agia de maneira espontânea, imbuída de paz, de alegria, de desejo.

- Eliah - sussurrou-lhe na boca dele. - Estou tão assustada. Tenho tanto medo...

- Porquê?

- Porque nada disto estava nos meus planos. Porque a vida me está a surpreender. Porque tudo acontece muito rápido. Porque és um furacão que está a arrasar com as minhas estruturas. - Calou-se, não sabia como expressar o que, na realidade, a aterrava. - Tenho medo de te dececionar também. E não o suportaria. - Escondeu a cara no ombro dele. - Não sabes nada sobre mim.

- Diz- me tudo, por favor, Matilde. Quero ajudar-te.

«Sim? Ajudar-me-ias? Ou partirias assustado?»

- Não sabes o quanto me ajudas a abraçar-me desta forma, fazes-me sentir forte quando me abraças. Fazes-me sentir que sou capaz de conquistar o mundo.

- Meu amor, nunca ninguém me tinha dito uma coisa tão bonita. Se aquilo de que precisas é da minha força, dou-a toda.

O riso de Matilde, um pouco estrangulado pela emoção, alojou-se nos ouvidos de Al Saud que o evocaram da tarde. De vez em quando, os seus sócios viam-no deitar-se na poltrona, pôr as mãos na nuca e sorrir para o vazio.

Antes de ir buscar Matilde na escola língua. Al Saud visitou uma das colaboradoras mais valiosas da Mercure, prostituta Zoya Pavlenko.

Ligou-lhe antes de se dirigir ao seu apartamento número 190 da *rue duFaubourg Saint-Honoré*.

- Estás com um cliente?

- Estou sozinha garantiu-lhe a mulher,- Podes vir.

Abraçaram-se no hall de entrada do luxuoso apartamento. Zoya afastou-se e desviou-lhe a madeixa que lhe ocultava os olhos. Contemplou-o com seriedade.

- O que é que se passa, Cavalo de Fogo? Parece que há um brilho no teu olhar que nunca tinha visto. Farejo uma energia intensa, poderosa. Estás contente. Feliz, atrever-me-ia a dizer. É tão inédito que estou atônita.

Al Saud abanou a cabeça e sorriu com uma expressão de aprovação. Takumi sensei garantia que a sabedoria de Zoya fazia parte da sua essência de Serpente de Madeira, tal como a sua beleza e a sua qualidade de pitonisa*, que ela utilizava com um erotismo que a tornava irresistível para a maioria dos homens.

Era ironico que tivesse sido Samara a trazer Zoya para a sua vida. Tinha a visto numa ruela, à saída de um restaurante em Rouen. Um homem dava-lhe uma sova, e a mulher suportava-a num silêncio arrepiante. «Ajuda-a, Eliah, por favor!» O homem acabou inconsciente em cima de um monte de lixo. Num francês bem falado mas mal pronunciado, Zoya suplicou-lhes que não a levassem para o hospital porque a deportariam para a Ucrânia. Não tinha documentos. Levaram-na para o sítio, onde Takumi sensei cuidou dela. Envolveu-lhe o tronco com ataduras porque tinha algumas costelas partidas.

Dada a sua posição em L' Agence, Al-Saud conseguiu que deportassem o agressor de Zoya - o seu cafetão - e que a bela prostituta prestasse serviços como espiã. Mudaram-lhe a imagem e deram-lhe aulas de todo o tipo, desde como falar apropriadamente francês até que talher usar, para a converter numa acompanhante de vinte e quatro mil francos por noite. Os homens soltavam sempre a língua com uns copos a mais e nos braços de uma mulher hábil. Algum tempo depois, nasceu a Mercure, e Zoya juntou-se à equipa de Al-Saud, embora tenha continuado a prestar serviços para L' Agence. O seu primeiro trabalho consistiu em seduzir o hacker Claude Masséna, fazê-lo apaixonar-se por ela e extorquir-lhe informação que depois Al-Saud e os seus sócios utilizaram para o chantagear.

- E então - insistiu Zoya não me vais dizer a que se deve esse brilho nos teus olhos?

- A que é que se podia dever? - fingiu estranhar.

- Não me atrevo a dizê-lo. Parece impossível. - Al-Saud levantou uma sobrancelha, simulando desconcerto. - Por acaso o meu Cavalo de Fogo está apaixonado? - Al-Saud voltou a abanar a cabeça e a sorrir. - *Mon Dieu*, é verdade. Não me vais falar dela?

- Ainda não. - Olhou para o relógio. Tinha de se despachar, Matilde saía às seis e meia.

**adivinha*

- Imagino que deva ser muito especial.

- É - assegurou. - Zoya, esta noite vais ao George V. No quarto 706 estará à tua espera o senhor Shaul Zeevi. Ele é israelita, mas os pais eram ucranianos. Fala-lhe na tua língua. Ele vai gostar.

- Interessa-te que lhe saque alguma coisa em especial?

- Não. Só quero um vídeo comprometedor, caso no futuro as relações não corram tão bem como agora. - Zoya assentiu. - O que é que me podes dizer sobre o Masséna?

- Um doce. Mais apaixonado do que nunca. Mas há alguns dias que o acho um pouco inquieto. Fala em deixar a Mercure, em tornar-se rico para me proporcionar do bom e do melhor. Tem cuidado, Eliah.

- Vou ter. Soubeste algo da Natasha?

Al-Saud e Natasha Azarov tinham mantido um romance no ano anterior. Natasha, também ucraniana, tinha entrado no mundo dos modelos publicitários graças às relações de Zoya, sua amiga de infância, e estava a tornar-se conhecida. Uma noite, com a voz chorosa, ligou-lhe para lhe dizer que tinha de se ir embora e desapareceu. Há quatro meses que não sabiam nada dela.

- Não percebo, Eliah - disse Zoya. - Estava tão apaixonada por ti. E o trabalho começava a correr-lhe? bem. Não percebo - insistiu.

- Ligaste para a família na Ucrânia?

Não sabem nada dela. Não regressou a Ialta - Zoya referia-se à sua terra natal, a mesma de Natasha - nem a Sebastopol, onde trabalhava antes de vir para Paris. Achas que essa filha da mãe da Céline soube do vosso affaire e a ameaçou de alguma forma?

- Julgo que não. Fomos discretos, tal como eu era discreto com a Céline.

- Mmmm... Era discreto, disseste. Vejo que essa dama misteriosa apagará de uma vez por todas a tua obsessão por essa bruxa.

- És fantástica. Não se te escapa nada.

- É por isso que me queres na Mercure e me pagas tão bem.

- Por falar nisso, aqui tens o teu pagamento. - Tirou um envelope do bolso interior do casaco e colocou-o no *dressoir* do hall de entrada. - *Au revoir*, Zoya.

Ao abandonar o prédio na *rue Faubourg Saint Honoré*, Al Saud não reparou que Claude Masséna dobrava a esquina da *rue de Monceau*.

Na casa de Jean-Paul Trégart, o companheiro do seu irmão Ezequiel, Roy Blahetter evocava a boa vida que desfrutara até se casar com Matilde, quando o seu avô lhe tirou o seu apoio económico e o despediu da metalúrgica. Naquele suntuoso apartamento da *avenue Charles Floquet* no sétimo *arrondissement* de Paris, tratavam-no como um rei: traziam-lhe o café da manhã na cama, estendiam-lhe o roupão e calçavam-lhe as pantufas, preparavam-lhe o banho com sais, aqueciam-lhe as toalhas, trocavam-lhe os lençóis de dois em dois dias, lavavam-lhe e passavam-lhe a roupa a ferro, que ficava fragrante, e ofereciam-lhe almoços e jantares dignos de alguém saído do *Le Cordon Bleu* - de fato, Ezequiel comentara que a cozinheira «dava aulas nessa escola. O serviço doméstico estava à sua disposição - Ezequiel e Jean-Paul passavam muito tempo em viagem - e esmeravam-se para o impressionar e atender.

Roy convenceu-se de que tinha nascido para essa vida de magnata e de que não experimentaria novamente o ferrão da pobreza. Converter-se ia num cientista rico e poderoso, disputado pelas melhores universidades, admirado, premiado. E Matilde seria a sua rainha e brilharia com ele. Comprar-lhe-ia uma clínica para que se dedicasse as obras de caridade com as quais tanto sonhava, sem necessidade de ir para lugares tão Inóspitos como África.

Afastou-se do janelão que dava para a *avenue Charles Floquet* e regressou a secretária que um amigo de Ezequiel, designer de moda, pusera a sua disposição para trabalhar. Fazia-o à moda antiga, sem usar computadores nem outra tecnologia com exceção da sua calculadora Hewlett Packard HP 12C e o seu cérebro. Com o dinheiro que Aldo Martinez, o seu sogro, lhe emprestara, não só tinha pago o bilhete para Paris, como comprara o material para desenhar os planos e realizar os cálculos - fita-cola removível, papel vegetal, uma caixa com lapiseiras e marcadores Rotring, borrachas, lápis, réguas, esquadros, compassos, transferidores - e tudo quanto necessitava para finalizar o projeto. Era urgente terminá-lo. O homem com quem contactava por e-mail há várias semanas e que viria a Paris para avaliar o seu trabalho, parecia muitíssimo interessado em financiar a construção do protótipo.

Ouviu o som do telefone ecoar na solidão do apartamento. Segundos depois, Suzanne, uma das empregadas, bateu à porta e entregou-lhe o telefone sem fios.

-Sim?

- Roy? Sou eu, meu filho, o Aldo.

- Aldo! Há dias que tento falar contigo. Onde estás?

- Em Joanesburgo, a fechar um negócio. Como estás?

- Bem, a trabalhar. O senhor Jürkens escreveu-me esta manhã. Planeja visitar Paris dentro de algumas semanas e espera ver um esboço da centrífugadora.

- Tem cuidado, Roy.

- Não te preocupes, Aldo. Já me lixaram uma vez. Duas, não.

- Quem é esse Jürkens? De onde saiu?

- Leu um dos meus artigos na revista do MIT e contactou-me através do e-mail que havia junto ao meu nome. É um físico nuclear alemão. Está muito bem informado. Sei isto pelas perguntas que me faz. Inclusive por termos falado ao telefone.

Não lhe mencionou a peculiaridade de Jürkens, o som metálico da sua voz, que lhe tinha provocado um sobressalto da primeira vez. Naquela ocasião, o homem justificou-se explicando que um cancêr nas cordas vocais o tinha deixado sem voz. Graças a um engenho da ciência alemã, implantado na sua garganta, ele continuava a comunicar com os seus semelhantes, apesar de o som não parecer humano.

Não terei oportunidade de estar em Paris antes de algumas semanas - disse Aldo- Gostaria que esperasses por mim para o encontro com o tal Jürkens. Seria bom que eu discutisse com ele os termos do contrato.

- Não há problema que discutas os termos do contrato, mas se o Jürkens se quer reunir para ver parte do meu trabalho, não é preciso que estejas presente.

- Insisto, Roy, tem cuidado. Averiguaste alguma coisa sobre esse homem?

- Na Internet dizem que é um cientista e professor de uma universidade de Hamburgo. Nesse assunto da centrífugadora, o Jürkens atua como representante de uma empresa alemã que fabrica reatores nucleares. - Aldo ficou em silêncio. Era evidente que o assunto não lhe agradava. - Aldo, por favor - impacientou-se Blahetter já te disse que não me vão lixar duas vezes. Tomarei precauções. Achas que lhe vou mostrar todo o meu trabalho? Nem por sombras! Para o ver completamente, primeiro terá de me pagar e assinar o contrato onde se comprometam a financiar a construção do protótipo.

- Está bem, confio na tua opinião. Mudando de assunto, viste a minha boneca?

- Ainda não. Estou a morrer de vontade de a ver mas ainda não é o momento. Quero voltar para ela triunfante, não como agora, um pobre miserável. Primeiro quero acabar de conceber a centrífugadora. O que é que sabes sobre o quadro? Falaste com a Enriqueta?

- O marchand da minha irmã conseguiu localizá-lo.

- Que bom!

- E agora chega a boa notícia: está numa galeria de arte de Paris.

- Perfeito! A minha sorte começa a mudar.

- Toma nota. A galeria chama-se *Chez Valentin* e está na *rue Saint-Gilles*, 9. O marchand da Enriqueta já pagou um sinal para o reservar.

O preço do quadro é de sessenta mil dólares. - Aldo ouviu o assobio de Blahetter. - Não fiques tão espantado. Segundo o marchand da Enriqueta, conseguiu-o a um excelente preço. Acabo de te enviar o dinheiro para a conta do Ezequiel. Suponho que dentro de dois dias poderás dispor dele.

- Obrigado, Aldo. Agradeço-te do fundo do coração. - A voz de Blahetter soava fanhosa. - Ninguém fez por mim o que tu fizeste nestes últimos tempos. Pagaste-me o bilhete para Paris para recuperar a Matilde, deste-me um dinheirão para terminar o meu projeto e agora devolves-me o quadro que ela tanto quer. Obrigado. Não tenho palavras.

- Só quero que faças a minha filha feliz.

- É a única coisa que desejo.

Nessa semana, uma rotina apoderou-se do seu tempo de um modo natural, silencioso e delicado, tal como Matilde se apoderava dele. Apesar de detestar a repetição, os hábitos e as regras, e embora na sua vida um dia não fosse igual ao anterior, Al-Saud nunca se sentira tão feliz. Acordava de manhã e pensava nela. Sabia que Matilde gostava de se levantar cedo, por volta das sete, e imaginava-a em roupão, a preparar o pequeno-almoço enquanto olhava para as pessoas que passavam pela rue Toullier e pensava em como fazer do mundo um lugar melhor. «Matilde, o fato de tu estares neste mundo já o converte num lugar melhor.»

Tomava o café da manhã com Leila - às vezes na companhia dos irmãos, de Diana e de Sándor - e folheava os jornais, mas passado algum tempo dava-se conta de que, depois de ter lido meio artigo, não teria conseguido dizer de que se tratava. «Matilde. Matilde.» Cerca das oito, enquanto fazia os seus exercícios no ginásio ou nadava na piscina, planeava a sua jornada com ela. Só quando praticava técnicas de luta corpo a corpo com Dana ou com Sándor conseguia esquecê-la, e concentrava-se para não acabar humilhado no tatâmi com um joelho no peito ou para não receber um golpe de bastão nas costelas.

O meio dia aproximava-se, e ele consultava as horas de cinco em cinco minutos. Essa inquietação, tão infrequente quanto o seu apego à rotina, deixava-o de mal humor, porque a sua essência fria e rigorosa se rebelava contra o fogo que o consumia por Matilde. O seu espírito sublevava-se perante a rede que se ia tecendo à sua volta. Tratava-se de um paradoxo porque, embora o seu impulso o levasse a apropriar-se dela, Matilde, em determinadas ocasiões, parecia inalcançável, indiferente, longínqua, etérea, enquanto que ele se ia enredando numa confusão de sentimentos e de frustrações. Às vezes tinha a impressão de que a quebraria com o seu ímpeto. Por acaso Juana não o avisara de que Matilde era de vidro? E a sua Matilde, essa criatura frágil, magra, pequena e suave, planejava meter-se nesse inferno chamado Congo? Mordia a língua para não gritar: «Não irás, Matilde! Não vou permitir que te arrisques!» Calava-se porque vislumbrava um laivo de aço sob aquele aspecto angelical.

Os seus medos e receios esfumavam-se quando a ouvia chegar ao meio-dia.

- *Bonjour, Thérèse! Bonjour, Victoire! Ça va?*

- *Ça va bien, Matilde.*

Conquistara a simpatia das suas secretárias e dos seus sócios, que saíam para a receber quando mal a ouviam na recepção. Quem não a amaria, quem não cairia sob o seu feitiço mal a visse? Não lhe tinha acontecido o mesmo a ele, naquele dia no aeroporto de Buenos Aires, quando o cabelo de Matilde, que quase varria o chão, lhe chamou a atenção? Parecia um dia tão longínquo e, no entanto, só tinham passado umas semanas.

Ele surgia no seu escritório e, ao vê-la com o blusão de cor marfim e a bolsa rústica a tiracolo, às vezes com tranças, tudo voltava a estar em ordem. Abraçava-a e beijava-a, consciente de que era guiado por um impulso primitivo, o do macho que marca o território e assinala a sua fêmea, e arranjava sempre desculpas para não almoçar no George V; queria-a só para ele. Por volta das duas, levava-a à escola de línguas - exceto na quinta-feira, em que a levou Medes porque ele tinha um compromisso - e ia buscá-la às seis e meia. Juana voltava sempre com eles e alegrava o ambiente com as suas anedotas e tiradas. Faziam compras, que Al-Saud nunca lhes permitia pagar, antes de irem para o apartamento da rue Toullier, onde Matilde preparava o jantar enquanto os três conversavam.

Na tarde de sexta-feira, Al-Saud pediu à secretária para reservar uma mesa na Maison Berthillon, a gelataria e casa de chá da *île Saint-Louis* onde, na opinião dos parisienses, se faziam os melhores *glaces et sorbets*. Levou as a lanchar depois de saírem da escola de línguas. Estavam a adorar, saboreando os manjares que Al Saud não se cansava de pedir. Matilde ria-se com um episódio da infância de Eliah quando se lembrou que tinha de tomar a medicação. Desculpou-se e foi ao banheiro. Juana reparou que os olhos de Al-Saud seguiam Matilde e fulminavam os que a admiravam. Recostou-se na cadeira e observou-o, como se o avaliasse.

- A Mat nunca foi tão feliz como agora. E é por tua causa, bonitão, por isso obrigada, do fundo do coração. - Ele permaneceu sério e calado.

- A vida da Mat não foi fácil e, em vinte e dois anos, é a primeira vez que a vejo descontraindo, sorridente, mais aberta.

- És a segunda pessoa que me diz que a vida da Matilde foi difícil.

- O que é que lhe aconteceu?

- Aconteceram-lhe todo o tipo de coisas, e tal como a vês, tão pequena e afável, a nossa Mat enfrentou-as sozinha, porque teve azar com a família e não podia contar com a ajuda de ninguém. Suponho que se ganhares a confiança dela, o que não é fácil, ela te vai contar tudo. Por agora, devias estar contente por ela te ligar. Eu própria estou muito espantada. É verdade que és melhor do que o doce de leite, mas a Mat não se importa com essas coisas, como também não a impressionam o teu Rolex nem o teu Aston Martin nem a roupa de marca. Devias ter visto quantos médicos do Garrahan, o hospital onde trabalhávamos, a seguiam com a língua de fora. E ela não ligava a nenhum. Havia um... - Riu-se, com ar melancólico. - Pobre Osvaldo... É muito bom rapaz e as enfermeiras estão loucas por ele. Mas ele só tinha olhos para a Mat. Se tivesse podido servir-lhe de tapete para que ela caminhasse por cima dele, tê-lo-ia feito.

- Juana semicerrou os olhos, examinando-o mais uma vez. - És ciumento, não és? Muito ciumento.

- Não sabia que o era até agora - admitiu Al-Saud. - A verdade é que estava mais acostumado a que tivessem ciúmes de mim e a que andassem atrás de mim do que o contrário. Era sempre eu o objeto de desconfiança, e não o inverso.

- Pois podes confiar na Mat como em Cristo. Não existe ninguém mais nobre e fiel do que ela, digo-te eu que a conheço desde os cinco anos. - Juana apoiou os cotovelos na mesa e o queixo entre as mãos. - Diz-me uma coisa, bonitão. As mulheres que tinham ciúmes de ti tinham razões para desconfiar?

Matilde regressou à mesa e salvou Eliah de apuros. Ele reparou que usava uma joia presa na camisola de lã preta que nunca vira antes. Pegou nela entre os dedos.

- C' est la Médaille Miraculeuse - disse, sem pensar. - A Medalha Milagrosa - traduziu.

Matilde sorria porque a fascinava ouvi-lo falar francês. Nessa tarde achava-o especialmente atraente. Deduziu que Al-Saud fora a casa trocar de roupa, porque não usava o fato da hora de almoço, mas uma camisa azul-clara que dizia Roberto Cavalli e uns jeans azul-escuros, um pouco justos, que lhe cingiam as pernas de cavaleiro, compridas e magras. Calçava ténis verde-seco e agasalhava-se com um blusão curto de couro castanho.

A barba escurecia-lhe parte do rosto, e o cabelo penteado com gel e para trás clareava-lhe a testa e conferia um aspeto diferente às suas feições. A beleza dele afetava-a e não se dava conta de que, absorta na contemplação, sustinha a respiração. Desde o regresso de Eliah, não se arrependia de ter aceitado a roupa que Ezequiel lhe comprara nas Galerias Lafayette. Eliah Al-Saud tinha transtornado o seu mundo de uma maneira tão radical que coisas às quais antes não dava importância começavam a adquirir preponderância. Queria estar bonita para ele.

- Conheces a Medalha Milagrosa? Foi a mulher do meu avô que me ofereceu.

- Conheço - disse Eliah. - A minha mãe e a minha avó Antonina usam-na. - Não referiu que as da mãe e da avó eram de ouro. A de Matilde nem sequer era de prata, mas uma imitação que perdera o brilho e começava a descascar nos extremos do contorno oval. Soltou-a e pegou-lhe na mão.

- Eu adoro a minha Medalha Milagrosa. Nunca saio sem ela. Faz-me sentir protegida.

- És muito católica?

- Não, de modo nenhum. A minha Medalha Milagrosa não tem a ver com a religião, mas com o meu carinho por Maria, a mãe de Jesus.

- A nossa relação com a Igreja Católica - interveio Juana - terminou numa quarta-feira à noite no ano de 1988. Lembras-te, querida Mat? - Matilde sorriu e assentiu. - Fica a saber, bonitão, que a tua Mat e eu frequentávamos um grupo paroquial quando éramos adolescentes. O grupinho - disse, com tom depreciativo - pertencia a uma paróquia onde ia a *high society* de Córdoba. A Mat pertencia a essa *high society*, eu não.

- A minha avó Celia obrigava-me a ir. Caso contrário, não o teria frequentado.

- A questão é que nas férias de inverno o grupo organizava um acampamento em Catamarca, uma província da Argentina. Eu e a Mat fomos. Morremos de fome, de frio e de aborrecimento. A única coisa boa foi que conheci o Mateo, um rapaz fantástico, tão desenquadrado como nós nesse acampamento idiota. Apaixonámo-nos. Mas acontece que era proibido regressar a Córdoba e namorar com alguém que tivesse estado nesses dias em Catamarca.

- Proibido como?

- Sim, bonitão, proibido. Não se desse o caso de pensarem que nos acampamentos religiosos dos Capuchinhos fazíamos, na verdade, orgias. Tinhas de deixar passar uns meses para anunciar que namoravas com alguém que tivesse ido contigo ao acampamento. Eu e o Mateo não ligámos nenhuma à proibição e começámos a namorar mal regressámos a Córdoba. Na primeira reunião do grupo depois do acampamento, numa quarta-feira à noite, antes que o padre lesse a liturgia e fizesse o sermão, o presidente anunciou, perante quatrocentas pessoas e com o microfone, que eu e o Mateo seríamos expulsos por termos violado essa regra. Pediu-nos que nos retirássemos do salão e que nunca mais regressássemos. Levantámo-nos e saímos de mão dada. A tua querida Mat, no meio de um silêncio sepulcral e com todos os olhares sobre ela, levantou-se e seguiu-nos.

- Juana pegou-lhe na face. - Que tomates, amiga!

Al-Saud tomou a mão de Matilde e beijou-a. Sem dúvida, esse laivo de dureza do qual ele suspeitava existia mesmo. Intuiu que, tal como se mostrava afável, também possuía um espírito feroz para defender o que amava e aquilo em que acreditava.

- A avó da Mat ficou louca quando uma amiga lhe foi contar o mexerico. Ficou meses de castigo. Tentou obrigá-la a regressar ao grupo paroquial, mas a Mat, quando quer, é bem teimosa. E não regressou.

- Tu praticas alguma religião, Eliah?

- Não, nenhuma, embora me tenham educado de acordo com o Islã. O meu pai é saudita e quis que aprendêssemos tudo sobre a sua religião. Vinha um imã à nossa casa duas vezes por semana e ensinava-nos as suras do Corão e os preceitos da religião. - Absteve-se de lhes contar que, ao contrário de outros meninos muçulmanos, ele os irmãos não foram circuncidados devido à oposição de Francesca. - A única coisa boa dessas aulas com o imã foi que eu e os meus irmãos aprendemos a escrever em árabe.

- Falas árabe, bonito?

- É a minha língua materna, juntamente com o espanhol.

- Não sei nada sobre o Islã - disse Matilde. Gostaria de saber mais.

Al-Saud não conseguia afastar os olhos dos de Matilde que, à luz ténue do *Berthillon*, tinham adquirido uma tonalidade opaca, como a do mercúrio. Um movimento da pessoa localizada várias mesas ao lado, perto da porta principal, deixou-o alerta. Ali estava o jornalista holandês, Ruud Kok, que o seguira de táxi desde o George V e que, nesse momento, fingia ler o *Le Figaro*. O rapaz era, sem dúvida, perseverante.

Um pouco mais tarde, levantaram-se para se irem embora. Al-Saud conduzia Matilde por entre as mesas com a mão apoiada na parte de baixo da sua cintura. Antes de chegarem à saída, parou ao pé da mesa do jornalista holandês. Juana e Matilde imitaram-no.

- Ruud Kok, não é verdade? - disse Al-Saud.

- Sim, Ruud Kok. - O jornalista levantou-se, espantado. - Boa-noite, senhor Al-Saud. Que coinci...!

- Na segunda-feira ligue para o meu escritório e marque uma reunião com a minha secretária. Não aqui, mas na sua cidade.

- Sim, sim, claro. Segunda-feira...

- Boa-noite.

Saíram para a rua escura. Al-Saud pegou na mão de Matilde. Caminharam em silêncio. No início da *pont de la Tournelle*, onde o frio aumentou, passou-lhe o braço pelo ombro e puxou-a para lhe dar calor. Juana apontou para os *bateaux mouches*, as embarcações achatadas que percorrem o Sena com turistas e, apoiados no parapeito, admiraram a abóbada da Catedral de Notre Dame, cujas luzes a recortavam contra o céu negro.

- Que bela é a tua cidade, Eliah! - disse Matilde. - Estou apaixonada por Paris - acrescentou, e Al-Saud voltou-se para ela, e a intensidade do seu olhar perfurou a escuridão. A pergunta dele ficou a pairar entre ambos.

No fim da ponte, Juana deu-se conta de que se encontravam em frente ao *La Tour d'Argent*, o famoso restaurante parisiense.

- Bonitão, alguma vez comeste no *La Tour d'Argent*?

- Sim disse, e não referiu que a sua família era *habituée* da casa.

- O meu avô Esteban contou-me que jantou uma vez neste restaurante e que comeu um pato fantástico.

- O pato é a especialidade do *La Tour d'Argent*, mas eu prefiro a lagosta.

- Ah, sim, lagosta! - Juana ergueu os olhos ao céu e passou a língua pelos lábios.

Chegaram ao estacionamento do *boulevard Saint-Germain*, onde tinham deixado o Aston Martin. As moças não perceberam, mas Al-Saud acionou um pequeno dispositivo que ocultava no bolso do blusão e que funcionava como detonador, para se certificar de que ninguém colocara uma bomba que explodisse ao ligar o motor. Todos os seus veículos tinham vidros à prova de bala, carroçaria blindada e a parte de baixo anti-minas, tal como contramedidas eletrônicas, em especial, um inibidor de GPS, um aparelho para evitar serem rastreados através de dispositivos colocados de forma encoberta - na opinião de Alaman, um exagero fruto do trauma sofrido com a morte da sua esposa Samara, ou talvez por ter sofrido o ataque de quatro terroristas de extrema-esquerda que, na década de 70, viam nos magnatas árabe um alvo cobiçado. Al-Saud não o julgava consequência de um trauma nem de um exagero, mas sim a consequência lógica depois de ter servido como membro de L' Agence e de ter perdido a capacidade de se surpreender com a perversão da natureza humana. Uma pessoa como ele não podia dar-se ao luxo de se tornar descuidado ou demasiado seguro de si.

- Põe música, por favor.

Al-Saud olhou para Matilde com um sorriso. Era pouco comum que pedisse algo.

- O que é que gostavas de ouvir?

- Gostei muito do que ouvimos à vinda.

- A sério? É o meu compositor preferido. Chama-se Jean-Michel Jarre. E o que estavas a ouvir é o seu disco *Revolutions*. Para mim, é um dos seus melhores trabalhos.

- Comove-me.

Fizeram o curto trajeto até à *rue Toullier* em silêncio, com a abertura di' *Revolutions* a pulsar dentro do Aston Martin, a bater no peito de Matilde, enchendo-a de vida e de energia. Odiava sentir-se tão viva quando estava com ele, porque o que seria dela quando tudo acabasse? Olhou pela janela para que Eliah não descobrisse a sua inquietação. Por um momento, teve a mão dele sobre o joelho esquerdo, até que a tirou para engatar uma mudança, e depois sentiu-a no seu pescoço, e virou o rosto e sorriu-lhe para que soubesse que estava feliz, que ele a fazia feliz. A música, com as suas explosões de agudos e os seus graves portentosos, alterava-a, mudava a, tornava a ousada. Num semáforo, passou-lhe a mão pela nuca, atraiu-o para os seus lábios e beijou-o como ele lhe

tinha ensinado, com paixão, sem se esconder nem temer. Nada importava, nem a presença de Juana, nem a surpresa dele, que, de repente, se revestiu de um aspeto atrevido quando abriu a boca e lhe devorou os lábios, e Matilde interpretou na sofreguidão da sua língua o quanto desejava o que ela não se atrevia a conceder-lhe. Retraiu-se ao ouvir uma buzina que os obrigava a arrancar.

Ao entrar no apartamento da *rue Toullier*, Al-Saud utilizou o pequeno interceptor que Alaman lhe tinha dado para obstruir as frequências de modo que as câmaras e os microfones ocultos parassem de transmitir enquanto durasse a sua visita.

Juana, alegando cansaço, foi para a cama, e Al-Saud notou imediatamente a mesma tensão que se apoderava de Matilde todas as noites, quando ficavam sozinhos, e que o tinha mantido afastado. Nesse momento, a sua determinação fraquejava, especialmente com a lembrança do beijo que ela lhe tinha oferecido no Aston Martin. Ao sair da banheiro, viu-a na cozinha, de costas, a preparar café, e caminhou cego até ela, pôs-lhe as mãos na cintura e deixou o seu pescoço à mostra para o cheirar e morder, beijar e lamber. Ouviu-a gemer quando a apertou contra a bancada. Matilde levantou os braços e agarrou-se à nuca de Al-Saud, procurando sustentar-se, e essa ação destacou-lhe os seios sob a camisola preta e justa. Al-Saud não conseguiu controlar-se e cobriu-os com as mãos pela primeira vez.

O contato abalou-os aos dois. Matilde sentiu-se desfalecer, e Al-Saud ficou paralisado, com um pulsar furioso na virilha; uma fricção no traseiro de Matilde bastaria para derrotá-lo como um adolescente.

- Meu amor - sussurrou-lhe ofegando pesadamente -, não aguento mais. Por favor, vamos para a minha casa.

Matilde imaginou-se a esticar a mão para trás e a acariciar-lhe a pro-tuberância que se cravava nas suas costas. «Oxalá pudesse fazê-lo!», soluçou. Entrar por esse caminho aterrava-a porque acabaria por conduzi-la a um lugar para o qual não estava preparada. No entanto, julgou que era um milagre o fato de desejar tocar-lhe. Era um bom sintoma. Também o eram a pulsação úmida entre as pernas. Exultante, virou-se e abraçou-o, abriu-lhe a camisa e cheirou-lhe o peito, negro de penugem, e beijou-o onde lhe palpitava o coração. Ouviu o suspirar com violência, e levantou o olhar. Os olhos tinham perdido verde natural, e o conjunto das sobrancelhas, das pálpebras, das pestanas e da íris tinham-se transformado numa máscara escura que o tornava misterioso, belo, sinistro, atemorizador.

Matilde nunca o tinha visto assim, tão exposto no seu desejo por ela. Rodeou-lhe a cara com as mãos.

- Desejo-te tanto, Eliah. Tanto. Tu não podes entender o que isto significa para mim, só tu foste capaz de o conseguir. Mas preciso de tempo. Tempo para mim e tempo para partilhar contigo algo importante. Não penses por um minuto que estou a brincar contigo. Juro-te pela minha vida que jamais o faria.

Esgotado, Al-Saud apoiou a testa na cabeça de Matilde com a respiração alterada.

- Eliah, entenderia se esta noite ficasses zangado e não quisesses voltar a ver-me. Eu...

Al-Saud tapou-lhe a boca com uma mão.

- Quero voltar a ver-te, Matilde. - Segurou-lhe no queixo e obrigou-a a enfrentá-lo.
- Como te desejo! - Ficou a observá-la, tenso, emocionado, quase a perder o controle. - O que é que nos está a acontecer, Matilde?

- O que é isto? Por Deus, o que é isto?

- Algo tão forte - murmurou ela tão forte que pôs a minha vida de pernas para o ar. E o mais irónico é que não me importo nada. Nada, Eliah. Desde que te conheci que a única coisa que faço é pensar em ti. Todos os meus pensamentos são para ti.

- Meu amor! - exclamou ele, e apertou-a contra o peito.

Permaneceram abraçados na cozinha até que as suas pulsações serenaram, tal como as suas almas atormentadas pelo desejo. Al-Saud falou primeiro.

Matilde, não sei se te poderei ver este fim de semana. Na segunda- feira começa a convenção do Shiloah no George V e preciso de tratar de alguns detalhes de última hora.

- Eu percebo. Não há problema. Vemo-nos quando puderes.

- O que vais fazer este fim de semana?

Estudar para o teste de segunda-feira, limpar a casa, lavar roupa, passar a ferro. Não nos vamos aborrecer. Por favor, não te preocupes comigo. Se o Ezequiel estiver em Paris, de certeza que nos leva a passear.

- Não quero que saias com ele. Não quero que saias com ninguém, Quero-te só para mim.

- Não me imagino de mais ninguém. Só do meu Eliah.

- Diz outra vez - pediu-lhe ele, enquanto a obrigava a expor o pescoço para o acariciar com os lábios. Diz outra vez «meu Eliah».

- Meu Eliah. Meu amor.

- Matilde!

O beijo que se seguiu deixou-os extenuados e calmos. Ele levantou a cabeça e desfrutou da visão que compunham os lábios dela, úmidos e inchados.

- É melhor ir - disse, e Matilde abriu languidamente os olhos. - Amanhã tenho de me levantar cedo.

Caminharam abraçados até à porta. Separar-se era mais duro do que tinham imaginado. Custava-lhes deixarem de se tocar.

- E pensar que uma vez me disseste que eras fria.

- Era, Eliah. Só sou esta Matilde contigo. É a primeira vez na minha vida que sou assim.

- Na segunda-feira às nove da manhã, o Medes virá buscar-te para te levar ao George V. Tenho uma surpresa para ti. Vens? Matilde assentiu.

- Vou ligar-te para o telefone ou para o celular da Juana de hora a hora.

-Matilde riu-se, surpreendida pelo fato de a perseguição dele não a incomodar. - Matilde, se precisares de alguma coisa, promete que me ligarás. Promete, Matilde.

- Prometo.

Na segunda-feira de manhã, Matilde acordou às sete, ansiosa por voltar a ver Eliah. Ele tinha-as visitado fugazmente no sábado à noite, a caminho de um jantar com os membros da Fatah, o partido político de Yasser Arafat, que, finalmente, se decidira a enviar três representantes à convenção pelo Estado binacional.

Na noite de sábado, Matilde achou-o magnífico no seu terno preto de dois botões, e ficou a olhar para ele com a mão na maçaneta da porta. A camisa de seda também era preta, e não usava gravata. Conteve-se para não se lançar nos seus braços com medo de lhe desfazer o visual. Ele não pareceu preocupar-se quando a enlaçou pela cintura, a levantou no ar e pegou nela ao colo, fechando a porta com o pé. Matilde ria-se, enquanto ele lhe procurava o pescoço para o cheirar; a sua colónia de bebé acalmava-o. Senti a tua falta durante todo o dia. Conta me, o que fizeste hoje?

- Ligaste-me de hora a hora. Deves saber melhor do que eu o que fiz durante o dia.

No domingo não se viram, e Al-Saud ligou-lhe à noite. Matilde notou a sua voz cansada, ou bem preocupada, e desejou estar com ele. O tempo tinha adquirido outra dimensão, e um dia sem Eliah convertia-se numa eternidade. «Era isso a que se referia Einstein quando falava da relatividade do tempo?», perguntou-se.

- Juani, quero que me digas o que devo vestir - pediu-lhe na segunda- -feira muito cedo.

- Bom-dia. O meu nome é Juana Folicuré. E o teu?

- Não sejas tonta - queixou-se Matilde e, sem poder evitá-lo, corou.

- Tonta? Já olhaste bem para ti? És outra, Mat. Estou feliz, querida amiga! Este árabe parisiense que arranjaste é a melhor coisa que te podia acontecer. Iupi! - Juana saltou da cama e abraçou Matilde.

- Tenho medo, Juani - confessou-lhe, e apertou-a com força. - Já sabes de quê.

Juana puxou por ela e sentaram-se na beira da cama.

- Mat, na noite antes de casares com o Roy vieste ao meu quarto e disseste-me a mesma coisa, mas suspeito de que, naquela ocasião, as circunstâncias eram muito diferentes. - Matilde assentiu. - Não amavas o Roy, nem sequer te excitava. Pelo contrário, com o Eliah é diferente. Vejo-o e sinto-o. Não julgues que, porque me fazia distraída e olhava pela janela, não me dei conta do chupão que lhe deste na sexta-feira quando nos trazia a casa. - Matilde soltou um riso abafado, meio misturado com o choro.

- Querida amiga, irmã do meu coração, sê feliz. Permite-te ser feliz. - A visão de Matilde toldou-se. - O medo que sentes é natural. Achas que eu fui muito solta na minha primeira vez? O pobre do Mateo não sabia de que se mascarar para que eu o deixasse penetrar-me. Já te contei mil vezes.

Para ti é pior pela educação que recebeste, tão rígida e cheia de mensagens terríveis, e também pelo que te aconteceu. Permite-te sentir medo, entrega-o a ele. Ele

que se ocupe. Matilde, passaste a vida a tratar dos problemas da tua família e não concebes que alguém possa tratar dos teus. Entrega-te, amiga!

- Com ele é diferente, e tu sabes, não é?

- Muito diferente.

- perfeito - exclamou Juana, e levantou se. Vamos ver como faze-mos para te por linda para o bonitão, Felizmente, o Eze comprou te umas coisas muito legais. porque com a tua roupa amish nem à esquina te deixaria ir.

O resultado final agradou-lhe, embora lhe custasse reconhecer-se ao espelho. Como nessa segunda-feira não estava tanto frio, aceitou usar a saia justa de tecido escocês amarelo e preto, cruzada por finas linhas vermelhas, com collants grossos e escuros e as sapatilhas de verniz preto. Uma camisola de angorá, de gola alta e manga curta, também preta, completava o visual.

- A saia não me fica muito justa no bumbum?

- Esse é o objetivo. Que mostres o rabo de tarântula que Deus te deu.

O senhor Al-Saud vai ficar agradecido. Mal entres no hotel tira o blusão para brilhares com o teu conjunto. Não te queres maquiar um pouco? Se pintasses um pouco essas tuas pestanas transparentes, serias outra. São compridíssimas. - Matilde negou com a cabeça. Pelo menos põe um pouco de brilho nos lábios. Toma, usa este que te vai dar uma tonalidade rosada. Assim ficas mais vistosa! És mais branca do que uma mama de freira. Usa a minha carteira preta. Nem penses em ir com a tua shikal - Ao ver o resultado final, com brilho cor-de-rosa e tudo, Juana exclamou: - Estás divina, Mat! O Eliah vai morrer de amor.

Medes foi buscá-la às nove. Trocaram apenas um cumprimento em francês; Medes não falava inglês. Al-Saud explicara-lhe que o homem era curdo e falava árabe por ter vivido a maior parte da sua vida no Iraque.

Ficou surpreendida com as medidas de segurança no George V. Medes conduziu-a pelo meio das grades que mantinham a calçada livre de transeuntes e de curiosos. Viu um carrinho branco, com uma antena parabólica no teto, e supôs que pertencia a um canal de televisão. Havia vários homens corpulentos, de fato, com óculos escuros, de cujos ouvidos saíam cabos em espiral que se metiam nas camisas. Vigiam as entradas, confirmavam uma lista de nomes e mantinham uma atitude alerta. Um deles, com o terno desabotoado, levantou o braço para indicar o caminho a Medes e Matilde conseguiu vislumbrar uma pistola num arnês de peito. Até àquele momento, ela não tivera consciência do dispositivo de segurança necessário a um evento daquela índole.

Medes levou-a até à zona dos elevadores e despediu-se com uma inclinação de cabeça. As portas abriram-se e Matilde entrou. O único ocupante, o mensageiro que cumprimentava sempre Eliah com amabilidade, devia vir das garagens. Em seguida notou -lhe o suor na testa e a tonalidade cinzenta do rosto moreno. Olharam um para o outro. O rapaz cambaleou e apoiou se contra o espelho do elevador. Matilde fez um gesto para o amparar e obrigou-o a sentar-se no chão de mármore. Estava sem relógio, Juana tinha-a proibido de o usar. Medir-lhe-ia as pulsações a olho. Mesmo sem a certeza do relógio, eram baixas. Tirou o frasco de Efortil, o medicamento que a acompanhava sempre, dada a sua predisposição para sofrer de lipotimias.

- *Je suis un médecin* - informou-o com o seu francês rudimentar. - *Ouvrez la bouche, s'il vous plait.*

O rapaz abriu os lábios lentamente, com desconfiança, e Matilde colocou-lhe um comprimido de Efortil debaixo da língua. Abriu-lhe o casaco do uniforme e desapertou-lhe a gravata, dando-se conta de que estava armado; tinha uma pistola no cinto das calças. Simulou não a ter visto e abanou-o com o caderno de francês. O elevador tinha chegado ao oitavo andar e permanecia com as portas abertas. Matilde ajudou o mensageiro a levantar-se e sorriu-lhe. Não sabia perguntar-lhe como se sentia.

- *Ça va?* - pronunciou por fim, e o rapaz assentiu.

- *Merci beaucoup, mademoiselle.*

Matilde saiu e as portas fecharam-se, com o rapaz lá dentro.

Udo Jiirkens atravessou o detetor de metais sem qualquer problema.

Há dois dias que estava alojado no quarto andar do George V, e a recepcionista cumprimentou-o de longe. No seu quarto, vestiu um macacão azul e saiu para o corredor com uma mala de ferramentas. Caminhou até aos elevadores de serviço e, de acordo com as indicações de Rani Dar Salem, encontrou a zona dos vestiários na primeira cave. Apesar do aumento da segurança, ninguém repararia se um homem da manutenção circulasse nessa zona. Localizou o cofre de Rani, calçou umas luvas de látex e abriu-o com uma gazua. Por fim, entre camisas sujas e jornais, encontrou o que procurava, uma pistola semiautomática Beretta 92, que o rapaz introduzira no hotel juntamente com uma Glock 17, antes de as medidas de segurança terem sido postas em prática. Evidentemente, a Glock já não estava ali; o rapaz devia levá-la com ele. Udo abriu o fecho do macacão e meteu a Beretta parte de trás do cóis das calças. Fechou o cofre e regressou ao quarto.

Na suite da Mercure. Theièse informou Matilde de que Al Saud regressaria dentro de momentos. Tirou o blusão e sentou-se se num sofá ,afastado da entrada. Eliah apareceu minutos depois e não a viu, notava-se que estava ansioso e cheio de energia.

- A Matilde ainda não chegou? Já passa das nove e meia.

Thérèse apontou para ela e Matilde levantou-se. Al-Saud virou-se e a sua expressão passou do assombro à apreciação. O seu rosto iluminou-se com um sorriso, e caminhou até ela em passos largos. Abraçou-a e beijou-a nos lábios.

- Olá, meu amor. Estás tão bonita.

Matilde admirava-se com a facilidade com que passava de uma língua para a outra, sem cometer erros gramaticais, sem misturar as palavras nem as expressões. Às vezes ouvia-o falar em alemão ao telefone, ao mesmo tempo que dava ordens em francês às suas secretárias e em árabe a Medes. Em raras ocasiões recorrera a uma palavra em francês por desconhecer o seu significado em espanhol; quase nunca se tinha enganado nas conjugações verbais.

- Olá. Tu também estás bonito. Mais do que bonito, imponente. - Limpou-lhe os vestígios de bâton cor-de-rosa com o polegar. - A tua boca ficou com o meu bâton.

- É melhor assim. Estás muito bonita para que os teus lábios andem por aí a pedir para serem beijados. - De repente, ficou sério. - Não quero que ninguém te deseje, Matilde. Quero-te só para os meus olhos.

- Eu também te quero só para os meus olhos. - Manifestou-o com segurança, com a voz nítida, o rosto sereno e sério. Não estava a brincar e Al Saud regozijou-se. Tratava-se da primeira vez que Matilde o reclamava como propriedade sua, que o prevenia: «Não estou disposta a partilhar-te.»

Um sinal de Thérèse trouxe-os à realidade da convenção.

O senhor Hill e o senhor Ramsay estão à sua espera na sala de conferências. Daqui a quinze minutos o público entrará.

O salão de conferências, uma divisão com cerca de cem metros quadrados, ostentava o estilo clássico e um pouco pesado do George V. Tinham-se colocado as mesas no centro formando um círculo, com um púlpito no extremo mais afastado da porta principal, atrás do qual fora instalado um ecrã de Power Point com um mapa do Médio Oriente, coberto pelo sol que entrava pelas janelas. A luz natural dava à sala uma energia vibrante. Notava-se algo intenso no ambiente. Ela não sabia o que fazia ali. Mal entraram, Al Saud afastou-se para falar com os seus sócios, enquanto Victoire, e sua outra secretária, o ajudava a desembarçar-se do casaco e a colocar o fone no ouvido e o microfone à altura da boca. Victoire era jovem e atraente, e Matilde não gostou que ela lhe tocasse, que o ajudasse com o aparelho e que lhe sacudisse o pó imaginário dos ombros do casaco quando voltou a vesti-lo.

Primeiro deram passagem aos participantes na convenção. Os empregados do hotel indicavam-lhes os respetivos lugares, abriam as garrafas de água Perrier, enchiam os copos, distribuíam os programas, respondiam a perguntas, fechavam as cortinas. No fim entraram os assessores e os jornalistas, que não eram muitos, apesar dos esforços de Shiloah. Esse grupo acomodou-se nos lados, para deixar livre a zona da saída. Um mestre de cerimónias abriu o ato com uma apresentação em inglês, a língua escolhida para a convenção. De seguida apareceu Shiloah Moses, sorridente e cheio de energia, e falou do púlpito. O seu discurso em inglês chamou imediatamente a atenção de Matilde.

Como dizia Jean-Paul Sartre, desconfio da incomunicabilidade; é a fonte de toda a violência. É por isso que estamos hoje reunidos aqui, para dialogar. E quando nos cansarmos de dialogar, voltaremos a fazê-lo, a dialogar. A dialogar, sempre. E fá-lo-emos com humildade, porque como dizia Santo Agostinho, a primeira virtude é a humildade; a segunda, ainda, é a humildade; e a terceira é sempre a humildade. - Fez uma pausa e aproveitou para olhar para os presentes de forma amigável. - Existem dois povos. Um chama a esta terra - e apontou para o ecrã na parede - Israel; o outro, Palestina. Cada um destes dois povos tem a firme convicção de que este país é o seu país. Esta é a situação e nada a pode mudar. Outro fato da realidade é que o poder dominante está nas mãos de Israel e que, para subjugar os desígnios dos palestinos, utilizará a violência. E os palestinos, para recuperarem a terra, vão continuar a usar a violência. Os Acordos de Oslo são um engano que o tempo se encarregará de desmascarar. Quando isso acontecer, o mundo deverá encontrar-nos prontos para enfrentar um novo desafio. Porque as alternativas são duas; a violência perpétua ou a criação de um Estado único.

Matilde não conhecia a realidade israelita nem a palestina, no entanto, conseguia perceber que se tratava de um discurso desafiante, sem rodeios. No círculo que formavam as mesas do centro, havia árabes com o típico keffiyel na cabeça. popularizado por Yasser Arafat, e judeus com o solidéu a que chamavam Kipá e que lhes serve para recordar a existência de alguém superior; havia jovens e velhos; algumas mulheres, embora maioritariamente homens.

A inflexão no discurso de Shiloah Moses serviu para anunciar a presença do escritor Sabir Al-Muzara. A porta dupla abriu-se e deu passagem ao prémio Nobel da Literatura, que entrou com o olhar no chão, vestido com simplicidade - casaco e camisa azuis e calças de fazenda cinzenta. Os flashes dispararam várias vezes, os ruídos das máquinas fotográficas misturaram-se com o murmúrio da assistência. Os que ocupavam a mesa redonda levantaram-se e aplaudiram-no; todo o público os imitou. Embora Sabir Al-Muzara não tivesse influência política, notava-se o respeito e a admiração que suscitava entre os presentes. A emoção de Matilde concentrou-se no peito; o seu coração pulsava, enlouquecido. Não se deu conta de Al-Saud atrás dela até que os seus braços lhe rodearam a cintura. Ele sussurrou:

- Esta era a minha surpresa. Não me esqueço de que no avião me contaste que o Sabir era o teu escritor preferido. - Após um silêncio, acrescentou: - Matilde, não me esqueço de nada do que vivemos nessa viagem.

Matilde virou a cabeça até alcançar os seus lábios e dizer-lhe:

- Eu também não. - Paradoxalmente, teria gostado de lhe confessar que o Encontro em Paris dormia na mesa de cabeceira desde que ocupava as suas noites a ler O Jardim Perfumado e a sonhar com ele e com ela, nus, enredados entre almofadões.

Nesse instante, ao virar o rosto para Sabir e Shiloah, que se abraçavam e suscitavam mais aplausos, Matilde avistou o mensageiro entre a multidão. Ainda parecia pálido.

- Eliah? - Al-Saud inclinou-se para a ouvir. - Porque é que aquele mensageiro está armado?

- Que mensageiro? - perguntou inquieto.

- Aquele. - Matilde apontou para ele.

- De que é que estás a falar? Como é que sabes que está armado?

- Vi-o com os meus próprios olhos. íamos juntos no elevador e aquele rapaz tinha uma pistola debaixo do casaco.

Al-Saud afastou-se dela, e Matilde não percebeu o que sussurrou ao microfone. Com uma rápida olhadela, Eliah avaliou a situação. O mensageiro encontrava-se um pouco afastado da pequena multidão, o seu uniforme diferenciava-o. Avistou a cabeleira escura de Michael Thorton, que ocupava a posição mais vantajosa para neutralizar a suposta ameaça.

- Mike, às tuas nove, alerta vermelho. O mensageiro. Parece que está armado.

Al-Saud viu como o seu sócio localizava o alvo e se movia para a esquerda, abrindo passagem por entre jornalistas e assessores, e viu também o instante em que o rapaz introduzia a mão debaixo do casaco desabotoado e tirava uma pistola.

- Mike! - vociferou e, num ato instintivo, tirou a sua Colt M1911 e atirou Matilde para o chão contra a parede.

O seu grito calou os aplausos e provocou espanto. Consciente de que Michael não cobriria a tempo a distância que o separava do atacante, arriscou-se a disparar no meio das pessoas. Acertou-lhe na mão e viu como caía sobre um tapete. Um novo disparo, que não

tinha saído da pistola de Al-Saud, ecoou na sala. Os gritos tornaram-se ensurdecedores. A multidão debandou e o salão converteu-se num pandemónio.

Al-Saud, com a Colt M1911 em riste, correu até Moses e Al-Muzara, que contemplavam a confusão sem perceberem nada, ao mesmo tempo que repetia ordens aos guardas pelo microfone. Sándor e Dingo chegaram primeiro ao púlpito e protegeram Shiloah e Sabir com os seus corpos enquanto os retiravam da divisão. Diana foi buscar Matilde ao canto para o qual Eliah a tinha atirado e acompanhou-a à suíte da Mercure, cumprindo a ordem transmitida pelo chefe.

Cerca da uma e meia da tarde, Al-Saud encontrou um momento para vollar à suíte da Mercure. Abriu a porta e ali estava a sua Matilde, pálida, pequena, sentada no sofá, a cabeça inclinada sobre um caderno, com as pernas juntas, de lado; os diminutos pés, metidos nas sapatilhas pretas, descansavam de lado sobre o tapete. Agora que o pensava, nunca a tinha visto de pernas cruzadas.

Matilde apercebeu-se da sua presença e virou a cabeça em direção porta. Afastou o caderno e correu para ele, que a recebeu nos seus braços. permaneceram em silêncio. Victoire e Thérèse decidiram ir para a cozinha nesse momento Eliah e Matilde não se viam desde que Al-Saud a tinha atirado para o chão; só tinham trocado umas palavras por telefone. Matilde levantou o rosto e Al Saud descobriu marcas de lágrimas nas suas faces; os rastros também eram perceptíveis nas pestanas

- Como estás? Como estão todos?

- Graças a ti - pronunciou Al-Saud, estão todos bem. O tiro do atacante feriu um membro da Fatah na barriga da perna. Nada de grave. Tiraram-lhe a bala e está a recuperar no hospital.

- O que é que se passou? Porque agiu assim o mensageiro?

Al-Saud levantou os olhos e ensaiou uma expressão de ignorância. Não entraria em detalhes com Matilde, parecia-lhe demasiado perturbada. Não lhe queria revelar que o assunto era um maldito imbróglio. No meio do caos, o mensageiro escapara, manchando de sangue os carpetes; o seu rastro desapareceu poucos metros depois. Embora de seguida o hotel tenha sido fechado - ninguém entraria nem sairia até nova ordem -, os seus homens e a Polícia encontraram-no morto, não com a bala tia Colt M1911 de Eliah, mas com outra que o atingira no olho direito. O projétil tinha-lhe aberto um buraco na cabeça, e os miolos encontravam-se espalhados no compartimento do banheiro masculino dos funcionários. Concluiu-se que, apesar de ter a mão direita destruída, tentara escapar pela janela e tinha subido ao vaso quando dispararam sobre ele. O seu amigo Edmé de Florian, da *Direction de la Surveillance du Territoire*, o Serviço de Inteligência interno francês, concordava com ele em que, pelos danos, dever-se-ia tratar de uma bala expansiva, ou seja, com a ogiva oca. A ponta deforma-se com o disparo e provoca ferimentos muito graves à vítima.

- Uma bala dundum - opinou Al-Saud - ou uma de alta velocidade.

- Só vamos saber quando a balística nos entregar o relatório - disse Edmé de Florian. - Teria perdido a mão - deduziu enquanto estudava o cadáver.

Os especialistas trabalhavam na cena do crime. Um agente aproximou-se dele com a arma do mensageiro dentro de um saco fechado, e entregou-a a Florian.

- É uma Glock 17- declarou Al-Saud.

Por rádio foi pedido a Edmé de Florian que comparecesse no vestiário do pessoal. Al-Saud levou-o através da cozinha do hotel, até à primeira cave. Um polícia com luvas de látex aproximou-se com uma arma.

- Senhor, encontrámos no bolso do mensageiro.

Tratava-se de uma Beretta 92, uma das pistolas preferidas de Al-Saud.

Poderia ser a arma que o matou - manifestou Edmé de Florian se assim for - especulou - , o assassino deve tê-la deixado porque não poderia sair com ela sem que soassem os alarmes dos detectores de metais.

O que me leva a pensar que o assassino entrou no hotel como quis e pela porta principal.

Os especialistas trabalharam durante horas antes de encerrarem o banheiro masculino, tal como o bolso do mensageiro.

- Eliah - disse Edmé de Florian -, tens sorte de terem considerado isto um caso de atentado terrorista. Dessa forma, a *Direction de la Surveillance du Territoire* investigará, e eu poderei facilitar-te as coisas.

- Obrigado, Edmé.

- Diz-me, o que é que te alertou? O que é que te levou a dizer ao Mike que o mensageiro podia estar armado?

Al-Saud não mencionaria Matilde, não a envolveria, muito menos sem saber como conseguira obter uma informação tão relevante.

- O mensadeiro não devia estar ali. Essa foi a primeira coisa que chamou a minha atenção. Depois reparei que tinha o casaco desabotoado. E a atitude dele, Edmé, havia algo no seu olhar que me deixou inquieto. Chama-lhe instinto, não sei.

Quem achas que ele queria assassinar, o israelita ou o palestino?

- O Shiloah e o Sabir estavam juntos no púlpito nesse momento.

É impossível saber. Ambos têm inimigos muito poderosos.

- Porque não os dois? - sugeriu Edmé.

Al Saud negou com a cabeça e esclareceu:

- Os inimigos do Shiloah não são os mesmos do Sabir. Não me parece que a Mossad se tenha posto de acordo com o Hamas para levar a cabo este duplo assassinato.

- E o que me dizes de inimigos pessoais, que nada tenham a ver com a política?

Al Saud pensou em Gérard Moses e na declaração de Shiloah. «Odeia-me. Sabes disso, não sabes? Odeia-me.» No entanto, achava impossível Gérard ultrapassar esse limite. Também pensou em Anuar Al-Muzara.

- Tanto o Shiloah como o Sabir são personalidades públicas nos seus países. amados por alguns, odiados por outros. É difícil saber.

- Vou falar com eles.

- Eu o acompanho. Estão na suíte do Shiloah, protegidos pelos meus homens,

Edmé de Florian ficou a falar com os amigos de Al-Saud. enquanto este aproveitou para correr para os escritórios da Mercure. Ansiava ver Matilde. Ainda não se tinha desembaraçado da sensação de angústia vivida na sala de conferências, quando corria para os seus amigos, e ela ficava sozinha, no chão, exposta a qualquer perigo. Nos seus anos de piloto e de soldado nunca vivenciara essa incerteza nem essa agonia.

Ao encontrá-la no sofá, a ler tranquilamente o seu caderno de francês, naquela posição tão elegante, com a linha da cintura e das pernas marcada pela saia de tecido escocês e os caracóis loiros sobre o encosto, foi invadido por um sentimento de ternura. Ele não olhava com ternura para as mulheres que o excitavam. Samara, Céline, Natasha - nenhuma tinha despertado essa sensação contraditória nele. Matilde, sim. Com Matilde, tudo era diferente.

Sentaram-se para falar.

- Não sabemos porque é que o mensageiro agiu assim admitiu Al-Saud.

- A Polícia está a investigar. - Massageou-lhe os ombros. - Matilde, quero que me contes como soubeste que aquele homem estava armado. - Ela relatou-lhe o sucedido no elevador, e Al-Saud afastou a cara e mordeu o lábio. - Meu Deus, Matilde, podia ter-te matado.

- Por ter visto a pistola pude avisar-te para que impedisses que ele ferisse quem quer que fosse que queria ferir.

- Sim, sim, é verdade, mas não consigo deixar de pensar que estiveste fechada com esse tipo no elevador, que lhe tocaste, que viste a arma. - Notou que tremia e puxou-a para si. - Meu amor, não contes isto a ninguém. Eu declarei à Polícia que o mensageiro levantou as minhas suspeitas e que por isso pedi ao Mike que o interceptasse. Não te quero expor a um interrogatório. Não quero que tenhas problemas longe do teu país. - Matilde assentiu. - Comeste?

- Sim, com a Victoire e a Thérèse. Foram muito amáveis comigo.

- Vou pedir ao Medes que te leva à escola de línguas.

- Não! Não te quero deixar sozinho! Hoje não - acrescentou com menos ímpeto, intimidada pelo gesto dele. - Mas, o que poderia eu fazer, não é? Ser um estorvo, nada mais.

- Jamais! - A emoção levou-o a falar na sua língua. - Jamais, repetiu em espanhol. - Matilde, Matilde - disse, e apertou-a contra o peito, e ele, homem de poucas palavras, sóbrio e desconfiado, não sabia de que forma comunicar-lhe que o emocionava que se preocupasse com o seu bem-estar, que quisesse ficar só por ele. Falou-lhe com um beijo longo, lento, úmido, profundo, e regozijou-se com a entrega dela, que se abriu, para receber as carícias da sua língua. Separaram-se, e ele passou-lhe as mãos escuras pelos braços nus e pálidos. Já tinha notado que não tinha pelos, nem sequer uma penugem loira; nada. Será que depilava os antebraços?

- Prefiro saber que estás na escola de línguas, longe desta confusão.

O Medes vai buscar-te. Julgo que não vou conseguir fazê-lo. - Não lhe confessou que, nos próximos dias, a sua vida se converteria num caos. A falha na segurança era imperdoável, e o erro teria consequências nas contas da Mercure. Na base da avenue Elisée Reclus, os seus empregados seguiam de perto as notícias do mundo; a maioria dos meios de comunicação ocupava-se em cobrir o atentado no George V, sem se esquecer de mencionar que a segurança estava a cargo da Mercure S. A. A avenue George V tinha-se tornado intransitável por causa das carros das rádios e dos canais de televisão que estavam à entrada do hotel. Além de lidar com os seus clientes e sócios, Eliah teria de suportar a ira do irmão mais velho, Shariar.

- Estiveste a chorar - afirmou, e com o indicador seguiu o rasto da lágrima pela face de Matilde.

- De tristeza. Não consigo conceber tanto ódio, Eliah. Parte-me o coração. Não penses que não sei o que é a raiva, a zanga, a impotência que proviu a a injustiça. Eu sei, vivi-o. Mas matar alguém... Fico horrorizada com tanto ódio.

- Choravas e eu não estava aqui para te consolar.

- Estás agora - disse, passando-lhe a mão pela face hirsuta, e afastou- lhe a madeixa da testa. - Olho-te e, ao ver a tua nobreza, sinto-me melhor.

- Eu sou capaz de matar, Matilde. Estas mãos que te desejam e que te tocam mataram muita gente, não só em combate, sem conhecer a cara dos meus adversários, mas também matei em silêncio, a olhar para a minha vítima fixamente.»

Nem sequer durante o seu treino para L' Agence, quando os conduziam para as montanhas de Brecon, no inverno galês, e os obrigavam a carregar as mochilas com pedras e a escalar durante dias num clima gélido e ventoso, Al Saud linha sentido tal esgotamento depois desse primeiro dia de convenção. Naquela ocasião, nas Brecon Beacons, caíra extenuado, com o corpo hirto, com fome e com sede. A sensação nessa segunda-feira, 26 de Janeiro de 1998, era diferente, porque ao cansaço se juntava o desânimo. Nem ele nem os seus sócios se perdoavam por terem permitido que um empregado novo fosse contratado no George V a dias da reunião pelo Estado binacional. Os do Departamento de Recursos Humanos deitavam as culpas uns aos outros e nenhum admitia quem tinha investigado e aprovado os antecedentes de Rani Dar Salem, tal era o suposto nome do mensageiro, de nacionalidade egípcia, com autorização de trabalho em França. A discussão com Shariar adquiriu um matiz desagradável, e Tony e Michael tiveram de intervir para evitar que os irmãos Al Saud perdessem as estribeiras. A conferência de imprensa tinha sido tensa, longa e esgotante. Eliah tinha de admitir que Shiloah demonstrara um grande domínio perante a torrente de perguntas dos jornalistas e, quando se pôs em causa a continuidade da convenção, afirmou:

- A convenção recomeçará na próxima quarta-feira. Não organizámos este evento pela paz no Médio Oriente para sucumbir ao primeiro percalço. Não temos medo. E seguiremos em frente.

Sabir Al-Muzara e Shiloah Moses tinham convencido os participantes a permanecerem em Paris e a continuarem com as discussões pela criação de um único Estado no território do velho Mandato Britânico da Palestina. Antes que os jornalistas dispersassem, Peter Ramsay pegou no microfone e expôs as exigências que deveriam ser cumpridas para participar na convenção. A única consequência positiva do atentado era o interesse da imprensa; esperavam que na quarta-feira o número de presenças triplicasse,

tal como o trabalho da Mercure; acreditar tantas pessoas em tão pouco tempo implicaria um caos no escritório.

Terminada a conferência de imprensa numa das salas do hotel, Al-Saud e os seus sócios fecharam-se nos escritórios do oitavo andar para organizarem e reforçarem as medidas de segurança. Os seus elementos de confiança, entre eles Dingo, Diana, Sándor e Axel Bermher, foram convocados para colaborarem na conceção de novos planos. Por volta das nove da noite decidiram terminar e continuar na manhã seguinte.

Gostava de ficar na suíte do George V quando todos tinham partido. Apagava as luzes, abria as cortinas e admirava o jardim interior com a fonte iluminada. Nesse primeiro momento de paz e silêncio, a sua mente reviu os acontecimentos da manhã, desde a expressão de Matilde ao ver Sabir Al Muzara até à descoberta do cadáver do mensageiro. Aguçou a vista, procurando memorizar uma imagem que se escapulia no enxame de rostos, gritos e confusão vividos durante o ataque na sala de conferências. No meio da agitação, tinha tido a impressão de voltar a ver um rosto do passado, um do qual não se esqueceria. Durou apenas um instante num abrir e fechar de olhos, a cara tinha desaparecido. Tinha-o imaginado, talvez a cena do atentado o tivesse feito reviver outra no ano de 1981, quando um grupo de quatro terroristas do grupo alemão Baader-Meinhof tentaram sequestrá-lo juntamente com a mãe e a irmã Yasmin. Apoiou as mãos nos batentes da janela, baixou a cabeça e cerrou os olhos para afastar essa recordação. Respirou fundo e procurou na sua mente o sorriso de Matilde. Ligou-lhe. Foi Juana que atendeu e falou-lhe em sussurros.

- A Mat está a dormir, bonitão. Chegou esgotada da escola de línguas. Tomou banho e meteu-se na cama.

- Não juntou?

- Não juntou. Não te preocupes. Amanhã obrigo-a a tomar um café da manhã duplo.

A chamada frustrada fê-lo sentir-se mais triste. Desejava ouvi-la. Matilde possuía uma qualidade intangível que, tal como a música, acalmava o potro de fogo que ardia nele.

Ligou para a base e pediu que lhe passassem a Claude Masséna. Diz-me, Masséna, já tens a lista de participantes da convenção no George V?

- Sim, senhor. Há duas horas. O Dingo trouxe-ma.

Quero que analyses a identidade de cada um. Lamento, mas não poderás ir para casa esta noite.

- Já o tínhamos previsto, senhor. As raparigas e eu ficaremos. Amanha de manhã temos o relatório.

- Como estão os noticiários? O que disseram mais sobre o atentado? Nada de novo, senhor. A verdade é que há muita confusão porque, ao contrário de outros atentados, aqui não se sabe quem era o alvo, se o senhor Moses ou o escritor. Menciona-se o Hamas e o Hezbollah. Também se sugere que poderia ser um ataque perpetrado por sionistas de extrema direita. Falam em nomes como o do rabino Moshe Levinger e os partidos de extrema-direita Kach e Kahane Chai. Sabe o que é que se passa, senhor? É que ainda estão frescas na memória a matança que o Baruch Goldstein perpetrou em Hebron e o assassinato do Yitzhak Rabin.

- Obrigado, Masséna. Liga-me para a linha segura se encontrares algum dado importante. A qualquer hora. Boa-noite.

Colocou o casaco nos ombros, ligou o alarme e dirigiu-se à saída. Abriu a porta e parou de repente. Em frente dele encontrava-se Gérard Moses.

Olharan-se, confusos. Há meses que não se viam.

- Irmão! - exclamou Eliah.

- O Shariar encontrou-me à porta do George V e deixou-me entrar - explicou Moses, sem necessidade. - Como estás, meu amigo?

Deram um abraço com ruidosas palmadas nas costas.

- Entra, entra. Que bom ver-te!

Al-Saud fechou a porta à chave e desligou o alarme. Ao voltar-se, descobriu o olhar de Gérard cravado nele.

- Esta segunda-feira tinha de terminar assim expressou Al-Saud -, com mais uma surpresa. Embora esta seja a primeira boa surpresa do dia. Anda, senta-te.

- O Shariar contou-me o que se passou esta manhã. Lamento. Sei que era a tua empresa que estava a cargo da segurança.

Al-Saud referiu-lhe os factos e Gérard, que, pela sua relação com tantos governos e empresas, conhecia muito bem a realidade política, expôs-lhe as suas hipóteses. Como sempre, a conversa com o seu amigo de infância desenvolvia-se com naturalidade e facilmente, e não importava que o tempo passasse e que perdessem o contacto, quando se reencontravam, tudo voltava a ser como dantes.

- Continuas a ser o homem mais brilhante que conheci confessou Al-Saud, e Gérard ocultou atrás de um breve sorriso o júbilo que essas palavras despertaram nele. Só vivia para obter a aprovação de Eliah Al-Saud, para receber o seu abraço, o seu sorriso, as suas confidências.

Jantaram na sala de reuniões da Mercure, e Gérard emocionou-se quando Eliah sugeriu comer ostras, o seu prato preferido. «Não te esqueces de mim, Cavalo de Fogo, nem dos meus gostos.» Para celebrar o reencontro, Al-Saud pediu um Dom Pérignon, do qual bebeu um trago depois de brindar à saúde do seu melhor amigo, disse. Gérard bebeu o resto, e Al-Saud perguntou-se se a sua doença e a medicação lhe permitiriam aquele excesso. Estava exultante, risonho, descontraído. Observou-o enquanto lhe narrava as suas viagens. Mesmo se não o conhecesse, não seria difícil adivinhar que se tratava de uma pessoa peculiar. A porfíria tinha deixado as suas marcas, por mais que Berta tivesse cuidado dele. As cicatrizes nas faces, no nariz e nos dedos evidenciavam uma imprudente exposição ao sol. As sobrancelhas espessas, as pestanas densas e a hirsutez nas mãos e nos antebraços - tinha arregaçado as mangas da camisa para comer as ostras - revelavam os esforços do corpo para se proteger da íotofobia; inclusivamente crescia-lhe pelo na cana do nariz e nos lóbulos das orelhas, que Gérard depilava com cera quente. Mostrava outras características, como o tom acastanhado dos dentes e a estranha pigmentação da sua pele; a sua urina devia ser muito escura. Al-Saud tinha-se informado sobre o tipo de porfíria de Gérard e atormentava-o que o processo irreversível da doença levasse à deterioração do sistema nervoso autónomo.

O seu amigo estava condenado à loucura. Esse pensamento causou-lhe uma profunda tristeza, que se transformou num ardor nos olhos. Pigarreou e abordou o tema preferido de ambos: os aviões.

Gérard Moses ouvia-o e venerava-o em silêncio. A mistura de sangues que corria nas veias de Eliah Al-Saud, italiano da mãe e árabe do pai, tinha dado como resultado um ser esplêndido, não só pela sua beleza, mas também pela qualidade do seu espírito, indómito, nobre, destemido. Esse homem extraordinário considerava-o o seu melhor amigo.

Os temas iam surgindo e desembocavam em rumos impensados. Gérard estava interessado na vida amorosa de Eliah.

- Tens alguém? - O detetive privado garantia que mantinha um caso secreto com a famosa modelo publicitária Céline.

Al-Saud levantou a vista e olhou para o seu amigo fixamente. Não falaria de Matilde nem da felicidade que partilhavam. Gostava de Gérard como de um irmão e com poucos se sentia tão bem; no entanto, pairava sempre a culpa por ser saudável, forte e livre, e o seu amigo prisioneiro da escuridão e, dentro de alguns anos, da loucura. Pensou que seria uma afronta confessar-lhe que nunca tinha sido feliz até conhecer Matilde.

<<Como contar dinheiro em frente aos pobres», teria sentenciado a sua avó Antonina.

- Ninguém especial - foi a sua resposta. - Já sabes, uma ou outra. Desde que a Samara morreu não tive nenhuma relação muito séria.

- A Polícia averiguou mais alguma coisa sobre o acidente da Samara? - Al Saud negou com a cabeça e o olhar baixo. - E a tal Natasha? Não voltaste a saber dela?

- Esfumou-se no ar. Nunca mais voltei a vê-la. Tal como tu às vezes fazes, censurou-o com um sorriso, que logo se desvaneceu: - Porque é que fazes, isso, Gérard? Porque é que desapareces durante meses? Não sabemos, nada de ti. Liguei-te para o número que me deste da Bélgica, mas atendia-me sempre o voice-mail.

Gerard dispunha-se a dar uma resposta quando o barulho da porta o deteve.

- Deve ser o empregado, que vem recolher os pratos - conjecturou Al-Saud, e levantou-se. Gérard seguiu-o.

Tratava-se de Shiloah Moses e de Sabir Al-Muzara, flanqueados por Dingo e Axel.

- Não tinhas ido para a minha casa? perguntou Al-Saud a Sabir.

- Estivemos a planejar a reunião de quarta-feira - referiu Shiloah.

- Entrem.

Shiloah ficou congelado na soleira ao dar de caras com o irmão mais velho, igualmente afetado pela coincidência, a julgar pela forma como arregalava os olhos.

- Gérard! - Shiloah avançou para o abraçar. O outro recuou.

- Não me toques.

- Por favor, Gérard - interveio Al-Saud e, com um gesto, indicou aos seus homens que esperassem lá fora.

- Por favor, Gérard? Por favor o quê? Tenho de suportar este tipo só porque é meu irmão de sangue? Já agora, o seu sangue não herdou a peste que me passou o filho da puta de pai que partilhamos. Esse filho da mãe e o meu irmão sempre me desprezaram e humilharam. Não tenho de o suportar agora.

- O que é que estás a dizer? - perguntou Shiloah, alterado.

- Por favor - disse Sabir, e levantou os braços à altura dos ombros na atitude de quem tenta deter dois adversários num ringue. - Vamos falar como pessoas civilizadas. Caso contrário, o Shiloah e eu retiramo-nos.

Al-Saud sentou-se no sofá com um suspiro de desgosto, esticou os braços sobre o encosto e deitou a cabeça para trás. «A cereja em cima do bolo», pensou. O fim perfeito para um dia inacreditável: uma discussão. Fixou o olhar no teto falso. Ouvia as ofensas que trocavam os irmãos Moses e as intervenções de Al-Muzara sem prestar atenção. «O nosso pai só gostou de ti e tu aproveitaste-te disso!» «A Berta só te amava a ti e eu também era seu filho! Mas ela era para ti e só para ti. Eu nunca me queixei nem me meti no meio porque sabia que tu precisavas dela mais do que eu.» «Porque era um doente, um fenómeno repugnante da natureza! Não é verdade?» «Estou farto de que te escondas atrás da tua doença!» «Oxalá sofresses tu desta porfíria!»

- Chega! Al Saud levantou-se de repente. - Chega! - A sua voz nefasta e a severidade que lhe endurecia as feições denunciavam a sua saturação e o seu cansaço. Os outros três olharam-no aturdidos. Nunca levantava a voz nem perdia as estribeiras. - Esta discussão tem de acabar! Tive o pior dia de há anos para cá e não tenho paciência para uma cena ridícula.

- Diz a este indivíduo que se vá embora para continuarmos com a nossa conversa.

- Gérard, não penso dizer a um dos meus melhores amigos que saia do meu escritório. É teu irmão, por amor de Deus!

- Meu irmão - repetiu, e sorriu com ar sarcástico.

- Sim, sou o teu irmão mais novo. Sempre gostei de ti e te admirei. Admiro a tua inteligência, a tua mente brilhante...

- Queres impressionar o Eliah e o Sabir! Queres fazê-los acreditar que gostas de mim enquanto sempre fui objeto da tua chacota e do teu desprezo.

- Mentas! Porque é que o fazes?

- Chega! - Al-Saud levou as mãos à cabeça e achatou a madeixa de cabelo. - Gérard, por favor, como é que podes dizer que o teu irmão te despreza? Em vinte e cinco anos, nunca o vi insultar-te nem rir-se de ti.

- Acreditas nele - declarou Gérard.

- Eu acredito no que vejo. Acredito na realidade. E a realidade diz-me que o Shiloah nunca te odiou.

- Porquê, Eliah? Porque é que o preferes a ele? O teu melhor amigo sou eu!

Al Saud ergueu os olhos ao céu. De repente, aquela discussão parecia uma discussão de crianças mimadas.

- Graças a mim, conheceste e aprendeste a amar os aviões. Eu ensinei - te tudo o que sabes...

- Claro que sim, Gérard - deteve-o Al-Saud. - Sabes que sempre te estarei agradecido por isso, mas agora não posso deixar passar em claro que a tua acusação é injusta.

- Que bom ator és, Shiloah! - Gérard arrancou o seu casaco das costas de uma cadeira. - Fazes bem em dedicares-te à política nesse pequeno país de nazis, racistas e graxistas do Imperialismo. De certeza que chegas a primeiro ministro. - Voltou-se para Eliah. - Nunca pensei que me traís- ses desta forma. Partiste-me o coração.

- Por favor, Gérard. O que é que estás a dizer? Porque é que reages assim?

- Tu eras o meu único amigo, Eliah. O meu único irmão. - O meu único amor - Hoje é um dia muito triste para mim

Deu meia-volta e abandonou a suíte. Ao levantar a cabeça, Al-Saud viu os olhos de Shiloah brilhantes de lágrimas.

Claude Masséna reviu a lista dos participantes no George V dos últimos quinze dias. Um nome chamou a sua atenção: Udo Jürkens. «Olá, Udo! Tu outra vez a rondar o meu querido chefe?» Os seus dedos moveram-se velozmente sobre o teclado. Entrou no sistema da empresa de aluguer de carros Rent-a-Car, e verificou que o carro com a matrícula 454WJo6 continuava em poder de Jürkens. Se este o devolvesse em algum dos escritórios de Paris, Masséna conseguiria intercetá-lo. O trâmite de devolução costumava ser burocrático e demorar algum tempo e, como o sistema processava os dados em tempo real, ele poderia sabê-lo no momento em que estava a acontecer. Tratava-se de uma possibilidade remota que não desaproveitaria. Programaria um alarme para que o sistema o avisasse quando o 454WJo6 estivesse a ser devolvido.

Desde a tarde em que vira Al-Saud a sair do prédio de Zoya, muitas dúvidas e questões tiveram resposta. Claude suspeitava que Udo Jürkens poderia ser útil na sua vingança.

A gravidade do atentado na sala de conferências do George V motivou uma nova viagem de Ariel Bergman no comboio Thalys de alta velocidade desde a estação central de Amsterdã até à Gare du Nord. Tal como da última vez, os katsas Diuna Kimcha e Mila Cibir conduziriam-no às entranhas da embaixada israelita na rue Rabelais onde se localizava o escritório da Mossad. Ali se encontravam Greta e Jael, os bat leveyha - oficiais da Mossad um grau abaixo de um katsa - que, fazendo-se passar por membros do organismo Paz Agora, tinham presenciado o atentado. Passaram horas a rever os acontecimentos e a conjecturar.

-O que diz o nosso sayan na *Direction de la Surveillance du Terri- toire*?

- Ainda não disse nada - informou Diuna. - Hoje de manhã recolheram as provas e estão a analisá-las. Mal tenha algum dado relevante, entrará em contacto connosco.

- Já reviram a lista das presenças do hotel?

- Felizmente, o George V usa o sistema Pritnex -explicou Mila - Conseguiram pirateá-lo sem inconvenientes. Aqui tens a lista.

Ariel Bergman pegou na folha e fez uma leitura rápida dos nomes, apontando-os com o indicador.

- Estudaram esta lista? - deteve-se de repente.

- Sim - disse Mila. - Acabo de lhe dar uma vista de olhos.

- Não tens nada para me dizer? - O agente contemplou-o com uma expressão confusa. - Aqui figura o Udo Jürkens. Segundo este registo, está alojado nesse hotel. É coincidência?

- Não existem coincidências - disse Diuna, de acordo com uma das máximas que repetiam durante a instrução no «Instituto».

- Há alguma coisa aqui que cheira muito mal. Temos de fazer uma visita ao hotel esta noite, embora seja certo que o Udo Jürkens já não se encontra lá. O que sabemos do carro que alugou?

- Ainda não o devolveu.

- Atenção, rapazes. Esta será a nossa única possibilidade de o apanharmos. E rezemos para que o devolva em Paris, em vez de o fazer em qualquer outra cidade da União Europeia.

- Vamos alertar as centrais das principais cidades - referiu Mila, contrito por não ter reparado num dado tão relevante.

Elaboraram um relatório sobre o atentado para o novo diretor-geral da Mossad. De seguida e sem mais demoras, Bergman utilizou um controle remoto para projetar um filme e passar a outro assunto.

Estes são os traficantes de armas Mohamed Abu Jihad e Rauf Al Abiyia, o Príncipe de Marbella. Aqui vemo-los no Puerto Banús, no Sul de Espanha. O verdadeiro nome do Abu Jihad é Aldo Martínez Olazábal, de nacionalidade argentina e com uma história muito interessante. -Enumerou-lhes os acontecimentos da vida de Aldo. - Antes de ir para a prisão na Argentina, Al-Abiyia não representava uma ameaça. Mas desde há algum tempo, ele e o seu novo sócio argentino restabeleceram os laços com o pessoal de Tikrit - referia-se a Saddam Hussein e aos que estavam a sua volta - e estão a ganhar milhares de dólares. Há uns dias, um informante de Joanesburgo disse-nos que o Abu Jihad estava a fechar um acordo para comprar mercúrio vermelho. Bergman falava de um componente químico utilizado para a fabricação de bombas de elevada toxicidade radioativa, - A ordem é clara: o Abu Jihad e o Al Abiyia têm que desaparecer.

Matilde só viu Eliah na sexta-feira, depois de a convenção ter terminado envolta em tensão e excesso de medidas de segurança, embora o resultado fosse positivo e houvesse predisposição para a mudança. Na opinião de Al-Saud, o documento elaborado pelas organizações e partidos políticos participantes, que apresentariam ao Conselho das Nações Unidas, ao Knesset (o parlamento israelita) e ao Conselho Legislativo Palestino, não teria nenhum efeito. Shiloah, pelo contrário, estava exultante já que a convenção tinha ocupado as páginas dos jornais mais importantes e a abertura dos noticiários, e o seu nome e o do seu partido político, Tsabar, repetiam-se continuamente na boca dos jornalistas e na imprensa. Não se preocupou quando começou a correr o rumor de que o atentado fora encenação do seu partido para atrair os meios de comunicação, e ainda soltou uma gargalhada, citando Oscar Wilde: «Que falem mal de alguém é horrível. Mas há uma coisa pior: que não falem.»

Absorvidos pelas atividades e pelas responsabilidades do evento, não mencionaram a discussão com Gérard, de quem nada tinham voltado a saber apesar de Al-Saud lhe ligar diariamente, deixando mensagens na caixa de correio. Não aceitava que uma amizade de tantos anos acabasse de uma forma estúpida e infantil. Talvez a doença tivesse começado a afetar o sistema nervoso de Gérard. De outra maneira, não conseguia explicar o ódio do amigo nem a sua visão distorcida da realidade. A intenção de que Matilde conhecesse o seu escritor preferido, Sabir Al-Muzara, desvaneceu-se com o atentado. Mal terminou o seu discurso de abertura na quarta-feira, Dingo e Axel viajaram com ele de helicóptero para Le Bourget e embarcaram-no no Gulfstream V de Al-Saud com destino ao Aeroporto Atarot, nas proximidades de Jerusalém. O Silencioso abandonou Paris com a velha e pequena mala com a qual tinha chegado e uma dúzia de sacos com presentes que as secretárias de Al-Saud se tinham encarregado de comprar para a sua filha de dois anos, Amina. Foi-se embora sem conceder entrevistas à imprensa e, para além de trabalhar duramente com Shiloah, na terça-feira à tarde pediu a Eliah que o levasse a visitar o túmulo da sua irmã Samara no cemitério muçulmano de Bobigny, a dez quilómetros a nordeste de Paris. Para Al-Saud, visitar o túmulo da mulher nunca era fácil. Despertava-lhe velhos demónios que durante algum tempo escondiam as suas garras e que às vezes as cravavam com uma força inusitada.

Precisava de Matilde. Já não questionava a obsessão que despertava nele, nem como essa dependência chocava com a sua natureza livre de Cavalo de Fogo nem com a sua vida caótica e errante. Na sexta-feira foi buscá-la à escola de línguas, ansioso como um adolescente, e, ao vê-la aparecer no passeio, sentiu uma euforia que apagou o cansaço de uma semana infernal. Caminhou para ela para a receber nos braços, pequena, perfumada e sorridente. Propôs a Matilde e Juana jantarem no restaurante Costes, na rue Saint-Honoré, famosa pelas suas lojas distintas, joalharias e delicatessen; Thérèse fizera uma reserva para quatro; Shiloah também iria.

- Como a Mat sabia que hoje te veríamos, cozinhou para ti toda a manhã.

- Pensei que preferias jantar em casa - explicou Matilde -, mais tranquilo, mas se quiseres vamos a esse restaurante.

Tinha passado a semana a jantar fora com potenciais clientes e alguns desconhecidos, algo habitual na sua vida. Com Matilde à sua frente, desejou o recolhimento do lar e uma refeição caseira feita por ela.

Vou pedir à Thérèse para cancelar a reserva e avisar o Shiloah de que o esperamos na *rue Toullier*.

Mal chegaram ao apartamento, enquanto tiravam os casacos e lavavam as mãos, a campainha da rua tocou. Como Juana não percebia nada, passou o interfone a Al Saud.

- É uma entrega para ti - disse a Matilde com ar severo, e ela olhou para ele com uma expressão de surpresa, - Eu desço.

Regressou com uma encomenda; pelo formato, via-se que era um quadro. Juana apressou-se a abri-lo. Matilde soltou um gritinho ao ver de que se tratava.

- O meu quadro! - exclamou.

Juana apoderou-se de um pequeno envelope colado à moldura dourada e abriu-o. Matilde admirava o óleo com um sorriso. Os seus olhos pareciam prata líquida.

- É do Roy - disse Juana, e passou-lhe o cartão.

Matilde leu-o sem comentários e com o rosto imperturbável, e colocou-o na mesa. Al-Saud aproveitou que ela estava de costas, absorta no óleo, e pegou nele. «Tal como recuperei o teu quadro, vou recuperar-te a ti. És minha, Matilde. Amo-te. O teu marido.» Uns ciúmes negros assombraram-lhe o olhar e endureceram-lhe as linhas da boca. Como é que esse filho da puta se atrevia a dirigir-se assim à sua mulher? Se o tivesse à sua frente, teria dado cabo dele. Memorizou o nome e a morada impressa na parte de trás do cartão: Ezequiel Blahetter. *Mannequin. 29, Avenue Charles Floquet, troisième étage*. Havia um número de celular.

Matilde, ainda com o olhar fixo na pintura - uma menina de perfil, a observar um caracol que tinha na mão -, sentiu a presença de Al-Saud atrás dela.

- Esta era eu quando tinha cinco anos. - Viu a mão escura dele passar à sua frente para acariciar o contorno do pequeno nariz. - Foi a minha tia Enriqueta que o pintou. Adoro este quadro.

- E o idiota do Roy - interveio Juana - vendeu-o quando a Mat saiu de casa. E agora está a armar em herói porque o recuperou. Não te terá mentido, Mat, para se armar em grande e, na realidade, nunca o vendeu? Porque não sei com que dinheiro terá recuperado este quadro. Os trabalhos da tua tia estão bem cotados em dólares.

- Juana, por favor - suplicou Matilde não quero falar dele. Recuperei o meu quadro. Isso é o mais importante.

A chegada de Shiloah Moses provocou uma mudança no ambiente. Deixaram de lado a história do quadro e instalaram-se à mesa para jantar.

Elijah e Shiloah deliciaram-se com se com a lasanha à bolonhesa com molho branco até esvaziarem o recipiente.

- Nunca na minha vida tinha comido uma lasanha tão boa! - garantiu Shiloah.

- Espera até provares a sobremesa - disse Juana. - Tiramisu!

Al-Saud viu como Matilde corava. Estendeu a mão por cima da mesa e delineou-lhe o contorno ovalado do rosto com a ponta dos dedos.

- A comida estava maravilhosa, meu amor. Obrigado.

O rubor de Matilde acentuou-se; tinha-lhe chamado «meu amor» em inúmeras ocasiões e sempre na intimidade. Sorriu, esquivando o olhar de Al-Saud, e levantou-se para recolher os pratos. Depois da sobremesa e do café, Shiloah manifestou desejo de ir dançar. Juana apoiou a ideia. Eliah e Matilde trocaram um olhar.

- Nós ficamos - expressou Al-Saud.

Já sozinhos, e enquanto Matilde se ocupava dos pratos, Eliah atendeu uma chamada de Shariar e ligou para Alaman. Ao entrar na cozinha, viu-a a tomar um comprimido.

- O que é isso?

- Nada - respondeu ela. - Vitaminas.

- Fico contente de que tomes vitaminas. Com o que comes, estarias desnutrida.

- Estou muito bem - garantiu ela, e Al-Saud notou-lhe uma certa irritação na resposta. Pegou-lhe pela cintura, sentou-a na bancada e obrigou-a a separar os joelhos para se colocar entre as suas pernas.

Matilde passou-lhe as mãos pela testa e pelo cabelo. Al-Saud deitou a cabeça para trás, fechou os olhos e suspirou.

- Estás cansado? - perguntou-lhe com os lábios no pescoço dele.

Estava, e além disso, tinha inúmeras preocupações. Vários contratos de segurança tinham sido cancelados depois do atentado; as companhias de seguro holandesas pressionavam-no para que lhes entregasse os resultados da investigação sobre o acidente de Bijlmer; Céline ligava-lhe constantemente; e, por último, houvera a conversa telefónica com Joseph Kabila, que o inquietara especialmente.

Sim, muito cansado. Foi uma semana intensa.

Matilde sentiu umas cócegas entre as pernas ao ver a maçã de Adão subir e descer contra a pele tensa do pescoço tocou lhe, Al Saud ergueu a cabeça e levantou as pálpebras e encontrou-a expectante, de olhos muito abertos como os de uma criança apanhada depois de uma travessura.

- Que novidades há sobre o atentado? O que disse a Polícia? - apressou-se a perguntar Matilde.

Al-Saud não lhe contaria que Edmé de Florian lhe tinha ligado nessa manhã para confirmar a sua suspeita: o assassino de Rani Dar Salem, o mensageiro, carregou a Beretta 92 com balas dundum, de ogiva oca, que provocaram o enorme dano na cabeça da vítima, como se fosse uma explosão. Sobre Dar Salem pouco se sabia; era egípcio, com autorização para trabalhar na França e vivia num quatinho de uma pensão no décimo nono *arrondissement*. Os vizinhos descreveram-no como um jovem tranquilo, tímido e muito religioso; viam-no com frequência a cumprir com o preceito do salá, as cinco orações diárias. Da revista aos seus pertences não surgira nenhuma pista, nem tão-pouco do estudo da lista das presenças no George V.

- A Polícia não descobriu nada de relevante. O assassinato do mensageiro foi trabalho de um profissional, sem impressões nem vestígios.

Al-Saud também não se referiria à noite anterior, que tinha sido passada na base da *avenue Elisée Reclus* a estudar o que as câmaras da sala de conferências captaram durante o atentado. Procurou sobretudo um rosto, o tal rosto do passado que tinha gravado na retina. Mas fora em vão.

- Agora quero esquecer-me do atentado e de tudo disse, e pegou-lhe nos braços para a levar para a sala. Sentou-a num extremo do sofá.

- Encosta-te aqui - indicou-lhe ela - e apoia a cabeça nas minhas pernas.

Na verdade parecia cansado. A sombra natural à volta dos seus olhos tinha-se tornado intensa, quase da cor do vinho tinto. Era demasiado comprido para o sofá, por isso as pernas ficaram-lhe penduradas no apoio de braço. Al-Saud suspirou com um gemido quando Matilde lhe massajou o couro cabeludo. A voz dela enquanto lhe contava os acontecimentos da semana acalmava-o. Relatou-lhe que tinha regressado à sede da Mãos Que Curam para obter o Guia do Expatriado, um documento essencial que deveria estudar antes de viajar para o Congo. Essa palavra inquietou Al-Saud, e trouxe-lhe à memória a conversa telefónica que tivera nessa tarde com o seu amigo, o general Joseph Kabila, chefe do Estado-Maior do Exército da República Democrática do Congo e primogénito do presidente Laurent-Désiré Kabila. A amizade entre Al-Saud e Kabila nascera havia dois anos, quando Joseph se instalou durante seis meses na ilha de Fergusson, na Papua Nova Guiné, para que o pessoal da Mercure convertesse num militar de raça. Eliah não teve dificuldades em descobrir em Joseph um líder nato, não do tipo dos que abundavam em África, egocêntricos, amantes do luxo e corruptos, mas sim reflexivo, circunspecto e sensato. «A história do Congo seria outra», opinara Tony Hill, «se o Joseph ocupasse o lugar do pai». Por isso, quando Joseph lhe prognosticou que o Congo entraria em guerra dentro de poucos meses, Al-Saud levou-o a sério. O seu primeiro pensamento foi para Matilde. Levantou-se, sentou-se ao seu lado e atraiu-a para ele para a beijar. Eliah gostava de se afastar de repente, quando ela ainda estava em transe, com os lábios entreabertos, brilhantes por causa da sua saliva, e com os olhos fechados, onde ele via uma rede de vasos finíssimos sob a pele transparente. Matilde abriu os olhos lentamente, sorriu-lhe e passou-lhe os dedos pela boca e pela fenda do queixo.

- Eliah, porque é que não me disseste que eras amigo do Sabir Al-Muzara quando nos conhecemos no avião?

- Achas que eu ia usar o talento e a fama do meu amigo para conquistar a mulher na qual estava interessado? Não me parece. Sou orgulhoso, Matilde. Se vou conquistar uma mulher, será pelos meus próprios méritos, não pelos de outro. No entanto, agora gostaria de te falar sobre um amigo. - Fez uma pausa, acomodou-se no sofá. - Matilde, sabes quem é o Joseph Kabila? - Ela negou com a cabeça. - É o filho do presidente do Congo e meu amigo.

- É sério?

- Sim. É também o chefe do Estado-Maior do Exército do seu país. Ele, como ninguém, conhece a situação política do Congo. Esta tarde ligou-me e disse-me que a situação com os países vizinhos, o Ruanda e o Uganda, é cada vez mais tensa e que a guerra é iminente. - Matilde ficou horrorizada. - A zona crucial é a das províncias de Kivu do Norte e Kivu do Sul, onde me disseste que irias com a Mãos Que Curam. - Matilde

assentiu, ainda desorientada. - Matilde, meu amor, não podes ir para o Congo. Percebes isso, não percebes?

Matilde libertou-se do seu abraço e levantou-se.

- Claro que vou.

Depois de a olhar com estupefação, Al-Saud abandonou o sofá.

- Estou a dizer- te que haverá uma guerra, uma grande guerra no Congo. Tens noção do que isso significa?

- Se a minha prima Amélie está lá, porque é que eu não posso ir ?

- A Amélie é uma freira que dedica a sua vida aos pobres e aos mais necessitados.

- E a quem julgas que eu quero dedicar a minha vida?

«A mim»? Al-Saud não se atreveu a proferir aquelas palavras. Ele próprio estava surpreendido. Levou as mãos à cabeça e inspirou profundamente. A turbulência começava a rugir no seu interior. Sabia-o, Takumi sensei referia-o sempre: a paciência não se encontrava entre as suas virtudes, embora a filosofia *shorinji kempo* lhe tivesse ensinado a acalmar os seus impulsos.

- Podes curar as crianças pobres em qualquer outra parte onde não exista um conflito bélico. Insisto, tens noção do que é uma guerra?

- Só pelo que vi na televisão admitiu Matilde.

- Pois isso não é nada, nada comparado com a realidade.

- E o que é que tu sabes sobre a guerra?

Não responderia àquela pergunta, ainda não.

- Matilde - cobriu-lhe os ombros com as mãos , não quero que vás para o Congo.

- Lamento, Eliah. - Matilde desembaraçou se do peso das suas mãos.

- Vou para o Congo. Uma vez disse-te que estudei Medicina para isto, e vim cumprir a minha missão.

- Teimosa! Não ouves o que te estou a dizer? A palavra guerra não te assusta?

- Sim, assusta-me, mas essas pessoas precisarão ainda mais de mim se houver guerra.

«E pensas que eu não vou precisar de ti?»

- Não posso permitir que te vás meter nesse inferno! Não irás para o Congo.

-Que direito tens tu de me dizer o que devo ou não fazer? - Era a primeira vez que lhe levantava a voz. - Toda a minha vida agi em função do que os outros opinavam ou queriam, e nunca fui feliz. Acabou! Vou viver a minha vida como quiser e não tenho de prestar contas a ninguém. Se quiser ir para o Congo, irei. Por outro lado, a Mãos Que Curam cuida do seu pessoal. Não me vai acontecer nada de mal.

- A Mãos Que Curam cuida do seu pessoal! - Al-Saud forçou uma gargalhada. - Claro que o fazem, mas num contexto de guerra como aquele que vai acontecer no Congo, ficarão tão expostos como os próprios congoleses. Relativamente aos que controlaram a tua vida, não me compares com eles. Eu só quero que a vivas livre e feliz, mas que a vivas, não que morras a tentar. Se vais para o Congo nestas circunstâncias, o mais provável é que vejas a morte tão de perto que lhe toques. Não tens medo da morte?

- Claro que sim! É aquilo que mais temo neste mundo! É a minha pior inimiga!

Al-Saud deu um passo atrás, estupefacto perante a reação de Matilde. De adolescente doce e suave transformara-se numa mulher agressiva; no entanto, ele podia cheirar o pânico que a dominava. Matilde sentou -se no sofá e descansou a testa no apoio de braço. As suas pequenas costas subiam e desciam enquanto o ar entrava rápido nos seus pulmões. Sem se endireitar, disse:

- Não vim para Paris para me envolver com um homem que quer dirigir a minha vida. Quero que te vás embora e me deixes fazer o que vim fazer. Por favor - acrescentou com voz estrangulada.

Não teve coragem para levantar o rosto e vê-lo partir. Permaneceu na mesma posição até que o estalido da porta a fechar-se lhe indicou que tinha ficado sozinha.

Elijah Al-Saud desceu as escadas como um raio, impulsionado pela ira, pela impotência e com o orgulho desfeito. O ar gélido travou-o com um golpe no peito, e o vórtice do ciclone que assolava a sua alma desvaneceu-se. Foi substituído por uma angústia que lhe subiu à garganta, deixando um sabor amargo na boca. O toque do celular sobressaltou-o. Olhou para o ecrã. Céline, evidentemente. Decidiu atender.

- Allô?

- *C'est moi, mon amour*. Céline. - Ela não falava em espanhol se podia evitá-lo.

- Estás em Paris?

- Cheguei hoje de manhã e na segunda-feira vou para Abu Dabi. Mas antes quero ver-te, Elijah. Há tanto tempo que não estamos juntos.

- Eu também te quero ver. Temos de falar.

- Amanhã tenho uma festa. Queres ir comigo?

- Só por alguns momentos. Depois vamos a um lugar mais calmo. Precisamos de falar.

- *D' accordi* -disse ela, exultante. - Vem buscar-me às oito.

Antes de abrir os olhos, Claude Masséna sentiu o sabor metálico do sangue. Mexeu a língua e o sabor intensificou-se juntamente com uma pontada na nuca. Deu-se conta de que estava sentado e de que a sua cabeça estava deitada para trás. À medida que a erguia devagar, para evitar as náuseas, as imagens dançavam na sua mente e reconstruíam-lhe as horas passadas.

Nessa sexta-feira, por volta das sete da noite, o sistema alertou que Udo Jürkens estava a devolver o carro à Rent-a-Car. Teclou freneticamente para averiguar qual era a agência.

- Bravo! - exclamou, e atraiu a atenção das suas assistentes. Jürkens não só o estava a entregar em Paris, mas fazia-o na agência da *rue des Pyramides*, a minutos da *avenue Elisée Reclus*, se não houvesse muito trânsito.

- Já volto - anunciou às assistentes, e correu até ao elevador que o levaria à superfície.

No número 15 da *rue des Pyramides* deu com um cartaz com o logotipo da Rent-a-Car que indicava um estacionamento subterrâneo. Deixou o seu carro na rua e desceu a pé pela rampa. Na fraca iluminação destacava-se, num extremo do amplo recinto, o pequeno escritório da Rent-a-Car, ocupado por uma funcionária que falava ao telefone. Provavelmente, raciocinou, Jürkens e outro funcionário deviam estar a controlar a quilometragem do carro e a fazer a inspeção final. Usou a lanterna de halógeno do seu porta-chaves para apontar para as matrículas. Ao ouvir passos, levantou o olhar. Uma figura avançava para ele.

- Monsieur Jürkens? - conseguiu perguntar antes que um som lhe ecoasse na cabeça e tudo se tornasse negro.

Ao acordar, logo depois de um momento de dor e de confusão, estudou o local onde estava. Recordou-lhe a base, porque não havia janelas. Estava dentro de um cubo, com as paredes cobertas por placas de alumínio sobre as quais reverberava uma luz que lhe batia em cheio na cara. Tentou proteger-se com as mãos e descobriu que estavam atadas atrás das costas da cadeira. Nesse momento deu-se conta de que estava nu.

- Boa-noite, senhor Masséna.

- O que estou aqui a fazer? Quem é o senhor? Onde está a minha roupa?

Calma, Masséna - disse outra voz. - Somos nós que fazemos as perguntas.

Um braço entrou na área iluminada e aproximou lhe um copo dos lábios Masséna hesitou em beber.

- Beba. É só água.

- O que é que estava a fazer esta tarde no estacionamento da Rent-a-Car?

- Porque é que deveria responder às suas perguntas? Isto é extremamente ilegal! Exijo-vos que me deixem sair daqui!

- Sairá se cooperar.

-O que é que estava a fazer? - insistiu o outro, com impaciência. - Não nos obrigue a utilizar métodos para o fazer falar. Garanto-lhe que não serão do seu agrado, Masséna.

O maior medo de Claude era o sofrimento físico. Depois de ter testemunhado a agonia da mãe quando era muito novo, qualquer dor o aterrava. Era hipocondríaco e vivia rodeado de medicamentos. Ficou aterrado com a ideia de que aqueles sujeitos lhe provocassem dor de propósito.

- O que é que querem de mim?

- Porque é que estava à procura do senhor Jürkens?

- Queria falar com ele.

- Sobre quê?

- É um assunto pessoal.

A mesma mão que lhe aproximou o copo de água virou-lhe a cara com uma bofetada. Na sala contígua à câmara de Gesell, Diuna Kimcha e Mila Cibin contraíram-se num gesto de dor ao ver o sangue que brotou do lábio de Masséna. O agente kidon tinha começado a executar a tarefa para a qual fora treinado, embora não tenha sido necessário utilizar a força novamente; o rapaz falou sem mais incentivos. Quando Masséna acabou de explicar a sua relação com o tal Jürkens, continuava ofegante a tentar distinguir as figuras atrás da luz que o iluminava. Passaram longos minutos antes de voltarem a dirigir-lhe a palavra.

- Porque é que é circuncidado, Masséna?

- *Quoi?*

- Porque é que o seu pénis não tem prepúcio? Preciso de ser mais claro?

- Porque sou judeu.

Antes de lhe taparem a cabeça com um saco preto para o tirarem da embaixada israelita, tinha aceitado converter-se em sayan.

Nenhuma das duas se encontrava em condições de que as acordassem às oito e meia da manhã. Matilde tinha adormecido a chorar por volta das quatro, e Juana, depois de tomar vários daiquiris e de dançar desenfreadamente, acabou na cama da suíte de Shiloah Moses no George V. A limousine do hotel tinha-a conduzido até à rue Toullier às seis e meia da manhã.

- Não chateies, Ezequiel! É sábado e acabei de me deitar!

- Vamos, Nêga. - Instou-a com cócegas no pescoço. - Vim para as levar às compras.

- Às compras? - Tirou o lençol da cara. A sério?

- Esta noite há a festa que o Jean Paul organizou para vocês. A tão adiada festa. E eu quero brilhar com as minhas melhores amigas. Planeio comprar-vos vestidos, sapatos, bijouterie. E o Jean-Paul oferece-vos um dia no spa da Christian Dior para ficarem como deusas. - Ezequiel observou Matilde, que bebia café na sala. O que é que se passa, Mat? Porque é que estás com essa cara?

- Cara de sono - mentiu.

Convidou-as a tomar o café da manhã no famoso *Café Les Deux Magots*, na place Saint-Germain-des-Prés e, ao cabo de uma hora, estavam no Porsche 911 Turbo, rumo às lojas. Ezequiel tinha decidido, já que não tinham muito tempo - ao meio-dia e meia tinham de estar no spa ir à casa Chanel, na rue Cambon, onde comprou a cada uma um vestido, sapatos, carteiras e bijouterie, com exceção da lingerie, à procura da qual caminharam uns quarteirões pela rue Saint-Honoré até à loja da estilista Chantal Thomass, onde Matilde se recusou a continuar a gastar dinheiro.

- Desculpa, Matilde Martínez - disse Juana -, mas com o vestido Chanel não podes usar os teus conjuntos de algodão amish. Seria uma blasfémia, que fique claro.

- Quando me levaram às Galerias Lafayette, o Eze comprou-me dois conjuntos muito bonitos. Posso usar um desses.

- De forma alguma - opôs-se Ezequiel. - Esses conjuntos são muito... Muito Matilde.

- Ninguém os vai ver!

No fim, compraram-lhe um em tule de plumetis preto, para além de cinto de ligas e collants da mesma cor. Matilde estudou-se ao espelho do provador e sentiu-se diferente e bela, e desejou que Eliah estivesse naquele cubículo quente e acolchoado que a visse.

Passaram as duas o resto do dia no Dior Institut do Hotel Plaza Athénée. Metidas no jacuzzi, conversaram até ficarem com a pele enrugada. Juana contou-lhe a sua aventura com o milionário israelita, que afinal era melhor amante do que esperava.

- Tem o membro mais bonito que jamais me tocou - admitiu. E está feito à mão - disse, em alusão à falta de prepúcio no pénis do amante.

Shiloah confessara-lhe que era a primeira mulher com quem fazia amor - essas tinham sido as suas palavras, esclareceu Juana desde a morte da sua mulher. A jovem dissimulava o seu entusiasmo atrás de uma máscara de ironias e piadas, enquanto lançava olhadelas frequentes ao celular. Por fim tocou.

- É o bonitão. - Matilde abanou a cabeça e a mão. - Não vais atender?

- Ontem à noite discutimos - sussurrou, e contou-lhe os pormenores. - Não vou permitir que controle a minha vida - concluiu.

- Olha, Matita, a única coisa que não vais permitir a essa brasa é que deixe de andar atrás de ti.

O motorista de Jean-Paul Trégart foi buscá-las ao Plaza Athénée por volta das oito e meia e levou-as ao apartamento da avenue Charles Floquet.

- Oh, my Gosh! - exclamou Jean-Paul no hall de entrada. - Ezequiel, nunca me tinhas dito que as tuas amigas do peito eram modelos. Bem-vindas! - Inclinou-se para lhes beijar as mãos. - Há muito tempo que queria conhecê-las! Estão lindíssimas! Arrebatadoras! Entrem, por favor, entrem. Sintam-se em casa.

- Obrigada pelo maravilhoso dia de spa, Jean-Paul - disse Matilde.

- Querida, foi um prazer. - Aguçou a vista, como se a estudasse. - Matilde, com esse cabelo e essa cara, a L'Oréal pagaria uma fortuna para te ter. Poucas vezes vi um cabelo desta qualidade - acrescentou mais para si mesmo, enquanto o examinava entre os dedos.

- Nada de negócios esta noite - avisou Ezequiel, e resgatou as amigas.

Pelo rumor de vozes que chegava até elas, era óbvio que a festa já tinha começado. Ezequiel abriu uma porta dupla e um salão de grandes dimensões estendeu-se em frente delas. O brilho das luzes aumentava o dos vestidos, o do vidro de Murano dos três lustres, o dos copos, o das boiscns douradas, o do soalho, como uma explosão que ofuscou Matilde, tal como a quantidade de pessoas, o cheiro de cigarro misturado com os perfumes e os movimentos. Algumas dançavam, outras riam-se, outras comiam, todas bebiam. Matilde anependeu-se de ter ido. Para agravar a situação, Jean-Paul mandou baixar a

música e, em alto e bom som e em inglês, apresentou-as como as homenageadas, as grandes amigas de infância de Ezequiel a quem desejava conhecer há muito tempo, ambas médicas, por isso, brincou, podiam cometer excessos com a bebida e com a comida porque elas os socorreriam. O grupo riu-se e o desconforto inicial dissolveu-se. Matilde, agarrada ao braço de Ezequiel, olhava sem ver. Juana apertou-lhe a mão e falou-lhe entre dentes.

- Mat, amiga do meu coração, quero que fiques muito calma e que não te mexas nem te vires quando te disser o que te vou dizer. Está ali o bonitão com a tua irmã Celia. Não olhes, porra! Ele já nos viu, como é óbvio, de que é que estavas à espera com semelhante apresentação do Jean-Paul? Tu tem calma, meu anjo, tem calma. Vamos ficar ao lado do Eze.

- Tens a certeza de que está com a Celia?

- Não sei, estão ali os dois, ao pé da mesa da comida. Estão a conversar. Ela, evidentemente, sorri-lhe com aquela cara de cabra que tem e toca-lhe o máximo que pode.

- Vou-me embora. - Ao virar-se, deu um encontrão a um homem.

- *Excusez-moi* - balbuciou, disposta a prosseguir até à saída quando o desconhecido lhe pegou no braço e a obrigou a parar.

Al-Saud não tirava os olhos de Matilde. Superado o espanto de a ver entrar na sala, ficou a contemplá-la como se se tratasse de um ser de outro mundo. O efeito da sua beleza atordoava-o e fazia-o sentir-se como um adolescente inexperiente e com as hormônios em ebulição. Ficou com a boca seca, a língua tornou-se pastosa e as pulsações aceleraram. Bebeu o suco de ananás em um trago e voltou a olhar para ela. Parecia transformada e, ao mesmo tempo, conservava a sua aura angelical.

Enquanto Al-Saud apreciava o conjunto sem reparar nos detalhes, as mulheres estudavam-na como numa mesa de dissecação, perguntando-se se o vestido de cetim preto à altura dos joelhos, sem mangas e com decote em barco era da Chanel, o mesmo que tinham visto na vitrine da rue Cambon, muito elegante e, ao mesmo tempo, sensual porque delineava a diminuta cintura e destacava-lhe os seios. Pareceu-lhes um detalhe de bom gosto os antebraços cobertos por luvas de cetim. Algumas não gostaram dos collants pretos; teriam preferido uns em tonalidades champanhe Todas aprovaram os sapatos e a carteira de camurça da mesma cor do vestido.

Al-Saud reparou em três pormenores: no cabelo, na boca e nos olhos. Os caracóis tinham desaparecido, e a cabeleira caía, lisa e comprida, à volta dela. Tão comprida! Ele não se lembrava de ter visto um cabelo tão comprido. O loiro natural brilhava em contraste com o vestido preto e enchia-a de luz, mas se se prestasse atenção, pensou Eliah, percebia-se que essa luz emanava dos seus olhos, habilmente maquiados, porque os tinha pintado sem os endurecer nem os despojar da candura que ele amava. A boca, pelo contrário, pintada de vermelho, falava de uma mulher erótica. Que se tivesse embelezado dessa forma para outro que não fosse ele despertou o pior da sua essência, a raiva, os ciúmes, o impulso agressivo. Ela tinha esse poder: obter dele o melhor, mas também o pior.

Era óbvio que Juana a estava a avisar da sua presença. E da de Céline. A atitude de Matilde deixou-o inquieto, ia-se embora. Um imbecil meteu-se no seu caminho de propósito. Estava há algum tempo a devorá-la com o olhar. Ao ver que o homem lhe tocava, Al-Saud deixou Céline e dirigiu-se, cego, até ela. Ficou nas suas costas e ouviu Ezequiel a apresentá-los em inglês.

- Mat, este é o René Sampler, o amigo que me emprestou o carro para vos ir buscar ao aeroporto.

Por fim, o enigma de Sampler estava desvendado, embora para Al-Saud não fosse motivo de satisfação. Antes que Sampler lhe tocasse de novo e a beijasse na face, interveio:

- Desculpem - disse em francês. - A senhora e eu temos de conversar. Pegou-lhe no braço, mesmo por baixo da axila, e arrastou-a até ao hall de entrada.

- O que é que estás aqui a fazer?

- O Jean-Paul organizou esta festa para mim e para a Juana. O que é que tu estás aqui a fazer?

- A tua irmã pediu-me que viesse com ela.

- Ah, a minha irmã. Não sabia que eram amigos.

- Sim, há muitos anos, desde que chegou a Paris e a Sofia me pediu a mim e aos meus irmãos para a integrarmos no nosso grupo de amigos.

- Sim, claro. A Celia gosta muito de se integrar... Sobretudo com os homens. Lançou-lhe um olhar cínico, deu meia volta e afastou-se, Al Saud permaneceu atónito; não a sabia capaz daquele olhar agressivo, nem dessa reprimenda.

Matilde tremia. O breve encontro com Eliah tinha-lhe esgotado as forças. Perguntou-se como tinha sido capaz de lhe responder. Os ciúmes, talvez, tinham-na endurecido. Não suportava que Celia e ele tivessem chegado juntos à festa; que Celia tivesse ocupado o seu lugar no carro esportivo inglês; que lhe tivesse pedido que pusesse a música de Jean-Michel Jarre. Tinha-lhe tocado? Tinham-se beijado? Eram amigos de longa data. Celia não tinha amigos. Ela colecionava amantes desde a adolescência.

Fechou-se no banheiro. Olhou-se ao espelho. Queria fugir daquela festa. Compadeceu-se imediatamente de Ezequiel e de Jean-Paul. Abriu a porta e regressou com calma, que se quebrou em mil pedaços quando viu Roy a discutir com Juana. Ao vê-la, Blahetter avançou para ela e abraçou-a. Tentou beijá-la nos lábios e ela afastou a cara.

- Larga-me! Agora mesmo! Já! E quanto a ti - fulminou Ezequiel com o olhar -, nunca te vou perdoar por esta traição.

- Não o culpes a ele interveio Roy. Eu pedi-lhe para manter a minha presença em segredo.

- Ezequiel, podes chamar-me um táxi, por favor? Vou-me embora agora mesmo.

- Embora? Só por cima do meu cadáver. Esta é a tua festa. O Jean-Paul organizou-a com muito carinho. Quer impressionar-te. Ezequiel envolveu-a nos braços e falou-lhe ao ouvido. Ele sabe que, depois dele, tu és a pessoa mais importante para mim, e procura cair-te nas boas graças. - Passado um silêncio, confessou-lhe: - Mat, gosto de ti como de ninguém. Não te vás embora, por favor. Perdoa-me. O meu irmão suplicou-me que não te dissesse que estava em Paris. Queria fazer-te uma surpresa esta noite. É o meu irmão, percebe-me, por favor. E está desesperado para te recuperar.

Matilde não articulou qualquer palavra; um nó na garganta impedia-a de falar. Estava viva graças a Ezequiel e a Juana, mas sobretudo a Ezequiel. Abraçou-se a ele até que o seu corpo parou de tremer.

- Está bem, eu fico, mas o Roy que se mantenha afastado - disse em voz alta.

- Manter-me-ei afastado - aceitou ele com ar ofendido - se primeiro aceitares falar comigo. Serão apenas uns minutos, nada mais, e é importante. - Matilde lançou-lhe um olhar furioso. - Só uns minutos, por favor.

Assentiu, e Ezequiel acompanhou os a uma salinha. Blahetter fechou a porta e o bulício da festa acalmou

- Recebeste o quadro?

- Sim.

- Leste a minha nota? - Matilde não respondeu. - Meu amor, por favor...

- Roy, disseste que era importante.

- O nosso casamento não é importante? - Matilde dirigiu se para a porta. - Está bem! Não vou falar do nosso casamento. Dá-me a tua Medalha Milagrosa - ordenou-lhe, enquanto tirava uma pequena chave do bolso das calças.

- O quê?

- Dá-me a tua Medalha Milagrosa, Matilde. Devolvo-ta dentro de uns segundos.

Matilde escondia-a por baixo da gola do vestido. Teve de tirar as luvas para abrir o fecho do fio. Entregou-lha. Blahetter acrescentou a chave. Tentou repô-lo, mas Matilde tirou-lho da mão e guardou-o na carteira de camurça preta.

- Agora quero que me ouças com muita atenção. - A mudança dele, que de repente adotou um ar grave e maduro, surpreendeu-a. - Esta chave pertence a um cofre da Gare du Nord. Alguma vez foste à Gare du Nord?

- Matilde negou com a cabeça. - Não importa. O Ezequiel sabe onde fica. Na chave está o número do cofre. Nesse cofre encontrarás uma carta que te escrevi e que só abrirás se me acontecer alguma coisa.

- Roy, por amor de Deus! Estás a assustar-me.

- Não me vai acontecer nada. Estou apenas a ser precavido. Nessa carta há instruções. Segue-as rigorosamente. Entendido?

- Roy, em que problema estás metido?

Blahetter avançou para ela e deteve-se a um passo. Admirou-a com um sorriso. Estava tão bonita. Não queria assustá-la e confessar-lhe que não tinha sido a sua inteligência prodigiosa mas sim a coincidência que o tinha salvo de cair uma segunda vez na armadilha do professor Orville Wright. Numa tarde, enquanto descontraía a mente passeando pela margem do Sena, no quai de Béthune, na île Saint-Louis, viu-o sair de uma mansão e entrar num carro. O motorista abriu-lhe a porta de trás e, apesar de estar a anoitecer, Roy teve a oportunidade de lhe estudar a cara. Tratava se de um tipo peculiar, com aspeto germânico, de cabelo loiro muito curto e maxilares proeminentes. A presença

de Wrigth em Paris disparou os alarmes Por esse motivo, quando combinou um encontro com o professor Jurkens, escolheu o restaurante L'Espadon do Ritz Hotel, ao qual Ezequiel e Jean-Paul o tinham levado a jantar noites antes. A decoração clássica e pesada do lugar deu-lhe a possibilidade de se ocultar e de espiar. E ali estava o motorista do professor Orville Wright, que garantia ser o doutor Jürkens, um físico nuclear interessado na sua revolucionária centrífugadora de urânio. Blahetter lançou alguns francos para cima da mesa e deslizou para fora do hotel. O alívio que sentiu por ter descoberto a armadilha a tempo não foi suficiente para neutralizar a desilusão por outra oportunidade perdida. Voltava à estaca zero. Agora dependia dos contactos de Aldo.

Desde a tarde em que confirmou as suas suspeitas e em que os seus sonhos se voltaram a desvanecer, Blahetter vivia alterado, com a impressão de que o seguiam e espiavam. Essa sensação perturbadora levou-o a conceber um plano. Escondeu o invento. Depois escreveu a carta para Matilde e escolheu uma das empregadas domésticas de Jean-Paul, a mais esperta, para que a depositasse num cofre na Gare du Nord. Caso ele morresse, desejava que Matilde desfrutasse dos lucros da sua genialidade.

- Está tudo bem, meu amor. Permitiu-se passar-lhe o dorso do indicador pela face para se deleitar com a suavidade da sua pele. - Não me vai acontecer nada de mal. E, um dia, seremos felizes. Prometo-to.

A angústia de Al-Saud adquiria dimensões colossais e ele não fazia qualquer esforço para se acalmar. Só queria abandonar aquela casa com Matilde. Vê-la nos braços de Roy Blahetter, o marido, tinha significado um duro golpe. Vê-la afastar-se com ele até à intimidade de outra divisão ameaçou desmentir aqueles que garantiam que os Cavalos de Fogo são de sangue-frio. Bramia por dentro, ofuscado pelos ciúmes e a impotência. Porque é que se fechara com esse sujeito que a tinha magoado? Não sabia que mecanismo o impedia de entrar na divisão, desfazer o filho da mãe e levar Matilde. Suava debaixo do colete e da camisa. O ambiente asfixiava-o. As atitudes de Céline, cada vez mais ébria, tornavam-se grotescas.

Passados alguns minutos, Matilde e Blahetter reapareceram na festa. Ela colou-se a Juana. Era evidente que estava incomodada. Blahetter seguia-a como uma sombra. O assédio de René Sampler também a mortificava. O escândalo estalaria a qualquer momento, e Al-Saud viu-o chegar quando a mão de Roy se precipitou para agarrar o antebraço de Sampler.

- Não toques na minha mulher ordenou-lhe em inglês, A tua mão na sua cintura é desnecessária.

Sampler não precisou de mais provocações. Atirou-se a Blahetter, e o confronto começou. Os convidados, ébrios na sua maioria, alguns drogados, incentivavam-nos. Ezequiel e Jean-Paul tentavam separá-los. Eliah teria levado dois minutos a detê-los, mas não se mexeu do seu canto. Dava-lhe gozo vê-los a matarem-se. Procurou Matilde entre a confusão. Endireitou-se. Não a encontrava. Tinha desaparecido.

Matilde correu para o interior da casa para se afastar da tempestade. Fugiria daquela festa. Ninguém a convenceria do contrário. Algo malévolo rondava as paredes e aquele grupo de pessoas. O álcool corria como água e ela tinha visto alguns a inspirarem um pozinho branco com a ajuda dos polegares.

Céline interceptou-lhe o caminho no corredor e pregou-lhe um susto de morte. Encurralou-a contra a parede, pondo-lhe a mão no pescoço.

- Que merda é esta que vieste fazer a Paris, Matilde? Tirar-me o que construí?

- Estás bêbeda, como o pai. Estás a repetir a história dele. - Ao dar-se conta das suas pupilas dilatadas num ambiente iluminado, acrescentou:

- E estás drogada.

- Odeio-te. Tiraste-me tudo em Córdova, o amor da avó e do pai. E agora queres tirar-me tudo o que consegui aqui. A tia Sofia não para de falar de ti. O Jean-Paul é meu agente, meu amigo - salientou, juntamente com a pressão na garganta de Matilde -, e nunca me organizou uma festa. Porque é que o Eliah falou contigo? Porque é que olha para ti como se te quisesse comer? Onde é que o conheceste?

- Em casa da tia Sofia. - Engoliu com dificuldade, dolorosamente. - Estás a deixar-me sem ar. Larga-me, Celia.

- Céline! O meu nome é Céline! Maldita cabra! O meu nome é Céline!

Matilde pôs o braço direito entre ela e a irmã e empurrou-a. Céline caiu e ficou sentada no chão, e Matilde dirigiu-se rapidamente para a zona do hall de entrada. Temia Celia; adivinhava-se no seu semblante um laivo sinistro; a beleza não era suficiente para disfarçar o ódio que ardia no seu coração.

- Matilde!

A voz lê-la parar de repente. Virou-se. Al-Saud contemplava-a com um sobretudo e o seu blusão de cor marfim nas mãos. Apareceu Juana e encontrou-os a olharem um para o outro através do espaço do hall de entrada.

- Que fantástica, fantástica esta festa - cantarolou, com cara de circunstância. - Tira-a daqui, bonito, por favor. Não te preocupes - disse antes que Matilde conseguisse falar -, vou pedir ao Ezequiel para me levar a casa. Vai tranquila.

Al-Saud ajudou-a a vestir o blusão antes de se cobrir com o sobretudo. Agia em silêncio, com o rosto desprovido de emoção. Abandonaram o prédio da avenue Charles Floquet e caminharam até ao Aston Martin sem pronunciar uma palavra. Al-Saud mantinha-se afastado; a sua indiferença envergonhava-a e intimidava-a. Juana tinha-lhe imposto que a tirasse dali. «Não, não», protestou. «Ele tinha o meu blusão na mão. Queria que saíssemos juntos.» Matilde deu-se conta de que a frieza e o silêncio dele tentavam ocultar a sua fúria e os seus ciúmes. Magoara-o na noite anterior e também em casa de Jean-Paul. «Sou orgulhoso, Matilde», tinha-a advertido. A sua irritação atingia-a como uma energia vibrante e quente.

Al-Saud abriu a porta do acompanhante e, sem olhar, esperou que ela entrasse para a fechar com um gesto seco. Matilde colocou o cinto de segurança e, como lhe tremiam as mãos, demorou a acertar na ranhura. Os pneus do Aston Martin chiaram sobre o pavimento, e o carro disparou a toda a velocidade. O barulho do motor apoderou-se do carro como uma manifestação da ira do seu condutor. Matilde agarrou-se à pega por cima da cabeça.

Apesar de se encontrarem a poucos quarteirões da avenue Elisée Reclus, Al Saud não estava preparado para a levar para sua casa. Acelerou a fundo na solidão da noite, enraivecido, colérico, louco de ciúmes, ofuscado devido à , confusão das suas emoções. Porque é que ela tinha aquele efeito nele? Com que poder contava para o fazer? De que fonte provinha o domínio que ela exercia sobre o seu estado de espírito? Deu uma guinada e travou o carro. Matilde balançou-se no assento. Al-Saud esticou os braços sobre o volante e deixou cair a cabeça.

- Eliah. - Era disso que falava, do poder dela que, só ao pronunciar o seu nome, lhe tornava as entranhas líquidas. - Eliah - ouviu-a repetir.

Quando lhe passou a mão pelo braço direito, fê-lo tremer; nenhuma mulher o fazia tremer com um gesto tão simples. Endireitou-se no assento e fixou o olhar no centro do volante.

- Eliah, por favor, olha para mim.

Fez-lhe a vontade e, na penumbra do Aston Martin, Matilde manifestou-lhe com os seus olhos a tristeza e a insegurança que a assolavam. Ele, não entanto, continuava ferido e cheio de raiva.

- Ter-te-ia destruído com as minhas próprias mãos ao ver-te chegar tão bonita. Para quem é que te vestiste assim? Para o sacana do teu marido?

- Não sabia que o Roy estaria na festa! Nem sequer sabia que estava em Paris.

- De onde é que tiraste esse vestido e tudo o que estás a usar?

- Foi o Ezequiel que me comprou.

- Quantas vezes te pedi que me deixasses comprar-te tudo? Porque é que me desprezas a mim e a ele não?

- O Ezequiel é como um irmão, Eliah.

- E eu o que sou para ti, Matilde? Que diabos sou?

Matilde tirou o cinto e aproximou-se dele. Acariciou-lhe o cabelo, a orelha e o pescoço. Esticou-se para lhe falar ao ouvido.

- És quem me faz sentir o que nunca tinha sentido. És quem está sempre na minha mente, como nunca nenhum homem tinha estado. És quem me desperta um desejo que nunca tinha conhecido.

Al-Saud virou a cabeça e, ainda com as mãos no volante e os olhos fechados, arrastou os lábios entreabertos pelos dela.

- Hoje, na festa - disse, num tom ressentido queria reclamar-te em frente de todos e gritar que és minha e não podia, e consumi-me de ódio e frustração.

- Oxalá o tivesses feito em vez de estares com a Celia a deixar que ela te tocasse e namorasse contigo. Tu por acaso não és meu?

«Sim, sou teu, como um escravo é do seu amo! Mas antes morrer do que admiti-lo
>>

- Não te podia reclamar porque na verdade não és minha. Porque nunca te quiseste entregar a mim.

- Agora quero ser tua, Eliah. Quero entregar-me a ti. Já é tarde? Odeias-me demasiado pelo que te disse ontem à noite? Já te perdi?

Matilde ouviu o barulho do cinto de Al-Saud a desapertar-se e, de seguida, viu-se engolida pelo tronco dele que a colocou no espaço entre os dois assentos e se apoderou da sua boca com uma veemência que falava da sua fúria. Matilde segurou-lhe na cabeça e também o devorou. Ao penetrá-lo com a sua língua, ouviu o gemido rouco que brotou da sua garganta e sentiu as vibrações desse som tão masculino que a fendeu como ondas e lhe arrepiou a pele.

- Meu Deus, Matilde - suplicou ele, agitado. - Porque é que tem de ser assim contigo? Porque é que perco o controle? Porque é que me torno irracional?

Matilde não percebeu o que ele dizia; tinha falado em francês e demasiado rápido. Ficou quieta, com a cabeça para trás, enquanto lhe permitia que ele a mordesse e lhe lambesse o pescoço e lhe abrisse o fecho do blusão. Solto um gemido longo e dolente e agarrou-se ao cabelo de Al-Saud quando a boca dele se fechou à volta de um mamilo que aflorava sob o cetim do vestido, e depois do outro.

-Por favor - suplicou, quase sem ar. - Por favor, Eliah.

Al-Saud afastou-se de repente, pôs o cinto e ligou o Aston Martin. Intimidada, Matilde colocou-se no seu assento e ajeitou o cabelo e o blusão. Os mamilos umedecidos palpitavam-lhe. A mão direita de Al-Saud apertava-lhe o joelho magro, trepava pela sua perna e subia-lhe o vestido até que uma mudança o obrigava a abandonar o trabalho. Matilde, com a cabeça de lado virada para a janela, cerrava os punhos e mordida o lábio.

O momento tão ansiado e tão temido aproximava-se. O carro devorava os quarteirões, e o seu medo crescia.

O portão de ferro forjado e vidro fechou-se atrás do Aston Martin, e Al-Saud saiu em silêncio. Abriu-lhe a porta e estendeu a mão para a ajudar a descer. Matilde não podia saber o que significava para ele que ela tivesse penetrado nesse recinto sagrado. Conduziu-

a até ao hall de entrada. Acendeu as luzes, e Matilde girou sobre si, atónita, com a sensação de se encontrar num sonho, porque havia algo de onírico na cúpula de vidro colorido sobre ela, no parquet escuro com desenhos de plantas em madeiras de tons amarelos, na escada imponente e no corrimão com trepadeiras e flores de ferro forjado, nos janelões com arcos de volta inteira e vitrais, nas finas colunas com capitéis que representavam samambaias e copas de palmeiras. Tudo parecia imaculadamente limpo e, apesar da altura do teto e da amplitude da divisão, o ambiente estava quente.

- Esta casa é fantástica. Nunca tinha visto algo tão magnífico e original.

- Gostas mesmo?

- Se gosto? Tenho a sensação de estar num sonho.

Foi exatamente isso que Al-Saud pensou no dia em que ali entrou pela primeira vez, decidindo preservar o estilo arquitetónico.

- É de finais do século XIX, produto da Art Nouveau. - explicou-lhe, enquanto a guiava pelas escadas. - Alguns atribuem-na ao pai deste movimento, o arquiteto Victor Horta. Dei-lhe um aspeto mais moderno, mas não toquei no estilo.

- Já devia saber que a tua casa me surpreenderia, tal como tu me surpreendes, Eliah.

No patamar, apoiou-a contra um janelão de vitrais exóticos e coloridos e tirou-lhe o blusão, que pendurou no ramo de uma trepadeira da coluna. Descansou a testa na cabeça de Matilde e acariciou-lhe os ombros e, enquanto descia pelos seus braços, arrancou-lhe as luvas, que caíram no chão.

- O que te surpreende em mim?

- Surpreende-me o poder que tens sobre mim. - Ele riu-se.

«Que ironia!», pensou. - Surpreende-me estar aqui. Quero estar aqui, não há nada que deseje mais, e ao mesmo tempo estou apavorada.

Al-Saud pegou nela ao colo para subir o resto dos degraus. Matilde levantou o olhar e viu que as escadas continuavam por mais dois andares e que a casa terminava noutra cúpula colorida. Nunca tinha vivido essa sensação de plenitude e felicidade combinada com pânico. «Com o Eliah vai ser tudo diferente», animou-se, e colou o rosto à face dele, inspirou o seu perfume e delineou o ângulo reto do maxilar com beijos. Al-Saud avançava por um corredor longo, tão excêntrico como os outros, com um teto curvo em ferro e vidro esmerilado, que se assemelhava a uma grande estufa. No fim do corredor, Al-Saud empurrou uma porta com o pé e deu a volta ao interruptor até conseguir uma luz ténue. Colocou-a na cama de casal elevada sobre uma base. Matilde levantou-se. Al-Saud tirou o sobre-tudo preto, os sapatos, as meias e o colete azul às riscas brancas, tudo instantaneamente, e Matilde começou a retrair-se. A visão do tronco nu dele, escuro, peludo e firme, silenciou por instantes os gritos de terror da sua alma. Podia identificar cada músculo - os deltóides, os peitorais maiores, os trapézios, os abdominais, o denteado anterior, os bíceps braquiais e os braquiorradiais -, havia disciplina naquele corpo, horas de exercício físico, sem alcançar a hipertrofia muscular de que ela não gostava nada. Pareceu-lhe o tronco de um homem saudável e vigoroso, e desejou sentir o seu peso sobre ela. Ele continuava a tirar a roupa, sem deixar de a fitar. Por fim, só restavam os boxers, que evidenciavam a sua ereção.

Al-Saud apercebeu-se do pânico de Matilde. Quase lhe deu vontade de rir a expressão desolada que ela lhe devolveu depois de lhe estudar os boxers. Estava prestes a tirá-los, mas decidiu esperar. Aproximou-se da cama. Ela estava ajoelhada, pegou-lhe nos braços e atraiu-o para ele.

- Abraça-me! - pediu-lhe. - Estou morta de medo.

Al-Saud pegou nela e levou-a até um divã onde se sentou e a acomodou como se Matilde fosse um bebê. Beijou-lhe as sardas e os lábios, ainda pintados de vermelho, e olhou-a com intensidade. Ela fechou os olhos, e Al-Saud admirou o leque das suas pestanas pintadas de preto sobre a pele leitosa.

- Quero contar-te algo sobre mim - sussurrou, sem levantar as pálpebras. - É algo doloroso e humilhante, mas quero contar-to. Preciso de o partilhar contigo. Não sei porquê.

- Meu amor, Matilde, já te disse muitas vezes que quero saber tudo sobre ti.

- Quando me casei, em dezembro de 1996, era virgem. Tinha vinte e cinco anos e nunca tinha estado com um homem. Nunca um homem me tinha tocado nem beijado nem nada. E a ideia aterrorizava-me. O meu noivado com o Roy não foi longo, apenas oito meses, e durante esse tempo os seus beijos incomodavam-me e nunca lhe permiti que me tocasse. Eu sabia que algo funcionava mal em mim, mas negava-me a aceitá-lo.

- Porque é que te casaste com ele se não o desejavas?

- Porque o meu pai queria, a minha tia Enriqueta também, já te contei, e além disso... Bom... Porque pensei que ninguém mais me queria.

- Perante essa afirmação Eliah ergueu as sobrancelhas e franziu a sobrancelha - Ele estava tão apaixonado. Eu nunca tinha amado ninguém. Na realidade, não sabia o que sentir. Era tudo uma grande confusão! - exclamou, com voz estrangulada e reflexos do desespero.

- Calma - sussurrou ele sobre a testa dela, soprando-lhe nas pálpebras e beijando-a várias vezes.

- Casámo-nos e fomos de lua de mel. - Abanou a cabeça, sempre com os olhos fechados. - Não me quero lembrar desses dias. Foram terríveis. Passei o tempo a chorar e o Roy com má cara. Não podia aceitá-lo, não suportava a ideia de...

- De que te penetrasse - completou Al Saud. - Se queres superar o medo, meu amor, é melhor começas a falar do sexo como da coisa mais natural, porque é isso que é. Existe algo mais natural do que o meio pelo qual se perpetua a espécie humana?

- A minha psicóloga diz a mesma coisa, mas o medo é irracional, Eliah, não tem explicação. E é poderoso, tão poderoso como o que sinto por ti. Por isso acho que... Estou tão assustada!

- O que se passou com o teu ex marido?

- Tentámos durante meses. Não me quero lembrar, por favor.

- Não, não, nada de detalhes, só os fatos.

- Pedi lhe que- fôssemos à terapia de casal para superar o problema, mas ele recusava-se. É um homem muito reservado e desconfiado. E não tem uma boa imagem da Psicologia. Assim continuava a nossa ridícula vida matrimonial, sem intimidade. Eu retraía-me cada vez mais e ele tornava-se agressivo. Comecei a fazer terapia com uma psicóloga que me foi explicando porque é que sou assim, qual é a origem do meu trauma. A minha educação e a família disfuncional da qual sou oriunda e as coisas que tive de viver puseram-se de acordo para me tornarem numa mulher degenerada.

- Não voltes a dizer isso! - disse Al-Saud, irritado, e Matilde começou a soluçar. - Tu não és uma mulher degenerada, Matilde, meu amor, não tens nada de mal, confia na minha palavra. Cada vez que te tenho nos meus braços, sinto-te mulher, e o teu corpo vibra cheio de desejo por mim e faz-me feliz. Matilde, Matilde - sussurrou, perturbado pela sua desgraça, constrangido pela impotência.

- Eu magoei muito o Roy e ele magoou-me a mim. Numa noite... - Perante a inflexão na sua voz, Al-Saud soube que lhe contaria algo que ele não desejava ouvir. Numa noite chegou bêbado e louco de raiva. Tinha estado com o primo dele, o Guillermo, que lhe enchera a cabeça de ideias estúpidas. Discutimos. Acusou-me de ser frígida, de não ser uma mulher de verdade, chegou-me a dizer que dormia com outra. Estava louco e...- Embora soubesse o que lhe ia dizer, Al-Saud implorou-lhe que não o fizesse. - E violou-me.

Matilde ouviu a inspiração áspera e profunda de Al-Saud e, de repente, sentiu-se abandonada no divã. Abriu os olhos. Ele tinha-se afastado e dava murros na parede. Praguejava na sua língua. Ela entendia algumas palavras. *Merde. Merde. Maudit. Fils de pute. Fils de pute. Fils de pute*, Al-Saud levantou os braços por cima da cabeça e apoiou os punhos na parede. Deixou cair a cabeça e o queixo sobre o peito. Os músculos das suas costas contraíam-se e relaxavam-se à medida que inspirava para se acalmar. Matilde não sabia como reagir. Só precisava que ele a abraçasse, e parecia incapaz de lhe tocar. A raiva e o nojo mantinham-no afastado. Quis fugir. «Que noite terrível!», lamentou-se, deprimida e devastada.

Al-Saud ouviu-a mexer-se e virou-se. Matilde abandonava o quarto. Caminhou até ela em passos largos e deteve-a no corredor. Olharam se fixamente antes de ele a envolver num abraço. Matilde afundou a cara no seu peito, e Al-Saud apercebeu-se das suas lágrimas na pele. Comoveu-o o desespero que mostrava ao agarrar-se às suas costas nuas, como a uma tábua no oceano.

- Não me rejeites, Eliah, por favor.

Al-Saud apertou os dentes para não gritar como um louco. Tinha o interpretado mal. Ele não a rejeitava. Tomou-lhe o rosto com as mãos e beijou-lhe os olhos úmidos, o nariz avermelhado e os lábios trémulos.

-cMatilde. - Adorava pronunciar o seu nome. - Minha doce Matilde

- Estou apavorada, Eliah. Mas quero ser normal. Quero ser mulher.

- Eu vou curar-te, meu amor. Vou tornar-te minha e vou fazer te sentir mulher.

- Quero ser tua!

Pela terceira vez nessa noite, Al-Saud pegou nela e conduziu-a ao quarto. Deitou-a na cama, e ela encolheu-se como um feto. Eliah tirou-lhe os sapatos antes de a cobrir com

o seu corpo. Falou lhe ao ouvido, com suavidade, e indicou lhe como respirar para que a angústia diminuísse e o pranto terminasse. Pouco a pouco, os espasmos cederam e a opressão no diafragma diluiu-se- Nunca te contei como te conheci - disse ele.

- No avião.

- Não, tinha-te visto antes, enquanto fazias o check-in e te despedias dos teus amigos. Chamou-me a atenção que o teu cabelo tocasse no chão quando te puseste de cócoras para procurar alguma coisa na mochila.

- A sério? - Matilde sorriu, mas Al-Saud, que a abraçava por trás, não se apercebeu.

- Sim, fiquei a olhar para ti como um idiota. - Depois de uma pausa, lembrou-lhe: - Uma vez disse-te que não existem coincidências. Nesse dia, eu devia regressar a Paris no meu avião, mas um problema obrigou-me a ir no teu voo. Também devia viajar em primeira classe mas, quando tu e a Juana ficaram sentadas ao pé de mim, mudei de opinião. Tu já estavas ao meu lado e eu não podia deixar de olhar para ti. E tudo isso aconteceu para que estejamos os dois aqui esta noite, na minha cama.

- E para que tu me cures.

- Sim, meu amor, sim. Quero que te sintas bem. Vou tirar-te o vestido. - De seguida deu-se conta da tensão de Matilde. - Calma. Não vai acontecer nada que tu não queiras. Confias em mim? Preciso o saber.

- Como em ninguém - afirmou ela.

Matilde desvaneceu-se com o roçar do fecho a descer-lhe pelas costas e a delicadeza das mãos de Al-Saud ao tirar-lhe o vestido. «Pelo menos», pensou, «tenho uma lingerie bonita».

- Quero sentir a tua pele contra a minha - falou-lhe junto ao pescoço, enquanto encostava o tronco às costas de Matilde. - Gostas? - Matilde suspirou como resposta. - Que bonita estás esta noite! Que pena não te tenhas arranjado para mim.

- Esta tarde eu e a Juana fomos a um spa que o Jean-Paul nos ofereceu. E enquanto me penteavam e me maquiavam só pensava em ti, em quanto desejava que me visses assim, elegante e com o cabelo liso. - Matilde virou-se e colou a testa ao queixo de Al-Saud. - E de manhã, enquanto experimentava este conjunto de lingerie e este cinto de ligas, imaginava que me vias e me desejavas.

- Desejo-te - disse ele, com a voz rouca, pesada. - Muito.

Os seus lábios vagueavam pelo rosto de Matilde e as mãos rodeavam- -lhe as costas e a cintura fina. A visão dos mamilos eretos evidenciados sob o tule do soutien tentava-o, atraía-o, desbaratava as suas intenções de prudência.

- Vou desapertar-te o ...soutien.

- Na Argentina dizemos corpete - riu-se ela e, ao tomar consciência das consequências, calou-se de repente, atenta aos dedos de Al-Saud que diligenciavam nas suas costas para lhe arrebatara um dos seus últimos baluartes. Pensou no Jardim Perfumado, e lembrou-se de uma ilustração que a tinha excitado, a de um homem sentado em frente de uma mulher, ambos nus; ele apertava-lhe os mamilos, ela acariciava-lhe o pénis.

- Quero que encostes o teu peito ao meu e me sintas nos teus mamilos. Assim, muito bem - disse, e Matilde levantou o olhar para descobri-lo de olhos fechados e a boca entreaberta por onde escapava um arquejo. Queria fazê-lo feliz. Estendeu a mão, acariciou-lhe o maxilar e meteu-lhe o indicador na boca, que ele chupou com prazer ao mesmo tempo que lhe segurava nas nádegas e lhas apertava. Matilde sentiu um arrepio e ficou tensa. «Não, não», disse para si mesma. «Devo ter calma.» Distraiu-se ao reconhecer que achava fascinante a sensação da penugem do tronco dele nos seus mamilos, que se tinham tornado sensíveis, com a pele esticada; sentia também alguma dor, como quando tinha muito frio.

Al-Saud fechou a mão à volta de um seio de Matilde, baixou a cabeça e meteu o mamilo na boca. Depois, ajustou o braço à volta das suas costas para evitar que lhe escapasse. Matilde agarrou-se aos ombros de Eliah e respirou como ele lhe tinha ensinado. Os seus lábios e a sua língua enlouqueciam-na. Nada a tinha preparado para aquela experiência, a de fazer amor com desejo. O seu corpo agitava-se no abraço implacável de Eliah, e da sua garganta saíam gritinhos que não conseguia evitar por mais que a envergonhassem. Precisava que ele lhe acariciasse o outro mamilo, que lhe acalmasse a dor. Como se lesse a sua mente, Al-Saud deitou-a de costas. Matilde arqueou-se e deitou a cabeça para trás, enlouquecida de prazer, de confusão, de medo, de alegria. O latejar feroz que nascia entre as suas pernas aprofundou-se quando Al-Saud se colocou em cima dela. Os olhos de Matilde arregalaram-se. Sabia-se presa. A força dele era infinita.

- Matilde - chamou-a, e contemplaram-se durante uns segundos antes de Al-Saud cair sobre a sua boca. Beijaram-se, loucos de paixão, fundidos num abraço que não bastava. - Não tenhas medo, meu amor. Suplico-te, não tenhas medo de mim.

Não, não - arquejou ela, e soergueu-se quando ele abandonou a cama para tirar os boxers. O pânico, irremediavelmente, apoderou-se dela. Acabou encolhida contra a cabeceira da cama, com as pernas junto ao peito.

Al-Saud voltou à cama e sentou-se em frente dela, muito próximo. Expôs-lhe o membro de perto, em toda a sua magnitude.

- Isso não vai encaixar dentro de mim - pensou em voz alta.

Com um sorriso compassivo, ele pegou-lhe nas mãos e obrigou-a a deitar-se com a cabeça nos pés da cama. Colocou-se ao seu lado, e Matilde apercebeu-se da ponta do pénis a cravar-se na sua coxa.

- Não te assustes. Tirei os boxers porque não suportava a pressão. Já te disse que não vai acontecer nada que não queiras. Como te sentes até agora?

- Esquisita. Feliz - admitiu. - Assustada. E tu?

- Feliz por te ter na minha cama, algo que desejei desde o primeiro momento em que te vi e me custou muitíssimo conseguir.

- Diz-me que está tudo bem, que estou a fazer tudo bem.

- Estás a fazer tudo muito bem. E, se te enganasses, qual seria o problema? Afinal, esta é a tua primeira vez. Pelo menos eu considero-a assim.

- Para mim também é a minha primeira vez, mas de qualquer forma não me quero enganar. Não contigo.

- Porque não comigo?

- Tenho medo - soluçou ela.

- De que é que tens medo, meu amor?

- De te decepcionar. Morreria de vergonha. Não o suportaria. Tu és tão homem. Exalas tanta masculinidade que sempre soube que serias um amante extraordinário. Isso foi o que me assustou em ti, o que me levava a agir com frieza. Queria-te longe porque eras uma tentação demasiado forte para resistir. E eu tinha consciência das minhas limitações.

- Matilde, quero que nos sintamos à vontade na presença um do outro e possamos enganar-nos quando for necessário.

- Tu não te vais enganar em nada, eu sei.

Al-Saud sorriu.

- Que responsabilidade! E se sou um fiasco?

O rosto e a respiração de Matilde provocaram-lhe uma gargalhada; ela também se riu. Os risos foram-se extinguindo e os olhares foram-se tornando mais intensos. Os olhos de Al-Saud tinham perdido o seu verde natural para se tornarem negros. Contemplava-a fixamente, sem pestanejar. A sua seriedade pressagiava o que estava iminente. Tirou-lhe as cuecas de tule preto, franziu as sobrancelhas, aguçou a vista. Não tinha pelo. Apenas uma penugem loira, e não se tratava de depilação, ele sabia como era um monte de Vénus depilado, mais áspero e poroso. Passou a mão sem se deter perante a inquietação de Matilde e descobriu com o tato uma cicatriz muito ténue, de uma tonalidade esbranquiçada diferente da da pele; não tinha reparado nela à primeira vista. Desenhou-a com o dedo; parecia um sorriso sobre o púbis.

- De que é?

- Operaram-me quando tinha dezesseis anos. Não é nada.

Al-Saud continuou com o seu exame. Acariciou-lhe os antebraços e as coxas meio cobertas pelos collants.

- Não tens pelo, nem um. *Mon Dieu*, Matilde! Esfregou a cara no púbis dela. Ela contorceu-se e afundou-lhe os dedos na cabeleira.

Al-Saud agia tomado pelo delírio, a sua boca devorava Matilde. A resposta dela excitava-o. Penetrou-a com um dedo e apercebeu-se da sua umidade e da contração das coxas, que o apertaram de uma maneira surpreendente. O desejo que Matilde despertava nele era como tudo o resto: descontrolado, irracional, desmedido. Tateou o preservativo na mesa de cabeceira, rasgou a embalagem com os dentes e colocou-o com habilidade. Pôs-se em cima dela e ordenou-lhe que abrisse as pernas, primeiro em francês, depois em espanhol. Matilde obedeceu e abraçou-se ao seu pescoço. «Devagar», dizia para si próprio. «Muito devagar.» Não tirou a vista dela enquanto a penetrava. Era tão pequena, estreita e delicada. Esse pensamento excitava-o, custava-lhe reprimir-se.

- Estás bem? - Ela assentiu. - Relaxa, por favor. Quero que sintas o prazer que te posso dar. Deixa-me entrar. Estou a morrer de desejo. Deixa-me entrar.

Matilde fechou os olhos e sorriu, envolvendo-lhe a parte de baixo das costas com as pernas. Al-Saud respirou ruidosamente. Deteve-se, resistindo à maré de prazer.

- Como estás? Dói-te?

-Estás dentro de mim - conseguiu pronunciar com uma expressão extasiada, e ele beijou-a e bebeu-lhe as lágrimas. - Estás dentro de mim, Eliah, meu amor.

-Sim, estou dentro de ti. Conseguimos, meu amor.

- O que faço agora? Quero agradecer-te, quero fazer tudo bem.

Meu amor... conseguiu balbuciar, e esticou os braços para se balançar sobre ela e dentro dela até que o prazer o deixou exausto.

De modo inconsciente, Matilde cravou-lhe as unhas nas costas, pasmada ao descobri-lo nessa intimidade na qual Al-Saud se mostrava, ao mesmo tempo, dominante e brusco, vulnerável e rendido. Os seus gritos roucos comoveram-na, as suas investidas sacudiram-na, a sua expressão de dor impressionou-a. Ele desabou, aliviado, sobre ela, e Matilde agarrou-se-lhe ao pescoço.

- Já estou curada.

- Já és minha - disse ele.

Al-Saud continuou a amá-la até que Matilde atingiu o seu primeiro orgasmo. Apesar de ter percorrido todo seu corpo e de não restar um centímetro da sua pele de que não se apoderasse, ela ainda continuava a ser um mistério para ele. Antes dessa noite, nunca tinha experimentado um orgasmo.

- Nunca te masturbaste? perguntou-lhe, incrédulo, e ela, ainda agitada e com os olhos fechados, moveu a cabeça para negar. - Matilde, meu amor - sussurrou.

- Eliah, beija-me, por favor.

Fundiram-se num abraço de pele ardente, coxas misturadas, bocas sedentas e mãos irreverentes. Matilde deslizou a sua entre os corpos deles e surpreendeu-o ao segurar-lhe o membro como tinha visto e lido no Jardim Perfumado. Ele arquejou e gemeu como ferido de morte. O pénis cresceu na mão de Matilde, enquanto o beijo se aprofundava e os dedos de Al-Saud acariciavam Matilde. Não encontravam saciedade, não existia o fim.

- Posso ir para cima de ti?

- Podes fazer o que quiseres. Coloca-me primeiro o preservativo.

-Eu?

Indicou-lhe como, e ela ria-se, nervosa. Ajudou-a a acomodar-se e a deslizar sobre a sua carne dura e quente até que o corpo de Matilde o engoliu por completo. Mostrou-lhe o ritmo correto. Al-Saud não conseguia fazer nada, limitava-se a admirá-la. Lembrava-lhe uma modelo dos pré-rafaelitas, voluptuosa e ao mesmo tempo diminuta. Um mistério. A sua Matilde. O seu amor. A sua mulher com cara de menina, sem pelo, com sardas e tranças. Na verdade, nunca tinha procurado apaixonar-se. Aquele tipo de paixão complicava uma vida excêntrica como a dele, No entanto, já não a concebia sem a sua Matilde. A grandeza do que nascia nele emocionou-o. Ergueu-se para ficar em frente dela. Matilde acomodou-se e recebeu-o na nova posição.

- Olha para mim - exigiu-lhe, e, por uns instantes, contemplaram-se em silêncio. - És a coisa mais bonita que vi na minha vida.

- E tu o melhor que me aconteceu na vida. Curaste-me.

O prazer surpreendeu-os com os lábios unidos e gemeram na boca um do outro até que caíram sobre a cama. Permaneceram imóveis enquanto recuperavam o fôlego. Matilde desembaraçou-se do peso dele e levantou-se da cama. Intrigado, Al-Saud ergueu-se para a observar. Matilde girava e girava em bicos de pés, com os braços esticados para o céu, a sua nudez meio velada pelo cabelo comprido.

- Estou curada! - clamou. - Estou curada!

Al-Saud correu para ela, levantou-a no ar e fê-la dar voltas. Os dois riam-se às gargalhadas.

- Quero que saibas algo. Este é o primeiro dia feliz da minha vida. E devo-o a ti. - Eliah engoliu em seco para desfazer o nó que sentia na garganta e pestanejou várias vezes para acabar com as lágrimas nos olhos. Lembrou-se das palavras de Sofia e de Juana. «Aviso-te, sobrinho, essa moça é um anjo que veio a esta Terra. Não a magoes. Já sofreu demasiado nesta vida.» «Aconteceram-lhe todo o tipo de coisas e matizes, e tal como a vês, tão pequena e afável, a nossa Mat enfrentou-as sozinha, porque teve azar com a família e não podia contar com a ajuda de ninguém.» Como nessas situações, acobardou-se. Não queria saber. Não suportaria a dor dela. A história da violação tinha-o devastado.

- É o primeiro, meu amor, mas não o último.

- Quero mais - pediu Matilde com ar brincalhão. - Há mais?

- Criei um monstro - disse ele, e caiu em cima da cama, com os braços em cruz.

Matilde observava-o a dormir. Estava consciente do esforço titânico que lhe fora exigido para que ela atingisse o seu primeiro orgasmo, e depois ofereceu-lhe ainda outro. Ao começar a noite, ela não ambicionava experimentar aquilo de que Juana sempre falava, «o orgasmo»; conformava-se em adquirir um aspeto de normalidade aceitando o membro de um homem no seu corpo, como qualquer mulher. No entanto, Eliah tinha-lhe regalado; tinha-lhe dado tudo. Era impossível conciliar o sono com o turbilhão de sensações que a dominavam. Em especial a felicidade, que experimentava pela primeira vez, tão pura e real, mantinha as suas pulsações elevadas. Desfez-se do abraço de Al-Saud e deixou o leito. Vestiu a camisa dele e inspirou com os olhos fechados quando uma onda de A Men lhe inundou o nariz. Caminhou em direção a uma salinha separada do quarto por uma abertura de arco de volta inteira. A salinha era circular, e as vitrinas côncavas, uma a seguir à outra, que iam do teto ao chão, rematavam as pétalas de uma flor desenhada no chão de madeira. Ainda estava escuro. Apoiou a testa e as mãos no vitral e soluçou em voz baixa. «Obrigada, Virgem Santa, por me teres preservado da morte para viver esta felicidade com o Eliah.»

Voltou ao quarto a secar as lágrimas com a manga da camisa. Al-Saud continuava a dormir, de barriga para baixo e com a madeixa caída sobre o rosto. Caminhou até uma porta que dava para o banheiro, de grande dimensão, com três lavatórios sobre mármore branco, um jacuzzi de cerca de dois metros de diâmetro e um chuveiro com portas de vidro. Não havia bidé. Atraíram-na os frascos de perfume numa prateleira, o de A Men e outros mais. Experimentou os todos e deu voltas com os braços esticados para que as fragrâncias se agitassem à sua volta. Cada detalhe a fascinava, inclusive o sabão de mãos

Roger & Gallet. Antes de sair, observou o cestinho para onde Al-Saud tinha deitado os preservativos. Foi invadida por um arrepio. Tinha sido mesmo ela a viver essa noite de paixão?

Voltou à salinha em forma de flor e viu que clareava. O vitral dava para um pátio interior de estilo andaluz, com uma fonte de majólica e palmeiras. Regressou ao quarto e descobriu que, em frente à porta do banheiro havia outra. Abriu-a. Um aroma fresco, como de pinheiro, veio ao seu encontro. Tateou na parede até encontrar o interruptor da luz. Tratava-se do closet de Eliah. «Se a Juana visse isto», pensou, enquanto avançava pelo recinto oblongo. Tantos ternos, sobretudos, blusões, sapatos, ténis, calças, camisas, T-shirts, gravatas, cintos. No fim, diante da porta, havia um espelho que ocupava toda a parede. Matilde estudou o seu reflexo a partir de vários ângulos, ensaiando poses e olhares. A camisa que a cobria até aos joelhos ficava-lhe enorme. Tapou a cara e riu-se ao evocar as coisas que Eliah lhe tinha feito. Ele era tão hábil e apaixonado, não temia nada, não se comprometia frequentemente. Era livre e tinha-a curado. Uma imagem sobre o espelho chamou a sua atenção. Tratava-se do seu frasco com um chapeuzinho, estava vazio e limpo Eliah guardava-o entre os seus relógios, frascos de perfume, várias carteiras, botões de punho de todo o tipo e um porta-notas de prata.

Ouviu passos. Comprovou que Al-Saud dormia. Entreabriu a porta que dava para o corredor e viu uma jovem avançar com o seu blusão e luvas pretas e uma pilha de toalhas. Afastou-se no momento em que a moça abria a porta para entrar. Ambas ficaram estáticas e mudas a observar-se mutuamente. O pânico e a dúvida começavam a tingir de negro o ânimo de Matilde até que um sorriso infantil da jovem tão rasgado que lhe deixou todos os dentes e lhe achinesou os olhos a despertou. Viu-a a colocar o blusão e as luvas compridas numa cadeira e achou graça ao sinal com que pediu que a acompanhasse ao banheiro. Notava-se que conhecia a casa e se movia com liberdade e autoridade. Abriu um armário que Matilde não se tinha atrevido a inspecionar e colocou as toalhas numa prateleira. Virou-se e voltou a sorrir. Matilde apresentou-se em francês, mas a jovem não abriu a boca e limitou-se a contemplá-la da cabeça aos pés sem pudor. Matilde achou que era muito bonita, apesar de ter o cabelo loiro acinzentado muito curto. O corte varonil emprestava um efeito dramático às suas feições suaves e arredondadas, como se se tratasse de uma peruca mal posta sobre a cara de boneca, de nariz reto e diminuto, boca pequena, lábios carnudos, e olhos enormes e escuros. Alta e magra, vestia-se com simplicidade, apesar de ter roupas de qualidade.

A jovem aproximou-se e pegou-lhe numa madeixa próxima do rosto. Por um instante, Matilde temeu que lhe puxasse o cabelo para a magoar. Pelo contrário, acariciou-o e cheirou-o. Indicou-lhe que se sentasse na tampa da sanitário e fez-lhe duas tranças. Aquela casa e moça, pensou Matilde, faziam parte da sensação onírica que a embargava.

- Matilde! - A voz de Al-Saud alertou-as, e a jovem sacudiu a mão incentivando-a a ir ter com ele. Matilde encontrou-o sentado na cama, encostado à cabeceira, o tronco nu, o cabelo desgrehado. Até nessa figura lhe pareceu o homem mais bonito.

- Onde estavas? - perguntou-lhe, com ar impaciente, um pouco irritado.

No banheiro, com uma moça que trouxe toalhas. - *Bonjour, ma petite!* - disse Al Saud, e a moça correu para a sua cama como uma criança desajeitada e atirou-se para os seus braços. Matilde não acreditava no que viam os seus olhos. Al-Saud agarrava-a e falava-lhe em francês e a jovem afirmava ou negava, mas não emitia qualquer som. De vez em quando, olhavam para ela.

- Matilde, esta é a Leila, uma grande amiga, que se ocupa desta casa.

Leila libertou-se do abraço de Al-Saud e caminhou para Matilde. Acariciou-lhe a face e segurou-lhe nas tranças.

- Já viste que bonita é, Leila?

A rapariga assentiu com veemência e fez o gesto de aproximar uma xícara da boca.

- Sim, traz-nos o café da manhã, por favor. - Dirigiu-se a Matilde em espanhol: - O que queres tomar? Café, chá, chocolate?

-Morro por um chá-mate, mas contento me com café com leite, por favor.

- *Café au lait pour Matilde, ma petite.*

A porta fechou-se atrás de Leila, e Al-Saud estendeu os braços para Matilde. Ela subiu para a cama pelo lado dos pés e gatinhou até ele. As tranças acariciavam o cobertor e os seios agitavam-se levemente debaixo da camisa. Nada resumia melhor a essência paradoxal de Matilde do que as tranças de menina e os seios de mulher. Al-Saud recordou a ânsia com que lhes tinha tocado na noite anterior, e o seu pénis começou a reviver. Pegou-lhe no antebraço e obrigou-a a acomodar-se em cima dele.

- Bom-dia - disse ela, e Al-Saud absorveu o hálito fresco e doce e as fragrâncias que exalavam a sua pele.

- Bom-dia, meu amor. Como te sentes?

- Feliz. Plenamente feliz.

O sorriso dele tirou-lhe o fôlego. Passou-lhe a mão pela face escurecida.

- Hoje não faças a barba. Adoro ver como ficas com esta barba.

- E eu adoro tudo em ti, minha Pechochura Martínez. Minha tarântula. - Meteu a mão debaixo da camisa e beliscou-lhe as nádegas. Nunca tinha visto um traseiro tão apetecível, pequeno e ao mesmo tempo arrebitado, cheio, gorducho.

«Sou tão sortudo por te ter encontrado», pensou Eliah, e não se atreveu a dizer-lho porque tinha algumas dúvidas em relação aos sentimentos dela. «O que sou eu para ti, Matilde? Só o que te curou? Vais deixar me para ir para o Congo?» Beijou a longamente, devagar, saboreando a sua boca, brincando com a língua dela. Deixaram de se beijar e perderam-se nos seus olhares.

- Estás bem? - interessou-se ele, e colocou a sua mão na vulva dela.

- Sim, muito bem. - Não lhe confessou que, ao caminhar, sentia um ardor; temia que ele se negasse a fazer amor com ela novamente.

Leila entrou empurrando uma mesinha com rodas.

- Como subiu até aqui?

- Há um elevador na zona de serviço. É tão velho como a casa. Deve ter sido dos primeiros elevadores de Paris. Depois, quando te mostrar a casa, vais vê-lo.

Leila serviu-os e saiu. Estavam famintos e comeram com prazer. Eliah regozijou-se com a imagem de Matilde a comer o segundo croissant e a beber o café com leite todo.

- Fala-me da Leila. Só é muda? Dei-me conta de que ouve sem problemas.

- Nem sequer é muda. Simplesmente decidiu não voltar a falar. - Contou-lhe a história dos irmãos Huseinovic, embora não tenha mencionado as violações que Diana e Leila tinham sofrido às mãos dos sérvios; não o podia fazer sem evocar a confissão da noite anterior. - Poucos dias depois de serem libertadas de Rogatica - também preferiu omitir que ele comandava o grupo de resgate -, Leila começou a comportar-se de uma forma estranha e a comunicar por sinais. Consultámos os melhores psicólogos e psiquiatras de Paris. Todos estão de acordo em que será ela a decidir quando quer regressar ao mundo dos adultos. Talvez prefira ser uma criança o resto da vida.

- Os irmãos dele também vivem contigo?

- Não. A Diana e o Sándor têm os seus próprios apartamentos nos subúrbios de Paris, mas vêm muitas vezes visitar a Leila. Trabalham para a Mercure.

- Que estranho que a Leila prefira viver contigo e não com os irmãos!

- Um psiquiatra disse-me que ela vê em mim a figura paterna de que precisa para se sentir protegida.

- Como se conheceram?

Tinha medo de contar-lhe a verdade. Não renegava o seu ofício, Deus sabia que os mercenários e os profissionais da guerra eram tão necessários como os médicos e os engenheiros, no entanto, as pessoas comuns não o compreendiam, e preocupava- o a opinião de Matilde

- Os irmãos trabalham para mim, foi assim que a conheci.

- Sim, eu sei. Foi a Diana que me tirou da sala de conferências.

«Nunca teria permitido que um dos meus homens te pusesse as mãos em cima», pensou ele.

- A Leila acabou por se revelar uma excelente cozinheira e trouxe-a para viver comigo. Viveu comigo no meu anterior apartamento até que me mudei para aqui. Agora ocupa-se desta casa e dirige as minhas duas empregadas, a Marie e a Agnesksa. Para isso não é uma criança, garanto-to.

- Nota-se que gosta muito de ti. Trata te muito bem.

- Tenho-lhe muito carinho. É bom chegar em casa e vê-la.

Matilde sentiu uma pontada de ciúmes que a envergonhou. Fingiu brincar com as migalhas dos croissants para esconder o rosto. Ezequiel dizia que era fácil adivinhar os seus pensamentos, e não desejava que Eliah lesse aquele em particular. Al Saud afastou a bandeja e obrigou-a a deitar-se; beijou-a no pescoço enquanto com uma mão tentava desabotoar-lhe a camisa.

- Quero fazer amor enquanto tomamos banho juntos.

Acabou de lhe tirar a camisa e ficou a olhar para ela, virada para a luz do dia. Com o indicador, percorreu a desde a depressão que se forma na base do pescoço até ao monte de Vénus liso, apenas manchado pela cicatriz em fôrma de sorriso. Uma vez escultara o seu pai dizer: «A minha pele não é assim tão escura. O que acontece é que, ao pé da tua mãe, pareço mais escuro do que sou.» Na verdade, a sua mão parecia preta sobre aquele ventre alvo, pintado de pequenas sardas castanhas. Separou os dedos e alcançou toda a superfície, de um grupo de costelas ao outro. Lambeu-lhe o umbigo e sentiu as mãos dela enredadas no seu cabelo, e apercebeu-se do seu tremor e ouviu a sua respiração entrecortada. Os mamilos de Matilde respondiam ao estímulo, endureciam-se e coloriam-se de um vermelho intenso.

- Vamos - ordenou.

Entraram no banheiro. Al-Saud obrigou-a a parar em frente do espelho e colocou-se atrás dela. Tapou-lhe o púbis com uma mão. O contraste impressionou-os e excitou-os. Matilde sentiu-o crescer no fundo das suas costas. Proferiu um soluço quando a outra mão dele lhe tocou nos seios.

- *Touche-moi* - pediu-lhe, e ela pegou-lhe com delicadeza. Al-Saud sentiu um espasmo e curvou -se,- *Mon Dieu*, Matilde!

Pegou-lhe nos ombros e virou-a para a beijar. Ela, que se sentia ousada e queria ia imita-lo, massajou-lhe as nádegas, e ele gemeu na sua boca.

-Chega - suplicou - ou vou acabar antes de ter começado.

Matilde ficou quieta em frente do espelho, tapando os seios com o antebraço e o monte de Vénus com a mão, enquanto seguia Al-Saud com o olhar. Ele movia-se com desenvoltura. Abriu a torneira do chuveiro e, em seguida, o vapor inundou a divisão atrás da porta de vidro. Do armário onde Leila tinha colocado as toalhas, tirou uma caixa de preservativos, Restava um. Entraram na banheira e abraçaram-se debaixo da chuva quente. Matilde suspirou enquanto os seus **músculos enfraquecidos iam**

- Como dormiste? - perguntou ele ainda abraçado a ela

- Não dormi toda a noite. - Al-Saud afastou a para a olhar - Não conseguia dormir - explicou-lhe. - Estava demasiado feliz .Exultante. Tinha as pulsações descontroladas. Talvez não tenhas a verdadeira noção do que a noite passada significou para mim, Eliah. Sinto que me devolveste a vida.

Ela começou com tímidas carícias - mal apoiava a ponta dos dedos nos músculos das suas costas, e depois no peito, e nos braços e antebraços, e nos abdominais. Al-Saud observava-a em silêncio, atento ao movimento das suas mãos, cada vez mais intenso e desinibido, e ao do seu rosto e desejo. Por fim, pegou-lhe nos testículos e acariciou-os.

- Por Deus. - Estremeceu, com a testa no ombro dela.

- Quero ter te de novo dentro de mim, Eliah, por favor.

Al-Saud empurrou a até que as costas de Matilde tocaram na parede quente do box. Pôs o preservativo sem vontade e pegou nela ao colo. As pernas de Matilde rodearam-lhe a cintura, e ele, que a segurava pelas nádegas, penetrou-a com lentidão esperando que Matilde se adaptasse.

- Estás bem? - Matilde, como que em transe, mal assentiu. - Diz-me que gostas, diz-me que adoras.

- Sim... Adoro. Por favor... Eliah.

Al-Saud retirou-se e voltou a entrar com mais ímpeto. Matilde gemeu e contorceu-se. De novo, saiu e entrou e enquanto repetia a operação até ter a certeza de que ela estava pronta para o receber na sua totalidade, sugava-lhe os mamilos. Investiu, elevando-a contra a parede. O grito dela fê-lo parar.

- Magoei-te? Estás bem? - perguntou, angustiado.

- Sim, sim. li que... Senti uma corrente elétrica dentro de mim, ali ao umbigo. Não pares, Eliah, por favor, não pares.

Segundos depois, os gritos de Matilde enfeitiçaram-no. Absorveu-a com o olhar enquanto ela se consumia e caía, lassa, sustentada pela parede e pelo seu tronco. Os movimentos dele recomeçaram. Matilde procurou os seus lábios e o beijo foi arrebatador. Al-Saud afastou a boca e Matilde teve a impressão de que o seu bramido atravessava as paredes e inundava a casa. Ele acabou no chão da cabine do box.

Matilde deu-lhe banho. E, depois, ele a ela. Não lhes era suficiente amarem-se daquela forma delirante; precisavam de continuar a tocar-se.

Al-Saud acabou de calçar um par de botas texanas e procurou-a com o olhar. Matilde encontrava-se na flor, como ele chamava à salinha circular com vitral zenital em forma de pétalas, Observava o pátio andaluz com a testa encostada à janela, Tinha o vestido preto da noite anterior. O cabelo molhado começava a secar e a ficar encaracolado. Ela virou a cabeça sem tirar a testa do vidro e olhou para ele,

- A tua casa é um sonho. Tu és um sonho. Ontem à noite e hoje de manhã foram um sonho.

Al Saud aproximou-se dela na flor e abraçou-a por trás.

- É a pura realidade, Matilde. És a minha mulher. Sentiste-te minha?

Ela virou-se e afundou a cara na camisa dele com um aroma de outro perfume diferente do A Men. Não queria chorar, nem sequer de felicidade.

- Toda tua, meu amor. E tu, és meu e de mais ninguém? - Matilde pensava em Celia e nas mulheres que o desejavam e que tentariam conquistá-lo. Por um momento, teve medo dele, da sua inconstância. Al-Saud levantou-lhe o queixo com o indicador e elevou-lhe o rosto.

- Em que é que estás a pensar?

- Não sei.

- Ontem à noite perguntei-te se confiavas em mim e disseste-me que sim.

Matilde abraçou-se ao peito dele e voltou a inspirar o novo perfume.

- Sim, és meu! Eu sei, eu sei.

- Porque é que duvidaste?

- Porque ontem à noite te vi com a Celia e fiquei louca de ciúmes.

- Ontem à noite vi-te com o tal Sampler, que não perdia uma oportunidade para te pôr as mãos em cima, e vi te fechares-te numa divisão com o teu ex-marido e fiquei louco de ciúmes, mas não duvidei de ti.

- Não aconteceu nada com o Roy. Só falámos.

- Eu sei,

Depois de lhe mostrar a casa, com exceção da base, deixou-a na cozinha com Leila para fazer umas chamadas. Matilde aproveitou outra linha e falou com Juana.

- Estou bem. Vemo-nos esta noite. E tu como estás? - O Shiloah vem buscar-me daqui a bocado. Estou bem. Adoro-te, amiga.

- Eu também.

Al Saud preparou-se para sair. Tinha de tratar de dois assuntos. Um não constituía problema, comprar preservativos; para o outro, pelo contrário, precisaria de uma arma. Foi até ao quarto e trancou a porta. Dirigiu-se ao Closet. Caminhou até ao espelho e tateou na parte superior até encontrar o interruptor. O espelho separou-se da parede e emitiu um som semelhante ao de uma lata a abrir-se. Al-Saud moveu-o para a esquerda como se tratasse de uma porta para revelar um pequeno arsenal. Pistolas de vários tipos e marcas, metralhadoras, espingardas, entre elas uma AK-47, uma metralhadora automática, para além de munições, carregadores, binóculos de visão noturna, um telémetro, uma bússola eletrônica, vários silenciadores e um marcador infravermelho de alvos, prolixamente colocados em suportes que perfilavam a silhueta da arma ou do instrumento. Havia uma fortuna em armamento e objetos. Fixou a sua atenção nas pistolas e decidiu-se por uma das suas preferidas, a Beretta 92, a mesma com que tinham assassinado o mensageiro do George V. Colocou-a perto do coração, no coldre auxiliar e tapou-se com o blusão Hogan de couro.

Encontrou Matilde metida num avental de cozinha ensinando Leila a preparar doce de leite.

- Como se diz bicarbonato de sódio em francês?

- Bicarbonate de soude, Leila, há na gaveta o banheiro do andar de baixo,

A moça correu para ir buscá-lo. Al-Saud colocou as mãos à volta da cintura de Matilde e sorriu-lhe.

- Excitas-me muito com esse avental e com a colher de pau na mão

- Excitas-me muito de qualquer forma - retorquiu Matilde, Al Saud lançou a cabeça para trás e deu uma gargalhada - Vais sair? - perguntou-lhe ao reparar que tinha o blusão vestido.

- Ficámos sem preservativos. - Voltou a rir-se e beijou-a por todo o lado fazendo-lhe cócegas com a barba. - Quero que fiques sempre corada. Estás muito bonita assim.

Comprou os preservativos, apesar de já ter decidido que não os usaria com Matilde. Com ela, queria sentir-se plenamente e não com a restrição do látex. Embora sempre se

tivesse protegido e todos os anos fizesse análises de rotina, no dia seguinte pediria à sua irmã Yasmin que lhe tirasse sangue para eliminar qualquer dúvida.

No apartamento de Jean-Paul Trégart mandou chamar o senhor Blahetter. O hall de entrada onde ele e Matilde se tinham enfrentado na noite anterior parecia calmo. Apareceram os dois irmãos, Roy e Ezequiel. Sem pronunciar qualquer palavra, Al Saud lançou-se sobre o mais velho e deu-lhe um murro no estômago que o deitou ao chão. Seguidamente pisou-lhe o pescoço com a bota texana.

- Eh! - gritou Ezequiel. Que merda é esta que está a fazer?

Al-Saud pegou-lhe pela camisola e puxou-o para si. Falou-lhe em espanhol.

- Não te metas. Isto não é contigo. - Mexeu um pouco a bota e Roy queixou-se. - Pedaco de merda, filho da puta, se volto a ver-te a mil metros da minha mulher, mato-te. - Empunhou a Beretta e acorcorou-se para lhe colocar o canhão na têmpora. - Ficou claro?

- Por favor! - interveio Ezequiel. - Deve haver algum engano. O meu irmão não vive...

- Nenhum engano! Estou a falar da Matilde! Da minha mulher!

- A Matilde não é sua mulher - balbuciou Roy -, nem de ninguém.

Al-Saud retirou a bota e colocou a Beretta debaixo do queixo de Blahetter.

- Não voltes a pronunciar o nome dela, monte de esterco. A Matilde é minha em todos os sentidos em que uma mulher pode ser de um homem.

O que tu tiveste à força, ela dá-me a mim livremente, tantas vezes quantas eu quiser.

Levantou-se e virou-se para enfrentar Ezequiel, que recuou assustado com a expressão de ódio no semblante escuro daquele homem que, na noite anterior, chegara com Céline e saíra com Matilde.

- Tu és o melhor amigo da Matilde, ou pelo menos é isso que ela acha. Para teu bem, mantém este merdas afastado da minha mulher ou tu também terás a tua parte por seres traidor.

Ao abandonar o prédio da avenue Charles Floquet, viu o carro preto a partir de onde Peter Ramsay ou algum dos seus especialistas vigiavam Roy Blahetter. Conduziu o carro desportivo pela margem do Sena até equilibrar as energias do seu espírito; acabava de viver um momento intenso e quase sucumbira ao impulso de dar cabo daquele desgraçado.

Ao regressar à avenue Elisée Reclus, encontrou Leila e Matilde a rir às gargalhadas na cozinha. Sándor e Diana contemplavam-nas de olhos arregalados Al Saud quis saber o motivo dos risos. Leila pegava num frango pelas asas e fazia-o dançar, sentar-se, cruzar as pernas, fumar. Ele também achou graça.

- A Leila parece uma criança com um brinquedo novo – comentou Diana, e apontou com a cabeça para Matilde. - Não deixa de lhe agradecer para conquistar a sua amizade.

- Acho que não lhe vai custar muito - opinou Al-Saud.

Nem Sándor nem Diana se atreveram a referir que se tratava da primeira vez que Al Saud levava uma mulher para casa. Eliah beijou Matilde nos lábios e fez sinal a Diana que o seguisse. Fecharam-se na biblioteca.

-No dia 5 de fevereiro será o encontro com o cientista israelita, o Moshe Bouchiki, no Semiramis Intercontinental do Cairo.

- Eu sei O Dingo explicou-me que tenho de o acompanhar. Pensei que tu te encarregarias do Bouchiki no Cairo.

- Não estou a ser seguido há uns dias. A Mossad pode estar atrás de mim, é melhor ir o Dingo. Mas quero que tu participes nesta missão,

E quero que sejas tu a abordar o cientista. O Bouchiki está à espera que lhe digas em inglês: «Diana e Artemisa são a mesma deusa.» - original - ironizou Diana.

- Ocorreu-me nesse nesse momento porque já estava a pensar em ti para esta missão Já estás preparada.

Diana ocultou o prazer que esse comentário lhe provocou atrás da máscara de dureza na qual o seu rosto se tinha convertido. Claro que estava pronta para qualquer missão Takumi sensei e Al Saud tinham-se ocupado do seu treino e ela não os defraudaria, Tinham sido generosos com ela, receptiva. Não só a instruíram sobre armas e a guerra, como a treinaram em várias artes marciais. Al Saud mostrou-lhe inclusive como ocultar a SIG Sauer na roupa interior e como abrir um rasgão na saia para ter acesso rapidamente a arma.

- Conheces bem a fisionomia do Bouchiki - continuou Al Saud dos dias que passámos em Ness-Ziona. O encontro será num local público, pois suspeito que o quarto dele estará controlado com câmaras e microfones, tal como os seus telefones. Através do Filippo Maréchal, o seu gestor de conta no Crédit Suisse, comunicarmos-lhe onde, em que dia e a que horas o abordaremos. O Dingo dá-te-á os dados depois, vais fazer-te passar por uma participante na convenção de cientistas. Ele entregarte-á a caneta, a darás ao Dingo da forma que ele tiver planeado e não te afastarás do Bouchiki até o Dingo regressar com o sinal de que as fotografias se veem corretamente.

- Como vamos tirar o Bouchiki do Cairo?

- O Dingo ocupa-se disso, mas primeiro o Peter terá de lhe tirar de cima os katsas da Mossad que andam a segui-lo como sombra.

- O Ramsay é bom nisso.

- Sim, é. E agora vamos almoçar. Estou faminto.

Almoçaram os cinco numa salinha do andar de baixo cujas janelas davam para o pátio andaluz. Leila parecia feliz, mexia as mãos e emitia sons para captar a atenção de Matilde, que fazia um esforço para tentar compreendê-la e para lhe falar no seu precário francês. Terminado Sándor e Diana levaram Leila ao seu passeio dominical, ao Bois de Boulogne, para montar a cavalo. Quis que Matilde a ajudasse a vestir o casaco. Matilde ajustou-lhe o cachecol, colocou-lhe o gorro de lã e beijou-lhe o nariz.

A casa ficou em silêncio com a partida dos irmãos Huseinovic.

- O que é que gostavas de fazer esta tarde?

- Gostava de voltar a um lugar da tua casa que me impressionou.

- A minha cama?

- A tua cama - disse Matilde, num tom sensual - é o lugar da tua casa que mais me excitou. Gostava de voltar à divisão onde está a piscina. Na água-furtada, por cima do ginásio, com teto envidraçado e vastos janelões embaciados, encontrava-se a grande piscina retangular rodeada de ripas de madeira. Tinha cadeiras compridas e cadeirões de cana da Índia com almofadões. Matilde caminhou, descalça, sobre o soalho de madeira e inspirou o ar carregado de umidade e de aroma a cloro. Al-Saud tinha tirado o roupão e observava-a, nu, ao longe. Ela também tinha um roupão branco com o escudo do George V, que tirou com movimentos deliberados; primeiro descobriu os ombros, e depois ele viu-lhe as omoplatas e as costas a tornarem-se finas na cintura; o tecido lambeu-lhe o traseiro arrebitado e Al-Saud teve uma ereção. O roupão caiu sobre as ripas de madeira, e Matilde virou a cabeça e olhou-o sobre o ombro.

- Apanha-me. Se conseguires. - Lançou-se de cabeça à água quente da piscina. Eliah seguiu-a. A perseguição durou mais do que ele tinha planeado. Matilde movia-se com rapidez e agilidade, e esperneava quando Al-Saud tentava segurar-lhe nos tornozelos. Exausta, nadou até à borda da piscina, e Al-Saud cobriu-a com o seu corpo ainda risonho e ofegante. Matilde descansava a face sobre os braços e respirava pela boca.

- És boa a escapular-te - disse ele, intencionalmente.

- A Juana e o Ezequiel nunca me conseguiam apanhar.

Foram-me acalmando. O movimento da água fazia-os balançar e, com o peito, ele friccionava-lhe as costas. A mão de Al-Saud vagueou pelas pernas de Matilde e acabou por se introduzir na fenda entre as suas nádegas. Ela levantou a cabeça e emitiu um arquejo, mais escandalizada do que excitada.

- Não - disse Al-Saud, e a sua voz áspera e severa transmitiu a ânsia que o dominava. - Não te vires. Quero possuir-te assim, nesta posição. Por trás.

Matilde meteu os dedos entre os resquícios do tabuado de madeira para resistir à dor que lhe provocava a pontada entre as pernas; os seus mamilos, endurecidos, também lhe doíam, e comprimiu-os contra a parede de azulejos da piscina. «Por trás», repetiu, e evocou um trecho d'O Jardim Perfumado. «A posição da ovelha.» Ficou com frio quando ele se afastou para ir buscar o preservativo e contou até quarenta e sete, o tempo que ele demorou a regressar. Al-Saud passou-lhe o queixo pelos ombros com a barba de um dia, dura e pontiaguda, enquanto as suas mãos lhe acariciavam os seios e desciam para lhe arrancar gritinhos que o fascinavam.

- *Mon Dieu! Comme tu me fais bander!*

Apesar de ter falado em francês, Matilde compreendeu-o. Juana tinha averiguado que estimular sexualmente se dizia *bander*; tratava-se de uma expressão muito vulgar, semelhante a «excitar».

- Por favor, Eliah, por favor...

- Por favor o quê?

Matilde virou o rosto para ele e ofereceu-lhe a boca.

- Por favor rogo-lhe, beija-me enquanto me penetras.

Al-Saud sentiu que o seu corpo se diluía na água quente. Pegou-a pela parte mais fina da cintura e puxou-a para si, beijando-a. Matilde agarrou-se à tábua de madeira com uma mão e com a outra, num ato reflexo, apertou a nádega de Eliah numa tentativa de o ter mais dentro dela. O orgasmo foi demolidor. Matilde, que não se conseguia manter-se em pé, ter-se-ia afundado se Al-Saud não a tivesse apertado contra o seu peito. Manipulou-a como a uma boneca de trapo e colocou-a à sua frente. Matilde descansou a cabeça sobre a borda da piscina, com a boca entreaberta, os olhos fechados; os seus seios flutuavam na água, os mamilos ainda eretos. «É a coisa mais bonita que vi na minha vida.» Não o disse em voz alta porque detes tava repetir-se; no entanto, esse pensamento aparecia cada vez que a linha relaxada depois do orgasmo.

Saíram da piscina, e Al-Saud secou Matilde antes de a envolver no roupão e colocá-la sobre os almofadões de um cadeirão de cana-da-índia, onde se juntou a ela segundos depois, após secar-se e tapar-se. Matilde aconchegou-se no seu peito.

- Era impossível eu imaginar a grandeza do sexo - comentou, ainda lânguida. A minha mente não estava preparada para isto. Estou tão feliz.

- Ha uma coisa que quero negociar contigo - afirmou Al-Saud, e Matilde inquietou-se porque pensou que lhe falaria do Congo.

- Eu não sei negociar. A Juana diz sempre que fico a perder nas negociações, que cedo demasiado rápido.

- Aqui vais sair a ganhar, garanto-to. Não quero usar preservativo contigo, Matilde.
- Ela endireitou-se e olhou-o fixamente. - Contigo quero sentir plenamente.

- E com o preservativo não sentes plenamente?

- Não. É como usar luvas. Perde-se muita sensibilidade.

- Mas...

- Amanhã vou tirar sangue para eliminar qualquer dúvida. Sempre fui extremamente cuidadoso, nunca fiz sexo sem proteção e faço análises regularmente. De qualquer forma, quero estar bem seguro e por isso amanhã voltarei a repeti-las. Dentro de uma semana estarão prontas entretanto, continuaremos com os preservativos, - Ficaram em silêncio a olhar um para o outro. - Tu tens cuidado? Sim. já sei. É uma pergunta estúpida. Evidentemente que não.

- Eu ocupo-me disso.

- Então, estás de acordo? - Matilde acenou com a cabeça. - Obrigado, meu amor. - O consentimento dela não lhe provocou a alegria esperada. - Estás bem? - sussurrou-lhe sobre a têmpora.

- Sim, muito bem.

- Matilde, meu amor, olha para mim. - Ela obedeceu. - Se preferes que use preservativo, não há problema. Não quero que te sintas pressionada a...

Matilde calou-o colocando-lhe o indicador sobre os lábios. Voltou a endireitar-se e pegou-lhe na face com as mãos.

- Eliah, faz-me feliz o que me pediste. Acho que sou importante para ti.

- És, Matilde! Por acaso não sabes? Mas notei que ficaste com um ar estranho depois de o mencionar.

- Deve ser a noite em claro que começa a fazer efeito. Eliah, quero que saibas que, depois de o Roy... Bom, depois daquilo acontecer, fiz o teste ELISA, o que detecta os linfócitos... Bom, não interessa. O teste para saber se existe o HIV no sangue. Deixei passar o período de incubação, três meses, e fi-lo. Não me sentia segura porque sabia que o Roy tinha uma amante, por isso fi-lo. Deu negativo. Por via das dúvidas, repeti o teste em novembro passado e voltou a dar negativo.

Al-Saud não disse nada e beijou-lhe o topo da cabeça. Como a sentia tensa, destapou-lhe o braço e fez-lhe lânguidas carícias.

Por volta das oito, Matilde acordou na cama de Al-Saud. Vislumbrou-o de olhos semicerrados. Estava a observá-la. Beijou-a no pescoço e nas faces quentes. Matilde riu-se.

- Fazes-me cócegas com a barba.

- Não me disseste que gostavas?

- Adoro! És o homem mais bonito e viril que conheci, Eliah Al-Saud. Ainda não sei como é que te fixaste em mim.

- Na *Pechochura* Martínez? Será que é por esse rabinho de tarântula que tens? - Deslizou a mão por baixo do roupão e acariciou-o. - Meu

- Deus... Fico excitado só de imaginar o teu bumbum.

Afastou-lhe o decote do roupão com o queixo até expor um dos seus seios. O mamilo endureceu mal lhe tocou com a ponta da língua. Matilde fechou a mão na nuca dele e gemeu. Al Saud procurou o outro e saboreou o longamente.

- Como é que me podes perguntar porque é que me fixei em ti? Matilde contorceu-se quando o hálito dele lhe golpeou o mamilo úmido de saliva. - Julgo que ainda está para nascer o homem que não se fixe em ti.

Matilde nunca lhe teria confessado que Celia era o tipo de mulher para ele, de pernas compridas, um rosto belíssimo e, sobretudo, mundana e com experiência. Ela, pelo contrário, com um metro e cinquenta e nove centímetros de estatura e um corpo pouco harmonioso - no Garrahan chamavam-lhe «anã erótica», era uma simples cirurgiã pediátrica que encontrava na sua profissão o sentido da vida - Matilde, quero fazer amor contigo. E tu! Como te sentes?

Sem se levantar, Matilde tirou o roupão, que ficou debaixo do seu corpo nu. Olharam um para o outro e, depois desse silêncio, no qual expressaram tanto através dos seus olhos, Al Saud despiu-se o colocou-se em cima dela. Quando acabaram, ele ainda dentro dela, os dois agitados e abraçados, Matilde disse-lhe ao ouvido:

- Tenho de me ir embora

- Não... lamentou se Al Saud - Por favor, não vás.

- Meu Deus! » choramingou Matilde- Que difícil é deixar-te!

- Gostava de te guardar nesta casa para que ninguém te visse, nem te desejasse, nem te admirasse, nem te tocasse. Só para mim! disse, e apertou a num abraço.

- Sou só par ti, nunca duvides disso.

- Nunca.

Al Saud levou a à rue Touiller e despediram-se à entrada do prédio. Não se conseguiam separar. Eliah tentava tirar-lhe as mãos de cima; não conseguia ter a força de vontade para o fazer.

Amanhã, depois de tirar sangue, tenho de viajar. Na terça-feira de manhã estarei de regresso e podemos ir almoçar. - Embora lhe pudesse ter perguntado para onde viajaria e porquê, Matilde não se atreveu. Vais buscar-me na terça-feira ao George V?

- Sim, lá estarei.

- Matilde, meu amor - ela levantou a cara e Al Saud afastou- lhe o cabelo da testa e acariciou-o. - Quero que cuides de ti por mim. Vais fazê- lo? - Ela assentiu. - O Medes fica à tua disposição. Ele leva-te e traz-te onde quiseres. Estamos de acordo?- Ela assentiu novamente. - Prometes-me que cuidas de ti?

- Sim, vou cuidar de mim.

O beijo de despedida prolongou-se por minutos. No fim, Matilde saiu do seu abraço e, sem dizer nada, correu para o segundo andar. Al-Saud ficou de pé nas escadas até que ouviu o barulho da porta a fechar-se. Ao entrar no Aston Martin, inspirou profundamente e soltou o ar com lentidão. O que estava a viver com Matilde era a experiência mais avassaladora e desconcertante da sua vida. Nos seus quase trinta e um anos, depois de ter sido piloto de guerra, de ter combatido na Guerra do Golfo, de ter feito parte de um grupo de comandos de elite da NATO e de presidir à direção de uma das poucas empresas militares privadas, encontrava uma mundo que punha o seu mundo de pernas para o ar. O som do celular sobressaltou-o.

- Allô?

- É agora ou nunca. - A voz de Peter Ramsay indicava urgência.

- O Roy Blahetter acaba de entrar no Au Baseou. - Ramsay referia-se a um bistrot na rue Réaumur. - Está sozinho e com um ar abatido.

- Vou tratar de tudo agora mesmo. Obrigado, Peter.

Digitou as teclas do telemóvel e encostou o aparelho ao ouvido.

- Allô?

- Zoya, sou eu.

- Olá, querido.

- Preciso de ti já, agora.

- Estou sempre pronta para ti, *mon chéri*.

- Trata-se daquele tipo de que te falei, o Roy Blahetter, o irmão do Ezequiel Blahetter, o modelo publicitário. Tens a fotografia dele à mão? - Zoya garantiu-lhe que sim. - Está no bistrot Au Baseou, o da rue...

- Sei onde é.

- Perfeito. Trata do assunto.

Juana saiu do seu quarto em pijama ao ouvir o barulho das chaves. Matilde fechou a porta e deu de caras com a sua amiga no extremo oposto da sala.

- E? Aconteceu o que eu desejo que tenha acontecido? - Matilde, corada, assentiu. - Iupi! - O soalho de madeira rangeu com o salto de Juana.

- Iupi, amiga! - Abraçaram-se e choraram juntas. - Como estás? Como te sentes?

- Feliz, Juani. Nunca fui tão feliz como agora, Não sabia que podia ser tão maravilhoso, Tudo o que me contavas ficou aquém.

- Amiga, é que tens um amante que é uma brasa! Do melhor! Valeu a pena esperar!
- Juana vislumbrou-lhe as olheiras e susteve um pouco o entusiasmo. - Como te sentes? Quero dizer, estás bem?

- A verdade é que sinto um ardor na vagina, como se a pele estivesse sensível e a esticar.

-No problem, como dizia o Alf! Reparei que a tua tia guarda um saquinho com folhas de malva no armário da cozinha. Preparo-te um banho de imersão e assunto resolvido. Vá, troca de roupa e eu preparo-to.

-Hoje não tomei os meus medicamentos.

- Eu levo-tos ao quarto.

- Obrigada, Juani. E tu? Como estás? Sinto-me mal por te ter abandonado durante todo o dia.

- Matilde Martínez - Juana segurou a pelos ombros -, se por algum segundo sentes culpa, mato-te, ouviste? Quem que te mentalizes de que eu desapareci de Paris. Quero que vivas o teu romance com o bonitão plenamente, sem pensar em nada nem em ninguém. Não te armes na Matilde de sempre, preocupada com tudo menos com ela. Imploro te!

- Está bem. Obrigada, amiga. Adoro te tanto.

- Não mais do que eu.

- E o Shiloah?

Juana suspirou.

- Foi bom enquanto durou, mas amanhã de manhã regressa a Telavive. Há um mês que sente a falta do seu país, das suas empresas e dos seus compromissos. Acho que não nos vamos ver novamente. Mal chegue a Israel, vai embrenhar-se na campanha política. Já sabes como são essas coisas.

- Lamento.

Juana encolheu os ombros.

- A verdade é que não me apetece comprometer-me com ninguém agora. É melhor assim, continuar a ser livre.

Mais tarde, quando Matilde terminou o banho de imersão, mais aliviada, entrou no quarto de Juana e deitou-se ao lado dela.

- Conta-me como foi a festa. Tenho a sensação de que escapei de uma catástrofe.

- Dás-me autorização para dar um tiro no meio dos olhos do imbecil do teu ex? Que homem idiota. Mat! Teve um ataque quando descobriu que tinhas desaparecido. E tenho uma má notícia para ti hoje de manhã ligou o Ezequiel e disse-me que o Jean-Paul internou a Celia numa clínica de desintoxicação. Ontem à noite exagerou com as drogas e o álcool.

Matilde levantou-se com um impulso rápido.

- Onde é que a internaram? Quero vê-la!

- É impossível. O Ezequiel disse que durante um mês vai estar isolada, não poderá receber nenhum familiar nem amigos. Nem sequer pode falar ao telefone. Política da clínica.

- Meu Deus, Juani. É a maldição do álcool que persegue toda a minha família.

- Análises outra vez? estranhou Yasmin. A tua vida sexual tem sido assim tão intensa e imprudente nos últimos cinco meses?

- Não estás á espera que discuta a minha vida sexual com a minha irmãzinha mais nova.

- Porque não? Estamos a um passo do século XXI. Somos jovens e modernos!

- Não sou assim tão moderno para falar contigo sobre esses assuntos.

- Quem é ela? - Yasmin ajustou-lhe o elástico para lhe destacar as veias, um gesto desnecessário, pensou, porque, devido ao corpo treinado do seu irmão Eliah, sobressaíam naturalmente. - Não me vais dizer?

- Yasmin, não me irrites. Acaba com isto porque vou viajar dentro de uma hora.

- Hmmm... Estas análises devem ser extremamente importantes para teres vindo aqui hoje com uma viagem iminente.

- Quando terei os resultados?

- Se me disseres o nome dela, numa semana. Se não, em quinze dias.

- Pequena chantagista! - Yasmin introduziu a agulha na veia de Al-Saud enquanto sorria com uma expressão marota. - Matilde. Esse é o seu nome.

- Matilde? Gosto. Como é? Bonita? Simpática? Idade?

- Só negociámos o nome. Daqui a uma semana venho buscar os resultados.

- Antes de te ires embora, quero pedir-te que tires de cima de mim esse gigante bósnio que me segue como uma sombra.

- Chama-se Sándor, e não é um gigante bósnio, mas sim quem te protege.

- É um pesadelo, Eliah! Sinto-lhe o bafo na nuca cada vez que está de guarda.

- É assim que deve ser. O Takumi sensei e eu treinámo-lo, Yasmin. É um dos meus melhores homens.

- É muito novo! Não tem nem vinte e cinco anos.

- O seu espírito é muito mais velho e sábio do que o teu, garanto-to.

Perante a expressão impaciente da irmã, Al-Saud zangou-se: - Yasmin, não me irrites. O Sándor continuará a ser o teu guarda-costas e não voltaremos a falar sobre este assunto.

Em Amsterdã recebeu na sua suíte do Hotel de L'Europe a presidente e o diretor financeiro da The Metropolitan, uma das companhias de seguros que o tinham contratado por causa do acidente de Bijlmer, a quem explicou o seu plano de ação. Eles mostraram-se agradados. Depois dessa reunião seguiu-se outra do mesmo teor com o presidente e a vice-presidente da outra companhia, World Assurance, que se assustaram perante a possibilidade do escândalo mediático, ao que Al-Saud retirou importância.

- O nosso objetivo é que a El Al os indenize e isso vamos conseguir. A reputação da World Assurance ficará intacta.

Despediu-se dos seus clientes e, ao fechar a porta, consultou as horas. Seis da tarde. Matilde ainda estaria na escola de línguas. Não valia de nada ligar para o celular de Juana porque ela o desligava. Ligou a Medes.

- Levaste a Matilde à escola de línguas?

- Sim.

Al-Saud notou-o tenso.

- O que é que se passa, Medes?

- Houve um pequeno acidente, senhor.

- A Matilde está bem? - A voz tremeu-lhe e pigarreou.

- Sim, ela está muito bem.

O alívio enfraqueceu-lhe as pernas e sentou-se numa cadeira.

- Diz-me o que aconteceu, Medes. Fala.

O motorista referiu-lhe que à porta do prédio da rue Toullier aguardava-a um homem. Pela descrição, Al Saud deduziu que se tratava de Roy Blahetter. O desgraçado não ia lá com ameaças. Ao ouvir que tinha agarrado Matilde pelo braço e a tinha sacudido, Al-Saud partiu um lápis com o logotipo do hotel.

- A dona Juana batia-lhe com uns cadernos, mas o homem não se mexia. Eu intervim, senhor. Saí do carro e tirei-o de cima delas. As senhoras entraram e fomos embora rapidamente. É tudo.

O que Medes não lhe contou, porque não sabia, foi que, de um carro estacionado quase na esquina com a rue Soufflot, alguém lhes tirou fotografias.

Al-Saud despediu-se de Medes e ligou a Zoya.

- Olá, *mon chéri*. Como estás?

- Como correu ontem à noite com o Blahetter?

- *Parfait*. Tenho o que precisas. Quando quiseres, podes vir buscá-lo. E obrigada por me passares uma vítima tão ferosa. Há muito tempo que não me divertia tanto. - O comentário de Zoya não conseguiu acalmar o mau humor de Al-Saud. - Ah, já me esquecia! A Natasha deu sinais de vida. Ligou-me hoje de manhã. Al Saud ficou em silêncio. - Perguntou por ti. Muito.

- Disse-te onde está?

- Não, não quis. Só disse que está bem, embora me tenha parecido abatida.

- É um alívio saber que está bem. Se voltar a ligar, diz-lhe que entre em contato comigo, por favor.

Tinha pouco tempo. Dali a menos de uma hora, Ruud Kok, o jornalista holandês, viria jantar com ele ao restaurante do hotel. Tomou um banho. Não vestiria terno e gravata; escolheu um estilo mais informal, um blazer azul com botões dourados da Ralph Lauren, uma camisa amarelo pálido Tommy Hilfiger, jeans e botas castanhas.

Kok esperava-o ao balcão. Deram um aperto de mão, e o holandês sorriu pouco à vontade. O maitre conduziu-os à mesa e indicou-lhes os pratos do dia. Para evitarem a leitura do menu, os dois escolheram entre as sugestões. Nenhum deles pediu vinho.

- Julgo, senhor Kok, que começamos ambos com o pé esquerdo.

A culpa é minha, senhor Al Saud. Nunca devia tê-lo abordado daquela, forma, naquele dia á entrada do George V. Fui demasiado temerário para além de que, se tivemos em conta que estava a incomodar um cinturão negro de karaté, o senhor me podia ter assassinado com as suas próprias mãos - acrescentou, num tom risonho, e Eliah riu-se da piada para quebrar o gelo.

- Tal como o senhor, eu fazia o meu trabalho: proteger o Shiloah Moses.

- Sim, compreendo. E à luz do que se passou semanas depois, vejo que os seus cuidados foram muito acertados. O atentado na convenção foi um caso complicado!

Falaram longamente sobre o atentado, o que conduziu a conversa para a situação política na Faixa de Gaza e na Cisjordânia depois dos Acordos de Oslo. À sobremesa, Al-Saud decidiu começar a negociar.

- Senhor Kok, tal como me esteve a investigar a mim, eu estive a investigá-lo a si, e encontrei informações muito interessantes, como, por exemplo, que estive no local do acidente no dia em que o avião da El Al caiu sobre o bairro de Bijlmer.

- É verdade - admitiu Ruud Kok. - Vivo lá, e nesse dia estava em casa a trabalhar. Testemunhei tudo.

- Soube inclusive que salvou muitos dos seus vizinhos presos nos apartamentos em chamas. Dou-lhe os meus parabéns - rematou Al-Saud, e inclinou a cabeça. - Também soube que, não só testemunhou a queda do avião como, vários dias depois, os seus vizinhos, e até o senhor, sofreram transtornos de todo o tipo, não é verdade? Desde problemas na pele até respiratórios, e outros mais graves. - Nessa altura, Kok endireitou-se na cadeira e deixou de brincar com o garfo. Assentiu. - Também sei que, por mais que tenha investigado e tentado chegar à verdade, nunca o consegui. Li os dois artigos que publicou no NRC Handelsblad e o da Paris Malch. Muito bons - lisonjeou Al-Saud -, mas, ao não ter provas, ficou na esfera das suposições e o assunto perdeu peso e importância.

- Ainda hoje há quem sofra de graves problemas de saúde que, estou convencido, se iniciaram nesse dia, quando o avião de carga da El Al colidiu contra o prédio em Bijlmer. Mas, como bem diz, sem provas não há nada. Tanto a El Al como o governo holandês se fecharam em copas e foi-me impossível saber alguma coisa.

- Eu sei alguma coisa - disparou Al-Saud -, tenho as provas de que precisa. Faz-me falta é alguém na imprensa que me ajude a expô-las. Julgo que é a pessoa indicada.

Ruud Kok ficou estupefacto e em silêncio. Uns segundos depois recuperou algum domínio e perguntou:

- Porquê eu?

- Porque o senhor foi o único jornalista holandês que investigou o acidente com profissionalismo e que não se limitou à questão do que o tinha motivado, mas estudou as consequências.

- O que é que ganha com isto?

- Faz diferença?

- Não quero fazer parte de uma intriga da qual possa sair mal.

- Senhor Kok, um jornalista de investigação como o senhor não pode assustar-se perante a possibilidade de ficar envolvido em questões de intriga internacional. O que teria acontecido no início anos 60 se o Bernstein e o Woodward - Al-Saud referia-se aos jornalistas do Washington Post que investigaram o escândalo de Watergate se tivessem acobardado perante o que iam descobrindo à medida que avançavam na sua investigação?

- Eles contavam com o Deep Throat pensou Kok em voz alta, olhando para a toalha, e recordando o nome do informante dos jornalistas norte-americanos.

- E o senhor conta comigo. Eu serei a sua fonte. Imagino que o Bernstein e o Woodward tinham pouco interesse em saber porque é que o Deep Throat lhes contava o que sabia. Eles só queriam a informação.

- E as provas - acrescentou Kok, que tinha recuperado a compostura.

- E as provas - concordou Al-Saud. - Está disposto a fazê-lo? Mas será quando eu indicar e do meu modo.

- Tenho de falar com o meu chefe de redação, mas julgo que não há problema. - Al-Saud assentiu. - De qualquer forma, fá-lo-ei com uma condição.

- Diga.

- Que me conceda uma entrevista para falar sobre as chamadas empresas militares privadas.

Al-Saud olhou-o fixamente, e Kok acabou por se sentir incomodado e por baixar o olhar.

- Está bem - concedeu.

Al Saud encontra-se sozinho na sala de reuniões. Tinha aberto o mapa de África e concentrava-se na Etiópia e na Eritreia, cujas relações se tornavam cada vez mais tensas. Semanas antes, Dingo e Axel tinham regressado com informação que lhe serviria para delinear a estratégia. Na ilha de Fergusson, preparava-se o grupo de homens que, juntamente com o armamento, as munições, a água e os mantimentos, se deslocaria para a região. Tratava-se de um objetivo titânico.

Al-Saud observou o monitor que transmitia o movimento na recepção. Victoire e Thérèse trabalhavam cada uma na sua secretária. Ninguém estava à espera nos sofás para ser recebido. O silêncio submergia os escritórios do George V num ambiente de

tranquilidade pouco habitual, O sistema de música de fundo, que nesse momento passava a Sinfonia N ° 3 de Mendelssohn, uma das suas preferidas, funcionava com timidez pelas diferentes divisões, acentuando a paz. Olhou para as horas. Meio-dia e vinte e cinco. Fixou o olhar na porta principal, impaciente por vê-la abrir-se. Matilde estava vinte e cinco minutos atrasada. Por acaso não sentia a mesma ansiedade que ele pelo reencontro? Concentrou a atenção no mapa.

- Bonjour, Matilde! - A cabeça de Eliah disparou em direção ao monitor. - Monsieur Al-Saud já tinha perguntado por ti.

- Sim, atrasei-me! - exclamou em inglês, com a face corada por causa do frio e dos nervos. - Acabo de descobrir que o meu relógio para de meia em meia hora. É um desastre. O pobre Medes estava à minha espera à porta de casa há um bom bocado.

«Maldito relógio!», praguejou Al-Saud, enquanto a via tirar a bolsa rústica e o blusão. Logo reconheceu o conjunto que ela usava no dia da estação rue du Bac, as calças justas de tecido escocês castanho e cor-de-rosa e a camisola cor-de-rosa, justa e de gola alta. Tal como naquele dia, linha feito duas tranças. Esperou, imóvel, que a porta da sala de reuniões se abrisse. Matilde empurrou-a cuidadosamente e espreitou pela abertura. Contemplaram-se em silêncio até que ela emitiu um risinho, em jeito de gorjeio e, depois de a fechar atrás de si, correu para ele. Al-Saud recebeu-a nos braços e levantou-a no ar, e Matilde rodeou-lhe a cintura com as pernas. Enquanto as suas bocas se fundiam num beijo, ele apoiou as costas contra a parede e deslizou até ao chão, onde continuaram a beijar-se como se, em vez de pouco mais de vinte e quatro horas, tivesse passado um ano.

- Matilde - suspirou Al-Saud, sem afastar a boca da dela. - Não via a hora de chegares. Estava a enlouquecer! Estás atrasada!

- Desculpa, desculpa! Se soubesses o ansiosa que estive todo o dia de ontem e hoje do manha, não te chatearias comigo. Não me ligaste.

A censura, quase sussurrada, comoveu-o. Tinha pensado nele, tinha sentido a sua falta. Apertou o abraço e afundou o nariz atrás da orelha dela para inspirar o aroma a bebé.

- Quanto desejava cheirar-te. Adoro o teu perfume de bebé. Como se chama?

- Upa la la. - Matilde riu-se quando Al-Saud a imitou. - Diz outra vez. Upa la la. És engraçado.

- Agora sou o teu palhaço. Upa la la disse para lhe agradar. - O que quer dizer?

- Não quer dizer nada. É uma expressão que se usa quando pegamos num bebé ao colo. Dizemos «Upa la la!» quando o levantamos. Não sei de onde vem. - Matilde passou-lhe o nariz pelo pescoço. A sua voz ficou mais grave ao dizer: - E eu adoro o teu perfume, Eliah. Não sei o que é que me acontece quando o cheiro no teu corpo, na tua roupa. Ontem passei o dia a cheirar o teu lenço, assim sentia-le mais perto, Tenho de te confessar que no domingo na tua casa o enchi de A Men. Perdoas-me?

Matilde arqueou-se quando as mãos de Al Saud lhe seguraram os seios e começou a gemer sem ter em consideração o local onde se encontravam quando ele lhe tocou nos mamilos com os polegares de modo insistente. Para que se calasse, Al-Saud apoderou-se da sua boca enquanto se levantava com Matilde ainda enroscada no seu tronco. Esvaziou a mesa com um gesto o mapa acabou em cima das costas das cadeiras para deitar Matilde.

- Não posso esperar até à noite - confessou-lhe, enternecido pela expressão perturbada dela. - Não faças muito barulho.

- Não sei se vou conseguir. - Mordeu o lábio e fixou o olhar no teto falso, enquanto sentia que ele lhe descalçava as botas e lhe tirava as calças.

Eliah contemplou-lhe longamente as pernas até desviar a atenção para a calcinha branca de algodão com bolas cor-de-rosa. Foi-as baixando com as mãos de Matilde fechadas nos punhos, como prontas a detê-lo.

- Larga-me, Matilde. Deixa-me tirar-te as cuecas.

O púbis revelou-se centímetro a centímetro e emergia como um monte pelado e branco depois da depressão do ventre. Essa visão enlouqueceu-o.

Matilde! exclamou, quase com exasperação, e ela agitou-se ao apercebe-se do ofegar quente dele no seu monte de Vénus. Matilde - sussurrou, mãos coladas nas coxas e a testa no seu púbis. Pensou em Thérèse e em Victoire, que trabalhavam a poucos metros, apenas separadas da cena por uma porta. Nunca tinha perdido o controle daquela forma, nem sequer quando regressava da Escola de Aviação depois de passar semanas sem ver Samara. Era frio, calculista, moderado; mantinha as suas paixões sob controle. Não perderia tempo a lamentar-se, já tinha aprendido que Matilde exercia uma estranha influência sobre ele, algo que escapava à sua compreensão. Desapertou o cinto e desceu as calças. Tirou um preservativo da carteira e colocou-o ansiosamente. Ela seguia-o com medo, naquela posição de vulnerabilidade; as suas tranças descansavam na mesa. Tinha testemunhado a luta dele. Sorriu-lhe para a animar.

Falou -lhe sobre os lábios.

- Ontem, antes da viagem, fiz as análises. Numa semana teremos os resultados. - Matilde limitou-se a assentir, ainda insegura. - Não quero depender de um preservativo para te amar.

Fechou os braços à volta da nuca de Al-Saud e colou-se ao seu corpo. As suas bocas procuraram-se com desespero; as suas línguas entrelaçaram-se e os seus fôlegos fundiram-se; as mãos dele entraram por baixo da camisa de lã, por baixo da camisa de algodão, levantaram o soutien e acariciaram-lhe os mamilos. Matilde fechou os olhos com força. Faíscas verdes explodiram no seu interior. O prazer sulcava-a como uma corrente fria e veloz, os seus membros perdiam as forças.

Al-Saud segurou-a pelas nádegas para atrai-la até ao rebordo da mesa, onde a obrigou a apoiar a planta dos pés. «A posição ginecológica», disse Matilde para si, e esse pensamento levou-a a um parágrafo d'O Jardim perfumado. A primeira posição: deita a mulher de costas e levanta-lhe as coxas. Coloca-te depois entre as suas pernas e introduz-lhe o pénis. Apoando- do no chão com os dedos dos pés, poderás mover-te da forma adequada. Esta posição é recomendável para os que possuem membros compridos. Matilde virou a cabeça de lado para observar parte da mão esquerda de Eliah agarrada à sua coxa. Deu-se conta de que o pelo lhe crescia até na zona superior dos dedos, perto da unha. Tratava-se de um pelo muito escuro. A mão afundava-se na sua carne, e a oposição entre a brancura dela e a pele morena dele estimulou-a. Também a excitou o pulso de Al-Saud; os botões de punho saltaram num dos seus movimentos, e ela viu-o, grosso e hirsuto. Agora compreendia a expressão: «Fazer crescer água na boca», porque de repente precisou de engolir. Ansiava tocar- lhe, até através do tecido da camisa. Desceu as mãos pelos seus braços, notando a sinuosidade dos músculos; delineou-lhe o maxilar, os lábios,

desceu pelo pescoço e apertou-lhe os mamilos no momento em que ele entrava nela. Assustou-se. As costas de Al-Saud arquearam-se com violência, como se tivesse recebido um golpe ou uma descarga elétrica, e Matilde assimilou a sacudidela; tinha até revirado os olhos, e ela viu-os brancos. Passado um bocado, caiu sobre ela. Respirava como se tivesse feito duzentos abdominais. Sentia o pulsar do seu membro dentro dela. Não sabia o que fazer. Acariciou-lhe a cabeça.

- Eliah, meu amor, estás bem?

Al-Saud levantou o olhar, e Matilde reparou na alteração do seu semblante. Sem articular palavra, começou a mover-se para dentro e para fora, sempre a olhar fixamente para ela. Gostava de sair totalmente para penetrá-la com uma investida surda e profunda; fascinava-o a reação de Matilde, que mordia o punho numa tentativa de calar os soluços de êxtase. Os gritos de prazer que ficavam encerrados no peito dela transpareciam na força com que lhe cravava os dedos no couro cabeludo, na nuca, nos ombros.

Al Saud conseguiu tapar lhe a boca quando o orgasmo aniquilou a vontade de Matilde em continuar calada. Adorou vê-la convulsionar-se sobre a mesa. Acelerou o ritmo e de seguida seguiu-a. O seu nariz, que se dilatava para inspirar grandes quantidades de ar, e os seus lábios convertidos numa linha esbranquiçada davam conta do seu esforço para não desatar aos gritos. O orgasmo parecia não acabar, afogava-o. Tinha a impressão de que o volume da música de Mendelssohn tinha aumentado, ou era imaginação sua? Zumbia-lhe nos ouvidos juntamente com a sua corrente sanguínea. Quanto mais reprimia os gritos, mais os acordes da sinfonia o ensurdeciam.

Desabou sobre ela. Respirava pela boca. Nenhuma inspiração era suficiente na sua tentativa de encher os pulmões. As carícias de Matilde sobre as suas costas e a sua cabeça ajudavam-no. Mesmo assim, precisou de vários minutos para se recompor.

- Acho que nunca mais vou poder sair desta sala - ouviu-a dizer.

- Sinto que tenho escrito na testa: «Acabei de fazer amor com monsieur Al-Saud.»

- Que bela frase. Gostava que a levasse a sério, assim nenhum estúpido se volta a aproximar de ti. - Levantou a cabeça para lhe lançar um olhar carregado de dureza. O Medes contou-me sobre o incidente que tiveste com o Blahetter à porta da tua casa.

- Por favor, não fales disso. Não aqui. Não quando ainda estás dentro de mim.

- Está bem, está bem - arrependeu-se Al-Saud. - Queres que peça o almoço ao restaurante do hotel e comemos aqui?

- Sim, sim, por favor. Não conseguiria enfrentar as tuas secretárias. Ainda não.

- O que é que te apetece comer?

- Qualquer coisa.

Nessa tarde, na aula de Francês, Matilde ouvia a professora como um murmúrio afastado. À sua frente, recriavam-se as cenas em cima da mesa na sala de reuniões. Ainda lhe custava acreditar no que tinha vivido. Nos escritórios da Mercure, mesmo ao lado de Thérèse e de Victoire. Sorriu de modo involuntário ao lembrar Eliah enquanto o orgasmo parecia acabar com ele. Deduziu que, se tivesse cedido à potência que ela tinha visto acumular-se no seu rosto, nos seus músculos, entre as suas pernas, teria explodido em clamores que teriam chegado à receção no andar inferior. Olhou para os seus colegas,

concentrados na professora e no quadro. Sentiu uma estranheza no ânimo e teve vontade de gritar: «Ouçam, acabo de fazer amor com o homem mais maravilhoso do mundo! Eu, Matilde Martínez, fiz amor.» Mais tarde, durante a pausa, atreveu-se a pedir a Juana:

- Quero que me expliques como fazer coisas maravilhosas ao Eliah. Na cama - acrescentou.

- Já experimentaste sexo oral? Ai, não fiques corada, Mat! Já? - Matilde abanou a cabeça para o negar. - É importante que aprendas a fazê-lo bem.

- Eles ficam loucos. Se não lho fazes tu, vai procurar outra que o faça. E assim, não me olhes com essa cara. Depois lembra-me de comprarmos bananas.

Às seis e meia, Al-Saud foi buscá-las com Leila à escola de línguas.

Cada vez gostava menos da lúgubre rue Vitruve, da pouca iluminação da entrada do Lycée des Langues Vivantes e do aspeto ameaçador dos arredores. Leila, que ocupava o lugar do acompanhante, saiu do Aston Martin e correu para abraçar Matilde. De seguida fez o mesmo com Juana. No momento de entrarem no carro, Leila apressou-se a ocupar o seu lugar junto de Al Saud.

- Leila, sai. Esse lugar é da Matilde. A moça teimou: cruzou os braços e fez má cara. Deves ir no banco de trás - insistiu, com pouca paciência

- Deixa-a. Eu vou atrás.

- Não, Matilde.

- Por favor, Eliah, não a provoques, Eu vou atrás.

- Eu e tu vamos ter uma conversa esta noite ameaçou Al-Saud, o que acentuou a irritação de Leila e a firmeza dos seus braços cruzados já quase ao pé do pescoço.

Matilde sentou-se atrás de Al-Saud e passou-lhe os dedos pelo queixo áspero. Falou-lhe ao ouvido pelo lado esquerdo.

- Vês? Este lugar é melhor porque te posso tocar muito, tudo o que eu quiser. Onde vamos? - perguntou em voz alta e em francês.

- Vamos às compras - explicou ele na mesma língua. - Hoje é terça-feira, e a Leila quer ir ao seu *marché* preferido, só que não sei se merece.

- O que significa *marché*? - perguntou Juana.

- Mercado - explicou Al-Saud -, desses onde podes comprar tudo.

Matilde esticou a mão, afastou uma madeixa da testa de Leila e acariciou-lhe a face corada por causa do desgosto. A moça não tardou a ceder. Agarrou-lhe na mão e beijou-a várias vezes, na palma e no dorso. Al-Saud observava-a de soslaio.

O mercado na place Maubert, junto ao boulevard Saint-Germain, era um festival de cores, aromas e sons. Nas bancas que enchiam o espaço, decoradas com toldos às riscas verdes e brancas, expunham-se desde máscaras africanas e bombons artesanais até mariscos, frutas e verduras; a variedade deixava-a confusa. Al-Saud conduzia-a de mão dada e em silêncio; Matilde sentia-o sereno e feliz. Comprou-lhes umas bolas de chocolate com frutos secos que levaram as três a suspirar. Era fascinante ver Leila a regatear com

gestos e expressões com os vendedores, que a conheciam e a tratavam pelo nome. Al-Saud não dizia nada; limitava-se a tirar a carteira e a pagar. Juana lembrou-se e comprou bananas.

Ao chegarem à casa da avenue Elisée Reclus, encontraram Marie e Agneska a preparar o jantar. Ambas se surpreenderam com a chegada de Matilde e de Juana, e ficaram boquiabertas quando viram o patrão beijar a loira na boca antes de se fechar no escritório. Encheram-se de apreensão e de timidez, embora se tenham descontraído de seguida ao verificarem que as senhoras as tratavam como iguais e que ajudavam Leila a guardar os mariscos, as verduras e um sem fim de produtos que tinha comprado; ate se ocuparam de por a mesa para vários comensais , já que Alaman, Peter, Mike e Tony apareceram um pouco mais tarde e anunciaram que ficariam para jantar.

Alaman abraçou Matilde ao cumprimentá-la e perguntou-lhe ao ouvido:

- Sabes quem faz anos no sábado? - Matilde agitou a cabeça. - O Eliah.

O coração saltou-lhe no peito. Alaman achou piada à sua expressão, porque de repente sorria e os seus olhos prateados brilhavam. Matilde fez um cálculo rápido: Eliah fazia anos a 7 de fevereiro. Pôs se em bicos de pés e beijou Alaman na face.

- Obrigada por me dizeres - sussurrou.

Pelo seu lado, Eliah afastou Juana para falar com ela em particular.

- Quero comprar um relógio à Matilde.

- Perfeito.

- O que é que te parece um Rolex?

- Não é boa ideia. - Perante a incompreensão de Al-Saud, disponibilizou-se a explicar-lhe: - Olha, bonitão, a Mat é a melhor pessoa que há no mundo, sem exagero, mas a coitada é um bocado estranha. Até aos quinze anos vivia num palácio de cinquenta divisões e era servida por uma dúzia de empregados. Era uma espécie de imperatriz cordovesa como a Sissi, extremamente mimada pelo pai. Desde pequena que viveu no luxo e na opulência e foi muito infeliz. Ela relaciona esse mundo com a superficialidade, com a frivolidade, e despreza-o. Ou simplesmente, ignora-o. Acho que conseguirias chegar melhor ao seu coração se lhe comprasses um relógio de boa qualidade mas que não seja vistoso. Ela sente repulsa pela ostentação.

Para Matilde era evidente a predileção de Peter Ramsay por Leila. O inglês quase nunca lhe tirava os olhos de cima e empenhava-se em falar- lhe no seu francês mal pronunciado. A moça sorria-lhe, respondia com sinais, namoriscava. Preocupava-a que fosse casado. Eliah tinha-lhe contado que a mulher de Ramsay vivia em Londres e que ele a visitava de vez em quando. De acordo com as palavras do inglês, o seu casamento era a *little bit strange* (um bocadinho estranho).

Mike e Tony disputavam a atenção de Juana, mais interessada na exótica casa de Al Saud do que nos seus sócios. Matilde mostrou-a, de mão dada com Leila, aproveitando um momento em que os homens se ausentaram para falarem dos seus assuntos. Orgulhosa, como se fosse dona da casa , passeava-a pelas divisões e explicava-lhe as características do estilo *Art Nouveau*. De repente, estremeceu ao evocar o que Al-Saud lhe dissera no domingo à noite antes de partir para a rue Toullier: «Quero que façamos amor em cada uma das divisões desta casa. Uma espécie de ritual de batismo», esclareceu.

Claude Masséna viu Al-Saud entrar na base seguido por Alaman e os seus três sócios. Desde que tinha descoberto a intriga montada para o reter ali, como chefe de sistemas da Mercure, mas sobretudo desde que suspeitava de que Zoya tinha feito parte do complô, a fúria e o ódio ofuscavam a sua vida. Às vezes convencia-se de que Al Saud fora cliente de Zoya e por essa razão tinha saído do prédio da rue du Faubourg Saint-Honoré naquela terça-feira, dia 20 de janeiro. Essa certeza durara pouco; Al-Saud não precisava de uma prostituta para satisfazer os seus apetites sexuais. Além disso, naquele mundo sórdido, não existiam coincidências.

Exasperava-o especialmente a sua dependência de Zoya. Precisava dela mesmo sendo uma traidora e uma cabra. Às vezes pensava comprar uma arma e dar-lhe um tiro na cabeça para acabar com tanta inquietação. De seguida arrependia-se ao imaginar a sua vida sem ela.

Mike Thorton convocou-os para a sala de mapas. Um ecrã transparente desceu do teto e projetou o mapa da cidade do Cairo do qual Al-Saud se serviu para lhes expor os detalhes da missão que levariam a cabo dentro de dois dias. Masséna evitava o contato visual com o seu chefe. Temia que descobrisse que o traía, que na realidade trabalha para os Serviços Secretos israelitas. Julgava-o capaz disso, de lhe ler a mente ao olhá-lo fixamente.

Tony distribuiu os papéis e as ordens entre os empregados. Peter Ramsay explicou o plano para escapar ao cerco da Mossad à volta de Bouchiki. Comentaram que Diana e Dingo tinham viajado para o Cairo nessa manhã para ocuparem os seus postos no Hotel Semiramis Intercontinental. Estava tudo pronto.

- Como é que o Bouchiki vai passar a informação à Diana? - perguntou Masséna.

- Isso a ti não te interessa - respondeu Al-Saud. - Já sabem o suficiente. Vamos trabalhar.

Horas mais tarde, Masséna dirigiu-se à cabina telefónica que devia utilizar para comunicar com os seus novos chefes, a que se encontrava na estação do metro Alma Marceau. Ariel Bergman atendeu com voz de sono.

- Picasso? É o Salvador Dali. - Anunciou-se com o seu nome de código.

- Sou todo ouvidos - disse Bergman.

Gérard Moses entrou no seu apartamento na rue Charles Martel da cidade belga de Herstal. Não gostava particularmente de Herstal; tinha-a escolhido pela sua proximidade com a Fabrique National, uma das fábricas de armas mais antigas da Europa e um dos seus melhores clientes. Pagar-lhe-iam uma fortuna pelo novo artefato que estava a conceber, que tinha batizado de «unidade de controle de disparo», e que servia para afinar a pontaria no momento de lançar uma granada de um lança-foguetes com uma margem de erro de escassos milímetros. Não tinha dúvidas de que a sua invenção iria revolucionar a próxima exposição de armamento em Berlim.

Embora não fosse a Herstal há algum tempo - depois de Paris, tinha passado uns dias em Bagdade -, estranhou igualmente que a sua secretária eletrónica tivesse cinco mensagens por ouvir; ninguém lhe ligava. A voz de Eliah surpreendeu-o, enfraqueceu-lhe

as pernas; sentou-se no cadeirão ao pé do telefone, ouviu as mensagens uma e outra vez e chorou. Secou as lágrimas com o punho da camisa e tentou recompor-se.

Udo apareceria dentro de pouco tempo, e não queria que ele o visse naquele estado. Tomou uns tragos de Laphroaig, o seu whisky preferido, para ganhar forças. Estava furioso com o seu assistente e demonstrar-lho-ia. Por alguma razão que Jürkens não conseguia explicar, o encontro com Roy Blahetter não se realizara. O idiota não tinha aparecido no restaurante do Hotel Ritz como combinado e não respondia aos e-mails. A possibilidade de deitar a mão aos planos da centrífugadora de urânio desvanecia-se uma vez mais. E Saddam Hussein começava a perder a paciência.

Odiava Blahetter por várias razões: pela sua juventude, pela sua beleza, pelo seu vigor e corpo saudável, mas sobretudo por ser ainda mais inteligente do que ele. Qual seria o seu coeficiente de inteligência? Desconhecia-o, e lamentava-se por não o ter submetido a um teste quando trabalhavam juntos no laboratório do MIT. Nunca tinha encontrado um engenheiro nuclear que conhecesse tão a fundo o seu campo e que se movesse com tanta desenvoltura e segurança. Dava a impressão de que Blahetter era o deus criador do mundo da energia nuclear. A revolucionária centrífugadora de urânio era prova suficiente. Na verdade, apresentou-a aos iraquianos como uma obra inventada por si, e publicou inclusive um artigo na Science and Technology esboçando os princípios utilizados na construção, de acordo com as notas e os desenhos que roubou a Blahetter no MIT. Da mesma forma, demorou dias a convencer os engenheiros iraquianos de que se tratava de uma máquina viável. Os iraquianos não eram idiotas e conheciam bem o funcionamento das centrífugas tradicionais, as que se utilizavam para enriquecer o urânio, ou seja, para separar o isótopo 235, o isótopo físsil, o necessário para construir uma bomba nuclear, do 238, que é o de maior presença dentro do mineral. O processo de separação é complexo, porque os dois isótopos apresentam massas semelhantes; a centrifugação, desta forma, requer uma força altamente superior e grande quantidade de tempo. E tempo era o que Saddam Hussein não tinha. Para enriquecer a quantidade de urânio suficiente que permitisse construir uma bomba, os iraquianos precisavam de centenas de centrífugas para trabalharem «em cascata» durante três anos. Antes da Guerra do Golfo, Saddam tinha contado com essa tecnologia, maioritariamente alemã. Nesse momento, devia começar do zero. A sua ambição em converter-se numa potência nuclear não tinha diminuído com a derrota; pelo contrário, tinha-se tornado obsessiva. Precisava da centrífugadora de Blahetter (embora o rais pensasse que era de Gérard Moses para enriquecer o urânio em poucas semanas e construir as bombas suficientes que o dotassem de poder para destruir os seus maiores inimigos: os Estados Unidos e Israel, um apêndice dos norte-americanos. O rais sabia que os Estados Unidos não tinham dado o seu golpe final. Um dia, não muito longínquo, regressariam para terminar o que tinham começado em janeiro de 1991. E ele estaria preparado para os receber.

A centrífugadora de Roy Blahetter era tão inovadora - reduzia o processo de anos a semanas - que Gérard continuava maravilhado. Para além da sua enorme vantagem - a redução do tempo -, a centrífugadora contava com dispositivos engenhosos para resolver inconvenientes que, desde a Segunda Guerra Mundial, afetavam os engenheiros nucleares. Por exemplo, Blahetter, para proteger o rotor da fricção, sugeria que se movesse no vazio e para conseguir maiores velocidades de rotação e eliminar as vibrações, propunha construir a centrífugadora não em alumínio mas em aço maraging, com um alto conteúdo de níquel, o que a tornava mais leve e resistente. Gérard sabia que fizera experiências com esse aço na metalúrgica da sua família, em Córdoba, e que os testes tinham dado resultados positivos.

Essa maravilha da invenção humana, prestes a cair nas suas mãos, voltava a escapulir-se por causa da inoperância de Udo Jürkens. Blahetter não tinha voltado a contactá-lo; nem sequer sabiam se ainda estava em Paris. E ele, Gérard Moses, com a informação em seu poder, não conseguia concluir o projeto, não sabia como o fazer, apesar de ter tentado. Precisava dos desenhos finais de Blahetter.

A campainha soou. Era Udo. Com a sua voz metálica e desumana apressou-se a dizer:

- Chefe, tenho boas notícias sobre o Blahetter. - Gérard Moses olhou-o com receio.
- Estive com o detetive privado que segue o Al-Saud.

- O que é que isso tem a ver com o Blahetter?

- Por favor, sentemo-nos e conto-lhe tudo. No sábado à noite, o Al-Saud entrou num prédio na avenue Charles Floquet, no número 29. Chegou com a Céline - acrescentou, e estendeu uma fotografia na qual Eliah aparecia com um sobretudo preto e de braço dado com Céline. - Umas horas mais tarde, abandonou o prédio com outra mulher. - Estendeu-lhe uma nova fotografia onde aparecia Matilde.

- Parece muito jovem - pensou Gérard em voz alta e, como Jürkens não retomava o seu discurso, levantou o olhar para ele continuar. - O que se passou com esta jovem?

- Levou-a para a sua casa.

- Para que casa?

- Para a casa na avenue Elisée Reclus.

- É impossível! - disse Gérard, transtornado. - Nunca leva as suas prostitutas para a casa da avenue Elisée Reclus. Foi ele próprio que mo disse: é o seu santuário. Ninguém ali entra exceto se for de muita confiança para ele, a menos que se trate de alguém muito importante... - As palavras ficaram a pairar no ar.

A moça passou lá a noite e todo o domingo. O Al-Saud levou-a até a casa dela, na rue Toullier, onde o detetive regressou no dia seguinte para continuar com as averiguações. Cerca das duas da tarde, a moça e outra jovem saíram do prédio. Com o indicador, arrastou uma terceira fotografia sobre a mesa. O Blahetter estava a espera delas.

Gérard Moses levantou-se com a fotografia e aproximou-a à luz natural que entrava pela janela. Sim, era Blahetter. Blahetter a pegar no braço da moça que tinha entrado no santuário de Eliah.

- Por favor, diz-me que o detetive privado seguiu o Blahetter.

- Fê-lo, chefe. Como já sabia onde voltar a localizar a jovem loira, julgou que não seria um problema desviar a vigilância por um momento para se ocupar do homem que a perseguia. Pensou que talvez nos pudesse ser útil.

- O que é que o Medes está ali a fazer? perguntou Moses subitamente, e apontou para a fotografia que captava o momento em que o motorista se aproximava para intervir junto de Blahetter e Matilde. - Porque é que o Medes está nesta fotografia? - insistiu, colérico.

- Não sei, chefe. Nem sequer tinha reparado no motorista do Al-Saud.

Moses não sabia em quem se concentrar, se em Blahetter se nessa mocinha e nas implicações do seu aparecimento na vida de Eliah. Serviu-se de Laphroaig e bebeu-o de um trago.

- Esqueçamos a moça por um momento. Fala-me do Blahetter.

- A verdade é que o Blahetter percebeu que o detetive privado o estava a seguir. Meteu-se no Louvre e perdeu-se entre as multidões de turistas.

- Merde! Por acaso não contratámos um profissional? Como pôde ser detectado dessa forma?

- De acordo com o detetive, o Blahetter estava muito atento, como se esperasse que o seguissem. Para além disso, é um tipo brilhante, nós sabemos. - Perante o olhar que Moses lhe lançou, Udo lamentou ter feito aquele comentário. - Mas não há dúvida de que regressará à rue Toullier, fá-lo-á. Mais cedo ou mais tarde, fá-lo-á.

- Paga ao detetive privado o que lhe estamos a dever e despede-o. De agora em diante, tu vais ocupar-te deste assunto.

- Sim, chefe.

No dia seguinte, Al-Saud foi buscar Matilde à escola de línguas por volta das seis e vinte. Não se tinham encontrado à hora de almoço por estarem os dois ocupados, Matilde a preparar-se para um teste e Eliah com a missão no Cairo. Mal dobrou a esquina, franziu a sobancelha e praguejou ao vê-la sozinha à porta. Parecia tão vulnerável naquela rua solitária e pouco iluminada que Al Saud quase cedeu ao impulso de a proibir de regressar ao Lycée des Langues Vivantes. Saiu do carro desportivo inglês e abraçou-a no passeio. Era tão pequena, o seu tronco desaparecia-lhe entre os braços e o peito. Matilde levantou a cara e Al-Saud beijou-a com delicadeza.

- Porque é que estás sozinha? E a Juana?

- Foi-se embora com um grupo de colegas para tomarem qualquer coisa.

Al-Saud agitou o pulso até que o seu Rolex Submariner apareceu debaixo do punho do sobretudo de pele de camelo.

- Ainda é cedo, nem sequer são seis e meia. Porque é que estás aqui fora?

- Hoje tivemos um teste. A medida que acabávamos, podíamos sair. Eu acabei às seis e um quarto. Estou aqui há pouco tempo, à tua espera.

- Vamos, entremos no carro - disse-lhe.

Quando já estavam seguros no carro desportivo blindado, não pôs o motor a trabalhar e ficou a olhar para ela. Desejava pedir-lhe tantas coisas que não se atrevia a pronunciar: «Não vás para o Congo. Não continues a vir aqui, eu ensino-te Francês ou pago a uma professora para que te ensine em casa. Em casa. Na nossa casa. Porque a casa da avenue Elisée Reclus é tão minha como tua. Já não é a mesma sem ti, Matilde, meu amor. O que é que me fizeste? Um Cavalo de Fogo ama a sua liberdade, esse é o seu bem mais precioso. Agora estou preso a ti e não me importo.» Matilde olhava-o com doçura. Ergueu a mão e passou-lhe os dedos pelo contorno do rosto.

- O que é que se passa, Eliah?

- *Tu es si belle, mon amour.* - Ela baixou os olhos enquanto as suas faces se tingiam de vermelho. Al-Saud tentou reprimir uma gargalhada.

- E és tão adorável quando ficas corada.

- Dizes-me sempre que gostas de mim quando fico corada, mas eu não gosto. Fico horrível.

Al-Saud passou-lhe uma mão pela nuca, a outra pela cintura, e atraiu-a até aos seus lábios.

- Sim, sim, horrível. Muito horrível.

Beijou-a longa e minuciosamente, entrando na profundidade da sua boca, invadindo-a com a sua língua, devorando-lhe os lábios, engolindo com os seus. Cada inspiração de Matilde embriagava-a porque chegava carregada do perfume dele; as notas doces com aroma de chocolate misturavam-se com outras mais picantes, como se se tratasse de pimenta de caiena, às vezes parecia-lhe que encontrava a essência de laranja. Um segundo depois, a da baunilha. Disse para si própria que esse perfume tinha tantas nuances como Eliah Al-Saud. Algumas ela conhecia; outras não. Tinha a sensação de que ele escondia um lado escuro, talvez sórdido. Percebeu, no silêncio do habitáculo, que ele começava a descontrolar-se porque a sua respiração se tornou mais intensa e rápida.

- Vamos fazer amor, aqui, agora - propôs-lhe enquanto deslizava o assento para trás, para a afastar do volante.

- E se passa alguém? Vão ver-nos!

- Os vidros são fumê, inclusive o parabrisas. Não se vê absolutamente nada. E eu não posso esperar até chegar a casa. - Meteu-lhe as mãos debaixo das nádegas e sentou-a em cima dele. - *J'ai besoin de toi*, Matilde. *J'ai besoin* de te sentir.

- Falas-me em francês porque sabes que dessa forma podes conseguir qualquer coisa de mim. És perverso. És um aproveitador.

Al-Saud riu-se baixinho e começou a tirar-lhe o blusão.

- Isso quer dizer que podemos fazer amor?

O protesto de Matilde transformou-se num gemido quando Al-Saud meteu as mãos por baixo da camisa e lhe apertou os seios por cima do soutien. Arqueou-se quando ele lhe estimulou um mamilo com os dentes através do algodão da peça. Matilde abriu-lhe o sobretudo e desapertou-lhe o cinto. Al-Saud deitou a cabeça para trás na atitude de quem emerge para inspirar depois de um momento debaixo de água. Levantou a cintura para que ela lhe tirasse as calças e os boxers.

- *Touche-moi*, Matilde. *Je ten prie.*

De joelhos no assento, elevada sobre o seu amante, Matilde cobriu-lhe o membro com as duas mãos e, de acordo com as indicações de Juana, acariciou-o com movimentos descendentes e ascendentes. Permanecia atenta às reações de Al-Saud, que não reparava na força que utilizava ao apertar-lhe a cintura. Ele agitava a cabeça, fechava os olhos com força - as pestanas pretas sobressaíam - e mordida o lábio. Matilde também prestava atenção aos sons que se limitavam ao roçar do cabelo de Al-Saud sobre o couro do encosto da cabeça e à sua respiração pesada e irregular. De vez em quando ouvia-se o barulho do

motor de um carro que passava, e Matilde lembrava-se do lugar onde estavam. Aplicou velocidade e vigor às suas carícias, e Al-Saud respondeu-lhe abrindo os olhos com uma expressão alarmada.

- *Le préservatif!* - clamou, e Matilde vasculhou no bolso interior do sobretudo até encontrar a carteira, de onde tirou um preservativo. Colocou-o com a ajuda dele.

Al-Saud levantou-lhe a camisa até ao pescoço e libertou-a do soutien para afundar o rosto entre os seios e depois para procurar os mamilos com uma boca ávida por os chupar, sugar, morder. Matilde continuava de joelhos, em entrega completa, uma mão segurava a pega da porta e a outra abria-se contra o tejadilho, como se o segurasse para que não caísse sobre as suas cabeças. Al-Saud obrigou-a a deitar-se de costas sobre o assento do acompanhante e tirou-lhe as sabrinas, as calças e as cuecas que ia lançando para a parte de trás. Manteve-a nessa posição e acariciou-a. Matilde gritou e contorceu-se.

- Estás tão úmida - arquejou ele.

Levantou-a brusca e repentinamente. Matilde deixou cair a cabeça para trás. Ele manipulava-a como a uma boneca de trapo e, enquanto a colocava sobre ele, obrigou-a a recebê-lo com um movimento seco e autoritário, que provocou em Matilde um instante de mal-estar e ardor. Cravou as unhas nos ombros de Al-Saud e soluçou. Ele afastou-lhe os cabelos e estudou-lhe a expressão contraída.

- Matilde... - A sua voz angustiada fê-la sorrir. - Meu amor, desculpa.

Ela acenou com a cabeça, incapaz de articular qualquer palavra nesse instante de delírio, prazer e dor. Sentiu que ele lhe beijava o pescoço, justamente onde o sangue dela pulsava, e inclinou a cabeça até encontrar a sua boca. As mãos de Al-Saud apoderaram-se das ancas de Matilde e ensinaram-lhe o movimento de que ele mais gostava. Matilde interrompeu o beijo e introduziu o mamilo na boca de Al-Saud.

- Chupa-me, Eliah, como se te estivesse a alimentar de mim.

Sentiu como as suas palavras o alteravam; ele cresceu e pulsou dentro dela, ao mesmo tempo que as suas pálpebras escuras se tornavam pesadas e quase lhe tapavam os olhos por completo. A mão direita dele permaneceu sobre as ancas de Matilde, para continuar a balançá-la, enquanto a outra trepou pelas costas até às omoplatas e pressionou-a contra a sua cara.

Ele soltou o ar com violência sobre a pele de Matilde antes de sugar. Os movimentos seguiam o mesmo ritmo, o das ancas de Matilde sobre a virilha de Al Saud e o da boca dele sobre o mamilo dela. Matilde arqueava se e queixava se quando ele abandonava um seio para arrastar os lábios para o outro. De repente, os seus olhares encontraram se, e uma emoção invadiu-os. O movimento ganhou velocidade. Ela afastou-se dos olhos escuros de Al-Saud para observar o aro que formava a boca dele à volta do seu mamilo. Essa visão excitava-a, tal como a do ponto em que os seus corpos se uniam. Deslizou a mão e, com o indicador, tocou-lhe. Al-Saud protestou com um queixume e, sem soltar o mamilo, falou-lhe em francês, com a respiração entrecortada.

- Não faças isso ou vou acabar antes de ti.

Matilde abraçou-o e sussurrou-lhe na testa:

- Acaba quando quiseres, meu amor. Ver-te a ter um orgasmo é o suficiente para mim.

- Matilde...

O vaivém erótico intensificou-se. Matilde gritava, dividida entre um prazer arrebatador e a dor que as mãos dele na sua cintura e os seus lábios vorazes nos seios lhe provocavam. O êxtase não tardou em sacudir os seus corpos com a potência avassaladora da paixão que se tinha acendido dentro do carro e que os escravizava um ao outro onde quer que se encontrassem.

Na quinta-feira, 5 de fevereiro, uma atividade vertiginosa apoderou-se da base desde muito cedo. Os funcionários dedicavam-se a preparar os últimos detalhes da missão no Cairo enquanto Al-Saud e os seus sócios reviam o plano. Por volta da uma da tarde na capital egípcia (meio-dia em Paris), os cientistas do seminário de Nanotecnologia partilhariam um almoço na esplanada do Hotel Semiramis Intercontinental com vista para o Nilo. Esse seria o momento em que Diana abordaria Bouchiki.

Peter Ramsay encontrava-se num pequeno iate no rio a partir do qual captava imagens do restaurante do hotel com as suas câmaras, transmitindo-as para a sala de projeção da base, onde se tinham encerrado Eliah, Tony, Mike e Alaman para seguirem de perto a troca. Os microfones e sistemas de comunicação tinham sido controlados várias vezes.

Mal passou a uma da tarde, os cientistas começaram a invadir a esplanada e a ocupar os seus lugares de acordo com as indicações do maître. No máximo grau de ampliação, os binóculos eletrônicos de Ramsay permitiam-lhe ler os nomes nas credenciais.

- Já o localizei - informou Ramsay. - O Bouchiki acaba de entrar. É o da camisa às riscas verdes e brancas. A Diana está atrás dele.

- Estamos a vê-lo - respondeu Al-Saud que, de pé em frente de um ecrã gigante, seguia as movimentações com atenção. Diana - disse -, passa a mão pela testa se ouves bem. - Diana executou a ordem. - Dingo o que é que nos podes dizer na tua posição?

Dingo, vestido de empregado, inclinou-se sobre uma mesa e simulou acomodar uns pratos antes de responder:

- Há muito movimento, tanto no lobby como aqui, no restaurante. Também vejo vários botes e lanchas no rio. Nada que chame a minha atenção.

Diana colocou-se ao lado do doutor Bouchiki, que seguia pouco animado os comentários de um colega canadense.

- Diana - falou Tony Hill, enquanto ajeitava o cabelo loiro com as duas mãos, um tique que revelava a sua inquietação, tenta ver se distingues a caneta do Bouchiki. Se a vês, coloca agora o guardanapo sobre as pernas.

Diana abriu a peça de pano depois de verificar que uma caneta semelhante à que Al-Saud lhe tinha dado em Ness-Ziona espreitava do bolso esquerdo da camisa.

- Este é o momento, Diana - instou Mike Thorton e, com um movimento ágil, levantou-se da poltrona e deslizou o seu corpo alto e magro até junto de Al-Saud, muito próximo do ecrã.

A tensão palpitava enquanto aguardavam o início da ação. Diana entornou o copo de água, que se derramou sobre o prato do lugar de Bouchiki.

O homem chegou-se para trás para evitar que o líquido o molhasse.

- Oh, lamento! Que desastrosa! - Aproximou-se para lhe enxugar umas gotas fictícias da manga e murmurou-lhe: - Diana e Artemisa são a mesma deusa.

A mudança do cientista israelita foi impercetível. Diana baixou-se para apanhar o guardanapo que tinha deixado cair de propósito e apercebeu-se de um zumbido sobre a sua cabeça. Bouchiki caiu sobre a toalha branca, que se encharcou com o sangue que brotava da testa do israelita. Os outros cientistas levantaram-se e começaram aos gritos. Um segundo disparo fez com que debandassem, tal como o resto dos comensais.

- Protege-te, Diana - disse-lhe Tony Hill, e viram-na cair debaixo da mesa.

Se se mantém no chão - disse Peter Ramsay pelo microfone, o parapeito da varanda vai protegê-la.

- Exceto se lhe lançarem uma granada - indicou Al Saud.

- Tira-lhe a caneta! - ordenou-lhe Mike Thorton, e a pele do seu rosto, estranhamente morena para um inglês, tornou-se corada. - Não saias daí sem as provas.

Diana, de cócoras debaixo da mesa, ouvia os disparos à sua volta.

- Estão a disparar de uma lancha às minhas três! - informou Peter Ramsay.

- Podes cobri-la, Pete? - perguntou Al-Saud.

- Afirmativo.

As câmaras captaram a mão de Diana que espreitava pela mesa, procurando sobre o charco de sangue e deslizando debaixo do peito de Bouchiki à procura da caneta.

- Já a tenho!

- Diana, ouve-me! - Era a voz de Al-Saud. Quero que mergulhes no rio e que nades até ao barco do Peter. Tens de fazê-lo quase sempre debaixo de água. É a tua única escapatória. Não deves voltar ao lobby sob nenhum pretexto. Poderiam fazer-te uma emboscada ali. Vamos, começa a rastejar até à varanda.

- Dingo, Peter! - vociferou Tony Hill. - Cubram a saída da Diana!

- A caneta! - desesperou-se a rapariga. - Vai-se estragar com a água!

- A placa da memória está num compartimento à prova de água - explicou Alaman.
- Não se vai estragar.

- Agora, Diana! - apressou-a Al-Saud. - Dingo, cobre-a e lança-te atrás dela!

Diana gatinhou debaixo das mesas. Os disparos tornavam-se mais fortes, não só em direção a ela, mas também ao barco onde estava Peter Ramsay. O momento de maior exposição e, conseqüentemente, de grande risco, seria quando Diana trepasse para deslizar sobre o muro de betão que se afundava no rio.

- Vamos! - Dingo apareceu a rastejar atrás dela e Diana sentiu um grande alívio; se o australiano estava ao seu lado, tudo correria bem.

Dingo deitou-se de costas no chão e tirou o avental de empregado, e Diana descobriu que, agarrado com correias à sua comprida perna direita, ocultava uma espingarda de assalto Galil. Dingo retirou a coronha, extraiu o carregador da parte posterior das suas calças e colocou-a na arma.

- Quando eu contar até três, saltas. Um, dois, três. Agora!

Dingo levantou-se atrás da varanda e esvaziou o carregador em direção ao barco que abria fogo sobre eles. As cápsulas saltavam para a frente, num ângulo alto. Diana ouvia-as golpear o precipício. Como não estava preparada, magoou as mãos e os joelhos, embora nada importasse, só alcançar o Nilo e proteger-se sob as suas águas turvas. Temia que o barco inimigo a alcançasse. Confiava em Peter, em Dingo também, que não a deixariam exposta.

Esgotados os trinta e cinco cartuchos, Dingo protegeu-se atrás do parapeito, pendurou a Galil a tiracolo e empunhou a sua Magnum Desert Eagle. Podia ouvir as sirenes da Polícia egípcia; dentro de segundos os agentes encheriam a esplanada do restaurante. Atirou-se por cima do muro de betão e rolou até à água.

Na sala de projeção da base, os donos da Mercure seguiam as imagens quase sem respirar. A constatação de que os tinham traído, de que alguém, infiltrado na organização, os tinha vendido, acentuava-lhes os rostos contrariados. As câmaras continuavam apontadas à esplanada do hotel e não captavam o que se passava no Nilo. Repararam que o barco de Ramsay se punha em movimento.

- Pete! - Os olhos pardos de Mike faiscaram de ansiedade. - Diz-nos se consegues vê-los.

- Vejo-os! Vou ter com eles.

Quando Diana e Dingo subiram a bordo não perderam tempo. Procuraram os lança-foguetes RPG-7, já preparados, e foram para o convés. A lancha inimiga aproximava-se com dois homens. Um deles preparava-se para os atacar com um míssil antitanque. Dingo, que estava com os binóculos, descobriu que se tratava de um Spike-SR, de fabrico israelita, utilizado pelo Tsahal. «São kidonim», pensou, e referia-se aos sicários da Mossad. Viu com satisfação que o homem parecia ter problemas com o tripé do lançador.

- Eu encarrego-me do que está prestes a disparar. Tu, do que conduz a lancha

- Perfeito - respondeu Diana.

Localizaram-nos com a mira reflex de ponto vermelho e dispararam. Peter Ramsay, que se ocupava de afastar o pequeno iate para o delta do Nilo para se perder na intrincada rede de ilhas e ilhotas, ouviu o som dos disparos e o estrondo do seu impacto na lancha inimiga. Não pararia para contemplar o resultado. Puxou a fundo pelos motores. Ao longe ouvia-se a sirene da lancha da Polícia egípcia.

Passaram horas de grande tensão até que se deu por terminada a missão no Cairo. Cerca das dez da noite, quando Al-Saud e os seus sócios tiveram a certeza de que Peter Ramsay, Dingo e Diana viajavam no Gulfstream V da Mercure com destino a Le Bourget, abandonaram a divisão para jantar. Leila recebeu-os com a mesa posta e a comida pronta. Ninguém elogiou a *vichyssoise nem les moules avec sauce au safran*. Comiam em silêncio,

abstraídos nos seus pensamentos. Leila chamou a atenção de Al-Saud para lhe perguntar por Matilde; com a ponta do indicador, tocou várias vezes na cana do seu próprio nariz, como que desenhando sardas. Eliah sorriu sem vontade.

- Hoje não vem, *ma petite*. Tu também sentes a sua falta, não é? - Convidou os sócios: - Vamos tomar o café na sala de música. Vou já ter com vocês - disse, e abandonou a sala.

Eram onze e meia, muito tarde para ligar para ela. Mas precisava dela; ouvir a sua voz trar-lhe-ia paz. A imagem de Bouchiki a cair de bruços na mesa não o abandonava. Ele conduziu-o para essa armadilha. Descarregou o punho sobre a sua secretária e depois tapou o rosto com as mãos. Pegou no telefone.

-Sim?

- Juana, sou eu.

- Olá, bonito!

- Acordei-as?

- Não. Estamos a ver um filme antigo com o Alain Delon. Que bombom, meu Deus! Não fiques com ciúmes porque a Mat diz que és muito mais legal.

Al-Saud sorriu apesar de tudo.

- Ainda bem que estão acordadas.

- Amanhã não temos de ir à escola de línguas, por isso estamos a aproveitar um bocadinho.

- Porque é que não vão?

- Porque vão desratizar. Ao que parece, uma moça do outro curso levantou a tampa da mesa e encontrou um ratinho do tamanho de um gato que quase a cumprimentava em francês. Quase teve um ataque. Por isso decidiram fechar a escola de línguas amanhã, sexta-feira, e desratizar. Passo-te à Matilde que me está a tirar o telefone.

- Obrigado - balbulciou Al Saud, enquanto uma ideia lhe nascia na mente

-Olá.

- Olá, meu amor. Que bom ouvir-te.

- Como estás? Pareces cansado.

Fechou os olhos. A voz de Matilde entrou suavemente e alterou o seu ânimo como o efeito de um bálsamo sobre uma queimadura. Inspirou fundo e recostou-se na poltrona.

- Tive um dia de muito trabalho. Muito cansativo.

- Sim, disseste-me que hoje ias ter um dia complicado. Consigo perceber que estás exausto.

- Sim? Consegues perceber-me?

- Sim.

- Gostava que estivesse aqui.

- E eu gostava de estar aí.

- Matilde, quero que conheças o meu sítio em Rouen. A Juana acaba de me dizer que amanhã não têm de ir à escola de línguas. Podíamos sair cedo de manhã e regressar no domingo à noite. O que achas?

- Adoraria.

Al-Saud endireitou-se na poltrona.

- Passo por aí às nove.

- Fico à tua espera. Dorme bem, Eliah.

- Obrigado, meu amor.

Al-Saud juntou-se aos seus sócios na sala de música. Um deles tinha escolhido a Suíte N.º 1 para violoncelo, de Bach.

- É evidente que temos um infiltrado - disse Tony Hill.

- Por favor! - irritou-se Mike Thorton. - Não comecemos a tornar-nos paranoicos. Há dois anos que o tipo tinha os caras da Mossad atrás dele. Sabíamos que se tratava de uma troca muito complexa.

- É verdade - concordou Al-Saud. - De qualquer forma, uma coisa é seguir-lhe o rasto, guardá-lo, não o perder de vista, e outra muito diferente é apontar-lhe espingardas M-16 do rio.

- Imaginemos por um momento que houve uma fuga de informação e que chegou aos ouvidos da Mossad - conjecturou Mike. - Suponhamos por um momento que temos um traidor dentro da Mercure. Porque é que a Mossad ou quem quer que seja que tenha assassinado o Bouchiki teria esperado até aquele momento, até ao momento exato da troca para o matar? Porque não fazê-lo antes e evitar os riscos?

- Para nos enviarem uma mensagem - concluiu Al-Saud. - Querem que saibamos que estão informados sobre a nossa investigação. Estão a avisar-nos para não seguirmos em frente.

- E quem será o traidor? - perguntou Mike, ainda desconfiado.

Os sócios olharam uns para os outros. Os empregados que trabalhavam na base não eram poucos; isolar a fuga seria uma tarefa complicada.

- Não só se poderia tratar de um infiltrado da Mossad - disse Tony -, mas também desse filho da mãe do Nigel Taylor. Tony Hill referia-se ao dono da Spider International, a concorrente da Mercure S. A. Existia uma rivalidade entre Taylor e Al-Saud nascida durante os anos em que trabalharam para L' Agence e que ultrapassava o âmbito dos negócios para se converter numa questão pessoal. - Taylor seria bem capaz de introduzir um espião na Mercure e depois vender a informação à Mossad - continuou Tony. - O grande sacana é capaz disso e de qualquer outra coisa para nos destruir.

- Não vamos continuar a especular porque isso não nos levará a lado nenhum - propôs Mike. - A primeira coisa a fazer é determinar se existe um traidor entre nós.

- Lançar uma armadilha - sugeriu Tony - será a melhor forma de verificar isso.

- Vamos fingir um encontro - declarou Al-Saud - com um informador fictício que nos dará mais informações sobre o voo da El Al. Limitaremos o número de pessoas da Mercure envolvidas nesta missão aos que, de acordo com a nossa opinião, forem mais suspeitos.

- O Masséna encabeça a lista - opinou Tony. - Nunca gostei desse roedor.

- Serei eu a ir a esse suposto encontro - afirmou Al-Saud.

Estavam demasiado esgotados para ultimarem os detalhes da emboscada que lhes permitiria confirmar a suspeita de que havia um infiltrado na Mercure. Uma vez admitida a existência de um traidor, isolá-lo implicaria um jogo subtil no qual se guiariam mais pelo instinto do que pela certeza.

- Como indica a análise da hipótese - disse Tony -, seria pior eliminar uma opção boa do que aceitar uma má.

- Neste caso, as duas situações seriam desastrosas - disse Al-Saud: - desfazermos-nos de um bom empregado ou conservar o traidor. - Sem fazer uma pausa, anunciou: Amanhã vou para fora de Paris. Quero que me liguem mal o Chevrikov tenha revelado as fotografias do Bouchiki.

Roy Blahetter ocupava uma das mesas do Soufflot Café com vista para o passeio, que se encontrava quase na esquina com a rue Toullier. Ali, meio escondido atrás do atril onde se expunham os preços, Roy obtinha uma visão perfeita da entrada do prédio de Matilde. Consultou as horas. Um quarto para as dez da manhã. Era cedo. Permaneceria sentado naquela cadeira o dia inteiro até a ver sair. Ela não tinha atendido os seus telefonemas, e para ele tinha-se convertido numa missão impossível abordá-la à hora de almoço, quando se dirigia à escola de línguas; o motorista que ia buscá-la mostrava-se zeloso como um rottweiler. Em algum momento, Matilde sairia sozinha, e ele intercetá-la-ia.

A sua atenção desviou-se para o magnífico Aston Martin azul que avançava pela rue Soufflot e que virou na Toullier. Viu-o parar em frente do prédio de Matilde. Um mau pressentimento levou-o a levantar-se. Os vidros fumados impediam-no de distinguir quem estava lá dentro. A porta do condutor abriu-se e apareceu o sacana que o tinha humilhado em casa de Jean-Paul Trégart no dia depois da festa. Voltou à sua cadeira e escondeu-se atrás do atril quando Al-Saud - Ezequiel tinha-lhe dito que era esse o seu apelido - tirou os óculos de sol e, enquanto os pendurava no decote em V da T-shirt branca, estudava o ambiente à sua volta, até aos telhados, com a atitude de um vigilante. Sem abandonar o ar de alerta, tocou a campainha da rua, disse umas palavras e esperou ao pé da entrada. Matilde não demorou a descer, bonita, com o cabelo solto, mais comprido, loiro e mais resplandecente do que nunca, envergando um blusão creme que ele não conhecia e que lhe ficava muito bem. Não se deu conta de que dobrava a colherzinha enquanto testemunhava o beijo que a sua mulher e Al-Saud trocavam. Ele tirou-lhe a mochila e obrigou-a a pôr-se na ponta de pés para lhe passar o braço pela cintura e aproximá-la da sua boca. Matilde, agarrada à nuca de Al-Saud, devolveu-lhe o beijo com uma paixão de que ele nunca a teria julgado capaz, ali, no meio da rua, à frente de toda a gente. Não a reconhecia. Al-Saud continuou a beijá-la - comendo-a porque já não se viam os lábios de Matilde - até que se afastou, perturbado, talvez envergonhado. Depois de presenciar aquele beijo, Blahetter tinha de admitir que as palavras de Al-Saud - que Matilde lhe dava livremente o que a ele lhe tinha negado - eram verdadeiras. «Se não soubesse que vai armado», convenceu-se Roy, «desfazia-o à pancada». Matilde e Al-Saud entraram no Aston Martin e afastaram-se em direção à rue Cujas.

Não teve tempo para ficar desmoralizado. Sentiu uma leve pressão na zona do rim direito. Virou-se na cadeira e deu de caras com o motorista do professor Orville Wright a escassos centímetros dele.

- Bom-dia, doutor Blahetter. Estou a apontar lhe uma pistola de calibre 45. Não me obrigue a usá-la. Levante-se e venha comigo até aquele carro. - Indicou com o queixo um veículo estacionado na rue Soufflot.

- Suponho que sabe conduzir. - Blahetter mal assentiu. Aqui tem as chaves.

À medida que se afastavam de Paris para noroeste pela Autoroute A13, o céu tornava-se cinzento. Matilde quase não prestava atenção à paisagem, majoritariamente rural, pois estava absorta no que Eliah lhe contava sobre Jacques Méchin, de quem tinha gostado como de um avô e de quem tinha herdado a casa da avenue Elisée Reclus e o sítio em Rouen. Apesar de Al-Saud se mostrar falador, ela notava-o tenso. Não parava de olhar para o espelho retrovisor, e se algum carro se aproximava, Al-Saud acelerava para se

distanciar. Matilde conseguiu ver quando o ponteiro chegou aos duzentos quilómetros por hora. Pareceu-lhe uma contradição não sentir medo; com ele estava segura.

A conversa sobre Méchin encaminhou-se para o verdadeiro avô de Eliah, amigo de Méchin e fundador do reino da Arábia Saudita, Abdul Aziz Al Saud, e para sua vida digna de um romance. Eliah também lhe falou sobre a realidade do islão na país de Kamal

- A família do meu pai pertence a uma seita sunita chamada wahabita. Foi fundada por Mohamed ibn Abd-al-Wahab; daí que se chame assim. É a mais rigorosa do Islão, até a dança e o canto estão proibidos.

- É estranho que te tenham dado o nome de um profeta judeu sendo tu filho de um príncipe wahabita - comentou Matilde.

- A minha mãe gostava muito dele, ela queria que me chamasse assim, e o meu pai, que tenta sempre agradá-la em tudo, fez-lhe a vontade. A minha avó Fadila nunca lho perdoou. De fato, ela sempre me chamou pelo meu segundo nome, Ayman. Significa felizado.

- Ayman - repetiu Matilde. - Que nome bonito. E que lindo significado.

- E a ti, porque é que te chamaram Matilde?

- Porque nasci a 14 de março, dia de Santa Matilde. O meu nome é de origem alemã e significa força ou exército. Nada menos apropriado para mim, não achas? Sempre fui tão baixa e pequena.

Al-Saud virou a cabeça para olhar para ela de um modo enigmático.

- Talvez se refira ao temperamento - raciocinou. - Estou convencido de que tu tens a força de um exército quando alguma coisa te incomoda.

Um silêncio incómodo invadiu o habitáculo e a canção Alfa de Vangelis invadiu o ambiente. Matilde sabia que Al-Saud se referia à noite em que o tinha mandado embora da rue Toullier. Não tocavam nesse assunto, e a sua viagem ao Congo pendia como a espada de Dâmocles. Passados uns minutos, Matilde atreveu-se a falar.

- O teu pai é muito apaixonado pela tua mãe, não é?

- Ele renunciou ao reino da Arábia Saudita para ficar com a minha mãe.

- O teu pai ia ser rei da Arábia Saudita? - Eliah assentiu. - É incrível.

- Não teria podido casar-se com a minha mãe se aceitasse o trono. Ela, para os sauditas, é uma infiel. Porque é que me perguntas isso?

- Tive a impressão de que os teus pais se amam de uma forma especial na noite em que conheci o teu pai na casa da tia Sofia. Olhavam-se de uma maneira que... me emocionou.

Al-Saud saiu da estrada e dirigiu-se a outra mais estreita e solitária, flanqueada por um denso bosque. Ao cabo de uns minutos, virou à direita e entrou por um caminho de terra escurecido pelas copas das árvores, que acabou em frente a um antigo portão de ferro forjado coroado por uma placa metálica que dizia: Haras Al-Saud. Élevage de Chevaux Frisons. Apontou um pequeno dispositivo ao portão, que se abriu.

- Lê-me a placa, Eliah. - Al-Saud fez-lhe a vontade. - O que quer dizer?
- Cavalariças Al-Saud. Criador de cavalos frísios.
- Quais são os cavalos frísios?
- *Les plus beaux chevaux au monde, mon amour.*

A casa principal erguia-se numa propriedade de esmerados jardins e rodeada por casas menores de sólida construção e de aspeto cuidado, embora mais antigo do que o da principal. Al-Saud informou-a de que numa vivia o administrador, Takumi Kaito, e nas outras distribuía-se dois veterinários e o resto dos empregados. A zona fervilhava de atividade, que se deteve por um momento quando apareceu o Aston Martin. Al-Saud estacionou num caminho de gravilha que conduzia à escadaria da casa grande. Ao pé da porta dupla encontravam-se o administrador - Matilde não teve dificuldade em identificá-lo dadas as suas feições marcadamente japonesas - e uma mulher gorducha, ataviada com um pano na cabeça e um avental de flores, cujo sorriso ajudou Matilde a descontrair.

Takumi Kaito observava Eliah enquanto este tirava a bagagem e trocava umas palavras com a moça que o acompanhava. O seu rosto imperturbável disfarçava a alegria que significava para o japonês a visita de quem ele considerava o seu filho. Nunca esqueceria o início da sua relação, quando Eliah tinha treze anos, uma mente brilhante e um espírito ávido, inquieto e incompreendido. O príncipe Kamal tinha-o contratado como guarda-costas pessoal do terceiro filho, tarefa que partilhava com outro profissional, um romeno, ex-membro da Legião Estrangeira. Depois de o estudar sem arrogância, mas de forma aberta e consciente, Eliah pediu para falar com o pai em privado e, embora fechassem a porta da divisão contígua, Takumi ouviu o que diziam. «Eu poderia derrubar esse japonês com um dedo, pai.» «Tu jamais conseguirias pôr o teu dedo sobre aquele homem sem que estivesse a implorar por ar», foi a resposta do príncipe saudita. «Lamento que tenhas tão pouca cabeça para te deixares levar pelas aparências. É verdade que o senhor Kaito é de baixa estatura e feição pequena, mas esse homem, neto de um dos últimos samurais, é especialista em várias artes marciais e vi-o derrubar homens do meu tamanho com dois ou três movimentos.» Durante meses, o seu protegido tratou-o de forma distante, na verdade, mostrava-se reservado e pouco afetuoso com a maioria das pessoas, exceto com a mãe, a dona Francesca, e com a irmã, Yasmin. No entanto, Kaito percebia que a ele não só o tratava com circunspeção, como também não confiava nele. Por outro lado, sabia que ao seu protegido, um Cavalo de Fogo, a falta de liberdade de movimento irritava-o como poucas coisas, e a presença de um guarda-costas limitava-o.

Num sábado de manhã de maio de 1981, dona Francesca pediu-lhe para preparar um dos carros; ela e os seus dois filhos mais pequenos, Eliah e Yasmin, iriam às compras. Mal entraram na rue Saint I Honoré, dois carros bloquearam-nos, um por trás e outro pela frente, e Takumi Kaito viu-se obrigado a travar. Quatro homens, armados com espingardas MP5 e com rostos grotescos devido às meias que lhes cobriam as cabeças, rodearam o carro dos Al-Saud e vociferaram-lhes que saíssem num francês com péssima pronúncia; acompanhavam os gritos com golpes no teto do veículo. A pequena Yasmin, abraçada à cintura de dona Francesca, escondia a cara no seu colo, impedindo-a de cumprir a ordem dos seqüestradores.

O jovem Eliah permanecia imóvel no assento, só os seus olhos verdes se moviam para acompanhar a figura de quem parecia ser o chefe da quadrilha. Os seqüestradores começavam a perder a paciência. A operação, em plena luz do dia e numa rua movimentada, não devia demorar mais de uns segundos, nem sequer um minuto. Um

deles tirou Kaito do lugar do condutor e atirou-o para o asfalto, enquanto o chefe tentava separar a menina da mãe. Só se ouviam gritos e choro. Yasmin, num ataque de histeria, voltou-se contra o homem e, tentando arranhar-lhe a cara, rompeu-lhe a meia, que se abriu para deixar o rosto do delinquente à mostra. Eliah, que desde muito pequeno estudava alemão, compreendeu os insultos do atacante. Seguiu-o com o olhar numa espécie de estado de fascínio e estupor, enquanto lhe estudava as feições peculiares. Takumi Kaito aproveitou esse momento de confusão para neutralizar os que lhe apontavam a arma. Os queixumes dos seqüestradores desviaram a atenção de Eliah para o japonês. Os seus braços agitavam-se como pás a uma velocidade que os tornava quase invisíveis, apenas lampejos de cor no ar. Kaito ocupou-se do terceiro e o barulho do úmero ao quebrar-se provocou a Eliah uma náusea. O chefe do grupo, sem meia e alterado, tentou esvaziar o carregador da sua MP5 no corpo do japonês. Foi difícil compreender de que forma o homem acabou com a coronha da arma enterrada na barriga. Nem ar, arrastou-se para um dos veículos e, com as portas abertas, arrancou fazendo chiar os pneus e fugiu pelo *boulevard*.

Eliah foi abraçado pela mãe e pela irmã, que choravam, tremiam e gemiam, uma em espanhol, a outra em francês. Kaito pôs o carro em andamento e regressou à mansão da avenue Foch. Os dias seguintes decorreram de modo confuso para Eliah. Não ia ao colégio, não o deixavam sair à rua nem ver os seus amigos. O desfile de polícias, inspetores, políticos, embaixadores e outros funcionários não acabava. No meio da revolução causada pelo ataque, ninguém reparava na atitude de Eliah, cada vez mais retraído e ensimesmado à medida que os dias passavam. Takumi Kaito observava-o.

Um dia encontrou-o no sótão a chorar. Respeitou o cuidado do adolescente em dissimular esse momento de debilidade. A sua inação perante o perigo que as mulheres da família tinham corrido humilhava-o; continuava a sentir-se humilhado sempre que a Polícia e os agentes da *Direction de la Surveillance du Territoire* o interrogavam e ele tinha de admitir que permanecera impávido.

- Este lugar daria um magnífico dojo disse Kaito.

- O que é um dojo? - perguntou o jovem Al Saud e corou porque a sua voz saiu fina.

- É uma espécie de ginásio onde se aprendem artes marciais. - Kaito estudou o sótão e avaliou as condições. - Sim, definitivamente daria um bom dojo. Gostavas de aprender a lutar como me viste fazê-lo quando vos tentaram sequestrar? - Mencionou aquele dia de propósito, usou as fatídicas palavras sem pudor. - Acho que tens condições para a luta.

- Como é que sabe? - perguntou Eliah, desconfiado.

- Porque te vi fazer desporto no colégio. Moves-te com agilidade, estás em harmonia com o teu corpo. Sentes-te à vontade com ele.

As palavras revelaram-se incompreensíveis. Eliah não sabia de que é que o japonês lhe falava, como se o seu corpo e ele fossem duas entidades separadas.

- Não entregaria o meu conhecimento a qualquer um, Eliah.

O jovem Al-Saud levantou o olhar e cravou-o no guarda-costas. Era a primeira vez que o tratava pelo seu nome.

- Com o que sei, pode-se matar facilmente. E não se trata disso. Mas tu possuis o equilíbrio e o controlo necessários para discernir quando te deves converter numa arma para matar. Se eu te ensinar, Eliah, nunca ninguém te poderá magoar.

Não soube o que fazer quando aqueles homens quiseram levar a minha mãe e a minha irmã. Comportei-me como um covarde.

- Um cavalo de fogo, um covarde? O cavalo de fogo não conhece o medo. Não é um mérito. Simplesmente, nasce sem esse sentimento. Por acaso tiveste medo no dia do sequestro? Duvido. Limitaste-te simplesmente a observar. Não há ninguém como o Cavalo de Fogo para manter a calma perante as catástrofes. Às vezes não são humanos.

- De que é que estás a falar? - perguntou Eliah, atónito.

- Estou a falar de ti. Tu, ao teres nascido no dia 7 de fevereiro de 1967, és um Cavalo de Fogo no Zodíaco Chinês. - O sorriso trocista de Al Saud não ofendeu Kaito. - Também não acreditaste em mim quando o teu pai me contratou. Disseste que me conseguias derrubar com um dedo, não foi? As faces imberbes de Eliah voltaram a tingir-se de vermelho.

- Por isso não duvides quando te digo que o teu espírito é o de um Cavalo de Fogo.

- Está bem - vacilou, depois de um silêncio -, quero que me ensine a lutar como fez naquele dia.

- Fá-lo-ei, Eliah, ao meu lado não só aprenderás a lutar, mas também a respeitar tudo o que te rodeia, desde o ser mais pequeno ao maior. Porque cada elemento faz parte de um todo, nada está colocado ao acaso. Não só serei o teu treinador mas também me converterei no teu mestre. Por isso chamar-me-ás mestre Takumi. Chamar-me-ás Takumi sensei. Repete-o.

- Takumi sensei.

- Takumi sensei - disse Al-Saud e fez uma reverência. Depois fundiram-se num abraço. - Bonjour, Laurette - cumprimentou de seguida.

Matilde julgou que a mulher ia começar a chorar. Emocionada, envolveu Al-Saud com os seus braços rechonchudos e soltou uma ladainha de palavras indecifráveis para ela; o sotaque da Alta Normandia era mais confuso do que o parisiense. Embora Al-Saud se tenha deixado abraçar. Matilde intuiu que as demonstrações de afeto o incomodavam.

- Sensei, Laurette, esta é a Matilde. A minha mulher. Laurette proferiu uma exclamação, abraçou Matilde e de novo falou muito com rapidez. Matilde, corada e perturbada pela forma como Al Saud a tinha apresentado inclinou-se como um autómato perante o japonês e depois sentiu-se ridícula. Entraram em casa e Laurette tagarelava para Matilde, Al Saud traduzia, e não lhe interessava quantas vezes lhe explicasse que o francês de Matilde era limitado; a mulher continuava a soltar frases incompreensíveis. Até que Kaito lhe falou de maneira enérgica e baixinho em japonês, e Laurette calou-se, sem perder o sorriso.

A casa estava construída em pedra branca e madeira. Atravessaram o hall de entrada e desceram três degraus para acederem a uma sala de grandes dimensões. Matilde foi logo conquistada pelo encanto do lugar, com uma lareira onde crepitavam dois toros, um sofá de vários lugares e cadeirões forrados em camurça castanha, almofadões por todo o lado e um tapete enorme que cobria o parquet. Perto das janelas que davam para o

jardim das traseiras, havia uma comprida mesa de carvalho com uma fruteira a transbordar de maçãs, laranjas e bananas.

A escada ficava num extremo da divisão e conduzia a uma varanda interior, que dava para a sala. Matilde perguntou-se como seria a vista lá de cima e preparou-se para subir. O celular de Al Saud tocou, e ele consultou o ecrã antes de atender.

- Tenho de atender esta chamada - disse-lhe, e Matilde assentiu.

Viu-o atravessar a sala, entrar numa divisão e fechar a porta. Kaito sorriu-lhe e, com um sinal, indicou-lhe que subisse. Laurette e o japonês carregaram a bagagem.

- Esta noite vai nevar - informou Takumi, e Matilde compreendeu o seu francês pausado. - A casa tem um excelente sistema de aquecimento, minha senhora.

- Monsieur Kaito, por favor, chame-me Matilde e trate-me por tu. Para mim, será um prazer.

- O mesmo se aplica a ti, Matilde.

Avançaram pela varanda. Matilde parou e contemplou a sala aos seus pés; dessa posição descobriu, a uns metros da lareira, um móvel que albergava a aparelhagem de música e centenas de CD. Sorriu. A predileção de Eliah pela música começava a mudar a sua própria relação com essa arte. Retomou a caminhada. Na parte superior, segundo lhe explicou Kaito, estavam os quatro quartos e o ginásio.

- Este é o quarto do Eliah.

- É muito acolhedor. Que flores bonitas! - exclamou, e aproximou-se da cómoda para as cheirar; eram de várias cores (violetas, brancas, fúchsias, azuis) e cresciam em cachos. Ah, que perfume maravilhoso! Que flor é? Não a conheço.

- Jacinthe - apressou-se a responder Laurette, e explicou-lhe que se tratava de uma raridade para aquela época do ano. Ela cultivava-as na estufa.

- Laurette, vamos deixar Matilde para ela se refrescar e se pôr à vontade. Daqui a meia hora serviremos o almoço. O banheiro está aqui

- Obrigada, Takumi, obrigada, Laurette. - Matilde sorriu-lhes. Sentia-se muito bem

Al Saud fechou a porta do escritório para atender a chamada.

- Diz-me. Tony.

- Estou com o trabalho do Lefortovo - referiu-se a Vladimir Chevrnikov pelo seu nom de guerre. - O material está pronto.

- O que me podes adiantar?

- É muito melhor do que esperávamos. Há de tudo. Fotografou o laboratório, as substâncias, os empregados a manipulá-las, relatórios, documentação com as quantidades, a origem, os envios. Enfim, uma bomba. Queres que contate o jornalista para começar com a execução do plano?

- Não. Aguardaremos. Prefiro contar com a outra prova antes de contatar o holandês.

- Queres que eu trate do assunto? Ou o Mike?

Al-Saud meditou se seria sensato enfrentar Roy Blahetter. Perguntou-se se o dominaria ou se não resistiria ao desejo de o desfazer à pancada.

- Não te preocupes, Tony. Eu trato disso. Mantém-me informado, a qualquer hora.

Al-Saud regressou à sala. A voz de Laurette vinha da cozinha; falava de Matilde - que pequenina, mas que bonita; quantos anos terá? Ela dava -lhe vinte; não seria um pouco jovem para Eliah? Devia ser boa pessoa; alguém que reconhecia a beleza dos seus jacintos não podia ser má. Al-Saud abanou a cabeça e sorriu. Correu escadas acima. Entrou no seu quarto e viu-a na varanda. Ela vestira o blusão e tinha saído para admirar a paisagem. O vento despenteava -lhe o cabelo. Que bela imagem proporcionava! Matilde sobressaltou-se quando ele a envolveu com os braços por trás e a apertou contra o peito para a confortar. Ficaram em silêncio. Dali viam as cavalariças, duas construções paralelas, mais compridas, do que largas, com paredes esbranquiçadas e telhados de duas águas com telhas vermelhas

- Gostas de montar?

- Adoro. Mas há anos que não subo a um cavalo.

- Sabes montar?

- Tinha um instrutor quando era pequena. E quando íamos à quinta dos meus avós, não gostava de desmontar o meu cavalo. Só queria montar e montar. Mas depois perdemos a quinta e os cavalos, e não voltei a fazê-lo.

Al-Saud queria saber tudo sobre ela, não só porque desejava conhecê-la em profundidade, mas por aquilo que Juana -lhe tinha contado, que Matilde -lhe revelaria as suas dores se ele ganhasse a sua confiança.

- O que se passou com o sítio? Porque é que a perderam?

Pensou que não -lhe responderia até que a ouviu suspirar.

- Perdemos tudo. A quinta, os cavalos, a mansão da família, as joias, os quadros, os carros, tudo, tudo. Virou-se nos braços dele e apoiou a face no blusão de camurça. O meu pai vigarizou muita gente. Era dono de um banco e, quando foi à falência, deixou muita gente sem nada. Ligavam-nos para nos insultarem, agrediam-nos à porta de casa. Os advogados passavam o dia fechados com o meu pai e os meus avós no escritório. Estavam muito preocupados. O meu pai começava a beber logo cedo. A minha mãe metia-se no quarto a chorar. A minha avó Celia acusava o meu pai de todas as desgraças do mundo. Uma vez vieram penhorar a casa e tudo o que havia lá dentro. Foi tão desagradável! A voz falhou-lhe.

- Chiu. Chega. Não me contes mais - disse-lhe, e apertou os braços à volta dela para -lhe incutir a sua energia, a sua força. Matilde levantou o rosto, e Al-Saud, impressionado por aqueles olhos enormes cheios de lágrimas, sentiu um nó na garganta.

-Matilde - implorou, e escondeu o rosto no seu pescoço. - Matilde. Meu amor. Matilde.

- Numa manhã - continuou ela -, o meu pai veio ao meu quarto e disse-me que ia sair durante umas horas mas que voltaria para me levar à festa de aniversário da Juana. Eu

fiquei muito contente porque, dessa vez, estava sóbrio, bem vestido, até perfumado. Abraçou-me e beijou-me e disse-me que me amava de todo o coração. Eu não lhe disse nada porque não conseguia falar. Como me arrependi! Devia ter-lhe dito: «Amo-te muito, pai!» Pelo contrário, não lhe disse nada. Não regressou. Nessa manhã apresentou-se ao tribunal e prenderam-no.

Al Saud não esperava uma confissão daquele teor. Não sabia que o irmão da sua tia Sofia acabara na prisão por ser vigarista.

Matilde levantou o queixo e enfrentou-o com um olhar decidido. Esteve preso cinco anos. Como não havia dinheiro para nada, não foi possível pagar para que ele ficasse alojado na ala VIP, por isso passou o tempo com os delinquentes comuns, e com gente do pior que há. Nem quero pensar no que deve ter sofrido.

- Não penses nisso! De certeza que o teu pai soube encontrar o seu lugar «Que comentário tão estúpido!», lamentou-se, vencido pela impotência.

Matilde abanou a cabeça, - Não sei Eliah, não sei. Eu via-o sempre muito abatido - las visita-lo?

- Era a única da família que ia visitá-lo, além do meu avô Esteban. Mas o meu avô morreu (de desgosto, creio) passado pouco tempo foi isso. só eu é que o visitava. A Juana e o Ezequiel iam comigo. O pai da Juana levava-nos. Eles eram a minha família. Eles sempre foram a minha família. - De repente Matilde recuperou a compostura. - Eliah, não julgues o meu pai com dureza ele não é má pessoa, enganou-se, estava confuso, perdido, mas eu sei que não o fez com má intenção nem de propósito. Juro-te!

- Eu sei, eu sei.

- Eu gosto tanto dele! Não sei porquê. Na verdade, não foi um bom pai. Era alcoólico, dava-se pessimamente com a minha mãe, tinha amantes, nunca estava em casa. Mas eu amo-o, Eliah. Talvez porque saiba que ele me ama de todo o coração, como me disse naquele dia em que... Matilde rompeu num pranto aberto, e Al-Saud lamentou ter mexido em tanta dor. Segurou-a, absorveu os seus espasmos, embalou-a nos seus braços e beijou-lhe a cabeça. Entre beijo e beijo, sussurrava-lhe: «Matilde, *mon amour, ne pleures pas, je ten prie. Je suis désolé. Ne pleures pas, s'il te plaît.* Minutos mais tarde sentiu que o corpo dela se acalmava. Pegou-lhe no rosto com as mãos e pediu-lhe que olhasse para ele.

- Só por ter dado vida a um ser tão magnífico como tu, o teu pai merece todo o meu respeito.

- Obrigada - disse, com voz trêmula e a visão nublada

O almoço com o casal kaito Matilde surpreendeu-se ao saber que Takumi e Laurette eram marido e mulher ajudou a dissipar os vestígios de tristeza nos quais a revelação na varanda os afundou. Matilde vestia um dos uniformes de amazona, que pertencia a Yasmin e lhe ficava um pouco grande, tal como as botas, que Eliah encheu com algodão.

- Quanto é que calças? - perguntou, surpreendido, de joelhos em frente dela, com o pé de Matilde na mão.

- Trinta e cinco.

- É o pé adulto mais pequeno que vi na minha vida. - Beijou-a no peito do pé, em cada dedo, e começava a subir pela barriga da perna nua quando Laurette lhes anunciou, do andar de baixo, que o almoço estava servido.

- É só hoje ao almoço - desculpou-se Al-Saud. - Nos outros dias, estaremos completamente sozinhos, prometo.

Olharam-se. Matilde ainda tinha os olhos e o nariz avermelhados devido ao choro. Os olhos de Al-Saud vaguearam até à sua boca em forma de coração, com a tonalidade de uma cereja cristalizada. Não guardava na sua memória a imagem de outros lábios tão bonitos. Passou-lhe a mão pela face, e ela descansou o rosto na sua concavidade.

- Desculpa ter feito com que ficasses triste. Só quero que sejas feliz.

- Eliah, ninguém me fez mais feliz do que tu.

Ele teria perguntado: «Porquê, Matilde? Porque é que te faço feliz? Por-que te curei? Porque te ensinei a fazer amor? Amas-me, Matilde?» Como de costume, calou-se.

Durante o almoço, Laurette falou por todos. Pouco a pouco, Matilde acostumou-se ao seu sotaque. Reparou que Takumi Kaito a observava e desejou que Al Saud tirasse a mão do meio das suas pernas porque tinha a certeza de que o japonês se dava conta da expressão no seu rosto.

- Quantos anos tens, Matilde? quis saber Laurette.

Al-Saud sorriu com presunção. Tinha estado a perguntar-se quanto tempo aguentaria Laurette sem averiguar o dado.

- No próximo dia 14 de março faço vinte e sete.

- Vinte e sete! - pasmou-se Laurette. - Não te dava vinte.

- Quando faz duas tranças - disse Eliah a citar Juana -, parece ter quinze. E não só te surpreenderás com a sua idade, Laurette, mas também quando te disser que Matilde é *une chirurgienne pédiatrique*.

Matilde apercebeu-se do orgulho dele, e essa emoção misturou-se com a de o ouvir a pronunciar o nome da sua profissão em francês. Desejava pedir-lhe: «Mais uma vez, Eliah. Diz “cirurgiã pediátrica” em francês mais uma vez.» Era-lhe impossível articular a palavra cirurgiã.

- Nasceste em 1971 - afirmou Takumi Kaito, e Matilde assentiu. - És Porco de Metal.

Como Matilde julgou ter entendido mal, virou-se para solicitar a assistência de Al-Saud.

- Porco de Metal - disse ele em espanhol, e prosseguiu em francês:

- O Takumi sensei é especialista no Zodíaco Chinês. Tu, ao teres nascido em 1971, és Porco e o teu elemento é o Metal.

Matilde riu-se. Apesar de não dar importância ao Zodíaco, sabia que no solar era Peixes. Alguém lhe tinha dito que os piscianos eram compassivos.

- No meu país, no Japão, diriam que és um Javali, mas é a mesma coisa.

- Não sabia que era um Porco. Não é muito bonito ser um Porco, pois não?

- Os Porcos são, sem dúvida, as pessoas mais belas e boas do planeta - disse Takumi, e Matilde abandonou o ar risonho ao reparar na circunspeção com que o japonês abordava o tema. - São o tipo de pessoas com as quais todos os outros animais do Zodíaco se dão bem, embora o Porco tenha as suas preferências. É felizardo quem ganha a sua confiança e a sua amizade, porque terá um amigo fiel para toda a vida. O Porco caracteriza-se pela sua paciência. Fará com que nos sintamos sempre à vontade. A sua presença é luminosa, tanto que, quando falta, nota-se a sua ausência, e nesse momento percebe-se como se é dependente dele.

«Meu Deus!», exclamou Al-Saud para si próprio. Takumi descrevia Matilde e o que ela lhe inspirava com exatidão.

- De tão bons que são - continuou Kaito -, são facilmente enganados. A sua credulidade é quase tão grande como o seu coração.

Nesse momento, Eliah pegou no pulso de Matilde e obrigou-a a abandonar a cadeira para se sentar nas suas pernas.

- Terei sempre de te proteger dos que te queiram enganar, meu amor.

- Terás de fazê-lo, meu filho - concordou Kaito. - Os Porcos simplesmente não sabem dizer que não.

- És um perigo! - disse Al-Saud, fingindo-se espantado, e beijou-a na face, roçando-a com a sua barba incipiente.

- Não julgues, Eliah, que estás a lidar com um ser fácil. Os Porcos têm uma personalidade muito definida. São tenazes por natureza. Quando se propõem um objetivo, não vão parar até conseguir alcançá-lo. São bons estudantes. Na verdade são bons em tudo o que c. São bons estudantes. Na verdade são bons em tudo o que começam porque nada os desvia do caminho que os conduz à meta. Embora detestem a violência e as discussões, nunca se deve provocar um Porco porque reagem de maneira intempestiva. Como não é frequente vê-los irritados, quando isso acontece, somos apanhados sempre de surpresa e assustamo-nos. Quanto ao Porco de Metal, é o mais intenso e apaixonado de todos. - Takumi, que até esse momento tinha olhado para Matilde fixamente, desviou a vista para Al-Saud.

- Não podias ter escolhido melhor pessoa, Eliah.

- Eu sei, sensei. Não me sinto digno dela - admitiu em japonês.

- O que é que disseste? - quis saber Matilde.

- Que és tão bonita como teimosa.

Matilde ensaiou uma expressão de incredulidade e virou-se para Takumi.

- Takumi, o que é o Eliah no Zodíaco Chinês? - Perante a expressão do japonês, que inspirou profundamente, ergueu as sobrancelhas e apoiou as mãos sobre a mesa, Matilde disse: - Não me assustes, Takumi. O que é?

- É um Cavalo de Fogo. Na China, evitam o seu nascimento.

- Obrigado pela tua ajuda, sensei. É inestimável, mas é melhor ficares por aqui.

- Deixa-o falar - disse Matilde. - Conta-me, Takumi. Interessa-me saber porque é que evitam o seu nascimento.

- O último ano do Cavalo de Fogo foi 1966. Nesse ano, a taxa de natalidade na China teve uma queda assombrosa e praticaram-se abortos como nunca.

- A sério?

- Sim. Os chineses consideram que o Cavalo de Fogo é portador de desgraças.

Matilde olhou para Eliah e, ao descobrir os seus olhos carregados de angústia, pegou-lhe no rosto e beijou-o nos lábios. Garantiu-lhe em espanhol:

-Tu és uma bênção na minha vida, não uma desgraça. Nunca te esqueças disso.

O sorriso de Al-Saud afetou Takumi Kaito. O que quer que fosse que a moça lhe tivesse dito tinha atravessado as duas capas do seu pupilo para acariciar a sua essência mais íntima, essa parte terna, generosa, sentimental e sensível que ele sabia que existia, mas que quase nunca se manifestava. Matilde acedia a essa essência com uma facilidade da qual não tinha consciência talvez porque desconhecesse com que tipo de homem estava a lidar. Kaito começava a vislumbrar o imenso amor que o seu pupilo tinha por ela. Tinha-os surpreendido ao apresentá-la como *ma femme* (a minha mulher); no entanto, era agora que Kaito assimilava a contundência desse «*ma femme*», desse sorriso, da forma como a observava e dessa necessidade de tê-la perto, dessa ânsia de contato da sua pele com a dela. Em várias ocasiões tinha-se perguntado se Eliah seria capaz de amar plena e profundamente uma mulher. Se bem que tivesse amado, e muito, Samara, tinha-se tratado de um amor imaturo que morreu antes de florescer. E Takumi duvidava de que tivesse chegado a florescer. Samara, insegura e temerosa, ter-se-ia convertido numa âncora para Eliah.

- Devo dizer-te, Matilde, que se pretendes manter um Cavalo ao teu lado, e sobretudo o de Fogo, jamais, nunca deves atacar a sua liberdade. Dá-lhe tanto espaço quanto ele precise, porque não há nada que o Cavalo aprecie mais do que ser livre. Em geral, os Cavalos são populares e atraentes. Onde quer que entrem, chamam logo a atenção.

- Já sei disso - concordou Matilde.

- São egocêntricos e usam o seu magnetismo para conseguir o que desejam.

- Estás a pintar um quadro estupendo, sensei - queixou-se Al-Saud.

- A sua generosidade não tem limites e são descuidados com o dinheiro.

- Tu terás de cuidar das contas, meu amor - sussurrou-lhe Eliah, e Matilde fingiu não prestar atenção e continuou a olhar fixamente para o japonês. O que significava esse comentário? Que ela existia no futuro dele? Não se atrevia a perguntar porque, de fato, não havia futuro. Para além disso, como manifestava Kaito, um Cavalo de Fogo ama a sua liberdade.

- O Cavalo é um viajante incansável. Nenhum lugar é o seu lugar. Todos o são.

«Desde que tu estás em Paris, Matilde, esse é o meu lugar.»

- Como em geral é um animal brilhante e com uma inteligência aguda, torna-se impaciente com aqueles que não o são e mostra-se muito pouco compassivo, até cruel. Não admite os conselhos nem as ordens. Quase nunca pode trabalhar com um chefe. Não conhece o medo nem os limites. Não tem redes de proteção e lança-se à conquista do que deseja com um empenho semelhante ao de um Porco. E capaz de encarar dez projetos ao mesmo tempo. É trabalhador e habilidoso; detesta a preguiça. Ora bem, quando consegue o seu objetivo, a seguir aborrece-se. A rotina sufoca-o, assusta-o. Cada dia do Cavalo deve ser diferente do anterior. No entanto - deu-se uma inflexão na sua voz - quando encontram a sua alma gêmea, o coração errante do Cavalo mostra-se mais do que desejoso por assentar e encontrar um pouco de paz.

- Uau! - Matilde ouvira Kaito num estado de perplexidade e arrebatamento; à exceção de algumas palavras, captara a ideia. - Tu és assim, Eliah.

- Até há umas semanas, sim - admitiu, enquanto tirava Matilde das suas pernas para se levantar. - A sessão do Zodíaco Chinês chegou ao fim. Tenho necessidade de descarregar um pouco de energia. Vamos ver os cavalos. Estou desejoso de montar. Obrigado, Laurette, por este magnífico almoço. E obrigado, querido sensei, por assustares a minha mulher.

Todos se riram, até o próprio Al-Saud ao aperceber-se da alegria de Matilde. «O mais importante», pensou, «é que se esqueceu da história do pai.» No trajeto para as cavalariças, comentou:

- Hoje o Takumi sensei estava particularmente conversador. Isso é porque gostou de ti. Em geral, é um homem retraído, não abstraído, mas sim silencioso, que ouve e observa. É de poucas falas.

- Eu também gostei muito do Takumi. E da Laurette também, embora perceba pouco quando fala. Gostas muito do Takumi, não é?

- Sim. Conheço-o desde os treze anos. De certa forma, ele é o meu mentor e o meu mestre. Foi ele quem me ensinou a conhecer-me e a aceitar-me.

- Sei agora, depois do que o Takumi disse sobre os Porcos, que nunca me preocupei em conhecer-me. Talvez porque sempre tenha tentado agradar aos outros e me tenha dedicado a aparentar uma personalidade que se moldasse aos desejos dos meus pais, dos meus avós, das minhas irmãs... Mas com a liberdade que tu me ofereceste, comecei a ter consciência de quem sou e de como sou.

- És uma imensidão de mulher e de pessoa, Matilde. Parece-me que não tens consciência disso. *Bonjour*, Jean-Louis!

A uns passos do portão das cavalariças, veio ao seu encontro um homem jovem coberto com um guarda-pó branco. Al-Saud apresentou-o como Jean-Louis Manais, chefe dos veterinários. Seguidamente, Matilde apreciou a limpeza e o aroma a desinfetante das cavalariças. Jean-Louis explicou-lhe que as condições de higiene eram respeitadas rigorosamente; lidavam com cavalos de uma pureza extrema, exemplares de grande valor, dos quais cuidavam como se fossem crianças pequenas. Percorriam a cavalaria dos ganhões. O outro edifício destinava-se à maternidade. A propriedade, um campo de ricos pastos, segundo esclareceu, estava separada por zonas, uma para as éguas e os potros, outra para o desmame e outra para os ganhões. Por fim, Jean-Louis abriu a parte superior da porta de um dos compartimentos, e um cavalo preto espreitou.

- Que beleza! - exclamou Matilde, e aproximou-se.

Era a primeira vez que via um cavalo frísio. A crina, cheia de caracóis e penteada para o lado esquerdo, chegava até ao chão; uma franja ondulada escondia-lhe parte dos olhos e conferia-lhe um ar sedutor e vaidoso. O tratador tirou-o do compartimento, e o animal destacou-se com o seu pelo brilhante e a cauda tão comprida como a crina; as quarteias estavam cobertas por uma pelagem abundante, semelhante aos percherões mas, ao contrário desse cavalo de tiro, o frísio apresentava uma grande altura; o seu corpo era robusto, algo que, explicou Jean-Louis, se tinha apreciado nos campos de batalha na Antiguidade. O veterinário destacou outras características como a cabeça convexa, o pescoço erguido que lhe dava o aspeto altivo, os olhos grandes e escuros, e as orelhas médias cujas pontas estavam viradas ligeiramente para dentro.

- Todos os nossos exemplares são pretos - comentou. - Alguns têm uma estrela branca na testa, muito pequena.

- Posso tocar-lhe?

- Claro que sim - disse Al-Saud, e Matilde passou a mão aberta pelo focinho.

- És bonito, o cavalo mais bonito que vi na minha vida. Como se chama?

- Este é o Rex. Tem o nome de um cavalo que pertenceu à minha mãe. O meu pai comprou-lho antes de se casarem. E ela adorava-o. Sofreu muito com a sua morte.

- Porque é que lhes chamam frísios?

- Porque vêm da Frísia, uma região na Holanda - respondeu o veterinário. - A raça esteve prestes a extinguir-se. Por sorte, haras como este salvaram-na de desaparecer.

Selaram Diavolo, o garanhão de Eliah, e para Matilde uma égua chamada Lattuga. Tinham-lhes envolvido as quarteias com faixas de tecido vermelho para evitar que sujassem o pelo que cobria os cascos, e o contraste entre o vermelho e o preto embelezava os animais. Embora tivesse pressa de galopar, Al-Saud esperou que Matilde se adaptasse à sua sela depois de tantos anos. Afastaram-se das cavalariças em direção às pastagens. Matilde propôs entrar num bosque que se via ao longe. Confiado na docilidade de Lattuga, Al-Saud perguntou-lhe:

- Queres ir num galope leve?

Ela assentiu, e lançaram-se em direção ao bosque. Matilde ia atrás e mantinha essa posição de propósito para admirar Eliah sobre Diavolo. Excitaram-na as suas pernas compridas e magras cujos músculos se delineavam debaixo do tecido elástico das calças de montar enquanto acompanhavam os movimentos do cavalo. O céu cinzento e a baixa temperatura não a desanimavam, pelo contrário, sentia-se exultante naquele ambiente fértil povoado de pastos verdes. As éguas e os seus potros, que se alimentavam a centenas de metros, levantaram as cabeças para os ver passar. Então, o vento fazia-lhes esvoaçar as longas crinas, e Matilde emocionava-se com tanta beleza.

Entraram no bosque, uma mistura de bordos e de uma espécie de carvalho chamado carvalho-negral, cujas folhas se tinham tornado amareladas. O aroma a umidade e a folhas podres dissipava-se no ar frio. Andavam a passo tranquilo entre as árvores. A respiração dos cavalos e dos cavaleiros convertia-se em vapor, dotando de mistério esse espaço silencioso e sombrio. As palpitações de Matilde aumentavam perante a beleza e a paz do bosque.

- Eliah - chamou-o num sussurro, e ele aproximou-se. - Obrigada por me trazeres à tua quinta. Consegues sempre que seja tudo maravilhoso para mim.

- Deve ser porque me sinto feliz quando estou contigo.

O que pretendeu ser um fugaz contacto de bocas transformou-se num beijo que inquietou os animais. Os cavalos ofegaram, abanaram as cabeças e bateram com os cascos no chão até separá-los. Contemplaram-se através do espaço.

- Vamos regressar a casa. Quero fazer amor contigo.

Saíram do bosque e galoparam através do campo como se fossem perseguidos por um exército de cossacos. Perto das cavaliças, Matilde admirou a forma como Al-Saud desmontou antes de Diavolo ter parado completamente. Em segundos, as mãos dele estavam na sua cintura e ajudaram-na a descer. Os tratadores que se aproximaram para se ocuparem dos cavalos viram-nos correr em direção à casa-grande.

- É a primeira vez que ouço o patrão a rir-se - comentou um, e o outro assentiu.

Atravessaram a sala rapidamente e subiram as escadas a correr. Entraram no quarto unidos num beijo selvagem. Al-Saud empurrou a porta com o pé para a fechar enquanto encostava Matilde à parede. Já estavam tomados pelo delírio. O beijo não bastava, as mãos não acalmavam o desespero. Matilde cravava as unhas no couro cabeludo dele; queria-o dentro dela, tal como a língua dele se ocupava da sua boca. Deslizou os dedos por baixo do blusão de couro e apertou-lhe o peito, acariciou-lhe os músculos tensos dos ombros, e desceu até ao lado do traseiro. Enterrou os dedos nos glúteos. Sentiu-o ficar tenso e também sentiu a humidade do seu hálito no pescoço quando Al-Saud respirou bruscamente pela boca. Abandonou o traseiro dele e moveu-se para a frente, para a braguilha das calças de montar. Al-Saud apoiou os antebraços na parede, por cima da cabeça de Matilde, descansou a testa entre eles e separou as pernas para permitir que a mão dela vagueasse com liberdade.

- Por favor... - resmungou ele.

- Sim, já sei - sussurrou ela, e desapertou-lhe o cinto e baixou-lhe as calças e os boxers. Ficou a olhar para ele sem perceber porque é que a atraía. Passou-lhe a ponta do dedo pela linha de pelo preto que nascia debaixo do umbigo, sabendo que essa carícia tímida o exasperava. Al-Saud mordeu o seu próprio antebraço. Não esperava o que se seguiu. Uma con-vulsão arqueou-lhe as costas e deixou escapar um grito lancinante. Incrédulo, baixou o rosto para verificar o que estava a acontecer: Matilde, de joelhos à sua frente, tinha-o posto na sua boca.

- *Oh, mon Dieu, Matilde! Mon Dieu...*

Matilde concentrava-se em não cometer erros enquanto evocava os conselhos de Juana e a aula prática com bananas. Al-Saud magoou-a ao cravar-lhe os dedos no braço esquerdo para a pôr de pé.

- Tira as calças! - ordenou-lhe em francês, enquanto rasgava a embalagem de um preservativo.

Estavam muito incômodos com as botas e as calças de montar, mas não havia tempo para detalhes. Agiam como se uma febre os privasse das faculdades. A paixão tornava-os impacientes e pouco exigentes com as condições. Beijaram-se vorazmente até que Al-Saud a obrigou a virar-se para a parede. De forma instintiva, Matilde pôs-se na

ponta dos pés e separou as nádegas. Ele introduziu-se dentro dela. Os dois libertaram suspiros de alívio que de seguida se converteram em lamentos e gemidos enquanto os impulsos dele adquiriam velocidade. Matilde teve um orgasmo quase de imediato. Ele inclinou-se e beijou-lhe a mão que trepava a parede com desespero. Aí descansou a testa para continuar com as investidas. Matilde notava que Al-Saud se continha; às vezes movia-se com lentidão; em determinadas ocasiões parava e, ao soltar o ar, lançava um queixume como se lhe doesse.

- Quero que tenhamos um orgasmo juntos - disse ele. Surpreendeu-a que voltasse a crescer a sensação inefável, essa que, na sua mente, tinha forma de fálscia e que, ao explodir, se transformava numa bola de luz. Explodiu pela segunda vez em poucos minutos e ele seguiu-a com uns bramidos que abafaram os seus sons. O dia seguinte faria aparecer as nódoas negras que os dedos de Al-Saud lhe tinham deixado na cintura ao segurá-la. A firmeza com que a susteve, que lhe deu uma ideia do vigor dele, impediu-a de ter convulsões durante o orgasmo. A quietude à qual a tinha confinado de alguma forma fez com que o êxtase de Matilde se multiplicasse. Sentiu-se a afundar, e um vazio escuro envolveu-a.

Tinha-lhe destroçado a rótula com uma marreta. Roy Blahetter soube-o assim que recuperou a consciência, e um espasmo de dor o fendeu até lhe alcançar a garganta e lhe inundar a boca com um sabor amargo. Urrou e mexeu-se. A cabeça ficou pendurada, e um fio de saliva ensanguentada balançou-lhe entre os lábios e acabou por ser absorvido pelo tecido dos jeans. Faltava-lhe pouco para se render. Dentro de segundos a sua invenção revolucionária perderia o valor e entregá-la-ia para que Jürkens, o capanga do professor Orville Wright, pusesse fim ao martírio.

Jürkens puxou o cabelo de Blahetter e deitou-lhe a cabeça para trás.

- Blahetter, abra os olhos - exigiu em inglês, e esperou que as pálpebras inchadas se entreabrissem. - Vou desfazer-lhe as pernas se não me diz onde estão os desenhos e as fórmulas da centrífugadora de urânio. Já deve ter percebido que não estou para brincadeiras - disse, e levantou o maço disposto a descarregá-lo sobre o fémur.

Roy soluçou na cadeira na qual o gigante berlinense lhe tinha atado as mãos.

- Por favor - implorou em espanhol. - Por favor, não...

Em inglês! Não percebo nada.

- Eu não tenho os desenhos - balbuciou. - Não, por amor de Deus, não! Chorou ao ver que o maço caía na sua coxa.

- Continuo?

- Não, chega! Eu conto-lhe... Eu conto-lhe tudo. Um pouco de água, por favor. Não consigo... - Jürkens aproximou-lhe um copo de água e só lhe permitiu molhar os lábios. - Mais, por favor.

- Primeiro diga-me onde estão os desenhos.

- Num cofre na Gare du Nord.

- Acha que está a lidar com um imbecil?

- É a verdade!

- Dê-me a chave e vou lá agora mesmo para verificar o que me diz.

- Não a tenho, dei-a à minha mulher.

- A sua mulher? - Jürkens viu-o assentir e teria jurado que os olhos azuis se encheram de lágrimas, mas Blahetter, ao virar a cabeça para a frente, impediu-o de confirmar a sua impressão. - Onde é que ela está?

- Vive num apartamento na rue Toullier.

Essa informação era suficiente; sabia a quem se referia: a moça das tranças loiras, a nova amante de Al-Saud. Moses ordenara-lhe que adiasse esse assunto porque era urgente obter os planos da centrífugadora; no entanto, as questões ligavam-se de uma forma inesperada. Passou-lhe pela cabeça ir à Gare du Nord, uma das estações principais de Paris, e abrir o cofre com um explosivo silencioso. Desistiu um segundo depois; desde o atentado no George V, a Polícia estava alerta, sobretudo nas estações de comboio, onde a vigilância aumentara, e embora o explosivo fosse praticamente insonoro, produzia um clarão que chamaria a atenção. Lamentou não ter a destreza para abrir fechaduras com uma gazua. Teria de obter a chave.

- Onde está a chave? No apartamento da rue Toullier?

- Não. A chave...

- Fale!

- Está com ela, num cordão que traz ao pescoço.

Minutos mais tarde, Blahetter compreendeu que Jürkens se tinha ido embora e que o tinha deixado sozinho. Nunca imaginou que pudesse agradecer que Matilde estivesse com Al-Saud. Não tinha a mínima dúvida de que ele a defenderia do capanga alemão. Pelo seu lado, tinha de escapar. Era improvável que o conseguisse, porque se desatasse as mãos duvidava que tivesse força para se arrastar até à rua. Onde estaria? Desconhecia quanto tempo tinha permanecido sem sentidos na parte de trás do carro. Não só a perna lhe doía atrozmente, mas também umas pontadas no ventre, onde Jürkens tinha intensificado a sua crueldade, indicavam-lhe que a surra tinha deixados marcas graves.

Depois de mexer os pulsos durante algum tempo e de conseguir abrir um pouco o nó com os dedos, pôde despertar a corda. Acabou em carne viva, mas libertou as mãos.

As chamas da lareira eram a única fonte de luz na sala. Lá fora nevava, e o parque cobria-se pouco a pouco de um manto branco. Saciada, Matilde observava os flocos que, como penas brancas, se balançavam no ar antes de pousarem na terra. Não sabia as horas, mas calculou que fosse tarde, por volta das dez da noite. Depois de duas horas fechados no quarto, desceram nus, enrolados em cobertores, para irem buscar comida. Tentados pela visão dos toros a crepitar, do tapete e dos almofadões, decidiram deitar-se em frente à lareira para recuperarem forças. Os CD escolhidos por Matilde passavam um atrás de outro. Não sabia se Eliah dormia, não podia vê-lo porque a abraçava por trás. Sentia o seu

corpo nu, morno e relaxado moldado ao dela. Sorriu ao notar que ele lhe desenhava o con-torno do traseiro com a concha da mão.

- Agora percebo de onde sai este bumbum. Não é de uma tarântula mas sim de um Porco de Metal. Tão fofo e arrebitado.

Matilde riu-se, deitou o braço para trás e golpeou-o com um almofadão nas pernas.

- Adoro esta canção! - exclamou ela quando soaram as primeiras notas de *Can't take my eyes off of you*, interpretada por Gloria Gaynor.

Al-Saud mexeu-se, e Matilde virou-se sobre o tapete, intrigada. Ele estava de pé, completamente nu, e estendia-lhe a mão.

- Queres dançar comigo?

Depois do que tinham partilhado no quarto, não imaginou que o contato dos seus corpos nus e mornos a emocionasse e a fizesse corar. Al-Saud cantou-lhe ao ouvido com uma voz de contrabaixo como saída de um poço fundo e escuro.

- *You're just too good to be true. Can't take my eyes off of you. You'd be like heaven to touch. I wanna hold you so much.* - Matilde estremeceu quando Eliah intensificou o seu abraço. - *At long last love has arrived. And I thank God I'm alive. You're just too good to be true. Can't take my eyes off of you.* - Nesse momento, ele obrigou-a a olhar para ele. Continuou a cantar-lhe, embora Matilde imaginasse que falava com ela, que os versos expressavam o que ele lhe pretendia dizer: - *I love you, baby. And if it's quite all right, I need you baby to warm the lonely nights. I love you, baby. Trust in me when I say I love you, baby. Don't let me down, I pray. I love you, baby. Now that I've found, you stay. And let me love you, baby. Let me love you.* - Perante a repetição das estrofes, ele deixou de cantar e voltou a aproximá-la do peito.

Matilde mordeu o punho para evitar que as lágrimas brotassem. Quanto o amava! A imensidão do sentimento oprimia-lhe o peito e deixava-a sem fôlego. Soube-o desde o instante em que olhou para ele no avião. «Evita-o!», tinha dito a si própria. «Afasta-te deste homem magnético porque vais sair magoada.» A sua firme vontade tinha-a abandonado, e acabou por sucumbir. Sofreria como nunca tinha sofrido na sua vida, e isso seria muito sofrimento. Mas, como o amava daquela forma demente, a sua relação tinha de acabar. Ela partiria para o Congo e ele continuaria com a sua vida. A ideia deixou-a em pânico. Tremeu e agarrou-se à cintura dele.

- Matilde, o que é que se passa, meu amor?

- Nada, tenho frio. - Al-Saud pegou num cobertor e envolveu-a. - Que horas são?

- Meia-noite e cinco - disse ele.

- Venho já!

Al-Saud viu-a levantar o cobertor e correr escadas acima. Juntou mais uma lenha, atiçou as brasas e acomodou-se nos almofadões. Até prestar atenção à letra de *Can't take my eyes off of you* não tinha reparado na exatidão com a qual detalhava os seus sentimentos. Apontou com o comando para a aparelhagem de música e a canção começou a tocar de novo. Cantorolou as partes ao mesmo tempo que pensava nelas em francês. «Ês demasiado boa para ser real. Não consigo tirar os meus olhos de ti. Tocar-te deve ser algo celestial. Quero abraçar-te tanto. Finalmente o amor chegou. E agradeço a Deus estar

vivo... Desculpa a forma como te olho fixamente... Só de pensar em ti fico debilitado... Mas se tu sentes o mesmo, então deixa-me saber se és real. És demasiado boa para ser real... Amo-te, meu amor... Confia em mim quando te digo que te amo, meu amor. Não me deceções, peço-te. Agora que te encontrei, vais ficar. Deixa-me amar-te, meu amor.»

Matilde regressou e ajoelhou-se ao seu lado.

- Parabéns, Eliah - disse, e estendeu-lhe um pacote.

Al-Saud levantou-se e a sua expressão desconcertada arrancou uma gargalhada a Matilde.

- Como é que soubeste?

- Foi o Alaman que me disse. Estou muito contente por o ter feito! Preparei-te um presente. Não é muito, mas fui eu que o fiz.

Al-Saud rasgou o embrulho. Tratava-se de uma moldura de madeira com a fotografia de Matilde. Aproximou-a da lareira para vê-la à luz avermelhada do fogo. Demorou-se na fotografia porque ainda não estava pronto para a enfrentar.

- Gostas? - ouviu-a dizer. - Eu pintei-a.

- A sério? - Com obstinação, manteve o olhar em baixo.

- Sim. Liguei à minha tia Enriqueta e perguntei-lhe como fazê-la. Já viste bem o que pintei? - A ansiedade impediu-a de esperar pela resposta:

- E a nossa história de amor. Vês? Aqui pintei um avião, onde tudo começou, depois pintei o metro, embora pareça um comboio - lamentou-se. - Mas tu e eu sabemos que nos encontrámos no metro. Esta é a salinha da minha tia Sofia. As xícaras de chá estão aí, muito pequeninas. Era difícil pintar com o aparo e a tinta da China. - Sem perceber que ele não levantava o rosto, ela continuava com as explicações. - Esta é a fachada da sede da Mãos Que Curam, na rue Breguet, onde nos voltámos a ver depois da tua viagem. E esta é a salinha em forma de flor do teu quarto onde me curaste.

- Por essa altura, a visão de Al-Saud tornou-se nublada. - E esta é a mesa da sala de reuniões da Mercure e este, o Aston Martin, os lugares mais exóticos onde fizemos amor. A fotografia não é muito boa. Foi a Juana que me tirou com uma dessas máquinas descartáveis. Estou nos Jardins do Luxemburgo. Bom, não é um grande presente, mas fi-lo com todo o meu amor.

Sem permitir que o visse atordoado, Al-Saud envolveu-a nos seus braços e escondeu a cara no cabelo dela. Encostou-a aos almofadões e beijou-a utilizando a ternura ausente quando a possuiu de pé, contra a parede do quarto.

- Matilde... Matilde.

- O que foi?

- Consegues sempre surpreender-me. Tal como quando me ofereceste o doce de leite.

- Não me vais dizer se gostas do meu presente?

- Tudo o que tu me dás é o melhor. Esta fotografia vale mais do que qualquer outra coisa para mim. Juro pela minha vida.

- Fi-lo para que nunca te esqueças da nossa história.

- Jamais poderia esquecê-la. É impossível. Para além disso, vou ter-te sempre ao meu lado para a recordar.

Matilde não respondeu, e ele sentiu um instante de medo profundo; a sensação alojou-se-lhe na nuca; doeu-lhe o pescoço, ardeu-lhe o estômago. Entre os almofadões, com o cabelo loiro que adquiria uma tonalidade avermelhada por causa do resplendor do fogo, as faces coradas e os olhos de prata incrivelmente escuros, a qualidade etérea de Matilde surgia mais vivaz do que nunca. Às vezes temia acordar e descobrir que ela regressara ao seu mundo de fadas e anjos.

- Eliah, quero que saibas que eu guardo comigo cada momento que passámos juntos. Cada momento. São um tesouro para mim.

Ele assentiu, incapaz de proferir uma palavra.

Na manhã seguinte, depois das oito, Al-Saud surpreendeu-a apresentando-se com a bandeja do café da manhã no quarto. Tinha-lhe preparado chá-mate.

- Chá-mate! Não posso acreditar! Obrigada, Eliah! Há semanas que já não temos a erva. Estamos em abstinência. Onde conseguiste tudo?

- Comprei a erva numa loja de delicatessen da rue Saint-Honoré, onde a minha mãe compra. E o mate roubei-o a ela.

- Deixaste-a sem mate!

- Trouxe o que tinha na sua casa de Paris, mas ela agora está em Jeddah, na Arábia Saudita. Lá tem outro.

Laurette tinha tostado pãezinhos, brioches e croissants. Para além disso, a bandeja apresentava um festival de compotas e queijos. Depois do café da manhã, Al-Saud vestiu uma roupa confortável e larga e convidou-a para irem ao ginásio. Matilde gostou de experimentar os aparelhos. Cansava-se depressa, por isso decidiu finalmente ficar pela bicicleta fixa, enquanto Al-Saud, pendurado de uma barra pelas pernas, levava a cabeça aos joelhos para trabalhar os abdominais. Devido ao aquecimento, tinha tirado a camisola e a T-shirt, e Matilde observava como os músculos das suas costas aumentavam e se distendiam. Saiu da bicicleta e ficou em frente dele para lhe admirar o tronco. Eliah acabou o exercício e ficou a olhar para ela de cabeça para baixo. Ao reparar no rosto de Matilde, mudo pelo desejo, uma comichão de antecipação provocou-lhe uma ereção. Bastou que ela lhe passasse os lábios pelos abdominais e lhe passasse os dedos pelos pelos do peito para o abalar. Levantou-se na barra e saltou para o tatame. Ali mesmo a tomou, sobre o tatame e, quando acabaram, ficou deitado em cima dela, a inspirar grandes porções de ar, enquanto os seus peitos entrechocavam - Eliah - ouviu-a sussurrar -, quero perguntar-te uma coisa. Ontem, fiz tudo bem? Era a minha primeira vez - justificou-se - e não sei como correu.

- Fizeste tudo lindamente, meu amor. Foi simplesmente perfeito.

- Quero que me digas quando não fizer as coisas bem. Quero que me ensines. Quero fazer tudo bem para ti, Eliah.

- Matilde, quero que saibas uma coisa. Nunca uma mulher me fez sentir como tu me fazes sentir. Fico com uma ereção mal olhas para mim, como aconteceu há pouco.

Tomaram banho juntos. Por volta das onze da manhã, quando se preparavam para visitar Rouen, cinco automóveis pararam na área da garagem em frente à casa, coberta de neve. Al-Saud observou-os pela janela da sala. «Merde!», praguejou. Tratava-se dos seus irmãos e dos seus sócios; vinham inclusive Diana e Leila. Esta saiu do Smart de Diana com um bolo protegido por uma cúpula de vidro. A casa encheu-se de vozes, risos, cumprimentos e sons que estragavam a paz que ele desejava partilhar com Matilde. Viu-a descer as escadas em passo tímido, com um sorriso trémulo e as faces rosadas. Naquele vestido branco franjado, com pregas, parecia mesmo uma fada. Era evidente que ela não estava irritada com a invasão. Juana, que tinha vindo com Alaman, aproximou-se para o felicitar pelo aniversário e pediu-lhe ao ouvido:

- Muda essa cara, bonitão, estou aqui na condição de que às seis da tarde nos vamos todos embora e vos deixemos em paz. Por outro lado, não teria vindo se não soubesse que esta reunião faria a Mat feliz. Confia no que eu te digo.

Yasmin beijou-o nas duas faces.

- Pensavas livrar-te de nós no dia dos teus anos, não é verdade? Trouxe-te um presente de que vais gostar muitíssimo. - A expressão de Al-Saud foi de incredulidade e tédio. - Ah, bom, se não queres saber os resultados das análises que te fiz na segunda-feira passada - disse, e passou o envelope junto ao nariz do irmão -, direi a Sándor para me levar de regresso a Paris.

- Dá-me isso, Yasmin.

- Primeiro quero um abraço e um beijo do meu irmão preferido.

- Dizes-me sempre que eu sou o teu preferido - queixou-se Alaman, que carregava o sobrinho Guillaume aos ombros. - Parabéns, irmão - disse, e chocou a mão com Eliah.

- Foi ideia da Yasmin - acusou Shariar. - Não olhes para nós com essa cara de bulldog.

- Já que aqui estão, tentaremos celebrar a festa em paz - disse Al-Saud, e abraçou o irmão mais velho.

Só por testemunhar a alegria de Matilde, Al-Saud suportava a invasão com boa cara. Juana tinha-lhe dito a verdade: Matilde parecia feliz e mostrava-se descontraída, sobretudo com os seus quatro sobrinhos, os filhos de Shariar. De algum modo que ele não conseguia explicar, ela convertera-se no objeto de desejo dos quatro, inclusive do pequeno Dominique, que nesse momento estava entre as pernas de Matilde enquanto jogavam à «Pedra, papel e tesoura». Alaman, Juana, Jacqueline, a mulher de Shariar, e Leila também

ocupavam lugares no tapete perto da lareira. Na verdade, Leila estava atrás de Matilde e fazia e desfazia tranças com os seus caracóis. Al-Saud conservava a distância e contemplava-os do sofá de vários lugares que partilhava com Diana, Yasmin e Takumi Kaito. A má pronúncia do espanhol dos sobrinhos - Francesca, de oito anos e Gaètan, de seis - arrancava-lhe sorrisos. As tentativas do pequeno Guillaume, de três, para articular as palavras «pedra», «papel» e «tesoura» fizeram-no rir às gargalhadas.

- Quem me dera que mãe estivesse aqui para ver isto - lamentou-se Yasmin. - Nunca consegue arrancar uma palavra de espanhol às pestinhas. E a Matilde, sem nenhum esforço, conseguiu pô-los a balbuciar facilmente. Que estranho que o pai e a mãe não tenham viajado para o teu aniversário.

- Era essa a intenção deles - disse Al-Saud mas eu avisei-os que tinha outros planos. Planos que tu arruinaste.

- Tu e a Matilde estão a divertir-se, não é? Então a minha ideia foi estupenda. - Depois de uma pausa, acrescentou: - Devo admitir que é muito bonita.

Depois jogaram ao «Viene un barquito cargado de...», e Juana e Alaman fizeram equipe com Francesca e Gaètan, enquanto Matilde se juntava a Guillaume. Dominique já não ligava ao fio com a medalha e uma chave - Eliah não se lembrava de ter visto a chave na tarde no Berthillon com a chupeta na boca. Leila tinha-se cansado das tranças e brincava com a mão direita de Matilde. De vez em quando, beijava-a e, embora se risse quando todos se riam, Al-Saud sabia que não entendia o motivo dos risos porque os outros falavam em espanhol.

Matilde constituía o polo luminoso em volta do qual todos se juntavam; até os sócios e o seu irmão Shariar abandonaram a conversa sobre política internacional atraídos pelos risos provenientes do setor da lareira.

- Posso pôr música? - perguntou Diana, e Eliah assentiu.

A música trouxe-lhe lembranças da noite anterior. Ele e Matilde, nus debaixo dos cobertores, tinham partilhado um momento sublime e, depois de fazerem amor, subiram até ao quarto e meteram-se na cama onde a teve toda a noite e acordou com ela ao seu lado. Queria-a para sempre com ele, e embora a ideia de trazer filhos ao mundo nunca o tivesse seduzido, dar-lhe-ia quantos ela quisesse, porque não havia dúvidas de que, para Matilde, as crianças eram importantes.

Yasmin deu o braço a Eliah e sussurrou-lhe:

- Sempre imaginei que seria o Alaman a apaixonar-se como um tonto. Tu mostraste sempre tão frio e reservado que agora é estranho ver-te a observá-la. Não tiraste os olhos de cima dela um segundo.

Em poucos segundos soaria *Carít take my eyes off ofyou*, e Al-Saud aguardou expectante. Matilde parecia muito concentrada no jogo com os seus sobrinhos, feliz e risonha. Os ecos das suas pulsações desenfreadas invadiram-lhe a garganta ao vê-la levantar o olhar com os primeiros acordes e procurá-lo. Tratou-se de um instante íntimo e mágico no qual os outros desapareceram. Ele piscou-lhe o olho e sorriu quando descobriu que as suas faces se tingiam de vermelho. «Meu Deus, Matilde, como te amo!» Se lhe tivessem pedido que definisse em que consistia amar uma pessoa, ele, um homem racional e analítico, não teria sabido o que dizer. Não encontrava explicação para o sentimento

possessivo e poderoso que Matilde lhe inspirava. A única certeza com que contava era que teria matado para a defender, teria morrido para a proteger.

Por volta das sete da tarde, a casa tinha recuperado a paz. Ouvia-se *Pulstar de Vangelis* em volume baixo e as vozes distantes de Laurette, Takumi e Matilde, que preparavam o jantar. Al-Saud falava ao telefone com Gérard no escritório. Depois da discussão no George V, a conversa desenrolava-se com um certo desconforto. De fato, Eliah tinha até pensado que Gérard não lhe ligaria no dia do aniversário.

- De onde é que me ligas?

- Da Bélgica - mentiu Moses. Na realidade, estava em La Valeta, capital de Malta. - Eliah, meu irmão, quero pedir-te desculpas pela minha discussão...

- Está bem, Gérard. Esquece. É melhor não recordarmos esse episódio.

- Como queiras. Desculpa ter-te envolvido na desavença com o meu irmão.

- Lamento que as coisas sejam assim entre vocês.

- Estás em Paris? - mudou de assunto.

- Não. Estou na minha sítio de Rouen.

- Sozinho ou bem acompanhado?

- Sozinho - mentiu, e do outro lado da linha Gérard Moses cerrou os olhos. A mentira magoava-o; isso significava que a moça era mais importante para ele do que tinha suspeitado. Conhecia-o em profundamente, conhecia a sua natureza ciumenta. Se Al-Saud a cobiçava, escondê-la-ia para não a partilhar com o mundo, porque era avarento com aquilo de que mais gostava.

Eliah ficou triste ao dar-se conta de que entre o seu melhor amigo e do começava a cavar-se um fosso. Ao contrário do passado, nesse momento não tinha nada para lhe dizer. Queria desligar. Não sabia porquê. Despediram-se com palavras formais. Colocou os pés em cima da escrivaninha e recostou-se na poltrona. Endireitou-se um pouco para pegar na moldura de Matilde e regressou à sua posição relaxada. Tratava-se de um primeiro plano do seu rosto ovalado, de olhos enormes, um pouco mais afastados do nariz do que era costume; tinha rímel nas pestanas, que tocavam nas pálpebras superiores, e os lábios pintados com o brilho cor-de-rosa que costumava usar. Permaneceu com o olhar fixo no retrato e fingiu não ter notado que Matilde tinha entrado no escritório e tentava surpreendê-lo. Tapou-lhe os olhos.

- Quem sou eu?

- Quem quero que sejas - respondeu, e devolveu a moldura à secretária.

- E quem é essa?

- Uma rapariga com sardas no nariz, cabelo loiro e bumbum de pato, ou melhor, de Porco - Matilde riu-se -, que, apesar de hoje ser o meu aniversário, se esqueceu de mim para se dedicar aos outros.

- Não me digas isso! - Al-Saud agarrou-a pelo antebraço e sentou-a nas pernas. - Não houve um instante em que não pensasse em ti e em que não pedisse à Virgem que fosses feliz hoje e sempre.

- Matilde... Eu hoje queria-te só para mim e tive de te partilhar. Por isso estou de mau humor. Mas agora que és só minha novamente, quero que nos amemos.

- Sim - arquejou ela, e agarrou-se aos braços da poltrona quando as mãos de Al-Saud começaram a acariciá-la. - Tira-me o vestido, Eliah. - Al-Saud desapertou-lhe o fecho das costas e ajudou-a a tirá-lo.

- Levanta-te para eu me despir - indicou ele.

Al-Saud abandonou a poltrona e fechou a porta do escritório à chave. A música que chegava da sala soava mais abafada, tal como os risos de Laurette e a voz de Takumi, que continuavam na cozinha a preparar o jantar. Parou em frente de Matilde e tirou-lhe o soutien. Ajoelhou-se e beijou-lhe os seios lentamente até que os seus lábios acertaram com o mamilo e o sugaram.

- Matilde, quero que o façamos sem preservativo. A minha irmã trouxe o resultado das análises que fiz na segunda-feira passada e deu negativo. Olha, aqui estão.

Matilde agarrou-lhe o pulso e desenhou com a boca a frase «eu acredito em ti». Segurou num dos seios e delineou o contorno dos lábios de Al-Saud com o mamilo. Ele levantou-se e os seus olhos enegrecidos contemplaram-na com fome, enquanto tirava as botas, as calças e os boxers. Deixou a camisa vestida.

Tirou-lhe as cuecas e ela levantou os pés, um de cada vez, para ajudá-lo. Acariciou-a até chegar a pensar que Matilde se desmoronaria no meio de gemidos e tremores. Adorava testemunhar como ela se entregava, como se iluminava o seu rosto no prazer, como ela deixava cair as pálpebras e entreabria os lábios. Prendeu-lhe os lábios num beijo voraz e absorveu os seus suspiros e o seu fôlego, enquanto lhe apertava o traseiro e a estreitava contra si.

- Tira a camisa, Eliah. Quero sentir a tua pele.

Cumpriu o pedido com uma rapidez que provocou risos a Matilde. Al-Saud voltou para a poltrona e arrastou-a de novo sobre ele.

- Passa as pernas por aqui, por baixo dos braços da poltrona.

Matilde sentou-se em frente dele. Al-Saud introduziu-se dentro dela.

A sensação da sua carne nua em contato com a vagina de Matilde acabou por ser melhor do que tinha imaginado, e explodiu com a rapidez de um inexperiente. «Oxalá te faça um filho», desejou.

Por volta das sete e meia da tarde, Gérard Moses abandonou o British Hotel, um discreto alojamento na rua Battery da cidade de La Valeta, em Malta, que tinha a vantagem de se encontrar a apenas três quarteirões da Igreja de São João, onde se reuniria com Anuar Al-Muzara. Apesar da hora tardia, o templo estava aberto devido a um concerto de música sacra. Moses deduziu que se trataria da celebração do nascimento de um santo ou de um cavaleiro templário. Entrou na igreja e admirou os frescos e o altar dourado que adquiria imponência com os acordes do órgão.

Alguém lhe pegou no braço, mesmo acima do cotovelo, e Gérard Moses permitiu que o guiassem. Entraram numa das capelas laterais. Estava vazia à exceção de um homem alto e magro, vestido com uma camisa de manga curta e calças de fazenda de má qualidade, que se encontrava de costas para a entrada. Virou-se ao ouvir os passos. Anuar

Al-Muzara nunca sorria, por isso Gérard não esperou qualquer demonstração de afeto. Apertaram a mão. Apesar do risco de se encontrar num local público, Al-Muzara parecia calmo. Moses perguntou-se de onde teria vindo e como teria entrado na ilha. Às vezes pensava em colocar um microtransmissor em algum dos seus pombos para que o guiasse ao esconderijo do terrorista. Esse dado render-lhe-ia muito dinheiro.

A grande obsessão de Gérard Moses, para além de Eliah Al-Saud, era o dinheiro. Tirava-lhe o sono imaginar que o sistema financeiro mundial entrava em colapso e ele perdia tudo. Precisava da sua fortuna para se sentir seguro porque a solidão à qual a sua doença o confinava era superada com a ajuda do dinheiro: pagar para que cuidassem dele, para que o assistissem, para que o acompanhassem, para que o amassem. Também precisava dele para não cortar o fluxo de doações que fazia a um laboratório espanhol empenhado na investigação da porfíria.

- Algum dia - queixou-se Moses em francês - não conseguirei decifrar as tuas mensagens e deixar-te-ei à espera.

- Sabes que as decifrarás. De todos nós, sempre foste o mais inteligente e, de longe, o mais culto.

«E o mais doente», acrescentou Gérard para si mesmo.

- Dá-me a chave do teu quarto no British Hotel - pediu-lhe Al-Muzara.

Gérard sorriu e acenou com a cabeça. O seu amigo já sabia onde se alojava.

- Para que a queres?

- Para que o Barak - apontou para um dos seus guarda-costas - te devolva os meus pombos e retire a gaiola com os teus, aqueles de que necessito para continuar a enviar-te mensagens. Trouxeste-os, não trouxeste?

-Evidentemente. Tinha pressa que mos devolvesse. Estava quase a ficar sem eles. Tenho-os numa gaiola, na banheira.

Al-Muzara entregou a chave a Barak enquanto lhe falava em árabe.

- Tiveste dificuldade para entrar em Malta com os pombos? - perguntou o terrorista.

- Não. Declarei que vinha participar num campeonato e apresentei os meus documentos. As autoridades de saúde não são muito rigorosas. Umas notas passadas para a mão do chefe aceleraram a papelada.

- Bem... - disse, e de seguida disparou: - O que é que aconteceu no George V?

- Aconteceu que enviaste um inepto para concretizar a tarefa.

- O Jürkens, o teu homem, não te disse o que se passou? - Ele não sabe. - Não tinha acesso à sala de conferências. Entrou depois, quando a confusão estava instalada, mas não conseguiu averiguar porque é que o atentado correu mal. Teve de se ocupar do rapaz, como bem sabes.

- Al-Muzara resmungou em concordância. - Perdemos uma oportunidade de ouro para matar dois coelhos de uma cajadada só. Não sei se teremos outra como esta.

- Vamos desfazer-nos desses traidores, não tenhas dúvidas.

- Porque é que combinaste hoje aqui, Anuar? A troca de pombos poderia ter sido feita da maneira habitual.

- Combinei para te pedir que me desenhes um míssil de maior alcance do que os Qassams com os quais atacámos os colonatos israelitas, um que os meus homens consigam fabricar nas suas oficinas, como fazem agora com os Qassams. E não preciso apenas de maior alcance, Gérard, mas também de precisão.

- Pedes a arma perfeita, Anuar! Achas que posso dedicar tanto tempo a desenhar um míssil com essas características deixando os meus outros clientes e pedidos?

- Penso pagar-te.

- Não tens um centavo. Utilizaste o que te deu o Khadafi para comprar armas e explosivos ao Príncipe de Marbella. - Moses falava de Rauf Al-Abiyia, o sócio de Aldo Martínez Olazábal. - Onde tencionas conseguir o dinheiro?

- Tenciono que me ajudes a consegui-lo. Estou a planejar um golpe como nos velhos tempos, como os do Carlos, o Chacal, para ganhar dinheiro.

Gérard ficou a olhá-lo, inquieto.

- E precisas de mim para o conseguir? Então procura o Carlos, o Chacal - respondeu, com ar sarcástico e um sorriso que, na opinião de Al-Muzara, acentuava a sordidez das suas feições.

- O Carlos está velho e acabado. Já não se consegue mexer com a facilidade de antes; quase nenhum país lhe oferece asilo. Preciso que me emprestes o Udo Jürkens. - Contemplaram-se em silêncio. - Sei quem ele é, Gérard. É o famoso Ulrich Wendorff do grupo Baader-Meinhof. Não está assim tão mudado, apesar dos anos. Existem várias fotografias dele. Devias submetê-lo a uma cirurgia plástica. Tal como eu o reconheci, algum velho agente dos incontáveis Serviços de Inteligência que o procuram também pode fazê-lo.

- O Udo sofreu uma grande metamorfose desde que o Abu Nidal mandou matá-lo. Julgo que não é o homem de que precisas.

- O Jürkens é o homem certo. Uma parte do dinheiro seria para ti.

- Que golpe estás a planejar?

- A OPEP - disse, e referia-se à Organização dos Países Exportadores de Petróleo. - Ali estarão reunidas todas as víboras árabes para as sequestrar e lhes pedir um resgate. Interessa-me especialmente o Kamal Al-Saud. Daqui a uns meses haverá um ato comemorativo em memória do seu irmão, o rei Faisal, na sede de Viena, e está previsto que ele faça um discurso. Penso atacar nesse dia.

- O Kamal Al-Saud acolheu-te na sua casa e tratou-te como um filho quando os teus pais morreram.

- Não me venhas dar lições de moral. Tu não, Gérard. Preciso do Jürkens. Os meus homens são hábeis com as armas, mas não sabem como conceber a estratégia para um

ataque desse teor. Preciso que o Jürkens os conduza ao coração da sede da OPEP e que se ocupem das víboras árabes para lhes sacar dinheiro. Dez por cento será para ti.

- Cinquenta.

- Nem sonhes, Gérard. Quinze. Para além disso, pagar-te-ei pelo míssil, e não acredito que me faças um preço em nome da nossa velha amizade, pois não?

- Vinte e cinco.

- Dezoito.

- De acordo - disse, passado um momento de reflexão.

- Preciso que comeces a trabalhar no desenho do míssil.

- Pedes demasiado, Anuar. Estás a construir castelos no ar. Ainda não tens o resgate e já estás a gastar o dinheiro.

- Com o Jürkens a encabeçar o grupo, o assalto à OPEP será um êxito.

Discutiram os pormenores da participação do berlinense na estratégia do golpe. Conseguir os planos da sede da organização apresentava-se como o obstáculo maior. As armas e os homens não seriam um problema, embora estes últimos precisassem de treino e de disciplina para atuarem como um comando melhorado.

Parecia que o encontro tinha chegado ao fim quando Al-Muzara mudou a expressão do seu rosto para perguntar:

- O que é que sabes sobre o meu cunhado?

- Estive com o Eliah no dia do atentado. Pareceu-me bem. E acabo de lhe ligar porque hoje é o seu aniversário. Acho que tem uma mulher.

- Uma das suas putas - comentou Al-Muzara, com desdém. - Cansou-se de ser fiel à Samara.

- Acho que se trata de outra coisa. Julgo que desta vez está apaixonado.

- O corpo da minha irmã ainda não arrefeceu e ele já se apaixonou por outra.

- Anuar, a tua irmã morreu há quase três anos.

- A minha irmã foi assassinada! Ela e o filho que tinha no ventre. E de certeza que foi por causa do Eliah. Alguma vingança pelos seus negócios obscuros.

- Ou alguma vingança por tua causa, que também não levas uma vida cristalina. - O comentário perturbou o terrorista palestiano. - Além disso, não está provado que tenha sido um atentado.

- Por favor, Gérard! O acidente foi provocado no mesmo lugar e de maneira semelhante ao que custou a vida à princesa de Gales. O perito defende que o cinto de segurança foi desgastado de propósito e que o tubo do líquido dos travões estava perfurado.

Na manhã de domingo, Al-Saud acordou com o som do telefone. Pegou no aparelho sem fios da mesa de cabeceira. Levantou-se com violência ao ouvir a voz de um homem que pedia para lhe passar a Matilde. Abandonou a cama e saiu do quarto.

- Quem fala?

- Al-Saud, é o Ezequiel Blahetter.

- Quem é que te deu este número?

- A Juana. É uma emergência. Tenho de falar com a Matilde.

- Está a dormir. O que é que se passa?

- O meu irmão Roy, o marido da Matilde, está internado. Encontraram-no inconsciente na rua. Um gang deu-lhe uma boa sova. Tem a perna partida e uma infinidade de feridas e contusões. Pede para falar com a Matilde.

- Onde está internado?

- No Hospital Européen Georges Pompidou, na rue Leblanc, número 20.

- Como é que ele está?

- Não está morto, como imagino que o senhor desejaria.

- Não sejas ridículo, Blahetter.

- O senhor ameaçou matá-lo se voltasse a incomodar a Matilde. E agora é atacado por um gang. Muito oportuno, não acha?

- Eu não envio emissários para cumprirem as minhas ameaças. Ocupo-me eu próprio. E se a merda do teu irmão volta a chatear a minha mulher, não tenhas dúvidas de que o matarei com as minhas próprias mãos.

Matilde virou-se na cama e entreabriu os olhos. Estava sozinha. Ouviu umas exclamações curtas e secas, como de quem exercita o corpo e expira ruidosamente. Foi ao banheiro e, depois de urinar, lavar a cara e os dentes e de se pentear, envolveu-se no roupão de seda de Al-Saud, calçou as pantufas de camurça e caminhou até ao ginásio.

Havia algum tempo que Eliah e Takumi não se enfrentavam no dojo. Tinham escolhido a técnica de ninjutsu, a arte da luta dos ninjas e, como arma, as catanas, os típicos sabres dos samurais. Eliah teve um instante de distração quando viu Matilde aparecer, e Takumi aproveitou para ganhar vantagem. Golpeou-lhe as costas com o gume da catana. Matilde abafou um grito.

- Estarias morto se a luta fosse de verdade - censurou Kaito em japonês. - Uma cara bonita é o suficiente para te fazer perder a concentração?

- Não é só um rosto bonito, sensei - respondeu Al-Saud na mesma língua. - Não me deixas ganhar para impressionar a minha mulher?

- Queres impressioná-la?

Eliah assentiu, esboçando um sorriso.

- Quanto queres impressioná-la?

- Muito.

Matilde sentou-se, afastada, em cima de um dos aparelhos de ginástica. Observava com fascínio como se batiam aqueles homens tão díspares, ataviados com fatos pretos semelhantes a pijamas. Apesar de Al-Saud ser mais alto e forte, Takumi era muito habil e rápido, e a luta apresentava-se equilibrada. Matilde teve a impressão de estar a ver um filme de Bruce Lee ou de Chuck Norris, de que Ezequiel tanto gostava. Nunca imaginou que aqueles dois conseguissem dar saltos semelhantes ou realizar voltas no ar como se os seus corpos tivessem o peso de uma pluma. Brandiam os sabres com as duas mãos e faziam-nos girar a tal velocidade que às vezes as folhas de aço se convertiam em rajadas prateadas no ar. Al-Saud, para esquivar um golpe destinado à barriga das pernas, deu meia cam-balhota no ar que o posicionou ao pé de Takumi e lhe permitiu atacá-lo de lado. Takumi ficou imóvel ao aperceber-se do gume da catana nas costelas.

- Ganhaste-me justamente, meu filho. - Inclinou-se perante o seu adversário. - Bonjour, Matilde.

- Bonjour, Takumi. Estou surpreendida com a tua habilidade. És fantástico.

O japonês sorriu-lhe e fez uma reverência. Al-Saud embainhou o sabre e colocou-o no suporte; secou a cara e aproximou-se de Matilde.

- Não me abrases. Estou transpirado.

- Não me importa - disse ela. - Depois tomamos banho juntos.

Beijaram-se como se Takumi Kaito não estivesse ali, a guardar o sabre, a recolher a roupa e as toalhas sujas e a arrumar o ginásio.

- Quando me falaste naquele dia, no restaurante japonês, do teu mestre de artes marciais, nunca imaginei que fosses tão bom. Parecia que estava a ver um desses filmes de que o Ezequiel gostava tanto quando éramos mais pequenos. - Aquele nome fez disparar o mau humor de Al-Saud.

- O que é que se passa? - perguntou Matilde, e afastou-lhe a madeixa que lhe ocultava o olho esquerdo.

- Vamos à sauna. Conto-te lá. - Quando a teve nua entre os seus braços, envoltos em vapor, transmitiu-lhe a mensagem de Ezequiel. - Disse que o Blahetter quer falar contigo.

- Não quero vê-lo - afirmou Matilde. - Ele e eu já não somos nada. Lamento muito o que lhe aconteceu, não lhe desejo nenhum mal, mas vê-lo magoa-me, e não quero sofrer.

Al-Saud cingiu-a no abraço e beijou-lhe o ombro.

- Obrigado. Teria morrido de ciúmes se quisesses vê-lo.

Nessa noite, ainda dentro do Aston Martin, em frente ao prédio da rue Toullier, Al-Saud sentiu a angústia habitual em relação a Matilde: não tinha forças para a deixar ir.

- Este foi o melhor fim de semana da minha vida - sussurrou ela, aconchegada ao peito de Eliah. - Nunca tinha sido tão feliz.

- Tenho um presente para ti. Aqui. - Abriu o porta-luvas, de onde tirou um estojo comprido e acolchoado, como os que se usam para as pulseiras.

Matilde abriu-o e ficou a olhar para o relógio Christian Dior que, soube de seguida, era de ouro. Achou-o de um gosto refinado. Tratava-se de um modelo clássico e ao mesmo tempo original, de bracelete em couro preto e de formato ovalado, com bisel de ouro, tal como os ponteiros, que contrastavam com a esfera preta.

- Eliah - disse, e levantou o olhar. - É tão bonito. Quanto é que te terá custado?!

- Não o suficiente. Eu queria um Rolex para ti, mas a Juana aconselhou-me a não o comprar. Disse que não aprecias as coisas ostentosas.

- Este relógio também é demasiado! Porquê?

- Porque não quero que uses esse de plástico que te faz chegar tarde a todo o lado e nunca te dá a hora correta. Vais desprezar-me? Não vais aceitá-lo?

- Não, claro que não te vou desprezar. - Tirou-o do estojo. Al-Saud ajudou-a a colocá-lo. - E bonito. Mas não quero que gastes dinheiro comigo.

- Em quem é que gastaria se não fosse contigo?

Matilde lançou-se-lhe ao pescoço e beijou-o até conseguir que ele abandonasse a atitude defensiva e sucumbisse ao desejo por ela. Tinha percebido a sensibilidade do seu humor, que se tornava tormentoso com a mesma facilidade com que melhorava. Detestava que o contrariassem, como uma criança malcriada.

- Obrigada, meu amor. A verdade é que estava mesmo a precisar de um relógio novo. Obrigada por seres tão atento e por pensares em mim.

- A única coisa que faço desde que te conheci é pensar em ti.

A recepcionista do Hospital Européen Georges Pompidou informou-o de que o paciente Roy Blahetter se encontrava no quarto 304 do terceiro andar. O horário de visitas tinha acabado às sete da tarde. Eram dez da noite. Al-Saud avançou pelo corredor silencioso e vazio. Introduziu-se, discretamente e sem bater, no 304. Roy Blahetter estava sozinho. Dormia com a perna partida levantada, sustentada por um dispositivo de cordas e roldanas e uma tala de Thomas. Tinha as costelas partidas ou com fissuras, a julgar pelas ligaduras que lhe rodeavam o tronco nu. O seu rosto revelava que a surra fora violenta. Ver Blahetter num estado tão deplorável acalmou-lhe o ódio que este lhe inspirava.

Roy levantou as pálpebras inchadas.

- O que é que você está a fazer aqui? Onde está a Matilde? Preciso urgentemente de a ver. Eu e ela temos de falar. Esta noite. Agora mesmo.

- Ela não quer vê-lo. Pelo contrário, eu tenho uma coisa para lhe mostrar. - Al-Saud tirou de um estojo preto uma pequena máquina de filmar Sony e abriu o pequeno ecrã. Colocou a em frente da cara de Roy. - Reconhece-se?

Roy contemplou a sua própria imagem e a da mulher que tinha conhecido no bistro Au Baseou, envolvidos num ato sexual sórdido e violento. Virou o rosto na almofada para afastar o olhar. Al-Saud apercebeu-se do seu abatimento. Aquilo não lhe convinha. Precisava dele encurralado e furioso.

- Boas imagens para um filme porno - disse, com os gemidos de Zoya e os gritos e palavrões de Blahetter em ruído de fundo. - O que diria a Matilde se visse isto?

- O que é que quer? - perguntou Blahetter, sem olhar para ele.

- Informação. Documentos. Provas. O laboratório da sua família comercializa substâncias proibidas de forma ilegal. O metilfosfonato de dimetilo e o cloreto de tionila, entre outros. Preciso que me consiga a documentação que confirme as saídas dessas substâncias, os clientes a quem as venderam, as quantidades, os destinos. Tudo.

- Para que é que precisa disso? Para destruir o meu avô?

- O seu avô não me interessa nada.

- Então, para que é que precisa dessa informação? evidentemente, Al-Saud não tinha intenções de lhe responder, - E se me negasse?

- Julgo que o senhor não gostaria que este filme acabasse nas mãos da sua mulher.

- Você jamais lho mostraria.

- Eu não teria tanta certeza.

Blahetter sorriu com dificuldade e de seguida esboçou uma careta de dor quando as feridas dos seus lábios se abriram.

- Conheço a Matilde. Sei o que provoca, essa necessidade incontável de a proteger, de a amar. Sei que está apaixonado por ela. Não teria ido a casa do meu irmão para armar um escândalo se não estivesse. Eu percebo. Ela é como uma febre que se apodera de uma pessoa.

Al-Saud sentiu-se desconcertado por momentos.

- No entanto, o senhor causou-lhe um mal imperdoável.

- Acredite que o que lhe fiz me desgraçou a vida. E vou sempre pagar por esse erro de bêbado. - Depois de um silêncio, continuou: - Faça-o, Al-Saud. Mostre-lhe o filme. Já a perdi. Acha que não sei? Já nada me importa.

Elijah desligou o filme e guardou a máquina no estojo. A surra tinha desmoralizado Blahetter. Talvez devesse insistir dentro de uns dias, mas ele não tinha esse tempo. As companhias de seguros estavam a pressionar, e a Mercure tinha urgência em receber o pagamento pelo trabalho.

- Posso conseguir-lhe o que me pede por dinheiro - disse Blahetter e surpreendeu-o. - Fá-lo-ia por quinhentos mil dólares. - Pediu bastante mais do que precisava para construir o protótipo da centrífugadora de urânio.

Al-Saud olhou-o fixamente. Quinhentos mil dólares. Tinha esse dinheiro, já que o pagamento a Bouchiki ficara sem efeito.

-Quero-os em dinheiro.

Al-Saud assentiu baixando as pálpebras.

- Preciso da informação dentro de 72 horas. Caso contrário, já não me será útil.

- De acordo.

- Blahetter, não vou pagar quinhentos mil dólares por fotocópias. Preciso de documentos, registos de inventário, registos contabilísticos, provas de envio, tudo o que servir para provar fidedignamente as trocas comerciais da Química Blahetter com o metilfosfonato e com o cloreto de tionila.

Ezequiel entrou no quarto. Tinha uma garrafa de água mineral numa mão e um suco na outra.

- O que é que você está a fazer aqui? - vociferou.

- Ezequiel - interveio Roy -, tem calma. O Al-Saud só veio aqui para falar. Além disso, já está de saída.

- Entrarei em contato consigo dentro de 48 horas - disse Elijah, e deu meia-volta para abandonar o quarto.

- Al-Saud - chamou Roy. - Cuide da Matilde. Proteja-a. Agora ela é responsabilidade sua.

Al Saud assentiu e foi-se embora.

Que raio fazia esse tipo aqui e que raio se passa contigo para lhe falares assim? A surra deixou-te meio maluco.

- Cala te, Ezequiel, e dá-me um pouco de água. - Roy tomou um pouco do sumo que o seu irmão segurava. - Preciso de falar com o Pedro Testa. Agora.

- Agora? Enlouqueceste?

- Não discutas. Por favor, faz o que te peço.

O seu primo Guillermo Lutzer, no seu afã desenfreado para ficar com a presidência do Grupo Blahetter, fizera vários inimigos, entre eles Pedro Testa, um assessor do avô Guillermo que o acompanhava desde os tempos em que o apelido Blahetter não significava nada na Argentina. A luta pelo poder entre Guillermo e Pedro convertera-se num braço de ferro feroz, com golpes baixos e esquemas sujos, que Lutzer acabou por vencer. O velho alemão, cansado e deprimido pelo distanciamento do seu neto Roy, afastou Testa da vice presidência, que de seguida passou para as mãos de Guillermo.

Deixaram-no de lado e foi enviado para o laboratório de Pilar com o mesmo salário de seis dígitos que recebia quando ocupava o posto mais alto. A esposa de Testa garantia que tinha saído a ganhar: já não o afligiam com as responsabilidades e continuava a receber o mesmo dinheiro. Pedro não via a situação da mesma forma. Considerava-a uma traição e uma afronta, tinham-no humilhado e desacreditado dentro do mundo empresarial no qual o seu nome era respeitado.

- Olá, Pedro. Fala o Roy Blahetter.

Depois de uma longa conversa com o ex-vice-presidente do Grupo Blahetter, Ezequiel interrogou o irmão:

- Em que treta é que te estás a meter?

- Não perguntes. Quero destruir o Guillermo tanto como o Testa. E sei como fazê-lo.

- O Guillermo não tem culpa de teres violado a Matilde.

- Sim, ele é o culpado! Encheu-me a cabeça, embebedou-me e fê-lo para me destruir. Sempre teve inveja de mim porque eu era o preferido do avô. - Apoiou a nuca na almofada e suspirou, dorido, cansado, devastado.

- Ezequiel, meu irmão, preciso que me ajudes, por favor.

- Sabes que faço tudo o que me pedires.

- Preciso que convenças a Matilde a vir-me visitar. E imperativo. Se não quiser vir, diz-lhe para te dar a chave que lhe entreguei na noite da festa. Quando é que vais ter com ela?

- Amanhã à noite, antes não posso.

- Tem de ser antes! Agora!

- Não vou agora, Roy! E tardíssimo. Para tua informação, tenho um trabalho e compromissos que assumi e que não posso alterar. Amanhã começo muito cedo uma sessão fotográfica que vai durar o dia todo. Vou ter com ela à noite.

Entrou uma enfermeira e injetou uma dose de sonífero no soro de Roy. Ezequiel esperou que o irmão adormecesse para se ir embora.

Ariel Bergman disse para si mesmo que as viagens a Paris se estavam a tornar num hábito incómodo, embora necessário. O rumo que o assunto de Eliah Al-Saud tomara inquietava a direção do «Instituto». O que inicialmente nascera como uma leve suspeita e os deixara num leve estado de alerta adquiria uma aparência trágica.

- Conseguimos saber se a troca entre o Bouchiki e a mulher no Cairo chegou a ter lugar? - perguntou Diuna Kimcha.

- Não temos a certeza - admitiu Bergman. - Os kidonim que os observavam do rio não testemunharam qualquer troca. O Salvador Dali desconhecia o suporte no qual o Bouchiki passaria as fotos.

- Vamos deixar de seguir o Al-Saud. Tal como o Hill e o Thorton. Os três já perceberam que os nossos katsas os estão a seguir. Estamos a lidar com profissionais.

- Mais do que profissionais. Eu diria - opinou Bergman - que são mestres da espionagem, do assassinato, do reconhecimento e da guerra. São armas letais, em especial o Al-Saud. São os melhores mercenários do mercado. Conseguimos averiguar que pertenceram a um grupo de elite e secreto da NATO chamado L' Agence. Foram escolhidos pelas suas características nas profissões e organismos para que trabalhassem. Por exemplo, o Al-Saud era um dos melhores pilotos de guerra da Força Aérea francesa, para além de dominar várias línguas na perfeição. O Michael Thorton foi um dos espões mais hábeis com que o SIS contou durante a Guerra Fria. Diz-se que entrava e saía da Alemanha Oriental quase com a temeridade de um louco. Causou grandes dores de cabeça aos russos. O Anthony Hill destacou-se noutro grupo de elite, o SAS. Têm vários nomes de peso nos seus quadros, como o Peter Ramsay, também ex-funcionário do SIS. Traba-lhou durante anos na unidade de rastreio. É um génio no seu ramo.

Mila Cibin soltou um assobio.

- De onde tiraste essa informação? O Al-Saud e os seus sócios não existem nos sistemas. Investigámos toda a gente.

- O Al-Saud tem um inimigo. O Nigel Taylor, dono da Spider International, a concorrente da Mercure S.A. Ele forneceu-nos a informação.

- Quais são os passos a seguir? - perguntou Cibin.

- Não temos outra alternativa a não ser esperar pelo próximo movimento do Al-Saud. O Salvador Dali avisar-nos-á, e então agiremos. A ordem é apressá-lo e sacar-lhe tudo o que sabe. E depois, eliminá-lo.

Na segunda-feira à tarde, Eliah conduzia pela avenue de la République no meio de um trânsito intenso. Parou num semáforo e olhou para o Rolex Submariner. Passava das seis e meia da tarde. Resmungou um insulto e bateu no volante. Esperou com ansiedade a mudança da luz vermelha para a verde. Acelerou quando o semáforo lhe cedeu a passagem, e o chiar dos pneus do Aston Martin foi absorvido pelos primeiros acordes da canção *Thefriends of Mr. Cairo*. O coração pulsava-lhe ao ritmo da música e da raiva. Chegaria atrasado à escola de línguas, e Matilde estaria sozinha à sua espera, na rue Vitruve, escura e quase sem ninguém. Rezava para que Juana estivesse com ela, pois ultimamente costumava ir-se embora com os colegas. Em momentos como esse encolerizava-o que Matilde não tivesse celular.

Embora a reunião com Shaul Zeevi, o empresário israelita da computação, tivesse demorado mais do que era previsto, ele teria chegado a tempo ao Lycée des Langues Vivantes se Céline não lhe tivesse feito uma cena de choro ao telefone.

- Vem tirar-me desta clínica! - exigiu-lhe, histérica. - Já não aguento estar aqui. *C'est terrible!*

- É o melhor para ti, Céline - disse Eliah, tentando chamá-la à razão.

- Se estou aqui é por tua causa. Fiquei histérica quando percebi que tinhas saído da festa sem mim, e o Jean-Paul internou-me. Deixaste-me, foste-te embora - soluçou.

- Eu já te tinha dito que só passaríamos pela festa um momento e que depois falaríamos. Estavas demasiado drogada e alcoolizada para conversar. Não fazia sentido que eu ficasse.

- Mentira! Foste-te embora com a Matilde. Oh, que coincidência! Ela também desapareceu da festa exatamente no momento em que tu saíste.

- Céline, tenho de desligar. Quando te acalmares, falaremos. E, para que te acalmes, é melhor continuares nessa clínica. Tens de te tratar.

Embora no passado a sexualidade descarada de Céline e o seu temperamento livre e desenfreado, oposto à tímida e assustadiça Samara, o tivessem seduzido, ou antes enfeitado, nesse momento sentia uma forte rejeição em relação a ela. O que diferenciava Matilde das mulheres que tinha possuído? Será que Matilde tinha consciência de que, como nenhuma outra, o tinha prendido? Estranhamente, essa certeza não lhe provocava inquietação. Porquê? Talvez porque conhecesse a sua índole. Não desejava prendê-lo, só queria que ele fosse feliz; fora isso que dissera. Não houve um instante em que não pensasse em ti e em que não pedisse à Virgem que fosses feliz hoje e sempre. Ela desconhecia o impacto dessas palavras. Voltou a perguntar-se porque é que ela era diferente. Como uma súbita revelação, percebeu que tinha lutado por Matilde enquanto que as outras, até mesmo Samara, tinham estado ao alcance da sua mão. Com subtileza, ela incitara a sua alma de caçador e conquistador, e continuava a fazê-lo no presente porque Matilde ainda não estava completamente rendida. Sem fingimentos nem intenções ocultas, enredara-o num jogo de desejo que às vezes o enlouquecia. Era um tesouro para ele; poucas coisas lhe tinham custado tanto como ganhar a confiança de Matilde.

O Aston Martin entrou pela rue des Orteaux, e Al-Saud premiu uma tecla do telefone e ligou a Juana.

-Sim?

- Juana, sou eu.

- Olá, bonito!

- A Matilde está contigo?

- Sim. Estamos à tua espera à porta da escola de línguas. Vens buscar-mos?

- Estou a uns minutos daí. Não fiquem à minha espera na rua. Entrem na escola de línguas.

- O porteiro já fechou a porta. Éramos a última turma.

«Merde!»

- Estou aí dentro de cinco minutos.

Acelerou e o carro desportivo inglês devorou os metros da rue des Orteaux até ao cruzamento com a de Vitruve. Dobrou a esquina numa manobra proibida e, graças à poça de luz que iluminava a entrada do Lycée des Langues Vivantes, vislumbrou os três homens

que rodeavam Juana e Matilde. Os gumes das navalhas tremeluziram ao entrar em contacto com a luz dos faróis. Anos de treino impediram-no de entrar rapidamente em pânico. Parou o carro na esquina e saiu. Atravessou a rua para chegar ao passeio da escola de línguas. Movia-se aproveitando as sombras que a má iluminação conferia ao quarteirão. Devido à pressa com que abandonara os escritórios no George V, tinha-se esquecido de tirar a Colt M1911, colocada no coldre axilar. Tinha sempre o cuidado de tirar a arma antes de ir buscar Matilde. De qualquer forma, raciocinou, não lhe serviria de muito. Usar a Colt poderia levar a um fogo cruzado, do qual as vítimas seriam Matilde e Juana.

Enquanto se aproximava com o corpo colado à parede, analisava a situação. Os atacantes eram três homens jovens, de não mais de vinte e cinco anos. Gritavam às moças num francês com sotaque árabe acentuado que nem Matilde nem Juana compreendiam. Provavelmente um quarto homem esperava-os ao volante do Renault Laguna a trabalhar e com as portas abertas, parado em frente à escola de línguas.

Matilde soltou um grito e deixou cair os cadernos quando um dos rapazes a agarrou por trás e lhe encostou a navalha ao pescoço. Exigia-lhe com nervosismo e no seu mau francês que lhe entregasse a chave. O grito de Matilde atingiu Al-Saud como uma facada certa, e teve a impressão de que o seu coração parava. Juana começou a insultá-los em espanhol e, em troca, recebeu uma bofetada.

Desfazer-se do primeiro, aproveitando o efeito surpresa, foi uma brincadeira de crianças. Pegou-lhe no ombro e, ao dar a volta, o rapaz recebeu um golpe seco na garganta. Os nós dos dedos de Al-Saud afundaram-se num ponto estratégico abaixo da maçã de Adão que o deixou fora de combate num instante. O rapaz caiu ao chão, inconsciente. Al-Saud aproveitou o atordoamento dos outros dois para pegar em Juana pelo pulso e atirá-la para a rua, atrás dele. Ouviu os saltos da moça que se afastava até à esquina da rue des Orteaux.

O que retinha Matilde vociferou ordens em árabe ao seu colega, que avançou com a navalha em punho apontando para o rosto do repentino herói. Al-Saud reparou que o jovem sabia o que fazia. Segurava com firmeza a arma branca, colocava o corpo de modo equilibrado e movia a lâmina de aço com habilidade. Fora treinado na luta corpo a corpo, deduziu.

Elijah vislumbrou pelo canto do olho que um quarto atacante, o que conduzia o Renault Laguna, se juntava aos seus colegas. Também empunhava uma faca e colocou-se atrás de Al-Saud. Este falou-lhes em árabe, o que os desorientou.

- Dou-vos a oportunidade de saírem daqui inteiros. Entreguem-me a moça sem um arranhão e podem ir-se embora e levar o vosso colega inconsciente.

- Vem cá buscá-la! - desafiou-o o que segurava Matilde, que entretanto lhe metia a mão pelo pescoço e procurava algo.

Matilde não tirava os olhos de Elijah e cravava os dedos nos antebraços do delinquente. Apesar das suas tentativas para não chorar nem entrar em pânico, soluços incontroláveis escapavam-se-lhe por entre os lábios.

Ver as mãos daquele tipo em contato com a pele de Matilde, a pele do seu decote, tão suave, quase translúcida, onde ele adorava beijá-la e cheirá-la, fez Al-Saud perder a cabeça. Reparou instantaneamente no movimento do tipo que o atacava pelas costas e lançou um pontapé para trás sem se virar, como se tivesse olhos na nuca. O tacão da bota de Elijah enterrou-se no esterno do atacante. Este soltou um arquejo e caiu de joelhos. Ao

mesmo tempo, o que estava de frente para ele tentou dar-lhe uma facada no ventre. Al-Saud rodou a cintura para afastar o tronco do gume e agarrou no braço armado pelo pulso; torceu-o até ficar numa posição antinatural nas costas do rapaz, que acabou no chão, com a cabeça no passeio. Al-Saud apertou-lhe os tendões, e o atacante soltou a faca juntamente com um grito de dor. Uma cotovelada de Eliah na parte posterior da cabeça fê-lo calar-se. Ficou estendido ao pé do outro, o que tinha recebido o golpe na maçã de Adão.

O que segurava Matilde não esperava que Al-Saud se agachasse, tomasse balanço e rodasse pelo ar com a habilidade de um bailarino para derrubar o único elemento que estava de pé, o que tinha recuperado do golpe no peito, com um pontapé voador que o atingiu no pescoço e o deixou desmaiado a poucos metros dos outros dois.

Al-Saud fixou um olhar implacável no que mantinha Matilde refém. O rapaz arrastava a em direção ao Renault Laguna.

Nem mais um passo - ordenou-lhe Eliah em árabe, e sacou a Colt M1 911. O delinquente arregalou os olhos ao reconhecer a pistola de calibre letal. Solta a moça.

Vou degolá-la se não baixar a arma. E vou fazê-lo mesmo aqui à sua frente.

Matilde reparou que Al-Saud segurava na arma com firmeza. Embora estivesse um pouco despenteado - as madeixas duras de gel caíam-lhe como pregos na cara - e com o blazer amachucado, parecia composto e calmo; até lhe pareceu vislumbrar um sorriso tenebroso.

- Nunca te disseram que és um bocado orelhudo? - O projétil de calibre 45 destroçou a cartilagem da orelha do rapaz que, num gesto ins-tintivo, soltou Matilde para levar as mãos ao lado da cabeça. Olhou para elas empapadas de sangue e depois para Al-Saud com uma expressão entre suplicante e espantada.

- A próxima é aqui - disse Eliah, e apontou para o meio da testa.

Ao tomar consciência de que tinha perdido a orelha, o jovem árabe rompeu em gritos que estilhaçaram a quietude da rue Vitruve. Al-Saud adiantou-se para segurar Matilde, que cambaleava na sua direção. Ela apoiou as mios no peito de Eliah, elevou a vista e olhou-o com olhos arregalados antes de os revirar e desfalecer.

- Matilde!

O delinquente recuperou algum domínio e, apertando os restos da orelha e deixando um rasto de sangue, fugiu em direção do Renault Laguna. Meteu-se no carro de pulando pela porta do acompanhante e arrancou com as portas abertas. Os pneus chiaram quando virou à direita na rue des Pyrénées. Al-Saud, ocupado com Matilde, não se apercebeu de que outro carro, estacionado perto da esquina, se punha em marcha, seguindo o Renault.

O disparo tinha atraído os vizinhos, que acenderam as luzes e espreitaram pelas varandas. O porteiro da escola de línguas abriu a porta e ficou a observar os três tipos deitados no passeio, mortos ou inconscientes, e um quarto a carregar aos ombros uma mulher, também desmaiada, a jul-gar pela forma como a sua cabeça pendia com o cabelo quase a acariciar o passeio.

Juana parou o Aston Martin em frente à escola de línguas e saiu para abrir a porta do acompanhante e ajudar Al-Saud a acomodar Matilde.

- Entra por aqui - indicou lhe Eliah, e baixou o assento do condutor para que Juana entrasse pela parte de trás.

- Bonitão... - soluçou, mas Al-Saud não lhe prestou atenção, porque estava concentrado em tirar a Matilde a bolsa rústica e o blusão, estragado pelo sangue do árabe, para procurar possíveis ferimentos.

- Bateram-lhe? - perguntou a Juana, sem parar o exame.

- Não, acho que não. Deixa-me verificar-lhe o pulso. As pulsações estão um pouco baixas, mas estáveis. Deve ter desmaiado com o susto.

Convencido de que Matilde não estava ferida, ligou a Chevrkov.

- Lefortovo, é o Cavalo de Fogo. Isto é uma emergência - disse em russo. - Preciso dos serviços do teu amigo, o inspetor Olivier Dussollier, do 36 Quai des Orfèvres - falava da *Direction Régionale de la Police Judiciaire* -, o que trabalha na Brigada Criminal.

- O que é que lhe queres?

- Tenho três árabes inconscientes no 18 da rue Vitruve. Quero que os leve para os interrogar. Atacam-me.

Espero que esteja de serviço - disse Chevrkov.

- Diz-lhes que avisem os hospitais. Um fugiu e está ferido. Dei-lhe um tiro na orelha.

- Nunca fazes nada por menos, eh, Cavalo de Fogo?

Se não houvesse testemunhas do acontecimento, Al-Saud teria pedido aos seus homens que se encarregassem dos três árabes e os levassem para a base para os interrogar. Saiu do Aston Martin e dirigiu-se para a porta da escola de línguas, onde apanhou os cadernos de Matilde. Voltou para o carro. Juana estava em cima da amiga. Alternava leves palmadas na face com massagens nas mãos, que estavam frias.

- Tu estás bem, Juana?

- Sim, bonito. Deram-me uma bofetada como nunca recebi na vida. Vou ter uma nódoa negra durante dias. Malditos filhos da puta! Pobrezinhos... - lamentou-se. - A Mat ficou com a pior parte. Gritavam-nos em francês, mas não percebíamos nada. Não sei o que é que queriam.

Al-Saud repartia olhares ansiosos entre Matilde e os três corpos atirados para a rua, que, entretanto, um grupo de vizinhos rodeara.

Matilde agitou a cabeça no assento inclinado e choramingou sem abrir os olhos. Al-Saud pegou-lhe nos braços e encostou-a ao peito. Sussurrou-lhe e beijou-lhe a têmpora.

- Já passou tudo, meu amor. Já estás bem.

- Tenho náuseas.

- Inspira fundo, Mat, para baixar o diafragma. Bonitão, levanta um pouco o assento da Mat.

Al-Saud fez como Juana lhe indicava. De seguida, ligou o motor e o aquecimento porque Matilde tremia. Custava-lhe manter-se afastado dela, mas Juana tinha razão: precisava de ar. Abanou-a com um caderno. Ao ouvir as sirenes da Brigada Criminal, entregou o caderno a Juana e arran cou em direção à rue des Pyrénées. Os homens de Dussollier encarregar -se-iam da situação. Ele iria ter com eles depois, às instalações do Qiuii des Orfèvres.

Ao chegar à casa da avenue Elisée Reclus, pegou em Matilde ao colo para a retirar do Aston Martin. As mãos frias de Matilde fecharam se em volta do seu pescoço.

- Eliah - sussurrou, sem força.

- O que foi, meu amor?

- Quero tomar banho. Sinto-me suja.

Entraram pela cozinha. Leila começou a agitar- se como uma galinha choca e não se acalmou até que Matilde lhe sorriu. As moças, Marie e Agneska, ficaram a disposição do patrão.

- Marie, prepara o jacuzzi do meu banheiro. Agneska, ocupa-te da Juana. Dá-lhe um quarto.

- Bonitão, a Mat mostrou-me no outro dia a tua piscina alucinante. Posso ir nadar um bocado? Acho que é o melhor para me acalmar.

- Claro que sim - disse, e ordenou a Agneska que a acompanhasse e que a atendesse.

No quarto de Al-Saud, Matilde começou a chorar como uma criança ao descobrir que o seu blusão creme estava manchado de sangue. A comporta abriu-se e a angústia e o pânico presos no seu peito brotaram em forma de pranto histérico. Leila, acobardada na salinha da flor, olhava-a e chorava. Pouco a pouco, o pranto misturou-se com as recriminações.

- Disparaste quando eu estava com ele! - Al-Saud tentava segurá-la, mas ela não o deixava. - Podias ter-me matado! Podias ter-me matado!

Como explicar-lhe que a sua pontaria era perfeita? Como explicar-lhe que, para ele, desfazer a orelha do atacante não representara um desafio? Como explicar-lhe que era um franco-atirador, capaz de colocar uma bala entre duas sobranceiras a mais de quinhentos metros? Os seus braços fecharam-se à volta das pequenas costas de Matilde com uma firmeza implacável. Ela debateu-se até que, vencida, apoiou a testa no peito dele e chorou em silêncio; o ímpeto abandonava-a. Al-Saud escolheu esse momento para lhe falar ao ouvido.

- És o mais valioso que tenho na vida. Como é que foste capaz de achar que te expunha a algum perigo quando disparei?

- Sim - soluçou apenas.

- Não! Nunca estiveste em risco. Jamais. Esse tipo queria levar-te. Pensaste que ia permitir que o fizesse? Que te afastasse de mim? - Matilde abanou a cabeça com a cara enterrada no peito dele. Al-Saud beijou-lhe o cocuruto com paixão e continuou a falar em

francês: - Matilde, não sabes o que significou para mim ver-te em perigo. Não sabes o que significou para mim vê-lo tocar-te.

- Arrancou-me o fio com a Medalha Milagrosa. A minha medalha...

No entanto, a Medalha Milagrosa ainda estava com ela. Tinha saltado do fio com o puxão e ficara presa dentro do soutien. Encontrou-a quando o tirou na casa de banho, e começou a chorar de novo. Al-Saud acabou de se despir e levou-a até ao jacuzzi, onde se dedicou a lavar-lhe as costas com a esponja até que o choro diminuiu e ela descontraíu.

- Não sabia que tinhas uma arma - sussurrou, e Al-Saud quase não a ouviu devido ao borbulhar da água. - Porque é que a tens?

Beijou-a no ombro antes de responder.

- Para me defender e para proteger o que é meu.

- Não gosto de armas.

- Eu sei.

- Acho que levaram a chave que tinha no fio.

Al-Saud lembrou-se de a ter visto na quinta em Rouen.

- De onde é essa chave?

- Foi o Roy que me deu na festa do Jean-Paul.

Contou-lhe o que Blahetter lhe tinha pedido, e Eliah não gostou do que ouviu. O assunto adquiria outro rumo à luz daquela revelação. Em que negócios obscuros andava metido Blahetter? Teria uma nova conversa com ele e, se tivesse exposto Matilde, esganá-lo-ia na cama do hospital, não teria piedade do seu estado indefeso. Fechou os olhos e inspirou para se acalmar. Matilde não devia reparar na sua inquietação.

Um momento depois aproveitou o entusiasmo de Juana, que acabava de descobrir a sala de cinema, e deixou Matilde com a amiga a ver uma comédia com Gérard Depardieu. Desceu até ao escritório, envergando o roupão, e fechou-se para ligar a Chevrnikov.

- Estou no Quai des Orfèvres - informou o russo. - Os teus atacantes estão a ser atendidos no Hospital Hôtel-Dieu. - Chevrnikov referia-se ao hospital mais antigo de Paris, a poucos quarteirões da Police Judiciaire. - Deste-lhes uma sova que quase os matou. Aqui interrogam-se sobre quem atacou quem. Vão trazê-los mais tarde. Ligo-te quando estiverem prestes a interrogá-los.

- Conseguiram saber alguma coisa do que fugiu?

- Nada. Os hospitais estão avisados.

Desligou. Foi dando pancadinhas na boca com o telefone enquanto refletiu. Voltou a fazer uma chamada.

- Thérèse, é o Al-Saud.

- Boa-noite, senhor.

- Desculpe incomodá-la a esta hora.

- Não há problema, senhor.

- Quero que amanhã bem cedo regresse à Emporio Armani e compre um blusão igual ao que comprou para a Matilde há uns tempos. Da mesma cor. Lembra se?

- Ofereça o triplo para lhe conseguirem um igual.

A última chamada destinou-se ao seu amigo, Edmé de Florian, a quem contou os fatos e pediu para se juntar a ele na sede da Polícia Judiciária, na île de la Cité. Saiu do escritório e dirigiu-se à cozinha. Pediu a Leila que levasse um jantar leve ao seu quarto. A Medes, que largou o jornal e se levantou ao vê-lo entrar, disse-lhe que se preparasse, sairiam dentro de uma hora. O sotaque dos árabes tinha-lhe lembrado o do seu motorista, um curdo do Iraque.

- Recriminaste o bonitão por dar um tiro àquele filho da mãe? - irritou-se Juana. - Estás louca, Matilde? Que parte é que não percebeste do que acabámos de viver? Se o bonitão não tivesse aparecido, aqueles des graçados tinham-nos violado e degolado.

- Nunca me disse que tinha uma arma interpôs, com ar contrito, enquanto contemplava a sua própria fotografia, a que tinha oferecido a Eliah; tinha-a encontrado na sua mesa de cabeceira.

- Ah, esta é boa! Há coisas muito mais importantes sobre ti que não contaste ao bonitão, muito mais importantes do que ter uma arma! Então, não te armes em ofendida.

- O que é que se passa? - perguntou Al-Saud ao entrar no quarto.

- Nada, bonitão. Desculpa ter invadido os teus aposentos. A Mat queria- -me mostrar a salinha em forma de flor. A tua casa é o máximo, bonitão! Não te disse no outro dia, mas nunca vi uma casa tão estranha e tão bela. O melhor de tudo é a piscina. Obrigada por me emprestares este roupão.

- *De rien* - disse, e deu uma olhadela a Matilde, sentada de pernas cruzadas no meio da cama, envergando um roupão do George V que lhe ficava enorme e com a sua fotografia na mão. - Lembrei-me de que talvez gostassem de jantar aqui. O que te parece, meu amor? Pomos a mesa na flor e, enquanto comemos, vemos o pátio andaluz. - Ordenou a Marie pelo intercomunicador que acendesse as luzes do pátio.

- Uau! - exclamou Juana, quando as palmeiras e a fonte coberta de majólica ficaram iluminadas no andar de baixo. - Meu Deus, bonitão, esta casa é divina. Vives aqui há muito tempo?

- Há quase dois anos. Estava num estado lastimoso quando vim para cá, tal como a casa de Rouen. A essa tive praticamente de construí-la. Por isso demorei a começar a recuperação desta. E mudei-me há menos de dois anos.

Durante o jantar, que partilhavam com uma Leila entristecida, o celular de Juana tocou.

-Olá, Negra. É o Ezequiel.

- Eze, minha vida!

- Onde é que estão? Tenho estado a ligar há um bocado para o apartamento da Enriqueta.

- Estamos na casa do bonitão.

- De quem?

- Do Eliah, o namorado da Matilde - disse, e piscou o olho de forma cúmplice a Al-Saud, que seguia a conversa com uma expressão rígida. - Nem imaginas o que nos aconteceu, Eze! Quatro tipos atacaram-nos à saída da escola de línguas.

- O quê?

- Calma, meu querido. Estamos as duas bem. O bonitão chegou mesmo a tempo para nos salvar, como nos filmes. A Mat passou pelo pior. Vou passar.

- Olá, Eze.

- Olá, Mat. Como é que estás?

-Agora bem, mas foi horrível, Eze.

- Gostava de estar aí para te abraçar.

- Sim, eu sei. Obrigada.

- Mat, o meu irmão quer ver-te.

- Mas eu não quero vê-lo, Eze. Por favor, não insistas.

- Está bem, está bem, não insisto. Mas ele pediu-me para te dizer que precisa que lhe devolvas a chave. Não sei de que é que está a falar. Mas dá-me a mim a maldita chave e eu levo-lha ao hospital.

- Não a tenho, Eze. Os tipos que nos atacaram roubaram-ma.

- Merda! O Roy vai ficar furioso.

Mal desligou, Matilde deu de caras com o olhar de Al-Saud, e por um instante teve medo dele.

- O que é que ele te disse?

- Disse que o Roy quer que eu lhe devolva a chave.

- *Fils de pute!* - resmungou Eliah, e continuou a comer.

Ao terminarem o jantar, que depois do telefonema de Ezequiel decorreu num ambiente silencioso e incómodo, Juana foi deitar-se. Matilde saiu do banheiro e reparou que Al-Saud se estava a vestir.

- Vais sair?

- Tenho de ir à delegacia fazer uma denúncia contra esses tipos. Não ponhas essa cara, não vai acontecer nada de mal. - Caminhou até ela e abraçou-a. - Há uma coisa boa nisto tudo: estás na minha casa e vais passar a noite comigo.

- Sim - sussurrou ela mas não quero que te vás embora. - Pôs-se em bicos de pés e cheirou-lhe o pescoço. - Mmmm... Que perfume tão bom. Qual é?

- Givenchy Gentleman.

- Adoro - garantiu, e levantou o olhar.

Os papos que naturalmente se formavam por baixo dos olhos de Eliah apresentavam uma cor violácea. Devia estar cansado, pensou Matilde. Passou-lhe o dedo indicador pela testa, pela têmpora, tocou com delicadeza no papo debaixo do seu olho direito, desenhou-lhe o ângulo reto do maxilar e apreciou a dureza da barba. Continuou até alcançar a suavidade do lábio inferior, onde se demorou, indo e vindo de uma comissura à outra; tratava-se de uma boca quase feminina, pequena, cheia, com contornos bem definidos. Sentiu os dedos de Al Saud cravarem-se na base das suas costas.

- Estás a tentar excitar me para que eu fique contigo?

- Sim.

Riram-se e deram um abraço que tentava diluir a tensão entre eles. Olharam se com uma seriedade que falava do desejo que se ia apoderando dos seus ânimos. Os olhos de ambos tinham enegrecido.

- Matilde, tenho de me ir embora. - Separou-a de si. - Lembras-te de qual era o número da chave que o Blahetter te deu?

- Setenta e um. Lembro-me porque é o ano do meu nascimento. Por que é que queres saber?

Al-Saud encolheu os ombros.

- Caso a Polícia me pergunte.

Antes de se dirigir à sede da Polícia no Quai des Orfèvres, Al-Saud indicou a Medes que o levasse à Gare du Nord. Perguntou a um dos muitos polícias que vigiavam a estação onde se encontravam os cofres. Não se surpreendeu ao encontrá-lo aberto e vazio. A intriga que se tecia à volta da chave e de Blahetter envolvia Matilde, e a eventualidade de ela estar na mira de um gang deixava-o perante algo a que se tinha entregado pouco ao longo da sua vida: o medo. Pediu a Medes que o levasse ao Hospital Européen Georges Pompidou. Não foi fácil chegar até ao quarto de Blahetter àquela hora. Precisou de se esquivar a duas enfermeiras antes de se introduzir lá dentro. Deviam ter-lhe dado um sonífero muito potente porque não conseguiu acordá-lo. As pálpebras de Blahetter agitavam-se como asas e voltavam a fechar-se.

- O que é que o senhor está aqui a fazer? O horário das visitas acabou há horas.

- Desculpe, senhora enfermeira. Acabo de chegar de viagem e disseram-me que o meu amigo Roy Blahetter estava internado. Não consegui esperar até amanhã para o ver. Como é que ele está?

- Melhor, embora muito dorido - informou a mulher, ainda irritada.

- Demos-lhe um sonífero para dormir. Agora terá de sair.

- Claro.

A caminho da île de la Cité, Chevrnikov ligou-lhe para o telemóvel para o informar de que interrogariam os atacantes em breve. Na sede da Polícia Judiciária receberam-no na ala da Brigada Criminal. Edmé de Florian e Chevrnikov aguardavam-no para o apresentarem ao inspetor Dussollier, que lhe estendeu a mão e lhe lançou um olhar apreciativo. Eliah sentiu nojo da palma úmida e do aperto de mão fraco, bem como da forma como Dussollier passou a língua pelo lábio inferior ao mesmo tempo que fixava o olhar nos dele. Chevrnikov não o tinha avisado de que o inspetor era homossexual. Talvez a orientação sexual do policial fosse uma vantagem.

Relate-me os factos, Eliah - disse, utilizando o seu nome próprio com atrevimento. Al-Saud narrou o sucedido. - Vamos precisar dos testemunhos das moças - acrescentou Dussollier.

- É mesmo necessário, Olivier? - pronunciou Al-Saud. - Elas estão muito transtornadas com o que viveram.

- Na verdade, Olivier - intercedeu Edmé de Florian -, para que é que vamos incomodar as moças se o Eliah já te fez uma descrição mais do que detalhada?

- Roubaram-lhes alguma coisa? - perguntou, bastante indiferente; parecia estar perante mais um caso de violência de rua.

Nada mentiu Al Saud. Cheguei mesmo a tempo.

- Olivier - interveio Chevrnikov deixas o Eliah falar com os detidos?

- Para quê? - estranhou o inspetor. - Isso seria muito irregular, Vladimir.

- São árabes - interferiu Al-Saud. - Sei falar muito bem a língua deles. Poderia facilitar as coisas.

Aquele argumento não era suficiente. No entanto, Dussollier autorizou Al-Saud a falar com os detidos porque devia alguns favores a Chevrnikov e porque... quem podia dizer que não àqueles olhos cor de esmeralda? Colocaram-se atrás do vidro de visão unilateral que os separava da sala de interrogatórios, inclusive o motorista de Al-Saud. Dussollier sabia de antemão que não perceberia nada. Reparou na forma como os três rapazes se encolhiam nas cadeiras perante o aparecimento de quem os subjugara na rue de Vitruve. Não os censurava; esse Adónis de figura alta e porte atlético, que se movia com a cadência de uma pantera assassina, tinha-lhes dado uma grande surra.

- Se me disserem quem vos enviou para roubar a chave, tiro-vos daqui amanhã. Caso contrário, deixar-vos-ei à mercê da Polícia Judiciária. Pergunto-me como estarão os vossos papéis da imigração.

Falou o que caíra inconsciente em primeiro lugar, e fê-lo com dificuldade e a voz áspera. Jurou não saber como se chamava quem lhes pagara para roubarem a chave. Tinha lhes oferecido dinheiro para levarem a cabo o trabalho e mostrara lhes a fotografia de Matilde. Ao ouvir aquelas palavras, Al-Saud sentiu um frio no estômago. De modo mecânico, apertou os dentes, e Dussollier reparou que os músculos do maxilar ficavam tensos.

- Como é que chegou até vocês? Não me vão dizer que vos encontrou na rua e vos ofereceu trabalho. Comecem a contar o que sabem. Ou vou transformar as vossas vidas num pesadelo. Sabem que consigo fazê-lo, não sabem?

- Foi um amigo comum que nos pôs em contato.

- Quem é e onde é que posso encontrar esse amigo comum?

Os rapazes entreolharam-se.

- Chama-se Fauzi Dahlan.

- Onde é que posso encontrá-lo?

- Isso não sabemos mesmo! Contata-nos de fora. Não sabemos onde está. Nunca sabemos.

- De fora?

- Do Iraque. Pelo menos, é isso que julgamos.

- Vocês são iraquianos?

Os três assentiram ao mesmo tempo.

- Descrevam o homem que vos contratou para o assunto da chave.

- Tinha ar de alemão ou de sueco - opinou o que se tinha encarregado de conduzir o Renault Laguna. - Tinha o cabelo cortado rente. Era loiro, com cabelos brancos. Olhos azuis.

- Tinha feições muito marcadas, muito quadradas - acrescentou o outro.

- E era um urso. Alto como o senhor, mas muito mais robusto.

- Falava com uma voz estranha.

- O que é que queres dizer com voz estranha?

- Com um som metálico, como se fosse uma voz artificial, eletrônica. Nunca tinha ouvido uma voz tão esquisita.

- Viram se tinha algum aparelho no pescoço? - Os três abanaram as cabeças para negar. - Uma cicatriz? - Voltaram a negar. - Tinha o pescoço à mostra? Conseguiram vê-lo?

- Sim, usava uma camisa e, embora estivesse frio, não tinha casaco. Vimo-lo bem e não tinha nada de estranho no pescoço. Simplesmente, falava assim.

Al-Saud disse ao inspetor Dussollier:

- São três pobres tipos que roubaram dinheiro para as famílias que passam fome. Não vou apresentar queixa contra eles.

Ao sair da sede da Polícia Judiciária, perguntou a Medes:

- São iraquianos?

- Sem dúvida.

- De que zona?

- Pelo sotaque, diria que do Norte do país, possivelmente de Tikrit.

- O curdo referia-se à cidade natal de Saddam Hussein.

Despia-se na escuridão e tentava não fazer barulho. A iluminação do pátio andaluz filtrava-se pelo vitral zenital da flor e iluminava parte da cama. Via-se o pequeno montículo que Matilde formava debaixo dos cobertores. Nesse dia testemunhara a irritação invulgar embora proverbial de um Porco de Metal, tal como Takumi sensei tinha prevenido. Se a visão de uma arma lhe provocava essa cólera, o que aconteceria se lhe confessasse qual era o seu ofício? Nem queria pensar. Ouviu-a virar-se e agitar-se. Quebrou o silêncio absoluto e passou a queixar-se e a pronunciar palavras ininteligíveis. Al-Saud tirou os boxers e meteu-se na cama. Matilde chorava, adormecida. Meteu-se debaixo dos cobertores e abraçou-a para a acalmar. Sussurrou-lhe na testa e beijou-lhe as lágrimas até notar o gosto salgado na sua boca.

- Eliah! - exclamou com ar desesperado.

- Estou aqui.

- Tive um sonho horrível - choramingou encostada ao seu peito. Al-Saud passou-lhe as mãos pelo corpo nu.

- Sonhavas com o que se passou hoje na escola de línguas?

- Não, estava sonhar com a minha irmã Celia. Foi assustador. Ela chamava-me, pedia-me que a salvasse, e eu não a encontrava. Chocava com imensas pessoas que não me deixavam avançar, não conseguia perceber de onde vinha o seu pedido de ajuda. Acho que está sozinha na clínica e que precisa de mim. Tenho de conseguir uma autorização para a ver.

- O Ezequiel disse-te que a política da clínica é muito rigorosa. Nada de visitas.

- Não posso continuar sem vê-la! Eu e ela sempre nos demos muito mal, mas eu adoro-a, Eliah. É a minha irmã.

- Sim, meu amor, sim, é a tua irmã, mas está doente, e só pessoas muito preparadas a podem ajudar. Tu és médica, Matilde. Não preciso te explicar.

- Sim, eu sei, mas neste momento não sou médica mas uma irmã que sofre.

- Por favor, Matilde, não falemos de coisas desagradáveis. Precisa-mos de descanso. Hoje foi um dia horrível.

- Eliah - soluçou, e apertou-se a ele. - Desculpa, meu amor, desculpa.

- Porquê?

- Tu sabes porquê. Sinto-me uma estúpida por ter gritado contigo, por te ter censurado por disparares contra aquele homem. Fizeste-o para nos salvar e agradeço-te de coração. E que me assustei imenso. Não me lembro de ter tido tanto medo na minha vida. E perdi o controle. Estou envergonhada.

- Já passou. E juro-te que não se voltará a repetir. Vou proteger-te, Matilde, vou fazê-lo sempre. Com a minha vida, meu amor, com a minha vida.

- Não - sussurrou ela com a tua vida não quero.

Beijou-a com ternura para a acalmar e para lhe transmitir o que as suas palavras não conseguiam comunicar. O beijo foi-se tornando tórrido debaixo dos lençóis. A fricção dos seus corpos, o contacto úmido dos seus lábios e os suspiros contidos constituíam os únicos sons que, estranhamente, invadiam o silêncio do quarto, até que Matilde afastou a cara; precisava de gemer porque a mão dele entre as suas pernas estava a enlouquecê-la, e assim o fez, proferiu um gemido como um lamento longo e sonoro que ecoou nas paredes do quarto, quebrou a quietude e tornou o pénis de Al-Saud de pedra. A boca dele, que desenhava um sorriso de satisfação caiu sobre o seu mamilo e chupou-o para que Matilde não parasse de gemer. Ela surpreendeu-o colocando-se em cima dele. A visão de Matilde banhada pela luz ténue do pátio deixou-o sem fôlego. Ficou quieto, admirando-a na penumbra. O seu cabelo tinha adquirido uma tonalidade esbranquiçada; os seus lábios brilhavam com a saliva dos seus beijos.

- *Regarde-moi*, Matilde.

Ela levantou a cabeça e fez o que ele lhe pedia: olhou-o. Al-Saud conteve a respiração perante o fulgor dos seus olhos prateados; tratava-se de uma visão sobrenatural. Viu-a colocar-se de joelhos sobre o colchão. Contorceu-se e respirou de forma irregular quando ela lhe agarrou no pénis para conduzi-lo à vagina. Observou com fascínio como a sua carne apanhada e quente o devorava até ao fim. Ela montava-o com uma cadência lenta. As mãos dele não a guiavam, mas acariciavam-lhe os seios, e com a aspereza dos polegares arrancava-lhe exclamações abafadas cada vez que lhe massajava a pele sensível dos mamilos. Os olhos de Al-Saud vagueavam do rosto de Matilde, alterado pelo desejo, ao ponto em que os seus corpos se uniam e que formava a visão mais erótica que Al-Saud tinha contemplado. Queria dizer-lhe tantas coisas - que a amava como a ninguém; que se tratava do ser mais perfeito que conhecia; que não o abandonasse -, mas, sem fôlego, tinha dificuldades em falar.

Na manhã seguinte, Al-Saud entrou na cozinha para tomar o café da manhã e deu de caras com Juana.

- Bom-dia, bonitão! A Mat?

- Está a dormir. Quero que continue a descansar. - Ordenou em francês a Marie e a Agneska: - Não façam barulho no primeiro andar. A Matilde está a dormir.

- Bonitão, tomo o café da manhã e vou voltar para o apartamento. Não quero continuar a incomodar. Mas antes quero agradecer-te por ontem. Salvaste-nos de uma boa.

- Não quero que vás sozinha à rue Toullier. Eu levo-te. Juana, quero que se mudem para aqui comigo. O apartamento da rue Toullier já não é seguro.

- Pour moi, enchantée, bonitão! Mas não me parece que a Mat con-corde.

- É por isso que te estou a dizer a ti primeiro, para que me ajudes a convencê-la.

- Porque é que dizes que o apartamento já não é seguro?

- Porque os tipos que vos atacaram ontem não eram uns delinquentes quaisquer. Estavam à procura da Matilde. Algo relacionado com uma chave que o imbecil do Blahetter lhe deu na noite da festa na casa do Trégart. Se esses tipos sabiam que vocês iam à escola de línguas, é muito provável que saibam onde vivem.

Na rue Toullier, Al-Saud disse a Juana que se colocasse atrás dele enquanto subiam as escadas. Fez-lhe sinal com o braço e estacou ao descobrir a fechadura arrombada e a porta do apartamento de Enriqueta entreaberta. Juana proferiu uma exclamação e Al-Saud levou o indicador à boca pedindo-lhe silêncio. Sacou a sua SIG Sauer nove milímetros antes de empurrar a porta com a ponta da bota. Entrou cautelosamente e foi revistando divisão por divisão. Não havia ninguém.

- Juana, este lugar está limpo. Podes entrar.

- Meu Deus, bonito! Parece que estou a viver um filme de suspense. Como raios arrombaram assim a fechadura? Por acaso nenhum vizinho ouviu nada?

Al-Saud estudou a jamba da porta.

- Usaram um explosivo silencioso. - Depois pensou: «Meu Deus! São profissionais e andam atrás da Matilde.»

Segundo Juana, que revistou os quartos, o único elemento fora do lugar era o quadro com o retrato de Matilde aos cinco anos, atirado para o chão, com a moldura partida e o contraplacado golpeado nos quatro cantos. Não tinham roubado a pintura, simplesmente tinham retirado a parte posterior. Lembrou-se de que Blahetter o tinha recuperado e devolvido a Matilde. O que escondera entre a tela e a parte de trás?

- Juana, faz uma mala com alguma roupa para ti e para a Matilde e vamos embora. Depois virei buscar o resto. - Al-Saud saiu para o patamar das escadas para falar com Peter Ramsay. - Peter, sou eu. Preciso que tu e o Alaman venham ao número nove da rue Toullier. Sim, ao apartamento da Matilde. Alguém arrombou a fechadura e entrou. Preciso que a troquem e que coloquem dispositivos de segurança, os melhores. Além disso, quero ver as filmagens. Julgo que quem entrou fê-lo entre as sete da tarde e as seis da manhã. - Mal acabou de falar com Ramsay, recebeu outra chamada. Era Edmé de Florian: - Diz-me, Edmé.

- Eliah, acabam de encontrar um Renault Laguna no Bois de Boulogne. Havia um cadáver lá dentro, com a orelha esquerda desfeita. É evidente para mim que se trata do mesmo tipo que te atacou ontem. Sabes onde lhe deram o tiro? No olho direito.

- Como ao mensageiro do George V - pensou Al-Saud em voz alta.

- O impacto fez-lhe um buraco do tamanho de um punho. Julgo que usaram o mesmo tipo de projétil que matou o paquete.

- Uma bala com ponta oca? Uma dundum?

- Podia ser.

- Encontraram a cápsula?

- Ainda não. A equipa forense está a revistar o Renault e a zona. Quando tiver o relatório da balística digo-te qualquer coisa.

De novo, uma bala dundum e um tiro no olho direito. Embora se pudesse julgar que era uma coincidência, o assunto adquiria um aspeto perverso.

- Estou pronta, bonito - disse Juana.

- Então, vamos.

Antes de abandonarem o apartamento, Al-Saud pegou no quadro.

- Matilde.

O sussurro fazia parte do sonho. Entreabriu os olhos com dificuldade e demorou uns segundos a reconhecer Leila na figura ajoelhada junto à cabeceira da cama.

- Bonjour, Matilde.

Tratou-se de uma sensação estranha, a de estar meio adormecida e que o coração se descontrolasse. Ficou quieta sobre a almofada como quem teme espantar um passarinho. Conseguiu responder com a voz rouca de sono - Bonjour, Leila.

A moça sorriu-lhe e acariciou-lhe a face com os dedos até que se levantou, desceu da base da cama e afastou-se em direção à flor, onde preparou as xícaras para o café da manhã na mesa onde tinham jantado. O aroma do café acabado de fazer misturava-se com o dos croissants quentes, mas Matilde nem dava conta. Continuava imóvel na cama. Leila acabara de lhe falar. Recompôs-se e, simulando normalidade, vestiu o roupão e foi ao banheiro. Ao regressar, Leila estava sentada à mesa e sorria-lhe. Matilde falou-lhe em francês sem obter resposta. Tomaram o café da manhã trocando palavras de Matilde e sorrisos silenciosos de Leila.

Al-Saud encontrou-as na flor. Leila abandonou a cadeira e correu para ele. Tinha voltado a ser criança. Al-Saud abraçou-a e piscou um olho a Matilde, que lhe sorriu da mesa. Leila afastou-se de Al-Saud e, por meio de sinais, perguntou-lhe se iriam ao mercado. Era incrível que soubesse que se tratava de uma terça-feira, dia do mercado na place Maubert.

- Hoje não posso ir contigo, querida. Tenho muito trabalho. Vou pedir ao Medes para te levar. Agora vai até à cozinha, que a Marie e a Agneska querem saber o que é que vais fazer para o almoço.

Matilde aproximou-se dele em silêncio. Passou as mãos por debaixo do blazer e apertou-lhe a cintura. Ainda vinha com o frio do exterior colado ao corpo; não percebia porque é que saíra tão mal agasalhado numa manhã gélida como aquela. Afundou o nariz na parte nua do peito, que a camisa não tapava. Inspirou o Givenchy Gentleman.

Al-Saud pôs o polegar debaixo do queixo dela e levantou-lhe o rosto.

- O que é que se passa? Porquê essas lágrimas?

- Eliah - pronunciou Matilde, e deteve-se, comovida. - Eliah, a Leila falou comigo.

- O quê?

- Sim. Disse-me «Matilde» e depois «Bonjour; Matilde».

Al-Saud apertou-a mais a si e apoiou o rosto na cabeça dela.

- Tinhas de ser tu - disse em francês. - Tinhas de ser tu a resgatá-la. Matilde, meu amor.

- Só disse isso. E por um momento comportou-se como uma mulher da sua idade. Depois voltou a encerrar-se na sua Leila criança. Como podemos ajudá-la?

Sem a largar, Al-Saud conduziu-a ao sofá e sentou-a nas suas pernas.

- Matilde, tenho de te dar uma má notícia. Não te assustes. Não houve consequências, mas tremo só de pensar que podias ter estado lá.

- Eliah, por amor de Deus, diz-me o que se passa.

- Esta manhã levei a Juana ao apartamento da rue Toullier. Depará-mo-nos com a fechadura arrombada e a porta aberta. - Matilde levou as mãos à boca e abafou um grito. - A Juana garante que não roubaram nada. Não partiram nada, exceto o teu quadro, o do teu retrato. Não estragaram a tela, por sorte, mas sim a moldura e a parte de trás. Cortaram-na como se procurassem algo oculto, algo que, evidentemente, o filho da mãe do Blahetter escondeu ali.

- Meu Deus, Eliah! Tenho medo. O que está a acontecer?

- Matilde, quero que tu e a Juana venham viver aqui comigo. Em nenhum outro lugar estarão mais seguras. - Perante a expressão desconcertada dela, insistiu: - Meu amor, é óbvio que o imbecil do Blahetter te meteu numa confusão. Deixa-me proteger-te! Por favor! Não sejas teimosa nisto.

- Está bem, sim, sim. Não voltaremos à rue Toullier até que isto se resolva. Mas tenho de reparar a fechadura e de arrumar...

- Esquece. Já estou a tratar disso. Matilde - disse-lhe, e segurou-lhe o rosto com as duas mãos -, por nenhuma razão quero que voltes a esse lugar. Promete-me.

- Prometo-te.

- Para além disso, nem tu nem a Juana poderão sair sem proteção. A nenhum lado.

- Eliah, por favor!

- Matilde, não foi suficiente o que aconteceu ontem à noite? Estes tipos não brincam e são profissionais. Não me tornes as coisas difíceis. Só te peço colaboração. Já falei com a Juana e ela está de acordo com tudo.

- É óbvio - sussurrou ela, com ironia. - Se o diz o bonitão, é palavra sagrada. - Al-Saud riu-se baixinho e beijou-a nos lábios. - Obrigada por cuidares de nós, Eliah. Não sei o que teríamos feito sem ti.

- Até que organize a questão dos guarda-costas, não poderão ir à escola de línguas. Não olhes para mim assim, é só hoje, talvez amanhã. Agora tenho de ir. Esperam-me várias reuniões e compromissos na Mercure.

- Sim, sim, não percas mais tempo.

- Matilde, esta é a tua casa. Tu és a dona de agora em diante. Podes fazer o que quiseres. Vou comunicá-lo desta forma à Marie e à Agneska.

Ela não soube o que responder.

- Parabéns, Udo - disse Gérard Moses. - Fizeste um bom trabalho.

- Como passeava o olhar pelos planos da centrífugadora de Blahetter, não reparou na expressão exultante do berlinense. - Apesar de teres permitido que o Blahetter escapasse, conseguiste os planos, e isso basta. *C'est incroyable!* - exclamou em voz baixa ao descobrir de que forma Blahetter tinha resolvido uma das dificuldades da enriquecedora de urânio que a ele lhe tinha tirado o sono. A inteligência do engenheiro nuclear argentino era incomparável. Desde Einstein que a Física Atômica não testemunhava um avanço revolucionário daquele nível. Como teria gostado de trabalhar com ele! Tê-lo-ia persuadido a investigar a Nanotecnologia, a ciência do futuro, na sua opinião.

Agora dedicar-se-ia a construir o protótipo da centrífugadora de Blahetter. Tinha de deixar de lhe chamar a centrífugadora de Blahetter. «A centrífugadora Moses», pensou, embora de seguida tenha descartado o nome porque não lhe atribuiria o apelido do pai. Usaria o apelido Wright, com o qual era conhecido tanto no mundo académico como no das armas. Orville Wright. O nome não provinha de uma escolha caprichosa. Orville Wright tinha sido um dos irmãos Wright, os construtores do primeiro avião. Quando eram crianças, Eliah e ele costumavam brincar aos irmãos Wright. Ele, Gérard, era sempre Orville. Eliah, Wilbur.

Esforçou-se por afastar o rosto de Eliah da sua mente e regressar aos planos da centrífugadora. Estudá-los-ia profundamente, leria as notas de Blahetter, esmiuçaria as fórmulas e construiria o modelo antes de viajar para o Iraque e entregar ao sayid rais - o senhor presidente -, Saddam Hussein, a sua grande invenção, a que o colocaria num lugar privilegiado entre as nações do mundo; a que devolveria o orgulho à nação iraquiana e lhe permitiria destruir os inimigos que a tinham humilhado. Estes desapareceriam da face da Terra com a força nuclear que o Iraque desenvolveria e, juntamente com eles, o seu pai e o seu irmão Shiloah.

- Senhor - disse Udo -, não será difícil localizar o Blahetter. - Gérard deixou de observar os planos e levantou o olhar. - Quando o tinha em meu poder, tirei-lhe este cartão do casaco. - Entregou-lho e Moses leu: Ezequiel Blahetter. Mannequin. 29, Avenue Charles Floquet, troisième étage. - Montarei guarda nessa morada e, mais cedo ou mais tarde, encontrá-lo-ei.

Era imperativo encontrá-lo. Tinha de acabar com ele. Que tristeza lhe causava esse pensamento! Acabar com Blahetter era um desperdício, sem dúvida. No entanto, Blahetter tinha de desaparecer porque não havia lugar para os dois no mundo. Blahetter reclamaria a sua invenção e, se o encontrasse num tribunal internacional, destruí-lo-ia.

- Trata de encontrar o Blahetter. Essa deve ser agora a tua prioridade. Embora julgue que os planos estejam completos, tenho de os estudar para me assegurar. Se estiverem incompletos, precisamos dele para nos dar a parte que falta. Udo - disse, e suavizou o tom de voz -, o que achas de voltar à ação, ao de antigamente? Aos teus ataques do comando e a todas as coisas em que eras tão hábil? - O berlinense ficou a olhar para ele com os olhos a brilhar. - O Al-Muzara reclama-te. Diz que só tu podes levar a bom porto um ataque à OPEP.

- A OPEP - repetiu, e acariciou o queixo. - Não seria fácil, mas pode-se fazer. O Carlos, o Chacal, fê-lo com êxito em 75. Eu estava com ele nessa ocasião. - Jürkens ficou contente perante a expressão de espanto do seu chefe. - Sim, um dos que entrou com o Carlos na sede da OPEP fui eu. Qual é o objetivo do ataque?

- O Al-Muzara quer sequestrar vários ministros do petróleo e um príncipe da casa de Al-Saud, o Kamal Al-Saud. Sim, sim, está relacionado com o meu amigo Eliah. É o pai dele. Quer pedir um resgate. E por dinheiro.

-Tal como foi no caso do assalto do Carlos.

- O pagamento é bom, Udo, se aceitares o trabalho. Foi isso que o Al Muzai a prometeu. Sete por cento do bolo será para ti.

- Aceito - respondeu Jürkens, entusiasmado, embora cheio de escrúpulos. - Com quem é que vou fazer o trabalho? Onde vou arranjar as armas?

- O Al-Muzara vai responder a todas as tuas perguntas no seu devido tempo. - Gérard Moses levantou-se com a intenção de sair do escritório. Parou antes de chegar à porta. - Udo, agora que temos os planos, preciso que passemos a outra questão: a nova mulher do Eliah.

- A esposa do Blahetter, a que tinha a chave.

- Sim, essa mesma. Preciso de saber tudo sobre ela. Já averiguaste que é casada com o Blahetter. Agora quero mais informações.

- Senhor, acaba de me dizer que a minha prioridade é localizar novamente o Blahetter.

Gérard ficou confuso por um instante e depois, envergonhado. A memória começava a falhar-lhe, os pensamentos misturavam-se. Às vezes dava por si a fazer coisas estúpidas, como deitar pasta de dentes na banheira em vez de sais. A porfíria avançava, e a cura não aparecia. Escolheu a irri-tação para dissimular o embaraço.

- O facto de te estabelecer prioridades não significa que não possa dizer-te tudo o que tens de fazer!

- Claro que sim, senhor. Desculpe.

- Primeiro encontra o Blahetter, o qual perdemos pela tua inoperância, e depois investigas a rapariga.

Gérard subiu ao terraço da sua casa no quai de Béthune. Encontrou o jovem Antoine a alimentar os pombos. Todos pareciam saudáveis e belos. Lançou um olhar às aves de Al-Muzara e escolheu um pombo que lhe inspirava especial carinho.

- Antoine, prepara o Aladino. Vamos soltá-lo daqui a três horas.

Regressou ao escritório para escrever a mensagem onde confirmaria a Al-Muzara que Udo Jürkens lideraria o golpe na OPEP.

Al-Saud entrou sem problemas no quarto 304 do Hospital Européen Georges Pompidou. O olhar fugaz que Blahetter lhe destinou foi suficiente para saber que estava abatido. Provavelmente, Ezequiel já o tinha informado sobre o desaparecimento da chave.

- Amanhã terei a documentação que me pediu - disse Roy, com a cabeça na almofada, sem estabelecer contacto visual com Al Saud.

A pessoa na empresa do meu avô conseguiu tudo em menos tempo do que eu imaginava. E vai mandar tudo hoje num serviço de vinte e quatro horas da Federal Express.

- Pedaco de merda - insultou Eliah, e Blahetter virou a cabeça num movimento rápido. - Quero que me digas neste instante em que confusão é que meteste a Matilde. Já deves saber pelo teu irmão que ontem foi atacada por quatro homens para lhe tirarem a chave que lhe deste. E hoje encontrámos a fechadura arrombada no apartamento da tia. O retrato da Matilde quando era criança estava destruído.

Blahetter fechou os olhos lentamente e soltou um queixume angustiante.

- Lamento - disse, sem abrir os olhos. - Lamento muito. Parece que faço sempre tudo mal.

- Vai à merda com as tuas desculpas! Quero que me digas o que se está a passar. Preciso de saber o que estou a enfrentar para a proteger. Os tipos que te deixaram nesse estado obrigaram-te a dizer que a Matilde tinha a chave, não é?

- Já nada importa. Não voltarão a incomodá-la. Têm o que queriam.

- E o que é que queriam? Quem são esses tipos?

- A si, Al-Saud, não lhe interessa.

- Interessa-me porque a minha mulher está em risco.

- Garanto-lhe que a Matilde já não está em risco. Não voltarão a incomodá-la.

- Sacana maldito! Se acontecer alguma coisa à Matilde por tua causa, voltarei a este hospital e matar-te-ei nesta cama. Já não terei compaixão do lixo que és.

- Não se preocupe, Al-Saud. Se chegasse a acontecer alguma coisa à Matilde por minha causa, eu próprio daria um tiro na cabeça. Não julgue que é o único que a ama. Ninguém a ama como eu. E quando lhe dei essa chave, fi-lo por ela, para a proteger, para que nunca lhe faltasse nada, caso eu morresse.

- Não vai faltar nada à Matilde porque eu lhe vou dar tudo. Agora é minha - declarou com uma expressão feroz - e não quero que voltes a aproximar-te dela. E não voltes a pedir que te venha ver. Estás avisado. - Com a mesma exaltação, continuou a dizer: - Amanhã regressarei com o dinheiro. Se os documentos que me conseguiste forem satisfatórios, dar-to-ei.

Entrou na suíte do George V ainda tomado pela ira que Blahetter lhe despertava.

- Thérèse, ao meu escritório! - vociferou.

A mulher seguiu-o a correr, com um bloco de notas e uma lapiseira numa mão e um saco da Emporio Armani na outra.

- Vejo que conseguiu o blusão para a Matilde - comentou, mais sereno.

- Deixe-o aí, Thérèse, por favor. E obrigado.

- De nada, senhor.

- Thérèse, mande reparar a moldura dessa pintura. - Apontou para o quadro de Matilde quando era criança, apoiado na parede, ao pé da porta.

- Peça o trabalho a monsieur Lafère. Só confio nele. Ligue à minha irmã. Quero almoçar com ela hoje mesmo no restaurante do George V. Diga-lhe que não há desculpas. Avise a Diana e o Sándor para aparecerem esta tarde por volta das quatro. Ligue agora ao meu advogado, o doutor Lafrange, e depois ao Peter Ramsay. Alguma chamada?

Thérèse informou-o sobre as mensagens e recordou-lhe que às três da tarde tinha uma reunião com os advogados da Mercure e os de Shaul Zeevi para acabar de redigir as cláusulas do contrato. O homem tinha aceitado o plano de ação para o Congo sem questionar a avultada soma que a Mercure exigia em troca. Encarregou o seu advogado, o doutor Lafrange, do assunto dos três iraquianos presos no Quai des Orfèvres. Queria-os na rua o mais depressa possível, para os seguir.

O resto do dia converteu-se num conjunto de problemas e de apagar fogos, como o que causou a chamada do presidente da Libéria, Charles Taylor, cuja integridade física e a da sua família eram responsabilidade da Mercure. Tratava-se de um governante hipócrita e cruel, com o qual era difícil lidar, mas que pagava bem, e a Mercure não se podia dar ao luxo de o mandar passear. Taylor tinha ficado furioso com um dos seus guarda-costas por manter relações sexuais com a sua sobrinha por afinidade, e ameaçava executá-lo. A gravidade da situação quase precipita Al Saud para o Aeroporto de Le Bourget para viajar até Monróvia. Tony Hill, que tinha fechado o acordo com o presidente Taylor, encarregou-se de salvar a pele do empregado da Mercure e voou no Gulfstream V para a Libéria.

O almoço com Yasmin também não foi fácil. A irmã tinha mudado de opinião quanto à ideia de se desfazer de Sándor.

-Não te percebo, Yasmin. Estiveste a chatear-me e a dizer que não suportes o Sándor, e agora que te faço a vontade, vens dizer que queres que ele fique.

- Já me acostumei à ideia de o ter ao meu serviço. Se o mudas, terei de me habituar a um novo.

- Pois assim será! O Sándor já não estará ao teu serviço e ocupará-se-á da proteção da Matilde.

- Da Matilde? - perguntou Yasmin, furiosa.

- Tens alguma coisa contra a minha mulher?

- A tua mulher? - A expressão de Yasmin mudou da irritação para o espanto. - Chama-la «tua mulher»? Acho que estou com ciúmes - admitiu, depois de um silêncio, embora não soubesse por causa de quem, se do seu irmão ou do seu guarda-costas, que passaria o dia ao pé da bela namorada de Eliah. - Desculpa - pediu-lhe, e apertou-lhe a mão. - Penso na Samara...

- Cala-te - ordenou Al-Saud, fechando os dentes com força, e retirou a sua mão. - Quanto é que vou ter de pagar mais pela sua morte? Não tenho direito de ser feliz?

- Sim, sim, evidentemente. Perdoa-me. Sabes que eu gostava dela como de uma irmã, por isso... Esquece. Disse uma estupidez. Estou feliz por ti. A Matilde é muito doce e parece ter bom coração. E vejo-te tão apaixonado por ela como nunca te tinha visto, devo admitir.

- Como nunca me tinhas visto - reforçou Al-Saud.

Durante a reunião com os advogados da Mercure e do empresário israelita, surgiram algumas questões que requeriam novos cálculos por parte de Al-Saud e dos seus sócios, o que atrasaria a assinatura e, conseqüentemente, a entrada do adiantamento. As cláusulas eram detalhadas ao mínimo pormenor; especificavam-se dados tão essenciais como o número de mercenários envolvidos e outros menos óbvios mas igualmente relevantes, como os litros de água mineral.

Antes da reunião com os irmãos Huseinovic, por volta das quatro e meia, ligou para Matilde. Ninguém atendia as duas linhas e por um momento inquietou-se; temia que tivesse transgredido a sua ordem e tivesse ido à escola de línguas. Ao ouvir o «Sim?» de Matilde, suspirou de alívio.

- Porque é que demoraram tanto a atender? - perguntou, de mau humor.

- Porque estávamos todas com as mãos ocupadas. Olá, Eliah - cumprimentou Matilde, intencionalmente. - Como estás?

- Olá, meu amor. Desculpa. Por um momento temi que tivessem ido à escola de línguas.

- Combinámos que não iríamos. Eu cumpro as minhas promessas, Eliah. E tu?

Nem sempre as tinha cumprido. Prometera fidelidade a Samara, e nunca lhe fora fiel. Porque lhe era intolerável a ideia de trair Matilde?

- Eu também.

- Vens jantar?

- Sim. E lamento, mas o meu irmão, o Mike e o Peter também vão.

- Ficamos à vossa espera.

Diana e Sándor reagiram negativamente à proposta de se ocuparem da proteção de Matilde, cada um por razões diferentes. Diana referiu que preferia ir em missões de risco, como a de Bouchiki no Cairo; que o trabalho de guarda-costas não representava nenhum desafio para ela; e que queria regressar à ilha de Fergusson para completar o seu treino. Sándor, pelo seu lado, não apresentou qualquer argumento para justificar a sua má cara e limitou-se a dizer: «Se é isso que tu queres, Eliah.»

- Merda! - explodiu Eliah, abandonando a poltrona. Estou a pôr nas mãos das pessoas em quem mais confio a proteção do meu bem mais precioso, e viram-me as costas.

Os rostos dos Huseinovic mudaram subitamente, e balbuciaram ambos umas desculpas. A única pergunta que Sándor formulou foi: «Quem vai proteger a dona Yasmin no meu lugar?»

Já de pé e antes de se despedir dos Huseinovic, Al Saud disse-lhes:

- Vão ocupar-se de proteger a única pessoa que ouviu a voz da Leila nos últimos anos.

- O que estás a dizer, Eliah? Diana virou se para ele.

- Esta manhã, a Leila foi acordar a Matilde. Chamou-a pelo nome e depois disse-lhe «Bonjour, Matilde».

- Deus seja louvado! - exclamou Sándor em bósnio.

- Porquê ela? - questionou-se Diana, incapaz de controlar os ciúmes.

- Não sei - admitiu Al-Saud. - Desde o princípio que a Leila se sentiu cativada pela Matilde.

- Será verdade? - desconfiou Diana.

- Não deveríamos consultar o psiquiatra da Leila? - perguntou Sándor. - Talvez a dona Matilde aceitasse ir com ela.

- Depois vemos - disse Al-Saud e, antes de Diana abandonar o seu escritório, pegou-lhe no braço e puxou-a para ele: - Se a tua atitude para com a Matilde vai ser a que demonstraste aqui, não te quero a protegê-la.

Se achas que não te vais comprometer com o trabalho, então procuro outra pessoa.

- Desculpa, Eliah. Fui rude e portei-me como uma criança ciumenta. Vai ser uma honra cuidar da tua mulher.

O remate desse dia cheio de inconvenientes e de discussões culminou com o telefonema de Olivier Dussollier, que recebeu no Aston Martin a caminho de casa. O inspetor orgulhou-se de o informar que, graças à sua intervenção, a balística tinha trabalhado duramente para entregar o relatório antes do que era habitual. As palavras que se seguiram alarmaram Al-Saud.

- Dos testes de comparação concluímos que a bala era de ogiva oca, como as dundum.

«Pode ser coincidência!», tentou convencer-se. No entanto, o seu lado racional dizia-lhe que havia algo turvo naquele assunto. O uso da bala dundum não era nada comum; as suas vítimas, tanto o mensageiro como o curdo, com buracos no olho direito; as pistas tinham a marca registada de um assassino. De que forma se relacionava o atentado no George V com o ataque a Matilde? Tratar-se-ia do mesmo sicário contratado por pessoas diferentes?

- Obrigado, Olivier. Aprecio muito a tua colaboração. Qualquer coisa, não hesites em ligar-me.

Ao chegar a casa, seguido por Alaman, Mike e Peter, encontrou Matilde e Leila, muito divertidas, a preparar milanesas, uma novidade para a moça da bósnia. Viu Matilde descontraída, o seu rosto não apresentava qualquer vestígio da angústia da noite anterior. Juana, com os cotovelos apoiados no mármore preto da bancada, falava ao telefone num tom intimista.

- Está a falar com o Shiloah - disse Matilde. - Há umas horas - acrescentou.

- Eu e os rapazes temos de tratar de umas questões da Mercure antes de jantar. Quanto tempo temos?

- O tempo que precisarem. Avisa-me quando estiverem prestes a acabar, que eu e a Leila teremos o jantar pronto. Porque é que estás a olhar para mim desse modo?

- Olho para ti porque estás bonita. Aviso-te quando estivermos prestes a terminar.

- Eliah - deteve-o.

- Sim?

- Já arranjaram a fechadura da casa da minha tia? Não queria que...

- Está tudo resolvido. Não te preocupes.

- Obrigada. Quero que me digas quanto é que te devo.

Al-Saud ergueu os olhos ao céu antes de sair da cozinha sem responder.

Peter e Alaman tinham isolado a parte das imagens captadas pelas câmaras do apartamento da rue Toullier entre as horas referidas por Eliah, e dispunham-se a analisá-la na base. Enquanto desciam no elevador três andares abaixo do chão, Al-Saud pensou que, mais cedo ou mais tarde, Matilde descobriria a porta e perguntar-lhe-ia para onde dava. Afastou esse pensamento. Ocupar-se-ia disso mais tarde.

Masséna viu-os entrar e perguntou-se porque é que se fechavam na sala de projeção. Alaman pegou no comando do projetor. A câmara instalada na sala, apesar de a divisão estar às escuras, devolvia imagens com boa definição já que se tratava de uma tecnologia com visão noturna e amplificador de luz; de qualquer forma, a imagem estava tingida de uma coloração esverdeada e tinha algumas partes mergulhadas na escuridão.

Avançaram rapidamente os primeiros minutos de fita até que um clarão os avisou da explosão silenciosa que facultaria a passagem ao invasor. A irrupção dera-se às onze e quarenta da noite. Segundos depois, apareceu um homem alto e forte, vestido com um macacão preto. Eliah levantou-se para se aproximar do ecrã, movido por uma sensação inquietante. Notou que o intruso usava um capacete com óculos de visão noturna. Isso confirmava a sua suspeita: estavam a lidar com um profissional; não era qualquer um que possuía equipamento para ver na escuridão e que custava mais de três mil dólares.

Era evidente que o homem sabia o que procurava, e fazia-o nas paredes. Retirou o quadro de Matilde e ajoelhou-se no chão para o desmontar. Até esse momento, a câmara não tinha obtido uma boa imagem do rosto do intruso.

- O que está a fazer? - perguntou Peter Ramsay. - O que é aquilo?

- Alguma coisa que o Blahetter escondeu no quadro - disse Al-Saud.

Tratava-se de várias folhas de papel, dobradas ao meio, que o intruso esticou, enrolou e guardou num tubo de plástico, como os que utilizam os arquitetos para transportarem os planos. Levantou-se, e a câmara oculta atrás da porta principal captou em cheio a sua cara. O olho não coberto pela lente do óculo refulgia como o de um gato na noite.

- *Mon Dieul* - exclamou Eliah, e levantou-se. - Alaman, volta atrás! Quero ver a cara dele outra vez. Para a imagem aí! Merée - sussurrou.

- O que é que se passa?

- Conheço este tipo. - Parou, calou-se por um momento; era-lhe quase insuportável expressar o que pensava: - Tenho a sensação de que é um terrorista que nos tentou sequestrar, a mim, à Yasmin e à minha mãe, em 1981.

- Estás a delirar! - disse Alaman. - É impossível distinguir bem as feições do tipo. A luz é má, a tonalidade esverdeada diminui a qualidade da definição. Além disso, esse homem deve ter mudado muito em mais de quinze anos. Não, não, meu irmão, estás confuso.

Al-Saud, no entanto, sabia que não. A visão fugaz obtida no pandemônio em que se tinha convertido a sala de conferências do George V não tinha sido fruto da sua imaginação.

Pediu a Ramsay que contactasse um dos seus especialistas em seguir pessoas, para tratar do rasto dos três iraquianos que saíam da prisão provavelmente dentro de um ou dois dias.

- Talvez eles nos conduzam ao homem que acabamos de ver nas imagens.

- Liguei ao Amburgo Ferro. O italiano está disponível e é um dos melhores.

- Que fique esta noite à porta do 36 Quai des Orfèvres. É possível que saiam amanhã ou depois. Avisa-o de que ele não deve ser o único que anda atrás dos iraquianos.

Mais tarde, nessa mesma noite, Matilde, sentada numa cadeira junto à piscina, observava-o a nadar. Al-Saud esticava os braços e abria o peito para avançar em estilo mariposa. Os músculos dos ombros cresciam antes de ficarem ocultos pela água; e de novo apareciam e cresciam com o esforço. Assim, uma e outra vez. Quantas piscinas tinha nadado? Notava a sua energia colérica; sabia que a ira o impulsionava. Parecera-lhe tenso durante o jantar, quase não tinha pronunciado uma palavra, nem sequer para elogiar os seus bifes à napolitana enquanto Alaman, Mike e Peter os devoravam e, com a boca cheia, a felicitavam.

Por fim, saiu da piscina e deitou-se de barriga para baixo, ensopado e nu, num cadeirão comprido; os seus braços caíam de lado e repousavam sobre o pavimento de teca. Matilde abandonou a sua posição para o ir secar. As costas dele subiam e desciam ao ritmo das suas inspirações agitadas. Tinha feito um esforço sobre-humano.

- O meu Cavalo de Fogo - sussurrou-lhe sobre a têmpora. - Tão forte e poderoso. Sabes uma coisa, Eliah? Poderia identificar um a um os músculos do teu corpo. - Arrastou os lábios pelas costas húmidas, e sentiu-o contrair-se, e viu como os seus glúteos se comprimiam. - És tão bonito.

- Com uma carícia lânguida, apenas um toque tímido, os seus dedos percorreram-lhe a coluna vertebral e continuaram pelas nádegas. Al-Saud abafou um gemido, e Matilde reparou que a sua mão esquerda se fechava nas frinchas da tábua de madeira.

- Matilde - ouviu-o dizer, e assomou-se para ver a sua cara contraída de prazer, parecendo suportar uma dor lacerante. Continuou a torturá-lo, passando-lhe a ponta do indicador uma e outra vez pelo vale entre os glúteos. Adorava perturbá-lo, talvez porque ele se mostrasse imperturbável. Quando a sua mão se afundou para além da fenda e lhe acariciou os testículos, Al-Saud deitou-se sobre ela e fizeram amor no tabuado. Matilde afastava-lhe a madeixa e acariciava-lhe o maxilar azulado. Olhavam-se fixamente enquanto ele investia dentro dela. Possuía-a com a mesma paixão de sempre; no entanto, algo o perturbava, algo que lhe roubava o brilho ao verde dos seus olhos.

Ao regressarem ao quarto, exaustos e satisfeitos, Matilde viu o seu blusão na cama. Não era o mesmo, deu-se conta imediatamente. Eliah tinha- -lhe comprado outro.

- Obrigada, meu amor - disse, e afastou-se de repente e correu até à sua shika de onde tirou a Medalha Milagrosa, sem fio. - Este é o meu bem mais precioso - confessou-lhe, novamente em frente dele. - Protegeu-me desde os dezasseis anos. Agora quero dar-ta como símbolo do meu amor e da minha admiração. És o melhor homem que conheci na vida, Eliah.

Al-Saud recebeu a medalha num silêncio que não conseguia quebrar devido ao nó que lhe apertava a garganta. Matilde apercebeu-se de que o queixo lhe tremia e a olhava através de um véu de lágrimas.

- Dou-ta também para que te proteja sempre de todo o mal.

Bem cedo, na manhã seguinte, Al-Saud entrou no quarto 304. Ezequiel ajudava Roy a tomar o café da manhã.

- Fora.

- Quem julga que é para me mandar embora? Estou farto de ti, Al-Saud!

- Ezequiel lançou-se sobre ele, disposto a bater-lhe. Em dois movimentos, Eliah imobilizou-o no chão de linóleo. Falou-lhe enquanto o segurava pela nuca e lhe mantinha as mãos presas nas costas.

- Não te quero magoar, Ezequiel, porque és importante para a Matilde. Mas hoje tenho pouca paciência, pouco tempo e muito para falar com o teu irmão. Por isso vou repetir com bons modos: fora.

- Por favor, Ezequiel - interveio Roy.

O rapaz levantou-se e contemplou Al-Saud sem traços de humilhação, antes desconcertado. Ele não tinha dedicado anos ao ginásio e a desenvolver aquela musculatura para que alguém, apenas um pouco mais alto, o manipulasse como a um boneco e o atirasse ao chão. Iria falar com Matilde. Quem era Al-Saud?

Ezequiel saiu e Eliah dirigiu-se à cabeceira da cama. Afundou os punhos na almofada dos dois lados da cabeça de Roy e inclinou-se para o olhar de perto.

- Agora, Blahetter, vais dizer-me o nome de quem te deixou nesse estado.

- Porque é que hei de fazer isso?

- Podes fazê-lo por duas razões, tu escolhes: porque a Matilde está em risco e queres ajudá-la, ou então por medo, porque garanto-te que se saio deste quarto sem essa informação, desta vez vais ter de ser operado ao braço. - Para conferir força à sua ameaça, agarrou-lhe no antebraço direito com as duas mãos. - Ao longo da minha vida desenvolvi algumas habilidades, como deves ter reparado há momentos, que me permitiriam partir-te o rádio aplicando apenas um pouco de pressão. Fala agora. Estou tão irritado, Blahetter, que não respondo pelos meus atos.

- O nome dele é Udo Jürkens, pelo menos foi isso que ele me disse. Pode ser um nome falso.

«Udo Jürkens, Udo Jürkens.» O nome ecoava na sua mente, enlouquecia-o.

- Entrem - disse Ezequiel, e entrou escoltado por dois seguranças.

- Acompanhem este sujeito para fora do hospital. Está a incomodar o meu irmão.

Al-Saud cravou um olhar furioso em Ezequiel.

- Amanhã volto.

- Não voltará!

- Ezequiel, cala-te! - interveio Roy. - Traga o que lhe pedi, Al-Saud.

Do hospital dirigiu-se aos escritórios no George V com o nome de Udo Jürkens na cabeça. Prestes a entrar na garagem subterrânea do hotel, deu uma guinada e, fazendo os pneus chiar, dirigiu-se à pont de l'Alma. Cinco minutos depois, estava em sua casa. Deixou o Aston Martin na rua e entrou pelo acesso da rue Maréchal Harispe, que o conduzia diretamente à base.

- Masséna! - vociferou, mal as portas do elevador se abriram. - Ao meu escritório, agora!

O especialista em computação limpou as migalhas de um brioche que acabava de comer e precipitou-se atrás do seu chefe. Tremia. Sem dúvida, Al-Saud acabava de descobrir a sua traição. Os planos caíam por terra. Não poderia levar a cabo a sua vingança.

- Quoi? - pasmou-se Masséna ao verificar que Al-Saud o chamava por outro motivo.

- Estás surdo, Masséna? Estou a perguntar-te pelo Udo Jürkens. Há uns tempos pedi-te que investigasses a matrícula de um carro estacionado em frente à minha casa, o que não me agradou. Averiguaste que o Jürkens o tinha alugado. E encarreguei-te de seguir de perto esse tipo. Garantiste- -me que o farias através do sistema da Rent-a-Car. E, então, o que descobriste?

- Nada - mentiu.

- *Merde!* - Al-Saud acompanhou o palavrão com um golpe na mesa que fez o hacker saltar da cadeira. - És um incompetente! Pedi-te expressamente que lhe seguisse o rasto. Em que merdas perdes o teu tempo? Um tempo que pago a preço de ouro!

- Estou cheio de trabalho, senhor! - desculpou-se Masséna.

- Tens cinco assistentes! Eu nem sequer tenho metade das que tu tens! E vens-me dizer que estás cheio de trabalho? Sai agora mesmo daqui e entra no sistema da Rent-a-Car. Quero saber o que aconteceu com esse carro, o que o Jürkens alugou. Fecha a porta!

Apoiou os punhos na secretária e pressionou-os como se quisesse perfurar a madeira. Soltou o ar com ruído e gotas de saliva e atirou-se para a cadeira. «Maldito Udo Jürkens! Quem és, porra? De que é que andas à procura?» Abriu uma água mineral Perrier e bebeu meia garrafa de seguida. Limpou a boca ao punho da camisa. Sabia que tinha de se acalmar. Sentou-se e fez exercícios de respiração como Takumi sensei lhe tinha ensinado para preparar o corpo e a mente para a meditação. A sua mente foi-se desanuviando, o seu coração acalmou-se, o seu corpo descontraiu-se. Visualizou a noite em que tinha reparado no carro estacionado na avenue Elisée Reclus. «Foi no dia 2 de janeiro», lembrou-se, «no dia em que fui ter com a Matilde ao metro». Naquele momento, raciocinou, não existia nenhuma ligação entre Roy Blahetter e ele, de modo que Jürkens tinha montado guarda em frente da sua casa por outro motivo. Trabalharia para os Serviços Secretos israelitas? Talvez tivessem sido avisados das suas averiguações em Buenos Aires e tinham-no debaixo de olho. Por acaso não tinha sentido que o seguiam há um tempo?

Bateram à porta.

- Entra, Masséna.

-Senhor, de acordo com o sistema da Rent-a-Car, o Udo Jürkens entregou o carro na sexta-feira, 30 de janeiro, na sede que a empresa tem na rue des Pyramides.

Al-Saud sentiu uma profunda ira misturada com decepção. Apetecia-lhe matar Masséna. Embora também quisesse bater com a cabeça na parede por se ter esquecido da missão, por não ter voltado a perguntar por Jürkens. Na verdade, tinha-o apagado da mente. A capacidade de um Cavalo de Fogo para lidar com vários assuntos ao mesmo tempo tinha um limite.

- Regressa ao teu trabalho, Masséna - disse, depois de reunir toda a calma que conseguiu. Ficou em silêncio, com o olhar fixo num ponto, enquanto organizava as suas ideias e revia os assuntos pendentes. Ligou a Chevrikov. Lefortovo, sou eu.

- Em que te posso ajudar, Cavalo de Fogo?

- Investiga um tal Fauzi Dahlan. Aparentemente é iraquiano. É urgente.

- Sim, senhor. Mais alguma coisa?

- O nome Udo Jürkens diz-te alguma coisa?

- Não, de todo. Parece alemão, não é? Quer que pergunte entre os meus contactos se o conhecem?

- Sim, faz isso.

A corrida febril para analisar os planos e as notas de Blahetter levá-lo-ia a um ataque de porfíria se não descansasse. Embora tivesse tido a precaução de comer qualquer coisa de duas em duas horas, a falta de sono há vinte quatro horas que não dormia - iria afetá-lo. Conhecia os sintomas. No entanto, a excitação que sentia por se encontrar perante uma e levou-a para a mesa. Levantou a tampa. Havia dois suportes paralelos que mantinham ordenada e verticalmente cerca de vinte pequenos tubos de ensaio com tampas de diferentes cores. Gérard pegou num de tampa vermelha. Leu a etiqueta em árabe que dizia «ricina», uma das toxinas mais mortíferas que se conhecem, para a qual não se desenvolveu um antídoto. O sayid rais tinha-a utilizado durante a guerra com o Irão e continuava a fabricá-la no seu laboratório secreto do deserto, que as Forças Aliadas não tinham destruído, simplesmente por não terem descoberto a sua existência.

Invenção daquela magnitude injetava-lhe altas doses de adrenalina no corpo e mantinha-o acordado.

Ao analisar os planos, concluiu que Blahetter tinha por fim terminado a sua invenção e resolvido as lacunas do passado, mas sem as provas de um protótipo não se poderia garantir o seu funcionamento. Ele, no entanto, tinha a certeza de que iria funcionar. A sua experiência dizia-lho. Saddam Hussein mostrar-se-ia agradado em financiar a construção do protótipo se ele soubesse convencê-lo. E a verdade é que sabia sempre como lidar com o sayid rais.

Era urgente desfazer-se de Blahetter. O engenheiro argentino já devia estar ao corrente do desaparecimento dos planos. Teria tido tempo de registar a centrífugadora em seu nome? A dúvida atormentava-o. Será que Blahetter tinha feito uma denúncia? Alguém mais estava ao corrente do seu desenvolvimento? A sua mulher, por exemplo? Pensou em Eliah envolvido com a mulher de Blahetter. Que situação irónica!

Udo Jürkens bateu à porta e entrou.

- O que é que descobriste sobre o Blahetter?

- Encontrei-o, chefe. Foi mais fácil do que pensei. Vigiei o prédio da avenue Floquet e, hoje de manhã, muito cedo, vi sair um rapaz parecido com o Blahetter. Trata-se, sem dúvida, do tal Ezequiel. Segui-o até ao Hospital Européen Georges Pompidou, na rue Leblanc.

- E descobriste que o Blahetter está lá internado - terminou Moses, e Jürkens disse que sim em alemão, com um sorriso que lhe acentuava as feições sinistras, como se se produzisse um reflexo da sua alma no seu rosto brutal e na sua voz inumana.

- Quarto 304.

Moses levantou-se e sentiu-se mal. Jürkens apressou-se a ajudá-lo, e Gérard sacudiu-o com um gesto enérgico da mão.

- Estou bem. Levantei-me demasiado depressa.

- Há quanto tempo é que não dorme, chefe?

- Não me irrites com isso, Udo. Estamos prestes a concretizar algo incrível. Não é tempo de dormir, mas sim de agir.

Gérard caminhou até um quadro a óleo e abriu-o como se se tratasse de uma pequena porta na parede. Custou-lhe lembrar-se da combinação do cofre. Rodou a fechadura numérica com dúvidas e aguardou, ansioso, pelo barulho que indicava que os trincos se abriam. Tirou uma caixa preta.

- Vais encarregar-te do Blahetter - ordenou. - Ouve-me bem, Udo. Esta minúscula dose - levantou o tubo para que Jürkens observasse o que jazia no fundo e se assemelhava à cabeça de um alfinete - contém uma quantidade letal de ricina, um alcalóide altamente venenoso. Está coberta por uma substância açucarada para evitar que o veneno escape do interior da dose. Quando está dentro do corpo humano, a substância açucarada dissolve-se e permite a saída da ricina. Mata as suas vítimas em dois, três dias no máximo. - Gérard regressou ao cofre e tirou outra caixa, da qual extraiu uma seringa que fez lembrar a Udo a que o seu dentista usava para o anestesiar. - Deves entrar no quarto do Blahetter - disse, enquanto prendia a peculiar ponta da seringa na bolinha de metal - e pressionar a ponta na sua pele ao mesmo tempo que empurras o êmbolo. Só um pouco. Não é preciso chegar até ao fim. Consegues fazê-lo? - perguntou Moses enquanto colocava a tampa na seringa.

- Chefe, e se lhe der um tiro com um silenciador? Ninguém vai dar conta de nada.

- Udo, achas que o sayid rais me entregou esta caixa com diversos venenos como presente de aniversário? É preciso testar esta tecnologia da pequena dose e da pistola - disse, e apontou para a estranha seringa. - Consegues fazê-lo? - insistiu.

- Sim, chefe.

Depois do desentendimento com Masséna, Al-Saud regressou aos escritórios do George V perto do meio-dia. Sem lhe darem descanso, as secretárias bombardearam-no com mensagens e pedidos. Felizmente, Tony Hill tinha ligado de Monróvia para comunicar que a situação com o presidente Taylor estava sob controle.

- O senhor Hill - disse Victoire - pediu para lhe ligar. É urgente con-seguir um substituto para o Markov. - A secretária referia-se ao guarda-costas acusado por Taylor de manter relações sexuais com a sobrinha.

- O príncipe Abdul Rahman também ligou - acrescentou Thérèse - e pede para lhe ligar a qualquer hora.

Al-Saud praguejou mentalmente. O seu tio Abdul, comandante da Real Força Aérea Saudita, pressioná-lo-ia para iniciar o plano de treino dos recrutas, logo agora que não tinha vontade de sair de Paris, com Matilde em perigo.

- Ligou o inspetor Dussollier e o seu advogado, o doutor Lafrange - disse Victoire -, para darem a mesma informação: os três rapazes foram libertados hoje de manhã.

Amburgo Ferro, o homem de Peter Ramsay, ocupar-se-ia de lhes seguir o rasto.

- Ligou monsieur Lafère, por causa do quadro que lhe enviou ontem -continuou Thérèse.

- Ligue para ele agora.

Lafère era o marchand de confiança dos Al Saud, dono de uma galeria de arte que tinha singrado nos últimos trinta anos graças à predileção do príncipe Kamal pela pintura, Eliah conhecia o desde criança, e por isso lhe tinha confiado o quadro de Matilde.

- Eliah, tens ideia do que me enviaste?

Pergunta-me porque conhece a minha ignorância em matéria de pintura, não é verdade? brincou Al Saud.

Não és o teu pai, isso é verdade, mas duvido que muitos conheçam a história por detrás deste quadro. Sabias que se trata de um Martínez Olazábal autêntico? Uma grande pintora argentina, uma das pintoras vivas mais cotadas do mundo. Al-Saud ficou em silêncio, e o marchand continuou: - Este é o quadro preferido da Enriqueta Martínez Olazábal, que nós, os amantes da sua obra, procurámos incansavelmente. Mas a pintora declarou que esse quadro pertenceria à sua família e que nunca o venderia a um estranho. E agora tu envias-mo, todo maltratado, e isso despertou a minha curiosidade, como deves perceber.

- Compreendo. O que é que me pode dizer mais sobre o quadro?

- Vamos ver, deixa-me ler-te o parágrafo de um livro que consultei ontem... Sim, aqui está. Marquei a página. Chama-se Peintres Latino-américains. Contém as biografias e as fotografias dos quadros dos principais pintores latino-americanos e há até uma pequena entrevista com cada um deles. Na parte dedicada à Martínez Olazábal, a mais longa, devo dizer, ela garante que, de toda a sua obra, o quadro preferido é Matilda e o caracol.

- Al-Saud não ligou ao erro. - Vou ler-te as palavras textuais da artista. «Não é o meu melhor quadro se for analisado com um olhar crítico; não é o melhor do ponto de vista da técnica; foi um dos primeiros. No entanto, é o que mais me comove porque ver a minha sobrinha é algo que me provoca uma profunda emoção.» Como podes ver, a tal Matilda é a sua sobrinha. E continua: «Há algo nesse ser, não sei o quê, uma qualidade insubstancial que nasceu com ela e que parece envolvê-la de luz e de paz, algo que atrai irremediavelmente. Desenho-a e pinto-a incansavelmente porque não posso afastar os meus olhos dela quando está perto de mim.» Como vês, Eliah, a Martínez Olazábal tinha um carinho especial por este quadro. Por isso me atrevo a perguntar-te: como é que conseguiste o Matilda e o caracol?

- Matilde.

- Perdão?

- A menina do quadro chama-se Matilde, não Matilda.

- Oh, oh... Sim, é verdade - admitiu Lafère, enquanto relia o parágrafo. - É Matilde, tens razão. Sempre lhe chamei Matilda e o caracol e, mesmo vendo-o escrito corretamente, disse Matilda. Como é que tu sabes que é Matilde? - estranhou, de repente.

- Porque a menina desse quadro é hoje a minha mulher.

Um silêncio caiu sobre a linha.

- Vejo que, afinal de contas, a pintura fica na família. Podes vir buscá-lo hoje ao final da tarde. A moldura estará pronta.

- *Merci beaucoup*, Lafère.

Al-Saud apoiou os cotovelos na mesa e segurou a cabeça com as mãos. A voz do marchand ecoou nos seus ouvidos:... uma qualidade insubstancial que nasceu com ela e que parece envolvê-la de luz e de paz, algo que atrai irremediavelmente. Desenho-a e pinto-a incansavelmente porque não posso afastar os meus olhos dela quando está perto de mim. Então tratava-se de um sortilégio, não existia explicação lógica para o que ele tinha sentido no aeroporto de Buenos Aires quando os seus olhos pousaram no comprido cabelo dourado de Matilde. Se fosse do tipo esotérico, dar-lhe-ia para pensar que um espírito o tinha possuído e que desde aquele dia fazia dele o que queria. Só desejava estar com ela, nela. As questões da Mercure, dantes o motor da sua vida, perdiam valor, desvaneciam-se. Desejava regressar a casa e vê-la. Sem dúvida Matilde exercia o mesmo fascínio em Leila, tanto que a sua magia a levava a falar.

À tarde, a caminho da galeria de Lafère, parou na livraria WH Smith da rue de Rivoli e comprou o livro *Peintres Latino-américains*. À saída, passou em frente da montra de uma joalheria e parou a admirar os anéis, os colares, os brincos, as pulseiras e os relógios com que teria gostado de cobrir Matilde. Ela, no entanto, encontrava-se para lá dessas questões mundanas; coisas desse estilo não significavam nada para ela. Comprou um fio de ouro para a Medalha Milagrosa.

Ao sair do Aston Martin, na garagem da casa da avenue Elisée Reclus, ouviu o riso de Matilde que provinha da cozinha, e sorriu entre aliviado e feliz. O pesadelo vivido à porta do Lycée des Langues Vivantes ia ficando para trás, e a alegria voltava a apoderar-se dela. Encontrou-a sozinha com Leila; ainda sorria, um sorriso emocionado e de olhos chorosos. Percebeu logo que Leila tinha falado de novo. Beijou Matilde nos lábios, simulando não ter-se dado conta da situação, e Leila na testa. Tirou o casaco e entregou-lhe juntamente com a pasta.

- *Mapetite*, leva-os para o meu quarto.

Matilde abraçou-se à cintura de Al-Saud e apoiou a cara no seu peito.

- Falou de novo, não foi?

- Acaba de dizer: «Matilde, *Eliah est arrivé*.» Não consegui controlar a emoção e comecei a rir-me. De seguida, ela mudou o seu olhar de mulher para o de menina. Punha a cabeça de lado e sorria, como se não percebesse porque é que me estava a rir.

Mais tarde, enquanto jantavam, Al-Saud anunciou a Matilde e Juana que no dia seguinte recomençariam as suas aulas na escola de línguas. O Sándor e a Diana seriam os seus guarda-costas.

- Já vos atribuí um carro da Mercure - não lhes revelou que tanto os vidros como a carroçaria eram blindados - e terão de se deslocar sempre nele, com o Sándor e com a Diana. Nunca poderão sair sozinhas. Sei que será uma chatice para vocês.

- Para mim, não! - interrompeu Juana. - Faz-me sentir uma diva do cinema.

Diana e Sándor apareceram depois do jantar, à hora do café. Eliah terminou o seu espresso e ordenou-lhes que o acompanhassem à base.

Entraram na sala de projeção, onde as imagens do apartamento da rue Toullier estavam paradas na figura de Udo Jürkens.

- Olhem bem para este tipo. Memorizem-lhe o rosto. Diz que se chama Udo Jürkens. Devem proteger a Matilde sobretudo dele.

Por volta da meia-noite, Udo Jürkens entrou no Hospital Européen Georges Pompidou pela área das Urgências. Trocou de roupa banheiro dos homens e saiu envergando um uniforme branco de enfermeiro. O fato de a peça lhe estar larga dissimulava os dois objetos que estavam presos à cintura: a seringa e os óculos de visão noturna. Dirigiu-se ao terceiro andar pelo elevador destinado ao pessoal e percorreu o corredor solitário e mal iluminado. Passou em frente ao gabinete envidraçado da enfermeira-chefe depois de confirmar que não estava lá ninguém. Entrou no quarto 304 e fechou a porta. Colocou os óculos e o ambiente à sua volta tingiu-se de verde. Blahetter dormia com a perna no ar. Esperava que o tivessem sedado para dormir pois, caso contrário, depois de lhe injetar a dose com ricina, teria de fugir. Levantou a colcha e o lençol e destapou a perna boa. Esperou pela reação de Blahetter. Nada, nem sequer uma mudança na respiração profunda. Aproximou a ponta da seringa da coxa e apertou o êmbolo. Blahetter mal se moveu sobre a almofada e continuou a dormir. Deviam ter-lhe dado um narcótico muito potente.

Jürkens colocou a seringa à cintura. Tirou os óculos perto da porta e escondeu-os debaixo da roupa. Saiu calmamente sem se dar conta de que a enfermeira-chefe o estava a avistar de um extremo do corredor. «Será o enfermeiro novo da terapia intensiva?», perguntou-se. «A Lilian disse-me que era alto.»

Depois de os cansar com indicações, Al-Saud deu por terminada a reunião com Sándor e Diana. Antes de saírem, contou-lhes que Leila voltara a falar a Matilde.

- Decidi ir ver o doutor Brieger - Al-Saud referia-se ao psiquiatra da jovem. - É necessário pô-lo ao corrente deste avanço. Irei com a Matilde.

Ao regressar da base, encontrou o andar de baixo silencioso e às escuras. Tanto as empregadas como as moças tinham ido deitar. Subiu os degraus de dois em dois e dirigiu-se com um sentimento opressivo ao seu quarto. Matilde lia na cama. Tinha feito uma trança no cabelo que caía de lado. Sorriu-lhe ao vê-lo entrar. Deixou a leitura, saiu da cama e correu para ele descalça, com a camisa de noite vermelha com ursos pandas.

- O que estavas a ler? - perguntou ele.

- Na verdade, a reler. O Guia do Expatriado, da MQC. Já te falei dele uma vez, não te lembras? São as normas que devemos seguir no terreno.

- Matilde ignorou a expressão que endureceu o rosto de Al-Saud; segurou-se ao seu pescoço e beijou-o nos lábios. - Obrigada pelo quadro! - exclamou. - Fazes-me sempre surpresas muito bonitas.

Al-Saud conduziu-a pela cintura até à flor, onde tinha ordenado a Marie que colocasse o quadro.

- A moldura é maravilhosa. É esplêndida. Pergunto-me quanto te terá custado. - Ele ficou em silêncio e continuou a admirar o retrato de Matilde. - Onde poderíamos pendurá-lo?

- Aqui? Nesta casa? - surpreendeu-se Al-Saud, e Matilde julgou incorretamente a sua atitude.

- Bom, sim, aqui, no teu quarto - respondeu, intimidada -, ou em qualquer outro lugar, se achares bem. Quero oferecer-to, Eliah. Se o aceitares.

- Se o aceitar? - repetiu ele, com ar incrédulo. - Não há nada que deseje mais do que ser dono deste quadro. Mas não posso aceitar. Este quadro vale uma fortuna. Foi o marchand que o reparou que me disse.

- A mim não me importa quanto custa o quadro, Eliah. Quero te oferecer. Se o aceitares, evidentemente.

- Não voltes a dizer, com essa carinha de ofendida, «se o aceitares, evidentemente». - Matilde riu-se quando Al-Saud imitou a sua voz. - Já te disse que adorava ter este quadro comigo, mas não o vou aceitar sem te informar antes que é uma obra muito cotada no mercado.

- Quero dar-to - insistiu ela.

- Porque é que mo queres dar? Eu sei o quanto este quadro significa para ti.

- Este quadro, Eliah, não vale nada comparado com tudo o que tu me deste. Deste-me a liberdade, e isso não tem preço. Quero que tenhas as duas coisas materiais que mais valorizo nesta vida, a minha Medalha Milagrosa e o quadro que a minha tia pintou, como uma forma de agradecimento e como uma prova do meu amor.

- Não quero nada material. Só te quero a ti, toda.

- Sou toda tua, Eliah. Já to disse antes. Nunca minto.

- Mas vais para o Congo.

Olharam-se fixamente, com a respiração em suspenso. Por mais que evitassem abordar o tema da viagem ao Congo, este pairava sobre eles como uma nuvem negra e ominosa. Por fim, Al-Saud ganhou coragem para o enfrentar.

Matilde quebrou o contato visual e afastou-se para o vitral zenital. Apoiou a testa no vidro gelado e fechou os olhos. Passaram poucos segundos antes que sentisse as mãos dele na cintura.

- Matilde, não quero que vás. É perigoso.

- Tenho de ir - sussurrou ela, e virou-se para o enfrentar: - Tenho de ir, meu amor.

- Porque é que dizes que tens de ir?

- Porque há anos que só vivo e estudo para curar as pessoas mais pobres do planeta, as pessoas de África. Por favor, meu amor, por favor, apoia-me nisto. Não me vires as costas, Eliah. Tu não.

- Matilde! - exclamou ele, com paixão, enquanto os seus braços se ajustavam à volta do tronco pequeno dela. - Meu Deus, Matilde - disse ele, com tom de súplica. - O que é que me estás a pedir?

Ficaram abraçados e em silêncio. Matilde sentia como as pulsações se normalizavam no coração de Al-Saud.

- Desabotoa-me o colete e a camisa - pediu-lhe ao ouvido, e Matilde obedeceu depois de lhe lançar um olhar cúmplice e divertido. A sua Medalha Milagrosa destacava-se sobre os pelos no peito de Al-Saud, pendurada de um fio de ouro bastante grosso para o tamanho da medalha. - Gostas?

- O fio é lindíssimo, adoro a forma dos elos, mas não devias ter comprado um de prata? Ficaria melhor com a medalha.

- A tua medalha, meu amor, deve ter sido prateada. Agora que o prateado se está a apagar, parece meio dourada. Olha. Por outro lado, vais pedir ao filho de um árabe que compre prata em vez de ouro? Não te esqueças da minha natureza, Matilde.

Matilde sorriu para a medalha e beijou-a. «Virgem Santa, abençoa-o e protege-o sempre», rogou em pensamento.

Ezequiel levantou o envelope da Federal Express em jeito de cumprimento, e as enfermeiras que o admiravam através do vidro acenaram-lhe com as mãos e sorriram-lhe. Tinha oferecido uma fotografia autografada a cada uma, a da publicidade aos cigarros Gauloises, para que atendessem Roy de forma solícita. Entrou no quarto 304 e de imediato se deu conta de que o irmão não estava bem. A sua palidez e o olhar estranho que lhe lançou da cama assustaram-no.

- O que é que tens? O que é que se passa contigo?

- Sinto-me... muito enjoado.

Uma náusea obrigou-o a arquear-se sobre o seu estômago, e conseguiu virar a cabeça para fora da cama para vomitar. Era sangue. Ezequiel soltou o envelope, que deslizou para baixo da cama ortopédica, e lançou- -se para o irmão.

- Roy! O que é que se passa? O que é isto? - Premiu a campainha e vociferou: - *Infirmière! Infirmière!*

Al-Saud correu uns metros até ao 304, ao ouvir a voz de Ezequiel. Blahetter, inclinado para fora da cama, vomitava um líquido de tom vermelho escuro, de cor bordeaux. Uma convulsão violenta devolveu-o à almofada e, com restos de vômito na boca, começou a sacudir-se, agitando o sistema de roldanas que lhe segurava a perna engessada.

- Segura-lhe a perna partida! - bradou Al-Saud, e Ezequiel seguiu-lhe as ordens, aliviado por alguém tomar as rédeas da situação.

A intensidade das contrações obrigou Al-Saud a colocar-se em cima de Roy. A centímetros da sua cara, reparou que tinha os olhos revirados e que apertava os maxilares com uma ferocidade que acabaria por lhe partir os dentes. Uma enfermeira entrou a correr e, ao ver o quadro, voltou a sair. Regressou escoltada por um colega, que tirava o ar de uma seringa. Aproveitando que Al-Saud o mantinha firme, injetaram-no na veia do braço esquerdo. Ficou relaxado sobre a almofada uns minutos mais tarde.

Apareceram dois médicos e mais enfermeiras e rodearam Blahetter. Al-Saud retirou-se para o outro lado da cama, ao pé de Ezequiel.

- Obrigado, Al-Saud. Não sei o que teria acontecido se o senhor não aparecesse. Teria partido a perna novamente - conjecturou.

- O que é que aconteceu? Porque é que ficou assim?

- Não faço ideia. Entrei no quarto, e, um segundo depois, estava a vomitar sangue. Meu Deus, os filhos da mãe que o atacaram podem ter-lhe rebentado algum órgão?

- Não me parece. Os médicos já o teriam detetado. Tenho a certeza de que lhe fizeram radiografias e outros exames para verificar se não tinha lesões internas.

- Sim, sim, é verdade. Fizeram vários exames e garantiram-me que não tinha hemorragias internas.

Os médicos afastaram-se do grupo para falarem com Ezequiel. As enfermeiras foram saindo, e o espaço à volta da cama ficou mais livre. Al-Saud aproximou-se para estudar Blahetter de perto. Ouviu um rangido e sentiu a irregularidade do chão debaixo da sua bota. Tratava-se de um envelope. Um envelope da Federal Express. «A pessoa na empresa do meu avô conseguiu tudo em menos tempo do que eu imaginava. E vai mandar tudo hoje num serviço de vinte e quatro horas da Federal Express.» Al-Saud olhou de soslaio para Ezequiel. Este estava de costas. Simulou inclinar-se sobre Roy e apanhou o envelope. Escondeu-o debaixo do sobretudo.

- Com licença - disse aos médicos. - Até logo, Ezequiel. Voltarei mais tarde ou amanhã, quando o teu irmão me conseguir receber.

Ezequiel limitou-se a assentir.

Al-Saud, Michael Thorton e Anthony Hill reuniram-se na base para analisarem as provas fornecidas por Blahetter, constituídas por memorandos internos, listas de substâncias, ordens de envios, alvarás e outros documentos que confirmavam a suspeita de que no voo da El Al tinham sido transportados pelo menos dois dos quatro elementos necessários para a fabricação do gás sarin, e em quantidades tais que não ajudariam se a estratégia do governo israelita consistisse em apresentar a aquisição como inofensiva, com a única finalidade de testar máquinas de gás ou a produção de inseticidas. A documentação extraída da Química Blahetter e as fotografias de Bouchiki constituíam uma evidência esmagadora.

- O teu plano, Eliah, implica um grande risco - opinou Mike Thorton.

- Se coordenarmos os passos um a um será um êxito - defendeu Al-Saud. - Então vamos tê-los agarrados pelos tomates. E negociar com eles será canja.

- Qual é o passo que se segue? - perguntou Tony.

- Ver o Lefortovo - respondeu Al-Saud - e assustar os do governo israelita.

- É para o segundo objetivo que pretendes usar o jornalista holandês, não é?

Al-Saud assentiu.

- Temos algo pendente que me tira o sono e que gostaria de encerrar de uma vez por todas - disse Tony. - O assunto do infiltrado que temos na Mercure.

- Se é que o temos - indicou Mike.

- Como já dissemos, vamos organizar uma troca fictícia na qual intervirão apenas alguns dos nossos empregados, os suspeitos de acordo com a nossa opinião. Não o faremos aqui, em Paris, mas procuraremos outra cidade. Serei eu a estar presente na suposta troca.

- Quando?

- Faremos depois de falarmos com o Ruud Kok. Temos de coordenar bem todos os passos. Se o infiltrado da Mercure é um informante da Mossad como julgamos...

-Eu não acredito nisso - insistiu Mike.

-Como eu e o Tony julgamos - concedeu Al-Saud vamos atraí-los para a armadilha sem problemas.

Elijah conduziu diretamente da base para a casa de Vladimir Chevrikov.

-Quem é? - perguntou o russo atrás da porta e com a voz rouca de quem acabava de acordar.

-Lefortovo, é o Cavalo de Fogo. - Chevrikov deixou-o entrar, e Al-Saud lançou-lhe um sorriso divertido. - Fresco como uma alface, eh?

Recebeu um grunhido como resposta. Zoya, de roupão, espreitou pela porta da sala.

- Olá, querido.

- Ah, este é um mau momento - comentou Al-Saud enquanto se aproximava para a cumprimentar com dois beijos. - É sempre uma alegria ver-te, *ma chérie*, mas preciso que nos deixes sozinhos. O Vladimir e eu temos de trabalhar.

- Tenho urgência em falar contigo, Kliah - disse a prostituta. - Podes passar lá por casa mais tarde?

Al-Saud assentiu e dirigiu-se cozinha para se servir de café. Esperou ouvir o som da porta a fechar-se para regressar à sala. Chevrikov apresentou-se vestido, com o cabelo molhado e penteado. Pegou na xícara que Al-Saud lhe estendia.

- Vejo que podes dar-te ao luxo - disse referindo-se a Zoya.

- Pagas bem, Cavalo de fogo. Muito bem.

Al-Saud abriu um envelope e espalhou o conteúdo em cima da mesa. Várias fotografias foram caindo formando um leque.

- De que são?

- Não precisas de saber, Lefortovo.

O russo abafou uma gargalhada.

- Com tudo o que sei sobre ti e sobre os teus jogos sujos, poderia afundar-te. O que fará à nossa amizade se souber mais alguma coisa?

- Podias enterrar-me - disse Al-Saud. - É verdade que o podias fazer. Mas então eu viria caçar-te e matar-te-ia. Porque tu és um génio da falsificação, mas sabes bem que eu sou um génio da morte.

- Alguém me disse uma vez que és capaz de matar um homem do meu tamanho com uma mão. Como conseguirias fazer isso? - perguntou Vladimir, incrédulo.

Al-Saud ensaiou de novo um sorriso de esguelha.

- É muito fácil - garantiu e, com a rapidez de uma serpente, levou o braço à garganta de Chevrnikov, que conseguiu pestanejar e empertigar-se.

- Já estarias morto, querido Lefortovo, porque os meus dedos... Estás a senti-los? - O russo mal moveu a cabeça. - Os meus dedos ter-te-iam partido a traqueia. - Vladimir engoliu em seco com dificuldade e, ao fazê-lo, sentiu uma pontada dolorosa no local onde Al-Saud exercia pressão. - Insisto, não precisas de saber para que são estas fotografias nem de onde vêm. Afastou a mão. Em nenhum momento tinha deixado de sorrir.

- O que tenho de fazer com elas? - perguntou o russo com voz dissonante, e massajou a garganta.

- São fotografias verdadeiras e legítimas e tu terás de as converter em falsas. E preciso que a montagem não resista à análise de um especialista. Terás de realizar o teu pior trabalho, Lefortovo.

- Para quando precisas delas?

- Para ontem.

A caminho de casa de Zoya ligou a Diana utilizando o sistema de mãos livres.

- Onde é que estão?

- Eu, de guarda à porta da escola de línguas. O Sanny está lá dentro. Até agora não há novidades.

- À saída levam-nas diretamente para casa. Entendido?

- Sim, chefe.

Zoya esperava-o com um dos seus sucos naturais preferidos, kiwi, ananás e cenoura. Sentaram-se no sofá da sala a bebê-lo.

- Eliah, pedi-te que viesses aqui porque estou preocupada.

- Com a Natasha? - perguntou Al-Saud.

- Não, com ela não. Não me voltou a ligar desde aquela vez que te falei. Estou preocupada com o Masséna. Há uma semana que não sei nada dele. Já lhe liguei mil vezes

e nunca atende. Isto é muito estranho. De fato, nunca se tinha comportado assim. Temo que se tenha dado conta da nossa jogada.

- Traz-me a pistola que te dei há uns tempos.

Zoya apareceu com um estojo pequeno de camurça violeta da qual tirou uma pistola que cabia na palma da mão de Al-Saud. Tratava-se de uma Beretta 950 BS, calibre vinte e dois. Eliah dirigiu-se à mesa onde desarmou a pistola de bolso em três movimentos e verificou se estava limpa e carregada.

- Se o Masséna vier ter contigo, tem a arma sempre ao pé de ti.

- Tenho-a sempre comigo.

Nessa noite, enquanto jantavam na casa da avenue Elisée Reclus, o celular de Juana tocou, e ela desculpou-se e afastou-se à procura de privacidade.

- Deve ser o Shiloah - disse Matilde, e Al-Saud arqueou uma sobrancelha. - Liga lhe sempre a esta hora, quando se liberta dos compromissos da campanha política. One horas são em Israel, Eliah?

Ele consultou o Rolex Submariner.

- Onze e trinta e cinco. Só há uma hora de diferença.

Al-Saud dirigiu o olhar para a figura de Juana, esbatida na escuridão da sala contígua à sala de jantar. Nos últimos dias tinha tentado várias vezes falar com Shiloah inutilmente. O diretor de campanha ou os assistentes informavam-no que o doutor Moses estava numa reunião, num programa televisivo, a proferir um discurso, num debate, ou vá-se lá saber em quê, anotavam o recado e desligavam. Shiloah nunca ligava de volta. No entanto, tinha tempo para ligar todos os dias a Juana. Eliah sentiu-se feliz. Essa moça, com a sua espontaneidade e a sua simpatia, estava a fazer reviver no seu amigo algo que o atentado destruíra juntamente com Mariam.

Juana regressou à sala e passou o celular a Matilde.

- É o Eze. Quer falar contigo.

- Olá, Eze - Matilde levantou-se de repente. - O que é que se passa? Porque é que estás a chorar? Está bem, está bem. Vou já para aí. Toma, Juana, nem sei como desligar isto. - Virou-se para olhar para Al-Saud, de pé junto a ela. - O Ezequiel diz que o Roy está muito mal. Não sabem o que é que tem. Pediu-me para ir lá. Está desesperado.

- Eu levo-te.

- Está no Hospital... Ai, meu Deus, esqueci-me do nome. Soa-me a... Pompidou.

- Eu sei onde é - assegurou Al-Saud.

- É um truque do Roy para ires lá, Mat - alertou Juana. - Não vás.

- Juana, por amor de Deus, o Ezequiel estava a chorar ao telefone.

- Sempre foi um choramingão.

- Vens conosco?

- Está bem, está bem, vou.

No térreo do hospital, Al-Saud perguntou onde se encontrava o paciente Blahetter e informaram-no de que tinha sido transferido para o quarto andar. Matilde parecia tensa e ansiosa, e Al-Saud sentia, através da lã da luva, a umidade da sua pequena mão. Percorreram o corredor do quarto andar. Al-Saud viu três homens debaixo da placa que dizia «Unidade de Cuidados Intensivos».

- Pai! - exclamou Matilde, e soltou a mão para correr até ao homem que avançava com rapidez na sua direção.

Al-Saud ficou paralisado no momento em que Aldo Martínez Olazá-bal abraçou a sua filha mais nova. Dominava-o uma sensação de impotência, ciúmes e angústia. Ninguém lhe devia tocar daquela forma, ninguém.

- Vá, bonitão - insistiu Juana, e avançaram até chegarem junto de Matilde e do pai, que continuavam abraçados. - Olá, senhor Aldo. Como está? - disse, e esticou a face para que a beijasse.

- Olá, Juani.

- Pai - Matilde estendeu a mão a Eliah -, quero apresentar-te...

- Sei muito bem quem é este sujeito. O Ezequiel contou-me tudo.

- Pai!

- É o sujeito que te está a separar do teu marido. Como ousas trazê-lo aqui quando o Roy está a morrer?

- Ai, senhor Aldo - intercedeu Juana. - Deixe-se de disparates.

- Juana, não te metas.

Al-Saud ficou inquieto com a palidez repentina de Matilde. Colocou-se atrás dela para a amparar. Pôs-lhe as mãos nos ombros e desafiou Martínez Olazá-bal com o olhar. Este, por sua vez, contemplou-o, num primeiro momento, com hostilidade, depois e à medida que descobria naquele rosto jovem e belo alguns traços das feições de Francesca, com perplexidade. Sobretudo no desenho da boca de Al-Saud, demasiado definida e carnuda para pertencer a um homem, Aldo via a do seu eterno amor. Quase o cegou a visão de Francesca e ele a beijarem-se fogosamente no verão de 1961, no Arroyo Seco, e baixou o olhar, atordoado pela recordação. «Este rapaz devia ser meu filho.» No entanto, era filho do príncipe árabe. Ele tinha desejado um filho varão, mas Dolores só lhe dera mulheres. «Que ironia!», exclamou para si mesmo, e mordeu o lábio para sufocar uma gargalhada. «A minha filha preferida apaixonada pelo filho do Kamal Al-Saud. A vida prega nos sempre partidas, sempre.»

- Pai, por favor - ouviu Matilde sussurrar, e de novo voltou a olhar para a filha, tão pequena em comparação com Al-Saud.

- Depois eu e tu vamos ter uma conversa. Agora vamos ver o Ezequiel. Está desesperado.

Elijah ficou irritado com a forma como Martínez Olazábal tratava a filha e com a prepotência com que lhe deu a ordem. Incomodou-o ainda mais que Matilde obedecesse. Caminhou atrás dela. Ao vê-la, Ezequiel interrompeu a conversa com o médico.

- Mat, ainda bem que estás aqui! Doutor Saseur, apresento-lhe a Matilde Martínez, a mulher do meu irmão Roy. - O mau humor de Al-Saud continuou a aumentar perante a impavidez de Matilde, que não o corrigiu para explicar que era sua ex-mulher. - A minha cunhada é médica, doutor. Gostaria que lhe explicasse o que está a acontecer com o meu irmão. A Matilde não fala muito bem francês. Eu farei de intérprete.

O doutor Saseur admitiu as dúvidas da equipe médica do Georges Pompidou perante a evolução de Blahetter. Desde o quadro de vômitos com sangue e convulsões de manhã, a temperatura tinha subido quase até aos quarenta graus. Apresentava hemorragias no estômago e nos intestinos, por isso defecava sangue, e inchaço nos músculos da perna esquerda. Matilde pediu para ver o hemograma que lhe tinham feito, e o médico indicou-lhe a porta do quarto, convidando-a a entrar.

- Al-Saud, tu não entras - disse Ezequiel.

- Blahetter, este não é o momento nem o lugar.

- Eze, se ele não entra, eu também não.

Entraram. Obrigaram-nos a lavar as mãos com um sabonete antiséptico e a usar máscaras. Al-Saud escondeu a impressão que o aspeto de Roy lhe causou. Parecia morto. Fixou-se em Matilde. Ela agia com profissionalismo enquanto lia o relatório que estava aos pés da cama. O doutor Saseur deu-lhe uma lanterna para que ela verificasse o reflexo das pupilas.

- Matilde - sussurrou Roy, e tentou levantar a mão direita, que caiu como um peso morto.

- Sim, Roy, é a Matilde, aqui estou.

Matilde, meu amor, não me deixes.

- Calma, não te deixo.

Essas palavras cravaram-se no peito de Al-Saud como adagas, e só graças ao sentido de posse que Matilde lhe inspirava é que ficou no quarto em vez de sair irritado porta fora.

Lá fora, no corredor, Aldo insultava a levandade da filha. Juana, com o pensamento posto na chamada de Shiloah que não chegava, ignorava-o.

- Senhor Aldo! - interrompeu-o. - Já lhe pedi para se deixar de disparates. Acho que chegou o momento de tomarmos um café e de falarmos sobre certas coisas. É muito triste ouvi-lo dizer semelhante série de parvoíces só porque não sabe nada sobre a vida amorosa da sua filha. Vamos procurar a cafeteria. Talvez ainda esteja aberta e possamos tomar qualquer coisa e conversar.

- Não vou sair daqui, Juana. O Roy está muito mal.

- O Roy não vai melhorar pelo facto de o senhor ficar toda a noite no corredor. Pelo contrário, eu tenho de lhe revelar coisas que já devia ter feito há muito tempo. Vamos?

Matilde aproximou-se de Al-Saud e disse-lhe ao ouvido:

- Eliah, vou passar aqui a noite. - Al-Saud inspirou fundo e levantou a cabeça, afastando-se dela. - Por favor, Eliah, tens de compreender. Acho que o Roy está a morrer. Não posso abandoná-lo.

- Abandoná-lo? Está num excelente hospital, com o irmão e com o teu pai.

- Mas eu...

- Tu o quê? Tu o quê? - Inclinou-se para o repetir perto do seu rosto e com os dentes cerrados. - Ias dizer-me «eu sou a sua mulher»?

Matilde abanou a cabeça e mordeu o lábio.

- Eu... sinto-me obrigada para com o Ezequiel. Tu não entenderias. Por favor, não me faças perguntas agora - soluçou.

- Está bem, está bem - disse ele, com impaciência, erguendo as mãos num gesto de quem se rende. - Mas eu fico contigo.

Matilde não se atreveu a contrariá-lo, embora tivesse preferido que se fosse embora. A tensão entre Ezequiel e ele deixava-a nervosa, não lhe permitia pensar.

- Doutor Saseur disse Matilde qual é o seu diagnóstico?

- Suspeitamos que o senhor Blahetter foi envenenado.

- Estás a mentir, Juana! exclamou Martínez Olazábal. O Roy violou a Matilde? Estás a delirar? O Roy é o marido da Matilde.

- O casamento da sua filha e do Roy nunca se consumou. A Matilde, graças aos traumas que vocês lhe provocaram e à tragédia que viveu quando tinha dezesseis anos, sofria de uma síndrome conhecida como vaginismo, na qual os músculos da vagina se contraem de maneira involuntária e não permitem a penetração. É como tentar fazê-lo contra uma parede, senhor Aldo.

Aldo ficou estupefacto com a afirmação de Juana Folicuré. Vaginismo? Matilde, incapaz de fazer amor? Os fatos e as imagens do passado bombardeavam-no como meteoritos, e só serviam para corroborar o que Juana assegurava.

- Finalmente, uma noite, o Roy chegou bêbado, com a cabeça quente pelos conselhos do sábio do seu primo, o Guillermo Lutzer, e violou-a. A Matilde conseguiu escapar com poucas coisas e refugiou-se no meu apartamento. Estava muito ferida - Aldo cerrou os punhos, os olhos e os lábios - e sangrava. Tratei dela o melhor que consegui. Ela não queria ir à ginecologista com medo de que a mulher denunciasse o Roy. As feridas físicas curaram-se, mas as emocionais, como se já não tivesse tido suficientes, tornaram-se mais profundas. Claro que o Roy começou um assédio sem tréguas, até chegou a fazer um escândalo no Garrahan, e os seguranças tiveram de ir buscá-lo, o filho da mãe. Para se vingar da Matilde, e porque precisava de dinheiro, vendeu o quadro *Matilde e o caracol*, que tinha ficado no apartamento do Roy quando a Matilde fugiu, tal como muitas coisas que ela deu por perdidas porque não tinha coragem de voltar lá. - Juana fez uma pausa no

discurso para organizar as ideias. - A vida da Mat era um inferno por causa daquele desgraçado. Fechou-se ao amor e só pensava em dedicar-se à Medicina, em tratar dos pobres e dos desvalidos. Trabalhava sem descanso, chegou a passar vários dias inteiros no Garrahan, até o chefe a mandar para casa para dormir. Não olhava para os homens, não queria saber deles para nada. Ficava horrorizada com um leve toque. Até que apareceu o Eliah no avião que nos trouxe a Paris, e ele, com paciência infinita, resgatou-a da vergonha de se sentir magoada e de não servir, curou-lhe as feridas e fê-la sentir-se mulher.

- Meu Deus... Aldo segurava a cabeça com as mãos. - Que cego estava.,,

- Sempre estive cego, senhor Aldo. Ou, melhor dito, só olhou para o seu umbigo. E a coisa não acaba aqui, e ouça bem o que lhe vou dizer agora: se a Matilde e eu estamos vivas é graças a esse homem que o senhor acabou de mandar à merda.

- De que é que estás a falar?

Juana narrou-lhe os factos ocorridos à porta do Lycée des Langues Vivantes, e explicou-lhe que os malfeitores procuravam a chave que Roy tinha dado a Matilde na noite da festa em casa de Trégart. Também lhe contou o episódio do quadro no apartamento da rue Toullier.

- E por isso que, quando cheguei a Paris hoje de manhã, me fartei de ligar para o apartamento da Enriqueta e vocês não atendiam. Acabei por ligar para o Ezequiel e ele contou-me que estavam a viver em casa do Al Saud.

- E graças a Deus que ele nos recebeu na sua casa. Porque o sacana do seu Royzinho expôs-nos a um gang de maníacos que quase nos matou. Vá-se lá saber em que negócio obscuro anda metido esse desgraçado!

- Meu Deus, Juana! Não percebo nada.

- Não seria a primeira vez, meu querido senhor Aldo.

- Conta-me a história da chave e do quadro outra vez.

O estado de Blahetter piorava com a passagem das horas. A febre não descia e ele contorcia-se de dor. Gritava que ardia por dentro. Matilde, autorizada pelo doutor Saseur, permaneceu junto a Roy apesar de as visitas estarem restringidas na Unidade de Cuidados Intensivos; a sua condição de médica permitia-lho.

Como o sofrimento de Blahetter não parava, Matilde sugeriu que lhe injetassem morfina. Saseur hesitou; disse que, ao não saber exatamente com que lidavam, temia que a morfina tivesse efeitos adversos. Roy continuou a sofrer, agarrado à mão de Matilde, sem se dar conta de que lha apertava com demasiada força. Al-Saud aproveitou a entrada estar livre e introduziu-se no quarto. Pegou no pulso de Blahetter e, com um esforço titânico, abriu-lhe os dedos e libertou a mão da mulher. Massajou-a até que Matilde a articulou novamente sem dificuldade.

- Não permitas que te faça isso.

- Não se dá conta. Está a delirar.

- Não importa, não lhe volte a dar a mão.

Por volta das seis da manhã, Matilde assinou um termo de responsabilidade, e Saseur mandou injetar no soro de Blahetter uma dose suave de morfina que o acalmou minutos depois. Ainda sob o efeito dos narcóticos, mexia-se e lamentava-se. Matilde saiu para o corredor e descansou no abraço de Al-Saud.

- Vamos à cafeteria. Precisamos de comer qualquer coisa.

Matilde assentiu, débil e abatida. Ezequiel falava ao telefone no corredor. O seu celular tocava de cinco em cinco minutos. Os seus pais ligavam, o avô Guillermo também.

- Os meus pais e o meu avô acabam de chegar a Paris - anunciou Ezequiel. - Vêm diretamente para cá.

Tinham voado no avião privado do senhor Guillermo, mas Ezequiel os informou do estado de Roy. Matilde não tinha vontade de ver os sogros. A exceção do sogro, os outros não gostavam dela e tinham-se oposto ao casamento. Por alguma razão que não conseguia compreender, culpava-se pela situação e temia que a sua sogra, mas sobretudo o velho Guillermo, lho atirassem à cara. Al-Saud pôs-lhe a mão no ombro e ela sentiu um ardor, como se uma corrente elétrica a tivesse atravessado. Levantou o rosto e deu de caras com o olhar duro e cansado dele. Sorriu-lhe, e Eliah esboçou apenas um esgar. Nada de mau aconteceria se ele se mantivesse ao seu lado e a protegesse.

Aldo negou-se a acompanhá-los até à cafeteria. Não tinha voltado a dirigir a palavra à filha. Passava o tempo na sala de espera ou desaparecia por momentos.

Al-Saud verificou que as faces de Matilde adquiriam cor assim que tomou o café com leite e comeu os croissants.

- Vamos a casa - sugeriu. - Tomamos um banho, trocamos de roupa e regressamos.

- Não, não. A situação é crítica e o desenlace pode ocorrer a qualquer momento. Eu sei, pressinto-o.

- Vai morrer? Não há possibilidade de o salvar?

- A Medicina não pode fazer nada por ele exceto tentar atenuar os efeitos do que está a destruí-lo por dentro. O Saseur diz que o envenenaram. Como? Quem? Porquê? Com que substância?

- É evidente que este trabalho foi feito por quem mandou os tipos tirar-te a chave, os mesmos que entraram na rue Toullier para roubarem o que estava no quadro.

- Meu Deus! - Matilde agarrou-se à cabeça. - Isto não pode estar a acontecer. E agora chegam os meus sogros e o avô do Roy. Não quero vê-los.

- Então vamos para casa! Já fizeste demasiado. Eles que se ocupem do Roy.

- Não posso. Tu não percebes, eu não posso. Devo-o ao Ezequiel. Ficas aqui comigo? - perguntou-lhe de repente e, dividida entre o egoísmo e a generosidade, acrescentou: - Eliah, tu tens muitos compromissos e trabalho na Mercure. Não fiques, meu amor.

- Eu fico aqui, Matilde. Não volte a pedir-me que me vá embora.

Ao regressar ao quarto, Ezequiel, morto de sono, esfomeado e nervoso Jean-Paul e o avô presentes no mesmo quarto era mais do que conseguia suportar -, insurgiu-se novamente contra Al-Saud.

- Quero que ele se vá embora, Matilde! - Quase nunca a tratava pelo nome. A energia dele é péssima para o Roy. Odeia-o. Não te contou o que fez no dia depois da festa? Claro que não! Apareceu lá em casa e ameaçou o Roy com uma pistola. - Matilde virou-se de maneira brusca para olhar para Al-Saud, que fitava Ezequiel com uma expressão impávida. - Sim, é verdade! Apontou-lhe a arma e disse-lhe que se voltasse a incomodar-te o matava. E agora o meu irmão está a morrer!

- Diz-me uma coisa, Blahetter, gostavas que eu contasse aos teus pais e ao teu avô, inclusive ao pai da Matilde, porque é que fiz isso? E quero deixar uma coisa clara: não me arrependo do que fiz naquele dia. Qualquer homem o teria feito pela sua mulher. Também me lembrei que podia contar ao senhor Martínez Olazábal porque é que a sua filha quase morreu à porta da escola de línguas. O papel que o teu irmão desempenhou foi essencial. Gostavas que lhe contasse tudo isso? Pergunto-me em que negócio sujo está metido o teu irmão para que o tenham envenenado como a um cão?

- Chega, chega - implorou Matilde num sussurro histérico, e deteve Ezequiel apoiando-lhe as mãos no peito, quando tentou lançar-se sobre Al-Saud.

- Queres lutar? - simulou surpreender-se Eliah, e riu-se baixinho.

- Nunca pensei que fosses tão estúpido. Não te serviu a amostra do outro dia?

Jean-Paul Trégart, que assistia à cena, pegou em Ezequiel pelo braço e levou-o. Matilde não teve das melhores recepções por parte do resto dos Blahetter, à exceção de Ernesto, o pai de Roy, que a abraçou e desatou a chorar. A mãe e o avô viraram lhe a cara. Aldo também não fazia grandes esforços para consolar a filha e instalara-se numa cadeira da sala de espera, onde folheava revistas e bebia café.

Por volta das seis da tarde, dois médicos da Unidade de Cuidados Intensivos falaram com Matilde. A falha orgânica múltipla, ou seja, o mau funcionamento progressivo e sequencial da maior parte dos órgãos vitais, precipitara-se na última hora. «Já não há esperança», pensou Matilde. Disseram-lhe para entrar com urgência. Al-Saud fez menção de a seguir, mas ela levantou a mão e negou com a cabeça.

- Roy, é a Matilde. - Devido à disfunção pulmonar, a sua pele tinha adquirido uma tonalidade azulada; tinham-no entubado. - Roy, ouves-me?

As suas pestanas levantaram-se debilmente até que entreabriu os olhos e fixou-os nela. Era fácil vislumbrar as garras da morte naquele olhar opaco. Matilde descobriu também o desespero com que ele a contemplava. Engoliu em seco para se desfazer do nó que a impedia de se exprimir.

- Sim, Roy, já sei. Queres que te perdoe. - Ele respondeu-lhe baixando as pálpebras. - Perdoo-te, do fundo do meu coração, perdoo-te. Tu perdoas-me por não te ter sabido amar como merecias? - Blahetter voltou a assentir da mesma forma. - Não sofras, meu querido, não sofras mais. Vou recordar-te com carinho e nunca com rancor. Juro-te. Não sofras mais.

Matilde afastou-se para deixar passar os pais de Roy. Minutos depois, ainda com o pranto da senhora Blahetter nos ouvidos, ouviu o apito longo e contínuo do monitor de

frequência cardíaca que anunciava a morte do homem que ela tinha humilhado e feito sofrer. Correu lá para fora e caiu nos braços de Juana e desatou a chorar amargamente. Al-Saud avançou até ela e deteve-se a um passo. Sentiu, quase como se de um muro se tratasse, a rejeição de Matilde. Ela não desejava a sua presença naquele momento. Pegou no blusão e nos óculos e desapareceu. Mal atravessou a porta principal do hospital, ligou a Diana e ordenou-lhe que fosse ter ao quarto andar, na Unidade de Cuidados Intensivos. Pôs o Aston Martin em andamento ao avistar os seus empregados a entrarem no Georges Pompidou.

Passava pouco das onze da noite quando Matilde entrou na cozinha da casa da avenue Elisée Reclus e perguntou a Leila em francês:

- Onde é que está o Eliah?

- Na sala de música.

Atravessou o espaço quase a correr sem se dar conta dos três semblantes estupefatos que deixava atrás de si. Diana, Sándor e Juana, com os lábios ligeiramente entreabertos e os olhos arregalados, contemplavam Leila como se lhe tivesse aparecido um terceiro olho. Compunham um qua-dro humorístico.

- Boa-noite, Leila - disse Sándor em bósnio, quase com medo, e Leila sorriu-lhe e abraçou-o sem dizer nada.

À medida que subia as escadas, Matilde ia tirando a shika, as luvas, o cachecol e o blusão. Teria desejado despir-se completamente e sentir na pele o ar quente da casa de Eliah. Lá fora estava um gelo. Lá fora, Roy estava morto e a sua família chorava-o. Lá fora, Aldo, com a sua cortesia fria e o seu trato distante, afundava-se na pena e na culpa que lhe esgotavam as forças. Ali dentro, naquele refúgio quente e onírico, estava Eliah. «Porque é que te foste embora? Porque é que me deixaste sozinha com eles?» Depois de sair dos braços de Juana, quase cega por causa das lágrimas e dos olhos inchados, procurara a sua figura alta e morena. «Foi-se embora», informou-a

Juana. «Quando saíste, ficou a olhar para ti durante um momento enquanto choravas, pegou nas coisas e foi-se embora. Talvez tenha pensado que querias estar sozinha.» Enquanto avançava para a sala de música, as ondas do som pulsavam no seu peito, e o ritmo do seu coração acompanhava o dos seus passos porque, de repente, o cansaço esvaíra-se. Em frente à porta fechada da sala de música, Matilde apoiou a mão na madeira. A música cessara e o silêncio deixou-a atordoad, sentiu os olhos a arder e um nó na garganta. As lágrimas transbordaram e um risinho misturado com choro fervilhou entre os seus lábios quando a música soou novamente; havia vida atrás da porta. Precisava da energia dos acordes para o enfrentar. Ficou quieta, com a testa e as mãos na porta, a absorver as vibrações. Conhecia aquela obra instrumental, uma das preferidas de Al-Saud; tratava-se de *Revolutions* de Jean-Michel Jarre; acabava de começar e soava a *Ouverture*. Evocou o dia em que a ouviu pela primeira vez, no carro desportivo inglês de Eliah, enquanto as levava ao Berthillon para tomar chá. Porque tinha medo de entrar? Porque sabia que o tinha marginalizado de propósito no hospital, uma espécie de castigo depois de saber que ele ameaçara Roy com uma pistola. Não gostava da facilidade com que empunhava a arma, ameaçava e disparava. «O que é que querias que ele fizesse? Fez o que qualquer homem com os tomates no lugar teria feito», defendeu-o Juana. «Mat», disse com ar condescendente, «o teu erro é ver os homens através da tua perspetiva. Dessa forma, terás sempre uma imagem distorcida. Os homens são o oposto de nós. Resolvem os

seus problemas à pancada. E depois tornam-se grandes amigos. Nós, pelo contrário, somos menos combativas, mas mais falsas. Não achas?»

Conteve a respiração quando a Overture atingiu o clímax que a tinha comovido naquela tarde no Aston Martin, uma explosão de saxofones que reavivou a sua energia. Rodou a maçaneta. Parou. Estaria fechada à chave? Continuou. A porta entreabriu-se, e a figura de Eliah perfilou-se na fresta. Estava sentado na cadeira Barcelona, inclinado para a frente, com os cotovelos nos joelhos, e segurava a cabeça com as mãos. Parecia irritado, vencido. Matilde entrou e fechou a porta atrás de si. O volume da música teria tornado impossível que ele ouvisse o leve barulho da porta; no entanto, a sua cabeça levantou-se e o seu olhar fixou-se nela. Não suportava que a contemplasse daquela forma. Que duros podiam ser os seus olhos da cor das esmeraldas! Que tenebroso era o seu sobrolho ao tornar-se numa linha! Que fina a sua boca! Viu-o levantar-se lentamente, como quem ganha tempo para reunir paciência para dirigir uma reprimenda não tão severa como a merecida. Tinha tomado banho, tinha o cabelo molhado penteado para trás, como ela gostava, e vestia um roupão de seda. Que belo era! A sua perfeição masculina humilhava-a. Depois de vinte e quatro horas sem dormir e de ter chorado durante quinze minutos, suja, com o cabelo despenteado e a roupa amarrotada, ela devia parecer um bicho. A angústia invadiu-a em ondas pequenas ao princípio, que lhe inchava a garganta; as ondas adquiriram uma dimensão gigantesca, despojaram-na de qualquer impedimento de permanecer incólume. Largou a shika, as luvas, o cachecol e o blusão, que caíram ao seu lado, e desatou a chorar com os olhos fechados e a boca aberta. Mais do que pranto, saiam-lhe gritos de dentro.

Al-Saud eliminou o espaço que os separava e abraçou-a. De seguida sentiu os dedos frios de Matilde que trepavam pela seda do roupão com o frenesim de quem tem um abismo às costas, e notou a mudança no choro, mais sufocado, mais profundo. Por último restaram os espasmos e o fungar do nariz. Como o cachorro recém-nascido que procura os seios da mãe, Matilde, na ponta dos pés, guiou-se com o nariz até encontrar o perfume de Eliah na base do seu pescoço. Ele tinha o hábito de se perfumar depois do banho. A familiaridade do A Men tranquilizou-a. «Estou em casa», disse para si mesma, e abraçou-o com mais força. Nem Aldo, com a sua nova atitude de dignidade ofendida, nem Juana, com o seu pragmatismo e frivolidade, a teriam confortado como o seu Eliah. «Meu Deus!», angustiou-se. «Quando chegar o momento, não vou ter forças para me separar dele.» Afastou a cara de Al-Saud e ousou olhá-lo. Ele afastou-lhe as madeixas coladas à testa e passou-lhe os dedos pela face para lhe secar as lágrimas.

- Porque me deixaste sozinha? Porque te foste embora?

- Pareceu-me que querias estar sozinha, que precisavas do teu espaço. Saíste da Unidade de Cuidados Intensivos e procuraste a Juana para te consolar - recordou-lhe, sem animosidade.

- Não podia chorá-lo nos teus braços.

- Nos meus braços podes chorar qualquer coisa, Matilde. Qualquer coisa. Não me teria incomodado nada consolar-te pela morte dele.

- Sim, eu sei. Sei que és generoso. Mas eu sentia-me suja e devastada pela culpa. Ele morreu porque me seguiu até aqui, porque eu dei com ele em doido, listava obcecado por mim. Se não tivesse vindo para Paris... as pernas encolhidas perto do queixo. - Eliah, não quero ir à Argentina para o funeral. Não quero - insistiu, apoiou a testa nos joelhos, e chorou em silêncio. - Quero acabar com esta fase horrível.

- Não regreses. - Embora o tenha pronunciado com cuidado, Matilde apercebeu-se da angústia na sua voz. - Fica comigo.

Levantou a cabeça e olhou-o fixamente. Na realidade, atormentava-a nada lhe importar para além do homem que partilhava o jacuzzi com ela. Não pensava em Roy nem no funeral, nem no seu papel de viúva, nada contava exceto a ideia atormentadora de se separar de Eliah.

- Não te sintas culpada - animou-a Al-Saud. - Faz o que quiseres. O que é que queres fazer?

«A Matilde quer ser tua para sempre, mas isto não seria justo para ti.»

- Quero ficar em Paris.

- Não se fala mais do assunto. A Matilde fica em Paris e vamos ver quem se atreve a contrariar o meu amor.

Fê-la rir, e de seguida o riso apagou-se. «Sacarias a tua pistola se alguém tentasse arrastar-me para a Argentina?»

- O que é que se passa?

- Irritei-me contigo quando soube que tinhas ameaçado o Roy com a tua pistola.

- Percebi que te irritaste. Ficaste fria comigo.

- Irritei-me muito - sublinhou. - Muito. Não tolero a violência.

- *Si vis pacem, para bellum.*

- Não sei latim, ou o que quer que isso seja.

- Acertaste, é latim. Significa: «Se queres a paz, prepara-te para a guerra.» É uma frase do escritor romano Vegécio. Daí que as munições de nove milímetros se chamem Parabellum.

Não sabia que as munições de nove milímetros se chamavam Para- hflliuii. A única coisa que sei é que a violência gera violência.

Não se acabares com o teu inimigo. Matilde - disse -, se um criminoso estivesse prestes a matar alguém que amas e tu tivesses uma arma na mão, o que farias?

- Suponho que a usaria, mas não sei. Nao sei como reagiria.

- Eu sei como reagiria. E demonstrei na segunda em frente a escola de línguas. Com o Blahetter aconteceu a mesma coisa. Ele magoou te profundamente e eu avisei-o de que já não estavas sozinha.É assim tão

- Matilde - Al-Saud apertou-lhe os ombros e abanou-a um pouco quero que tires essa ideia da cabeça. O Blahetter veio a Paris por outro motivo. Andava metido em algo muito obscuro, algo que talvez nunca saberemos, agora que morreu. Mas ele não morreu por tua causa. Pelo contrário, quase provocou a tua morte e a da Juana, não te esqueças.

- Não suporto o cheiro a hospital em mim. É um cheiro com o qual estou familiarizada há anos, mas neste momento não o tolero. Quero tomar um banho e tirar a roupa.

Apesar de já ter tomado banho, Al-Saud meteu-se no jacuzzi com Matilde e lavou-a tal como na noite do ataque em frente à escola de línguas, até lhe lavou o cabelo, sempre em silêncio. Passou-lhe muitas vezes a esponja pelas costas e pelos braços para a livrar da tensão que a afetava.

- Porque é que regressaste tão tarde? - sussurrou para não alterar a paz.

Viu como as costas de Matilde se arqueavam e como as costelas sobressaíam. Ouviu o suspiro que exalou antes de lhe responder.

- Eu só pensava em voltar para casa - disse, e ele sorriu, triunfante, quando ela disse «para casa». - Mas depois tudo se complicou. A mãe do Roy descontrolou-se, a tensão subiu-lhe muito e internaram-na. Depois chegou o assunto da papelada. Como não morreu de causas naturais, os médicos chamaram a Polícia. Levaram o corpo para ser autopsiado.

O senhor Guillermo, o avô do Roy, ligou ao cônsul, que veio logo ter conosco, e esteve duas horas a dizer-nos o que tínhamos de fazer. Queria vir-me embora, já não suportava estar ali, mas sentia-me obrigada porque... - parou.

-Porque, embora nunca o tenhas sido realmente, para todos eles eras a mulher do Roy.

- Sim, e porque sou uma idiota e faço sempre o que devo e não o que quero. - Matilde fechou os olhos ao sentir os lábios de Eliah nas suas costas. - Quero agradecer sempre.

- Comigo conseguiste. Agradas-me muitíssimo. - Ouviu-a rir sem vontade. - E olha que ao princípio te esforçaste por ser muito desagradável. Matilde voltou a rir-se. - O que é que o cônsul vos disse?

- Ula! Deixou-me tonta com tanta informação. O fato de termos de avisar a Polícia complica tudo, como era de prever. O meu sogro sugeriu que o cremassem quando nos devolvessem o corpo para regressar com as cinzas. Mas o senhor Guillermo mandou o calar e gritou lhe que regressariam com o corpo. - Matilde virou-se e ficou de frente para Eliah - com difícil de perceber? E lamento não ter sido mais duro. Fui demasiado... Como é que se diz? - impacientou-se - *Bienveillani*.

- Percebo. Foste benevolente. - Como não queria entrar em discussão pelas ideias que defendia em relação à violência, Matilde mudou de assunto. - Eliah?

-Sim?

- Achas que envenenaram o Roy?

- Vamos ter a certeza quando entregarem os resultados da autópsia.

- Custa-me a acreditar que o Roy já não esteja neste mundo. Era tão jovem e saudável e cheio de vida. Era brilhante. O Ezequiel disse-me uma vez que tinha um coeficiente de inteligência elevadíssimo, fora do comum. Acabou o secundário muito novo. Embora fosse zeloso com o seu trabalho e nunca falasse disso, uma vez disse-me que

estava a criar algo que nos tornaria ricos e que revolucionaria o mundo da energia atômica. Talvez mo tenha dito para me reter.

Apesar de se esconder atrás de uma máscara imperturbável, Al-Saud ficou alerta.

- Nunca te comentou que tipo de trabalho era esse?

- Não como te digo, era muito reservado. Não usava computador para trabalhar porque tinha medo de que um hacker roubasse a sua obra. Dizia-me: trabalho à moda antiga, como teria feito o Einstein.» Segundo ele, demorava mais mas era mais seguro. Oh, meu Deus! - sobressaltou-se de repente. Achas que o mataram por causa desse trabalho?

Não te atormentes. Tentemos não pensar neste dia infernal. Vamos sair, já tens a pele dos dedos enrugados. Quero que comas alguma coisa, Matilde. Não tocaste em nada desde o café da manhã.

Uma hora mais tarde, com o aroma da colônia Upa la la e com algo no estômago, Matilde adormeceu na concavidade que o tronco e as pernas de Al-Saud formavam. Ele, com a cabeça apoiada na palma da mão e com o cotovelo afundado na almofada, velava o seu sono. De vez em quando inclinava-se para lhe beijar a face morna e inspirar o cheiro a bebé. Não conseguia dormir porque na sua mente tinha um turbilhão de suposições e hipóteses. Em que estaria a trabalhar Blahetter antes de morrer? O que teria escondido no cofre da Gare du Nord e atrás do quadro? Haveria qualquer relação com o comércio de substâncias proibidas que o seu avô mantinha? Sentira-se estranho ao partilhar o mesmo espaço com o dono da Química Blahetter.

Na manhã seguinte, antes de Matilde acordar, fechou-se no escritório e fez duas chamadas, a primeira para o melhor amigo do seu pai, Maurício Dubois, um velho diplomata argentino que vivia em Londres; e a segunda para o inspetor Dussollier.

- Tio Maurice, é o Eliah.

- Meu filho, que alegria! A que devo a honra?

- Tenho de te pedir um favor.

- O que quiseres.

- Um conhecido meu faleceu ontem à noite aqui em Paris. É argentino. Queria perguntar-te se ainda mantens esses contactos influentes na Chancelaria do teu país que ajudem a família a tirá-lo rapidamente de França. A questão complicou-se porque, ao que parece, morreu de um envenenamento intencional e o caso está nas mãos da Polícia.

- É mesmo complicado. Trasladar um cadáver de um país para outro nunca é fácil. E se há questões legais pelo meio, a coisa piora. Vou ver o que posso fazer. Dá-me os dados do teu conhecido. - Al-Saud indicou-lhe o nome, a única coisa que sabia sobre Roy. - Diz-me uma coisa, Eliah, este ano vais à festa de aniversário da tua mãe? Há uns dias ela ligou à tua tia Evelyn

- Dubois referia-se à sua mulher - e convidou-nos para a festa no sábado, 21 de fevereiro, na casa da avenue Foch.

- Não sabia que a minha mãe estava a planear passar o dia de aniversário em Paris. Se estiver na cidade nesse dia e se ela me convidar, irei.

- Duvido que o faça - brincou Mauricio.

Mal acabou de falar com Dubois, ligou para o celular de Dussollier.

- Olivier, é o Eliah Al-Saud. Desculpa incomodar-te tão cedo.

- Eliah! Não há problema nenhum, homem. O que é que se passa?

- Ontem à noite levaram o cadáver de um homem jovem do Hospital Européen Georges Pompidou para a morgue policial. O seu nome era Roy Blahetter.

- Espera um momento. Ontem à noite não estive de turno e ainda ninguém me informou de nada. Acabo de chegar à base.

- Estás no 36 Quai des Orfèvres?

- Sim, apesar de ser sábado, estou a trabalhar. Deixa-me ver. Soletra-me o apelido.

- Al-Saud fê-lo e ao mesmo tempo ouviu-o teclar no computador. - Sim, aqui está. Era teu conhecido?

- Não muito, mas conhecia-o. É argentino. A sua família está muito angustiada. Queria perguntar-te se consegues acelerar os trâmites para que este pesadelo acabe e os Blahetter possam regressar com o seu corpo ao seu país para o enterrarem.

- Vou fazer os possíveis. Sou amigo do médico-legista, um bom tipo. Julgo que não se vai negar a dar prioridade a este caso.

- Obrigado, Olivier. Fico a dever-te outra.

Ligou a Thérèse.

- Bonjour, Thérèse. Desculpe incomodá-la numa manhã de sábado.

- Não há problema, senhor - garantiu a secretária, habituada às extravagâncias do chefe. O generoso salário compensava o ritmo febril ao qual a submetia aquele homem que tinha uma energia inesgotável.

- Preciso de oferecer qualquer coisa ao inspetor Olivier Dussollier da Brigada Criminal do Quai des Orfèvres.

- O que é que sugere, senhor?

- Uns botões de punho da Cartier - decidiu ao recordar a elegância de Dussollier. - Quero que os receba hoje mesmo com um dos meus cartões pessoais.

- Vou tratar disso, senhor.

- Diga ao Medes para levar o presente. *Merci beaucoup*, Thérèse.

Matilde passou o sábado na casa da avenue Elisée Reclus. Nadou na piscina, viu filmes com Juana na sala de cinema, fez exercício no ginásio com Eliah e tentou estudar Francês para o teste de segunda-feira porque pretendia continuar com a rotina diária. Precisava de esquecer a última semana que começara com o ataque em frente à escola de línguas e terminara com a morte de Roy. No entanto, não se conseguia concentrar; lia sem captar o sentido e não acertava na resolução dos exercícios práticos. Era perseguida pela última imagem de Roy, azulado e moribundo.

Ezequiel ligou-lhes várias vezes. Procurava o consolo que não encontrava nos pais, tão destroçados como ele, e ainda menos no avô, que não lhe dirigia a palavra.

Aldo convidou-as para jantar no Ritz Hotel, onde se alojava. Ambas declinaram o convite porque não incluía Al-Saud.

- O Ritz é um hotel muito caro, não é? - perguntou Matilde.

- É o mais caro de Paris juntamente com o George V e o Plaza Athénée - respondeu Al-Saud. - Porque estás com essa cara? O que te preocupa?

- Nada, nada - mentiu Matilde, porque não queria continuar a importuná-lo com os seus problemas familiares.

No domingo à tarde, Aldo voltou a ligar para o celular de Juana para os convidar, ao sujeito também, segundo esclareceu, para tomarem uma bebida no bar Vendôme do Ritz. Matilde aceitou porque, segundo disse, tinha de lhe dar uma cópia do novo jogo de chaves do apartamento da rue Toullier para que Aldo o entregasse a Enriqueta. Al-Saud achou que Matilde desejava ver o pai. O fervor com que se abraçaram no salão do Ritz confirmou a sua suspeita. Aldo beijou-a várias vezes no topo da cabeça, na têmpora e na testa e chamou-lhe minha princesa bonita, minha princesa adorada. Matilde choramingava e abraçava-se ao pai. À exceção de um rápido aperto de mão que lhe dispensou, Aldo fingia que Eliah não estava sentado ao pé da filha nem na sua frente. Na verdade, não se comportava de forma antipática ou grosseira; simplesmente, não podia olhar para ele, porque embora se parecesse com o pai, havia muito de Francesca De Gecco nas linhas do seu rosto escuro. Por outro lado, assolavam no uns ciúmes negros, algo que jamais sentira em relação a Roy.

A situação era violenta para Matilde. A sua inquietação diminuiu em parte quando o pai pediu um café. Temera que naquele ambiente voluptuoso do Vendôme, no qual os copos de conhaque e outras bebidas espirituosas passeavam nas bandejas dos empregados de um lado para o outro, Aldo sucumbisse à tentação. De qualquer forma, a tensão e o desconforto persistiram, um pouco pela presença de Eliah e também porque nenhum deles se atrevia a referir a morte de Roy.

Al-Saud não aprovava a escolha da mesa pois estava demasiado exposta. Não quis aumentar o nervosismo exigindo uma troca, por isso colocou-se junto a uma coluna de mármore paia proteger as costas e disse a Matilde que se sentasse ao seu lado. Ao princípio, falaram de temas comuns, até mencionaram o frio que estava. Depois a conversa esmoreceu e caíram num silêncio incómodo.

- Pai, tu sabes se o Roy estava a trabalhar nalguma coisa importante e perigosa?

- Não, não faço ideia - respondeu Aldo imediatamente, e foi isso que chamou a atenção de Al-Saud, que o fizesse sem uma pausa e sem aprofundar o sentido da pergunta, por isso a desconfiança alojou-se nele. - Por que é que me perguntas isso?

- Porque os homens que tentaram matá-las - interferiu Al-Saud - procuravam alguma coisa que o Blahetter tinha dado à Matilde.

- O meu pai não sabe do ataque, Eliah.

- Sabe, sim. A Juana disse-me que lhe contou.

- É verdade, Mat. Conte-lhe.

Matilde olhou-os desconcertada. Aqueles dois passavam a vida a cochichar.

- Eu sei - admitiu Aldo e agradeço que tenha protegido desses malditos. - Dirigiu-lhe um olhar fugaz e voltou a concentrar-se em Matilde. - Não te preocupes, princesa. Não to vai acontecer nada de mal.

- É claro! Porque o bonitão aqui presente nos protege, caso contrário. ..

- Porque é que vieste a Paris, pai?

- Que pergunta é essa? Para ver a minha princesa.

- Que bela vida tem, senhor Aldo - comentou Juana, enquanto os seus olhos negros se moviam de um lado para o outro para abarcarem os detalhes do Vendôme.

- Trabalho muito e gosto de ter alguns prazeres.

- O que faz, senhor Aldo?

- É um broker - interveio Matilde, na defensiva já te tinha dito, Juani.

- Como a Mat e eu nunca percebemos lá muito bem o que é um broker...

- Compro e vendo qualquer coisa em qualquer parte do mundo.

- E isso dá muito dinheiro, ao que parece.

- Se o fizeres bem e tiveres uma boa rede de clientes, sim.

- Pai, não me vais perguntar pela Celia?

- Já sei tudo sobre a tua irmã. O Jean-Paul contou-me onde está e porquê.

- Não vais vê-la?

- Não me deixam. Ainda não. Voltarei quando estiver na fase em que lhe permitem ver familiares e amigos. É o melhor para ela.

- Quando vais para Córdova?

- Vais? Vamos - corrigiu-a Aldo. - Partimos com os Blahetter quando lhes entregarem o corpo do Roy.

O silêncio voltou a apoderar-se da mesa. Matilde sentiu o calor da mão de Al-Saud no joelho; não o apertava, simplesmente pousara-a ali.

- Não vou sair de Paris, pai. Fico aqui.

- Matilde! Trata-se do funeral do teu marido. Como é que te passa pela cabeça não ir? Vai ser um escândalo para os Blahetter!

- Pai... - Al-Saud percebeu que Matilde fraquejava e começou a acariciar-lhe a coxa para lhe transmitir calma. - Pai, o Roy era o meu ex marido. Não há nada que me una à sua memória nem a sua família, que sempre me detestou. Não vou perder o meu tempo a agradar aos Blahetter. Vim a Paris com um objetivo e nada me vai desviar dele.

-Não vejo bem como é que cumpres o teu objetivo envolvendo-te com este sujeito.

- Pai! - Matilde levantou-se e tirou o blusão das costas da cadeira. Juana e Al-Saud imitaram-na. - Este sujeito chama-se Eliah e é o melhor homem que há na Terra. Como não és capaz de o tratar como ele merece, prefiro ir-me embora. Vamos. Quero sair daqui.

Minutos mais tarde, ao tentar apertar o cinto de segurança, Matilde reparou que as mãos lhe tremiam. Al-Saud ajudou-a e beijou-lhe a face.

- Fizeste o que realmente querias?

- Sim - sussurrou ela -, mas magoa-me tê-lo tratado mal.

- Se tivesses aceitado ir para Córdoba, estarias furiosa e frustrada, não? - Matilde assentiu. - O teu pai tem de perceber que é o teu pai, não é o teu dono. A vida é tua, e só tu podes decidir o que fazer com ela. Ninguém tem de se intrometer.

- Nem sequer tu? - provocou-o, e o seu olhar provocador parecia sorrir.

- Nem sequer eu - admitiu ele, contrariado.

Mal pôs o Aston Martin em andamento, o celular de Juana tocou.

- É o teu pai, Mat.

- Não quero falar com ele agora. - A segurança na sua voz espantou-a num primeiro momento e depois encheu-a de orgulho. Com aquela resposta tinha conquistado coragem.

Ao chegarem à casa da avenue Elisée Reclus, Al-Saud fechou-se no escritório e ligou a Vladimir Chevríkov.

- Lefortovo, preciso que investigues um homem chamado Aldo Martínez Olazábal. É argentino. E diz que é broker.

- Nunca ouvi esse nome. Assim que souber alguma coisa, ligo-te. Olha, Cavalo de Fogo, já está pronto o que me pediste, as fotografias retocadas.

- Vou buscá-las amanhã de manhã muito cedo, a caminho de Le Bourget. O que averiguaste sobre o Fauzi Dahlan?

- Nada de bom. É do grupo do Qusay Hussein.

- O filho do Saddam Hussein?

- O próprio, que agora tem a seu cargo a Polícia Presidencial, algo como uma Polícia secreta. Até onde consegui averiguar com os meus amigos iraquianos, o Dahlan era o braço direito do Abu Nidal Lefortovo referia-se ao terrorista palestino mais procurado pela CIA e pela Mossad, acusado de centenas de assassinatos. - Tal como acontece sempre com o Abu Nidal, essa amizade não acabou bem, e o Dahlan disponibilizou-se para servir o regime iraquiano. Dizem que é ele quem se ocupa das torturas. Quanto ao tal Udo Jirkens, lamento dizer-te que não tenho nada sobre ele. Falei com os meus contactos em Hamburgo e em Berlim e não o conhecem.

Na segunda-feira de manhã, os katsas Diuna Kimcha e Mila Cibirin encontravam-se na base da Mossad, na cave da embaixada israelita em Paris. Tinham solicitado uma teleconferência com o seu chefe, Ariel Bergman, e aguardavam a comunicação com uma certa ansiedade, dada a importância da informação que tinham.

- Shalom - disse Bergman, e os katsas responderam da mesma maneira.

Kimcha tomou a palavra.

- O sayan no Ritz avisou-nos de que o Mohamed Abu Jihad está lá hospedado há dois dias. - Kimcha tinha utilizado o nome muçulmano de Aldo Martínez Olazábal. - Também já sabíamos que o Adnan Kashoggi e o Ernst Glatt estão no Ritz há uma semana. Coincidência?

Bergman pensou durante uns segundos, os seus agentes não se atreveram a perturbá-lo.

- Não é coincidência - disse passado um momento. - O Abu Jihad está a tentar arranjar um fornecimento de armas, isso é óbvio, e pensa fazê-lo através do Kashoggi e do Glatt. Mas tanto o Kashoggi como o Glatt, embora sejam traficantes e não trabalhem de forma oficial, contam com o consentimento da CIA e com o nosso para o fazer, pois constituem uma fonte de informação valiosíssima. Em breve saberemos para quem são as armas que o Abu Jihad está a tentar comprar.

- O nosso sayan no Ritz tirou estas fotos - disse Cibirin, e no ecrã de Bergman em Amsterdã passaram várias imagens de Abu Jihad e de Eliah Al-Saud a tomarem café num bar luxuoso na companhia de duas mulheres jovens. A fotografia deixou Bergman sem palavras. - É o Eliah Al-Saud.

- Sim, reconheço-o. Qual é a identidade das mulheres?

- Não sabemos - admitiu Cibirin. - Estamos a trabalhar nisso. Tiveste notícias do Salvador Dali?

- Ligou-me na semana passada para me dizer que ainda não tem nada.

- Ariel, uma última coisa- interveio Diuna Kimcha. - O Guillermo Blahetter chegou a Paris num voo privado. O seu neto, o Roy Blahetter, morreu há três dias no Hospital Européen Georges Pompidou. A causa é desconhecida, por isso o corpo será submetido a uma autópsia. O nosso sayan na Polícia Judiciária passarnos-á o relatório assim que o médico-legista acabar o seu trabalho.

- É determinante que me comuniquem esse resultado assim que o obtiverem - insistiu Bergman. - O que descobriram sobre o Udo Jürkens?

- Nada.

Ariel Bergman resmungou para si mesmo. A trama tornava-se complexa.

Matilde passou essa semana atordoada. Desorientava-a a ausência de Eliah, e essa confirmação - de que não podia viver sem ele - aterrorizava-a. Na segunda-feira levantou-se às seis para tomar o café da manhã acompanhada, antes de ele partir para o aeroporto. Eliah não lhe dissera para onde viajaria e ela não perguntou. Distraída enquanto o ajudava

a ultimar a bagagem, quase alegre por participar nessa atividade tão íntima, e sentindo-se feliz quando Al-Saud pegou na sua fotografia da mesa de cabeceira e a guardou na mala, não previu o quanto sofreria ao despedir-se e ao dar-se conta de que não o veria durante vários dias, ele não precisou quantos. Despediram-se na privacidade do quarto, ela ainda em camisa de noite e roupão; ele, soberbo, no seu terno Brioni cinzento-escuro e aço e com sapatos ingleses pretos, envolvido no aroma de Givenchy Gentieman.

- Peço-te - disse ele com os olhos fechados, roçando os lábios de Matilde -, não cometas nenhuma imprudência. Não te exponhas inutilmente. Promete-me que vais ter cuidado contigo!

- Prometo, meu amor.

- Quero que saibas que não sairia de Paris se não fosse estritamente necessário. Há assuntos de negócios que não posso continuar a adiar.

- Não o faças, não adies nada por mim.

- A Diana e o Sándor vão proteger-vos muito bem. E estão todos avisados. Ficaste com os números dos celulares do Alaman, do Tony e do Mike?

- Sim, sim, tenho tudo.

O beijo final era o que Matilde evocava quando a inquietação a invadia. Fechava os olhos e projetava-o na sua mente como se fosse a cena preferida de um filme. Fazia-o quando acordava às três da manhã, sozinha na cama de Eliah, ensopada em suor, ainda confusa com os fragmentos de um sonho ininteligível no qual se misturavam as caras de Roy, de Celia e de Aldo. Repetiu o exercício quando Ezequiel lhe ligou na quarta-feira à noite para a informar de que a autópsia declarava que tinham injetado na coxa esquerda de Roy uma dose do tamanho da cabeça de um alfinete cheia de ricina, um dos venenos mais potentes que existem. Voltou a fazê-lo quando os sogros e o avô Guillermo lhe ligaram para a censurarem por não voltar a Córdoba com eles. Evocou o também na quinta-feira enquanto esperava na sala da Polícia Judiciária pai a responder às perguntas de um inspetor chamado Dussollier. Perguntaram se conhecia as atividades do marido; se Roy tinha inimigos; se sabia quem lhe tinha dado a sova que o levava ao hospital; se era viciado em drogas; se se encontrava com pessoas «estranhas»; se tinha amigos estrangeiros. Ela respondeu que não a quase tudo o que não sabia. «Estávamos separados», repetia, embora isso parecesse não interessar a Dussollier. Nessa ocasião, fora acompanhada por Alaman e o advogado de Eliah, o doutor Lafrange. Diana, Sándor e Juana mantiveram-se por perto. Ao sair da sede da Polícia Judiciária, levantou o rosto e permitiu que a chuva o lavasse. Deu o braço a Alaman e caminhou em silêncio pelo Quai des Orfèvres até que ganhou coragem para sussurrar:

- Quando é que o teu irmão regressa?

- Como? - perguntou Alaman, e inclinou-se para a ouvir.

- Perguntei quando regressa o teu irmão.

Alaman notou que as faces de Matilde coravam, como se se envergonhasse por perguntar pelo homem com quem vivia.

- Não te ligou? - Matilde abanou a cabeça para negar. - Prometeu à minha mãe que estará presente na festa de aniversário dela, no sábado. Suponho que cumprirá a sua palavra.

- A tua mãe faz anos no sábado?

- Na verdade, faz hoje a 19 de fevereiro, mas a festa vai ser no sábado. Ela pediu-me para te convidar a ti e à Juana.

O Eliah não me disse nada. Talvez seja melhor não irmos.

- Oh, Mat! Que chata que és!

Claude Masséna não estava com bom ar. Ao seu aspeto normalmente descuidado juntavam-se umas olheiras marcadas e um tremor nas mãos. Tomou um ansiolítico para diminuir o pânico no qual vivia desde que aceitara trabalhar para aqueles homens, os que lhe deram a alcunha com o nome do pintor espanhol. Abandonou a sua mesa na base e passou pelo banheiro antes de se escapular para a estação de metro Alma-Marseau. Tinha urgência em ligar-lhes para os informar onde teria lugar a próxima troca de informações. Apesar de não saber de que se tratava, suspeitava que era algo valioso. Pôs o carro em andamento e esperou, tamborilando os dedos no volante, até que o elevador de carros o deixou ao nível da rue Maréchal Harispe. Conduziu rapidamente, passando alguns semáforos com o sinal vermelho; tinha urgência em regressar, não queria que os chefes se apercebessem da sua ausência e lhe fizessem perguntas. Tremia-lhe a mão quando introduziu a moeda no telefone público da estação.

-Sim?

- Picasso? É o Salvador Dali.

- Podes falar - disse Ariel Bergman.

Fora uma semana intensa, dessas que ele, no passado, adorava viver e que aumentavam a sua energia. No entanto, esta tinha-se convertido numa maratona contra o tempo e contra as obrigações para regressar a Paris, a Matilde. Sentado a uma mesa do Scott's, o luxuoso restaurante londrino da Mount Street, onde costumava desfrutar de requintados pratos de peixe, ansiava pelo momento em que voltaria a vê-la. Nessa sexta-feira à noite esperava Madame Gulemale para jantar, por isso o seu regresso a Paris seria adiado para o dia seguinte. Gulemale tinha-lhe ligado na quarta-feira, quando ele estava em Beirute, e tinham combinado encontrar-se nessa noite, em Londres. Não tinha vontade de a ver; não seria fácil deixá-la de bom humor sem o habitual encontro íntimo na suíte do Dorchester, o hotel preferido da traficante de armas. Contudo, era preciso que Gulemale ficasse contente para lhes facilitar as coisas no Congo, de modo a que o israelita Shaul Zeevi obtivesse o seu maldito coltan. Gulemale exigiria uma tarifa pela sua intervenção, contemplada no contrato assinado entre a Mercure e Zeevi e que não devia ultrapassar os dez milhões de dólares.

Olhou para as horas. Oito e vinte. Estava cansado. Tinha dormido pouco ao longo dos últimos cinco dias. Fez um esforço para apagar Matilde da sua cabeça e concentrou-se em rever os fatos da semana, que tinham começado em Amesterdã, num bar de beira de estrada em Bijlmer, onde teve lugar o segundo encontro com Ruud Kok. Sentaram-se a uma mesa afastada, num canto mergulhado na penumbra, depois de Al-Saud revistar o jornalista holandês no banheiro para confirmar que não levava gravadores, nem máquinas de filmar nem microfones. O jornalista, incomodado, sentou-se em frente de Al-Saud, que

esvaziou o conteúdo de um envelope na mesa. Várias fotografias deslizaram pela superfície até ao jornalista, que as estudou uma a uma.

- Estas fotografias foram tiradas por Moshe Bouchiki, um cientista do Instituto de Investigações Biológicas de Israel. Foi ele que me garantiu que o voo da El Al transportava pelo menos duas das substâncias para fabricar agentes nervosos (tabun, sarin, soman) e que o faziam com regularidade a partir de um laboratório em Nova Iorque e de outro na Argentina. Aqui, nas fotografias, mostra-se a parte do instituto destinada ao desenvolvimento dessas armas químicas. Nestas duas fotografias aparecem os registos da entrada do metilfosfonato de dimetilo, do cloreto de tionila, do cianofosfato de etilo, do metil-fluorofosfato de isopropilo e das outras substâncias utilizadas no fabrico dos gases.

- Sim, sim - disse Kok, com uma expressão de fascínio enquanto passava as fotografias -, são todos compostos organofosforados, como os que se utilizam em vários inseticidas.

- Vejo que percebe do assunto.

- Estive a investigar - admitiu. - Seria fantástico entrevistar o cientista, o...

- O Moshe Bouchiki. Será impossível. Foi assassinado há onze dias no Cairo.

Os lábios de Ruud Kok entreabriram-se, os seus olhos arregalaram-se de espanto.

- Não sabia. Que estranho! Não li isso em nenhum jornal.

- O facto ocupou um espaço insignificante nos jornais locais e não teve qualquer relevância internacional. - Entregou-lhe quatro recortes de jornais do Cairo em árabe. - Dar-lhe-ei os dados de que precisar e poderá mandar traduzir isto para corroborar o que lhe digo.

- Sim, vou fazê-lo. Agora, estou a ouvir - disse Kok e abriu um bloco de notas.

Al-Saud relatou-lhe a troca no Hotel Semiramis Intercontinental do Cairo e o ataque sofrido a partir do Nilo.

- Uau! E como um filme do James Bond.

- Kok, é importante que publique a reportagem na próxima semana.

- Na próxima semana? - balbuciou o jovem. - Não tenho provas fidedignas de que o voo da Hl Al transportava estas substâncias. As fotografias são eloquentes, mas não há documentação que comprove o que tanto preciso de provar.

- A morte do Bouchiki atrasou os meus planos, como deve perceber - disse Al-Saud. - No entanto, em breve teremos aquilo de que precisamos para fechar o círculo em redor deste tema. Entretanto, preciso que publique estas fotografias e revele a morte do Bouchiki. E que, subtilmente, o relacione com o que aconteceu neste bairro há dois anos. Isso favorecerá o nosso caminho.

- Na semana que vem é muito em cima da hora - insistiu Kok. - Preciso de verificar se a documentação apresenta falhas. Poderia perder o meu emprego se alguma coisa fosse falsa.

- Kok - impacientou-se Al-Saud -, como diabos pretende verificar isso? Indo a Ness-Ziona, ao instituto, batendo à porta e pedindo autorização para verificar se tudo o

que está nestas fotografias é real? Garanto-lhe que o que fiz para contactar o Bouchiki em Ness-Ziona deixaria a um canto qualquer filme do James Bond. Não me parece que tenha capacidade para fazer o que eu fiz. Ou tem?

- Não, claro que não. Mas...

- Esta reportagem pode converter-se na oportunidade para catapultar a sua carreira para a fama. Pelo menos, com esse material, começará a pôr em causa a inocência que a El Al proclama há dois anos. Não julgue que eu não sei que os seus colegas o ridicularizaram por defender a teoria sobre as substâncias tóxicas. Será uma boa vingança. - Uma pausa, seguida de uma inflexão no tom de Al-Saud, inquietou Kok. Se não está disposto a publicar a reportagem na próxima semana, receio bem que terei de recorrer a um amigo no The Sun, de Londres. Teria preferido que fosse você a publicá-la, já que esteve envolvido neste assunto desde o próprio acidente, mas se os seus escrúpulos o impedem...

- Fá-lo-ei - disse o jornalista. - Não sei em que dia da próxima semana, mas vou fazê-lo. Primeiro terei de falar com o meu chefe de redação.

- Aconselho-o, para o seu próprio bem, a guardar estas fotografias num lugar seguro e a mostrá-las apenas a pessoas da sua mais absoluta confiança. Há muito em risco, Kok. Isto não é uma brincadeira.

- Eu sei.

- Tenho de me ir embora. - Al-Saud levantou-se e deixou uma nota de dez florins para pagar os cafés. - Não me ligue, não tente contactar-me. Eu comunico consigo quando tiver o resto da informação.

- Senhor Al Saud - Eliah virou-se para olhar para ele quando é que posso entrevistá-lo para o meu livro sobre as empresas militares privadas?

Al Saud lançou-lhe um sorriso sarcástico que incomodou Ruud Kok.

- Empresa Militar privada? É esse o eufemismo para mercenários? Por acaso não se atreve a pronunciar esta palavra na minha presença? Mercenário ri com sinceridade perante a perturbação do jovem holandês. - Publique a reportagem, Kok, e depois acordamos as condições da entrevista.

Saiu do bar e caminhou vinte metros até a entrada do metro que o levaria ao centro de Amsterdã. Passou junto ao com vidros fumados onde Dingo e Axel vigiavam Ruud Kok. Baixou o rosto para falar ao microfone oculto na gola de lã do seu blusão Hogan,

- Acabo de o deixar sozinho. Coloquei o transmissor e o microfone de acordo com o previsto. Não o percam de vista. Nem um segundo. Já sabem, quero que o protejam como se tratasse dos vossos próprios traseiros.

- Entendido, chefe

Depois das duas da tarde, o Gulfstream V descolava em direção à base aérea de Dhahran, na Arábia Saudita, à qual chegou cinco horas depois. Devolvido os controles do avião ao comandante Paloméro e confortavelmente instalado na sua cadeira, teve vontade de ligar a Matilde, mas, com o telone encriptado na mão, acabou por não o fazer. Sabia que daria uma desculpa estúpida já, que lhe importava nada que estivesse na escola de línguas Juana tinha lhe prometido que não desligaria o celular nem sequer durante as

horas de aula porque é que não lhe ligava? Queria castiga-la pelo desvelo com que tinha cuidado do verme do Roy Blahetter? Por tê-lo chorado ou por ter sido rejeitado quando quisera consolá-la? Abanou a cabeça. Não, a raiz de sua rebeldia atingia profundidades mais obscuras e relacionava-se com ela e não com o ex marido. Há algum tempo que ele sabia de que é que se tratava: temia Matilde porque a sentia inalcançável.

Queria que sofresse com a sua ausência que padecesse a incerteza de não saber dele, que sentisse a sua falta. Começava a se dar conta de que, quando temia algo, reagia como um animal; atacava. No fim, ligou a Sándor e ficou calmo quando o bósnio o informou de que estava tudo bem.

Na segunda-feira à noite jantou num luxuoso restaurante de Dhahran com o tio, o príncipe Abdul Rahman, comandante da Real Força Aérea Saudita, e dormiu na base aérea. Na manhã seguinte encontrou-se com quatro velhos colegas de l'Armée de l'Air que convocara para trabalhar no novo programa de instrução de recrutas. Dois, tal como ele, tinham saído algum tempo depois de terminar a Guerra do Golfo; o outro fora expulso por não obedecer a uma ordem enquanto perseguia um avião que invadira o espaço aéreo francês; o quarto, que se reformara, ainda tinha energia para continuar a treinar, segundo afirmava. As reuniões continuaram ao longo de terça-feira. Não era fácil ser intermediário entre os seus colegas franceses e os militares sauditas. O problema não estava no obstáculo da língua, já que todos falavam inglês, mas sim na eterna desavença entre os costumes orientais e ocidentais. Al-Saud suspeitava que o programa não avançaria a menos que os seus colegas de l'Armée de l'Air se adaptassem aos costumes dos seus pares sauditas, entre os quais não se enfurecerem sempre que os pilotos desaparecessem para cumprir o preceito corânico do salá. Também não seria fácil para esses quatro franceses prescindirem das bebidas alcoólicas, proibidas em território saudita. O pagamento polpudo compensaria em parte as dificuldades de viver numa sociedade tão diferente. Não obstante, existiam costumes que não se alteravam nem com uma fortuna como estímulo. Seguiria de perto o desenrolar do programa de instrução, já que o acordo exigia a sua presença uma vez por mês na base aérea, para avaliar o progresso dos recrutas.

Na quarta-feira, de manhã bem cedo, o Gulfstream V aterrisou no Aeroporto Internacional Rafic Hariri, em Beirute. Al-Saud entrou no país com um passaporte argentino em nome de Ricardo Mauro Lema. Apanhou um táxi, um velho Mercedes Benz, e indicou ao motorista que o conduzisse ao Embassy, na rua Makdessi, um hotel de baixa categoria, mas calmo e bem localizado, a um quarteirão da Hamra, a artéria comercial da cidade. Apre-sentou-se no balcão do Embassy e informou que tinha uma reserva. Ninguém o acompanhou ao quarto 208, no segundo andar.

Tirou o casaco; estava calor. Olhou à sua volta. Havia uma porta que comunicava com o quarto contíguo, o 210. Bateu com um golpe seco, e a voz de Peter Ramsay convidou-o a entrar. Cumprimentaram-se com um aperto de mão. Al-Saud reparou que a persiana estava fechada e que Peter trabalhava com luz artificial. Numa mesa, colocara o equipamento que incluía vários aparelhos, entre eles um computador portátil e uma pequena antena de satélite; estava com os fones pendurados ao pescoço.

- Podes falar à vontade. Este quarto e o teu estão limpos.

Na reunião que tiveram na base dias antes, tinham acordado que a falsa troca de provas se faria no dia seguinte, quinta-feira, 19 de fevereiro, à noite, no bar Tropicale do Hotel Summerland, na avenida Jnah. Tinham escolhido aquele resort à beira do Mediterrâneo porque Al-Saud o conhecia bem. Um dos rapazes de Ramsay, Franky, registar-se-ia no Summerland com o nome de Mark Levy e passaporte inglês. Na quinta-

feira, Peter Ramsay vigiaria as imediações, e lá dentro estaria Gabriel, outro membro da sua equipe.

- Teria preferido que o Amburgo te protegesse a retaguarda em vez do Gabriel, mas mandaste-o perseguir os três desgraçados iraquianos em Paris - queixou-se Peter.

- Esses três desgraçados iraquianos ainda nos podem ser muito úteis. São eles que nos vão guiar ao tipo que entrou no apartamento da rue Toullier.

- Está bem, está bem, como queiras. Tanto o Gabriel como o Franky garantem que há pelo menos quatro pessoas a vigiar o Summerland.

- O peixe está prestes a morder o anzol.

- Assim parece. Tem cuidado - aconselhou Peter.

Al-Saud não se sentia confortável com a missão porque, devido à morte de Blahetter, praticamente não participara no seu planeamento. Na verdade, pensou, não havia muito para planejar. Lançada a armadilha, só restava esperar que os atacantes do Cairo reaparecessem em Beirute para confirmarem a suspeita: que tinham um infiltrado na Mercure e, inclusive, se estivessem com sorte, descobririam quem estava por trás. Só alguns empregados conheciam os detalhes da suposta troca, entre os quais Masséna, o principal suspeito.

O celular de Al-Saud tocou, e Ramsay desviou-o para uma linha segura antes de Eliah atender. Era Dussollier.

- Acabo de receber o resultado da autópsia do teu conhecido, o Roy Blahetter. O médico-legista deu-lhe prioridade, tal como lhes pedi - acrescentou.

- Obrigado, Olivier.

- A coisa é mais complicada do que imaginávamos, Eliah. Mataram o tipo com ricina, um alcalóide altamente venenoso, sem antídoto até ao momento. Injetaram-lhe na coxa um pequeníssima dose com um quantidade tão elevada que o liquidou em dois dias. Esta não é uma tecnologia à qual qualquer criminoso tenha acesso. O que sabes sobre o Blahetter?

- É verdade - concordou Dussollier. - No entanto, isto cheira a ação de um grupo terrorista, por isso o procurador vai pedir ao departamento do Edmé de Florian para integrar a investigação.

«Isso é bom», pensou Al-Saud.

- O que é que sabes sobre o Blahetter? - insistiu Dussollier.

- Pouco ou nada. É um conhecido, nada mais. Sei que era engenheiro nuclear, formado com elevadas qualificações, mas não sei onde trabalhava nem nada da sua vida.

- Os médicos do Georges Pompidou mencionaram que a mulher esteve com ele enquanto agonizava. Temos um número de celular. Vamos ligar para ela para vir prestar declarações. - O frio no estômago invadiu os pulmões de Al-Saud e congelou-lhe a respiração. - Para além disso - continuou Dussollier temos a declaração da enfermeira-chefe que garante ter visto um desconhecido a sair do quarto do Blahetter na noite de

quarta-feira, 11 de fevereiro. Preparámos um retrato robô, não muito bom, devo admitir, porque a enfermeira chefe o viu ao longe, no corredor, com pouca luz.

- Importas de me enviar?

- Naturalmente. Dá-me um número de fax e envio agora.

Al Saud tapou o celular e exigiu a Ramsay em voz baixa:

- Um numero de fax Agora. Ramsay escreveu-lho e Eliah repetiu-o a Dusaollier. - Envia o assim que puderes, Olivier. E obrigado por tudo.

- Eu é que agradeço disse o inspetor com tom intimista. - Os botões de punho Cartier são uma maravilha.

- Isso não é nada. Uma lembrança detalhe para compensar um pouco todos os incômodos que te causei ultimamente. - Despediram-se. - *Merde!* - resmungou Al-Saud, e de seguida disse: - Peter, liga-me ao Alaman. Encontra-o, seja lá onde for. - Uns minutos depois, Al-Saud saudava o seu irmão: - O Dussollier, um inspetor da Polícia Judiciária, acaba de me comu-nicar que o Blahetter foi envenenado com ricina. Vai ligar para o telemóvel da Juana e pedirá para falar com a Matilde. Exigir-lhe-á que compareça no Quai des Orfèvres para prestar declarações. Quero que a acompanhes min o meu advogado, o doutor Lafrange. Diz-lhe que não deve mencionar nada sobre o ataque em frente à escola de línguas nem sobre o quadro. Que declare que estavam separados e que ela desconhecias as atividades do ex-marido, o que é verdade. Meu irmão, confio-ta. Não a deixes sozinha por um segundo. Temo que quem assassinou o Blahetter ande atrás dela.

- Fá-lo-ei. Não te preocupes. Quando regressas?

- Provavelmente no sábado. Prometi à mãe que estaria na festa de anos dela. - Mal desligou, ligou a Sándor. - Onde estão?

- Em tua casa. As senhoras estão a almoçar. Daqui a pouco, vamos para a escola de línguas.

- Sanny, ouve-me bem. Não permitas que ninguém se aproxime da Matilde.

- Sim, já sabemos - respondeu o bósnio com um tom de tédio.

- Não, não sabem! - explodiu Al-Saud. - Assassinaram o ex-marido da Matilde injetando-lhe veneno na perna. Não permitas que ninguém se aproxime dela! *Merde!* Não devia deixá-la sair de casa - balbuciou precipitadamente. - Sanny, qualquer um pode passar perto dela e picá-la, percebes? Não sei, com um guarda-chuva, a antena de um celular, arranhá-la com um anel, qualquer coisa e, na verdade, estariam a injetar o veneno. Sanny, ouve-me bem: estamos a enfrentar um inimigo poderoso, cheio de recursos. É imperativo que tu e a Diana agucem os sentidos. Entra na sala de aulas e senta-te atrás dela.

- Ela vai achar estranho. Fico sempre fora da sala.

- Não quero saber se lhe parece estranho! Diz-lhe que a ordem foi minha e pronto.

Enquanto comiam umas sandes, chegou o retrato-robô através do computador de Ramsay. Este imprimiu-o e entregou-o a Al-Saud depois de lhe dar uma olhadela.

- Não se parece com o tipo das imagens no apartamento da rue Toullier - comentou Peter.

Havia uma nota de Dussollier escrita à mão na parte de baixo do desenho: «A enfermeira-chefe afirma que era alto, com cerca de um metro e noventa, e robusto. Tinha o cabelo muito curto, mas não conseguiu ver a cor devido à fraca iluminação.»

Depois de tomar banho e de vestir roupas confortáveis, uns jeans azul-claros e uma túnica branca Christian Dior, Al-Saud calçou os Serengeti e saiu do hotel com ar de turista. Queria caminhar para verificar se alguém o seguia. Dirigiu-se à rua Hamra e caminhou para oeste, até ao Mediterrâneo. Entrou numa joalheria e comprou para Francesca um colar de várias voltas de pérolas com um pingente em forma de gota com pequenos brilhantes e um grande rubi no meio. Voltou ao hotel seguro de que ninguém o vigiava e sentou-se a ver televisão; queria distrair-se. Mudava de canais sem reparar no que via, a pensar em Matilde o tempo todo, sentindo a falta do som da sua voz, até que pousou o comando e procurou a sua fotografia na mala. Ficou a contemplá-la, animando-se a imaginá-la a preparar aquele presente para ele. «Talvez», pensou desanimado, «tudo se trate de um grande sentimento de gratidão por tê-la ajudado a superar o seu trauma em relação ao sexo».

Consultou o Breitling Emergency. Oito da noite. Em Paris eram sete. Estaria a regressar da escola de línguas. Não aguentava o martírio que se tinha imposto, com vestígios de castigo para ela. O seu estado de espírito mudou, e a situação pareceu-lhe ridícula, considerou-a o ato de um adolescente. Foi ao quarto de Peter para lhe telefonar de uma linha segura. O seu celular tocou. Ramsay usou a sua parafernália eletrônica para se assegurar de que a chamada não seria ouvida por metade dos Serviços Secretos do mundo.

- Olá, *chéri*. - A voz cavernosa de Madame Gulemale surpreendeu-o.

- Estou em Londres e quero ver- te. Amanhã mesmo.

Al-Saud esboçou um esgar.

- Olá, Gulemale. Assim lhe chamavam, e ninguém sabia se se tratava do seu nome de batismo, do apelido ou de um pseudónimo. Temo que o nosso encontro terá de ser adiado para sexta-feira, a menos que isso contrarie o teu doce carácter.

Ouviu-se uma gargalhada sensual do outro lado da linha.

- Por ti, querido, abrirei uma exceção. Reservo uma mesa no nosso restaurante preferido? Para sexta às oito e meia?

- Parece-me fantástico.

Depois de desligar, voltou ao quarto e deitou-se na cama à espera dos relatórios de Franky e de Gabriel. Já não tinha o mesmo desejo de falar com Matilde. Para dizer a verdade, o desejo de a ouvir persistia. O que tinha ganhado força era uma perturbadora necessidade de a fazer sofrer. Estaria a consegui-lo? Matilde repararia que ele não lhe tinha ligado? Censurá-lo-ia no seu regresso ou recebê-lo-ia com a sua doçura habitual sem se queixar de nada? Ela nunca lhe ligava.

Mais tarde, antes de se ir deitar, falou com Alaman e perguntou por ela.

- Vejo-a apagada, muito calada. Quando diz alguma coisa, fá-lo num tom de voz mais baixo do que o normal. Tenho de me baixar para a ouvir. Acho que a morte do ex-marido a deprimiu bastante. E o pai e os sogros, que não a deixam em paz, não a ajudam a ficar mais animada.

Um sabor amargo inundou-lhe a boca. Levantou-se da cama, apoiou o cotovelo na perna e tapou a testa com a mão. Estavam a atormentá-la, lembravam-lhe o seu papel de mulher daquele verme que, primeiro, a tinha violado para depois a envolver numa intriga de dimensões inesperadas. Estavam a magoá-la, abusando do seu coração compassivo. Acabaria por ceder e viajaria a Córdoba para o funeral de Blahetter. A simples ideia de regressar à casa da avenue Elisée Reclus e de não a encontrar mergulhou-o num pânico que o levou a dizer:

- Alaman, não permitas que a Matilde regresse a Córdoba. Não permitas que esses filhos da puta a levem.

- Não te preocupes, Eliah - tranquilizou-o Alaman, sobressaltado pela veemência do irmão mais novo. - Quem se ocupa disso é a Juana. Tens nela a tua melhor aliada.

A falsa troca estava anunciada para quinta-feira, 19 de fevereiro, às dez da noite. Familiarizado com o bar Tropicale, Al-Saud dirigiu-se a uma mesa próxima do piano. Sentou-se de costas para a parede. Olhou para as horas: cinco para as dez. As vozes de Peter, Franky e Gabriel ressoavam no pequeno fone no seu ouvido direito. Estudou o ambiente à sua volta. Não havia muitos clientes, nem no balcão nem nas mesas. Fingia beber um whisky; embora tivesse gostado de álcool, não o teria bebido pelo risco de conter um narcótico; e pedira um whisky porque, caso estivesse a ser vigiado, queria que os seus inimigos julgassem que os seus reflexos estavam diminuídos. Voltou a consultar o relógio com um gesto impaciente. Dez e dez. O suposto informante, o tal Mark Levy, estava atrasado. De facto, Mark Levy nunca apareceria. De acordo com o combinado, Al-Saud levantou-se da mesa depois das dez e um quarto e dirigiu-se ao banheiro dos homens.

- Já estou dentro do banheiro - informou Al-Saud.

- Três sujeitos vão atrás de ti - informou Franky. - Não consigo ver se entram no banheiro - admitiu o agente no momento em que a porta se abria e os tipos entravam.

- Estão aqui - sussurrou Eliah em frente ao mictório, com a cabeça baixa, enquanto simulava urinar quando, na verdade, seguia os movimentos dos homens no espelho e pelo canto do olho. Um trancou a porta de acesso sem fazer barulho. O outro colocou-se no urinol contíguo. O terceiro foi lavar as mãos.

Al-Saud puxou o fecho das calças e aproximou-se de um lavatório. Prestes a colocar sabão líquido na mão, baixou-se para esquivar a cotovelada do que lavava as mãos ao lado dele e que se destinava ao seu pescoço. Lançou-lhe um murro nas costas, e o homem gemeu, dobrou-se sobre a barriga, sem fôlego. Os outros dois colocaram-se lado a lado, em frente de Eliah. Este, sem escapatória, começou a retroceder até ao mármore dos lavatórios, até tocar na fria superfície. O que tinha ficado sem fôlego levantou-se, mais recuperado, embora com a dor estampada no rosto, e passou a fazer parte do semicírculo que se fechava à volta de Al-Saud. Os três tiraram facas de aço preto, com buracos no cabo. Eram umas armas bran-cas esplêndidas, típicas dos grupos militares de elite.

Tudo aconteceu num abrir e fechar de olhos e reagiram tarde. Al-Saud, fazendo pressão sobre as palmas, trepou pelo mármore e saltou por cima das cabeças dos atacantes indo aterrar atrás deles, no espaço livre da casa de banho. Deu um pontapé ao que já tinha

recebido um murro, atingindo-o no mesmo lugar, nas costelas magoadas. O homem gritou e caiu no chão.

De seguida, os outros dois lançaram-se sobre ele e, pela forma como se moveram e o atacaram, Al-Saud identificou a técnica de luta krav magá, a que era utilizada pelos grupos especiais do Exército israelita e pelos kidonim da Mossad. Eram muito bons, ágeis e precisos. Al-Saud não parava quieto, mexia os pés constantemente, primeiro para simular que avançava no ataque, depois para retroceder em atitude defensiva. Confundia-os, mantinha-se afastado, depois colocava-se-lhes ao alcance dos braços. Estavam nervosos, não só pelo seu adversário escorregadio, mas pelos pontapés e gritos dos homens que tentavam abrir a porta da casa de banho.

- Cavalo de Fogo! - vociferava Ramsay. - Estás bem?

- Tudo sob controle.

Os atacantes lançaram umas quantas rasteiras até que se atiraram para cima de Al-Saud num ataque conjunto, com as facas apontadas à sua barriga. Eliah, utilizando a mesma técnica, a krav magá, agarrou no braço do que estava à sua direita e partiu-o, enquanto que com um pontapé partiu o pulso do que investiu pela esquerda. Terminou o seu trabalho com um murro na cara deste último para o deixar inconsciente. Aproximou-se do outro e imobilizou-o no chão com o joelho no esterno. Colocou-lhe a mão no antebraço partido e perguntou-lhe em inglês:

- Quem é que te manda? - Recebeu uma cuspidela como resposta. Limpou o rosto à camisa, à altura do ombro. Apertou-lhe o osso partido e esperou que o homem parasse de gritar para insistir: - Quem é que te manda?

Repetiu a operação várias vezes, sem sucesso. No fim, o homem perdeu os sentidos por causa da dor mas não revelou nada. Al-Saud afastou o joelho do esterno e descobriu, descaída para o pescoço, uma joia de ouro com uma inscrição em hebraico. Aproximou-se do que tinha as costelas partidas, que começava a mover-se e a queixar-se no chão. Pegou-lhe pelas lapelas do casaco e puxou-o para a cara.

- Shalom - saudou-o com um sorriso que parecia a expressão de um predador a mostrar os caninos. Continuou em inglês. - Diz ao teu memuneh - a autoridade máxima da Mossad era conhecida por esse nome - para estar atento às notícias da semana que vem. Diz-lhe também que entrarei em contacto com ele.

Pegou na faca de aço preto, não porque precisasse - tinha a sua metida na parte de trás das calças - mas porque pensava guardá-la. Destrancou a porta e abriu-a.

- Vamos sair daqui - ordenou aos companheiros.

Mais tarde, às primeiras horas de sexta-feira, o Gulfstream V descolou do Aeroporto Rafic Hariri de Beirute com destino ao Aeroporto de London City. Chegaram depois das sete da manhã. Durante a viagem, Al-Saud descansara um pouco depois de falar com os seus sócios através do telefone encriptado. Nenhum deles fora dormir à espera dos resultados da missão no Hotel Summerland.

- O peixe mordeu o anzol - anunciou-lhes, e passou a contar-lhes os acontecimentos da noite com todo o pormenor. - Descobrimos duas coisas em Beirute: temos um infiltrado na Mercure e foi a Mossad que o meteu ali.

- Um sayan? - indagou Michael.

- É sabido que os sayanim devem ser judeus - lembrou Tony.

- Dos empregados que estavam informados sobre os detalhes da operação, quais são judeus? - Nenhum deles sabia. - Pois bem, é preciso averiguar isso. É urgente isolá-los e separá-los dos nossos sistemas e fontes de informação.

- Eu trato do assunto - disse Mike, que nunca quisera acreditar que havia um infiltrado.

Em Londres, instalou-se no Hotel Savoy. Tomou um copioso café da manhã no quarto enquanto folheava os principais jornais da cidade. Uma manchete no The Times, que mencionava a NATO, fê-lo lembrar os seus tempos em L' Agence. Às vezes sentia falta da época em que ele e os seus homens saltavam de missão para missão; um dia acordavam no Dji-bouti e, no dia seguinte, no Camboja, e a energia multiplicava-se nas três dimensões do seu ser, corpo, mente e espírito, como se tivesse nascido para essa vida de risco, de diversidade, de originalidade. Samara representara um obstáculo nesses anos, quando lhe censurava as ausências prolongadas, quando o acusava de ter amantes, quando chorava porque tinha medo por ele. «O que fazes? A que te dedicas?», perguntava-lhe, entre lágrimas. «E não me digas que és assessor de companhias de aviação, porque não sou estúpida!» Evocou o general Anders Raemmers, o seu comandante, um militar dinamarquês que lhe tinha ensinado tudo o que sabia sobre estratégia, armas, explosivos, comandos, camuflagens, sobrevivência nos diferentes climas. Graças a Raemmers, podia suportar tanto o deserto mais inóspito da Terra, o Rub al-Khali, como a umidade tropical da Amazônia. Por vezes, o treino fora cruel, a maioria tinha-se rendido antes da terceira semana; o curso completo durava um ano. Recordava os gélidos dias nas Brecon Beacons, em Gales, a trepar a montanha com a mochila cheia de pedras; ou o escaldante sol do deserto quando, com ventiladores gigantes para imitar uma tempestade de areia, subiam ao helicóptero por uma corda; ou a prática do rapei em penhascos perpendiculares ao chão ou em prédios, sem redes de proteção; as horas passadas debruçados sobre mapas para aprender a lê-los, algo do qual ele sabia bastante devido aos seus anos como piloto; os eternos minutos nas piscinas de água gelada; o mergulho; a condução de todo o tipo de veículos; a familiarização com os equipamentos eletrónicos; as técnicas de perseguição; as de reanimação; a lista parecia interminável. «Farei de vocês armas mortais, homens invencíveis», dizia-lhes Raemmers ao notar que os seus espíritos se quebravam. Sentira vontade de lhe fazer uma visita, porque embora os quartéis-generais da NATO se encontrassem em Bruxelas, a base de L' Agence, cuja localização poucos conheciam, encontrava-se nas entranhas de Londres, na cave de uma fábrica abandonada em Bayswater. Dessa cave, equipada com uma tecnologia que os cidadãos comuns julgariam pertencer aos adereços de um filme de ficção científica, Mike, Tony e ele tinham retirado a ideia de criar a base na casa da avenue Elisée Reclus.

Por fim, desistira de entrar em contacto com Anders Raemmers; os seus últimos encontros não tinham decorrido da melhor forma porque Al-Saud não cumpria ordens e modificava o plano no terreno. No entanto, suspeitava que se ligasse ao velho general, este o receberia de braços abertos, com as diferenças do passado já esquecidas. «Tu és o meu melhor homem», tinha-lhe confessado numa ocasião. «Porque é que me fazes perder a paciência desta forma?» Al-Saud continuou a sorrir ao evocar os sermões que Raemmers lhe dirigia ao regressar de uma missão. «Já não tenho desculpas para te defender perante a cúpula», argumentava.

Esperavam-no longas horas antes das oito e meia, momento em que se reuniria com Madame Gulemale para jantar. Saiu do hotel com a intenção de comprar alguns presentes para Matilde. Queria que ela estivesse radiosa na festa da mãe, por isso

percorreu a famosa Bond Street, onde lhe comprou um vestido e um casaco na Gucci, um colar de pérolas com um alfinete de ouro branco na Tiffany & Co., sapatos e uma carteira na F. Pinet, e uma caixa para joias na Smythson, porque ele planeava oferecer-lhe umas quantas, apesar de ela não as apreciar. Em vez de adoçarem a sua disposição em relação a ela, as compras para Matilde tornaram-no mais agressivo, porque a cada aquisição inventava imensas desculpas para a convencer a aceitá-las. A necessidade de a ver que o assaltou até ao final do dia, acabou por lhe arruinar o humor; desejava voltar para ela. O decorrer desses cinco dias convertera-se numa corrida de obstáculos em cuja meta se encontrava Matilde.

Terminadas as compras, voltou ao Savoy e preparou-se para o jantar com Madame Gulemale. Ela achou-o irresistível, segundo lhe disse não só com os seus olhos de obsidiana, mas de forma explícita, com palavras:

- E uma pena que estejas tão charmoso esta noite porque infelizmente não poderemos passá-la juntos.

Ai não? Al-Saud ocultou, numa expressão entre o surpreendido e o ofendido, o alívio que sentiu. Que desilusão terrível, *chérie*.

- A menos que não te oponhas a fazer um trio com um amigo que está à minha espera no Dorchester. - Al-Saud torceu a boca. - Eu sabia. Apesar de tudo, és do tipo formal.

- Quero-te só para mim ou não te quero, Gulemale.

Aguentaram o olhar de forma desafiadora. Era sempre assim entre eles, a tensão sexual misturava-se com uma disputa subjacente onde mediam o poder dos seus temperamentos. Conheciam-se há muito tempo, Michael Thorton apresentara-os naquela mesma cidade, na famosa discoteca Ministry of Sound, da qual saíram para partilharem uma noite de sexo selvagem e inesquecível. Al-Saud perguntou-se quantos anos teria aquela mulher única, cujo corpo esbelto e voluptuoso, que parecia esculpido a ébano, guardava os mistérios de uma vida que a conduzira da indigência nos subúrbios de Kinshasa à riqueza e ao poder das capitais da Europa. Dizia-se que, aos catorze anos, tinha começado a fazer contrabando de cigarros. Atualmente estava associada a todo tipo de tráfico, em especial o de armas e o de heroína. «Pelos vistos», matutou Al-Saud, «juntou o coltan à sua lista». Descobriram rapidamente que as razões que os levaram a reunir-se à mesa do Scott's eram comuns: o Congo e o cobiçado ouro cinzento. Gulemale oferecia-se para recompensar com generosidade Al-Saud se lhe servisse de espião na casa dos Kabila; sabia da sua amizade com Joseph, o primogénito do presidente, e planeava fazer uso disso.

- Gulemale, os meus serviços poderiam custar-te menos do que pensas.

- A sério? - indagou, usando a frase feita que caracterizava a maneira de falar da africana. - E quanto me custariam?

- Na verdade, pagar-me-ias com um favor.

- Estaria o teu favor relacionado com essa *joint venture* que formaram o israelita Shaul Zeevi e a TKM, a fábrica chinesa de baterias e chips?

Al-Saud sorriu e, ao negar com a cabeça, na verdade oferecia a sua aquiescência.

- Estás bem informada, *chérie*.

- A sério?

- Não te dei os parabéns por teres sido recentemente nomeada presidente da Somigl.

- *Merci*.

- Converteste-te numa mulher ainda mais poderosa do que já eras.

- Não acredites nisso - preveniu-o. - Respondo a vários grupos.

- À Africom, à Cogecom e à Promeco?

- Estás bem informado, *chéri* - imitou-o ela. - O que é que queres, Eliah? - perguntou à queima-roupa. A sua postura e a sua expressão alteraram-se, desembaraçou-se rapidamente do disfarce de *femme fatale* para revelar outra cara, a de uma mulher de negócios, com poucos escrúpulos e intrépida. - Pretendes que os deixemos explorar as nossas minas e roubar o nosso coltan?

- O nosso coltan? Gulemale, por favor! As minas estão na região de Kivu, que, para tua informação, são duas províncias do Congo. E o Zeevi obteve uma licença do governo do Kabila para explorar uma delas.

- Esse acordo não vale nada! Já sabes, Eliah. Por acaso o Kabila pode oferecer ao Zeevi a proteção do seu Exército? As províncias de Kivu podem fazer parte do território da República Democrática do Congo nos mapas que as crianças estudam na escola, mas na prática é um território anexado ao Ruanda. Se o Zeevi e a TKM querem coltan, terão de comprá-lo a alguma das nossas subsidiárias na Europa. Se insistem em entrar no nosso território para se apropriarem das nossas minas, terão de enfrentar as tropas do general Nkunda. Gulemale referia-se ao chefe do Congresso Nacional para a Defesa do Povo, uma milícia constituída por rebeldes ruandeses, bastante disciplinados e treinados, que ocupavam a zona leste do Congo, chamada região dos Cirandes Lagos.

- Esta é a tua última palavra, *chérie*?

- Neste assunto, Eliah, sim, é.

- Agradeço a tua sinceridade.

- Não ousaria insultar a tua inteligência com mentiras, *chéri*. Tu, melhor do que ninguém, conheces a realidade no Congo, sobretudo na região dos Grandes Lagos. A partir desta resposta tão categórica que acabo de te dar, a que é que nos devemos ater? - perguntou, quase com ar angelical e inde-feso.

- A Física diz-nos que a toda a ação se opõe à uma reação. Portanto, Gulemale, podes esperar algo da nossa parte, embora suponha que não pretendes que te revele os nossos planos.

- O plano mais sensato seria aconselhar o teu cliente a acalmar-se e a aceitar a realidade: nós dominamos a área do coltan. Podemos vender-lhe tudo o que precisar e a um bom preço. Dou-te a minha palavra nisto. E fá-lo-ei por ti, porque és o meu melhor amigo. - A gargalhada de Al-Saud fez Gulemale rir-se. - Não acreditas em mim? Pois és. Eliah, *chéri*, diz ao Zeevi que não seja tonto e que deixe de lado essas ideias estúpidas, típicas invenções do Kabila. Estás com alguma mulher? - disparou de maneira inesperada e

sem fazer uma pausa, o que provocou outra gargalhada a Al-Saud. - Simples curiosidade - desculpou-se.

- Nunca nos interessámos pelas nossas vidas. A que se deve esta mudança agora?

- Já te disse, simples curiosidade.

- A curiosidade matou o gato.

Al-Saud pagou a conta e, ao colocar o cartão preto Centurion na pequena bandeja de prata, reparou no olhar cobiçoso que Gulemale lhe lançou.

- Está uma noite fria mas maravilhosa - comentou Eliah.

- A sério?

- Caminhamos até ao teu hotel?

Entregaram-lhes os casacos perto da saída do Scott's e, enquanto Al-Saud ajudava Gulemale a vestir o seu vison, as portas abriram-se e entrou Nigel Taylor, o dono da Spider International, na companhia de uma loira exuberante. O sorriso de Taylor desapareceu ao ver Eliah. Para ambos era impossível deter o fluxo de imagens dos tempos partilhados em L' Agence.

- Que surpresa, Al-Saud.

- Taylor - resmungou, e o apelido soou a um grunhido.

- Sempre bem acompanhado. - Nigel pegou na mão de Gulemale.

- Gulemale, é um prazer voltar a ver-te.

- Como estás, Nigel? - disse a mulher com simpatia. - Pelos vistos, muito bem. - Deu uma olhadela ativa à loira e outra mais apreciativa ao fato de Taylor, certamente feito por medida.

- As coisas vão bem. Muito bem - referiu. Ganhei vários contratos à concorrência e isso deixa-me feliz.

Gulemale soltou uma gargalhada grave e meio áspera.

- És incorrigível, Nigel.

Al-Saud acabou de vestir o sobretudo, entregou umas libras à moça do bengaleiro e pegou no braço de Gulemale.

- Boa-noite, Nigel - despediu-se a mulher, antes de Al-Saud a arrastar para o frio da noite.

Gulemale deu o braço ao seu companheiro e caminharam pela Mount Street escoltados por dois gigantes negros com um aspeto impecável. Apesar dos guarda-costas de Gulemale e da irritação por ter encontrado Taylor, Al-Saud manteve-se alerta. «Um verdadeiro soldado nunca baixa a guarda, nem sequer numa praia das Caraíbas com um daiquiri na mão», costumava repetir o general Raemmers.

- O que é que se passou entre ti e o Nigel para se detestarem tanto? De onde é que o conheces?

- Não se passou nada. Simplesmente detestamos-nos - mentiu.

Al-Saud desejou que Madame Gulemale percebesse que o seu humor mudara e que os interrogatórios não faziam o seu género. Desagradava-lhe que Taylor o tivesse visto com ela. Era uma informação sobre ele que teria preferido que o seu concorrente ignorasse.

- De onde é que o conheces? insistiu a africana.

Mudaste, Gulemale comentou Al-Saud, e olhou-a fixamente. - Tornaste-te curiosa, não paras de fazer perguntas. Não te esqueças de que foram a tua descrição e o teu mistério que me conquistaram.

- E a minha beleza?

- Isso foi o que me levou até à tua cama.

Gulemale voltou a soltar a sua gargalhada tão característica. Ao chegarem a Park lane, viraram à esquerda. O Dorchester erguia-se a poucos metros. Despediram-se na escadaria da entrada. Gulemale colocou-se à altura de Eiah, passou-lhe o braço pelo pescoço e beijou-o na boca. Embora o tenha incitado com a língua, deu-se por vencida passados uns instantes.

Acabas de me dar a resposta à pergunta que te fiz antes. Tens uma mulher.

Se fosse verdade, seria um impedimento para continuar com a nossa amizade?

- Claro que não! - Gulemale virou-se com o ar de uma rainha, fazendo esvoaçar as abas do casaco de vison, e afastou-se.

Al-Saud entrou num táxi estacionado em frente do hotel e, enquanto dizia ao taxista que o levasse ao Savoy, não reparou que Aldo Martínez Olazábal se levantava no lobby do Dorchester ao ver Madame Gulemale. Também não reparou que a cumprimentava com um beijo nos lábios e que, com a mão na parte de baixo da sua cintura, a guiava até à zona dos elevadores.

No sábado, Matilde acordou por volta das oito. Abriu os olhos e ficou muito quieta na cama, a contemplar o espaço vazio de Eliah, os lençóis e a colcha sem rugas. Virou um pouco o rosto para enterrar o nariz no círculo da almofada onde tinha pulverizado A Men - ele tinha posto o Givenchy Gentleman. Na noite anterior, magoada pela sua ausência e pelo seu silêncio - não lhe tinha ligado nem uma vez -, meteu-se na cama a cheirar o perfume e a chorar. Tinha evocado tantas vezes o beijo de segunda-feira de manhã que, tal como uma fotografia velha e descolorida, começava a esbater-se na sua mente e, em vez desses últimos minutos de paixão, lembrava-se de que, depois da morte de Roy, ele tinha mudado. Talvez se estivesse a faltar dela; tinha-lhe trazido demasiados problemas. Para além disso, um homem mundano como Eliah Al-Saud aborrecer-se-ia rapidamente de uma relação, em especial se a mulher era pacata e simples, que não tinha dinheiro para roupas elegantes nem para presentes caros, que lhe preparava doce de leite e lhe punha um chapeuzinho no frasco e que lhe pintava molduras com desenhos ridículos.

Afastou a colcha com uma sacudidela e levantou-se tão depressa que perdeu o equilíbrio. Segurou-se com as mãos ao rebordo da mesa de cabeceira e, paradoxalmente, enquanto a visão se turvava, na sua mente aparecia com nitidez uma revelação: tinha de regressar à rue Toullier. Acabava de compreender que o silêncio e a ausência de Al-Saud

compunham uma mensagem clara, queria-a fora da sua casa para recuperar o seu espaço. De que outra forma se poderia entender o seu comportamento?

Porque é que, perguntou-se, sendo sábado, ainda não tinha regressado da viagem? É que Eliah não distinguia entre os dias úteis e os fins de semana, simplesmente não lhes dava importância. A sua altivez e a sua segurança atingiam dimensões tão vastas que não respeitava a convenção pela qual se divide o tempo em semanas, a semana em dias úteis e dias de ócio e descanso. Takumi Kaito já a tinha avisado: um Cavalo de Fogo não vive de acordo com as regras da rotina, e ela começava a encarnar a rotina para ele.

Entrou no closet. Não sabia se trocar de roupa primeiro ou fazer a mala. Decidiu-se pela última opção. Teve de ir buscar uma cadeira para a tirar da prateleira superior, o que a deixou cansada e ofegante. Atirou as peças à sorte e até deixou cair o frasco com o estúpido chapeuzinho bordado, que ressaltou em cima da roupa. Começou a mudar-se. Tirou a camisola, que acabou na mala, e, num ato de audácia, de acordo com o seu ânimo irado, vestiu o conjunto de lingerie que tinha comprado na Chantal Thomass, o de tule de plumetis preto, que lhe evidenciava os mamilos e o púbis. «Não sou assim tão simples», animou-se.

Foi assim que ele a encontrou, a acabar de apertar o soutien, sem nada por cima, com a mala ainda aberta no chão. Eliah olhou para ela e para a confusão de roupa. Matilde sentiu-se vulnerável, apenas coberta por aquele conjunto diminuto e indecente. Era como se estivesse nua. Entristeceu-a o pudor que sentiu depois da paixão que tinham partilhado.

- *Quest que tu fais?* - A surpresa levou-o a falar em francês.

- Olá - murmurou ela, com o coração a bater-lhe nos ouvidos e na garganta. A sua cabeça parecia uma caixa de ressonância. - Estou a preparar as minhas coisas - balbuciou, e procurou olhá-lo fixamente antes de acrescentar: - Vou voltar para o apartamento da minha tia.

Amaldiçoou-se por não se ter vestido primeiro. Procurou entre as peças que ainda estavam penduradas. Cubriu-se com uma camisa branca, que não conseguiu abotoar porque ele lhe pegou pelo pulso e sacudiu a.

- De que é que estás a falar? Vais te embora? Arrastou-a com ele quando se baixou para apanhar o frasco da mala. O que é que o meu presente está a fazer aqui? Estavas a pensar levá-lo?

- É ridículo.

- Ridículo? Eu adoro este frasco!

Devolveu-o à prateleira com um movimento furioso. Olharam-se fixamente, ele com a boca entreaberta, agitado, uma madeixa caída sobre o olho esquerdo; ela, inevitavelmente, com as faces coradas e uma expressão que refletia culpa e confusão.

- Matilde, o que é que se está a passar? Que loucura é esta? Prometeste-me, juraste-me que não te exporias inutilmente. Chego e dou-me conta de que estás prestes...

- Porque é que não me ligaste durante toda a semana? - interrompeu-o, e o som da sua voz humilhou-a ainda mais. Odiou-se por não se conter. Detestava representar a cena da mulher ciumenta e cair na mesma figura da sua mãe. Como a compreendia naquele momento! Tinha-a censurado duramente pelas reclamações, os gritos, o choro, tudo por

ignorar o quanto doía a mordedura dos ciúmes e das dúvidas. - Desculpa - disse, e tapou o rosto com a mão livre. - Não tenho direito de te perguntar nada.

A emoção de a ver alterada e ressentida deixou-o contente e nervoso ao mesmo tempo, e começou a rir-se. Matilde retirou a mão e olhou para ele, estupefacta. Al-Saud envolveu-a nos braços, cobrindo-a com o sobretudo preto de caxemira, ainda frio e úmido, como o tempo lá fora.

E tu és exatamente o oposto. Acho que é a tua compaixão por todos que me enlouquece, porque, como sou incapaz de a sentir, não a compreendo. És demasiado boa para mim, Matilde.

Ela pôs-se na ponta dos pés e beijou-o nos lábios, apenas um leve toque. Não se afastou quando murmurou:

- Sabes qual é a verdadeira razão pela qual não quero viajar para a Argentina para o funeral do Roy? - Eliah negou com a cabeça. - Porque não me quero afastar de ti, é por isso. E a culpa angustia-me, mas simplesmente não consigo.

Al-Saud sentiu como a sua pele, inclusive o seu couro cabeludo, se eriçava por causa das cócegas da boca de Matilde a milímetros da dele. A contundência das palavras dela alojou-se fundo no seu estômago. Excitou-o de uma maneira inesperada.

- Senti tanto a tua falta, precisei tanto de ti - prosseguiu ela, nada acobardada pelo silêncio dele. - Esta semana foi longuíssima sem ti.

Fundiram-se num beijo que resumia os sentimentos contraditórios que os assolavam: a paixão, a raiva, os ciúmes, as dúvidas, o desejo, a excitação. Al-Saud arrancou-lhe a camisa branca e beijou-lhe o pescoço. Mordia-a de vez em quando, e os arquejos misturavam-se com gritos, que enfraqueciam até se transformarem em gemidos quando ele a colava ao seu corpo. Matilde limitava-se a permanecer na ponta dos pés, agarrada à nuca de Al-Saud, e a responder à voracidade dos seus lábios e à exigência da sua língua. Ele descolou a boca da dela para se inclinar e lhe tirar as diminutas calcinhas. Olhou-a com olhos turvos ao deslizar o braço para envolver o monte de Vénus imberbe com a sua mão enorme e de dedos compridos. Matilde, sem quebrar o contacto visual, separou um pouco as pernas, como se ele lhe tivesse ordenado. Não se dava conta de que continha o fôlego, de que não pestanejava, de que os seus lábios se entreabriam; concentrava-se exclusivamente nos dedos dele. De vez em quando, deixava escapar um gemido de prazer, que reprimia para que nada a distraísse do rosto dele e da forma como lhe tocava.

- Matilde, não sabes o quanto desejei voltar a esta casa para te fazer isto. - Al-Saud olhou para a sua própria mão, brilhante com a umidade dela. Matilde olhou-a também porque era para ela um prodígio que a sua vagina se lubrificasse dessa forma. Com Roy nunca tinha conseguido, e tinham de usar lubrificantes artificiais.

- Quis ligar-te. Quis ligar-te em cada segundo que estive longe de ti, mas não o fiz, contive-me, resisti à vontade.

- Porquê? A Juana disse-te que teria o celular ligado permanentemente, até durante as aulas. Enlouqueci a procurar justificações para o teu silêncio. Não pode porque está do outro lado do planeta e porque a diferença horária o impede. Não me liga porque, quando se liberta dos seus compromissos, eu estou nas aulas ou a dormir e não quer incomodar. E assim inventava desculpas, sabendo que não tinhas problemas para ligares ao Sándor, ao

Alaman, ao Tony, a todos, exceto a mim. Hoje de manhã percebi que te querias livrar de mim e por isso...

- Matilde! - Atraiu-a de novo para o peito, feliz e atormentado. Fizera-a sofrer, como se a vida não tivesse sido suficientemente cruel com ela. - Desculpa, meu amor! Fui desumano. Confesso-te que o fiz para ver esta reação. Queria que me desejasses, que sentisses a minha falta, que tivesses saudades. - Calou-se, pasmado com a sua própria sinceridade.

-Porquê, Eliah? Fizeste-me sofrer muito. Julguei... Julguei... - A voz falhou-lhe.

-Morria de ciúmes! - proferiu, incapaz de conter a emoção. - Não sei como explicar o que me acontece contigo, Matilde. Não sei como explicá-lo - voltou a dizer, de repente abatido. - Desde o princípio que não percebo nada - admitiu. - Enlouqueci de raiva e de ciúmes com o assunto do Blahetter. Tive até ciúmes do teu pai. Tenho ciúmes do Congo e das pessoas que vais lá curar. E tenho ciúmes do Ezequiel, porque te conhece como ninguém e porque gostas tanto dele. E dos teus colegas do Lycée e dos que terás na Mãos Que Curam. Tenho ciúmes de tudo e de todos. Não te liguei por isso, para te castigar. Queria saber se eu era importante para ti. - Apoiou a testa no ombro dela e conduziu as mãos por debaixo da camisa de Matilde, para abraçar as suas costas.

- Meu Deus, Eliah. - Matilde levantou-lhe o rosto e acariciou-o várias vezes, na testa, na face por barbear, no pescoço, afastou-lhe a madeixa do cabelo, que caiu pesadamente de novo. - És tão bonito - pensou em voz alta. - Cortas-me a respiração quando te vejo, o meu corpo enfraquece, juro-te, sinto-me débil. Nunca imaginei que algum dia viveria para sentir o que sinto por ti. Porque é que te fiz passar por tudo isso quando, na verdade, te converteste no centro do meu mundo? Em que é que falhei?

- Em nada, em nada - garantiu ele, com veemência. - A culpa é minha, porque sou possessivo e irascível, pouco paciente e muito pouco compassivo.

- Estou tão excitado - arquejou ele. Sem tirar o sobretudo nem o casaco, e, com uma expressão de dor, baixou o fecho das calças. - Agarra-o - implorou-lhe, e segurou-se às traves de madeira do closet com os braços abertos, na atitude de quem se entrega para ser revistado.

Matilde desapertou-lhe o cinto, desabotoou as calças e baixou-lhe só os boxers. Não queria despi-lo mais do que isso; sentia uma perversa complacência na vulnerabilidade que lhe inspirava a sua quase completa nudez face às roupas que cobriam o corpo dele. Por fim, deu-lhe esse prazer e tomou-o na mão. Ouviu-o abafar um grunhido, e levantou o olhar para o observar. Adorava descobrir, através das contorções da sua face, o esforço que fazia para aguentar, para fazer perdurar o prazer que ela lhe dava. Passou-o pelo ventre, pelo monte de Vénus - *ma petite tondue* (a minha depiladinha), como Al-Saud lhe tinha chamado - e, recordando O Jardim Perfumado e a postura do ferreiro, pôs-se de costas, apertou-lhe o membro entre as pernas e deslizou para trás e para frente, prestando atenção à glândula, vendo-a aparecer e desaparecer debaixo do seu monte de Vénus, sorrindo ao ouvir as mudanças na respiração de Al-Saud, que se tornava mais superficial, mais rápida. Al-Saud deslizou uma mão pelo ventre de Matilde e outra por debaixo do tule até encontrar o mamilo e lazê-la gritar.

- Sentiste a minha falta? quis saber ele.

- O tempo todo!

Então, porque é que não me ligaste? provocou-a, sem deter as carícias que, sabia, a privavam da respiração. Porquê? insistiu, de modo impaciente, e penetrou-a com um dedo de maneira impetuosa. Matilde proferiu um soluço, mistura de prazer e de angústia. - Eu também esperei a tua chamada insistiu, e introduziu-lhe um segundo dedo, que a desestabilizou. Matilde segurou-se à prateleira do closet e apoiou a testa nas costas das mãos. Precisava que me ligasses para saber que só eu é que sou importante para ti.

- Eu já te disse mil vezes. Só tu é que és importante para mim - choramingou.

- Sim? Não me parece - objetou Al-Saud e segurou-a pelas ancas e, com um movimento brusco, acomodou-a para a penetrar. Fê-lo num impulso surdo que a levantou do chão e a obrigou a apertar as mãos no rebordo da prateleira.

- Eliah! - pronunciou, louca de prazer, sufocada pela falta de ar, pela saliva que lhe inundava a boca, pelas palavras que lhe queria dizer e que os gemidos encobriam. Gritou sem controlo quando o clímax da excitação se converteu na sensação demolidora que só Eliah a tinha feito sentir e que horas depois, quando a analisava, se dava conta de que inundava todo o seu corpo, até os dedos dos pés, que se dobravam até tocar na planta. Gritou apesar de saber que Al-Saud não tinha fechado a porta do closet e que, provavelmente, a porta do quarto estaria aberta. E quando a onda gigante estava a passar, ele sussurrou-lhe com ânsia, salpicando-lhe o ouvido, magoando-a ao agarrar-se aos seus seios, que retivesse o prazer entre as pernas, que não permitisse que desaparecesse, que continuasse a mover- -se ao ritmo dele, que queria que chegassem juntos ao clímax e ela, embora as pernas lhe tremessem pelo esforço de se manter na ponta dos pés, com o traseiro levantado, fechou os olhos e imaginou Eliah a investir contra o seu corpo, as mãos escuras que lhe ocultavam os seios, os seus mamilos de um vermelho sangue que emergiam entre uns dedos de unhas branquíssimas. Se alguém os tivesse apanhado naquela posição, não teria percebido que se tratava dela. Matilde desaparecia, ficava quase engolida pela altura dele e pelas abas do seu sobretudo de caxemira azul, que esvoaçavam com as sacudidelas. A única evidência de que ela estava ali, de pé, de costas para ele, virada para as prateleiras do closet, eram os seus gemidos, e talvez nem sequer por esse indício tivesse sido possível adivinhar a sua presença porque os bramidos roucos de Al-Saud sobrepunham-se a eles. Atingiram o clímax juntos, como ele tinha desejado, e Matilde jamais imaginou que se pudesse sentir uma felicidade tão plena como a que estava a sentir ao ver-se apertada contra as traves de madeira do closet pelo peso de Eliah.

Ele recuperou lentamente a compostura ao mesmo tempo que as pulsações se regularizavam. Levantou o rosto e abriu os olhos como se emergisse de horas de sono. Estudou o ambiente à sua volta. Baixou o olhar e cravou-o em Matilde, com as pequenas mãos ainda tensas na prateleira, a testa apoiada nelas, as costelas que se destacavam e desapareciam a cada inspiração e, depois do cataclismo de luxúria que acabava de sentir, o seu coração encheu-se de ternura e de um sentimento tão vasto que não lhe cabia no peito. Ainda alojado no seu interior, abraçou-a e beijou-lhe os ombros, mudo por causa da emoção, algo que só lhe acontecia com a sua Matilde.

- Eliah? - chamou ela baixinho, e Al-Saud inclinou-se e apoiou lhe os lábios sobre a face.

- O que foi?

- Eu queria que o nosso reencontro fosse diferente.

- Diferente? Porquê? Não gostaste do que acabámos de fazer? Numa escala de um a dez, eu dar-lhe-ia um onze.

O risinho de Matilde fez-lhe cócegas no corpo, como lima corrente elétrica suave e morna.

- Refiro-me a que não queria que me encontrasses aqui, de mau humor, a fazer a mala. Não te queria recriminar nem exigir nada. Sonhei com o teu regresso desde que partiste, e fiquei muito ansiosa, e pensava em ti o tempo todo.

- Porque é que não me ligaste? - insistiu ele, com uma certa dureza no tom.

- Para não te incomodar. És um homem muito ocupado, e não penses que eu não sei que descuidas os teus negócios por minha causa. - «Por falar nisso, qual é exatamente o teu negócio, Eliah? Para onde dá aquela porta meio escondida pela qual a Leila se escapule e para a qual é necessária um código? E o portão na rue Maréchal Harispe pelo qual entram e saem carros? O que é que fazes para ganhar tanto dinheiro?» Não se atreveu a formular as perguntas em voz alta; tinha medo das respostas.

-Agradece-me que esteja de muito bom humor devido ao que acabámos de fazer, porque caso contrário irritar-me ia com a estupidez que estás a dizer.

- Achei que te tinhas cansado de mim, que te tinhas fartado dos problemas que te trago.

Matilde apertou os dentes perante a ferocidade com que Al Saud a rodeou com os seus braços.

- Cansado de ti? O que é que eu fiz paia pensares isso' Diz me, o que é que eu fiz?

- Estavas estranho depois da morte do Roy. Al Saud arquejou para expressar a sua saturação e fez um gesto para se afastar. Não! gritou Matilde e, com um movimento desesperado, passou as mãos por baixo do sobretudo e cravou-lhe as unhas no traseiro para o manter dentro dela. Não saias de mim, por favor. Ainda não.

A súplica de Matilde e a sensação dos seus dedos através da fazenda das calças excitaram-no. Fechou-se sobre ela até a encaixar na concavidade que o seu tronco formou e reiniciou as carícias para convidá-la de novo para essa experiência da qual nunca se cansavam. Desembaraçou-se do sobretudo e do casaco, que caíram para trás e guiou Matilde até ao chão, onde voltou a possuí-la, em cima do sobretudo de caxemira, na confusão de roupa, a centímetros da mala. Com os braços esticados, Al-Saud mantinha o tronco afastado dela, como se não lhe quisesse tocar. Olhavam-se fixamente, em silêncio, mal se ouviam os gemidos de Matilde cada vez que Al-Saud se lançava dentro dela. Ela vislumbrou um fogo inusual nos olhos verdes e profundos que a fitavam com dureza e desejo e com um sentido da posse que a debilitava, que a minimizava, que a obrigava a encolher-se de medo. Aqueles olhos falavam-lhe de um poder incomensurável, capaz de destruí-la num instante e, no entanto, ela queria submeter-se voluntariamente, motivada por um sentimento primitivo que, ao mesmo tempo que a dominava, a envergonhava porque chocava de frente com a ideia de mulher moderna e independente que planeava ser. Apreciou inclusive o poder dele na energia que emergiu dos seus rugidos e no modo como a golpeou entre as pernas nos instantes finais, e ela, agarrada aos músculos dos seus braços, incentivava-o, pedia-lhe mais, sim, mais, Eliah, meu amor, não pares, não pares, mais fundo, meu amor, mais, e era paradoxal que com essas palavras, a pequena e delicada Matilde domasse a fera nele, que se adaptava a comprazê-la como um mortal a uma deusa.

- Matilde, Matilde... - disse, quase sem fôlego, com os lábios esmagados na testa dela. - Não fazes ideia do que foram estes dias longe de ti. Comprei-te tantos presentes.

- Sim? A sério?
- Sim, muitos presentes, correndo o risco de não queres nenhum.
- Quero-os todos! Porque foram comprados por ti.
- Embora sejam caros e de marca e tu os consideres uma frivolidade insuportável?
- Sim, quero-os igualmente. Para mim são a prova de que pensaste em mim. O que é que me compraste?
- Comprei-te um vestido para a festa de anos da minha mãe. E hoje à noite.
- Queres que vá?
- Sim. Queres ir?
- Sim.

Ele sorriu perante aquele «sim», semelhante ao piar de um passarinho.

- Tomamos um banho juntos?
- Sim - pareceu piar de novo.

Al-Saud deu dinheiro a Juana para comprar um vestido para a festa de Francesca. Escolheram as Galerias Lafayette para fazerem as compras, almoçarem e, por último, irem ao cabeleireiro no segundo andar. Entusiasmadas com os seus planos, olharam-se em silêncio. Pensavam em Ezequiel.

- Não será o mesmo ir às Galerias Lafayette sem o Eze - disse Juana.

Ezequiel, tal como a sua família, tinha partido no dia anterior para Córdova, com o caixão de Roy no porão do avião do avô Guillermo, depois de uma semana de trâmites burocráticos que acabaram por ser menos difíceis do que esperavam. Tanto a Polícia francesa como os funcionários do consulado argentino mostraram-se solícitos e facilitaram-lhes a papelada.

- Juani, acho que o Ezequiel nunca me vai perdoar por não o ter acompanhado ao funeral do Roy.

- Estava chateado contigo quando falaram ao telefone?

- Não, mas achei que estava estranho. Voltou a pedir-me que fosse com ele. O Jean-Paul não ia porque o avô Guillermo o proibiu. Deixei-o sozinho, Juani, num momento como este.

- Em todo o caso, deixámo-lo sozinho. - Como as lágrimas afloraram nos olhos de Matilde, Juana estalou a língua e abraçou-a. - O funeral é o menos, Mat. Estará lá muita gente que o vai acompanhar. Estiveste com ele quando te ligou desesperado do hospital. E ficaste lá e trataste da situação.

- O que é que se passa? - Ao ouvir a voz de Al-Saud, Matilde separou-se da amiga e secou os olhos com as costas da mão. - Estás a chorar, Matilde?

- A nossa querida Mat está triste porque acha que o Ezequiel nunca lhe vai perdoar não o ter acompanhado a Córdova para o funeral do Roy.

Matilde não se atreveu a olhar para ele, mas, pelo canto do olho, percebeu que se aproximava.

- Não chores, meu amor, não quero que sofras. Não nos podemos esquecer de tudo só hoje? - Matilde assentiu, e Al-Saud colocou-lhe o polegar debaixo do queixo e aplicou-lhe uma ligeira pressão para levantar o rosto. - Não iam às compras?

- Sim, estamos de saída.

- Não vens, bonito?

- Não. Vão com a Diana e com o Sándor. Matilde, vou trabalhar todo o dia no George V. Qualquer coisa que precisem, ligam-me para lá ou para o celular. - Segurou-a pelos braços e atraiu-a para ele, tanto que Matilde ficou na ponta dos pés. - Nada de imprudências - avisou-a. - A morte do Blahetter não significa que isto tenha terminado e que tu estejas fora de perigo. Não sabemos quem o assassinou nem porquê. Juana - disse-lhe, e dirigiu-lhe um olhar severo -, tenho a tua palavra de honra de que não farão nada que vos ponha em risco?

- Tens a minha palavra, bonito. Por acaso não nos portámos bem durante a tua ausência? Recebeste queixas nossas?

- Não - admitiu.

- Podemos levar a Leila?

- Não. Quero que a atenção da Diana e do Sándor esteja concentrada em vocês e que nada os distraia. Levamos a Leila à festa da minha mãe hoje à noite, se isso te faz feliz.

- Sim, far-me-ia muito feliz.

- Fica feliz com cada coisa - brincou Juana.

Mike, Tony, Alaman e Peter aguardavam-no nos escritórios do George V, ansiosos por partilharem as novidades. Falaram durante o almoço na sala de reuniões, e a emboscada em Beirute ocupou o lugar central da discussão.

- Mal o Peter nos avisou do que aconteceu no Summerland, pusemos sob vigilância os cinco elementos que participaram na conceção do plano.

- O que se passou com o Masséna?

- Fizemos o que nos disseste. Ligámos à Zoya e contámos-lhe o teu plano. Comprou uma viagem para as Caraíbas e convidou o Masséna. Pediu duas semanas de férias. Partiu na quarta-feira.

- Quem foi designado para o vigiar?

- O Derek Byrne - informou Ramsay. - Trabalhou comigo no Destacamento. Estava na unidade em Belfast. É um dos meus homens mais capazes.

- Recomendaram-lhe a segurança da Zoya? - quis saber Al-Saud, preocupado. - O Masséna poderia magoá-la, caso ficasse a saber do papel que ela desempenhou em tudo isto.

- Quando foi colocar os microfones no quarto de hotel onde estão hospedados, o Byrne revistou-o para ver se havia armas. Garantiu-me que o Masséna não tem nenhuma, nem sequer uma lâmina de barbear.

- De qualquer forma, quero que o Byrne esteja atento.

- Ocupa o quarto contíguo no hotel, ouve-os permanentemente, segue-os quando saem. Fazemos tudo o que está ao nosso alcance.

- Por outro lado - referiu Mike -, pusemos a Stephanie a cargo dos Sistemas. - Thorton falava da assistente principal de Masséna. Se ficou surpreendida quando lhe pedi que mudasse os códigos de acesso de todo o pessoal e que restringisse o do Masséna ao nível de um utilizador comum, não o demonstrou. Aquela moça é de gelo.

- Sabemos que o Masséna poderia piratear o nosso sistema de qualquer praia das Caraíbas onde se encontre disse Al Saud. Temos de aumentar as medidas de segurança.

- A Stephanie monitoriza o sistema durante vinte e quatro horas - informou Tony.

- Não temos a certeza de que seja ele comentou Mike Thorton o Masséna - esclareceu. - Quatro dos outros suspeitos participaram no plano para a emboscada em Beirute.

- É ele - afirmou Tony. - Nunca gostei daquele roedor.

O celular de Peter tocou e ele afastou-se para atender a chamada.

- Soubeste alguma coisa sobre a morte do ex-marido da Matilde? - perguntou Tony.

- Nada - disse Al-Saud. - Acho que a Polícia chegou a um beco sem saída. Vou falar com o Edmé de Florian mais tarde, para ver o que me diz. Saiu nas notícias?

- Nem uma palavra. Como é que fizeram no Quai des Orfèvres para que a imprensa não ficasse a saber é um mistério para mim.

- O assunto é delicado. Poderia tratar-se de um louco que atua por conta própria ou poderíamos estar perante...

- Eliah! - Peter interrompeu-os com um ar perturbado. - É o Amburgo - disse, e passou-lhe o celular.

- Amburgo - pronunciou Al-Saud.

- Estou algures em Seine-Saint-Denis - murmurou para se referir a um lugar a nordeste de Paris -, numa fábrica abandonada. Intercetei uma chamada que um dos iraquianos recebeu hoje de manhã.

- Gravaste-a?

- Claro que sim - continuou a murmurar. - Um tipo, com a voz distorcida, combinou com eles neste local. Falou-lhes deste lugar em Seine-Saint-Denis como se o conhecessem. Segui-os até aqui. Acho que não estão muito longe do Aeroporto de Le Bourget. Entraram na fábrica e fui atrás deles. Encontraram-se com o tipo, que parecia um gigante. Tenho fotografias. Discutiram. O tipo deixou os três fora de combate e, quando já estavam no chão, colocou uma máscara de gás que trazia debaixo do casaco e pulverizou-

os com qualquer coisa. Ficou a olhar para eles enquanto estremeciam e foi-se embora quando ficaram inconscientes. Não me atrevo a aproximar-me porque não quero aspirar o que esse filho da puta lhes atirou para cima.

- Amburgo, sai já daí. Agora mesmo. Tem muito cuidado. O tipo ainda pode estar no perímetro. Podes dar-me as tuas coordenadas?

- Um momento. - Amburgo consultou a sua bússola eletrônica com GPS incorporado e ditou a posição a Al-Saud: - Quatro, oito, cinco, oito, um, cinco, norte. Zero, dois, dois, um, três, sete, leste.

- Vem para o George V. Quero revelar essas fotografias o mais depressa possível e ouvir a gravação.

Al-Saud utilizou a linha segura do seu escritório para falar com Edmé de Florian.

- Anota estas coordenadas - ordenou-lhe. - Quatro, oito, cinco, oito, um, cinco, norte. Zero, dois, dois, um, três, sete, leste. Envia imediatamente uma ambulância. É em Seine-Saint-Denis. Três homens inconscientes no interior de uma fábrica, provavelmente pulverizados com um agente ner-voso. Repito: provavelmente agente nervoso no local. Fá-lo agora. Espero- -te em linha.

Al-Saud ouviu o amigo enquanto este comunicava com o Serviço de Urgências do Departamento de Seine-Saint-Denis. Passado um momento, retomou a comunicação.

- O que se passa, Eliah?

- Lembras-te dos iraquianos que me atacaram na rue Vitruve?

- Sim.

- São eles. Mandeí alguém seguiu-os desde que o Dussollier os pôs em liberdade. Combinaram encontrar-se com alguém, provavelmente com a mesma pessoa que assassinou o Blahetter.

- De que é que estás a falar? O que é que o Blahetter tem a ver com esses iraquianos?

- Ainda não sei, Edmé. Trata-se de um palpite. Se, como julgo, os três iraquianos já estão mortos, quero saber o resultado da autópsia. Há algum avanço no caso Blahetter?

- Nada de relevante. O retrato -falado que a enfermeira-chefe nos forneceu é pouco claro, não trouxe nada de novo.

- E o que é que se passou com as câmaras de segurança do hospital?

- Nada. É óbvio que o tipo as evitou.

- Nenhuma impressão digital?

- Nada. O sacana é um profissional.

Amburgo Ferro apresentou-se nos escritórios do George V uma hora mais tarde. Medes foi enviado ao apartamento de Vladimir Chevríkov para revelar as fotografias,

enquanto Alaman descarregava a gravação da comunicação telefônica captada pelo celular de Amburgo.

- A voz está distorcida com um aparelho ou um software - indicou.

- Não - disse Eliah. - Essa é a voz dele.

- Como é possível? Parece a de um robô. É evidente que está distorcida.

- Quando interroguei os iraquianos no Quai des Orfèvres, pedi-lhes que me descrevessem o homem que os tinha contratado. Garantiram-me que tinha uma voz muito peculiar, com um som metálico ou eletrônico. Eles estiveram em frente dele, e não havia nenhum objeto que lhe distorcesse a voz. Disseram-me: «Simplesmente, falava assim.»

- Tentaram degolar e cortar as cordas vocais - comentou Hill - de um ex-companheiro do SAS numa missão na Serra Leoa. Esteve internado cerca de dois meses e, quando por fim saiu do hospital, falava através de um dispositivo de paládio, muito caro, que lhe tinham colocado para substituírem as cordas vocais. A verdade é que, quando falava, parecia um robô. A sua voz era muito artificial, mas pelo menos podia falar. Caso contrário, teria ficado mudo.

- Uma tecnologia como essa não se encontra em qualquer lado - disse Alaman. - Devem ser poucas as empresas a fabricar esse prodígio. A mim ocorrem-me duas.

- Podes investigar? - pediu-lhe Al-Saud, e o irmão assentiu e consultou as horas.

- Vou-me embora.

- Eu vou contigo - disse Eliah, e caminhou junto a Alaman com as mãos nos bolsos das calças e o olhar no chão.

- Vais à festa da mãe?

- Sim, penso ir.

- Vais com a Matilde? A mãe fez-me imensas perguntas. - Eliah pôs as mãos na cara e esfregou-a. Eu não abri a boca, mas a Yasmin estava mais do que disposta a falar sobre ela. Vais levá-la? - Al-Saud assentiu, e Alaman levantou as sobrancelhas. - Pelo que estou a ver, isso é sério. Bem, agora que tu desertaste da fantástica vida de solteiro, vou ficar sozinho a suportar os sermões da mãe e da nonna sobre as maravilhas do casamento.

- Eliah riu-se e encolheu os ombros com um gesto cansado. - Vemo-nos em casa.

Francesca movia-se entre os convidados com a elegância que os anos não lhe haviam roubado. Conversava um momento com cada grupo, verificava se os copos se mantinham cheios e os pratos com comida, dava ordens a Bershka, a governanta, de vez em quando procurava Kamal e sorria-lhe à espera da sua piscadela de olho. Inclina-se para Antonina, a sua mãe, sentada num cadeirão perto da lareira, e perguntava-lhe se precisava de alguma coisa, beijava o tio Fredo na testa e respondia às perguntas das suas amigas, Sofia e Marina, intrigadas com a novidade: o duro, o impávido, o prático e nada sentimental Eliah estava apaixonado como um adolescente, segundo Yasmin assegurava.

- E ainda não vos contei o que nos disse o Lafère, o nosso marchand. Parece que o Eliah lhe levou um quadro que pintou a tua irmã, Sofi, e que é da Matilde, para lhe arranjar a moldura. É um quadro muito cobiçado entre os apreciadores da obra da

Enriqueta e vale muito dinheiro. A questão é que o Eliah lhe disse que a menina pintada no quadro era a sua mulher.

- A sua mulher? - perguntou Sofia, admirada. - Isso é incrível. Justamente a filha do Aldo com o teu filho, Fran! Parece de novela mexicana.

- Como é a Matilde? - quis saber Marina. - Deve ser muito especial para ter conquistado o nosso Eliah.

- É - garantiu Sofia. - Já vais ver. É pequena e bonita. E sobretudo é uma alma caridosa e boa, dessas difíceis de encontrar. Como a minha Amélie.

- Ah! - suspirou Marina. - O que é que o Kamal diz? Logo com a filha do Aldo!

- O Kamal conheceu a Matilde em casa da Sofi. Pareceu-lhe encantadora.

- Gostava de saber quem é que não a acha encantadora - disse Sofia.

Francesca consultou o relógio. Passava das nove e meia e o seu terceiro filho não aparecia. Ter-se-ia arrependido? Desde pequeno que mostrava muito zelo pela sua intimidade. Talvez, depois de meditar sobre o assunto, julgasse que não era boa ideia expor Matilde ao escrutínio de tanta gente.

Não conseguia afastar o olhar do hall de entrada. Ansiava vê-lo. Há uma semana que estava em Paris, e só tinham trocado umas palavras ao telefone. Como se o tivesse chamado, viu-o aparecer sob o arco que comunicava com a entrada da sala, a sua robusta figura, de ombros quadrados e firmes, impecável num fato cinzento-chumbo. Francesca sorriu de pura felicidade, apesar das sobrancelhas franzidas com que o filho passava os olhos pela festa, esses olhos de um verde diferente dos do pai; os de Kamal pareciam de jade; os de Eliah, pelo contrário, eram da cor das esmeraldas, herança do avô Abdul Aziz. Reparou na mão de Eliah, que descansava sobre o ombro de Matilde, embora, na realidade, não descansasse, fechava-se antes numa atitude protetora sobre o delicado osso que transparecia sob a gaze translúcida do vestido. Observou-a, diminuta em frente dele, quieta e expectante, também com o olhar fixo na sala cheia de gente. Lembrava-se do seu cabelo, loiro e com compridos caracóis, notável, que nessa noite tinham desaparecido para converter a sua cabeleira num manto impressionante que a tapava quase até abaixo do traseiro. A beleza de Matilde atingia-a como a tepidez do sol num dia frio. Teria ficado a contemplá-la, hipnotizada pelo fulgor que nascia da sua pele, dos seus olhos, de uma tonalidade inverosímil, do seu cabelo como um manto. Perguntou-se: «Será este o anjo que vai sarar o coração destrozado do meu filho?», e sentiu a calidez de uma mão na cintura. Não precisou de se virar para saber que se tratava do marido. Como se Kamal lhe tivesse lido a mente, sussurrou-lhe: «*Inshallah, habibi ya, nour al ain*» («Se Deus quiser, meu amor, luz dos meus olhos»),

Matilde viu Francesca e Kamal aproximarem-se e ficou nervosa. Há uns minutos, enquanto vinham no Aston Martin a ouvir a Sétima Sinfonia de Beethoven e a rir-se das ideias de Juana, tinha-se sentido serena e feliz, com a mão de Eliah pousada nela, entre mudança e mudança. Antes de sair, à entrada da casa da avenue Elisée Reclus, sob vários focos de luz, ela, elegante no vestido Gucci, deu umas voltas para o mostrar a Eliah, agitando o cabelo liso porque sabia o quanto lhe agradava, perguntando-lhe se estava bonita, e ele, com os lábios lívidos de excitação e os olhos negros, agarrou-a de repente pela cintura e colou-a ao seu corpo. Olharam-se fixamente, ela meio de lado entre os seus braços, com a respiração sus-pensa, sem saber o que esperar.

- Não digo por dizer, Matilde, és a coisa mais bonita que vi na minha vida.

- E já viste muitas coisas na tua vida? - perguntou ela num toque coquete, enquanto enredava o indicador no tufo de pelos que assomava pela camisa de cor lavanda.

- Não fazes ideia de quantas e disse-o num tom que a fez levantar a vista.

Perturbou-a a intensidade do seu olhar e o que despertava nela. Tocou no colar de pérolas tia Tiffnny & Ca e dirigiu-lhe um sorriso um pouco trémulo.

- Obrigada pelos presentes maravilhosos que me trouxeste. Nunca tive tantas coisas bonitas como agora. Obrigada! - exclamou, recuperando de repente o ânimo, e agarrou-se ao seu pescoço e, em bicos de pés, disse- -lhe ao ouvido: - tu és a coisa mais bonita que a vida me deu.

- Não, bonitão! deteve o Juana que descia as escadas. - Nada de beijos na boca ou então vais tirar lhe o batom todo. Esse gloss fúchsia não lhe fica lindamente? A maquilhadora das galerias Lafayette disse-lhe que, com essa cor de olhos, tem sempre de pintar os lábios de fúchsia.

- Sempre que estiver comigo - disse Al-Saud, nada risonho, com o olhar cravado nos lábios de Matilde, que formavam um coração.

- Como se nota o teu lado árabe! - acicatou-o Juana. - O que é que achas de mim? Não sou tão bonita como a tua mulher, mas também não estou mal, eh?

Al-Saud aproximou-se dela e estendeu-lhe a mão.

- És a morena mais bonita de Paris.

- A morena, é assim que nós dizemos na Argentina.

- A Leila não vem? - perguntou Al-Saud.

- Não - respondeu Matilde. - Prefere ficar a jogar damas com o Peter.

- Por favor! - queixou-se Juana. - Em vez de lhe ensinarem a falar, ensinem a essa moça a apreciar o glamour. Jogar damas com um velho como o Peter!

- O Peter não é assim tão velho. Mal passa dos cinquenta.

- É um dinossauro!

- E está em muito bom estado.

- Isso sim - admitiu Juana, e não referiu que em mais de uma ocasião se tinha surpreendido a estudá-lo porque dava ares de Gregory Peck, com as sobranceiras negras e densas a emoldurarem uns olhos azuis de expressão inteligente e incisiva.

Tinham chegado à casa dos Al-Saud na avenue Foch com esse espírito. Mal se abriram os portões de ferro forjado, Juana soltou um assobio longo e agudo, não só pela imponência do palacete, mas pelos homens que pululavam, de fato escuro e com objetos nos ouvidos.

- Não acredito! Parece que chegamos à Casa Branca. Os teus pais têm assim tanto dinheiro, bonitão?

- Juana! - repreendeu-a Matilde, enquanto observava como os guardas cumprimentavam Eliah. Este abriu o vidro, pôs o braço de fora e chocou a mão de forma amigável e informal com um deles. Falaram numa língua de sons secos, cortados e guturais.

- É árabe - sussurrou-lhe Juana, que não o falava mas entendia o por ter sido criada com o seu avô sírio.

Não ficou afetada com a imponência da casa dos Al-Saud ela tinha crescido numa com o dobro do tamanho e da grandiosidade -, nem com a quantidade de guarda-costas, mas sim ao tomar consciência de que estaria a cometer um erro e de que, nesse ponto, não havia retorno. O que estava a fazer em casa dos pais de Eliah? Que insensata ideia a levava a aceitar o convite? O que queria? A que título os visitava? Como é que a apresentaria Eliah? Mafemme? Tremeu perante essa possibilidade.

Tentou ocultar o desânimo porque não gostava de ser desmancha-prazeres e mostrou um sorriso pálido quando o casal Al-Saud se aproximou para lhes dar as boas-vindas. Francesca abraçou-a e beijou-a na face; não se tratou de uma formalidade, desses beijos em que as bochechas chocam. A dona Francesca beijou-a, apoiou-lhe os lábios e beijou-lhe a face corada, de forma evidente. Só Matilde ouviu o que lhe disse:

- Querida, estás simplesmente esplêndida.

E nesse beijo e na ternura com que lhe acariciou uma madeixa de cabelo, Matilde descobriu o quanto aquela mãe amava o seu filho, e gostou dela por isso, por amar Eliah, por lhe ter dado a vida e por ter feito dele um homem magnífico. Ficava sempre comovida ao testemunhar a imensidão do amor de mãe. Dolores não a amava a ela, não da forma como uma mãe ama um filho, incondicionalmente, com entrega absoluta. Aldo tinha-se interposto, porque Dolores tinha ciúmes até da pequena Matilde, que se convertera no seu centro de interesse. De acordo com a psicóloga, em vez de ser ela, Matilde, a superar o complexo de Electra, os papéis tinham sido trocados, e Dolores acabou pugnando por monopolizar a atenção que o marido destinava à filha mais nova nas raras ocasiões em que estava em casa. A psicóloga garantia que nesse triângulo por resolver entre o pai, a mãe e ela, se encontrava a origem do trauma pelo qual Matilde não tinha sido capaz de se apaixonar nem de fazer sexo.

O senhor Kamal mostrou-se mais formal, embora o modo como a olhou e lhe disse que estava bonita a tivesse comovido. Conseguiu descobrir amabilidade naquele homem de cabelo completamente branco e de sobrancelhas completamente pretas. Os seus olhos verde-água, em vez de atenuarem as feições orientais, exacerbavam-nas, talvez por emergirem da moldura de pele escura, tal como a de Eliah, embora não houvesse muitas semelhanças entre eles. Talvez nas sobrancelhas, pretas e grossas, ou no formato do rosto, se vislumbra-se a parecença; no entanto, nas feições de Eliah era visível o contributo de Francesca, que tinha suavizado alguns traços, em especial a boca.

- Este é o nosso presente - disse Matilde -, o meu e o da Juana. - Francesca inclinou-se porque não a ouvia. - Parabéns. E obrigada por nos convidar para a sua festa.

Tratava-se de um lenço de Emilio Pucci, com os seus típicos desenhos psicadélicos, em tons atrevidos, cor de laranja, fúchsia e branco. Juana guardou parte do dinheiro que Al-Saud lhe tinha dado, e, cada uma contribuindo com mais um pouco, conseguiram comprar o caro lenço de seda. Matilde achou um pouco ousado e, ao ver o estilo clássico de Francesca - nessa noite, usava um vestido comprido de veludo bordeaux com decote

Tentou ocultar o desânimo porque não gostava de ser desmancha prazeres e mostrou um sorriso pálido quando o casal Al-Saud se aproximou para lhes dar as boas-vindas. Francesca abraçou-a e beijou-a na face; não princesa ficou preocupada. O seu olhar deteve-se no colar de Francesca, uma peça de requintada manufatura que até a ela atraiu, pouco interessada nessas questões. Gostou das várias voltas de pérolas, que não eram perfeitas, antes irregulares, e do pingente em forma de gota com um rubi no meio, a condizer com o bordeaux do vestido. Francesca acariciou o pingente e sorriu-lhe.

- Gostas?

- Muito - admitiu.

- É o presente do Eliah. - O coração de Matilde acelerou. - Enviou-mo esta manhã através do Medes. Ele nunca me entrega os seus presentes pessoalmente. Quando era criança fazia o mesmo, deixava-os em cima da minha almofada ou no meu boudoir.

Sofia, Nando e o primo Fabrice aproximaram-se para as cumprimentar. De seguida, rodearam-na outras caras desconhecidas e sorridentes e Francesca pronunciou uma série de nomes que Matilde não reteve, para depois se afastar em direção a outros convidados. Procurou Eliah e viu-o com um grupo de homens vestidos à moda árabe, com túnicas até ao chão e lenços na cabeça que seguravam com torçais de variadas cores. Juana tinha sido monopolizada por Fabrice. Onde estaria Alaman? Sentiu-se sozinha e exposta.

Yasmin observava a mulher do irmão ao longe. Era o oposto de Samara. Esta era alta, esguia, morena e com uma cabeleira negra como azeviche. Matilde era de baixa estatura, miúda, embora voluptuosa, e loira. Estudou-lhe o vestido, uma beleza, admitiu. O azul-noite com lampejos violeta ficava bem à brancura da sua pele e, sobretudo, ao fulgor do cabelo dourado, quase branco em algumas partes. Graças ao vestido, muito justo e por baixo do joelho, a figura pequena mas de curvas marcadas sobressaía, as mesmas curvas que tinham passado despercebidas no aniversário de Eliah, em Rouen; o vestido branco dessa ocasião era largo e dissimulava o busto generoso e o traseiro arrebitado. «Será que tem uma prótese de silicone?», perguntou-se com malícia. Gostou da combinação do crepe do corpo do vestido e da gaze que cobria os braços e o decote que deixava ver uns ossos delicados e umas costas muito pequenas. O colar de pérolas que descansava no decote velado pela gaze pareceu-lhe um toque magistral. Embora se tenha dado conta de que Matilde se sentia perdida, manteve-se impávida, nada inclinada a ir resgatá-la. Os ciúmes tornavam-na perversa, ciúmes por Samara, por Eliah, por Sándor.

Matilde afastou-se atraída por umas pinturas, cada uma delas iluminada individualmente. «A vitória de Saladino - 1187», leu. O que se seguiu deixou-a estupefacta. Graças às horas passadas no ateliê de Enriqueta a folhear livros e revistas de arte, e a ouvir o que a sua tia lhe contava, Matilde era capaz de apreciar o que se expunha naquela parte da grande sala dos Al-Saud, um verdadeiro tesouro artístico: um quadro de Van Dyck, outro de Brueghel, dois de Gainsborough e um de Tiepolo; também havia artistas contemporâneos, como Rufino Tamayo e Andy Warhol e, num local privilegiado, descobriu uma paisagem veneziana de Canaletto, que conhecia bem porque a sua tia o admirava. Com esse tesouro artístico, incalculável por certo, não era exagerada a guarda que os tinha recebido.

Deu-se conta de que não a incomodava estar sozinha se podia continuar a admirar a decoração. Estudou detalhadamente um sabre persa do século xiv, segundo rezava a pequena placa de bronze, montado numa estrutura de madeira de cerejeira muito trabalhada. Tentou adivinhar o nome dos filósofos gregos esculpidos nos quatro

medalhões de mármore que adornavam uma parede. Admirou longamente uma presa de elefante no qual se tinha esculpido uma cena de geishas com guarda-sóis minúsculos, barcos e casinhas orientais; a precisão dos detalhes impressionou-a. Parou em frente de uma vitrina de nogueira onde havia uma coleção de copos e frascos de Lalique. Sobre o piano de cauda, coberto com uma mantilha espanhola bordada e com franjas, encontravam-se mais de uma dúzia de molduras. Inclinou-se para observar as fotografias. Francesca tinha sido uma beldade quando era jovem, tal como o seu marido. Apoiou a ponta do indicador sobre o rosto de um Eliah adolescente, sério, com as sobrancelhas franzidas.

- Aí tinha dezasseis anos - disse uma voz atrás dela que a sobressaltou.

- Olá, Yasmin. - Cumprimentaram-se com dois beijos, como era costume em França. - Estás muito bonita.

- Obrigada, dizia-te que nessa fotografia o meu irmão tinha dezasseis anos.

- Que sério!

- Ele era sempre assim. Bem, continua a ser. Quase nunca sorri.

«Comigo sorri», vangloriou-se Matilde, «e também se ri», mas calou esses pensamentos porque pressentia a hostilidade de Yasmin. Perguntou-lhe pelas outras fotografias, em jeito de visita guiada pela história do seu amor. - E esta era a mulher do Eliah.

Yasmin arrependeu-se da sua maldade ao reparar como a brancura de Matilde se tornava acinzentada, e até o tom do seu batom se alterou. Sentiu pena perante a intensidade com que Matilde cravava os olhos na fotografia de Samara, e assustou-se quando viu grossas gotas à beira da sua pálpebra inferior.

- Eliah não te falou dela, pois não? - Matilde sacudiu a cabeça, o que fez com que as lágrimas lhe caíssem pelo rosto. Tirou um lenço da carteira que Al-Saud lhe oferecera e secou-se dando pequenos toques para não arruinar a maquilhagem. - Típico dele! Esconder tudo.

- Têm filhos?

- Como? - Yasmin inclinou-se para a ouvir.

Matilde pigarreou e repetiu com voz insegura.

- Perguntei se têm filhos.

- Não. A Samara morreu num acidente de viação quando estava de duas semanas.

Matilde levantou a cabeça com rapidez e contemplou Yasmin nos olhos. Dirigiu-lhe um olhar forte, intenso, sem pestanejar, que obrigou a irmã de Al-Saud a desviar a vista. Em momentos de tensão, costumava recordar coisas insólitas. Veio-lhe à cabeça o encontro em Paris, de Sabir Al-Muzara, o livro que tinha proporcionado a conversa entre ela e Eliah no voo da Air France. «Sou uma estúpida!», castigou-se. «A personagem do Étienne foi inspirada no Eliah.» Evocou a insistência com que ele tinha solicitado o seu parecer sobre Étienne. «E como mulher, o que acha dele?», tinha pressionado para desconcerto dela. «Que arrogante e convencido que é!», disse para si mesma. Relembrou a descrição do sofrimento de Étienne pela morte de Sakina num acidente de viação com

apenas umas semanas de gestação. No romance, Sakina era gémea de Salem, o narrador, e uns meses mais velha do que Étienne. Seria o reflexo da realidade? E o que existiria de verdadeiro na parte que dizia que os três irmãos Al-Muzara tinham ficado órfãos quando eram adolescentes - os pais tinham morrido em Hebron, às mãos do Exército israelita - e que a família de Étienne os tinha acolhido no seu lar? Sentiu uma necessidade urgente de reler o Encontro em Paris à luz dessa nova perspetiva.

- Olha quem está aqui! - ouviu-se a voz de Alaman. - Encontrá-mo-la!

Os filhos mais velhos de Shariar saltaram à sua volta gritando o seu nome e pedindo-lhe que brincasse com eles. Matilde procurou o rosto amigo de Alaman e atirou-se ao seu pescoço.

Bastante afastado, ainda retido numa conversa com os tios e primos árabes, Eliah testemunhou a ânsia com que Matilde abraçava o seu irmão, como se procurasse refúgio e consolo. Cerrou os dentes com tanta força que sentiu pontadas nas gengivas. Que loucura se apoderava dele? Duvidar do próprio irmão? De Alaman, a quem teria confiado a sua vida e até a de Matilde? Quantas vezes presenciara uma cena semelhante entre Alaman e Samara sem nunca ter sentido um momento de ciúmes? Safou-se dos parentes e encaminhou-se na direção que eles tinham tomado, com os filhos de Shariar à sua volta. Encontrou-os no quarto de brincar e viu Matilde de perfil no momento em que tirava Dominique do berço e o levantava sobre a sua cabeça, «upa la la!», dizia-lhe, e o cabelo caía-lhe para trás, enquanto falava ao bebé e lhe arrancava risinhos e gorjeios. Apertou-o contra o seu corpo, sem sequer pensar no vestido novo, e a bochecha de Dominique colou-se à face de Matilde, e depois o bebé soltou pequenas gargalhadas divertidas que o fizeram esboçar um sorriso, quando Matilde lhe cantou em espanhol algo sobre uma tal Manuelita que ia a Paris. A emoção de Al-Saud levou-o a entrar no quarto de brincar e, sem se importar com a presença de Alaman nem dos seus sobrinhos, encerrou Matilde nos seus braços, deixando Dominique no meio. O que lhe sussurrou ao ouvido foi uma súplica.

- Quero que sejas a mãe dos meus filhos. - Afastou-se para a observar. Matilde fixava o olhar em Dominique. Al-Saud reparou que ela não pestanejava, que a sua expressão se tinha congelado. - Matilde - chamou-a, e passou-lhe os dedos pela face Matilde, o que se passa?

Elevou os olhos, e o gelo que a tinha coberto poucos segundos antes dissolveu-se no calor daquele olhar intenso e escuro que, invariavelmente, a privava de vontade. Eliah tinha-se penteado como ela gostava, com o cabelo para trás, e a testa ampla e de ossos marcados acentuava-lhe a nobreza dos traços. «Que bonitos filhos me darias!», teria desejado pronunciar, mas as palavras aninharam-se-lhe no peito para saírem convertidas em lágrimas.

- Não chores, suplico-te - pediu-lhe Al-Saud em francês. - O que é que eu disse para te deixar assim? Não foi minha intenção.

- Não, não estou a chorar - disse ela, e utilizou um timbre leve, enquanto as lágrimas lhe caíam. Não conseguia detê-las. - Emocionei-me, foi só isso. Hoje estou sensível, não sei porquê. - Al-Saud tirou o seu lenço do bolso de trás das calças e secou-lhas. - O que se passa, Dominique? Não, não chores. Olha, Eliah, está a fazer beicinho, que engraçado. Sabes o que quer dizer «beicinho»? Quer dizer que está a fazer gestos antes de chorar. Não, não chores - disse, e voltou a encostá-lo à cara.

Os filhos mais velhos de Shariar aproximaram-se com cautela - se o tio Eliah estava por perto, mantinham um comportamento prudente - e insistiram que «Matildé»

brincasse com eles, que lhes lesse contos, que lhes cantasse a canção que tinha cantado a Dominique. Bershka apareceu na soleira da porta e chamou os mais velhos para a sala porque o jantar estava prestes a ser servido. Duas babysitters entraram no quarto de brin-car para se ocuparem das crianças. Matilde saiu com o ânimo muito em baixo. Quanto teria dado para ficar a comer com os mais pequenos!

Enquanto avançavam ao longo do corredor do segundo andar, Al-Saud pegou-lhe na mão e disse-lhe:

- Quero que conheças uma pessoa.

Os convidados abandonavam a sala e dirigiam-se à sala de jantar. Num canto, junto à lareira, encontrava-se um casal de idosos que Matilde tinha visto ao longe. Al-Saud conduziu-a até eles. A pele eriçou-se ao ouvi-do falar em italiano.

- *Nonna, nonno, vorrei presentarvi a Matilde, la mia fidanzata.*

Matilde não percebeu nada, à exceção de nonna e nonno, embora a última palavra lhe tenha parecido algo como *fiancée*.

- Matilde, estes são os meus avós, Antonina e Fredo. - Como Antonina começasse a gesticular com espalhafato e a falar rápido e em italiano, ao mesmo tempo que segurava nas mãos de Matilde e as sacudia, Eliah interrompeu-a de repente: - *Nonna, ti prego, parla in spagnolo. Matilde non capisce una parola di ciò che stai dicendo. Lei è argentina.*

- *Ma, tesoro* - queixou-se Antonina - *sai che mi sono dimenticata dello spagnolo.*

- Um esforço, Antonina, por favor - insistiu Fredo. - É um prazer para nós conhecer-te, Matilde.

- Sim, sim - disse Antonina. - *Unpia...* Um prazer.

Matilde sentou-se num pequeno banco aos pés da idosa e sorriu-lhe.

- Dona Antonina, não sabe a alegria que tenho em conhecê-la. A Rosalía, a mulher do meu avô Esteban, falava-me da senhora com muito carinho.

- A Rosalía? Que Rosalía? A mulher do Esteban Martínez Olazábal?

- Sim, eu sou sua neta, a filha mais nova do Aldo.

Antonina arregalou os grandes olhos, soltou-lhe as mãos e ficou a olhar para ela como se Matilde a tivesse insultado. Matilde reparou que Fredo apertava o antebraço da mulher num gesto para a acalmar.

- Não tem boas lembranças da minha família, não é? - Sentiu que mão de Eliah se fechava sobre o seu ombro. - Não a censuro. A minha avó pode...

- Não, não! - reagiu a anciã perante o olhar furibundo do neto. - Tenho uma excelente lembrança de toda a tua família. Do teu avô, especialmente, que foi sempre tão generoso com a minha filha e comigo. Adoro a Sofia. Não conheci o teu pai porque ele praticamente não vivia no palácio. *Ti prego...* Suplico-te que perdoes a minha reação. Fiquei surpreendida, é tudo.

Francesca e Kamal aproximaram-se com a intenção de levarem os idosos para a mesa. Enquanto os quatro se afastavam em direção à sala de jantar, Matilde ficou a olhá-los, meditando na reação de Antonina, que a surpreendera primeiro e magoara depois.

- Matilde - sussurrou Eliah -, queres que vamos embora? - Obrigou-a a colocar-se em frente dele e inclinou-se para lhe confessar: - Vamos para casa. De repente imaginei-te na piscina, nua, e fiquei excitado.

Matilde, séria, meteu-lhe a mão debaixo do casaco e passou-a pela braguilha. Sentiu, ao mesmo tempo, a dureza da sua carne sob o fecho das calças e os dedos dele que se afundavam na sua cintura. «Tiveste mulher e não me disseste nada», pensou enquanto o acariciava e o olhava com raiva. «Ela ia dar-te um filho.»

- Não - disse, e retirou a mão. - Tenho fome. Vamos comer.

Virou-se e caminhou até à sala de jantar. Al-Saud viu-a afastar-se e demorou uns segundos a recompor-se.

Por sorte, o lugar ao pé de Juana estava livre, por isso Matilde sentou-se ao lado da amiga. Sentia-se sozinha e infeliz nessa noite fatídica. Levantou o olhar e deu de caras com os olhos negros de Yasmin. Um pouco mais ao lado, Antonina lançava-lhe olhares cuja natureza Matilde preferia não indagar. O que teria feito a avó Celia a essa mulher enquanto era cozinheira no Palácio Martínez Olazábal? Sentiu que corava de vergonha. Não se queria voltar para a esquerda; Eliah estava ali, sentia-lhe o olhar como um raio quente.

Ao observá-la a revolver a comida e a debicá-la como um passarinho, Al Saud concluiu que Matilde não tinha fome, tal como acabara de garantir.

O meloso do André, o noivo da sua irmã, sentado ao pé dela, não parava de lhe falar e, em duas ocasiões, tinha-lhe tocado no antebraço esquerdo para lhe indicar os manjares da mesa e instá-la a comer. Apertou o garfo imaginando que lho cravava na jugular. Que raios fazia Yasmin com aquele idiota? Matilde estava estranha, pensou, preocupado. Ria-se com esforço, um riso vazio que não lhe iluminava os olhos prateados. Tinha-a deixado sozinha. Não lho perdoava. Atraído pelos primos e tios para falar dos contratos com a Mercure, tinha-a confiado às mãos da mãe, que de seguida teve de abandonar para continuar a desempenhar o seu papel de anfitriã. De que tinha falado com Yasmin perto do piano?

O jantar foi interminável para Matilde e não desfrutou de nenhum prato apesar de, segundo a informou o noivo de Yasmin, virem da cozinha do La Tour d' Argent, concessão exclusiva que o famoso restaurante fazia ao príncipe Kamal, um dos seus melhores e mais antigos clientes. O caviar, as entradas e as sobremesas eram da Maison Petrossian. Também lhe explicou que jantavam com champanhe Dom Pérignon para acompanhar a lagosta e, para aqueles que preferiam o vinho tinto com o pato, bebiam um Château Mouton Rothschild de 1971, o melhor rosé do mundo.

- Como podes ver, sua alteza, o príncipe Kamal - disse André, e Matilde ficou incomodada com a pompa com que se referia ao seu futuro sogro -, não bebe álcool, tal como os seus parentes sauditas. É por serem muçulmanos.

Também não lhe caiu bem que a tia Sofia, sentada à sua frente, lhe falasse de Celia e do seu internamento, lhe perguntasse pelas circunstâncias da morte de Roy e comentasse como Aldo parecera desanimado ao telefone.

Terminado o jantar, ouviram árias famosas na sala. Tinham contratado uma soprano, um tenor e um barítono, para além de um concertista que os acompanhava ao piano. Pela primeira vez, Matilde deleitava-se com o canto lírico. Desde a sua relação com Eliah Al-Saud percebera o quanto era inculta em matéria musical, e ficou surpreendida e fascinada com a seleção. Durante uma hora, abstraiu-se dos seus fantasmas e demónios, e permitiu que a música a reconfortasse.

Al-Saud só pensava em ir-se embora. Queria arrancar Matilde daquela casa tão ligada à memória de Samara. Tinha urgência em falar com ela. Notava-a distante e séria. A reação inesperada da avó Antonina tinha-a magoado, e ele suspeitava que Yasmin também encontrara uma forma de lançar um pouco de veneno.

Levantou-se da cadeira, subiu as escadas de dois em dois degraus e caminhou em passos largos e velozes em sintonia com o seu mau humor. Entrou no seu quarto e pegou no casaco, no de Matilde e no de Juana. De regresso, passou em frente à porta entreaberta do quarto que ocupavam os seus avós quando os visitavam em Paris. Uma empregada doméstica preparava a cama. Parou ao ouvir a voz de Antonina, bastante alterada.

- Porque é que a Francesca não me disse nada sobre a Matilde?

- Deve ter-se esquecido - supôs Fredo.

- Esquecer-se da filha mais nova do Aldo Martínez Olazábal? Justamente a filha desse...

- Antonina - deteve-a Fredo -, por favor, vamos esquecer o assunto. A moça parece doce e boa. Não tem culpa de ser filha de quem é.

A empregada saiu para o corredor e fechou a porta, o que abafou as vozes para as converter em sons incompreensíveis. Al-Saud voltou à sala lentamente e com o olhar fixo num ponto.

- Vamos - disse, em tom cortante, e entregou-lhes os casacos.

Francesca aproximou-se com um sorriso para se despedir. Ao vestir o sobretudo de pele de camelo, Eliah esticou o braço e a sua camisa abriu-se um pouco. A Medalha Milagrosa apareceu diante dos olhos de Francesca.

- O que é isto? - disse, e segurou-a entre o polegar e o indicador.

- Foi a Matilde que me ofereceu - resmungou. - É muito devota. - Inclinou-se e deu dois beijos à sua mãe. - Até breve, mãe.

- Meu filho, obrigada por trazeres a Matilde. Estou muito contente que vocês...

- A nonna não pensa o mesmo. Quando soube que era uma Martínez Olazábal, filha do Aldo, olhou-a de uma maneira muito deselegante. E fê-la sentir-se desconfortável.

- Oh... Não me digas! Lamento, querido. Deve ter sido apanhada de surpresa.

- Seja como for. Mas fê-la sentir-se mal. Fala com ela. Não quero que se volte a repetir.

Francesca seguiu a partida do seu filho com o olhar, dividida entre dois pensamentos que lhe provocavam sensações diferentes: por um lado, meditava sobre a reação de Antonina e, por outro, sobre a ferocidade com que Eliah acabava de defender Matilde. Não lhe conhecia essa faceta. Na vida de Samara, sempre se tinha defendido das reclamações da mulher e das interferências dela, de Kamal ou de Alaman, a quem Samara recorria em busca de consolo, apoio e conselhos. Na verdade tinha-se tratado de um casamento jovem e imaturo.

Matilde não se sentia bem, doía-lhe a cabeça e uma ligeira indisposição obrigou-a dar o braço a Juana. Apoiou a cabeça no assento do Aston Martin e adormeceu. Acordou quando Al-Saud a colocava na cama. Ficou calada e quieta, emocionada ao verificar a delicadeza com que ele lhe tirava os sapatos.

- Eliah? - sussurrou, e estendeu-lhe a mão, que ele tomou com uma atitude solícita.

- O que foi?

- Vamos fazer amor. Preciso de ti.

A prontidão que Al-Saud utilizou para se despir transformou-se numa suave lentidão quando se colocou sobre ela para a amar. Não adormeceram ao acabar, mas ficaram abraçados, mornos e serenos, com as costas de Matilde encaixadas na curva que o corpo de Al-Saud formava.

- Qual é o sentido da vida para ti, Eliah?

- Tem de ter um sentido? Acho que isso do «sentido da vida» é sobre-valorizado. Viver é tentar passar o melhor possível, nada mais.

- A fazer o quê?

- O que mais nos agrada.

- Eu gosto de curar pessoas.

- Eu sei.

- E tu, de que é que gostas mais?

«De estar contigo», pensou sem hesitar, embora se tenha calado por-que achou que era um comentário piroso, apesar de ter sido sincero.

- Gosto de pilotar.

- De pilotar aviões? - Al-Saud desenhou um sim nas suas costas. - Que tipo de aviões?

- Qualquer tipo de avião.

Matilde virou-se.

- A sério que sabes pilotar aviões?

- Sim, sei pilotar aviões - respondeu ele, com um sorriso ao vê-la mais animada.

- Onde é que aprendeste a pilotar?

- Em L' Armée de L Air.

- A Armada do Ar? Isso seria como a Força Aérea na Argentina? - Al-Saud assentiu.
- Foste militar?

- Não tens os militares em grande conta, parece-me. - Matilde negou com um leve movimento de cabeça. - A verdade é que nunca me senti um militar. Na verdade, eu era um piloto de guerra.

Matilde lembrou-se das revistas que tinha visto na biblioteca do escritório de Eliah, a World Air Power Journal.

- Combateste em alguma guerra?

Temia aquela pergunta, não só pela resposta mas também pelas lem-branças que agitava, em especial as da Guerra do Golfo. Devido à sua céle-bre pontaria, atribuíam-lhe missões de lançamento de mísseis a alvos muito específicos e de pouca acessibilidade. Quase no fim do conflito, escolhe- ram-no para bombardear um bunker em Amiriyah, um subúrbio de Bag- dade. A precisão do lançamento adquiria contornos de cirurgia plástica, já que os AS 30L deviam entrar pelos orifícios do sistema de ventilação, de um diâmetro apenas superior ao dos mísseis Sepecat Jaguar. A missão foi um êxito, o bunker foi destruído e as quatrocentas pessoas que o ocupavam morreram carbonizadas. Quatrocentos civis, maioritariamente mulheres e crianças. A notícia enfureceu Al-Saud que, num espetáculo pouco habitual para um homem comedido como ele, deu um murro na mesa e gritou exigindo que lhe pusessem à frente o agente dos Serviços Secretos que lhe tinha garantido que se t ratava de um bunker militar. Embora lhe explicassem que o era e que Saddam o tinha enchido de civis de propósito, Eliah não encontrava paz. Massacrara quatrocentos inocentes. Uma nova decepção produziu-se quando os líderes da política mundial, apesar de a Coligação das Nações Unidas ter ganhado a guerra, decidiram manter Saddam Hussein no poder. Durante meses convenceram-nos de que batalhavam contra um demónio. A notícia de que o inimigo continuaria a torturar o povo iraquiano foi como balde de água fria para os que tinham arriscado a pele. Al-Saud compreendeu que o resultado de uma guerra dependia mais de um acordo político do que de uma vitória militar. No ano seguinte participou na Guerra dos Balcãs até que numa noite, em plena missão, sentiu-se ridículo a lançar mísseis só porque um grupo de políticos corruptos e desapiadados, sentados nos cadeirões das suas confortáveis casas, lho ordenava. Nem sequer o facto de estar a pilotar um Mirage 2000 apaziguou essa sensação. Ao regressar à base de Orange, em França, pediu a demissão e encerrou-se na sua quinta de Rouen.

- Sim, estive na guerra. Mas não quero falar sobre isso. Não tenho boas lembranças.

- Claro. Uma guerra nunca nos pode trazer boas lembranças.

A última revelação mergulhou-os num silêncio eloquente, porque os seus olhares falavam. A cólera dela tinha desaparecido mal o viu tirar-lhe os sapatos com cuidado, para não a acordar. Com que direito poderia reclamar de que não lhe tivesse falado da sua falecida mulher nem do seu passado como piloto de guerra?

- Não sei porque é que disse aquilo em casa dos meus pais.

- O quê?

- O que te disse quando tinhas o Dominique ao colo. Parece-me que não gostaste. Não quero que te sintas pressionada. Eu sei que tu tens um projeto à tua frente. Eu não me vou converter num obstáculo.

- Sei que não o farás.

Voltaram ao silêncio eloquente. Matilde sorriu-lhe e acariciou-lhe o nariz com a ponta do indicador. Ele beijou-lhe o dedo.

- Se tenho de procurar um sentido para a vida - disse ele -, acho que fazer amor como acabo de fazer e depois voar no meu avião preferido o resumiria muito bem.

Matilde tapou a boca antes de soltar o risinho que tocava no coração de Al-Saud.

- Com que frequência? - interessou-se ela.

- Tantas vezes quanto nos apetecer!

- Que magnífico sentido encontraste para a vida! - Riram-se e, à medida que os risos se desvaneciam e os semblantes ganhavam seriedade, Al-Saud soube que Matilde lhe falaria de alguma coisa que ele não desejava ouvir: - A Yasmin disse-me que foste casado.

Soltou um gemido em jeito de assentimento e baixou o queixo para ocultar os olhos. Insultou Yasmin em pensamento, enquanto se imaginava a dar-lhe a sova que o pai nunca lhe dera por ser uma menina mimada.

- Teria gostado de que soubesses por mim e não pela Yasmin, que é uma... Não sei como se diz em castelhano! - exasperou-se. - A minha irmã é uma cancanière.

- Queres dizer fofoqueira. Acho que não gosta de mim.

- Tem ciúmes.

-A Yasmin gostava dela? Dela, quero dizer, da tua mulher.

- Sim, eram muito amigas, apesar de a Samara ser mais velha do que a Yasmin.

Matilde não imaginou o quanto lhe doeria ouvi-lo pronunciar aquele nome. Ansiava perguntar-lhe sobre Samara, sobre o acidente que a tinha levado, sobre o bebé que esperavam, sobre a sua vida como aviador, sobre a sua experiência na guerra. «Amaste-a muito? Mais do que a mim?» Fechou os olhos e fingiu dormir.

Gérard Moses decifrou a mensagem de Anuar Al-Muzara, enviada por pombo-correio e na qual lhe revelava as coordenadas do local para onde Udo Jürkens se deveria dirigir e a data em que deveria fazê-lo. Era urgente conceber o plano para atacar a sede da OPEP e arrecadar o dinheiro dos resgates.

Caminhou pelo corredor lúgubre do último andar do casarão onde ele e Shiloah tinham sido criados. O eco dos seus passos sobre as compridas tábuas de carvalho aprofundavam a solidão e o silêncio que caracterizava a mansão havia anos. Antes, o riso de Shiloah e as vozes dos seus amigos tinham na enchido de vida e de luz. Os bustos e as estátuas de mármore sucediam-se, tapados com lençóis brancos, tal como as pinturas, deixando sombras aqui e ali. A figura gigante de Udo apareceu recortada no fim do corredor, e Gérard sentiu um momento de pânico que a penumbra o ajudou a dissimular.

- Chefe - disse Jürkens -, não sabia que já tinha regressado de Herstal.

- Cheguei esta tarde. O que é que aconteceu com os três iraquianos?

- Correu tudo de acordo com os meus planos.

- Então, funcionou?

- Sim, o agente nervoso funcionou. Estão mortos.

O sayid rais vai ficar contente com a notícia. Preciso que me dês os detalhes para o relatório. Mas antes quero que me fales sobre a nova rapa-riga do Al-Saud. O que é que me podes dizer?

- Esta noite o Al-Saud levou-a a uma festa numa mansão da avenue Foch, na esquina com a Malakoff.

Apesar do cansaço e do fato de a nova medicação lhe revolver o estômago, não demorou mais de uns segundos a recordar que era ali a mansão dos Al-Saud. «Levou-a à casa dos pais.» Virou-se bruscamente para ocultar as lágrimas. Era a primeira vez que levava uma mulher à casa dos pais.

Samara não contava porque, tal como os seus irmãos, Anuar e Sabir, vivia na casa da avenue Foch desde que o príncipe Kamal se convertera em seu tutor. Pigarreou para limpar a voz.

- Udo, trá-la aqui. Quero conhecê-la.

- É canja, chefe.

- Depois, matá-la. Temos de nos assegurar de que não vai começar a fazer perguntas sobre a experiência do Blahetter,

- De acordo com a carta que ele deixou no cofre da Gare du Nord e confiando em que a tradução esteja correta...

- Sei muito bem espanhol, Udo. Por acaso não encontraste os planos onde te indiquei?

- Sim, claro que sim. Então, assim sendo, não há dúvidas de que ela não estava ao corrente de nada. Essa carta nunca chegou às suas mãos.

A solidez da conclusão de Udo Jürkens incomodou Moses

- Não temos a certeza - obstinou-se. - Pode té la lido e te la colocado novamente no cofre na Gare du Nord.

- O envelope estava selado e não parecia ter sido, aberto.

- Seja como for, vais desfazer-te dela, Udo. Vamos usá la para testar outro dos nossos agentes nervosos que o sayid rais me deu. Ou não queres fazer o trabalho? Será que te conquistou a ti também? - Udo devolveu lhe um olhar que Moses não soube decifrar. Seria de culpa ou de perturbação? - Não quero deixar pontas soltas nisto - acrescentou, sem agressividade. Quando terminares a missão que te acabo de confiar, vais reunir-te com o Al Muzara para planear o ataque à OPEP. Tenho aqui as coordenadas.

A semana apresentava-se atarefada. A cabeça de Al-Saud saltava de um assunto para o outro; na sua agenda não havia lugar para mais compromissos; os seus telefones os fixos e o celular - tocavam incessantemente; Victoire e Thérèse enchiam-no de mensagens, pedidos e lembretes, inundavam-lhe a secretária de papéis e pediam-lhe assinaturas em cheques e em contratos.

Al-Saud, no entanto, não perdia de vista duas questões: a publicação da reportagem no NRC Handelsblad, o jornal holandês, e as fotografias que Amburgo Ferro obtivera do assassino dos três iraquianos, porque Edmé de Florian tinha confirmado o que eles sabiam desde a tarde de sábado: estavam mortos. A autópsia iria demorar. Para já, Alaman e Peter Ramsay trabalhavam com as fotografias de Amburgo, que não eram boas. O italiano tinha-as tirado de longe e com uma lente inadequada. Agora tentavam estabelecer, com a ajuda de um software, se as medidas do assassino da fábrica abandonada de Seine-Saint-Denis e as do que tinha entrado no apartamento da rue Toullier coincidiam.

Al-Saud folheava os jornais enquanto comia uma sandes. Procurava informação sobre o assassinio dos iraquianos; só encontrou uma menção num jornal local de Seine-Saint-Denis, onde se conjecturava sobre a possibilidade de uma overdose, apesar de não terem sido encontradas seringas nem vestígios de entorpecentes. Afastou o jornal e limpou as mãos para atender o celular. Olhou para o ecrã, era Zoya.

A sua voz parecia tensa.

- Estás bem?

- Sim. Não te preocupes comigo. Estou bem. O Masséna gosta do ar caribenho. Está mais descontraído. Ligo-te porque a Natasha voltou a entrar em contacto comigo. Pediu-me dinheiro. Pareceu-me nervosa, quase desesperada.

- Como é que lhe vais enviar o dinheiro?

- Deu-me o número de uma conta bancária.

- Eu trato disso. Passa-me o número. Tens aí à mão? Zoya deu-lho.

- Pediu-te alguma quantia em particular?

- Não, mas pensava ser generosa. Como te digo, parei eu me muito nervosa. E, embora tenha insistido, não me quis dizer onde está.

À noite, Al-Saud entrou na base pelo portão da rue Maréchal Harisppe . Encerrou-se com Peter e Alaman na sala de projeção, disposto a ouvir as suas conclusões. Voltaram a passar as imagens, observaram as fotografias no ecrã e analisaram os resultados que o software lhes dava.

- As medidas coincidem e as formas do crânio também informou Peter.

- Tendo como base o perfil do assassino que o Amburgo fotografou (que não se pode ver bem, como é evidente), o programa traçou um retrato-falado. O homem seria mais ou menos assim.

A suposta cara do assassino projetou-se em frente de Eliah, aumentada no ecrã da parede. A semelhança com o homem que tinha entrado no apartamento da rue Toullier era espantosa.

- É ele - murmurou. E o mesmo filho da puta

- O que não nos deveria surpreender apontou Alaman Quem quer que tenha entrado na casa da Matilde e o mesmo que contratou os iraquianos para a atacarem. Como não queria deixar pontas soltas, assassinou quem podia testemunhar contra ele

- Pelo que falou Al Saud, sem tirar os olhos do desenho realizado pelo software - é o mesmo sacana que nos tentou sequestrar em 1981.

- Também scanneámos o retrato-falado que surgiu da descrição da enfermeira-chefe - continuou Alaman, como se não tivesse ouvido o comentário do irmão - e comparámo-lo com as fotografias e as imagens.

-E?

- Há pontos de coincidência - admitiu Ramsay -, mas nada que nos possa oferecer um resultado definitivo.

- É o mesmo - afirmou Al-Saud. - São os três o mesmo sacana. - «E o mesmo que atacou o Sabir e o Shiloah no dia da abertura da convenção.»

Durante o jantar, o ânimo sombrio de Al-Saud acentuou-se quando o celular de Juana tocou e a chamada era para Matilde.

- É o Auguste Vanderhoeven, o da Mãos Que Curam - anunciou Juana com ar dececionado, pois achara que se tratava de Shiloah Moses.

A alegria de Matilde, o modo como se empenhava em falar com ele em francês e os risinhos que lhe destinava aqueceram o sangue de Al-Saud. Ao desligar, dirigiu-se a Juana.

- O Auguste estava a ligar para nos avisar que o doutor Rolf Gustafs-son está em Paris de passagem, é o tal médico sueco que vive há vinte anos na província de Kivu do Norte e que é um dos poucos especialistas em fístulas obstétricas do mundo.

«Com que então chama-lhe Auguste», enfureceu-se Al-Saud. Na sua opinião, Matilde parecia tão excitada e contente como se acabasse de saber que tinha ganhado a loteria.

-Trabalha para a Mãos Que Curam? perguntou Juana.

- Nao, não. O doutor Gustafsson foi contratado pelo governo do Congo. Está lá há vinte anos! repetiu. Pode contar nos imensas coisas.

- Quem é o Auguste Vanderhoeven? interveio Al Saud.

- Tu conhecê-lo - apressou-se a esclarecer Matilde. Viste-o no dia em que me fostes buscar à sede da Mãos Que Curam, quando regressaste de viagem. Lembras-te?

Al-Saud assentiu e baixou o olhar para levar um bocado de carne à boca. Claro que se lembrava do tipo que olhava para Matilde com cara de palerma.

- O que é que queria? - insistiu, sem levantar o olhar.

- Quer que almocemos amanhã com ele e com o doutor Gustafsson.

- E pensas ir, Matilde? - Perguntou com deliberada lentidão, enfatizando o «Matilde», enquanto a fulminava com o olhar. Juana deu-lhe um pontapé debaixo da mesa.

- Sim, penso ir - respondeu, perturbada e com medo, e levantou-se para ajudar Leila a servir a sobremesa.

- Que bicho te mordeu? - irritou-se Juana quando Matilde entrou na cozinha. - Porque é que lhe falas assim, com esse tom?

- Não quero que vá almoçar com esse tipo. Está interessado nela.

-E?

- E? - escandalizou-se ele. - Não quero que ninguém se interesse pela minha mulher.

- Ah, meu querido! - impacientou-se Juana. - Então, se não queres que ninguém se interesse pela tua mulher, escolhe uma com cara de barata e não com cara de modelo da revista Vogue. Meu Deus, Eliah! És um homem do mundo, como é que podes ficar assim só porque um colega da Mãos Que Curam a convida para um almoço de trabalho?

- É por ser um homem do mundo que conheço as intenções dos meus congéneres!

- Que a Matilde esteja louca por ti e que só tenha olhos para ti não interessa, pois não? E que sejas o único homem a quem se entregou também não?

- Ela é ingénua e demasiado humilde para se dar conta do que provoca nos homens.

- Ela é ingénua, estou de acordo com isso, e humilde também, mas não é louca. Bonitão - disse, e suavizou a expressão do seu rosto e o tom -, não te convertas noutro Roy que passava a vida ciumento e a abafá-la. A Mat valoriza a sua liberdade porque lhe custou consegui-la. Se ficas contra ela, vais perdê-la. Conheço-a, Eliah, conheço-a como ninguém. Parece débil e terna, mas é uma leoa quando luta pelo que acha justo. E tu, ao tratá-la como uma tonta e ao desconfiares dela, eslás a cometer uma injustiça.

Mais tarde, enquanto nadava mariposa, Al Saud viu através da cortina de água que lhe enchia os olhos a pequena figura de Matilde no extremo da piscina, envolvida no roupão branco do George V. Não deu a cambalhota ao tocar na parede, mas descansou as mãos no rebordo da piscina e apoiou o queixo nelas. Olharam-se longamente. Al Saud nadou até às escadas e saiu. Mais do que irritar-se. Matilde ficava surpreendida ao dar-se conta da sua debilidade; a zanga pela cena durante o almoço diluía-se à vista daquele corpo perfeito, escuro e brilhante de água. A visão do fato de banho diminuto e justo, como os que usam os nadadores profissionais, provocava-lhe cócegas entre as pernas. Pegou no roupão de Al-Saud e numa toalha do cadeirão de cana-da-índia e passou-lhos. Ele olhava-a com dureza enquanto se secava, e ela só pensava em fazer amor. Para quê discutir sobre Auguste Vanderhoeven? Não fazia sentido. Aproximou-se e sorriu-lhe.

- Hoje de manhã ligou-me a tua mãe. - Eliah limitou-se a arquear as sobrancelhas e a fazer uma expressão indiferente. - Pedeu-me que fosse com ela na sexta-feira visitar a Capela da Nossa Senhora da Medalha Mila-grosa. Disse-me que tu lhe cont...

- Estiveste com o Vanderhoeven enquanto eu estive de viagem?

- O quê? Não! Por acaso a Diana e o Sándor não te teriam informado? - repreendeu-o, com sarcasmo.

- Talvez tenhas caído nas boas graças deles e me escondam coisas. Tens uma forma muito especial de conseguir que os outros se rendam aos teus pés.

Matilde virou-se para abandonar a área da piscina. Al-Saud puxou-a para os seus braços e cravou-lhe os dedos nas costas.

- Deixa-me ir, Eliah. Estás a magoar-me.

- Porquê tanto entusiasmo com a simples chamada desse palerma?

Matilde contemplou-o diretamente nos olhos, tinha as pestanas com pequenas pérolas de água. Depois deu-se conta de que ele estava sofrer o mesmo que ela durante a sua semana de ausência e silêncio, quando se atormentava ao imaginá-lo nos braços de outra, na cama com outra.

- O entusiasmo dispôs-se a explicar deve-se ao fato de eu estar muito interessada em aprender a tratar fístulas obstétricas, uma prática que não existe no meu país, mas que é comum em África. Poucos médicos no mundo conhecem este assunto, e poucos sabem como reparar as fístulas, que é uma cirurgia muito peculiar. É tudo. Poder conversar com um dos pioneiros no mundo em matéria de cirurgia de fístula obstétrica deixou-me entusiasmada, tal como me deixa entusiasmada tudo o que se relaciona com a minha carreira. Foste para a cama com outra mulher durante a semana em que estiveste de viagem? - Como Al-Saud ficou a olhar para ela com uma expressão lastimosa, Matilde continuou: - Porque foi isso que desconfiei durante o tempo em que estiveste longe de mim. Pensei que era por isso que não me ligavas, porque estavas com outra.

- Não! - exclamou Al-Saud, espantado. - Como é que pudeste pensar que eu estava com outra?

- Como é que pudeste pensar que o Vanderhoeven me agrada? Estiveste com alguma mulher? Não sei, para almoçar ou para jantar, qual dos dois seria pior.

- Jantei com uma velha amiga.

- Não se passou nada entre vocês? - Matilde começava a detestar o papel de mulher histérica; apesar de tudo, não conseguia reprimir a ira e o despeito, que brotavam sem contenção. - Nada de nada? Nem sequer um beijo?

- Nada de nada - mentiu.

- Como se chama essa velha amiga?

- Estás com ciúmes - afirmou Al-Saud, esboçando um sorriso cuja petulância irritou Matilde.

- Estou simplesmente curiosa. Como se chama?

- Madame Gulemale.

- Que nome tão excêntrico! Madame Gulemale.

- Estás com ciúmes - repetiu ele - e adoro. - Beijou-a com ardor no pescoço e manteve-a encostada a ele apesar das tentativas de Matilde para se afastar. - Fica quieta.

- Não. Larga-me. Estou chateada contigo. Estás a molhar-me, Eliah!

- Para que é que me vieste buscar? Para isto? - perguntou-lhe, e obri-gou-a a apoiar a mão no vulto; sabia onde tocar para a manter receptiva. Matilde verificou a tensão e o calor sob a humidade do tecido.

- Que cavalheiro - censurou-o, e tentou tirar a mão. Al-Saud manteve-a lá e usou-a para se estimular. - Não vim cá para isso. Só para te contar que a tua mãe me convidou para ir à Capela da Medalha Milagrosa. Mas vejo que estás de mau humor.

- Tenho vontade de matar o tal Vanderhoeven.

- Pois! - exclamou Matilde com raiva, e, apesar de não se desfazer da mão de Al-Saud, continuou a lutar. Não julgues que pensar em Madame Gulemale me causou muita felicidade, sabes?

- Estou muito excitado. Ao pressionai lhe os braços como faixas contra o seu corpo, imobilizou a. Matilde permaneceu quieta e agitada com a face encostada ao tronco de Al Saud. Não quero que nos zanguemos. Perdoa-me, meu amor. Não desconfio de ti, mas sim dos outros. O sangue ferve-me quando vejo que outro te deseja.

- A mim acontece-me o mesmo - admitiu ela. Quando te vi com a Celia na noite da...

Al-Saud fê-la calar-se com um «chiu».

- Não vamos continuar a discutir, Matilde. Tive um dia cansativo.

- Eu também não quero discutir. O teu dia foi muito cansativo? - Al-Saud assentiu. - Coitadinho do meu amor. Temos de fazer alguma coisa para o compensar das penúrias da jornada. Que tal isto? - disse, e colocou os polegares no elástico do fato de banho, puxando-o até o tirar completa-mente. Desfez-se do roupão, debaixo do qual não tinha nada, roçou o seu corpo nu pelo dele até se pôr de joelhos e metê-lo na boca.

Juana, que fazia exercício no ginásio, ouviu o clamor rouco e desinibido de Al-Saud, e um sorriso despontou-lhe nos lábios.

Por volta das cinco da tarde de quarta-feira, 25 de fevereiro, a secretária de Ariel Bergman entrou no seu gabinete com os jornais vespertinos mais importantes de Amsterdão e deixou-os sobre uma mesa de reuniões onde o seu chefe gostava de os abrir e folhear.

- Obrigado, Rutke - disse, sem levantar os olhos do ecrã do computador.

- Senhor Bergman. - O tom de voz da secretária levou-o a olhar para ela. - Precisa de ler o NRC Handelsblad.

Ariel Bergman levantou-se e Rutke passou-lhe o jornal. O título dizia: A fábrica de armas químicas de Israel. O subtítulo desenvolvia: A descoberta realizada por este jornal dá uma nova perspetiva às sequelas do acidente de Bijlmer. Bergman contemplou a fotografia que ocupava meia capa; tratava-se de um laboratório. Procurou o nome do autor do artigo: Ruud Kok.

- Maldito filho da mãe resmungou. Lembrava-se de Kok, o jornalista que tinha acabado por se converter num problema durante os meses posteriores ao acidente do voo 2681 da El Al. - Maldito filho da mãe - resmungou de novo, e desta vez não insultava Kok mas o cérebro dessa manobra magistral, Eliah Al-Saud. Nesse instante compreendeu o significado da mensagem que lhes tinha enviado através do kidon que o interceptou no bar do Summerland, em Beirute. «Diz ao teu memuneh para estar atento às notícias da semana que vem. Diz-lhe também que entrarei em contacto com ele.»

Rutke saiu rapidamente para atender o telefone que tocava na sua secretária. Passou a chamada a Bergman. Tratava-se do sayan que trabalhava no NRC Handelsblad.

- Que merda significa este título? - explodiu Bergman.

- Não sei! Acabo de o ver, e é por isso que te ligo. É evidente que se trabalhou com absoluta discrição e que não se filtrou nem uma palavra. Aqui ninguém sabia de nada. Lamento.

Bergman desligou com uma pancada e recostou-se na cadeira. Segurou a cabeça com as mãos e fechou os olhos com força. Precisava de se acalmar para reorganizar as ideias e decidir os próximos passos. Contrariado, ligou para o número privado do diretor da Mossad e informou-o da notícia. O homem, geralmente calmo e até afável, rompeu em insultos. Tanto Bergman como a máxima autoridade do Serviço Secreto estavam a pôr em causa o seu posto.

A situação piorou no dia seguinte, quinta-feira, 26 de fevereiro, quando a notícia apareceu em dois jornais israelitas de grande prestígio, o Haaretz e O Independente, cujo proprietário, Shiloah Moses, o filho mais novo do sionista até à morte Gérard Moses, aproveitou a conjuntura e agravou o tom do seu discurso para atacar o governo e a Mossad. Nesses dias, as sondagens davam-no como vencedor das próximas eleições.

Ariel Bergman voou de urgência para Telavive-Yafo para se reunir com o seu chefe.

- É imperativo saber o que é que o Al-Saud tem entre mãos - disse o diretor da Mossad. - O que é que sabemos sobre ele?

Ariel Bergman encheu-se de paciência e resumiu-lhe os relatórios que lhe tinha enviado todas as semanas. Era evidente que o memuneh não os lera. Não o censurava, a quantidade de informação que se acumulava na sua secretária era avassaladora.

- Agora sabemos que age em nome das duas companhias de seguros mais prejudicadas no caso Bijlmer. Começámos a segui-lo há algumas semanas, quando regressou de uma viagem a Buenos Aires na qual andou a fazer averiguações sobre a Química Blahett. Naquele momento não parecia um assunto muito importante; foi preciso retirar os Katsas que os seguiam, a ele e aos sócios dele. São os três excelentes profissionais e esquiavam-se facilmente. Por um golpe de sorte, conseguimos infiltrar um sayan na empresa, a Mercure S.A., que nos facultou informação valiosa. A última, no entanto, fazia parte de uma emboscada que o Al-Saud e os seus homens nos lançaram. Isto foi na semana passada.

- Então, o nosso sayan foi descoberto?

- Não temos a certeza. - Aguardou um novo comentário do chefe; como não chegou, continuou com o relatório: - No dia da emboscada, o Al-Saud mandou-nos uma mensagem através de um dos nossos homens. Disse-nos para estarmos atentos às notícias e que ele entraria em contacto consigo.

- Não vamos esperar que atue. É preciso detê-lo. Agora. O primeiro-ministro está irritadíssimo e a única coisa que faz é levantar o telefone para me insultar.

Vladimir Chevrnikov abriu a porta do seu apartamento e deixou Al-Saud entrar. Fez café para os dois, embora na sua chávena tenha vertido uma medida de vodka.

- Ainda não tenho informação de relevância sobre o sujeito que me pediste, o Aldo Martínez Olazábal. Pelo que consegui averiguar, esteve preso depois da falência fraudulenta do seu banco na Argentina.

- Isso já sabia. O que me interessa saber é a que se dedica agora.

- O rasto parece morrer na prisão - admitiu Chevrnikov.

- Entrarei em contacto com a minha fonte nos Serviços Secretos argentinos. Talvez me possa dizer alguma coisa sobre ele. Agora preciso de te pedir outro favor.

- Às tuas ordens, como sempre.

- Pede ao Vincent Pellon que marque uma reunião com o chefe da Mossad na Europa.

Embora vivesse numa mansão no bairro de Mayfair, em Londres, Vincent Pellon era checoslovaco. Na verdade, chamava-se Václav Pavez- kinsky; do seu verdadeiro nome só restavam as iniciais. As peripécias que viveu para escapar das garras do nazismo que matou os seus pais e os seus irmãos mais velhos eram dignas de um romance ou de um filme. Tinha chegado ao porto de Dover, em Inglaterra, mal vestido, sujo e morto de fome. Quarenta anos mais tarde, era um dos homens mais poderosos do Reino Unido, dono de um canal de televisão, de várias rádios e de dois jornais. Detentor de uma personalidade expansiva e arrogante, não escondia a sua origem judaica nem os seus estreitos laços com o sionismo. Considerava Israel um segundo lar e doava grandes quantidades de dinheiro para o seu desenvolvimento. O seu compromisso, no entanto, superava o simples donativo para um kibutz e atingia uma das posições mais elevadas, era o sayan mais valioso da Mossad na Grã-Bretanha. Apesar do seu poder e influência, Pellon possuía um lado fraco: os seus negócios tinham começado a declinar. Ao princípio tratou-se de uma descida da rentabilidade devido a um mau negócio com a compra de uma empresa de software, que

se foi acentuando nos exercícios sucessivos até se converter numa quebra flagrante. Os bancos da City em Londres já não consideravam o

Grupo Pellon uma aposta segura, e os investidores de Israel começavam a pressioná-lo para que devolvesse os capitais. Num ato de desespero, Pellon desviou os fundos de pensão dos seus milhares de funcionários para dar resposta aos pedidos. Dessa manobra fraudulenta, Chevrnikov obtivera documentação comprovativa, que lhe tinha fornecido um ex-funcionário do Departamento de Auditoria do Grupo Pellon, sem falar dos vídeos de Vincent Pellon com Zoya, a quem visitava na sua viagem mensal a Paris.

- Não há problema - disse Chevrnikov. - Duvido que se negue. Para quando queres que marque o encontro?

- Para a semana que vem. Sei que te estou a dar pouco tempo, mas as coisas estão assim. Para além disso, os da Mossad estão à espera do meu convite. - Chevrnikov sorriu com sarcasmo. - Insiste em que seja o chefe da Mossad na Europa. Não quero nenhum funcionário de segunda.

- Conhece-lo?

- Não, mas disseram ao Michael que é um tipo sensato e inteligente. A reunião far-se-á aqui, em Paris. Quando me confirmares que aceita encontrar-se conosco, indicar-lhe-ei como e onde se realizará a reunião.

- E se não aceitar?

- Aceitará.

Tinha esperado pelo encontro com Francesca Al-Saud sem dissimular a ansiedade; tinha-lhe até preparado um frasco de doce de leite. Queria conquistar o seu carinho, não podia negá-lo, embora preferisse não indagar as motivações quando dentro de poucas semanas partiria para o Congo e tudo estaria terminado. Porque durante o almoço com o doutor Rolf Gustafsson, Auguste Vanderhoeven tinha referido a possibilidade de adiantar o início do projeto atendendo à situação dos refugiados na zona de Kivu, que piorava de hora a hora. Matilde não mencionou essa eventualidade a Eliah, e também não lhe contou os pormenores do almoço, que foi muito animado, porque embora Gustafsson tosse um homem peculiar, mais circunspecto, sentiu-se atraído pelo entusiasmo de Matilde e pela graça de Juana e, quase no fim, estimulado pelo vinho, acabou a rir-se às gargalhadas. Despediram-se com a promessa de se encontrarem em Bukavu, a capital da província de Kivu do Sul.

Matilde sentia-se mergulhada em pensamentos contraditórios. Por um lado, desejava viajar para África e pôr-se ao serviço dos mais fracos; por outro, queria ficar em Paris, na casa da avenue Elisée Reclus, para sempre; considerava-a sua, como nunca tinha considerado o Palácio Martínez Olazábal nem o apartamento de Roy, apesar de só estarem lá há pouco mais de quinze dias como hóspedes de Eliah. O sentimento por ele era tão profundo que, desde a sua chegada a Paris, vivia num estado de alegria e entusiasmo permanente; sentia-se bonita, desejada e vital. Em menos de dois meses e com a ajuda de Al-Saud, quebrara a carapaça que a mantivera prisioneira, para sair para o mundo e se entregar a ele, que lhe tinha devolvido a dignidade. Às vezes ficava quieta e com o olhar perdido, a meditar sobre a Matilde de antes e sobre a revolução que essa viagem e esse homem tinham provocado no seu espírito.

Combinaram que Francesca iria buscá-las ao consultório do psiquiatra de Leila, na rue Lecourbe, às onze da manhã, depois da consulta na qual Matilde acompanharia pela primeira vez a moça bósnia.

O doutor Brieger não escondeu a surpresa perante o relato que a doutora Martínez lhe fazia num francês aceitável e com boa pronúncia. Reparou que Leila lhe pegava na mão e que a contemplava com uma expressão devota. A paciente tinha estabelecido um vínculo peculiar com a médica argentina, à qual confiara o seu coração destrozado. A razão por que escolhera uma estranha e não os irmãos ou o senhor Al-Saud ficaria no plano do inexplicável, o que demonstrava mais uma vez a complexidade do cérebro e da alma humanos. Brieger desviou o olhar para Leila e perguntou-lhe:

- A doutora Matilde afirma que falaste com ela. É verdade? - Leila assentiu. - E o que é que lhe disseste? - A jovem limitou-se a contemplá-lo com um olhar beatífico. - E só vais falar com ela? - Leila encolheu os ombros, num gesto infantil. - E então o Sándor e a Diana? Eles gostariam de falar contigo.

- Não é Diana. É Mariyana - pronunciou Leila, com a voz meio rouca e quebrada de quem acaba de acordar.

Sándor e Diana, de pé atrás de Matilde e de Leila, ficaram perturbados por um momento, tal como Brieger. Este, que conhecia a história dos irmãos Huseinovic, não precisou de explicações. Julgou interessante que Leila se dirigisse a ele pela primeira vez para referir o trauma de Diana, que não suportava a menção do seu verdadeiro nome. Por mais que tenha insistido, Brieger não conseguiu arrancar-lhe qualquer outra palavra. Leila saiu do consultório e juntou-se a Juana na receção.

- Atrevo-me a afirmar que o processo de recuperação da Leila começou. - Matilde, ainda de costas para os Huseinovic, ouviu o soluço abafado de Diana e comoveu-se. - Não será rápido nem fácil, mas seguirá o seu curso. Pouco a pouco irei diminuindo a dose do sonífero que a ajuda a dormir. Vamos ver como reage. A presença da doutora Martínez foi extremamente benéfica para a Leila, e a sua amizade vai ajudá-la a voltar a ser ela própria.

- Doutor Brieger, dentro de umas semanas partirei de Paris - comentou Matilde, e a culpa assolou-a.

- E quando regressa?

Não se atrevia a pronunciar a palavra «nunca» em frente aos irmãos Huseinovic; optou por uma resposta ambígua.

- Não sei dizer. Estarei longe vários meses.

- A Leila sabe?

- Não.

- É preciso dizer-lhe. É importante prepará-la.

Sándor e Diana autorizaram-na a sair do prédio do doutor Brieger ao avistarem o Rolls-Royce Silver Shadow amarelo de dona Francesca, e escoltaram-na até à parte de trás. Leila cismou que iria com Matilde e agarrou-se a ela de maneira tenaz. Não conseguiram convencê-la a viajar no carro conduzido por Sándor e que seguiria o Rolls-Royce.

- Ufa! - fingiu irritar-se Yasmin. - Eu vou com o Sándor e com a Diana. - Saiu do carro da mãe e caminhou em passos largos seguida de perto pelos irmãos Huseinovic.

Sándor abriu-lhe a porta de trás, sem olhar para ela, como fazia sempre enquanto estava ao seu serviço. Antes de entrar no veículo, Yasmin perguntou-lhe:

- Como tens passado, Sándor?

- Muito bem, minha senhora respondeu, sempre com o olhar no chão e uma mão nas costas. - Obrigado por perguntar.

- Com que então muito bem? Suponho que seja melhor proteger a Matilde do que a mim.

Sándor franziu a sobrelha como se não tivesse percebido a afirmação. Yasmin entreabriu os lábios lentamente perante a beleza daqueles olhos azuis emoldurados por sobrelhas densas e escuras; poucas vezes tinha obtido uma visão tão direta do seu rosto.

- Não - foi a resposta de Sándor, dita num tom seco, cortante, quase ofensivo. - Entre de uma vez. Está a expor-se.

Yasmin acomodou-se atrás do acompanhante. Os irmãos Huseinovic ocuparam os seus lugares e o automóvel pôs-se em movimento seguindo o Rolls-Royce. Ninguém falava. Quando se atrevia, Yasmin observava o reflexo de Sándor no espelho retrovisor e, numa ocasião em que os seus olhares se encontraram, ela sorriu-lhe com timidez. Sándor não lhe retribuiu o sorriso e, passados alguns segundos, voltou o olhar em frente. Dentro do Rolls-Royce palpitava um espírito diferente e, à exceção dos semblantes sérios do condutor e do acompanhante, dois homens de terno com cabos em espiral que nasciam nos seus ouvidos direitos e entravam pelas golas dos casacos, os dos restantes iluminavam-se com sorrisos. Matilde e Juana trocaram um olhar de cumplicidade ao repararem que Francesca protegera o pescoço com o lenço Emilio Pucci que lhe tinham oferecido no aniversário. Ficava-lhe muito bem, em contraste com o casaco de caxemira branca.

Francesca emanava a habitual simpatia e mostrou-se interessada nos progressos de Leila, felicitando-a como se tivesse passado num exame. Depois contou a história da religiosa Catarina Labouré, a quem a Virgem Maria pediu para cunhar a famosa medalha. Matilde não conhecia a história, apesar de ter usado a Medalha Milagrosa durante mais de dez anos.

Entrava-se na capela pelo Convento da Companhia das Filhas da Caridade, situado na rue du Bac, no número 140. A fachada do prédio não indicava grande coisa. Havia um grupo grande de pessoas no passeio, e os guarda-costas de Francesca abriram-lhes caminho. Sándor e Diana colaram-se a eles. Matilde olhou para Yasmin e julgou ver nela uma expressão angustiada.

Não é preciso que nos acompanhem lá dentro - indicou Francesca aos guarda-costas.

- Minha senhora - objetou Sándor -, se o seu filho Eliah descobrisse que nos afastámos da dona Matilde, ainda que fosse por cinco minutos, a Diana e eu estaríamos metidos em maus lençóis.

Francesca sorriu para Matilde, enquanto Yasmin admirava Sándor, a resolução e a educação com que se tinha dirigido à sua mãe numa língua que não a sua e que, embora a

pronunciasse mal, dominava; fascinava-a a sua voz áspera e grave, e imaginou-o a sussurrar-lhe em bósnio. Sentiu ciúmes pela ferocidade que ele dedicara à proteção da mulher de Eliah e sentiu-se de novo amargurada.

Os guarda-costas de Francesca ficaram junto dos automóveis, enquanto os Huseinovic protegiam as cinco mulheres, que atravessaram as portas do convento. Apesar de se encontrarem no centro de Paris, o lugar silen–ciou-se como que por encanto. Ouvia-se o vento frio e os pássaros. As pessoas moviam-se em silêncio e numa atitude de recolhimento. Francesca conduziu-as por um chão de ladrilhos até à capela e, em voz baixa, descreveu-lhes os detalhes dos frescos, do tabernáculo e do restante. Matilde subiu os quatro degraus de mármore que conduziam ao altar e permaneceu imóvel, com o rosto elevado para a estátua de Maria. Não rezava, mas meditava sobre os acontecimentos das últimas semanas, as mais vertiginosas e cruciais da sua vida. Por fim, rezou pela alma de Roy e pela resignação dos Blahetter. Ao seu lado tinha Leila, que também parecia rezar. Seria cristã ou muçulmana? Eliah explicara-lhe que os Huseinovic provinham de uma região da Bósnia habitada por islâmicos. A dúvida resolveu-se ao ver a agilidade com que se benzia. Leila dirigiu-se para a pequena capela onde descansava o corpo incorrupto de Santa Catarina Labouré. Francesca aproximou-se de Matilde e sussurrou-lhe:

- Vamos à sala onde entregam as medalhas e os rosários e depois vamos mandá-los benzer. Vens?

- Fico aqui, a rezar um pouco mais.

Juana, Francesca e Yasmin abandonaram a capela seguidas por Sándor, enquanto, na soleira, Diana protegia Matilde como se se negasse a entrar, com as pernas afastadas, as mãos juntas em frente ao corpo e o queixo ligeiramente elevado, numa atitude masculina e irreverente, como se desafiasse a Virgem.

A capela parecia ter-se esvaziado de repente, havia poucas pessoas, por isso Matilde atreveu-se a deslizar para trás do tabernáculo para aceder à abside da capela; sempre tinha sentido fascínio pelas absides, e lembrou-se de quando largava a mão da avó Celia e se escapulia para a parte posterior do altar dos Capuchinhos.

Alguém a segurou pela cintura, e Matilde sorriu ao julgar que se tratava de Eliah, que teria aparecido na rue du Bac para lhe fazer uma surpresa. Virou-se e o seu sorriso desvaneceu-se. Em frente dela não estava Eliah. Tratou-se de uma questão instintiva, animal: simplesmente, ao unir o seu olhar com o daquele homem, soube que contemplava a maldade em estado puro. O pânico espalhou-se pela sua corrente sanguínea, dominando cada parte do seu corpo. Sentiu uma onda gélida e uma tensão nos lábios. De forma inexplicável, não gritou enquanto tentava libertar-se dos braços do gigante. Ficou paralisada perante o rosto macabro do seu atacante, que entreabriu os lábios e lhe mostrou os dentes num sorriso sem humanidade. De seguida, deu-lhe uma bofetada com as costas da mão, e Matilde caiu como uma boneca de trapo. «É leve como uma pena», pensou Udo, enquanto pegava nela para a levar por uma porta lateral que descobrira na ala esquerda da capela.

Uma pontada seguida de um som rangente deteve-o e, num reflexo, soltou a vítima para levar a mão à parte de trás da cabeça. Tinha sangue nos dedos. Virou-se e deu de caras com uma mulher, que ainda sustinha no alto o candelabro com que lhe tinha batido.

- Mariyana! Mariyana!

Diana correu em direção aos gritos, e depois apareceu Sándor, que regressava da capela escoltando as três mulheres. Juana, Francesca e Yasmin não compreendiam o motivo dos gritos e das correrias e perguntavam: «O que é que se passa? Onde está a Matilde?» Precipitaram-se para o altar e pararam de repente ao verem Diana a lutar com um homem atrás do tabernáculo. Sándor arrastou Matilde para o lado oposto ao da luta. Francesca deu meia-volta e fugiu da capela.

A moça era boa, admitiu Udo. Al-Saud ensinara-a bem. Sabia como usar as pernas compridas e magras para desferir pontapés, e também dominava com habilidade a técnica para se desviar dos golpes que ele lhe lançava. No entanto, num momento em que ficou perto dele e desprotegeu a cara, Jürkens descarregou-lhe o punho na mandíbula e deixou-a inconsciente. A mulher de Al-Saud já não estava ali. Saiu de trás do tabernáculo e deu-se conta de que o barulho atraía mais pessoas. Decidiu bater em retirada ao ver os guarda-costas que conduziam o Rolls-Royce amarelo a entrarem na capela seguidos pela mãe de Al-Saud. Como a porta lateral já não era uma opção - por ali avançavam os guarda-costas -, encaminhou-se para a direita para se misturar com as pessoas e escapar pelo acesso principal.

Sándor acabava de deitar Matilde no primeiro banco quando se apercebeu de que o atacante se escapava pela ala direita. Saltou por cima do encosto, pulou entre os bancos e lançou-se sobre o homem. Caíram pesadamente e envolveram-se numa luta. Yasmin observava a cena, incapaz de superar o espanto que a acorrentava ao chão. Queria gritar, e os gritos acumulavam-se-lhe no peito, sufocando-a. Por fim, soltou um clamor que pareceu fazer estremecer as paredes da capela ao ver que o atacante apontava uma pistola e disparava ao coração de Sándor.

A multidão irrompeu em gritos e debandou. A confusão ofereceu uns segundos a Jürkens para trepar pela estátua de São Vicente de Paulo e, com uma habilidade que se contrapunha à solidez do seu corpo, agarrou-se à grade do corrimão da varanda interior. Ficou exposto, pendurado, e um dos guarda-costas de Francesca disparou e feriu-o na parte posterior da coxa direita. Jürkens mordeu o lábio para suportar a dor, enquanto mais balas silvavam à sua volta. Com um esforço titânico levantou o corpo e caiu para dentro da varanda. Disparou três balas contra o vitral e acabou por abrir passagem partindo o vidro com a coroa da sua Colt M1911. Cortou-se nos braços e rasgou o tecido das calças com os restos do vidro que, como estalactites, emergiam da moldura de ferro. No entanto, conseguiu avançar até chegar ao telhado do convento e fugir.

Yasmin caiu de joelhos ao pé de Sándor. O pânico impedia-a de pensar, não sabia o que fazer, as mãos tremiam-lhe, as lágrimas cegavam-na. Afastou-se com prontidão ao ver Matilde que, apesar do golpe recebido, se inclinava sobre Sándor com uma atitude tranquila e profissional. Colocou a cabeça dele para trás com movimentos delicados e abriu-lhe as pálpebras para verificar o reflexo das pupilas. Yasmin viu que Matilde o chamava e que o instava a acordar, não porque a ouvisse um zumbido ensurdecia-a - mas porque lhe lia os lábios. Matilde tentou reanimá-lo com suaves bofetadas e beliscando-lho as costas da mão, também não ouviu o que murmurava Juana, que procurava abrir a camisa de Sándor. Então, viu o colete à prova de bala e uma ténue esperança fê-la sorrir.

- Não está a respirar! - disse Juana, alarmada. O pulso está muito fraco.

Com a ajuda dos guarda-costas de Francesca tiraram-lhe o colete. A bala provocara um traumatismo à altura do coração e o hematoma estendia-se pelo peito e tingia-lhe o ombro de vermelho.

- O impacto foi terrível! - observou Matilde.

- Com que merda disparou? - perguntou um dos guarda-costas que, juntamente com o seu colega, estudava a marca do projétil no colete.

- Acho que tinha uma Colt calibre 45 - respondeu o outro.

- É lógico! Uma Colt calibre 45 e de tão perto...

- De qualquer forma - insistiu o guarda-costas o buraco no colete é enorme. Que tipo de bala será?

- Não tem pulso! - gritou Juana. - Entrou em paragem cardíaca!

- Meu Deus, por favor, não! Meu Deus, não! - clamava Yasmin, sufocada pelo pranto, e procurou os braços da mãe para chorar.

- Juana, faz-lhe respiração boca a boca! Eu faço-lhe a massagem.

Juana tapou o nariz de Sándor e insuflou ar duas vezes diretamente na sua boca. Matilde estava pronta, com os braços e as mãos na posição correta sobre o esterno. Pressionou-o cinco vezes. Juana fez respiração boca a boca novamente. Outra vez cinco pressões e uma respiração boca a boca, e entre uma técnica e outra, Juana ocupava-se de verificar se a circulação sanguínea se reiniciava.

- Já lhe sinto o pulso!

- Obrigada, meu Deus! - soluçou Yasmin.

- Continua a fazer-lhe respiração boca a boca - indicou-lhe Matilde.

- Eu ocupo-me do pulso. Está muito baixo - sussurrou segundos depois -, quarenta pulsações.

A multidão que os rodeava afastou-se para deixar passar os paramédicos, que de seguida verificaram que o paciente respirava pelos seus próprios meios. Matilde e Juana expressaram-se bastante bem para os informarem da situação e, como Matilde se apresentou como médica e insistiu, deixaram-na ir com Sándor na ambulância.

Thérèse passou a Eliah uma chamada da mãe. Segundos mais tarde, trocou um olhar com Victoire ao ouvi-lo levantar a voz. Não entendiam o que vociferava porque falava em castelhano. Al-Saud saiu do escritório com o blusão de couro por vestir e as chaves do carro na boca. Passou como uma rajada; não deu explicações nem elas se atreveram a pedi-las.

Al Saud teve a sensação de que o elevador do George V demorava mais do que era normal a chegar à garagem onde estacionava o Aston Martin. Na rua, passou os semáforos com o vermelho e ultrapassou os outros carros como se participasse numa corrida. Chegou às Urgências do Hôtel-Dieu, o hospital mais próximo da rue du Bac, em sete minutos. Subiu até ao segundo andar galgando os degraus de três em três e avançou pelo corredor procurando freneticamente o rosto de Matilde.

Yasmin, de pé em frente à máquina de café, viu-o chegar e intercetou-o. Abraçou-se a ele.

- Foi horrível! Aquele homem atacou a Matilde. Ela disse que a surpreendeu por trás, que tentou agarrá-la. O Sándor interveio e ele disparou à queima-roupa. Achei que tinha morrido.

- Deixa-me ir ter com a Matilde - disse Al-Saud, desesperado, e tentou afastar Yasmin. - Deixa-me, Yasmin!

- Eliah, espera um momento! Ouve-me! O homem era ele.

- Quem? Não estou a perceber, Yasmin! Deixa-me passar!

Yasmin agarrou-lhe no rosto com as mãos e obrigou-o a olhar para ela.

- O homem que queria a Matilde era o mesmo que nos tentou sequestrar em 1981.

Se Yasmin o tivesse golpeado com um tijolo não lhe teria causado o abalo que lhe provocou a sua afirmação.

- Não, meu Deus - murmurou. - Estás bem?

- Jamais esquecerei aquela cara, Eliah. Era ele. Soube-o assim que o vi. Praticamente não mudou nada, aquele sacana. Ainda não disse nada à mãe.

Yasmin afastou-se e Eliah devorou a distância que o separava de Matilde. Ela viu-o aproximar-se, levantou-se e correu para ele. Francesca testemunhou o momento em que Matilde desaparecia entre os braços e debaixo do blusão do filho. Ficou a contemplar a cena, impressionada com a energia do abraço de Eliah, com a eloquência do seu rosto de olhos fechados, com o ardor dos beijos que lhe deu na cabeça. Separaram-se e Eliah tirou um lenço para secar as lágrimas de Matilde. Apesar de o ter dado à luz e de o conhecer como ninguém, para Francesca, aquele Eliah revelava-se uma nova pessoa.

- Pensei que eras tu - soluçou Matilde, e Al-Saud conduziu-a até aos cadeirões da sala de espera. - Agarrou-me por trás, rodeou-me a cintura, e eu pensei que eras tu, que me vinhas fazer uma surpresa.

- Mon Dieu - comoveu-se Al-Saud e passou-lhe o indicador pela nódoa negra que lhe coloria a maçã do rosto esquerda de azul e violeta. - *Fils de pute*. Vou matar esse desgraçado.

- Não é nada - acalmou-o ela. - Já me observaram e não tenho fraturas nem fissuras. Só a nódoa negra.

Yasmin aproximou-se e deu-lhe um copo de plástico com chocolate quente.

- Vá, bebe um pouco - instou Al-Saud. - O açúcar do chocolate vai fazer-te bem.

Diana, que levava uns pontos no lábio ferido, aproximou-se para com-pletar o relato.

- Quando a Leila viu que o tipo queria levar a Matilde, deu-lhe com um candelabro na cabeça e chamou-me aos gritos.

- Onde é que tu estavas? - perguntou Al-Saud, irritado.

- À porta da capela, mas não via a Matilde porque ela se tinha metido atrás do altar. Foi aí que o tipo a agarrou.

- E tu não viste que o tipo se metia no mesmo lugar onde ela estava?
- Não - admitiu Diana, e baixou o olhar.
- Merda, Diana! Merda, que grande merda!
- Eliah, por favor - disse Matilde, e apertou-lhe a mão.
- Desculpa, Eliah.
- Onde é que estava o Sándor?
- Tinha saído da capela para proteger a tua mãe e a dona Yasmin.
- E vocês - dirigiu-se aos guarda-costas da mãe -, que raios estavam a fazer? A assistir à missa?
- Eu disse-lhes que esperassem lá fora - interveio Francesca e susteve o olhar raivoso do filho até que este o desviou.

Al-Saud levantou se quando Olivier Dussollier apareceu na sala de espera. Francesca reparou que não tirava os dedos do ombro de Matilde, como se temesse que lhe roubassem enquanto ele falava com o inspetor da Polícia.

Kamal e os seus filhos mais velhos apresentaram-se no Hôtel-Dieu pouco depois de Francesca lhes ter ligado. Kamal abraçou-a com um fervor semelhante ao utilizado pelo seu terceiro filho para envolver Matilde. André, o noivo de Yasmin, chegou momentos depois, abraçou-a e beijou-a. Matilde observou que Yasmin mal lhe tocava e que não escondia o mal-estar que lhe causavam as suas demonstrações de afeto.

- Chega, André. Não me apertes, estás a abafar-me. Estou bem. Eu estou bem. Quem está muito mal é o Sándor.

- Não queres ir para a minha casa? Lá podes tomar um banho...

- Não ouviste? O Sándor está muito mal. Não saio daqui até que o médico diga que se encontra fora de perigo.

Eliah falava com Dussollier à parte e examinavam o colete à prova de bala que um dos guarda-costas de Francesca tinha ido buscar ao porta-bagagens do Rolls-Royce.

- Terei de o confiscar como prova. - Al-Saud assentiu. - Não é um colete normal e corrente, como os que usam os agentes da Polícia.

- Não. É como os que usam os soldados na guerra.

- É de Kevlar? - Dussollier referia-se à placa de fibra sintética de grande resistência com a qual se fabricava a maioria dos coletes.

- Não. O Kevlar não é resistente aos calibres mais altos nem aos disparos de espingarda, já para não dizer que não detém facadas. Por outro lado, com o tempo, degrada-se e perde resistência. Este colete é fabricado com outra fibra sintética muito poderosa, para além de uma placa de cerâmica. Mesmo assim, é leve e pode ser usado debaixo da roupa.

- É uma maravilha. Deve custar uma fortuna.

- Sim. Mas os meus homens valem isso.

- Sim, evidentemente. E vemos que deu resultado. Acho que este rapaz já não estaria entre nós se estivesse a usar um colete de Kevlar. Repara como a bala quase perfura o colete!

- O Aman - disse Al-Saud, e apontou para um dos guarda-costas de Francesca - garante que o homem disparou à queima-roupa e com uma Colt M1911. De qualquer forma, esta bala não é comum. Talvez seja uma expansiva, de ogiva oca.

- De novo uma dundum? Os especialistas vão determinar isso. Lamento, Eliah, mas quem esteve presente na capela terá de ir prestar declarações. É preciso. Será que a senhora nos pode fornecer um retrato-falado do homem que a tentou atacar? - Ao virar-se em direção de Matilde e ao fixar o olhar nela, a expressão de Dussollier alterou-se. - É a mulher do Roy Blahetter!

Al-Saud observou Matilde, pálida e diminuta, apoiada no ombro de Juana.

- Sim - admitiu sem vontade -, é a sua viúva.

- Isto não pode ser coincidência, Eliah. Precisamos que ela nos forneça uma descrição dos traços do atacante.

- Vai fazê-lo, Olivier. Diz que o viu de frente. O Ahmed - Al-Saud falava do outro guarda-costas - disparou contra ele e acertou-lhe na parte de trás da coxa direita.

- Vamos alertar os hospitais. - Inclinou-se para lhe fazer uma confidência. - Já sei que não é o momento para te dizer isto, mas, graças à minha amizade com o médico-legista, tenho notícias em primeira mão sobre a autópsia dos jovens iraquianos. - Al-Saud acenou com a cabeça, incentivou-o a falar. - Parece que foram pulverizados com algum tipo de agente nervoso.

- Que tipo de agente?

O monstro que estava atrás de Matilde andava solto por Paris com uma bateria de armas químicas digna dos arsenais das potências mais desenvolvidas. Quem era Udo Jürkens? Era esse o seu verdadeiro nome? Blahetter tinha sugerido que se poderia tratar de um nome falso. Infelizmente, não teve tempo de lhe pedir uma descrição física. Quando Eliah chegara ao Georges Pompidou no dia seguinte, Blahetter estava mori-bundo. De qualquer forma, não precisava dele; era evidente que quem tinha entrado no apartamento da rue Toullier e quem torturara Blahetter eram a mesma pessoa. E esse homem, tinha a certeza, tentara sequestrá-lo a ele e à sua família quando ele era um adolescente.

Depois da tentativa de sequestro, em 1981, a Polícia não conseguira chegar à identidade daquele que era o chefe do grupo. Tinham uma sus-peita: que pertencia à organização terrorista Fração do Exército Vermelho. A suspeita baseava-se na declaração do próprio Eliah: o sequestrador tinha insultado em alemão. Nos anos 70, o alvo cobiçado pelas organiza-ções como a Fração do Exército Vermelho ou a de origem palestina, Setembro Negro, era Israel. Quem melhor do que a Mossad para lhe for-necer a verdadeira identidade desse monstro?

- Ainda não conseguiram determinar de que tipo de gás se trata - admitiu Dussollier. - Vão ter de isolar os componentes para saber. O que te digo é que desta vez será impossível evitar que a informação não che-gue à imprensa. A história do argentino Roy Blahetter - esclareceu - tam-bém acabará por vir à luz e os jornalistas vão relacionar

os dois casos. Há apenas dias de diferença entre um e outro acontecimento, já para não dizer que se deram num raio de poucos quilómetros.

- O que é que tu achas, Olivier? Estarão relacionados?

- Parece-me que sim. Agora resta saber se há uma relação com o ataque que a senhora sofreu hoje na capela. Sendo ela a viúva do Blahetter, isto cheira muito mal. -

- Pelo que sei, a senhora Martínez declarou na semana passada que não sabe nada sobre os assuntos do Blahetter. De facto, estavam separados.

- Sim, é verdade. Garante que não sabe nada. No entanto, alguém tentou raptá-la hoje, menos de quinze dias depois da morte do marido. Demasiadas coincidências. Enfim, teremos de continuar a investigar. Se a enfermeira do Georges Pompidou tivesse visto melhor o atacante do Blahetter e, conseqüentemente, dado uma melhor informação para elaborar um retrato-robô, talvez pudéssemos compará-lo com o que vamos fazer agora, baseado nas declarações de quem esteve na capela. Mas a verdade é que a enfermeira não viu nada. Os especialistas já estão na Medalha Milagrosa a trabalhar para conseguirem impressões digitais.

- O mais provável é que tivesse luvas.

- Eu também acho. É um profissional, não há dúvida alguma.

A espera ia-lhe dar cabo dos nervos. Yasmin saltou do cadeira quando um médico entrou na sala e perguntou pelos parentes de Sándor Huseinovic. Eliah, Leila e Diana aproximaram-se com prontidão e ela ficou na segunda fila, um pouco intimidada com os olhares que a mãe lhe lançava. Pela mesma razão mordeu a parte interior da bochecha para não revelar a felicidade que sentiu quando o médico disse que Sándor estava bem e que, apesar do trauma muito severo, respirava pelos seus próprios meios. O eletrocardiograma não apresentava anomalias e os exames neurológicos não revelavam lesões cerebrais devido à falta de oxigénio.

- O auxílio rápido que o paciente recebeu foi crucial neste sentido - acrescentou o médico, e Yasmin virou o rosto para procurar Matilde e Juana e lhes dirigir um sorriso de agradecimento.

O médico esclareceu que continuaria sedado durante o resto do dia e da noite na Unidade de Cuidados Intensivos e que, se o quadro evoluísse favoravelmente, de manhã seria transferido para um quarto. Yasmin ter-se-ia instalado com muito prazer num a cadeira da sala de espera e passado o dia e a noite no Hôtel-Dieu, perto de Sándor. A realidade impunha-se, e os olhares da sua mãe pesavam, por isso aceitou que André a levasse à casa da avenue Foch.

Abandonaram o hospital por volta das três da tarde, esfomeados e exaustos depois de tanta tensão. Ir à escola de línguas estava fora de questão. Por outro lado, Al-Saud tinha de arranjar um substituto de Sándor e, enquanto o fazia, Matilde tinha de permanecer em segurança na casa da avenue Elisée Reclus. Entraram no Aston Martin em silêncio e desani-mados. Al-Saud sorriu para Leila pelo espelho retrovisor e disse:

- Afinal, Leila, converteste-te na guarda-costas da Matilde.

- Ela salvou-me, foi muita corajosa.

- Que recompensa lhe daremos? - Al-Saud procurou-a de novo no espelho, e impressionou-o o rosto austero da jovem; não o conhecia. De repente, teve a impressão de que se tinha desprendido do último vestígio infantil, como se o que se passara na capela lhe tivesse devolvido a sobriedade de repente.

Demoraram cerca de uma hora no Quai des Orfèvres, onde Matilde e Juana trabalharam juntamente com um retratista no retrato-falado do atacante. Ao regressar à casa da avenue Elisée Reclus, Matilde só pensava em tomar um banho.

Al-Saud deixou-a a despir-se no quarto e regressou à cozinha para falar com Leila. Encontrou-a a improvisar um almoço. Abraçou-a em silêncio; ela correspondeu àquele abraço.

- Obrigado por a teres protegido - sussurrou ele.

- Obrigada a ti, Eliah - disse Leila, e Al-Saud fechou os olhos com força porque resistia a emocionar-se.

Matilde, sentada no rebordo do jacuzzi, olhava fixamente para o jorro de água. Sobressaltou-se quando Eliah lhe apoiou uma mão no ombro. Levantou-se rapidamente e encostou-se ao corpo dele, procurando refúgio. Ainda lhe custava compreender o que tinha acontecido. Desde a sua chegada a Paris, tinham-se desatado à sua volta forças do mal e também do amor, como se uns deuses se tivessem enfurecido com ela, enquanto outros a enchiam de bênçãos; eram ambos poderosos, e os efeitos eram devastadores.

- Tenho medo - confessou a Al Saud, apesar de ter prometido a si própria não o fazer,

- Eu sei. Sofrer dois ataques num curto espaço de tempo não é fácil de digerir.

- E o assassinato do Roy, e o roubo no apartamento da minha tia, e o atentado no George V... O que é que está a acontecer, Eliah? Se fosse supersticiosa, diria que alguém me lançou um bruxedo. - Levantou de repente o olhar, como se se lembrasse de algo importante: - Tens de regressar ao escritório?

- Pelo que sei, a senhora Martínez declarou na semana passada que não sabe nada sobre os assuntos do Blahetter. De facto, estavam separados.

- Sim, é verdade. Garante que não sabe nada. No entanto, alguém tentou raptá-la hoje, menos de quinze dias depois da morte do marido. Demasiadas coincidências. Enfim, teremos de continuar a investigar. Se a enfermeira do Georges Pompidou tivesse visto melhor o atacante do Blahetter e, consequentemente, dado uma melhor informação para elaborar um retrato-falado, talvez pudéssemos compará-lo com o que vamos fazer agora, baseado nas declarações de quem esteve na capela. Mas a verdade é que a enfermeira não viu nada. Os especialistas já estão na Medalha Milagrosa a trabalhar para conseguirem impressões digitais.

- O mais provável é que tivesse luvas.

- Eu também acho. É um profissional, não há dúvida alguma.

A espera ia-lhe dar cabo dos nervos. Yasmin saltou da cadeira quando um médico entrou na sala e perguntou pelos parentes de Sándor Husei- novic. Eliah, Leila e Diana aproximaram-se com prontidão e ela ficou na segunda fila, um pouco intimidada com os olhares que a mãe lhe lançava. Pela mesma razão mordeu a parte interior da bochecha

para não revelar a felicidade que sentiu quando o médico disse que Sándor estava bem e que, apesar do trauma muito severo, respirava pelos seus próprios meios. O eletrocardiograma não apresentava anomalias e os exames neurológicos não revelavam lesões cerebrais devido à falta de oxigénio.

- O auxílio rápido que o paciente recebeu foi crucial neste sentido - acrescentou o médico, e Yasmin virou o rosto para procurar Matilde e Juana e lhes dirigir um sorriso de agradecimento.

O médico esclareceu que continuaria sedado durante o resto do dia e da noite na Unidade de Cuidados Intensivos e que, se o quadro evoluísse favoravelmente, de manhã seria transferido para um quarto. Yasmin ter-se-ia instalado com muito prazer num cadeirão da sala de espera e passado o dia e a noite no Hôtel-Dieu, perto de Sándor. A realidade impunha-se, e os olhares da sua mãe pesavam, por isso aceitou que André a levasse à casa da avenue Foch.

Abandonaram o hospital por volta das três da tarde, esfomeados e exaustos depois de tanta tensão. Ir à escola de línguas estava fora de questão. Por outro lado, Al-Saud tinha de arranjar um substituto de Sándor e, enquanto o fazia, Matilde tinha de permanecer em segurança na casa

- Sim, era urgente regressar. No entanto, não podia abandoná-la naquele momento.

- Vou ligar à Thérèse e digo-lhe para cancelar alguns compromissos que tenho esta tarde e vamos tomar um banho juntos. O que é que achas?

Matilde esteve prestes a negar-se, detestava sei um fardo.

- Adoro a ideia - admitiu por fim, pois era incapaz de prescindir de Eliah no estado em que se encontrava.

Depois do banho, almoçaram na flor com Juana e Leila. Nenhum deles se referiu ao assunto no qual os quatro pensavam. Juana e Al Saud tentaram brincar, sem qualquer sucesso. À tarde, Matilde relia na cama o Encontro em Paris quando Al-Saud entrou no quarto com qualquer coisa na mão; parecia uma fotografia.

- Não quero falar do que se passou hoje disse - não quero que o recordes, mas preciso de te fazer uma pergunta importante. É mesmo importante.

- Pergunta-me o que quiseres.

Al-Saud entregou-lhe a fotografia.

- É este o tipo que te atacou?

A fotografia tremeu nas mãos de Matilde. Embora tivesse uma tonalidade esverdeada e pouca nitidez, o primeiro plano do rosto daquele homem era inconfundível.

- Sim, é ele. De onde é que tiraste isto?

- Das câmaras de segurança do Hospital Georges Pompidou - mentiu, porque, na verdade, correspondia às imagens do apartamento da rue Toullier. Alaman ampliara a cara do Intruso ao ponto de ser Impossível ver o que o rodeava. Matilde nunca teria descoberto que se tratava da casa da sua tia Enriqueta.

- Como é que soubeste que era este o homem que me atacou hoje na capela?

- Não sabia. Quis eliminar esta possibilidade.

Matilde voltou a estudar a fotografia.

- Esta fotografia foi tirada no hospital onde o Roy esteve internado?

- Al-Saud assentiu. Então, há uma relação entre a morte dele e o ataque de hoje?

- Acho que sim. Foi o Blahetter quem te meteu nesta confusão ao dar-te essa chave e ao colocar não sabemos o quê atrás do quadro. O assalto à porta da escola de línguas, a morte do Blahetter e o ataque de hoje, na minha opinião, estão relacionados. - Não mencionou o atentado no George V porque ainda não lhe tinha encontrado lógica.

Matilde largou a fotografia, pôs-se de joelhos na beira da cama e agarrou-se ao pescoço de Al-Saud.

- Eu não sei nada, Eliah! Ele nunca me falava das suas coisas! Não faço ideia do que querem! Não sei o que havia atrás do quadro!

- Eu sei, eu sei.

- Tenho medo - soluçou. - Não sei o que se está a passar e tenho muito medo.

- Quando te abraço assim - sussurrou lhe Al-Saud, e apertou-lhe os braços à volta das costas -, também tens medo?

- Não - choramingou Matilde, assim não tenho medo.

Udo Jürkens não se atreveu a regressar à casa da île Saint-Louis, o seu desempenho na tentativa de sequestro fora deplorável e envergonhava-se de aparecer naquele estado, com cortes nos braços e nas pernas, uma bala debaixo do rabo e sem a mulher de Al-Saud. Não era fácil aceder a ela quando se deslocava protegida por um enxame de guarda costas. Tinha-a seguido até à capela com intenção de a observar, de estudar os seus movimentos, de saber como era e, ao vê-la desprotegida e a dirigir-se ao tabernáculo, a tentação ofuscou-lhe o bom senso. Quem teria imaginado que a moça com cara de atrasada se mostraria tão decidida?

Tinha de fazer alguma coisa com a bala. A ferida sangrava muito e começava a sentir-se fraco. Não se atrevia a sair do quarto de hotel de beira de estrada no qual se escondia porque as principais notícias televisivas da meia-noite tinham divulgado o seu retrato-falado. O porteiro não constituiria uma ameaça assim que lhe passasse uma boa quantidade de francos para as mãos. No entanto, as aventuras em Paris tinham terminado. O professor Moses ficaria furioso. Esse pensamento fez-lhe piorar a dor na perna e mordeu o lábio para não gritar. Vestiu o blusão e tapou a cabeça com o capuz. Dissimulou o coxear para atravessar a recepção do hotel e saiu par a rue de Paradis. Procurava um telefone para comunicar com Fauzi Dahlan, o único amigo que lhe restava, com quem partilhava um passado intenso, por ter feito parte da organização terrorista sob o comando do palestino Abu Nidal. Tinha sido Fauzi a metê-lo num carro e a conduzi-lo à casa do professor Gérard Moses em Bagdade enquanto o seu pescoço jorrava sangue aos borbotões em consequência do disparo) que lhe entrou pela nuca e saiu pela garganta. «Tenho a certeza de que o professor Orville Wright», tinha dito com a voz quebrada, conduzindo como um louco, «saberá o que fazer». Soube o que fazer. Graças aos seus contatos nas mais altas esferas do governo iraquiano, Moses podia dispor do cirurgião do sayid rais para assistir Jürkens e salvar-lhe a vida e, meses depois, oferecer-lhe o caríssimo dispositivo,

que ele próprio concebeu, e a operação que lhe devolveu a fala. Devia-lhe tudo, e linha falhado.

Meteu-se num bar da rue de Paradis na esquina com a d'H auteville. Sabia que, à sua passagem, deixava um fio de diminuídas gotas de sangue que o tecido das calças se negava a absorver. Descansou o peso do corpo no rebordo do balcão. Sentia-se sem forças e a visão turvava -se -lhe .Pedi o telefone. O empregado olhou para ele, desconcertado, mas Jurrkens estava habituado ao efeito que a sua voz causava. Cobrou- lhe uma fortuna antecipadamente, suficiente para ligar dez vezes para a China. Que horas seriam no Iraque? Consultou o relógio do bar: meio dia e trinta e cinco. Duas e trinta e cinco em Bagdade, calculou.

- Fauzi, é o Ulrich. - Udo usava o seu verdadeiro nome, Ulrich Wen dorff. - Estou em apuros, amigo. Ajuda-me suplicou lhe em árabe.

- O que é que se passa? Onde é que estás?

- Em Paris. Preciso de um médico, discreto, como deves imaginar E preciso urgentemente

- Dá me uns minutos Pua onde è que te posso ligar?

Jürkens viu o número do bar escrito no telefone e deu lho. Pediu uma cerveja e bebeu a lentamente para ajudar a passar o tempo. Quando telefone tocou, apressou se a colocara a mão em cima do fone antes que o empregado o levantasse. Lançou- lhe um olhar temível.

- *C'est pour moi.* -Atendeu a chamada e, com outro tom, perguntou: Fauzi?

- Sou eu, Podes anotar? O doutor Saïam bin Qater está à tua espera em sua casa. Fica no número 23 da rue de Meaux, no terceiro andar, apar tamento 15.

- Rue de Meaux - repetiu Jürkens enquanto escrevia com a mão a tremer. - Shukran, saïk. - «Obrigado, amigo», disse-lhe em árabe, e desligou para não prolongar a comunicação e arriscar-se a que os sistemas de escutas mundiais captassem uma palavra que lhes chamasse a atenção.

Gérard Moses apontou para a televisão com o comando e apagou-a. Olhou fixamente para o ecrã preto. O retrato-falado que os noticiários passavam desde a tarde mostrava uma parecença surpreendente com Udo. Levantou-se e atirou o comando, que fez ricochete na parede e caiu no chão. Não se devia irritar, caso contrário as pulsações aumentariam e teria um ataque de porfíria. Caminhou pela casa vazia, escura, fria e silenciosa. Na cozinha, procurou nos armários alguma coisa para comer; estava em jejum há três horas. Encontrou umas bolachas com sabor a humidade e uma lata de pâté defoie que acompanhou com uma chávena de café. Não demorou mais de quinze minutos a engolir a parca refeição. Soube-lhe bem.

Precisava de dormir. Eram quatro da manhã e Udo não aparecia. Na manhã seguinte viajaria para Hamburgo para comprar umas peças especiais para o protótipo da centrífugadora. Aquela embrulhada complicava as coisas. «Maldito o momento em que o mandei atrás dessa cadela!» A porta de serviço abriu-se e Udo Jürkens entrou a coxear. Parou de repente ao ver Moses sentado à mesa da cozinha.

- O retrato-falado que acabo de ver na televisão não te favorece.

- Chefe...

- Que merda aconteceu? - explodiu Moses, e levantou-se subitamente, o que lhe provocou uma tontura.

- Chefe! Sente-se bem?

- Claro que não! O teu retrato-faldo, muito bem feito, devo admitir, apareceu em todos os canais de televisão desde esta tarde. São quatro da manhã e continuam a passá-lo nos canais por cabo.

- Eu sei, Eu vi. Deixe me explicar lhe.

- E vais fazê-lo não tenho dúvidas, Agora é preciso que abandones a cidade. O mais provável é que todas estradas estejam sob vigilância, tal como as estações de comboios e os aeroportos. Será necessário mudar o teu aspecto. - Lembrou-se da sugestão de Anuar Al-Muzara de submeter Jurkens a uma cirurgia plástica. Mais tarde, mandaremos o Antoine comprar uma caixa de tinta para o cabelo. Vais colocar algodão entre as gengivas e as bochechas para as tornares maiores. E usarás óculos como se fosses míope. Mais não podemos fazer. É melhor apanhares um comboio e ires ter com o Al-Muzara às coordenadas que ele te enviou.

- Agora não estou em condições, chefe. Levei um tiro na perna. Precisarei de uns dias para recuperar.

- Está bem, mas não o farás aqui. Tens de te ir embora. Acho que Herstal será o melhor lugar.

- Conseguiu determinar a que lugar correspondem as coordenadas do Al-Muzara?

- Sim, novamente La Valeta.

- O que se passará com a mulher do Al-Saud?

A expressão «a mulher do Al-Saud» arranhou os ouvidos de Moses, e acentuou o seu mau humor.

- A puta do Al-Saud, deves querer dizer! Por causa da tua inoperância, teremos de deixar esse assunto por agora, A verdade é que temos questões mais importantes entre mãos. Depois ocupamo nos dela, fica descansado.

Às oito da manhã, Yasmin perguntou na receção do Hospital Hôtel- -Dieu em que quarto se encontrava o paciente Sándor Huseinovic. Esperou com apreensão porque temia que lhe dissessem que Sándor continuava na Unidade de Cuidados Intensivos.

- Quarto 134, minha senhora - informou a empregada e indicou-lhe como chegar até lá.

Caminhou depressa, ao mesmo tempo que inventava justificações para a sua visita, algumas dava-as a si própria, outras eram ensaiadas para Sándor Deu meia volta e voltou para trás, em direção à saída. «É uma loucura, censurou-se. De que é que estava à procura? Parou, mudou de ideias e regressou. Queria vê-lo. disso tinha a certeza. Queria assegurar-se de que ele estava bem. Parou em frente da porta Não se atrevia a enfrenta-lo. Temia que a trata-se com a frieza do dia anterior. Bateu a porta. Voltou a bater com um pouco mais de força. Espreitou pela porta mas dessa posição só via os pés da cama. Entrou.

A pulsação acelerou-se, e um sentimento de ternura encheu-lhe os olhos de lágrimas ao vê-lo a dormir, meio recostado graças à cama orto-pédica, tapado até à cintura e com o tronco rodeado de uma ligadura branca para imobilizar as costelas partidas. Aproximou-se em bicos de pés porque o barulho dos saltos dos seus Louboutin soava como pancadas no silêncio do quarto. Tirou o casaco porque estava quente, o que a tranquilizou; lá fora estava frio, e Sándor estava meio nu. Imóvel, de pé junto à cabeceira, levantou o olhar para ele quase com medo. A jugular pulsava-lhe no pescoço dolorosamente. O que teria acontecido se Sándor tivesse morrido?

Apertou as mãos procurando reprimir a angústia. Inspirou profundamente e soltou o ar pela boca. Mais calma, estudou a sua fisionomia pois, embora a tivesse escoltado durante três meses, poucas tinham sido as ocasiões nas quais ela se tinha permitido observá-lo.

Ao contrário das duas irmãs, Sándor tinha a pele morena e o cabelo de um castanho-escuro que não atingia a tonalidade negra do de Yasmin. As suas amigas achavam que as feições do bósnio eram toscas e revelavam a sua origem eslava. No entanto, passavam a vida a olhar para ele e a namoriscar com ele, ao que ele respondia com sorrisos sensuais e modos de lorde inglês, apesar de saber que o seu comportamento a impacientava. Era a primeira vez que lhe via os braços e o peito, muito peludos. O ombro esquerdo estava inflamado e com as cores do hematoma, mas no direito via-se o desenho dos músculos sob a pele, ainda em repouso. De repente, teve vontade de enredar os dedos na mata de pelo que espreitava debaixo da ligadura. Esticou o braço enquanto se debatia entre ir-se embora ou dar-se esse prazer. Estava acostumada ao segundo. Eliah garantia que o pai lhe tinha permitido tudo ao ponto de a transformar numa mulher caprichosa e egoísta que magoava as pessoas sem compaixão. Talvez dissesse a verdade. Tinha magoado Sándor tratando-o de forma indiferente, às vezes displicente, e dificultando-lhe o trabalho de a proteger. Como se arrependia! O que teria acontecido se Sándor tivesse morrido?, continuou a atormentar-se.

Tocou na penugem que se tornava espessa acima da ligadura, um contato leve que se converteu em energia que lhe subiu pela mão, lhe eriçou a pele do braço e acabou convertida em cócegas na garganta. Fechou os olhos e afundou os dedos no pelo até chegar à carne dura e quente. Não se atreveu a abril-los ao sentir a mão dele que se fechava à volta do seu pulso, e sufocou um gemido quando se deu conta de que a beijava nas veias e lhe passava a ponta da língua pela palma, seguindo a linha da vida. «Sándor!», exclamou para si mesma, sobressaltada e assustada devido ao que aquele rapaz lhe provocava com uma simples carícia. Sentia a pulsação no meio das pernas e não sabia se seria capaz de caminhar com normalidade.

- Yasmin - sussurrou ele. - *Regarde-moi, s'il te plaît.*

Levantou as pálpebras com medo. Os olhos azuis de Sándor brilhavam no meio de pequenas veias vermelhas e sob as densas sobrancelhas pretas. O desejo que sentia por ele perturbou-a, e não conseguiu articular palavra. As justificações inventadas perderam valor e, de repente, percebeu que eram fruto da sua personalidade imatura. Levantou a mão esquerda, a que ele não retinha, e afastou-lhe uma madeixa de cabelo que lhe ocultava a testa.

- Sándor - murmurou -, perdoa-me.

Ele sorriu-lhe, deixando-a sem força nas pernas. Nenhum sorriso lhe tinha causado essa sensação de fraqueza nem o ardor que lhe percorreu a pele debaixo dos collants de lycra.

- Deve ser a primeira vez que pedes desculpa comentou ele, sem sarcasmo, e ela sorriu-lhe envergonhada, também feliz por ouvir a sua voz grave, um pouco fraca, e o seu duro sotaque. Sinto-me lisonjeado.

Diana, Leila e Eliah entraram sem bater. Yasmin assustou-se e retirou a mão que Sándor agarrava. Este segurou-a um momento e depois deixou-a ir com um olhar de condenação.

- O que é que estás aqui a fazer? - estranhou Al-Saud. - E os teus guarda-costas?

- Disse-lhes para esperarem por mim no carro.

- Yasmin! Depois do que se passou ontem, ainda tens vontade de tentar a sorte?

- Oh, Eliah, não me irrites! - Afastou-se em direção ao cadeirão onde tinha deixado o casaco e a mala e aproximou-se novamente da cama.

- Até logo, Sándor. Fico contente por te ver recuperado.

- Até logo, dona Yasmin.

- Vamos disse Al-Saud. - Vou contigo até ao carro.

- O que é que esta veio cá fazer? perguntou Diana num tom impaciente quando Eliah e Yasmin abandonaram o quarto. - Continuar a chatear-te?

- Veio para ver como estava. Olá, Leia disse, e a irmã sorriu-lhe e lançou-lhe um olhar cúmplice que em nada se parecia com os olhares infantis dos últimos anos.

- Olá, Sanny respondeu-lhe passados uns instantes, e Sándor esticou a mão até que Leila a agarrou, Diana aproximou-se e colocou-a dela sobre a dos seus irmãos, Nenhum deles falou.

À medida que os dias passavam, Eliah Al-Saud observava a evolução de Matilde depois do ataque na Capela de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa. Tal como o hematoma na sua maçã do rosto adquiria diversas cores, o seu estado de espírito também passava por etapas distintas. Ao princípio, o pânico tinha-a derrotado; sobressaltava-se com facilidade, acordava durante a noite, tinha medo de sair e não protestou quando Eliah lhe disse que não regressaria à escola de línguas até que Markov, o guarda-costas expulso pelo presidente Taylor, chegasse a Paris para substituir Sándor.

A perícia de Markov era garantida. Como ex-membro do Spetsnaz GRU, o grupo de elite do Serviço de Inteligência militar da Rússia, temido pela brutalidade do seu processo de seleção corria o boato de que alguns pereciam durante os meses de treino, possuía um conhecimento e uma habilidade superiores. Alaman e Peter mostraram-lhe fotografias de Udo Jürkens e puseram-no ao corrente do que sabiam sobre ele: a sua preferência pelas armas de guerra, o seu gosto por disparar balas dundum e a sua predileção por armas químicas. Por isso, o russo estava prevenido quanto ao tipo de inimigo que enfrentava.

Diana, que desde o seu encontro com Udo Jürkens não se perdoava ter fracassado na luta corpo a corpo, foi para a quinta de Rouen onde passou vários dias a treinar com

Takumi sensei, até que Al-Saud a mandou regressar a Paris porque Markov, o seu novo colega, estava pronto para começar o trabalho. Diana, que tinha acalentado a esperança de que fosse Dingo a proteger Matilde, mostrou-se tão distante, antipática e fria com o ex-oficial do Spetsnaz GRU quanto lhe foi possível.

Numa madrugada em que Matilde acordou a chorar depois de um pesadelo, Al-Saud abraçou-a até a acalmar:

- Quero que fiques calma. A divulgação que os noticiários fizeram do retrato-falado desse tipo vai obrigá-lo a desaparecer. Não haverá lugar em França onde não corra o risco de ser reconhecido.

- Podem enviar outro para me matar - sugeriu ela, e Al-Saud descartou essa possibilidade, embora ele próprio admitisse que era plausível.

Apesar do pessimismo da sua resposta, a partir dessa noite, Matilde recuperou em parte a calma. Al-Saud sentiu um grande alívio, porque a eventualidade de Matilde querer visitar o doutor Brieger, o psiquiatra de Leila, pairava no seu espírito nos últimos dias e desalentava-o. Não queria que a medicassem para dormir nem para lhe levantar o ânimo. Regressar às aulas na escola de línguas ajudou-a, como se a rotina lhe ordenasse a vida e as emoções. Pouco a pouco, começou a sair de casa, a sorrir, a falar com voz firme e não em murmúrios, a cozinhar com Leila, a comer com vontade. A sua palidez desaparecia com o hematoma, e os círculos violeta à volta dos olhos diluíam-se sob um fulgor translúcido. Como se tinham atrasado por faltarem durante uma semana às aulas, Matilde e Juana tiveram de estudar ainda mais para acompanharem os colegas, o que também ajudou a que se distraíssem.

Quatro dias depois do ataque, na manhã de terça-feira, 3 de março, Sándor teve alta e instalou-se na casa da avenue Eisee Reclus para que Leila cuidasse dele. Matilde não ficou surpresa ao ver que Yasmin se convertia numa assídua visitante, se bem que nunca o fora durante o tempo em que vivera com Eliah. Também não a surpreendeu a sua mudança de atitude. Tal como no passado se mostrara agressiva e arrogante, agora revelava-se doce e simpática. Matilde reparava que a mudança englobava aspetos mais profundos da sua personalidade; notava-a mais desalentada, menos turbulenta, mais pensativa, talvez um pouco triste e abatida.

O impacto causado nos meios de comunicação pela reportagem de Ruud Kok adquiriu dimensões imprevistas. A comunidade internacional tremeu perante as revelações do artigo publicado na quarta-feira, 25 de fevereiro. Os programas de análise política de rádio e de televisão, as revistas e os jornais solicitavam entrevistas com o jornalista holandês, a quem chegavam diariamente ofertas para ocupar o posto de correspondente de diversas publicações. Kok sentia-se no auge do sucesso e da fama e, no entanto, não o desfrutava. Tinha urgência em completar a investigação e precisava do material que Al-Saud lhe prometera. Demonstrar a existência de substâncias tóxicas no acidente de Bijlmer tinha-se convertido numa questão pessoal. Perguntava-se que informação lhe entregaria Al-Saud e quando. Embora tivesse tentado entrar em contacto com ele, este mostrava-se esquivo, geralmente não atendia as chamadas nem respondia aos e-mails e as secretárias diziam que não estava.

De fato, Al Saud não pensava entregar nada a Ruud Kok. Se o plano se desenrolasse de acordo com os seus objetivos, nenhum jornal, rádio ou televisão voltaria a mencionar o nome de Israel relacionado com as armas químicas. Para isso precisava de se reunir com o

chefe da Mossad na Europa. Na segunda-feira, 2 de março, de manhã, depois de receber a chamada de Vladimir Chevrnikov, Al-Saud foi ao seu apartamento.

- Que novidades tens?

- O Vincent Pellon acaba de me ligar. Diz que o Ariel Bergman, o chefe da Mossad na Europa, concordou em encontrar-se contigo.

- Muito bem. Diz ao Pellon que na próxima quinta-feira...

- Quinta-feira, 5 de março?

- Sim - confirmou Al-Saud. - Nesse dia, um carro vai buscar o Bergman às dez da noite ao extremo da pont Alexandre III que dá para Esplanada dos Inválidos, em frente à coluna que representa a França de Carlos Magno. Deve ir desarmado, sem microfones nem gravadores.

Ariel Bergman apertou o cachecol no pescoço. O vento era mais forte na margem do Sena, e o frio entrava pelos pequenos orifícios. Embora estivesse agasalhado, sentia-se nu sem a sua Beretta, a arma regulamentar dos agentes da Mossad. Não levava nada exceto a roupa e uma identificação. Tinham meditado na possibilidade de lhe colocar um transmissor debaixo da pele, e tinham-na descartado de seguida, certos de que Al-Saud possuía a tecnologia para o detetar. Adaptaram-se às suas exigências porque não tinham alternativa. As fotografias de Bouchiki davam a volta ao mundo e provocavam o descabro em Telavive. Depois do primeiro artigo, o do dia 25 de fevereiro, o NRC Handelsblad publicara outro, com novas fotografias e mais dados. Ninguém tinha a certeza da quantidade de trunfos que escondiam debaixo da manga.

Em Israel, o primeiro-ministro vociferava exigências para todos os lados e deixava nervosos os membros do gabinete e o diretor da Mossad. A entrada em vigor, no ano anterior, da Convenção sobre Armas Químicas decretada pela ONU perdia respeitabilidade perante o flagrante incumprimento de um dos estados signatários, Israel, por isso o Secretário-Geral do organismo estava a pressionar o governo desse país para que desse explicações. O primeiro-ministro alegava que, embora tivessem aderido à Convenção sobre Armas Químicas, ainda não a tinham ratificado, o que os eximia de justificar as suas ações. Os assessores sugeriram-lhe que não mencionasse esse argumento em público.

Bergman suspirou. Estava cansado. As consequências do maldito acidente aéreo de 1996 perseguiam-no como uma maldição e, sobretudo, distraíam-no das questões relevantes, como, por exemplo, o aparecimento na cena europeia do traficante de armas Mohamed Abu Jihad, sócio do Príncipe de Marbella, ambos próximos de Saddam Hussein, interessado em abastecer-se de armas, combustível nuclear e mercúrio vermelho; ou a inquietante ressurreição de um demónio do passado, o terrorista alemão Ulrich Wendorff; ou os movimentos suspeitos de alguns membros do braço armado do Hamas, as Brigadas Ezzedine al-Qassam, o que o levava a suspeitar que Anuar Al-Muzara, o líder, preparava um golpe novo e mortal. «Anuar Al Muzara», pensou, com admiração e raiva. Tratava-se do terrorista mais esquivo e inteligente com que tinham tido de lidar. Onde se esconderia? Não tinham qualquer pista.

Com essas questões na calha, Bergman via-se preso num jogo de forças políticas que terminaria no dia em que se determinasse o suborno a pagar pelo silêncio de Al Saud. Perguntou-se como reagiria o Secretário-Geral da ONU, caso encontrasse laboratórios

produtores de armas químicas no Iraque. Talvez, pensou com ironia, deversem contratar Al-Saud para que os descobrisse no coração de Bagdade ou de Tikrit.

Um Peugeot 405, com os vidros fumados, incluindo o para-brisas, parou sem desligar o motor em frente à coluna que representa a França de Carlos Magno, num extremo da pont Alexandre III. Bergman consultou o seu TAG Heuer. dez da noite. A porta de trás abriu-se em sinal de convite que o agente da Mossad não estava em posição de declinar.

De um jipe Range Rover estacionado a uns metros do quai d'Orsay, os katsas Diuna Kimcha e Mila Cibin observaram o chefe a entrar num Peugeot 405, que atravessou a pont Alexandre III na direção oposta ao Hôtel des Invalides, em direção à avenue Winston Churchill. Puseram o Range Rover em andamento e seguiram-no. Não podiam ver que, na parte de trás do Peugeot, um homem revistava Bergman, vendando-lhe os olhos logo de seguida. O que puderam verificar foi que o veículo estava equipado com contramedidas eletrônicas porque, ao aproximarem-se do Peugeot, os seus celulares interceptores perderam o sinal. Além disso, a partir da base na garagem da embaixada israelita, os especialistas em teleprocessamento repararam que um sinal eletromagnético perturbador saía do Peugeot e impedia que o satélite o rastreasse. Nesse momento, a missão dependia da habilidade de Kimcha, ao volante do jipe, para não perder de vista o carro que se afastava com Bergman.

O Peugeot 405 meteu-se debaixo do viaduto da avenue du Général Lemonnier, no qual se encontrava a entrada do parque de estacionamento subterrâneo do Museu do Louvre.

- Entraram no parque de estacionamento deduziu Cibin, ao não os ver no fim do viaduto. - Será difícil encontrá-los ali! Malditos filhos da puta!

Apesar da hora tardia, o local encontrava-se repleto de carros. Quando os katsas encontraram o Peugeot 405, estava vazio.

Bergman, com os olhos vendados, foi instalado na parte de trás de um Audi A8, que o levou até à casa na avenue Elisée Reclus, embora o tenham feito entrar pelo portão da rue Maréchal Harispe. O katsa fechou os olhos com força debaixo da venda preta para aguçar o sentido da audição. Identificou o barulho de um elevador de carros que descia um, dois, três andares, a julgar pelo ruído que se repetiu três vezes; o som de um scanner que varria a palma da mão ou o olho, não conseguia identificar; o zumbido de um elevador; os cinco sinais sonoros curtos ao digitar um código num teclado e o longo e agudo ao abrir passagem. Surpreendia-o o silêncio com que trabalhava quem o conduzia; não tinham trocado nenhuma palavra com ele nem entre eles. Mal entrou na divisão, recebeu-o um aroma agradável, a laranja ou a bergamota, e inspirou um ar limpo e fresco. Contou cinquenta metros entre a entrada e o seu destino final. Uma porta fechou-se atrás dele e umas mãos suaves pressionaram-lhe os ombros para que se sentasse. Outras ou as mesmas, não sabia dizer, tiraram-lhe a venda. Demorou uns segundos a adaptar-se à luz suave que lhe incidia na cara.

- Obrigado por ter aceitado o nosso convite - disse uma voz masculina e de sotaque culto em inglês.

- Não tinha outra opção - admitiu Bergman, sem irritação, antes com humor.

Três figuras colocaram-se dentro do círculo iluminado. Bergman reconheceu-os imediatamente: Eliah Al-Saud, Michael Thorton e Anthony Hill, os sócios maioritários da

Mercure S. A. Faltava Peter Ramsay, mas este contava com um reduzido número de ações. No entanto, Bergman suspeitava que ele não se encontrava longe; o ex-membro do Destacamento devia ter monitorizado a sua transferência até àquele local.

- O senhor já nós conhece - continuou Michael Thorton. - Não serão necessárias apresentações. Aachamos que os seus agentes nos tentaram seguir há uns tempos, o que significa que a Mossad já tem as nossas identificações.

Bergman esboçou um sorriso condescendente.

- Sim - admitiu -, conheço-vos. Ultimamente, as vossas ações têm-me dado várias dores de cabeça.

Hill e Thorton riram-se brevemente, Al-Saud manteve-se imperturbável. Era muito mais jovem do que os outros sócios e, em pessoa, confirmava se que era tão bem parecido como nas fotografias. Permanecia um pouco afastado, de pé, com o traseiro apoiado ao rebordo de uma mesa, as pernas ligeiramente separadas e os braços cruzados. Tinha um ar desconfiado e pouco amigável, que as sobrancelhas franzidas acentuavam. O seu corpo emanava uma energia fria e letal. Bergman fixou se nos músculos dos antebraços nus tinha arregaçado as mangas da camisa branca e recordou o que se dizia dele, que o tinham treinado para matar um homem com uma mão. Não pôde deixar de o admirar, apesar dos problemas que lhe tinha trazido nas últimas semanas.

- As nossas ações - disse Hill - não têm nada de pessoal, nem contra si, senhor Bergman, nem contra a agência à qual pertence. São a consequência de um negócio.

- Porque é que pediram para eu vir a este encontro?

- Porque precisamos de um porta-voz no governo de Israel - explicou Mike - e achamos que o senhor é a pessoa indicada.

- Um porta-voz? Para quê?

- Senhor Bergman - Al-Saud falou pela primeira vez, e endireitou se para se colocar à mesma altura dos seus sócios, não só temos provas para demonstrar que no Instituto de Investigações Biológicas se produzem armas químicas em grande escala, como ainda que a carga do voo 2681 da El Al que se despenhou em Bijlmer continha, pelo menos, três dos quatro componentes do agente nervoso conhecido como sarin. - Os seus olhares encontraram-se no espaço iluminado. - Os nossos clientes contrataram-nos no ano passado para investigarmos se era verdade o que se dizia, que a carga do voo da El Al não era composta por produtos de cosmética, tal como era boato.

- Quem são os seus clientes? - quis saber Bergman.

- The Metropolitan - disse Anthony - e World Assurance, duas companhias de seguros holandesas que sofreram grandes prejuízos devido ao acidente de 1996.

Al Saud estendeu-lhe uma pasta e Bergman estudou-a durante longos minutos. Não se ouvia qualquer som. Tentou ocultar a alteração que lhe provocou a documentação que estava a analisar. A traição de Bouchiki atingia níveis impensáveis. Não só tinha fotografado os laboratórios como a documentação na qual se detalhavam as existências dos agentes nervosos e dos seus componentes e o nome dos fornecedores. A seguir, apareceram notas, memorandos, registos, documentos, ordens de entrega, cartas de envio e outra documentação com o logotipo da Química Blahetter. Muitos desses papéis

estavam em espanhol, língua que ele não dominava, mas bastava-lhe ler os que estavam em inglês para verificar a magnitude do perigo.

- O que é que querem?

- Os nossos clientes - disse Tony - gostariam de se reunir, discretamente, como é óbvio, com o ministro dos Transportes do seu país e com a administração da El Al, e, à luz da interessante informação que acabámos de lhe mostrar, negociar uma indenização para reparar o prejuízo económico sofrido depois do acidente aéreo.

- Puseram em risco a estabilidade de um governo e as relações diplomáticas de um país só por dinheiro?

- Senhor Bergman - disse Al-Saud se o seu governo e a administração da El Al não se tivessem mostrado indiferentes quando os nossos clientes tentaram negociar uma indenização pacificamente, hoje não estaríamos nesta situação. Mas claro, quando os nossos clientes tentaram negociar, não contavam com as provas que nós agora lhes proporcionamos. A investigação fez com que surgissem dados que nos dão a possibilidade de exigir.

- Puseram demasiado em jogo com esta estratégia.

- Quem ousa, vence - pronunciou Tony em inglês, e Bergman lembrou-se de que se tratava do lema das SAS, o grupo de elite militar britânico do qual Anthony Hill fizera parte.

- A situação parece irreversível com essas publicações na calha - continuou o israelita. - O NRC Handelsblad vendeu a informação aos principais jornais e televisões do mundo. A comissão da ONU encarregada de fazer cumprir a Convenção sobre Armas Químicas já está a solicitar a entrada em Israel para inspecionar o Instituto de Investigações Biológicas.

Os risos de Thorton e Hill ecoaram nas grossas paredes de betão.

- Preocupado com a ONU, senhor Bergman? - troçou Mike. - O seu grande amigo e aliado, os Estados Unidos, é o proprietário da ONU. O senhor sabe tão bem como nós que essa comissão jamais atravessará a fronteira israelita, a não ser para ir passar férias à beira do mar Morto.

- Há grupos nos Estados Unidos que estão muito incomodados com esta situação - esclareceu Bergman - e começam a pressionar para que se abra uma investigação. Ainda não se sabe bem a extensão dos danos que nos causaram.

- Senhor Bergman - interveio Al-Saud, com ar impaciente -, está em posição de nos garantir que os nossos clientes se sentarão a negociar uma indenização com as autoridades do seu país e a administração da El Al?

-O que é que nós obteremos em troca?

- Reverter a situação em cento e oitenta graus, recuperar a boa imagem perante a comunidade internacional e deter a chuva de ameaças da ONU e dos organismos humanitários internacionais que não veem Israel com bons olhos há muitos anos.

- Isso é impossível. Seria como tentar deter um caminhão com a mão. Vocês espalharam a notícia e agora será difícil reparar a imagem danificada.

- Não será se nós lhe dissermos como fazer - disse Mike.

Bergman olhou para cada um deles, ainda surpreendido por terem posto em xeque um estado tão poderoso como Israel. Deteve-se em Al-Saud. A experiência indicava-lhe que o cérebro da estratégia tinha sido o filho do príncipe saudita. Odiaria os judeus devido à sua ascendência árabe da mais pura estirpe? Achou que não. Suspeitava que o seu orgulho e arrogância não se relacionavam com o desprezo mas sim com um espírito evoluído que superara os preconceitos raciais e religiosos e que ia mais além desses pormenores. Na verdade, não se mostrava depreciativo mas saturado, como se a questão entre judeus e árabes o aborrecesse. Além disso, pensou Bergman, não devia esquecer a sua amizade com Shiloah Moses.

- Como poderiam deter o escândalo que lançaram?

- Depois da reunião entre os nossos clientes e as autoridades do seu país, dir-lhe-emos explicou Mike.

- E só se chegarem a um acordo quanto ao montante da indenização - esclareceu Tony.

- Não pretendem que me dirija ao meu governo com uma promessa tão fraca, pois não?

- É uma promessa fraca - concordou Al-Saud. - No entanto, a certeza de que o resto da informação com que contamos e que o senhor acaba de ver - apontou para a pasta nas mãos de Bergman - acabará nas redações de vários jornais é muito forte.

- Isto é chantagem! - exclamou, fingindo-se escandalizado, sem conseguir alterar a expressão dos seus interlocutores.

- O seu governo terá de confiar na nossa palavra - continuou Mike.

- Estamos a correr contra o tempo. Os meios de comunicação vão continuar a especular e a tirar conclusões. Se agirmos com rapidez, o impacto será minimizado. A reunião deve acontecer nos próximos dias.

Bergman baixou a cabeça e contemplou a pasta nas suas mãos.

- Pode levá-la - disse Al-Saud. - São só cópias. Os originais estão guardados num local seguro. Se me acontecesse alguma coisa a mim ou aos meus sócios, a documentação e o resto das fotografias acabaria onde o senhor já deve imaginar. E garanto-lhe que, a esse ponto, seria impossível deter a catástrofe que vos cairia em cima.

Ariel Bergman admitiu a derrota. Na verdade, desde que o seu chefe lhe ordenara que se posicionasse na ponte Alexandre III soube que se apresentaria para assinar um acordo de paz no papel de exército vencido. Como responsável da Mossad na Europa, tinha falhado a Israel.

Amanhã entro em contato convosco para vos informar quando se realizará a reunião.

- Nós marcamos o lugar - informou Al-Saud. - Será nos escritórios da Mercure, no Hotel George V.

- Garantimos-lhe que se trata de um local livre de microfones e câmaras - acrescentou Tony.

- Para onde vos devo ligar?

Michael Thorton deu-lhe um cartão de visita.

- Para qualquer um destes números. São linhas seguras.

- Antes de se ir embora, senhor Bergman - disse Al-Saud -, gostaria de lhe mostrar uma coisa. - Abriu uma pasta que estava pousada na mesa de onde tirou uma fotografia. Passou-a ao israelita. - Reconhece-o?

- Sim. É o Ulrich Wendorff. Como é que conseguiu esta fotografia? É atual?

- Quem é o Ulrich Wendorff? - perguntou Al-Saud.

- Um ex-membro da Fração do Exército Vermelho. Operava na Europa na década de 70 e princípios de 80. É uma fotografia atual?

- Sim, de há poucas semanas.

- Como é que a conseguiu?

- Isso não importa. Mas digo-lhe que foi tirada em Paris.

- De acordo com as nossas investigações - explicou Bergman -, agora usa o nome de Udo Jürkens. Posso ficar com ela? - perguntou, e levantou a fotografia. Al-Saud baixou as pálpebras em sinal de assentimento. - O que é que sabem mais sobre ele?

- Esteve presente no dia em que tentaram matar o Shiloah Moses e O Silencioso.

- Deixe-me avisá-lo de que é um tipo perigoso. Uma máquina de matar.

- Eu sei - garantiu-lhe Al-Saud. - Uma última pergunta - disse, e olhou para Bergman com uma firmeza que o inquietou. - Quem é o seu sayan dentro da Mercure?

O ar pareceu tornar-se gélido.

- Não tente negá-lo - acrescentou Tony. Temos a certeza de que têm alguém metido na nossa empresa.

O israelita ficou em silêncio durante uns segundos, depois inspirou profundamente e falou.

- Senhores, vocês sabem como é que isto funciona, por isso não estejam à espera que eu entregue o meu colaborador.

- O Claude Masséna? - sugeriu Tony.

Bergman dirigiu-lhe um olhar que não revelou nada.

- Se me permitissem ocupar-me do meu sayan, eu ficaria em dívida para convosco. E isso poderia ser-vos de grande utilidade no futuro - disse, depois de uma pausa.

Elijah, Tony e Mike trocaram um olhar. Sabiam por Derek Byrne, o guarda-costas atribuído a Zoya durante as suas férias nas Caraíbas, que ela e Masséna tinham regressado a Paris nessa manhã.

- De acordo, senhor Bergman disse Mike. - Trate do Masséna como achar melhor. Só lhe pedimos que lhe deixe bem claro que não se poderá aproximar da nossa empresa por nenhum meio, especialmente informático. Se o fizer, vamos descobrir, e o acordo que acabamos de fechar ficará sem efeito.

Agora coloque a venda - ordenou Al-Saud, e entregou-lha. - Os nossos homens vão levá-lo à pont Alexandre III.

Assim que Bergman abandonou a base, Al-Saud ligou a Zoya.

- Zoya.

- Olá, querido.

- O Masséna?

- Está em casa, suponho. Chegámos hoje de manhã.

- Eu sei. É tarde, mas preciso de te ver agora.

- Estou à tua espera.

Meia hora depois, Al-Saud entrou no apartamento da rue du Faubourg Saint-Honoré. Abraçaram-se.

- Estou feliz por ter regressado. Acho que tive uma overdose de Claude. Imagina que me pediu em casamento!

- O que lhe disseste?

- Que ia pensar. Queria falar contigo.

- A tua relação com o Masséna terminou. Aproveita a proposta de casamento para dizeres que não e acabar com ele. Tens a arma que te dei?

- É assim tão perigoso? Tremo só de pensar que, durante os dias nas Caraíbas, não a tive comigo. Teria sido impossível levá-la no avião.

- Foi por isso que te arranjámos um guarda-costas, que se alojava no quarto contíguo ao vosso. Estavas protegida. - Zoya abraçou-se ao seu pescoço e beijou-o nos lábios. - Zoya, estou preocupado. Traz a arma, quero revê-la.

Al-Saud controlou o carregador da pistola Beretta 950 BS e explicou a Zoya pela enésima vez como usá-la.

- Quero que combines aqui com ele para acabar tudo. O Derek Byrne, o guarda-costas nas Caraíbas, vai esconder-se no teu quarto enquanto falas com o Masséna. Liga-me mal combines o dia e a hora, para eu avisar o Byrne.

Zoya acompanhou-o à porta. Aí, Al-Saud lembrou-se de lhe perguntar por Natasha.

- Mandaste-lhe o dinheiro?

- Sim - disse Al-Saud. - Transferi cinco mil dólares para a conta que ela te deu.

- Não consegues descobrir onde está?

- Consigo, mas não quero. Vou respeitar a sua decisão. Se a Natasha decidiu afastar-se, deve ter as suas razões.

- Salvador Dali? É o Picasso.

A alegria com que tinha regressado das férias esfumou-se ao ouvir aquele nome. Claude Masséna queria terminar com aqueles tipos, davam-lhe medo, deixavam-no nervoso, ainda mais nervoso ficava ao pensar que Al-Saud podia descobrir a sua traição.

- Sim, sou eu. O Salvador Dali.

- Não podes voltar à Mercure. Foste descoberto.

Masséna arrastou-se até uma cadeira e deixou-se cair nela. Tremia. O fone do telefone batia-lhe na orelha. Queria falar, perguntar, gritar, e não conseguia articular um som.

- Eu... Eu perdi o meu emprego?

- Não te preocupes - disse Bergman. - Vais trabalhar conosco se passares uma série de provas e exames. Os teus conhecimentos de hacker serão muito apreciados na nossa organização. Recomendo-te que não te tentes aproximar da Mercure nem física nem informaticamente.

- O Al-Saud vai matar-me - balbuciou, à beira das lágrimas.

- Chegámos a um acordo. Se tu te mantiveres afastado, eles não levarão a cabo nenhuma represália contra ti. Voltarei a ligar-te nos próximos dias.

Minutos depois de desligar a chamada com Picasso, o toque do telefone fê-lo saltar na cadeira. Tinha medo de atender.

- Allô?

- Claude, é a Zoya.

- Meu amor... - O alívio espalhou-se pelo seu corpo, os músculos descontraíram-se e ficou afundado num torpor como quando fumava maconha. Amava Zoya mais do que antes. Durante as duas semanas naquele lugar paradisíaco das Caraíbas tinha-se convencido de que ela não tinha feito parte do complô que o pôs nas garras da Mercure. Zoya amava-o, não o teria entregado nem traído. O fato de ter visto Al-Saud sair do prédio da rue du Faubourg Saint-Honoré não significava que tivesse uma relação com Zoya; viviam ali centenas de pessoas.

- Precisamos de falar. Podes vir a minha casa na segunda-feira à noite?

- Hoje é quinta-feira. Não nos vemos antes?

- Este fim de semana vou ter muito trabalho. Pode ser às nove da noite?

- Lá estarei.

A depressão tomou o lugar do pânico. Durante quinze dias tinha-se esquecido de que Zoya era uma prostituta.

Na sexta-feira de manhã, enquanto tomavam o café da manhã sozinhos na flor, Matilde e Al-Saud programavam as atividades do dia. Eliah não gostou de saber que Ezequiel tinha ligado na noite anterior e que Juana e Matilde o visitariam na casa de Jean-Paul Trégart antes de irem para a escola de línguas.

- Acaba de regressar de Córdoba. Está muito deprimido pela morte do Roy e por outras coisas. Porque é que não queres que o vá ver?

- Porque o Ezequiel e eu não nos damos muito bem e sei que te vai falar mal de mim para nos separar. E ele é o teu melhor amigo e tenho medo de que lhe dê ouvidos.

- É lógico que o Ezequiel não goste de ti depois do que fizeste em casa do Jean-Paul.

- Voltaria a fazê-lo - disse ele, na defensiva. - Voltaria a apontar-lhe a minha arma para o avisar de que não se aproximasse de ti. Estava louco de raiva! Queria matá-lo.

Matilde esticou o braço por cima da mesa de mármore e apertou-lhe a mão.

- Está bem, eu percebo-te. Mas isso ficou para trás. Quero esquecê-lo.

«Não podemos esquecê-lo com esse monstro atrás de ti», teria dito, consumido pelo ressentimento e os ciúmes, se o amor que ela lhe inspirava não o tivesse feito calar-se. Essas palavras ter-lhe iam alterado e destruído a serenidade que recuperava dia após dia.

- Sim, sim - disse pelo contrário -, eu também quero esquecer. Não liguês. Vão a casa do Ezequiel. Mas uma coisa, Matilde: a Diana e o Markov têm de entrar convosco em casa do Trégart. Está claro?

- Sim, muito claro.

Ao ouvir a campainha, a ansiedade obrigou Ezequiel a precipitar-se escadas abaixo, a atravessar o amplo hall de entrada a correr e a abrir a porta antes da empregada doméstica. Juana e Matilde sorriram-lhe na soleira, e ele sentiu uma pontada na garganta. Os três fundiram-se num abraço silencioso. Ao separarem-se, Ezequiel viu os guarda-costas.

- Deixa-os entrar, Eze - pediu Juana. - Na sexta-feira passada, um louco atacou a Mat.

Matilde notou que a expressão de angústia de Ezequiel lhe acentuava as linhas de cansaço, a palidez e as olheiras. Estava abatido e tinha perdido peso.

- Outra vez?

- Sim, outra vez - disse Juana. - E parece que tem a ver com o caso do teu irmão.

- Meu Deus - sussurrou Ezequiel. - Entrem. Temos muito para falar.

Não comeram muito durante o almoço. O relato do velório e do funeral de Roy fê-los soluçar várias vezes e tirou-lhes o apetite. A comida arrefeceu no prato.

- Eze, em que é que o Roy andava metido? - perguntou Juana.

- Não sei. Quando chegou aqui, pediu-me para lhe darmos um espaço para terminar um projeto. Instalou uma mesa que lhe emprestou um amigo nosso e passava o dia inteiro a desenhar e a fazer cálculos, a escrever à máquina e a pensar. Um belo dia, acabou, desmontou a mesa, arrumou a confusão que tinha feito e ficou tudo como se nada fosse. Quando lhe perguntava, dizia-me que estava a trabalhar num projeto que o tiraria da pobreza. Não deu mais explicações. Tu sabes como ele era, Mat. Extremamente reservado.

- Sim, eu sei.

- Ultimamente, tinha-se tornado quase paranoico com esse assunto, como se alguém o andasse a perseguir.

- Parece que era mesmo assim - interveio Juana alguém o andava a perseguir. E quem o perseguia, envenenou-o.

Um silêncio caiu sobre os três.

- O Al-Saud e o Roy estavam metidos em alguma coisa - disse Ezequiel, e olhou para Matilde, que parou o copo a meio caminho e levantou o olhar.

- O que queres dizer com «metidos em alguma coisa»? - perguntou Juana.

- O Al-Saud foi vê-lo ao hospital pelo menos duas vezes. Não sei sobre o que é que falaram, o Roy nunca me quis dizer nada, mas suspeito que tinha a ver com a Química Blahetter. No dia em que o Roy piorou, o Al-Saud entrou no quarto. Ajudou-me a controlá-lo, porque tinha convulsões e vômitos. Eu levava um envelope da Federal Express que tinha chegado para o Roy; vinha de Córdova. Quando vi o Roy naquele estado, devo ter atirado o envelope para o chão. Depois procurei-o e não o encontrei em nenhum lado.

- O que é que estás a insinuar? quis saber Juana. Matilde limitava-se a ouvir.

- Que o Al-Saud o levou. De qualquer forma, acho que era para ele.

Ficaram em silêncio enquanto a empregada doméstica recolhia os pratos. Juana aproveitou para ir ao banheiro, e Matilde para pedir desculpa a Ezequiel.

- Falhei-te, Eze. Devia ter estado ali contigo, a apoiar-te num momento tão difícil. Mas acobardei-me. Imaginei todas aquelas pessoas, a tua família, as longas horas de espera, o velório, o funeral, e disse para mim mesma que não teria forças para resistir.

- Fizeste bem em não ir. O meu avô não estava triste, estava enraivecido. E discutia com toda a gente. Tu terias sido o seu alvo preferido.

- No entanto, agora arrependo-me de não ter ido. Não pela tua família e nem sequer pelo Roy, que descanse em paz, mas por ti. Ainda por cima, o meu pai ficou muito aborrecido porque não fui com ele para Córdova.

- Ele também não foi, nem ao velório nem ao funeral. Da tua família, estavam a tua tia Enriqueta e a tua irmã Dolores com o marido. Mais ninguém.

- O meu pai não foi?

- Não.

- Onde estará?

Yasmin saiu do laboratório ao meio-dia. Geralmente, almoçava no escritório ou no refeitório com os seus funcionários. Desde quarta-feira que o fazia em casa de Eliah; até jantava lá. Ele nada dizia sobre a sua conduta pouco usual e nem sequer conjecturava sobre a razão que a motivava, embora devesse suspeitar que o visitava para saber como ia a saúde de Sándor. De facto, várias pessoas tinham reparado no seu interesse pelo bósnio, entre elas a mãe. Nessa manhã, antes de viajar para a quinta de Jeddah, Francesca entrara no quarto de Yasmin.

- Eu sei, mãe. - Procurou de novo o abrigo do colo materno. - Estou tão confusa! Não me sinto segura como antes. Parece que a minha vida está virada do avesso.

- O que é que se passa entre ti e o Sándor?

- Nada - apressou-se a responder. - Porque é que me perguntas isso?

- Porque te observo. És minha filha e conheço-te como ninguém. Não seria uma boa mãe se não te conhecesse profundamente. Sei que andas inquieta e nervosa. Sei que não és feliz com o André.

- Sou muito feliz com o André! - respondeu Yasmin, irritada.

- Não te estou a julgar, Yasmin. Também não te estou a interrogar para saber se estás a fazer o que é correto. Só quero saber se és feliz e se estás a fazer o que o teu coração te manda. É tudo.

Yasmin abraçou a mãe e encostou a cabeça ao seu ombro.

- Mãe, não sei o que me está a acontecer com esse rapaz. Porque é um rapaz, mãe. Eu sou quase cinco anos mais velha do que ele.

-E?

- Não sei, incomoda-me, enlouquece-me com a sua postura tão calma, o seu olhar de homem sábio, como se me conseguisse ler a mente.

- O pai não iria a aprovar - acrescentou apressadamente.

- Porque é que dizes isso? Estás a subestimar o teu pai.

- Porque ele tem expectativas muito altas para mim. E o Sándor não é ninguém. É um simples bósnio, sem título, sem estudos, sem dinheiro, sem nada.

Francesca afastou a filha e olhou-a fixamente.

- Não conheces o teu pai se pensas isso dele. Casou-se comigo, é um príncipe, futuro rei da Arábia Saudita. Comigo, que não era nada. E pensas que se vai opor à tua relação com o Sándor porque é um zé-ninguém? Não o quereria para ti se o Sándor fosse uma má pessoa, mas não pelas razões que tu referes.

- Talvez não conheças o pai como eu. Uma coisa é ser mulher dele e outra, a única filha. A única filha mulher de um muçulmano.

- Acho que estás a usar a desculpa da oposição do teu pai para encobrir o medo que tens de perder a segurança que o André representa, um homem de uma boa família, com dinheiro e uma carreira brilhante. Sempre foste um pouco frívola, minha filha. E caprichosa também. Gostas do luxo e de viver bem.

- Obrigada, mãe! Não sabia que pensavas tão bem de mim.

- Sabes que gosto da sinceridade. - Francesa estendeu a mão e acariciou a testa da filha. - Yasmin, meu tesouro, quero que sejas feliz, é tudo.

- Eu sei, mãe. - Procurou de novo o abrigo do colo materno. - Estou tão confusa! Não me sinto segura como antes. Parece que a minha vida está virada do avesso.

- Amas o André?

- Como é que sabemos se estamos mesmo apaixonadas por um homem?

- É fácil. Só queres estar com ele, sentir a sua presença, olhar para ele, cheirá-lo. Queres que te toque e queres tocar-lhe. Quando o vês aparecer, emocionas-te tanto que te dói o estômago. Pensas nesse homem dia e noite. Adormeces a pensar nele e levantas-te a pensar nele. Com quem te acontecem estas coisas, meu amor? Com o Sándor ou com o André?

Yasmin não respondeu. Guardou a resposta para si, não porque a desconhecesse, mas porque não se atrevia a pronunciá-la. Desde então e ao longo da manhã, tinha repetido continuamente: «Essas coisas acontecem-me com o Sándor, mãe! Com o Sándor! Com o André nunca me aconteceram.»

Por volta da uma da tarde dessa sexta-feira, estacionou o seu BMW Z3 na avenue Elisée Reclus. Os guarda-costas continuaram atrás dela e escoltaram-na até entrar em casa de Al-Saud. Sándor jamais teria permitido que conduzisse sozinha; ter-se-ia sentado no lugar do acompanhante e teria suportado a má cara de Yasmin e os seus comentários odiosos.

Leila recebeu-a na cozinha. Embora não lhe tenha respondido ao cumprimento, destinou-lhe um sorriso sereno e maduro, e explicou-lhe com sinais que Matilde e Juana não estavam, o que decepcionou Yasmin. Sentou-se num banco da ilha da cozinha e observou Leila a preparar um tabuleiro com comida.

- É para o Sándor?

Leila assentiu.

- Gostava de lha levar? perguntou no momento em que colocava o tabuleiro num carrinho.

Yasmin não respondeu de imediato; era a primeira vez que Leila lhe dirigia a palavra.

- Sim, gostava de levar.

Emocionava-a a possibilidade de se encontrar com Sándor; apesar das suas visitas frequentes, não o tinha visto nem uma vez. Leila acompanhou-a ao elevador de serviço e conduziu-a até ao quarto onde se hospedava o irmão, inclusive bateu à porta.

- Entra, Leila - disse Sándor na sua língua materna, e a moça incentivou-a a entrar antes de regressar ao andar de baixo.

Sándor endireitou-se na cama e apagou a televisão com o comando ao ver Yasmin arrastar o carrinho.

- Olá, Sándor. - Ele não respondeu. - A Leila pediu-me que a ajudasse trazendo-te o almoço. - O bósni limitava-se a observá-la sem hostilidade e sem assombro; olhava-a simplesmente com curiosidade.

Sándor gostava do corpo de Yasmin, de ancas bem definidas e cintura pequena que ele sonhava ter entre as suas mãos. Pareciam bonitas as barrigas das pernas de músculos bem delineados, que os saltos altos faziam sobressair. Atordoavam-no os seus seios. Quando exercia funções como seu guarda-costas, não podia fixar a vista neles porque se distraía, e uma distração podia acabar numa fatalidade. Queria segurar-lhe no cabelo comprido e negro para o enrolar à volta do pescoço e apreciar o contraste com a brancura da sua pele. Yasmin cheirava maravilhosamente e vestia-se como essas mulheres da revista Paris Match. Quantos francos lhe tinha custado o fato Valentino que usava nesse dia? E os sapatos Manolo Blahnik? Conhecia as suas marcas preferidas porque a escoltava quando ela ia às compras às melhores lojas parisienses. Gastava numa tarde o que ele teria ganhado em meses. Não podia esquecer que no hospital ela tinha retirado a mão quando Eliah entrou no quarto. Envergonhava-se dele, apesar de se sentir atraída. «Sou mais um dos seus caprichos», pensou.

- Vais almoçar na cama ou preferes comer naquela mesa? - Esperou uma resposta em vão. - Acho que não foi boa ideia trazer-te a comida. É melhor ir me embora. Virou se em direção à porta com os olhos cheios de lágrimas.

- Yasmin.

Comovia a que pronunciasse o seu nome sem a formalidade do «dona». Parou, embora tenha permanecido de costas. Ouviu-o mexer-se e virou-se.

- O que é que estás a fazer? - perguntou-lhe, irritada, enquanto se aproximava da cabeceira da cama. - Porque é que te levantas? Oh! - exclamou, desviando o olhar, a imagem das pernas peludas de Sándor e os diminutos slips brancos, realçando uma protuberância que lhe pareceu inverosímil, gravada na sua retina.

Sándor tinha deixado os lençóis de lado e levantava-se com cuidado para não inclinar o tronco ligado. Baixou as pernas e calçou as pantufas,

- Dá-me o roupão, por favor. - Yasmin passou-lho com a cara virada.

- Já estou decente. Já podes olhar sem ficar escandalizada.

Yasmin virou-se e sorriu de maneira tímida. Sentia as faces quentes. Era possível que estivesse corada? Há anos que isso não lhe acontecia. Levantou o olhar e, ao encontrar os olhos azuis de Sándor, sentiu tudo ao mesmo tempo: as palpitações, o ardor entre as pernas, o suor nas mãos, a garganta seca, o desejo de que os braços de Sándor a apertassem, de que os seus lábios a devorassem. Ele, pelo contrário, parecia muito senhor de si. Apesar de terem uma diferença de quase cinco anos, Yasmin tinha a sensação de ser uma adolescente em frente a um homem maduro e vivido. Eliah dizia-lhe a verdade quando afirmava: «O seu espírito é muito mais velho e sábio do que o teu.»

- Como é que te sentes? - perguntou com uma voz estranha, que a envergonhou e a fez pigarrear.

- Porque é que não me vieste ver antes?

- Oh... Eu... Eu vim. Vim na quarta-feira quando soube que te tinham dado alta, e vim ontem, quinta-feira. E hoje... Vim para saber da tua saúde e...

- Então, porque é que não subiste para me ver?

- Porque... Já sabes, não me parecia correto. Além disso, não te queria incomodar.

Sándor soltou um riso sarcástico que Yasmin não conhecia e que, apesar de estar carregado de desprezo, lhe embelezava o rosto. O bósnio afastou-se em direção à janela e ali ficou, de costas, a contemplar o jardim andaluz. Os saltos dos Blahnik avisaram-no de que Yasmin se aproximava. Quando o barulho parou, Sándor sabia que ela estava a escassos centímetros dele.

Porque é que decidiste subir hoje? Porque hoje já é correto? Porque te parece que hoje não me incomodarias?

- Bem... Já te disse, a Leila pediu-me para a ajudar... Ai! - gritou quando Sándor se virou e lhe agarrou nos braços. - Sándor, estás a magoar- -me!

- Por uma vez na vida podes ser sincera contigo e com os outros? Porque é que me vieste ver hoje? Porque a Matilde e a Juana não estão e sabes que regressam tarde? Porque o teu irmão está na Mercure e só volta à noite? Porque ninguém, exceto a Leila, para quem te estás nas tintas, se-dará conta de que a princesa gosta do plebeu?

- Odeio-te! Desprezo-te!

- Se me odeias e me desprezas, porque é que me vieste ver? Porquê?

- Sacudiu-a e cravou-lhe os dedos nos braços magros com fúria. - Porquê? Fala!

- Porque só pensava em ver-te! Porque desejava ver-te com todo o meu coração! Porque achei que morria quando aquele homem disparou contra o teu peito! Porque quis morrer quando julguei que tinhas morrido! Porque sinto tanto a tua falta! Tanto! Já não suporto que não estejas comigo todo o dia, atrás de mim, a cuidar de mim!

Baixou a cabeça e começou a chorar como não se lembrava do o ter feito alguma vez. Doía-lhe a garganta e os braços onde Sándor lhe cravava os dedos. Não tinha forças para lhe pedir que a soltasse.

A felicidade de Sándor demorou a entrar na sua cabeça. Primeiro ficou sobressaltado com a impetuosidade de Yasmin; depois surpreendeu-o o que dizia, ou,

melhor, como o dizia, com uma disposição acusadora, como se ele fosse culpado de tudo. Só no fim se permitiu saborear o significado da confissão. Abraçou-a e atraiu-a para ele sem reparar nas pontadas de dor que isso lhe causava. Sorriu ao perceber que as mãos dela procuravam adaptar-se às suas costas.

- Sándor - ouviu-a murmurar e abriu os braços pai a lhe permitir afastar-se do seu peito. - Não suporto que tu aches que eu sou uma capri chosa e uma frívola.

- És o que és, Yasmin. Inclinou-se e apoiou os lábios na boca entreaberta dela. Mas eu gosto de ti de qualquer forma - assegurou com a voz claramente afetada depois desse leve contato. Não se tratou de um beijo suave nem romântico; pelo contrário, Sándor tomou com selvajaria o que tinha desejado durante longos meses; recebeu a recompensa pelo desprezo de Yasmin, os maus tratos e o fato de o ter afastado do seu lado. Queria fazê-la entender que lhe pertencia, que era dele e de mais ninguém. Abandonou o beijo para arrastar os lábios pelo pescoço branco e delgado para o qual olhava sempre como um tonto.

- Diz outra vez - suplicou-lhe. - Diz outra vez o que me acabaste de gritar agora.

Yasmin não conseguia alinhar uma frase coerente. Tinha a cabeça a andar à roda, o corpo pulsava como se fosse um coração gigante. Tinha sido beijada por vários homens ao longo dos seus vinte e nove anos. Nenhum como Sándor.

- Para que é que queres que to repita? Sabes muito bem. Estou louca por ti. Penso em ti de manhã à noite. Não consigo tirar-te da minha cabeça. Quero concentrar-me no meu trabalho e não consigo. Estás sempre aqui, sempre na minha cabeça. E quando te vi tão pálido no chão da capela, desejei que aquele homem regressasse e disparasse sobre mim para morrer contigo.

- Nunca mais voltas a dizer uma coisa assim!

- É a verdade! Desejei isso! É uma loucura, eu sei. Mas tudo o que tem a ver contigo é uma loucura.

Sándor afastou-se com suavidade. Ela teve medo, não dele mas sim do que lhe ia dizer, porque a olhava abatido.

- Tens razão. Isto é uma loucura, é impossível. - Deu dois passos para trás, e Yasmin sentiu frio. - O que é que eu te posso dar? Nada. Sou um homem sem pátria, sem bens, sem educação, sem dinheiro. Ninguém comparado contigo, que nasceste em berço de ouro. És filha de um príncipe saudita e uma bioquímica com estudos nas melhores universidades. És refinada e culta. Conheces o mundo e estás acostumada a viver com o melhor. Sabias que não terminei o secundário? Éramos muito pobres e tinha de ajudar na pensão dos meus pais. Sei falar francês, não muito bem, como já deves ter percebido, mas a escrever sou pior.

- Eu posso ensinar-te! Eu quero ensinar-te!

- Sim? O que é que me queres ensinar mais? A comer como um nobre, a vestir-me com bom gosto, a mover-me na sociedade parisiense com classe, tal como faz o teu noivo, o André Saint Claire?

- És injusto!

- Não me parece. Diz-me uma coisa. Yasmin. Porque é que me tratavas com desprezo quando eu eslava ao teu serviço? Porque é que me tornavas difícil a tarefa de te proteger? Porque é que eras antipática e caprichosa comigo?

- Porque és um convencido insuportável! - Sándor lançou-se sobre ela e voltou a segurá-la pelos braços com crueldade. - Larga-me! Estás a magoar-me!

- Eu digo-te porque é que me tratavas mal quando era teu guarda-costas. Porque te excitava...

- Maldito sejas, Sándor! Maldito sejas!

- Porque te excitava - continuou ele, embora duvidasse de que Yasmin o ouvisse por causa do pranto. - O teu motorista e guarda-costas excitava te a ti, uma mulher de classe, cujo noivo é um dos diretores da Air France. A dama sentia-se atraída pelo vagabundo. E isso, ao mesmo tempo que te seduzia, dava-te nojo.

- Sándor, não, por favor - soluçava.

Yasmin engasgou-se e começou a tossir. Sándor afastou-se e olhou-a com angústia até que se recompôs. Passou-lhe um copo de água e o guardanapo. Ela bebeu e secou as lágrimas de costas para ele. Humilhada, ofendida e magoada, colocou o copo e o guardanapo no tabuleiro e abandonou o quarto sem dizer nada e sem olhar para ele. Sándor sentou-se na beira da cama, tapou o rosto e começou a chorar.

O ministro dos Transportes israelita e os executivos da El Al não demoraram a dar a sua concordância para se reunirem em Paris com os diretores das companhias de seguros holandesas. Os detalhes do encontro foram combinados durante o fim de semana entre Michael Thorton e Ariel Bergman, e a reunião teve lugar na segunda-feira à tarde, na sala de reuniões da Mercure. Demoraram pouco mais de três horas a acordar um valor que compensasse as perdas sofridas devido ao sinistro. Atuários da The Metropolitan e da World Assurance apresentaram um descritivo dos pagamentos já realizados e uma tabela com a projeção dos que teriam efeito durante os próximos meses. Os especialistas que assessoravam os israelitas analisaram a documentação e esgrimiram bastantes objeções. De qualquer forma, como a vontade de Israel se inclinava para chegar a um acordo, finalmente concordaram numa indemnização de setenta e três milhões de dólares, dos quais quarenta e dois acabariam nos cofres da The Metropolitan, e trinta e um nos da World Assurance.

Quinze minutos depois de o ministro dos Transportes israelita e de os altos executivos da El Al terem abandonado o George V, e enquanto os sócios da Mercure e os diretores das companhias de seguros abriam um Dom Pérignon, o telemóvel de Al-Saud tocou. Reconheceu logo o pesado sotaque hebraico.

- Já conseguiram o que queriam - disse Bergman. - Agora têm de cumprir a outra parte do acordo.

- Amanhã vou ter consigo a...

- Não, Al-Saud. Amanhã não. Esta noite. Agora, se for possível. Não temos tempo a perder. Passaram mais de dez dias desde a publicação da primeira reportagem. O tempo está contra nós. O governo do meu país tem de tomar medidas. As pressões internacionais são insuportáveis nesta altura.

- Daqui a meia hora - aceitou Al-Saud -, no Café de Flore do boulevard Saint-Germain. Consegue chegar a tempo?

- Sim, daqui a meia hora estou lá.

Mal desligou o telefone, Al-Saud pediu a Victoire que lhe ligasse a Peter Ramsay. Depois de dar algumas indicações a Ramsay, despediu-se dos clientes e dos sócios e pediu a Medes que o levasse ao boulevard Saint-Germain. Chegou antes de Bergman e, quando este se aproximou da mesa, Al-Saud levantou a mão e deteve-o antes que se sentasse.

- Senhor Bergman, acho que tem de ir ao banheiro dos homens para lavar as mãos antes de comer.

Bergman compreendeu imediatamente onde é que Al-Saud queria chegar. No banheiro encontrou Peter Ramsay, que trancou a porta com uma cunha de madeira no chão.

- Se me permite, senhor Bergman.

O katsa abriu os braços para que Ramsay o revistasse e procurasse as armas.

- Esta beldade fica comigo até ao final do encontro disse, e encaixou a Beretta na parte de trás das suas calças. Depois, varreu o israelita com um aparelho que detectava frequências, sem encontrar nada. Está limpo - disse, virando um pouco o rosto e falando para a lapela do casaco. Tirou a cunha que trancava a porta e, fazendo um gesto com a mão, convida Bergman a regressar à sala.

- O que é que deseja tomar? perguntou Al-Saud.

- Pode ser um café.

- Dois cafés, por favor. - Esperou que o empregado se afastasse para comentar: - Imagino que já sabe que a reunião foi um êxito.

- Para si e para os seus clientes. Não para o meu país.

- Israel tem dificuldade em perder porque não está habituado a fazê-lo. No entanto, neste assunto tão complexo, a perda ascende apenas a setenta e três milhões de dólares, nada para um país tão rico como o seu.

- Não se trata de dinheiro, Al-Saud, e sabe isso muito bem. É a imagem de Israel que ficou danificada talvez de maneira irreparável.

Elijah soltou uma gargalhada desprovida de humor.

- Por favor, Bergman. Já devia saber que no mundo da política o que hoje é preto amanhã pode ser branco e vice-versa. De qualquer forma, dar-lhe-ei a ferramenta para que a passagem do preto ao branco seja fácil e rápida.

- Fale, Al-Saud. Em Telavive estão impacientes.

- Trata-se das fotografias que foram publicadas.
- O que é que têm?
- São uma montagem.

Bergman reprimiu um insulto enquanto o empregado servia o café.

- De que é que está a falar? - sussurrou, apertando os dentes. - As autoridades do Instituto de Investigações Biológicas disseram que pertenciam aos seus laboratórios, que eram reais.

- Não se confunda, Bergman. As fotografias que o doutor Bouchiki nos deu são autênticas e, como lhe dissemos, estão muito bem guardadas. As que se publicaram são uma montagem feita a partir das originais. Um especialista detetá-lo-ia imediatamente.

- Está a querer dizer-me que as fotografias autênticas foram alteradas para serem transformadas numa montagem?

- É verdade. Como vê, nunca foi nossa intenção destruir-vos nem prejudicar-vos. Digamos que só queríamos abanar-vos e chamar a vossa atenção. Se o seu governo processasse o NRC Handelsblad e pedisse que um perito examinasse as fotografias usadas, a situação reverter-se-ia imediatamente.

Devo supor que o NRC Handelsblad não está ao corrente deste truque.

- Supõe bem.
- Acaba de ganhar um inimigo poderoso.
- Mais poderoso do que Israel e do que a Mossad?

Bergman não teve oportunidade de responder. Al-Saud atendeu o celular ao primeiro toque. Era Derek Byrne e estava alterado. Ouviam-se os gritos de Zoya em ruído de fundo. Trocou umas palavras com o guarda-costas e levantou-se. Vestiu o casaco e deixou umas notas sobre a mesa.

- Lamento, Bergman. Tenho de me ir embora. Talvez os nossos caminhos se voltem a cruzar no futuro. Boa-noite.

Medes conduziu a toda velocidade até à rue du Faubourg Saint-Honoré. Al-Saud entrou no prédio com as suas chaves. Havia gente à porta do apartamento de Zoya. Afastou-os e bateu com duros golpes.

- Byrne, abre. Sou eu.

A porta abriu-se um pouco. Al-Saud e Medes entraram. Zoya estava encolhida num extremo do sofá da sala e soluçava. Claude Masséna estava no chão. Al-Saud reparou logo no charco de sangue debaixo da cabeça do hacker e na pistola na sua mão. Pôs-se de cócoras e colocou o dedo na jugular de Masséna. Não tinha pulso.

- Suicidou-se - disse Derek Byrne. - Não cheguei a tempo de o impedir. Tirou a arma e disparou, assim, sem mais nem menos.

- Zoya - disse Al-Saud. Sentou-se no sofá e afastou lhe uma madeixa da cara. - Anda cá. - Ajudou-a a endireitar-se e abraçou-a contra o seu peito, onde Zoya continuou a

choramingar sem força. Sei que deve ter sido horrível. Sei e lamento-o. Medes, traz-me um copo de conhaque.

- Eliah, ele disse que me amava, que nunca tinha amado ninguém como a mim. Que me amava! Percebes? A mim, uma prostituta!

- És uma grande mulher, Zoya! O que é que inteieessa o teu ofício? Eu gosto de ti e considero-te uma grande amiga.

- Mas não te casavas comigo!

- Porque não estou apaixonado por ti nem tu por mim.

- Mas ele está... Estava apaixonado por mim.

- Mas tu não o amavas. Lembra-te de que me disseste que tinhas tido uma overdose de Claude.

- Sim, eu sei - admitiu Zoya, e pareceu ficar um pouco mais sóbria. Endireitou-se e aceitou o lenço de Al-Saud e o copo de conhaque que Medes lhe oferecia. - Sabia que o tinham traído no caso do Banque Nationale de Paris. Sabia tudo.

- Como é que soube?

- Um dia viu-te sair deste prédio e não foi difícil juntar as peças.

- Merde.

- Sempre tinha suspeitado da ajuda que a Mercure lhe deu enquanto esteve na prisão. Não sei, apercebeu-se sozinho. Sabes que era muito inteligente.

- Zoya, ouve-me. Temos de avisar a Polícia.

- Não... A Polícia não - solucionou.

- Zoya, confia em mim. Não estás sozinha nisto. Eu vou encarregar-me de tudo. Preciso de combinar contigo o que vais dizer à Polícia. És empregada da Mercure, do Departamento de Relações Públicas. Estás nas folhas de pagamentos, por isso não haverá problema. E os teus documentos estão em ordem.

- O que é que direi sobre o Claude?

- Que se conheceram na Mercure e que eram amantes. Matou-se quando te encontrou com outro na cama. - Apontou para Derek Byrne, que assentiu. Al-Saud levantou-se do sofá e dirigiu-se a Medes. - Sem tirares as luvas, vai revolver um pouco a cama da Zoya para que pareça ter sido usada. Byrne, tira o casaco e põe um ar descomposto. - Afastou-se em direção à janela, onde tirou o celular e procurou o número do inspetor Olivier Dussollier. - Allô, Olivier. É o Eliah Al-Saud. Preciso da tua ajuda. Uma amiga minha, funcionária da Mercure, acaba de ter um grave problema.

Al-Saud chegou a casa de madrugada. Estava exausto. Foi recebido por um silêncio surdo. Caminhou às escuras, sem acender as luzes. Tirou as botas à entrada do quarto para evitar fazer barulho. Não queria acordar Matilde. Devia ter tomado um banho porque cheirava a cigarros e ao per-fume de Zoya, mas despiu-se e meteu-se na cama, vencido pelo cansaço. Matilde mexeu-se ao seu lado e abriu os olhos.

- Olá - cumprimentou-o, com a voz enrouquecida pelo sono.

- Olá, meu amor. Não te queria acordar - desculpou-se Al-Saud e atraiu-a a si para a abraçar.

Matilde detetou o perfume de mulher.

- Que horas são?

- Três e um quarto. Dorme.

Ficou decepcionada por não a procurar para fazer amor. Desde o ataque na capela não tinham voltado a fazer sexo porque ela não tinha vontade. Nesse dia, no entanto, quando foram ao apartamento da rue Toullier para levantarem a correspondência, deu de caras com O Jardim Perfumado e foi invadida por um desejo visceral por Eliah, que se intensificou quando ele lhe ligou por volta das oito para lhe dizer que um contratempo não lhe permitira ir jantar a casa. Esperou-o, ansiosa, matando o tempo com a leitura, até que o sono a venceu. Deve ter-se tratado de um sono leve, porque acordou enquanto ele se despia. Ficou quieta, fingindo dormir, a desejar que a acordasse para a amar. Não o fez e, quando a abraçou e ela notou o perfume de mulher, percebeu porquê: tinha estado com outra. Com a tal Gulemale, com quem jantara durante a sua semana de ausência? Perante a ordem dele - por mais que se expressasse com doçura, os seus pedidos soavam sempre a ordens -, «dorme», Matilde virou-lhe as costas e encolheu-se em posição fetal. Poucos segundos depois, mordeu o lábio quando os seus olhos se marejaram de lágrimas. Repetiu para si a cantilena de sempre: não tinha direito de reclamar com ele; em poucas semanas iria para o Congo e estaria tudo acabado. Era o melhor, em especial se dava crédito às palavras de Takumi Kaito: «Devo dizer-te, Matilde, que se pretendes manter um Cavalo ao teu lado, e sobretudo o de Fogo, jamais, nunca debes atacar a sua liberdade. Dá-lhe tanto espaço quanto ele precise, porque não há nada que o Cavalo aprecie mais do que ser livre.» Se não tivesse tido tanto medo de regressar ao apartamento da rue Toullier, ter-se-ia ido embora daquela casa.

Na manhã seguinte, terça-feira, dia 10 de março, durante o café da manhã na cozinha, Al-Saud ficou a saber que a má cara de Leila se devia ao facto de Sándor ter regressado ao seu apartamento apesar de não estar completamente recuperado; e que a cara de felicidade de Juana se devia ao facto de, na noite anterior, Shiloah lhe ter ligado para a convidar a passar uma semana em Telavive.

- Neste momento? espantou-se Al Saud. Com a campanha política no auge?

- Eu perguntei-lhe o mesmo respondeu Juana e disse-me que tiraria uns dias para recuperar forças antes da reta final, a mais dura. A única coisa que lamento é não estar aqui no sábado para o teu aniversário, amiga.

- Que importância tem o meu aniversário? Festejamos quando voltares.

- Estou tão feliz! Nunca imaginei conhecer Telavive.

- Quando é que partes? - quis saber Al-Saud.

- Na sexta-feira de manhã. Supostamente, o bilhete deve chegar entre hoje e amanhã, quarta-feira, pela Federal Express.

- Nós levamos-te ao aeroporto. Achas bem, meu amor?

Matilde limitou-se a assentir, séria e distante. Al-Saud franziu a sobrelance e ficou a olhar para ela. Estava de mau humor, e ele não sabia porquê. Ao acordar, não a tinha encontrado ao seu lado. Foi dar com ela na cozinha, vestida e a tomar o café da manhã. Aproximou-se para a beijar na boca e ela, sem afastar a xicara de café com leite dos lábios, ofereceu-lhe a face. Antes de ir para o George V, encontrou-a na flor, onde a surpreendeu a olhar para o jardim andaluz.

- O que é que se passa?

- Nada.

- Não mintas, Matilde. És transparente e não sabes dissimular.

«Não abras a boca, Matilde. Não lhe cobres. Cala-te.»

- Tens alguma coisa e, como não me queres dizer, assumo que o problema é comigo. Ou estás num desses dias em que as mulheres ficam muito sensíveis? - Disse-o com um ar divertido, que desapareceu perante a expressão contrariada de Matilde. - Desculpa, não te quis ofender.

- Não me ofendeste. E não, não estou num desses dias.

- O que é que se passa, então? E não me voltes a dizer «nada».

«Morde a língua, Matilde. Não fales.»

- Meu amor, não gosto que tenhamos segredos.

- Com que então não gostas de segredos? - «Chega, Matilde.»

- Não - disse ele, de repente sério não gosto.

- De quem era o perfume a que cheiravas ontem à noite? É um segredo?

Al-Saud chegou-se para trás e riu-se, entre o nervoso e o surpreendido. Matilde, entretanto, amaldiçoava-se por não se ter conseguido controlar.

- Porque é que não me perguntaste ontem à noite? Porque é que tenho de te arrancar as coisas com um interrogatório?

- Porque não tenho direito de te perguntar, mas já que insistes...

- Não tens direito? És a única a quem dou esse direito!

Abraçou sem concessões a sua pequena figura e a sua fragilidade; beijou-a com raiva, segurando-a pela nuca. Introduziu-lhe a língua até que a entrega de Matilde - os seus delicados gemidos, as suas mãos agarradas a ele, o tremor do seu corpo - o apaziguou. Sem afastar os lábios dos dela, disse-lhe:

- O perfume que cheiraste era de uma mulher. De uma amiga minha que ontem à noite me ligou desesperada porque o namorado se tinha suicidado na sala da sua casa. - Matilde abafou uma exclamação. - Não a podia deixar sozinha.

- Não, claro que não.

- Tive de me encarregar de tudo. De ligar para a Polícia, de a levar à esquadra para prestar declarações, de lhe conseguir um quarto no George V para passar a noite, não

podia voltar ao apartamento porque os polícias o tinham selado. Além disso, ela não queria voltar.

- Coitada. O que é que aconteceu?

- O namorado queria casar com ela. Ela, não. Além disso, queria acabar com a relação. Mais calma agora? - Al-Saud riu-se ao ver como as faces de Matilde coravam. - Nunca conheci uma mulher que corasse tanto como tu.

- Desculpa, Eliah.

- O que é que pensaste? Que tinha ido para a cama com outra? - Matilde assentiu. - É estranho o que sinto. Por um lado, os teus ciúmes fazem-me feliz, lisonjeiam-me; por outro, a tua desconfiança magoa-me.

- Desculpa. Ontem à noite fiquei à tua espera até muito tarde. E quando chegaste, cheiravas a esse perfume de mulher. Fiquei muito afetada. Tinha tanta vontade de que chegasses.

- Sim? Muita vontade?

- Sim. Fiquei a ler até muito tarde para matar o tempo.

Al-Saud não parecia prestar-lhe muita atenção, estava ocupado em passar a sua língua pelo pescoço dela e as mãos pelos glúteos.

- Ficaste à minha espera até muito tarde?

- Sim. A resposta de Matilde surgiu como um sopro.

- Porque é que estavas à minha espera?

Demorou uns segundos a responder. As mãos de Eliah estavam debaixo da sua camisa e desapertavam-lhe o soutien, deixavam-lhe a mente em branco.

- Porque tinha pensado toda a tarde em fazer amor contigo.

Al-Saud afundou os dedos no traseiro de Matilde e apertou-a contra si.

- Ah, meu amor - disse com voz pesada e rouca. - Não sabes o quanto desejei isto. Ontem à noite não te quis pressionar. Desde o ataque na capela...

- Sim, eu sei. Mas agora quero, Eliah. Preciso de ti dentro de mim, em cima de mim.

- Meu amor! - exclamou, e arrastou-a para a cama.

O pagamento pelos serviços prestados às companhias de seguros holandesas entrou na quinta-feira na conta bancária da Mercure, tal como o adiantamento do empresário israelita, Shaul Zeevi, para iniciar os preparativos da missão na região do coltan, no Congo. O presidente da The Metropolitan mostrava-se interessado em formar uma equipa ad hoc com a Mercure para as investigações de alto risco, e queria assinar um contrato para que Al-Saud se convertesse no seu assessor; estava impressionado com a

estratégia que tinha concebido para pôr os israelitas aos seus pés. O governo da Eritreia tinha transferido com pontualidade a primeira tranche* que iria cobrir a organização e o treino do seu Exército. Dingo e Axel, que, depois de protegerem Ruud Kok, tinham regressado para se encarregarem dessa tarefa, trabalhavam para convencer os generais eritreus de que seria inoportuno prescindir dos seus serviços a curto prazo; além disso, tentavam persuadi-los de que se impunha a criação de um corpo de elite. Ganhariam uma polpuda comissão por assessorá-los na compra de armamento e de veículos. As receitas por contratos menores (guarda-costas, investigações e segurança industrial) fluíam mensalmente, com uma clara tendência para aumentar, como se a falha na segurança durante a convenção pelo Estado binacional nunca tivesse existido. Vivia-se um momento de esplendor na Mercure, de uma grande liquidez, embora esta nunca parecesse suficiente, dados os grandes custos fixos e as quotas pelos bens de capital adquiridos no ano anterior.

Apesar do bom momento nos negócios e do fato de Matilde parecer contente na manhã de sexta-feira, enquanto levavam Juana ao Aeroporto Charles de Gaulle, Al-Saud não conseguia livrar-se da irritação provocada pelo telefonema de Ruud Kok. Os israelitas não tinham perdido tempo. Na quarta-feira de manhã, o escritório de advocacia Van Boar & Becke, um dos mais prestigiados de Amesterdão, assessor do governo de Israel, processou o NRC Handelsblad por calúnias e injúrias. Os advogados do jornal holandês não demoraram em informar-se sobre a estratégia da Van Boar & Becke, que assentava no facto de as fotografias publicadas serem falsas; eram uma montagem.

- Nem sequer foste capaz de corroborar que as fotos fossem autênticas? - vociferou o chefe de redação do NRC Handelsblad, e deu um murro na secretária.

- Não havia tempo - desculpou-se Ruud Kok. - O meu informante ameaçava que ia entregar o material ao The Sun se o nosso jornal não o publicasse logo.

- Usaram-nos! Tenho a certeza! Posso farejá-lo! Não estou há trinta anos neste ramo para não intuir quando me montam uma armadilha. O sacana que te deu as fotografias armou uma estratégia para conseguir alguma coisa dos israelitas. Vá-se lá saber o quê!

- Mas...

- Agora que provavelmente já conseguiu o que queria, contou-lhes o seu pequeno segredo. Que as fotografias são falsas.

- Não percebo nada! - disse Kok, agitado. - Se as fotografias são falsas, se não correspondem à realidade, porque é que os israelitas demoraram tanto a reagir? Eles, melhor do que ninguém, deviam saber que estas fotografias não são dos laboratórios do Instituto de Investigações Biológicas. E, no entanto...

- Não me estás a ouvir, Kok? Trata-se de uma manobra. Nunca vamos saber o que é que eles prepararam durante este tempo todo. A única verdade é o que te confirmou o especialista, que são uma montagem. Vão atacar-nos e bem! Vão destroçar-nos! A minha cabeça rolará. E a tua também, Kok!

Ruud Kok voltou ao gabinete e, sem meditar no que diria, ligou para a Mercure. Atendeu-o a gentil, embora intransponível, Thérèse, que, para seu espanto, o passou a Al-Saud. Este parecia tranquilo e alheio à tempestade que se avizinhava.

*parcela

- De que é que estás a falar, Kok?

- De que me enganou, Al-Saud. As fotos são uma montagem e o governo israelita sabe disso. Acaba de processar o NRC Handelsblad. Agora percebo a urgência para escrever a reportagem e a sua ameaça de entregar o material a um amigo no The Sun. Não queria que se verificasse a autenticidade do que tão generosamente me entregou.

- Espera um momento. O que queres dizer com as fotografias serem uma montagem? Paguei muito caro por elas!

- Pagou caro por elas e não mandou um especialista confirmar? O senhor, justamente o senhor, que duvida da sua sombra? Não goze comigo, Al-Saud! Sei muito bem que me usou e que vou perder o meu emprego, mas vingar-me-ei. Não pense que vai sair bem desta situação.

Tal como contaria a Matilde ao telefone no dia seguinte, toda alvoroçada, Juana não viajou para Telavive na classe executiva da El Al, mas em primeira. Shiloah Moses tinha pago um bilhete que custava à volta de oito mil dólares para a agradar e Juana sentia-se como uma rainha. Ao princípio, a emoção por viajar para uma região exótica e os luxos da primeira classe obnubilaram-na ao ponto de se esquecer de que se reencontraria com o amante a quem não tinha esperado voltar a ver. Shiloah não só lhe tinha ligado quase todos os dias, apesar da sua intensa atividade, como a queria perto dele na sua semana de férias. Sentada no confortável assento, com um copo de champanhe na mão e enquanto petiscava frutos secos de um prato, Juana tomou consciência da pouca seriedade com que tinha lidado com o assunto. Depois de uma viagem de quatro horas, voltaria a vê-lo. O que sentiria? A relação deles não fora amor à primeira vista, até metera vários copos a mais na noite em que acabou no quarto de Shiloah no George V. De repente, a magia desapareceu, e Juana percebeu que podia ter uma grande desilusão. Pensou em Jorge, no quanto o tinha amado, no excelente sexo que tinham partilhado, e sentiu uma nostalgia que lhe amargou o champanhe e lhe tirou o apetite. Shiloah tinha-a conquistado porque a fazia rir. Cheio de energia e dono de um bom humor à prova de tudo, fizera-a sentir-se bem, devolvera-lhe a alegria. O que aconteceria ao longo de uma semana em que conviveriam e estariam sozinhos? Estremeceu perante a possibilidade da decepção.

Desejou que ele não fosse buscá-la ao Aeroporto Ben-Gurion, que enviasse um dos seus colaboradores. Precisava de tempo para organizar as ideias. Shiloah não lhe deu esse prazer. Estava à espera dela. Juana, que se debatia com as rodinhas da mala, levantou o olhar e viu-o a alguns metros dela. O sorriso que lhe ofereceu provocou-lhe cócegas no estômago. Ficou a olhar para ele, ou melhor, a estudá-lo. Tinha perdido peso e parecia mais alto. Ficavam-lhe bem o cabelo tão curto, a camisola azul de gola alta e as calças num tom creme. Achou o muito bonito. Um desejo espontâneo, que não tinha sentido antes, nasceu nela. Largou a mala e correu para os seus braços. Shiloah, a rir se, fé-la dar voltas no ar. Beijaram-se na boca, sem repararem nos olhares de condenação que lhes lançavam os judeus ortodoxos.

- Senti mesmo a tua falta! - suspirou Moses sobre os lábios de Juana.

- Obrigada por me teres convidado! O voo foi ótimo. Nunca imaginei que alguma vez na minha vida viajaria em primeira classe.

O comentário provocou uma gargalhada a Shiloah, que a apertou contra o seu corpo e inspirou o seu perfume. Afastaram-se para olharem um para o outro. Juana ficou admirada com os seus olhos ambarinos, pasmada com a beleza das suas pestanas tão longas e pretas. Fixou o olhar na sua boca, brilhante de saliva, e desejou voltar a beijá-la.

- Desejo-te tanto - confessou ele.

Aquele homem era outro Shiloah, menos brincalhão, mais sensual. Juana sorriu, feliz, e pôs-se na ponta dos pés para lhe sussurrar:

- De que é que estamos a espera? Vamos fazer amor.

De regresso do Aeroporto Charles de Gaulle, Al-Saud obrigou-se a esquecer a conversa com Ruud Kok. Desde o princípio que sabia que, na guerra para subjugar o governo de Israel, existiriam danos colaterais. Porque é que o assaltavam os remorsos? Essa era a natureza do negócio que tanto o apaixonava; existiam riscos, vítimas, perigos. Nesse contexto, uma consciência sensível não era apenas incongruente mas também imperdoável. Travou num semáforo e virou a cabeça para observar Matilde, serena e plácida ao pé dele. A sua pureza comoveu-o. Tinha o olhar franco e claro de quem possuía um coração bondoso. Em algumas ocasiões, quando a descobria envolvida nesse halo de serenidade, dava por ele a pensar que não a merecia, e uma sensação angustiante apoderava-se do seu estado de espírito e convertia-se numa pressão no estômago. Como reagiria quando lhe confessasse o que era? Tinha pensado muitas vezes nessa pergunta, sem encontrar uma resposta. Na verdade, o que tinha de encontrar era coragem para lho confessar.

Esticou a mão e segurou-lhe o queixo para a obrigar a olhar para ele. «Porque é que não olhas para mim? O que é que há lá fora que tanto te atrai? Porque é que eu não sou o centro constante da tua atenção?» Os seus ciúmes, o seu sentido de posse sobre ela e o amor obsessivo que lhe inspirava não o convenciam totalmente; detestava aquele desassossego permanente, a necessidade de conquistar o seu carinho. Ficava feliz quando ela o beijava de modo espontâneo, ou quando lhe confessava que desejava fazer amor com ele. No entanto, essa felicidade acabava por ferir a sua vaidade que, na opinião de Takumi sensei, era desmesurada, como era característico de um Cavalo de Fogo, e feria-a porque se supunha que ele não mendigava a devoção das mulheres; fazia-a sofrer. Estava cansado do mesmo discurso! Parecia um disco riscado. E um idiota por não resolver a situação.

- *Embrasse-moi*, Matilde - pediu-lhe, e ela tirou o cinto de segurança para lhe fazer a vontade e beijá-lo.

Al-Saud ficou quieto com as mãos no volante. Matilde meteu os dedos compridos de cirurgiã no cabelo dele até alcançar a nuca e atraí-lo para a sua boca. A atitude passiva de Al-Saud provocou-a, e dispôs-se a submetê-lo. Sugou-lhe os lábios e introduziu-lhe a língua, mas os seus dentes não se separaram. Lambeu-os, desfrutando com suavidade do esmalte, e percorreu a geografia das suas gengivas com a ponta endurecida da língua. Parecia-lhe irreal a intimidade que partilhavam. Ela conhecia o seu corpo como o de ninguém; e ele era o dono do dela. Num recanto da sua mente sabia que nunca voltaria a experimentar o êxtase que Eliah Al-Saud lhe tinha ensinado a gozar porque, na verdade, tudo se referia a ele. Sem ele, de nada valia a técnica nem a mecânica nem o fisiológico. Ele ativava o seu corpo como se lhe conhecesse os botões secretos.

Com uma inspiração violenta, Al-Saud abriu a boca e introduziu-se na de Matilde, que se agitou e gemeu debilmente, quase sem fôlego. Como não arrancavam, os carros buzina-lhes. Al-Saud deu uma guinada com um insulto, fazendo chiar os pneus, e estacionou o carro desportivo inglês na berma. Tirou o cinto e continuou a beijá-la.

- Amanhã fazes anos e não te quero partilhar com ninguém. Vou esconder-te para que sejas só para mim.

- Esconde-me na tua quinta de Rouen.

- Não. Os meus irmãos iriam felicitar-te. Vou levar-te para outro lugar.

Matilde regressou da escola de línguas e acabou de preparar a roupa e os seus objetos pessoais. Leila ajudou-a com a roupa de Eliah e, por volta das oito da noite, sentou-se num banco alto da ilha da cozinha, com um saco e uma mala aos seus pés, à espera. Yasmin chegou e sentou-se ao lado dela. Matilde divertia-se muito com as tentativas da moça se informar sobre Sándor. Como Leila se refugiava no silêncio, Matilde apiedou-se e disse-lhe que na sexta-feira anterior ele tinha regressado ao seu apartamento.

- Mas se ainda não está completamente recuperado!

Leila bufou e abandonou a cozinha.

- Acho que a Leila te culpa pela partida do irmão - atreveu-se a comentar.

- Na sexta-feira passada discutimos. - A facilidade com que falou do assunto apanhou de surpresa a própria Yasmin. Havia uma semana carregava aquela dor e sentia uma pontada no peito que só desaparecia quando ia dormir; estava a sufocá-la; precisava de a partilhar com alguém.

- Dissemos coisas horríveis um ao outro, sobretudo ele a mim. Não digo que não as mereça, mas magoaram-me tanto. - Fechou os olhos para tra-var o pranto. Ao perceber que Matilde a abraçava, encostou-se à ilha da cozinha e começou a chorar como uma criança.

- Chiu. Não chores, que o teu irmão está a chegar e fará perguntas. Vá, levanta-te. - Matilde ajudou-a a levantar-se e secou-lhe as lágrimas com um toalhete de papel. - Agora estamos de partida para uma viagem, mas gostavas que almoçássemos na segunda-feira e conversássemos sobre o Sándor?

- Matilde, agora percebo porque é que o meu irmão está louco por ti. Quero que saibas que nunca o vi tão apaixonado. Para onde é que vão?

- É um segredo - respondeu Al-Saud mal entrou na cozinha. Aproximou-se de Matilde e beijou-a na boca. Deu um beijo à irmã no cocuruto.

- Estás pronta? - Matilde assentiu. - Saímos daqui a cinco minutos.

- Onde é que vão? - sussurrou Yasmin.

- Não faço ideia. Amanhã faço anos e ele quer passar o dia num lugar secreto. Então, vemo-nos na segunda-feira à hora de almoço?

- Sim, adoraria. Venho buscar-te aqui ao meio-dia e meia?

- Perfeito.

Medes conduziu-os até ao Aeroporto de Le Bourget. Brincavam às adivinhas; Eliah dava-lhe pistas em francês, para tornar o jogo mais difícil, e Matilde tinha de arriscar o

nome do lugar para onde viajavam. Só contava com três oportunidades e receberia um castigo se perdesse. Como Matilde arriscou Bruxelas, Marselha e Amesterdão e a resposta era Londres, Al-Saud escolheria a pena.

- Fizeste batota! Deste-me mal as pistas de propósito.

- Sim, dei-tas mal de propósito porque quero atribuir-te um castigo.

- Qual?

- Não, agora não. Depois. Amanhã. Gostas de Londres?

- Não conheço. Quando era criança, fiz um curso de Inglês em Eton, mas nunca visitei Londres.

- Vais adorar. Eu gosto muito. Teria preferido levar-te duas semanas para as Caraíbas, para a Polinésia ou para o Hawai, para nos deitarmos ao sol na praia, mas tinha a certeza de que não querias perder mais aulas na escola de línguas. E eu também não podia deixar a Mercure durante tanto tempo agora. Fá-lo-emos no futuro, quando voltares do Congo.

Matilde permaneceu em silêncio o resto da viagem até Le Bourget, aconchegada no peito de Al-Saud. Em duas frases, ele tinha mencionado questões que a atormentavam: a verdadeira natureza da Mercure, o futuro e o Congo. Ele tinha-lhe pedido que não houvesse segredos entre eles; ela, no entanto, suspeitava que ele tinha vários. Tentou não pensar nisso; deixar-se-ia levar pela magia daquele momento no qual Eliah a raptava porque a queria só para os seus olhos, como lhe dissera na manhã da convenção pelo Estado binacional. Ela valorizava cada palavra, cada gesto, cada olhar; conservá-los-ia no seu coração para sempre; seria feliz com essa lembrança.

Não se devia ter surpreendido com o facto de Al-Saud ter um avião; além disso, ele tinha-lho dito na sua primeira noite de amor, mas naquele momento ela não tinha capacidade para registar muita informação, por isso não voltou a pensar no assunto. Tratava-se de um Gulfstream V, segundo ele lhe explicou, com um sorriso de contentamento ao vê-la pasmada diante da imponente máquina. Continuou espantada ao entrar na cabina, de um luxo nada excessivo, antes acolhedor, com grandes assentos como os de uma primeira classe, forrados a couro em tons de giz, com revestimentos e mesas desdobráveis em mogno e o tapete em cor lavanda. Matilde inspirou profundamente para se encher do perfume a verbena que inundava o interior do avião, tal como uma melodia muito alegre de Mozart. Foram recebidos pelo comandante Paloméro e pela tripulação. A comissária mostrou-se solícita com Matilde, e tanto ela como o resto do pessoal dissimulavam a curiosidade que lhes despertava contar com uma mulher que não fosse Diana entre os passageiros.

- Decolará o senhor, monsieur Al Saud? perguntou Paloméro, e o coração de Matilde acelerou quando Eliah respondeu que sim. Indicou a Matilde que se sentasse na grande poltrona perto da cabina do piloto. A porta permaneceria aberta para que ela visse a pista iluminada. Simples coisas, como a imagem do traseiro e das pernas de Al-Saud enquanto se acomodava no lugar do piloto, ou a forma como colocou os fones, excitavam-na, e até o movimento preciso e seguro das suas mãos sobre a infinidade de botões e de alavancas lhe aqueciam o sangue.

- Olha para a pista, meu amor - pediu-lhe Al-Saud, e ela inclinou-se para descobrir um caminho formado por duas filas paralelas de luzes que se uniam no infinito escuro da noite.

O som das turbinas envolveu-a como um punho gigantesco e pode-roso e tirou-lhe o fôlego. Al-Saud virou a cabeça e piscou-lhe um olho antes de começar a corrida pela pista. Ela sorriu-lhe. Sentia-se etérea, livre, feliz. O avião descolou, e a operação passou inadvertida a Matilde, por isso o seu estômago não se ressentiu. Minutos depois, a hospedeira abandonou o jump seat e ficou em frente dela.

- Monsieur Al-Saud é o melhor piloto que conheço. Já vai ver que também não notará quando aterrarmos no Aeroporto de London City. - Deu meia-volta e dirigiu-se à pequena cozinha para preparar umas bebidas.

Matilde observou-a a afastar-se pelo corredor e ficou com ciúmes. Era muito bonita, alta e magra, e não conseguiu evitar perguntar-se se Eliah teria ido para a cama com ela. Animou-se bastante quando ele regressou para junto dela. Mudaram-se para um setor onde quatro cadeirões forma-vam uma pequena sala. Tomaram o sumo favorito de Eliah, de laranja e cenoura, comeram canapés e sandes, e falaram de temas irrelevantes. A viagem era curta, por isso, em breve, Al-Saud regressou à cabina do piloto, tomou o comando e aterrou o Gulfstream V no Aeroporto de London City, onde estacionaram o avião num hangar. Ali esperava-os um Jaguar com um motorista, que os conduziu ao Savoy pelas margens do Tamisa, cujas pontes iluminadas não se comparavam com as de Paris, na opinião de Matilde, embora compusessem uma bela visão refletidas na água do rio. Ao passar junto a Tower Bridge admitiu que era esplêndida. O entusiasmo de Matilde, que tanto agradava a Al-Saud, cresceu perante a magnificência do Savoy, localizado na antiga The Strand. Matilde não admirava o luxo nem a decoração mas sim a história que se respirava em cada canto da recepção, das escadas, dos elevadores e da suíte do quinto andar, que contava com três divisões e uma vista soberba do rio e da cidade.

- Quero fazer amor em cada divisão sussurrou lhe Al Saudl ao ouvido, sem lhe tocar, enquanto o mensageiro acomodava a bagagem e uma empregada abria a cama e depositava chocolates na almofada.

Al-Saud gratificou-os com generosidade e saíram. Antes de fechar a porta à chave e com tranca, pendurou o aviso que dizia «*Do not disturb*» na maçaneta da porta. Matilde viu-o avançar para ela e riu-se, nervosa. Ele não parecia divertido e seguiu-a com um fogo no olhar que a levou a correr pelo quarto. Não demorou muito em pegar nela pela cintura e levánta-la no ar como se fosse uma bagagem de mão.

Amaram-se nas três divisões da suíte, nos sofás, contra a parede, no chão e em cima da mesa redonda. Começaram vestidos e, à medida que a noite avançava e o arrebatamento e a excitação se alimentavam a si próprios, iam perdendo as peças de roupa até acabarem nus na cama.

- Será sempre assim entre nós - arquejou Al-Saud em francês, ainda dentro de Matilde, que respirava com dificuldade sob o peso dele. - Não sei como é que o sei, Matilde. Só sei que esta loucura que começou em mim no dia em que te conheci morrerá comigo.

Na manhã seguinte, ao acordar, Matilde perguntou-se onde estava. Tinha dormido profundamente, como nunca desde o ataque na capela. Não sabia porque é que o ataque a tinha afetado mais do que o sofrido à porta da escola de línguas. Às vezes, quando fechava os olhos para dormir, via o gigante que a agarrara pela cintura. Assustava-a a maneira las-

civa com que a tinha contemplado; também a afetava evocar o sorriso que lhe tinha dirigido, o de um louco, sem qualquer traço humano. Endireitou-se entre as almofadas de penas e ficou a ouvir o silêncio. Ouviu murmúrios e o barulho de uma porta a fechar-se. Apareceu Eliah, metido no roupão do hotel, e sorriu lhe.

- Parabéns, meu amor disse lhe de lábios encostados aos dela, e Matilde abraçou-o.

Tomaram o café da manhã na salinha contígua. Al-Saud comia com voracidade o seu *english breakfast*. O exercício da noite anterior e a falta de jantar tinham-lhe aberto o apetite, e engolia as salsichas, os feijões em molho de tomate e as fatias de bacon com o espírito de um adolescente. Matilde, pelo contrário, depenicava as torradas e os ovos mexidos e bebia café com leite. Depois de tomarem banho e de se vestirem, estavam preparados para sair e percorrer a cidade. Ao dirigir-se ao hall de entrada, Matilde ficou estupefacta ao descobrir os sacos e os pacotes que enchiam a pequena recepção.

- O que é isto?

- O que é que achas? São os teus presentes de aniversário.

- Eliah... - murmurou. - Isto é demasiado.

- Nada é demasiado para ti.

Abraçaram-se, felizes, até que Matilde se afastou para abrir os presentes.

- Onde tinhas metido tudo isto?

- O Medes levou tudo para o porão do avião. A Natalie - referia-se à comissária - encarregou-se de que chegassem hoje ao hotel.

Passaram uma hora a abrir pacotes e sacos até que o chão do hall de entrada ficou coberto de papéis, laçarotes, caixas e etiquetas. Matilde nem queria pensar no preço daquelas peças de roupa, sapatos, carteiras e acessórios.

- Compraste tantas coisas que dava para abrir uma loja.

- Devo confessar-te que a Yasmin me ajudou a escolher quase tudo. Gostas?

Às vezes, a expressão mundana de Al-Saud desaparecia para dar lugar a uma outra que lhe recordava um menino desejoso de agradar à mãe ou à professora. Apoiou o sapato do estilista Louboutin na pequena mesa do hall e caminhou para ele. Abraçou-o e beijou-o na boca.

- Obrigada por me ofereceres tantas coisas bonitas. Adoro.

- Tu não as aprecias como a Juana o faria - provocou-a.

- A Juana não as apreciaria como eu, porque para a Juana tu não significas o que significas para mim.

- O que é que eu significo para ti, Matilde?

- Tu és tudo, Eliah.

Não regressaram ao Savoy antes das sete da tarde porque passaram o dia a percorrer os lugares mais típicos de Londres. Almoçaram num pub perto de Piccadilly

Circus e, enquanto comiam *fish and chips*, o celular de Al-Saud tocou. Era Juana; queria dar os parabéns a Matilde.

- Já me ligou meio mundo para o celular para te dar os parabéns, Mat. O teu pai, o Eze, a tua tia Sofia, a tua tia Enriqueta.

- A minha mãe não ligou?

- Não, Mat. Mas não te esqueças de que há muitas horas de diferença para Miami.

- Para a Argentina também. No entanto, a minha tia Enriqueta já ligou.

- Para Miami há mais - insistiu Juana.

- Vai esquecer-se, tal como no ano passado.

- O que é que faço com os outros se voltarem a ligar? Dou-lhes o telefone da casa do bonitão?

- Não estamos em Paris. Estamos em Londres.

Matilde afastou o celular do ouvido quando a sua amiga gritou de contentamento. Al-Saud, que tinha ouvido com uma atenção dissimulada a conversa sobre a mãe de Matilde, teve vontade de voar até Miami e, ameaçando-a com uma arma, obrigá-la a ligar à filha. Matilde voltou a animar-se depois de Juana lhe contar como estava a divertir-se em Israel. Com os seus modos veementes e teatrais, garantiu-lhe que Shiloah era umas das pessoas mais famosas do seu país, que a sua cara estava espalhada por todas as cidades, que as pessoas o paravam nas ruas para o cumprimentarem e que a maioria das sondagens garantia ao Tsabar, o seu partido político, pelo menos dois deputados no parlamento israelita ou Knesset.

- Nada mau para um partido que acaba de nascer! - proclamou Juana, e Matilde percebeu o orgulho da sua amiga nessa declaração.

Acabaram de almoçar e continuaram o percurso por The Mall até darem de caras com o Palácio de Buckingham. De regresso, atravessaram o Green Park e entraram na Fortnum & Mason, porque Matilde comen-tou que a sua avó Celia falava muito dessa loja. Ali tomaram chá no último andar, tão abundante que dava para cinco pessoas. De regresso ao hotel, deitaram-se na cama e adormeceram. Acordaram quase às dez. Como não tinham fome, decidiram não jantar. Tomaram banho juntos e vestiram-se para irem à discoteca Ministry of Sound. Matilde não gostava muito da ideia de ir dançar, aceitou porque Al-Saud falava com admiração do local. O Jaguar parou no número 103 da Gaunt Street, onde se reunia uma pequena multidão. Não foram para a fila nem esperaram. Era óbvio que Al-Saud era cliente habitual, porque os seguranças cumprimentaram-no com simpatia e indicaram-lhe que entrasse diretamente. Lá dentro, Matilde sentiu uma batida no peito, como se utilizassem a sua caixa torácica para fazer de tambor. A música ecoava e o ar tinha-se tornado denso. Tiraram os casacos e levaram-nos ao bengaleiro. Ela observou Al-Saud e descobriu um brilho de cobiça nos seus olhos, como se essa multidão que saltava em unísono, a música, as luzes e o fumo o fascinassem.

Não se podia queixar, ele tinha-lhe sugerido que usasse o vestido vermelho de gaze forrada, com corte sereia. Matilde não tinha consciência dos olhares que suscitava. O cabelo loiro tão comprido, o decote pronunciado e o efeito do vermelho sobre a sua pele faziam virar as cabeças. Colocou-lhe a mão no fundo das costas e avançou até à área dos clientes VIP, fulminando com o olhar quem se atrevesse a desejá-la. Instalaram-se nas

cadeiras, e Al-Saud atraiu-a para afundar o nariz no seu pescoço. Yasmin tinha-lhe recomendado aquele perfume. O Paloma Picasso, de notas profundas e eróticas, parecia quase demasiado para um ser como Matilde.

Al-Saud sorriu com arrogância ao pensar que, na verdade, essa fragrância também descrevia Matilde, a Matilde sensual e ardente que só ele conhecia, porque era seu criador e à qual só ele acedia. Para os outros, ela cheirava a colónia de bebé. Para ele, a Paloma Picasso.

- Jura-me que só vais usar este perfume comigo. - Encheu-se de ternura ao ver como Matilde se ruborizava, baixava as pestanas e sorria. - Jura-me, por favor - suplicou-lhe.

- Porque é que queres que só o use contigo?

- Porque quero que seja o nosso perfume.

- E tu só vais usar o A Men comigo?

- Juro. E tu o Paloma só comigo.

- Sim, juro.

Beijaram-se com um frenesim que os deixou atordoados. Al-Saud não teria podido levantar-se sem evidenciar a sua ereção. Recriou na sua mente a cena na qual Ulrich Wendorff - agora sabia o seu nome - tentara sequestrá-lo para baixar a pressão contra o fecho das calças. O empregado aproximou-se, sorridente, inclinou-se para Eliah e dirigiu-se a ele em árabe. Al-Saud disse-lhe uma coisa e pôs-lhe uma nota de cinquenta libras na mão.

- Em que língua falaram? - interessou-se Matilde.

- Em árabe. E saudita.

O empregado voltou minutos depois e, enquanto colocava sucos e aperitivos na mesa, falou a Al-Saud. Este levantou o polegar num gesto de aprovação.

- Vamos dançar?

- Não sou boa dançarina o com estes saltos ainda menos, por isso não gozes comigo.

Matilde sempre tinha detestado as discotecas, o barulho ensurdecedor, o ambiente viciado com cheiros densos, a escuridão, as luzes de cores, o excesso de bebida, de tabaco e de outras substâncias; às vozes lembravam-se de lançar espuma e isso irritava-a muito. Com Eliah, a experiência era diferente. Movia-se muito bem e, como não conseguia tirar os olhos dele, esquecia-se do ambiente. Gostava de o ver contente. Al-Saud pôs-lhe as mãos no traseiro, colou-a a si e obrigou-a a seguir o ritmo de *I want to breakfree dos Queen*.

- O senhor é muito atrevido - disse-lhe Matilde ao ouvido. - Tire as suas mãos daí.

- Dona Matilde, o seu rabinho de tarântula ou de Porquinho de Metal, como preferir, pertence-me. Posso tocar-lhe como quiser. E quero, garanto-lhe.

- A sério, Eliah, tenho vergonha.

- Ninguém está a olhar para nós. Para além disso, o teu cabelo tapa-me as mãos. Não gostas que te toque assim?

Olhou-o fixamente, atordoada pela excitação. Al-Saud soltou uma gargalhada e beijou-a no pescoço. A felicidade espantava-o. Não se lem-brava de ter sentido aquela felicidade em trinta e um anos. Sentia-se mais vigoroso do que a pilotar um avião de guerra ou do que numa das suas missões arriscadas para a Mercure.

- A próxima canção é para ti. Parabéns, meu amor.

Tratava-se de uma versão remixada de *Carít take my eyes off ofyou*. Afetou-os profundamente. A expressão de Matilde, o seu sorriso e o brilho dos seus olhos prateados converteram-se numa lança que trespassou o peito de Eliah. A emoção doía-lhe. Abraçaram-se e dançaram como naquela noite, na sítio de Rouen.

- Agora tenho de cobrar o castigo.

- Aqui?

-Éfácil. Tens de responder que sim a minha pergunta.

- Não posso responder que não?

- Não. O teu castigo é responder só que sim.

- Eliah! - A exclamação trespassou até o muro que a música erguera à volta deles, e sobressaltou-os. - *Chéri!* Que bom encontrar-te aqui!

Matilde deu-se conta de que a mulher, apesar de estar de mão dada com um homem - mais novo do que ela tentou beijar Eliah na boca e que este se esquivou com elegância e lhe ofereceu a face e que, embora desdenhada, achou a situação divertida e deu uma gargalhada. Matilde pensou que se tratava da mulher mais alta que tinha visto. O seu traje em lamé dourado que arrastava pelo chão ficava-lhe lindamente, e o corte que acabava perto da virilha revelava uma coxa escura, de pele firme e lustrosa. O seu sangue africano evidenciava-se na tonalidade da pele, nos lábios carnudos e na cabeleira volumosa e crespa, de um castanho-escuro, embora tivesse uma madeixa loira que fazia lembrar Cruella de Vil, a vilã dos 101 Dálmatas.

- Olá, Gulemale - cumprimentou Al-Saud, e Matilde recordou de imediato a amiga com quem tinha jantado durante a sua viagem. - Como estás?

- Não tão bem como tu - disse, e lançou um olhar a Matilde que, agarrada à mão de Al-Saud, se escondia um pouco atrás dele.

- Apresento-te a Matilde. - Doeu-lhe que não dissesse «*mafemme*».

- Matilde, esta é Gulemale, a amiga de quem te falei.

- Ah, falaste-lhe de mim! Que pouco conveniente, querido! - acrescentou, com outra gargalhada, e estendeu a mão a Matilde, que a apertou com firmeza. - É um prazer conhecer-te, *ma chérie*.

- *Enchantée*, Gulemale.

- Porque é que não nos acompanham até à nossa mesa? Eu e tu temos tanto de que falar, *mon cher* Eliah.

- Agradeço-te, Gulemale, mas...

- Não, não e não. Não aceito uma recusa. Vamos. Mesmo que seja por uns minutos.

Caminharam atrás do casal, e Matilde reparou que Gulemale não se tinha incomodado em apresentar o seu companheiro. O ambiente tornava-se estranho, a calidez dos minutos anteriores arrefecia e um desconforto e um mal-estar invadiam os ânimos de Matilde e de Al-Saud. Antes de se sentarem no local indicado por Gulemale, Matilde anunciou que iria ao banheiro.

- Vou contigo.

- Ah, Eliah, não sejas ridículo! É verdade que a Matilde é muito apetecível, mas ninguém a vai comer.

- Não te preocupes disse Matilde em espanhol. - Vou e venho rapidamente.

No banheiro, umideceu as mãos e apertou-as de encontro à face corada, não de vergonha mas de raiva. Al Saud devia ter insistido em acompanhá-la ao banheiro; devia tê-la apresentado como «*ma femme*», devia ter recusado o convite da harpia. Ao regressar, viu a uma certa distância que Eliah, com os antebraços apoiados nas pernas, as mãos unidas entre os joelhos e a cabeça inclinada para frente se ria enquanto Gulemale lhe sussurrava perto da face e com o braço nos seus ombros. A mulher parou de tocar em Al-Saud e este endireitou-se quando ela reapareceu. Matilde estendeu a mão ao acompanhante de Gulemale e apresentou-se. O rapaz, com um sorriso sincero, disse chamar-se Frédéric. Tirou um charuto Macanudo e um corta-charutos e preparou-se para o acender. Tirou-lhe a tira que o rodeava e ofereceu-a a Matilde com outro sorriso que Al-Saud lhe teria apagado com um murro, e acendeu-o. Aspirou, soltou duas argolas de fumo, habilidade que Matilde celebrou com um risinho, e passou-o a Gulemale.

A noite tinha ficado estragada, lastimou-se Al-Saud. Embora o encontro com Gulemale fosse auspicioso, tendo em conta a missão que os esperava no Congo, os seus planos com Matilde tinham ido por água abaixo. Apalpou o bolso das calças para confirmar que o anel que tinha planeado oferecer-lhe depois de a pedir em casamento continuava ali. Admitiu que teria de adiar o pedido. Matilde estava irritada e tentava fazer-lhe ciúmes com Frédéric. Estava a consegui-lo.

- A tua amiga é muito jovem, chéri. Quantos anos tem?

- Se respondo a essa pergunta, Gulemale, depois dizes-nos a tua idade?

Frédéric deu uma gargalhada e de imediato fechou a boca perante a expressão de desprezo que lhe lançou Gulemale.

- Eliah, acho que a Matilde não se importa de me dizer a sua idade, já que é praticamente uma criança. Quantos anos tens, *ch.;érie*? Dezoito, deza-nove? Não mais de vinte!

- Tenho vinte e sete.

- Oh.

- Não és francesa, pois não, Matilde? - perguntou Frédéric. - Tens um sotaque adorável.

- Sou argentina. E tu?

- Argelino.

- Ah, pareces francês.

Al-Saud sentia a ira entorpecer-lhe os músculos, a comprimir-lhe as mandíbulas e a converter-lhe as mãos em punhos.

- O que é que fazes, *chérie*? - continuou Gulemale.

- Sou médica - disse, para não dizer cirurgia pediátrica, porque não conseguia pronunciar *chirurgienne*. - E a senhora?

- Sou presidente de uma empresa mineira.

- Parece um cargo de muita responsabilidade.

-É.

- Queres dançar, Matilde? - perguntou Frédéric.

- Não - disse Al-Saud e, ao levantar-se, arrastou-a com ele e apertou-lhe a cintura com crueldade.

- Perguntei-lhe a ela e não a ti - obstinou-se o argelino e levantou-se.

- O que é que se passa contigo, imbecil? - Al-Saud enfrentou-o, e ter-lhe ia pegado pela lapela se Gulemale não tivesse intercedido.

A negra, olhando para Al-Saud fixamente, disse:

- É melhor não o irritares, Frédéric, e deixares a mulher em paz.

- Não tenho medo dele.

- Devias ter. Acredita que devias.

- Adeus, Gulemale.

- Adeus, *chéri*. Lamento este imprevisto.

Matilde quase perdia o equilíbrio atrás de Al-Saud que a segurava pelo pulso e a magoava. Cada passada dele equivalia a três passos de Matilde em cima dos saltos dos Louboutin. Atirou-lhe praticamente o casaco e não a ajudou a vesti-lo. Contiveram-se no Jaguar por consideração ao motorista. A discussão explodiu mal transpuseram a porta do quarto no Savoy.

- Estavas a atirar-te a ele à minha frente! - reclamou Al-Saud. - És uma desavergonhada!

- Não estava a atirar-me a ele! Estava a tratá-lo como um ser humano, já que a tua amiga o tratava como um objeto.

- Ah, Matilde, a compassiva! Gostaste dele e estavas a flertar com ele!

- Eu não flerto com ninguém! Não é o meu estilo!

- Claro que não! Comigo não flertou nem um segundo naquele dia no avião! Mas com este imbecil sim!

- Descarado! E tu com a Gulemale? O que é que estavas a fazer quando ela te abraçou e tu te rias? Por acaso não estavas a flertar?

- É sempre assim com a Gulemale!

- Claro! É sempre assim com a Gulemale!

- Mas não há nada entre mim e ela. Nada!

- Não acredito em ti!

- Matilde, interessa-me manter a amizade com essa mulher porque tenho um negócio muito importante entre mãos.

- Um negócio com essa harpia? Mais vale teres cuidado! Consegui sentir a sua maldade como se fosse algo palpável. E agora vou tomar banho para tirar o cheiro pestilento a tabaco dessa senhora de cima de mim.

Fechou-se na casa de banho e, irritada, tirou o vestido a resmungar. Al-Saud despiu-se no quarto pronunciando insultos a cada peça que atirava para o chão. «Bonito fim de noite para aquela que devia ser a melhor da minha vida», pensou com sarcasmo. Maldito o instante em que lhe passara pela cabeça irem à Ministry of Sound.

Adormeceram irritados e, na manhã seguinte, quase não trocaram uma palavra durante o café da manhã. Matilde pediu-lhe que partissem ao início da tarde porque tinha de estudar para o teste de Francês específico para profissões de saúde de segunda-feira, e Al-Saud fez-lhe a vontade. Chegaram à casa da avenue Elisée Reclus por volta das seis da tarde de domingo. Eliah fechou-se no escritório e Matilde fingiu estudar no quarto.

O celular de Al-Saud tocou muito cedo na segunda-feira de manhã, às seis e meia. Era Dingo, que ligava de Asmara, a capital da Eritreia.

- Não me insultes - desculpou-se Dingo -, sei que é cedo, aqui também. São só duas horas mais do que em Paris. Mas acaba de me ligar o general Odurman, o comandante do Exército da Eritreia, que quer ampliar o nosso acordo e parece muito ansioso e apressado. Quer uma resposta hoje, de outro modo assinará o contrato com a Spider International. Eu não tenho autoridade para negociar isso.

- O que é que se passa? - perguntou Matilde, sem abrir os olhos.

- Nada. E muito cedo. Dorme. - Al-Saud saiu da cama e entrou no closet para falar calmamente. De que é que se trata, Dingo?

- Querem que treinemos um grupo de sudaneses que estão refugiados no Sul da Eritreia e que planeiam levar a cabo um golpe contra o regime de Cartum - falava da capital do Sudão. - Também há a possibilidade de conseguir uma boa maquia se fizermos de intermediários na compra de armas. Madame Gulemale poder-nos-ia ajudar neste sentido.

Falaram durante meia hora. Como nem Mike nem Tony podiam viajar, Al-Saud decidiu ir nesse mesmo dia a Asmara para se encontrar com o general Odurman. A proposta do governo eritreu era tentadora, já para não falar da possibilidade de estragar

um negócio a Nigel Taylor. Tomou banho, vestiu-se depressa e foi para os escritórios no George V antes de Matilde acordar. Quando regressou à casa da avenue Elisée Reclus para fazer a mala, Matilde estava a almoçar com Yasmin no Les Deux Magots. Deixou-lhe uma nota em cima da cama.

Como tinha regressado da escola de línguas decidida a fazer as pazes com Al-Saud, quase começou a chorar ao saber que ele tinha viajado. Matilde, tive de viajar de repente. Regresso dentro de dois ou três dias. Cuida de ti, por favor. Eliah. A frieza da nota assustou-a. Aproximou-a do nariz. Cheirava a Givenchy Gentleman, o que, em parte, a acalmou. Não se tinha perfumado com A Men, cumprindo a promessa de o usar só com ela. A angústia, no entanto, não diminuía. Estava segura de que o tinha saturado com os ciúmes e a desconfiança. Não se podia controlar. A emoção obscura e turbulenta que se despertava nela ao vê-lo com outra confrontava-a com um lado do seu temperamento que desconhecia e não lhe agradava. Disse para si mesma que ficaria novamente em paz quando partisse para o Congo e acabasse com ele porque, convenceu-se, seria sempre a mesma coisa com Eliah Al-Saud, as mulheres assediá-lo-iam, e ela sofreria.

Nessa semana sem Eliah nem Juana, Matilde aproximou-se de Yasmin. Na segunda-feira, ao almoço, no Café Les Deux Magots, Yasmin foi sincera e disse-lhe que estava apaixonada por Sándor Huseinovic. A força do sentimento esgotava-a e acabara por subjugar-lhe. Admitia que Sándor lhe inspirava um amor como ela não conhecia. Contou-lhe a discussão na casa da avenue Elisée Reclus e confessou-lhe que, desde esse dia, não dormia bem, não comia, não se concentrava no trabalho, não era ela própria. Precisava de falar com Sándor e de lhe pedir desculpa. Agora reconhecia o seu comportamento imaturo e pedante.

- És a primeira pessoa a quem conto isto: ontem acabei com o André.

- Lamento muito.

- Era o melhor. Estava a enganá-lo em pensamento e não o suportava. Fazia-me sentir muito mal.

- E como está o André?

- Acho que não foi apanhado de surpresa. Há algum tempo que eu andava distante. Mas ontem estava muito magoado e irritado. - Sorriu com tristeza. - O fim da nossa relação vai ser um escândalo na minha família e no meu grupo de amigos. Muitos vão virar-me as costas por me envolver com o meu motorista e guarda-costas. Isso é muito mal visto no nosso círculo.

- Se te viram as costas por essa razão - argumentou Matilde -, significa que nunca foram teus amigos no verdadeiro sentido da palavra. Para que queres ter amigos assim? Acho que fizeste o correto. A hipocrisia e a mentira são um veneno para o coração.

- Preciso tanto do Sándor neste momento. Não sei onde vive e não tenho coragem de perguntar à Leila nem à Diana porque sei que não gostam de mim.

- Eu posso perguntar à Leila e, se ela não me der o endereço, peço à Thérèse ou à Victoire. O Sándor é um funcionário da Mercure. Devem ter o seu nome nos Recursos Humanos.

- Obrigada, Matilde!

Voltaram a almoçar no dia seguinte no restaurante do George V. Como Leila não sabia a morada de Sándor, Matilde passou ao plano B: Thérèse ou Victoire. Yasmin parecia impaciente, nervosa e contente.

- Quando é que o meu irmão regressa?

- Não sei - admitiu Matilde. - Discutimos no sábado à noite e foi-se embora zangado. Deixou-me um bilhete muito curto e frio e não me disse quando regressa.

- Posso perguntar porque é que discutiram?

Matilde contou-lhe os acontecimentos na Ministry of Sound e admitiu que tinha flertado com Frédéric porque tinha ciúmes de Gulemale.

- O Eliah ficou cheio de ciúmes.

- O Eliah com ciúmes? - espantou-se Yasmin. - Essa é uma grande novidade. A Samara ficava louca porque ele nunca tinha ciúmes. Oh, desculpa, Matilde! Sou uma estúpida. Não foi minha intenção mencioná-la para te irritar, juro-te.

- Eu sei. Além disso, gostava muito de saber coisas sobre ela. Parecia muito doce na fotografia.

- Sim, era muito doce, muito assustadiça, muito insegura, embora, se se tratasse do Eliah, mostrasse uma cara que poucos conheciam. Sempre estive apaixonada por ele, desde que era muito pequena e o meu irmão ia brincar à casa dos Al-Muzara.

- Era irmã do Sabir Al-Muzara, o escritor, não era?

- Sim, irmãos gémeos. Ao princípio, o Eliah nem olhava para ela, por-que era uma criança e só pensava em brincar com o Sabir e com o Anuar, o mais velho dos Al-Muzara. Mas depois, quando os Al-Muzara ficaram sob a tutela dos meus pais e vieram morar para a nossa casa, o Eliah começou a ver a Samara com outros olhos. Bom, nessa altura tinham quinze anos e o Eliah andava com as hormônios em ebulição.

- Porque é que os Al-Muzara ficaram sob a tutela dos teus pais?

- O meu pai era muito amigo do pai da Samara. Tinham-se conhecido na universidade. Sempre que os pais da Samara viajavam, os filhos ficavam na nossa casa, porque não tinham mais família em Paris. Morreram numa ocasião em que visitavam a sua família em Nablus, na Cisjordânia. Foram atacados por um tanque israelita por engano. Armou-se uma grande confusão diplomática porque os Al-Muzara eram cidadãos franceses, mas não passou daí. O governo israelita pagou uma indenização aos filhos dos Al-Muzara, que o meu pai administrou e lhes entregou quando atingiram a maioridade. Como os familiares que viviam em Nablus eram muito pobres, entregaram a tutela dos filhos dos Al-Muzara aos meus pais. Eles tomaram conta do Anuar, do Sabir e da Samara, e fomos criados todos juntos, como irmãos. Mas a Samara já estava apaixonada pelo Eliah há tempos e conquistou-o.

- O Eliah amava-a muito, não amava?

- O Eliah é um tipo muito especial. Não costuma mostrar os seus sentimentos, mas julgo que se casou com ela é porque a amava. O meu irmão não faz nada que não queira. Os meus pais opunham-se a que se casassem tão novos, mas ninguém consegue enfrentar o Eliah quando ele mete alguma coisa na cabeça. Às vezes parece Touro por ser

teimoso. Além disso, a situação era um pouco incômoda com eles os dois a viverem sob o mesmo teto, por isso aí acabaram por aceitar. Tinham dezoito anos. Não sei se nessa idade uma pessoa sabe realmente no que se está a meter quando se casa. O meu irmão passava pouco tempo em Paris porque nessa época estava a estudar para ser piloto e vivia em Salon-de-Provence. Quando tinha autorização e voltava a casa, queria estar com ela, mas também com o Sabir, com o Gérard, com o Shiloah. Era muito jovem e imaturo. Tinha dezanove anos e achava que era o dono do mundo. Às vezes a Samara tirava-o do sério, porque era ciumenta e insegura. Ele dizia-lhe que lhe punha chumbo nas asas, que o abafava, que lhe tirava a liberdade. A insegurança e os medos da Samara eram como uma âncora para ele. Uma vez, no início de 1991, em plena Guerra do Golfo... O Eliah esteve nessa guerra, não sei se te comentou.

- Sim, ele contou-me.

- Esteve desde o princípio. Partiu em setembro de 1990 e foi um dos últimos a regressar. Quando a guerra já tinha começado, em janeiro, veio jantar cá a casa um irmão do meu pai, o comandante da Força Aérea saudita, e contou que, como o meu irmão era um dos melhores pilotos, com uma excelente pontaria, lhe atribuíam as missões mais arriscadas, as que se faziam no coração de Bagdade. Ninguém achou muita graça a isso, mas a pobre Samara levantou-se e desmaiou ao lado da cadeira. Quando o Eliah soube, em vez de se compadecer dela, ficou furioso.

- Porquê? - espantou-se Matilde.

- Ah, porque ele é assim. Deve ter sentido que a Samara o limitava. Uma vez ouvi uma discussão entre eles e ele dizia-lhe que precisava de uma mulher forte ao seu lado. O Eliah é como um pássaro, Matilde, e ninguém, nem sequer o meu pai, lhe conseguiu cortar as asas.

«Na verdade», pensou Matilde, «o teu irmão é um Cavalo de Fogo e ninguém conseguiu domá-lo».

- Como a Samara perdeu dois bebês, algo que causava uma tristeza muito grande ao meu irmão porque queria ter filhos, ela desejava com todo o seu coração engravidar de novo para lhe agradar. Na tarde em que confirmou que estava grávida, procurou o Eliah por todo o lado para lhe contar. Ninguém sabia onde se tinha metido. E assim, à procura dele, ansiosa, nervosa, morreu no túnel que passa por baixo da place de l'Alma, no mesmo lugar onde morreu a Lady Diana no ano passado. Os peritos disseram que, na verdade, não tinha sido um acidente.

- Como? - Matilde endireitou-se na cadeira.

- Alguém tinha cortado o tubo do líquido dos travões e desgastado o cinto de segurança.

- Meu Deus! Quem é que faria uma coisa dessas?

- Nunca se chegou a descobrir, mas achámos que se tratou de alguém que se queria vingar do meu irmão.

- Quem? Quem é que se queria vingar do Eliah? Porquê?

- Não sabemos. Talvez por alguma questão dos seus negócios. O Eliah ficou louco. Só pensava em encontrar quem tinha sabotado o carro da Samara. As provas apontavam para o motorista da minha cunhada que, na manhã da sua morte, ligou para dizer que não

ia trabalhar porque estava doente. Dias depois, quando Eliah o foi buscar ao apartamento onde vivia sozinho, encontrou-o enforcado.

- Meu Deus! Talvez se tenha suicidado porque não suportava o peso da consciência.

- Sim, talvez. Ou talvez o tenham assassinado. O Eliah defende que se o motorista da Samara foi quem sabotou o carro, tratou-se de um simples executante. Como é que se diz? *Auteur intellectuel*.

- Diz-se da mesma maneira, autor intelectual ou moral do fato.

- O autor intelectual do fato foi outra pessoa, como já te disse, alguém que se queria vingar do meu irmão por uma questão de negócios ou vá-se lá saber por que loucura. Por muito que o Eliah tenha continuado a investigar e a pressionar a Polícia, nunca descobriu esse suposto autor intelectual. Sentia-se muito culpado e isso destruiu-o. Mudou muito desde a morte da Samara em 1995. Algo nele morreu com ela. - Yasmin fez uma pausa e fixou os seus olhos negros nos de Matilde. - Algo que ressuscitou quando te conheceu. Acho que não sabes o poder que tens sobre o meu irmão.

- Yasmin, não me interessa ter poder sobre o teu irmão.

- Sim, já sei. Não és esse tipo de mulher. - Ficou em silêncio, comeu um pouco do *gâteau au chocolat* sem deixar de contemplar Matilde. - Acho que és o primeiro e verdadeiro amor do Eliah, desses que duram para sempre. Nunca pensei que veria o meu irmão tão apaixonado. Se fosse o Alaman não me teria surpreendido, ele é o romântico da família. Mas o Eliah... Não estava à espera. Estás apaixonada por ele?

- É possível não estar apaixonada por ele?

- Quero que saibas que iria adorar ter-te como cunhada - afirmou Yasmin, e apertou-lhe a mão com afeto.

- Obrigada, Yasmin. Mas acho que não fui feita para o casamento. A minha carreira a é prioritária para mim. Dá sentido à minha vida e tenho um projeto que quero realizar. Algo que quis fazer desde que tinha dezesseis anos. Yasmin olhou a surpreendida. - De qualquer forma, acho que o Eliah não se quer voltar a casar. Como bem disseste, ele valoriza a sua liberdade acima das outras coisas, e eu também.

Custava-lhe mentir descaradamente. Odiava fazer o papel de mulher moderna, realizada e fria, doía-lhe o coração ao ver a expressão desolada de Yasmin, lamentava causar-lhe uma desilusão. Apercebeu-se de que o almoço se transformava numa pedra no seu estômago. Limpou a boca com o guardanapo e sorriu, com uma expressão vazia e falsa.

- Vou agora perguntar à Thérèse o endereço do Sándor. Volto já.

Yasmin suspeitava de que os seus guarda-costas sabiam onde estavam a levá-la. Matilde tinha averiguado que Sándor vivia no número 23 da rue Maurice Arnoux, num subúrbio a sul de Paris chamado Malakoff. O carro parou em frente de uma porta de duas folhas muito antiga. Yasmin abriu a janela e levantou o olhar para o prédio de cinco andares. Sándor ocupava um apartamento no terceiro. Aguardou uns segundos com a mão apoiada no coração para se acalmar. Segura de que a sua voz lhe sairia com um sotaque normal, falou em italiano ao que conduzia.

- Calogero, sabes onde me trouxeste?

- Estamos em frente do prédio do Sándor Huseinovu, *signorina*.

- Sei que tu e ele são amigos.

- Sim, bons amigos.

- Então sai, toca à campainha e pede-lhe para abrir.

Yasmin caminhou atrás do seu guarda-costas siciliano. O homem tocou a campainha do apartamento 14. Yasmin apertou as mãos e rezou para que Sándor estivesse em casa. Ao ouvi-lo perguntar quem era, o alívio enfraqueceu-lhe os joelhos e sentiu lágrimas nos olhos, embora de seguida o pânico a tivesse invadido.

- É o Calogero, Sanny. Abre.

O som da porta a abrir-se ecoou logo de seguida. Yasmin indicou ao guarda costas com um gesto de mão que regressasse ao carro. Não havia elevador, por isso subiu lentamente as escadas para não chegar sem fôlego. A porta do apartamento de Sándor estava entreaberta, - Entra, Calo! Estou no banheiro. Saio já.

O coração de Yasmin aumentou as pulsações já descontroladas. Não conseguia falar, nem sequer pronunciar: << É a Yasmin. » Abafou uma exclamação e tapou a boca, embora não tenha tentado virar se nem sair do apartamento, ao vê-lo aparecer em tronco nu, com uma toalha azul à volta da cintura, outra branca no pescoço, a cara com espuma e uma lâmina de barbear na mão. Ficou ali, estática ao pé da porta, a contemplá-lo sem saber o que fazer.

- Como é que soubeste onde moro? - perguntou Sándor, e ela sentiu o ânimo a esmorecer ao vê-lo tão irritado e tão seguro de si. - O Calo disse-te?

- Não. Obtive a teu endereço graças a outra pessoa.

- O que é que queres? Porque é que vieste?

- Ontem acabei com o André. Por ti. - Incentivada por um brilho que adoçou os olhos de Sándor, acrescentou: - Porque te amo a ti e não a ele. Não me interessa se sou rica e tu pobre, se não sabes escrever em francês, se não sabes usar os talheres, se não te sabes mover entre as pessoas do meu círculo, se sou mais velha do que tu. Nada me importa, Sándor, exceto tu.

O silêncio prolongou-se. Yasmin pensou que devia haver uma escola nos arredores porque se ouvia o barulho de crianças a brincar. Sándor olhou-a fixamente, o que a ela lhe pareceu uma eternidade, embora nem um minuto tenha passado quando o viu pousar a

lâmina de barbear numa pequena mesa e tirar o resto da espuma com a toalha que tinha ao pescoço.

Sándor apercebeu-se do nervosismo e do embaraço de Yasmin, e sentiu por ela algo que nunca lhe tinha inspirado: ternura. Viu-a desprotegida, de pé perto da porta, vestida como uma rainha e, no entanto, com uma atitude de entrega e de vulnerabilidade, com o seu orgulho no chão; tinha-se exposto por pura coragem, e isso levou-o a amá-la ainda mais. Disse para si mesmo que deveria ir ao quarto para se vestir, mas temia que ela desse meia-volta e fugisse. Aproximou-se lentamente e sorriu-lhe com doçura, ao que ela respondeu com um soluço que foi incapaz de reprimir. Estendeu a mão para lhe acariciar a face. Desde o dia em que a tinha beijado na casa da avenue Elisée Reclus que não conseguia arrancar da sua mente a sensação que lhe provocava a sua pele. Procurou texturas que a imitassem sem encontrar nada que se pudesse comparar. A suavidade da pele de Yasmin era única.

Não sabes o quanto senti a tua falta, Yasmin. Desculpa-me pelo que te disse na casa do Eliah. Não senti nada do que te disse.

- Sándor, não quero que mudes nem um bocadinho. Não te quero ensinar nada. És tu que me tens de ensinar a mim a ser melhor pessoa.

Sándor segurou-a pelos braços, olhou-a nos olhos e beijou-a com uma paixão renovada e com a força de um amor que tinha vivido clandestina-mente e que agora vinha à luz para ser desfrutado. A resposta de Yasmin só fazia com que o beijo se intensificasse e que Sándor, pouco a pouco, fosse perdendo o controle.

- Yasmin, por favor. - Virou-se e pôs a mão na testa, agitado.

- Sándor. - Yasmin apoiou-lhe a face nas costas e passou lhe as mãos por debaixo dos braços até lhe acariciar o peito. Como te sentes" Vejo que já não tens a ligadura e que o hematoma está a desaparecer

- Estou bem. Ontem fizeram-me umas radiografias e disseram-me que as costelas se tinham curado muito bem. Por isso tiraram-me a ligadura do tronco.

- Graças a Deus. Olha para mim, não me vires as cosias. Porque é que paraste de me beijar? Não te sentes bem?

Ele virou-se para a enfrentar e dirigiu-lhe um olhar que trouxe de novo maus presságios.

- Yasmin, não brinques comigo. É mesmo verdade que deixaste o Saint-Claire por mim?

- Sim, só por ti. Não podia continuar a enganá-lo, sentia-me muito mal. Pensava em ti o dia todo, queria estar contigo e não com ele, não era justo para o André. - O receio na expressão dele levou-a a dizer, com sinceridade e sem um ar ofendido: - Não te sintas pressionado por eu ter acabado com ele. Tinha de acontecer. Não o amava e já está. O facto de o ter descoberto por causa do que sinto por ti não tem nada a ver com a nossa relação.

- Pensas que eu me sinto pressionado por isso? Abanou a cabeça. - Não, Yasmin. Saber que deixaste o Saint Claire por mim deixou-me muito feliz.

- Então, porque é que estás tão sério?

- Porque acho que viemos de mundos diferentes. Tu foste criada como uma princesa. E eu...

- Chega, Sándor! Não quero que continues a condicionar o que temos entre nós à minha necessidade de luxo.

- Por acaso não precisas disso?

- Sándor. Yasmin inspirou para acalmar a ira que crescia no seu interior. - Podemos esquecer-nos da minha e da tua situação na vida por um momento e sermos felizes com o que nos está a acontecer? Vamos deixar de lado a oportunidade de nos conhecermos e de nos amarmos porque eu tenho dinheiro e tu não? Assim estaríamos a permitir que tudo o que há de baixo neste mundo (o consumismo, o materialismo, as diferenças sociais) acabasse com o nosso amor antes de ele ter nascido. Sándor - pegou-lhe no rosto com as mãos -, vamos viver o que o presente nos dá, que é maravilhoso. Depois, logo se vê o que acontece.

Embora a sua mente não funcionasse dessa forma - ele precisava de planejar o futuro ao mínimo detalhe -, Sándor estava a permitir que Yasmin o convencesse. Amava-a tanto, desejava-a como nunca tinha desejado nenhuma mulher, por isso ela não precisaria de suplicar muito.

- Se me dizes isto depois de teres visto onde moro...

- Ter-te-ia dito isto se te tivesse encontrado num buraco úmido e imundo.

- A sério?

- Embora deva admitir que te teria tirado dali e te teria levado para viver num lugar decente.

Sándor soltou uma gargalhada.

- O teu apartamento é muito bonito.

- Se soubesse que vinhas, tinha-o arrumado um pouco.

- Está muito bem assim, a sério.

- Obrigado por esta surpresa, Yasmin.

- Fiz-te feliz com a minha visita?

- O mais feliz dos homens. Fiquei muito mal desde a nossa discussão. Não pensava noutra coisa a não ser no beijo que tínhamos dado.

Inclinou a cabeça, atraiu-a para ele e voltou a beijá-la.

- Por favor, Sándor, vamos fazer amor.

Sándor pegou-lhe nos pulsos e, recuando, guiou-a até ao quarto. Não se queria preocupar a pensar na pobreza do seu apartamento, na confusão que havia na cama, nos ténis espalhados por qualquer lado, nas meias sujas no chão. Agarrou na coberta pelos extremos, meteu os objetos lá dentro como se fosse um saco e depositou-a numa cadeira. Yasmin ria-se. A seriedade de Sándor fê-la voltar a si e ficou a olhá-lo enquanto ele tirava a toalha e lhe expunha a sua nudez com atitude tranquila. Estava muito nervosa e não

conseguia afastar o olhar do corpo do seu amado. Embora lhe quisesse tocar, não tomava a iniciativa. Ele aproximou-se com a segurança de um homem vivido, e ela perguntou-se quantas mulheres teria possuído naquela cama. Sándor despiu-a com suavidade, como se ela tivesse o corpo com feridas e ele não lhe quisesse causar dor.

- Nunca fiz uma coisa assim - sussurrou ela.

- O quê?

- Expor-me tanto perante um homem.

- Acredito. És orgulhosa, meu amor.

- Espero que saibas valorizá-lo. É uma prova do que sinto por ti. E de que, na verdade, não sou tão orgulhosa como julgas.

Amaram-se ao longo da tarde com um fervor desconhecido para ambos. Yasmin admitiu que se tinha preocupado com a diferença de idades em vão. A destreza e a desinibição que Sándor lhe estava a demonstrar no sexo faziam-na sentir-se cinco anos mais nova do que ele. Voltou a interrogar-se pelas mulheres que ele terá tido ao vê-lo tirar da gaveta da mesa de cabeceira uma caixa de preservativos. Disse para si mesma que comprovar que ele não era um solitário como ela tinha fantasiado servir lhe -ia para não dar por garantido o seu amor. E confirmou-o ao anoitecer, quando bateram à porta e apareceu uma vizinha de Sándor, uma moça russa que lhe andava a ensinar a falar a sua língua e lhe trazia stroganoff com cogumelos e arroz. Yasmin vestiu-se à pressa enquanto Sándor a recebia de roupão. Ficou de muito mau humor ao ver que falavam numa língua que ela não compreendia e que se riam, já para não dizer que a moça era muito jovem, bonita e que sabia cozinhar. Ao vê-la aparecer, Sándor enlaçou-a pela cintura e disse em francês à sua vizinha:

- Sveta, apresento-te a Yasmin, a minha namorada.

Depois de se despedir de Sveta e de guardar o stroganoff na geladeira, Sándor acompanhou Yasmin ao rés do chão. Antes de abrir a porta, encurralou-a a um canto da receção e beijou-a.

- Não te quero deixar ir. Voltas amanhã?

- Sim. Venho à tarde, quando sair do laboratório. Por tua causa, deixei acumular muito trabalho - disse, com voz infantil.

Sáiram. Se os guarda-costas sabiam o que tinha acontecido no terceiro andar, as suas expressões mantiveram-se impávidas e não deixavam transparecer o que pensavam. Yasmin entrou para a parte de trás.

- Calo, posso falar contigo um momento? - pediu-lhe Sándor.

Calogero saiu do carro e afastaram-se uns metros.

- Quero pedir-te um favor: não digas ao chefe que a Yasmin esteve aqui hoje. Quero ser eu próprio a falar com ele e a contar-lho.

- Não te preocupes, Sanny. Os nossos lábios estão selados.

- Obrigado, amigo.

Sándor e Yasmin olharam-se até que o carro virou à direita e o contato visual se quebrou. Sándor ficou no passeio, com o olhar perdido na rua deserta. Recordava a tragédia da sua família em Srebrenica, os horrores que os seus pais e ele tinham sofrido às mãos dos sérvios, enquanto que as suas irmãs eram humilhadas no campo de concentração de Rogatica. «Algum dia terei de tratar disso», pensou. «Mas hoje voltei a ser feliz.»

Estava desesperado por vê-la. Tinha regressado de Asmara, a capital da Eritreia, ao início da tarde, e desde então não tinha parado de olhar para o relógio à espera da hora de ir buscá-la à escola de línguas. Abandonou os escritórios do George V demasiado cedo, por isso chegou à rue Vitruve um pouco depois das seis. Como se aproximava a primavera, os dias não eram tão curtos, e a essa hora ainda havia luz natural. Estacionou o Aston Martin afastado da entrada da escola de línguas para evitar que Diana o visse; deduziu que Markov estivesse na sala de aulas com Matilde.

Às seis e vinte, Diana saiu do carro e colocou-se ao pé da porta. O coração de Al-Saud deu um salto quando viu Matilde sair com Markov atrás. Tratava-se da reação de um adolescente; não podia evitá-lo. Endireitou-se no assento, com os antebraços no volante. Matilde saiu rodeada de um enxame de colegas que reclamavam os seus olhares de prata e lhe arrancavam sorrisos. Ele tinha esperado encontrá-la amargurada e triste. «Que ilusão!» Matilde despediu-se de todos com um beijo e cumprimentou Diana com um sorriso que teria conquistado um leão esfomeado. Tinha reparado nessa característica de Matilde, a de prestar atenção aos inferiores e aos marginalizados, justamente às pessoas às quais ele não teria destinado um olhar. Ela não queria que ninguém fosse infeliz, que ninguém fosse tratado como «um objeto»; pelo menos tinha sido isso que lhe gritara no sábado à noite no Savoy. «Matilde, Matilde», suspirou. A sua Matilde. O seu amor, a sua vida, o seu tesouro, a sua redenção.

Gostou de ver como Markov ficava alerta mal ouviu o som da porta do Aston Martin a fechar-se. Como havia algumas sombras no passeio, os guarda-costas não viram que era ele até se encontrar a poucos metros. Diana tinha-se apressado a meter Matilde dentro do carro, enquanto Markov procurava a silhueta que se aproximava com a mão dentro do sobretudo.

- Eliah! - exclamou Diana alegremente, e Al-Saud viu o rosto de Matilde a colar-se à janela. Olharam-se intensamente através do vidro, e pareceu-lhe que o sorriso que ela lhe dirigia era especial, que não tinha sorrido a ninguém daquela forma; os olhos ficaram maiores, a sua pele iluminou-se, os lábios tremeram de emoção e a sua respiração acelerada embaciou o vidro. Abriu a porta, e Matilde saltou para os seus braços, e ele afundou a cara no seu pescoço com cheiro de bebê. Sentiu paz, regozijo, excitação, desejo, ciúmes, irritação. Beijou-a com a intenção de a marcar como se fosse propriedade sua em frente do grupo de colegas que ainda conversava à porta da escola de línguas e, por via das dúvidas, em frente de Markov. Ela entregou-se com docilidade.

Al-Saud levantou a vista e olhou para os guarda-costas de Matilde, que viraram imediatamente a cabeça como se, em vez de terem permanecido imóveis diante daquele espetáculo, tivessem estado a vigiar o que os rodeava.

- Podem ir. Até amanhã.

Matilde virou o rosto com dificuldade para os seus guardas e sorriu-lhes. Sentia-se tão feliz que nem sequer se envergonhava.

- Até amanhã, Diana. Até amanhã, Sergei. Obrigada por tudo.

- Até amanhã, Matilde.

- Com que então Sergei? - disse Al-Saud, em tom de brincadeira, e apertou-a um pouco mais.

- É assim que ele se chama.

- E tu não queres que ninguém se sinta tratado como um objeto, não é?

- É verdade.

- Como correu o teste na segunda-feira?

- Tive vinte.

- Tenho uma mulher muito inteligente - disse ele, com sincero orgulho.

- Estavas zangado comigo e por isso não me ligaste?

- Sim.

- Eu também estava zangada contigo mas já me passou.

- Tiveste saudades minhas?

- Muitas, Eliah. E tu?

- Não imaginas quantas. Fazemos as pazes? Matilde assentiu e Al-Saud voltou a colá-la ao seu corpo. Vamos para casa suplicou-lhe ao ouvido - e vamos fazer amor.

Os planos de Al-Saud frustraram quando encontraram a cozinha cheia de gente. Não só estavam Mike, Tony, Peter e Alaman, mas também Yasmin, que arrebatou Matilde das mãos de Al-Saud e a levou para um canto para conversarem. Al-Saud praguejou baixinho enquanto vestia roupa confortável e lavava as mãos antes de jantar. Tinha sonhado com um serão em paz com a sua mulher. Depois de jantarem, subiram à sala de música e, enquanto Matilde e Yasmin voltavam a embrenhar-se numa conversa que surpreendia Eliah, os seus sócios pediram-lhe contas dos dias em Asmara. Acabou de lhes relatar os pormenores das reuniões com a cúpula militar da Eritreia e pediu-lhes sem rodeios que saíssem e o deixassem a sós com a Matilde.

- Vamos, Yasmin - disse-lhe Alaman. - Levo-te a casa.

- Vou mais tarde com o Calogero e o Stéphan.

- Não, agora - ordenou Alaman, com um semblante sério.

- Acho que o Eliah nos está a mandar embora. Não preciso de te dizer porquê, Matilde.

Al-Saud viu Matilde corar. Enterneceu-o o sorriso tímido que dirigiu a Alaman e a Yasmin. Às vezes, quando sorria daquela forma, com as faces coradas, e olhava de lado como que escondendo a malícia, Al-Saud estremecia de amor. Queria que os outros

saíssem rapidamente, queria-a só para ele, queria compensá-la pelo mau momento de sábado. Em Asmara tinha tido tempo para repensar a situação e acabou por admitir que ele, com o seu cinismo e a sua ambição, conseguia lidar com uma mulher egocêntrica e complexa como Gulemale; pelo contrário, Matilde, com a sua bondade inata e o seu coração puro, sentira o substrato perverso da africana e fora incapaz de esconder a sua repulsa. Censurava-se por não a ter protegido da maldade de Gulemale e enfurecia-se consigo próprio por ter dado prioridade ao negócio.

Acompanharam os convidados até ao hall de entrada e, quando a casa ficou vazia, Al-Saud colocou as mãos na cintura de Matilde, aproximou-a dele e inclinou-se para apoiar a testa na dela.

- Ainda morro de vontade de fazer amor. E tu?

- Eu também.

- Há um momento tive uma fantasia. Quando te vi encostada nos almofadões na sala de música, a conversar com a minha irmã, desejei-te muitíssimo e imaginei-nos a fazer amor ali mesmo, nos almofadões.

Que música tocava enquanto me desejavas muitíssimo? - perguntou, deslizando as mãos sob a camisa de Al-Saud e acariciando-lhe os abdominais.

- O Mike tinha posto uma sinfonia de Mahler - disse, e apertou-lhe os glúteos até lhe provocar dor e fazê-la soltar um gemido; ela, no entanto, não lhe pediu que parasse; suportava a rude massagem cravando os dedos nos braços dele. - Mas quando fizermos amor daqui a pouco, não vou querer pôr música, pois não poderia ouvir quando gemes, o que me enlouquece, ou quando dizes o meu nome sem te dares conta, ou quando me pedes mais.

- Eliah...

- Estás excitada? - Matilde assentiu sem descolar a testa da de Eliah.

- Vamos.

Correram escadas acima. Al-Saud prendeu-a contra a parede, no corredor, ao pé da porta da sala de música, e beijou-a, cego, como um prelúdio do que partilhariam depois, completamente nus sobre o tapete com desenhos psicadélicos e rodeados pelos almofadões, numa noite de sexo onde os seus corpos não pareciam fundir-se o suficiente para demonstrarem o que inspiravam um ao outro, essa necessidade irracional de estarem um dentro do outro, de se possuírem de uma forma completa, não só na carne, mas também na alma. Foi uma noite de novas experiências. Al-Saud apelou a todo o seu corpo para a conduzir a níveis de prazer desconhecidos e para fazê-la gritar. Obrigou-a a colocar-se de gatas e possuiu-a por trás, provocando-lhe três orgasmos consecutivos, enquanto venerava o seu traseiro de tarântula. Disse-lhe em francês: «Dá-me a minha *petite tondue*.» Obrigou-a a abrir as pernas para que ele a saboreasse. Depois Matilde saboreou-o a ele, e fê-lo tremer. E, por último, quando fizeram amor no tapete e enquanto Matilde afastava o rosto procurando ar, ele caía sobre o seus lábios e penetrava-a com a língua com a mesma crueldade com que se lançava dentro dela e a afogava. Ficaram exaustos, agitados, ele em cima dela, dentro dela; os seus peitos golpeavam-se devido às inspirações violentas, e o vapor das fragrâncias que saíam dos seus corpos - a da colónia de bebé e a do Givenchy Gentleman - misturavam-se com o cheiro a sexo.

Al-Saud soergueu-se, apoiando-se no antebraço, e afastou as madeixas molhadas da testa de Matilde, que permanecia com os olhos fechados. Gostava da sensação das suas pernas entrelaçadas, dos seus ventres em contacto. Beijou-lhe as pálpebras com suavidade.

- Amo-te, Matilde. Amo-te como jamais imaginei que se podia amar outro ser humano.

Matilde não se atreveu a abrir os olhos com medo de que as lágrimas escapassem. Levantou a mão, acariciou-lhe a testa e tocou-lhe na madeixa que caía e lhe fazia cócegas, e desenhou-lhe o contorno do nariz e o dos lábios.

- Eliah, meu amor - disse, com a voz quebrada.

- Não sabes o quanto lamentei que a tua noite de aniversário tivesse sido estragada. Foi culpa minha por não mandar a Gulemale à merda. Deixei-a roubar o nosso momento.

- Eu também tive parte da culpa. Fiquei cheia de ciúmes.

- Isso fica-te bem. - Al-Saud sorriu com vaidade. - Gosto muito que a minha mulher tenha ciúmes de mim. - Depois de uma pausa, acrescentou: - Eu tive grandes esperanças para essa noite. Estive prestes a cobrar o meu castigo.

- Sim. Ias fazer-me uma pergunta e eu não podia dizer que não.

- Penso cobrar o castigo agora. Matilde, olha para mim. - Ela abriu os olhos lentamente, recusando sair daquela confortável situação. - Queres casar-te comigo? Queres ser minha mulher para sempre?

Matilde afastou a cara com um movimento rápido e colocou a face direita ao almofadão. Uma dor intensa invadiu-lhe o peito, e a magnitude da pergunta deixou-lhe a mente em branco. Na verdade, a sua mente repetia um eco de angústia: «Não me peças isso, por amor de Deus, não me peças!»

- Eu não acredito no casamento - mentiu. - Para mim, é uma instituição desatualizada.

Al-Saud reparou na forma como ela mordida o lábio inferior e pestanejava rapidamente. Percebeu também como o seu corpo, descontraído um instante antes, ficara tenso como a corda de um violino.

- Sei que tiveste uma má experiência com o Blahetter, mas...

- Não se trata da má experiência que tive com ele. Simplesmente, não acredito na instituição do casamento porque a longo prazo acaba com tudo o que há de bom entre um casal, sobretudo, com a sua liberdade.

- Os meus pais amam-se há quarenta anos - respondeu ele - e estão casados e são felizes.

- São uma exceção.

- Nós seremos outra.

- Não - disse, e mexeu-se para tirar o peso de Al-Saud de cima dela. Ele não se mexeu, e ela virou a cara para lhe lançar um olhar exasperado.

- Eliah, por favor. - No entanto, adoeceu a expressão ao ver o olhar angustiado que ele lhe lançava; era a primeira vez que o via assim: - Eliah, tu sabes que eu tenho planos para a minha carreira...

- Ninguém está a dizer para abandonares os teus planos. Podemos casar-nos quando voltares do Congo.

- Os meus planos não acabam no Congo. Planejo ter uma vida errante, levar os meus conhecimentos a todos os cantos do mundo onde precisem de mim. Um casamento seria como uma âncora. - Usou deliberadamente a palavra que Yasmin utilizara para descrever o casamento de Eliah com Samara. Fez das tripas coração e atreveu-se a enfrentá-lo. Havia tanto desconcerto e tristeza naqueles olhos verdes que ficou sem fôlego. - Não me olhes assim, por favor. Tu também não foste feito para o casamento. És um homem que valoriza, sobretudo, a sua liberdade. És um Cavalo de Fogo.

- Sim, valorizo a minha liberdade, mas não me parece que tu me tires por estares ao meu lado. Nestas semanas de convivência nunca senti que o meu espaço fosse invadido nem privado de liberdade.

- Trouxe-te tantos problemas! Como é que podes dizer que não invadi o teu espaço nem te tirei a liberdade?

- Sim, trouxe-te-me problemas, mas também a felicidade maior e mais plena que vivi na minha vida. Sou um homem novo graças a ti, meu amor.

- Eliah! - Incapaz de continuar com a farsa, rodeou-lhe o pescoço, apertou-o contra o seu corpo e começou a chorar.

- Não chores, meu amor. Peço-te. Não suporto a tua tristeza.

- Não me pressiones - soluçou. - Tenho coisas para resolver na minha vida antes de tomar uma decisão tão importante.

- Está bem, não te pressiono. Posso saber que coisas são essas? - Ela abanou a cabeça, com os olhos fechados e os lábios transformados numa linha de angústia. - Não interessa. Tu sabes que eu estou aqui para ti. Sempre, meu amor.

Matilde voltou a apertar-se contra o peito de Al-Saud e chorou amargamente.

A última mensagem de Anuar Al-Muzara enviada por pombo-correio indicava que Udo Jürkens apanhasse, no porto de La Valeta, a balsa que percorria diariamente os quase trezentos e cinquenta quilómetros que o separavam de Trípoli, na Líbia. Após a tentativa falhada de sequestrar a mulher de Al-Saud, estivera escondido na cidade belga de Herstal, em casa de uma amiga com a qual passara um bom bocado. Deixou-lhe uma boa quantia de francos belgas para a gratificar pelas noites de prazer nas quais ele tinha imaginado que possuía uma loira de cabelo comprido e cara de anjo, que lhe escapara das mãos na abside de uma capela.

Analizou o rosto no espelho da sala de embarque do porto de La Valeta. Agora usava o cabelo castanho e lentes de contacto escuras; continuava a meter algodão nas gengivas e estava a deixar crescer a barba. Não podia fazer mais para modificar o seu aspeto, a não ser submeter-se a uma cirurgia plástica.

Entrou na balsa e manteve-se afastado do resto dos passageiros e com óculos de sol para esconder os olhos durante a travessia do Mediterrâneo. Como acontecia na maior parte do ano, a temperatura em Trípoli era elevada e o ar seco; rogou para que a cidade não fosse assolada por uma tempestade de areia; tinha vivido essa experiência e não guardava uma boa recordação. Atracaram na baía formada pelo porto de Trípoli, na área des-tinada aos ferries. A distância, Jürkens reparou que Trípoli crescera desde a sua última visita na década de 70.

De acordo com o que lhe indicara Gérard Moses, na mensagem especificava-se que apanhasse um táxi até à praça Verde e esperasse que um Volkswagen Carocha de cor turquesa o fosse buscar. Para o identificar mais facilmente, tinha-lhe sido exigido que levasse um boné de baseball azul-escuro e uma mala amarela. Não esperou muito tempo. Mal saiu do táxi, aproximou-se dele o Carocha turquesa e Jürkens entrou. Havia dois tipos na parte de trás; ele sentou-se ao lado do condutor. Ninguém falou durante a viagem até à zona leste da cidade.

Dias depois veio a saber que aquele grupo de casas no subúrbio de Beb Tebaneh constituía o quartel-general de Anuar Al-Muzara, um dos homens mais procurados pela Mossad e pela CIA. Viu Anuar muito pouco. No primeiro dia, o terrorista palestiano cumprimentou-o de forma lacónica e, antes de mais, pediu-lhe o desenho do novo míssil concebido por Gérard Moses. Depois de dar uma vista de olhos aos desenhos e às notas, avisou-o de que não era permitido usar celulares, rádios, beepers, computadores com ligação à Internet e todo o tipo de dispositivos eletrónicos. Se precisasse de enviar uma mensagem para o mundo exterior, devia falar com ele. Seguidamente, sem fazer pausas nem esperar por qualquer pergunta de Jürkens, expôs-lhe o seu plano para entrar nas instalações da OPEP em Viena. Entregou-lhe as plantas do prédio, um mapa da cidade e apresentou-lhe o grupo de seis homens que o ajudaria a concretizar o objetivo. Jürkens não precisou de muito tempo para perceber que aqueles rapazes sabiam tanto de operações de comando como ele de costura, por isso dedicou-se a treiná-los de manhã à noite até os deixar exaustos. Em determinadas ocasiões, Anuar observava-os e assentia com um sorriso de complacência.

Jürkens habituou-se à rotina do campo de treino, às cinco orações diárias, às conversas dos jovens; aproveitou para praticar o árabe. Por vezes lembrava-se do chefe, Gérard Moses, empenhado em terminar o protótipo da centrífugadora de urânio; outras vezes tinha saudades de Bagdade e do seu grande amigo, Fauzi Dahlan; na maior parte do seu tempo livre, pensava na mulher de Al-Saud.

Olhou para as horas. Três da tarde. Saiu do estacionamento do George V e dirigiu-se a casa. Precisava de música para descontraír, e decidiu-se por um CD com temas celtas que Yasmin lhe oferecera no aniversário. Sorriu ao pensar na irmã. «Tinha razões para estar tão feliz ontem à noite», pensou. «Mais do que feliz. Eufórica.» Nessa manhã, ao chegar ao escritório, encontrara Sándor na sala de espera, sentado no sofá. Reparou que estava muito hirtó, nervoso e bem vestido. Levantou-se rapidamente, mal o viu aparecer. Cumprimentaram-se com um abraço.

- Estás com muito bom aspeto - comentou Al-Saud, e deu-lhe umas palmadinhas nas costas.

- Sinto-me muito bem.

- Queres saber quando te queremos de volta na Mercure?

- Sim, mas além disso vim para falar contigo sobre outro assunto, muito importante para mim. Tens cinco minutos?

Sentaram-se nos sofás do escritório de Al-Saud.

- Diz-me, de que é que precisas?

- Quero que compreendas que não vim pedir o teu consentimento. Simplesmente, quero ser eu a comunicar-te. Não gostava que soubesses por terceiros. - Al-Saud endireitou-se no sofá e arqueou as sobrancelhas. Na terça-feira passada, a tua irmã Yasmin e eu começámos a namorar.

- A Yasmin e tu? - conseguiu articular.

- Sim, eu sei, é estranho, sobretudo porque nos demos sempre muito mal, mas isso era consequência da tensão que existia entre nós. Estávamos apaixonados e não queríamos admiti-lo: eu, porque a Yasmin está muito acima de mim; ela, porque eu sou cinco anos mais novo e porque estava noiva do Saint-Claire.

- E o André?

- Acabou com ele.

- Meu Deus! - Al-Saud deu uma palmada na sua própria perna e levantou-se. Deambulou pela divisão com um sorriso nos lábios. - E incrível! A Yasmin e tu.

Sándor aproximou-se e colocou uma mão no ombro de Al-Saud.

- Sei que não sou digno dela, Eliah. Mas amo-a e respeito-a como a nada no mundo. Vou fazê-la feliz, juro-te.

- Eu sei, Sanny.

Enquanto percorria as ruas até à avenue Elisée Reclus, Al-Saud evocou o juramento de Huseinovic e sorriu. Sentia-se feliz pela sua irmã; tinha demonstrado sensatez ao acabar com André e ao escolher um homem como Sándor. Nesse momento compreendeu o incessante cochichar entre Matilde e Yasmin na noite anterior; falavam de Sándor. A linha dos seus lábios foi descendo até lhe endurecer a expressão. A lembrança da noite anterior atormentava-o, a Matilde também. Nessa manhã tinha-se comportado como um

passarinho assustado até que ele, ao beijá-la como costumava fazer e ao perguntar-lhe como tinha dormido, lhe demonstrou que tudo continuava como sempre, apesar de se sentir magoado e triste. Devia admitir que o seu orgulho também saíra ferido. Convencido de que Matilde diria que sim, lançou-se sem rede e recebeu um duro golpe. O desconcerto ainda não o abandonara. O que havia por detrás da sua recusa? Primeiro tinha injuriado a instituição do matrimônio, como esses intelectuais que se rebelam contra os cânones sociais; depois, argumentou que precisava de liberdade para exercer a sua profissão; por último, admitiu que existiam «coisas» na sua vida que tinha de resolver antes de tomar uma decisão daquela natureza. Preocupava-o que Matilde continuasse a arrastar questões, traumas e complexos que a faziam infeliz. Pouco a pouco iria ganhando a sua confiança e, tal como lhe tinha confessado que não conseguia fazer amor, acabaria por lhe confiar o resto dos seus segredos. Pressioná-la seria um erro.

Estacionou o Aston Martin na avenue Elisée Reclus e tocou à campainha de casa. Poucos minutos depois, Matilde saiu. Como o dia estava agradável, não vestira o blusão em tom marfim mas um cardigã de cor bordeaux, uma camisa amarelo-pálido, jeans e botas; levava a sempre presente shika - agora sabia o nome da bolsa rústica - a tiracolo. Al-Saud encostara-se ao carro desportivo inglês e esperava por ela com os braços cruzados. Os Ray-Ban Clipper velavam-lhe os olhos. Ao vê-la, retirou lentamente os óculos e colocou-os na cabeça. Os seus olhares cruzaram-se sobre o passeio. Os nervos dominavam-na como se se tratasse do primeiro encontro. A beleza dele, como sempre, era esmagadora. Estava fascinante com a T-shirt preta justa e de mangas compridas, e os jeans brancos. Não podia acreditar que um homem tão magnífico a amasse. Ainda não se recompusera da angústia vivida na noite anterior. Quando verificou que Al-Saud dormia profundamente, regressara à sala de música, deitara-se no tapete e revivera cada instante partilhado com ele. Repetira num sussurro as suas palavras: «Amo-te, Matilde. Amo-te como nunca imaginei que se podia amar outro ser humano.» «Eu também te amo com todas as minhas forças, meu amor», disse por fim, e começara a chorar. Voltara duas horas mais tarde ao quarto. Al-Saud continuava a dormir.

Sem abandonar a sua posição desconfiada e um pouco presunçosa no Aston Martin, Al-Saud sorriu-lhe. Matilde retribuiu-lhe o sorriso e avançou para ele. Pegou nas mãos que lhe oferecia e deu uma volta quando ele lhe pediu para o fazer.

- Estás lindíssima.

- Tu ainda mais.

- A que horas aterriza o voo da Juana?

- Às cinco e meia.

Durante o trajeto até ao Aeroporto Charles de Gaulle, os ânimos descontraíram-se porque falaram sobre Yasmin e Sándor. Matilde confessou-lhe a sua participação no desenlace da história de amor e Al-Saud admitiu a sua cegueira. De regresso, com Juana na parte de trás do carro; as gargalhadas explodiam com facilidade, e Eliah gostou ainda mais de Juana por fazer a sua amiga rir.

- Mat, nem imaginas o dinheirão que o Shiloah tem. Vive num bairro super-chique de Telavive que se chama Ramat Aviv, e tem um casarão maior do que o do bonitão. Levou-me a todo o lado. A Jerusalém, ao mar Morto, a Eilat, uma cidade no Sul, às margens do mar Vermelho, a Amã, a capital da Jordânia... Ufa, viajámos muitíssimo! Não vais adivinhar o carro que ele tem! Um Ferrari Testarossa.

- Juani, concretizaste o sonho da tua vida!

- Toda a gente olhava para nós quando andávamos na rua. Eu senti-me uma rainha. O Shiloah tratou-me como uma rainha. Tive de comprar outra mala porque me ofereceu imensas coisas.

- Juani, estiveste no sétimo céu.

- Sim, amiga. O Shiloah é um desses cavalheiros como hoje já não há, exceto tu, bonito querido.

- Obrigado, Juana.

- Que novidades houve por aqui?

Depois de um silêncio, Matilde fingiu uma alegria que não sentia e disse:

- Tenho uma novidade que te vai deixar boquiaberta. A Yasmin e o Sándor começaram a namorar.

A novidade serviu para encher o carro de risos, exclamações e comentários.

- Importam-se de me acompanhar um momento ao escritório? Tenho de dar umas indicações às minhas secretárias e apanhar uns papéis de que me esqueci.

Nenhuma delas se opôs, por isso subiram ao oitavo andar e entraram no escritório a rir-se de uma anedota que Shiloah tinha contado a Juana. Al-Saud apoiava as mãos nos ombros de Matilde e caminhava atrás dela.

- Ah, mas que grupo tão alegre!

Os três pararam de repente ao verem Céline. Apoiava o corpo no rebordo da secretária de Victoire com a qual, era evidente, estivera a conversar. Matilde viu-a lançar o fumo do cigarro para um lado e apagar a ponta com pequenos golpes rápidos, o que era um hábito seu quando estava irritada.

- Olá, Celia - disse Matilde. - Estás com muito bom aspeto.

A irmã endireitou-se e falou-lhe em espanhol.

- Já te disse mil vezes para não me chamares assim. O meu nome é Céline. Olá, meu amor - disse dirigindo-se a Al-Saud, que a perscrutava com um olhar colérico.

Céline movia-se com orgulho, gabando-se da sua beleza como se se tratasse de uma virtude que alcançara por mérito próprio e não de uma dádiva da natureza. Aproximou-se de Al-Saud, olhou para as mãos dele, ainda pousadas nos ombros de Matilde, sorriu-lhe com uma expressão astuta e tentou beijá-lo nos lábios. A curta exclamação de Matilde e o risinho de Celia misturaram-se.

Al-Saud fechou a porta atrás de si e empurrou ligeiramente Matilde para que ela acabasse de entrar.

- Quando é que saíste da clínica? - perguntou Al-Saud em francês, mas tanto Juana como Matilde o compreenderam.

- Hoje mesmo. E a primeira coisa que fiz foi vir ter contigo. Porque sinto muito a tua falta. - Dirigiu um olhar carregado de desprezo à irmã mais nova. - Vejo que, na minha ausência, encontraste uma boneca de trapo para te divertires.

- Céline, vamos até ao meu escritório. Temos de falar.

- Sim? Sobre quê?

Matilde e Juana assistiam à cena com uma expressão ansiosa estampada nos rostos. O coração de Matilde disparara mal vira a irmã; à medida que os segundos passavam, a opressão que crescia no seu peito quase a impedia de respirar. O instinto dizia-lhe que estava prestes a acontecer algo muito grave. Agarrou a mão de Juana, que a apertou.

- O que é que tens para me dizer, Eliah?

- Por favor, vamos falar no meu escritório.

- Não, aqui. Não me apetece entrar no teu escritório.

Victoire e Thérèse abandonaram as suas secretárias e fecharam-se na cozinha.

- Na noite da festa em casa do Trégart disse-te que tínhamos de conversar, mas as circunstâncias alteraram-se de tal modo que tive de sair antes...

- Sim, saíste com esta. - A cortesia afetada e o sarcasmo começavam a abandonar Céline. A máscara de indolência e diversão fragmentava-se, e a fúria entrava-lhe pelas fendas. - Muito bem, uma vez mais, não direi nada, vou engolir o insulto, tal como fiz depois da morte da Samara quando decidiste deixar-me e enrolar-te com a tal Natasha.

Al-Saud agarrou em Céline pelo cotovelo para a arrastar até ao escritório, mas a ela soltou-se com um puxão. Esse simples contacto deixou Matilde louca de ciúmes que, pouco a pouco, vislumbrava o quadro sórdido atrás da cena que se desenrolava diante dos seus olhos. Disse para si mesma: «Tenho de fugir daqui», mas foi-lhe impossível mexer as pernas.

- É que não me abandonaste por teres deixado de gostar de mim, pois não? Continuava a enlouquecer-te, como sempre, como no passado e como agora. Mas a culpa não te deixava viver em paz, e eu tive de expiar por essa culpa imerecida. - Desviou o olhar para Juana e Matilde. - Sabem com quem é que o Eliah estava na tarde em que Samara morreu? Estava na cama comigo!

Al-Saud lançou-se sobre ela, agarrou-lhe nos ombros e sacudiu-a. Matilde deu um grito e tentou intervir. Juana deteve-a.

- Chega! Cala-te, Céline! Porque é que vieste? Quero que te vás embora e que não voltes!

- Larga-me! Estás a magoar-me!

- Estou farto de ti!

- Claro! Farto de mim! Não era o que dizias quando fazíamos amor e me juravas que ias deixar a tua mulher porque não podias viver sem mim?

Al-Saud não se atreveu a olhar na direção de Matilde. O lamento que a ouviu proferir foi suficiente para saber que a sua felicidade estava à beira do abismo.

- Nunca te disse que ia deixar a Samara! Além de puta, és mentirosa!

Céline deu-lhe uma bofetada.

- Chega! - gritou Matilde. - Por amor de Deus, chega!

- Ah, pobre Matildinha! Fizemo-la chorar.

Al-Saud dirigiu-se a ela, mas Matilde virou-lhe as costas e abraçou-se a Juana.

- Que solícito! O cavalheiro corre para consolar a sua dama. Céline, agitada, com o rosto desfigurado, aproximou-se de Al-Saud e acariciou a parte avermelhada da sua cara. - Desculpa, querido. Não te queria magoar. Eu perdoo-te, Eliah. Mais uma vez, eu perdoo esta infidelidade.

- Tu a falar-me de infidelidade? Tu, que vais para a cama com todos os homens que te apetece.

A gargalhada de Céline abalou Matilde.

- Juani, tira-me daqui - sussurrou.

- Não, Mat.

- Está bem, querido. Admito: ambos tivemos os nossos deslizes, mas o amor que nos une é tão forte e a nossa paixão tão violenta que regressa mos sempre aos braços um do outro. E assim há anos, Eliah. Não vais mudar tudo agora.

- Agora tudo mudou, Céline. Conhecer a Matilde mudou a minha vida, mudou-me a mim, mudou tudo.

- Decepcionas-me, campeão! Um homem como tu, com uma insignificância como a minha irmã mais nova?

- Essa é a tua opinião. Eu acho que ela é a mulher mais maravilhosa que existe e quero-a ao meu lado para sempre. Quero casar-me com ela. Quero que seja minha mulher.

Por um momento, a angústia voltou a rachar-lhe a máscara de hipocrisia. Céline recompôs -se de imediato e soltou outra gargalhada forçada e destituída de humor.

- Para que é que ias querer ao teu lado uma mulher que não te pode dar filhos?

-Não!

O grito de Matilde perturbou Al-Saud. Virou-se para olhar para ela e reconheceu na sua expressão o pânico mais cru e visceral que recordava ter visto; nem sequer durante o ataque à porta da escola de línguas parecia tão fora de si. Sem se virar para Céline, com os olhos postos em Matilde, perguntou-lhe:

- O que é que queres dizer com isso de não me poder dar filhos?

- Ah! Ela não te contou? Que interessante.

- Celia, por favor - suplicou Matilde.

- Celia, maldita cabra - interveio Juana cala-te ou sou eu que te faço calar.

- Porque é que me deveria calar?

- Por favor - sussurrou Matilde, agoniada.

- De que é que estás a falar, Céline?

- Do fato de a minha querida irmãzinha não ser uma mulher completa. Do fato de estar vazia porque lhe tiraram os genitais. Não tem ovário nem útero nem trompas nem nada. Tiraram-lhe tudo aos dezasseis anos devido a um câncer feroz.

Al-Saud ouvia o pranto de Matilde sem o registar de maneira consciente, porque estava concentrado nas palavras de Céline. Um golpe nas costas não o teria deixado tão atordoado como aquela revelação.

- Estás a mentir - disse, como numa exalação.

- Não, não estou a mentir. Pois não, Matilde?

Matilde viu, através do véu de lágrimas, que Céline se aproximava, e teve medo dela. O seu corpo irradiava uma força perigosa e desapiedada. Al-Saud meteu-se no seu caminho e impediu-a de continuar a avançar.

- Não te aproximes dela. Se não queres que dê cabo de ti, é melhor que te vás embora agora mesmo.

Céline deu uns passos atrás, pegou no casaco e na carteira e, ao passar por Matilde, parou e falou-lhe em espanhol.

- Roubaste-me o amor do pai, da avó, da tia Enriqueta, e agora vens a Paris roubar-me aquilo que mais amo no mundo. Odeio-te, Matilde! Odeio-te com todas as minhas forças! Oxalá tivesses morrido aos dezasseis anos! Oxalá o câncer te tivesse matado! Quanto o desejava!

O bramido de Juana, como o clamor de um guerreiro celta, estrepitoso, profundo, lancinante, até Céline assustou, a qual se retraiu ao vê-la atirar-se a ela. Juana caiu em cima do corpo esbelto da modelo mais cara da Europa e atirou-a ao chão.

- Maldita cabra! - vociferava enquanto batia com a cabeça de Céline contra o tapete. - Desgraçada! Eras tu que devias ter morrido há anos! Cabra estúpida!

Thérèse e Victoire abandonaram o seu refúgio e correram para ajudar Al-Saud, que tentava separá-las, uma tarefa difícil porque as mulheres se tinham envolvido como gatos raivosos e não sabia por onde pegar nelas. Ninguém reparou que Matilde saíra a correr da divisão.

Al-Saud agarrou nos tornozelos de Juana e arrastou-a pelo tapete até a afastar do epicentro da luta, enquanto Thérèse e Victoire seguravam Céline pelos braços para impedir que ela voltasse a atirar-se à sua adversária. Juana levantou-se pelos seus próprios meios e lançou um olhar furioso a Eliah.

- Chega, Juana! - Apertou-lhe os ombros e olhou-a fixamente. - Tem calma. - Sem se virar para as suas secretárias, ordenou-lhes: - Chamem a segurança.

Céline, a quem Victoire e Thérèse tinham sentado no sofá com a cabeça para trás para estancar a hemorragia do nariz, chorava e continuava a proferir insultos. Os seguranças apareceram em poucos minutos.

- Tirem esta mulher do hotel - ordenou Al-Saud. - Ela fica terminantemente proibida de entrar no George V.

- Não me toquem! - exclamou Céline quando os seguranças tentaram ajudá-la a levantar-se. - Não se atrevam a pôr-me as mãos em cima! Vais pagar caro, Eliah! Vou fazer-te pagar por esta humilhação!

- Vá! Estão à espera de quê? Tirem-na daqui! E não o façam pelo lobby, mas sim pela parte de trás.

Os gritos de Céline ouviram-se mesmo depois de ter entrado no elevador e de as portas se terem fechado.

- Onde é que está a Matilde? Al-Saud procurou a com o olhar. - Onde é que está? - perguntou, com a voz angustiada, enquanto abria as portas das outras divisões.

- Deve ter-se ido embora, senhor - deduziu Thérèse. A porta estava aberta.

- Meu Deus! Ligue para a receção! Pergunte se está lá em baixo. Que não a deixem sair. Está sem guarda-costas.

Al-Saud abandonou o escritório e desceu os oito andares pelas escadas. Não tinha paciência para esperar pelo elevador. Na recepção disseram-lhe que a tinham visto sair muito transtornada. O mensageiro informou-o de que Matilde lhe pedira um táxi e de que ele lho conseguira rapidamente.

- Ouviste o endereço que deu ao taxista?

- Não, senhor. Lamento.

- Meu Deus - gemeu Al-Saud, e levou as mãos à cabeça.

Matilde tocou à campainha do apartamento de Jean-Paul Trégart e rezou para que Ezequiel não estivesse a viajar ou numa sessão fotográfica.

Uma empregada doméstica convidou-a a entrar e pediu-lhe que esperasse no hall de entrada. Ezequiel apareceu pouco depois, com um sorriso, e Matilde correu para ele, atirou-se para os seus braços e desatou a chorar com uns soluços que arrepiaram a pele do jovem. Ficaram abraçados no meio do hall de entrada até que o pranto se converteu em suspiros.

- Vamos para a sala. Suzanne! Traz-nos alguma coisa para tomar. O que é que queres, Mat?

- *Rien* - soluçou, sem se dar conta de que falava em francês.

- Tens de tomar alguma coisa. Suzanne, traz-nos chá e suco de laranja.

Sentaram-se num sofá e Ezequiel encostou Matilde ao seu peito. Amparada pelo abraço do amigo, evocou muitas imagens da época em que sofria de uma doença terminal. Juana e Ezequiel acompanhavam-na às longas sessões de quimioterapia, e só Ezequiel conseguia fazê-la sorrir. E depois, quando os efeitos das drogas eram insuportáveis, os seus amigos cuidavam dela e ajudavam-na; em determinadas ocasiões faltavam à escola para lhe fazer companhia, e Matilde sentia-se a salvo com eles.

- Já me podes contar o que se passou? Onde é que está a Nega? Não voltava hoje de Telavive? Aconteceu-lhe alguma coisa? - perguntou angustiado, e endireitou-se.

- Não, não. A Juana está bem. Não te preocupes.

Matilde levantou-se e olhou fixamente para Ezequiel. Ele contemplava-a com tanta doçura e carinho que ficou com um nó na garganta, as lágrimas voltaram a fluir e não conseguiu pronunciar nenhuma palavra. Um momento mais tarde, começou a falar encostada ao tronco dele - era mais fácil se não olhasse para ele - e contou-lhe o que tinha acontecido nos escritórios do George V.

- Que miserável é essa Celia! Se eu a tivesse à minha frente, estrangulava-a.

- A Juana estava-se a encarregar disso. Eu saí do George V enquanto ela lhe dava uma sova.

- Essa é a minha Nega - Matilde sorriu numa expressão que evidenciava o seu cansaço. - Bebe um pouco de chá, Mat. Vai fazer-te bem.

O chá com um pouco de leite e açúcar teve o efeito de um bálsamo. Tomou-o em silêncio, sem levantar o olhar, sabendo que era objeto do intenso escrutínio de Ezequiel.

- Porque é que não lhe contaste que tinhas tido câncer e que não podias ter filhos?

- Porque tinha vergonha - admitiu. - Não queria que ele soubesse. Receava que a minha tia Sofia tivesse comentado alguma coisa com a mãe dele, a dona Francesca. Mas parece que não.

- E vergonha porquê?

- Ai, Eze! - soluçou Matilde. - É tão difícil de explicar. - Mordeu o lábio, apertou as mãos, mudou de posição. - Eu não queria que ele descobrisse. O Eliah é tão perfeito, tão completo e íntegro. Eu, pelo contrário...

- Tu o quê? - irritou-se Ezequiel, e obrigou-a a olhar para ele, segurando-lhe no queixo. - És a pessoa mais perfeita que eu conheço, Mat. Estou-me nas tintas se te tiraram tudo o que tinhas aí em baixo. Ninguém é mais íntegro do que tu, percebes? E se esse tipo não te inspirou confiança suficiente para lhe contares que não podias ter filhos, é porque ele é um vaidoso.

- Não é! Juro-te, Eze!

- Como planejavas fazer para que não descobrisse?

Matilde deixou cair a cabeça e choramingou durante um momento antes de falar.

- Quando fosse para o Congo, tudo acabaria entre nós.

- E ele ia encarar isso assim de ânimo leve? Embora não o suporte, devo admitir que está louco por ti.

- Não, suponho que não ia ser fácil. Mas teria de entender que os nossos caminhos se separavam e que para mim a minha carreira é o mais importante.

- A tua carreira é mesmo o mais importante?

Os olhos de Matilde encheram-se de lágrimas ao afirmar:

- Ele é o mais importante, Eze. Ele é o amor da minha vida, a minha alegria, o que me curou, o meu tudo. Nunca vou voltar a amar outro homem como amo o Eliah. Mas não posso prendê-lo, não posso condená-lo a estar o resto da sua vida com uma mulher que não lhe pode dar filhos. Eu sei que ele os deseja muito. - Passou as mãos pelos olhos, secou a face com o punho da camisa amarela, pigarreou e ergueu-se, afastando-se de Ezequiel. - Agora vai ser tudo mais fácil porque, apesar de o amar mais do que à minha própria vida, estou furiosa, estou consumida por uma raiva que nunca tinha sentido. Disse-me que entre ele e a Celia não tinha acontecido nada. E a verdade é que são amantes há anos. Na tarde em que a mulher do Eliah morreu num acidente de carro, à procura dele para lhe dizer que estava grávida, ele estava na cama com a minha irmã.

- Nunca soubemos dessa relação - admitiu Ezequiel. - Devem ter tido muito cuidado porque ele era casado. E como ela andava sempre de braço dado com algum modelo ou ator famoso, ninguém suspeitou.

- Eze, acho que a Celia o ama a sério.

- A tua irmã é uma víbora que não ama ninguém.

Al-Saud abandonou o Aston Martin mal estacionado à porta do George V e regressou aos escritórios no oitavo andar. Matilde continuava desaparecida, sozinha, sem proteção, e ele não conseguia encontrá-la. Não estava no apartamento da rue Toullier, não tinha regressado à casa da avenue Elisée Reclus. Acabava de percorrer inutilmente as ruas das imediações. Entrou no escritório com a esperança de que tivesse regressado. Juana estava ao telefone.

- Ah, Eze, finalmente! Por que raios não atendias o celular?

- Estava a consolar a Mat.

- Está contigo! Graças a Deus!

O alívio espalhou-se pelo corpo de Al-Saud e provocou-lhe um tremor nas pernas e nas mãos. Aproximou-se do telefone e tentou arrebatá-lo a Juana, mas esta impediu-o e, com um gesto, exigiu-lhe que se acalmasse.

- Passa-me à Mat, Ezequielzinho.

- Está a dormir. Custou-me muito convencê-la a tomar um calmante e a deitar-se. Estava muito alterada.

- Sim, imagino.

- Decidiu ficar a viver aqui até que vocês partam para o Congo. Não quer voltar para casa do Al-Saud e tem medo de ir para o apartamento da Enriqueta por causa do tipo que a persegue. Por isso vai ficar cá em casa. E tu também vens para cá.

Juana desligou a chamada e Al-Saud soube que as coisas estavam mal e que ficariam ainda pior.

- Falaste com ela?

- Não, estava a dormir. O Ezequiel deu-lhe um calmante e mandou-a para a cama. Diz que está mesmo para baixo.

- Meu Deus - sussurrou Al-Saud. - Veste o casaco e vamos buscá-la.

- Não, bonitão. O Ezequiel disse que a Mat decidiu ficar a viver com ele até à nossa partida para o Congo.

- Nem pensar nisso! Ela vai voltar para minha casa que é a sua casa.

- Bonitão, tu sabes que eu estarei sempre do teu lado, apesar do drama com a Celia mas, bom, não te culpo. Ela é uma aranha capaz de enredar qualquer um na sua teia. Mas para a Mat deve ter sido duríssimo ficar a saber disso. Tens de perceber que a Celia odiou a Matilde desde que nasceu, tinha uns ciúmes dela atroz. A Matilde sempre se sentiu culpada da infelicidade da Celia, como se o fato de o pai gostar mais dela do que das suas irmãs fosse culpa da própria Mat. Sofre muito por causa da preferência que o senhor Aldo tem por ela, e isso arruinou a sua relação, não só com as irmãs mas também com a mãe. Como podes ver, ela não lhe ligou no aniversário.

O coração de Al-Saud chorava lágrimas de sangue. A sua doce, pequena, pura e bondosa Matilde vítima do ódio, do rancor e do desprezo da sua própria família quando, na verdade, deveria venerá-la. Sentou-se no sofá e segurou a cabeça com as mãos.

- Porque é que não me contou que tinha tido um câncer e que não podia ter filhos? Ah, só de pensar no que deve ter sofrido... - A voz quebrou-se-lhe, algo que afetou Juana.

- Sim, bonitão, sofreu muito, mesmo muito, a nossa Mat. Mas já te disse que, apesar do seu aspeto pequeno e indefeso, é uma leoa por dentro.

- Amo-a tanto, Juana. Amo-a mais do que tudo neste mundo.

- Eu sei, bonitão, e ela ama-te a ti, mas o que aconteceu hoje aqui foi devastador para a Mat e, se a conheço um bocadinho, sei que demorará muito tempo a consertar o que a Celia quebrou. Leva-me a tua casa, por favor. Assim trago umas roupas para a Mat e para mim. É melhor ficar-mos uns dias em casa do Jean-Paul.

A medida que se aproximava da avenue Charles Floquet, Al-Saud duvidava da sua força. Temia entrar na casa de Trégart e arrastar Matilde consigo. Atendeu-os Suzanne, e Al-Saud pediu-lhe que chamasse Ezequiel. Esperou vários minutos no passeio.

- O que é que quer? - repreendeu-o Ezequiel na soleira da porta do prédio.

- Como é que ela está?

- Mal. Como é que quer que esteja? Descobrir que o homem que ama é amante da sua própria irmã...

- A Céline e eu não somos amantes. Desde que comecei a minha relação com a Matilde, não toquei em nenhuma mulher.

Ezequiel encolheu os ombros.

- O que é que quer? - insistiu.

- Ouve-me bem, Ezequiel. Há alguém que quer fazer mal à Matilde. E um tipo muito, muito perigoso. Ela não pode sair de casa sem proteção. Os guarda-costas que lhe atribuí estarão aqui amanhã de manhã. Peço-te que a convenças a não sair de casa sem eles. Sei que não gostas de mim e compreendo-o, mas este assunto não tem a ver com as nossas diferenças mas sim com a segurança da Matilde. Tenho a tua palavra de honra de que não vais permitir que saia sem proteção?

- Sim, tem. Não só teremos de a proteger desse tarado, mas também da Céline, que tem alguns parafusos a menos, garanto lhe.

- Posso vê-la?

- Está a dormir. Não quero acordá-la porque foi muito difícil que adormecesse. Tive de lhe dar um calmante. Estava destróçada.

Ao ver a dor refletida na expressão de Al-Saud, Ezequiel arrependeu-se de ter sido tão duro com ele.

- Volto amanhã para vê-la.

- Se eu fosse a si não viria, vai perder tempo.

Matilde acordou sobressaltada. Demorou uns segundos a perceber onde estava. A recordação da cena vivida nos escritórios do George V atingiu-na. Estava em casa de Trégart, Eliah e Celia eram amantes, ela partiria para o Congo e não voltaria ver o amor da sua vida. No entanto, angustiava-a ainda mais que Eliah soubesse que ela não era uma mulher no verdadeiro sentido da palavra e que jamais sentiria a magia de ter um bebé no ventre, nem a de dar à luz nem a de o amamentar. As lágrimas deslizavam-lhe pelas faces e molhavam a almofada. Que horas seriam? Soergueu-se e tateou até encontrar o interruptor do candeeiro. Três da manhã. Ficou com o braço levantado, a contemplar o relógio Christian Dior que Al-Saud lhe tinha oferecido. «Mas não quero que gastes dinheiro comigo.» «Com quem gastaria se não fosse contigo?» «Com a Celia», respondeu. Não queria imaginá-los juntos, não tolerava pensar que Eliah e a sua irmã tinham partilhado uma intimidade semelhante à deles. Irremediavelmente, as cenas precipitavam-se como uma catarata sobre ela e não importava que cerrasse os olhos ou sacudisse a cabeça sobre a almofada, pois ouvia igualmente os gemidos de Celia e os sons ásperos que Al-Saud emitia, e via as mãos dele sobre os seios dela, sobre as suas pernas compridas e perfeitas.

Sentou-se na cama e tapou o rosto com as mãos. Não lhe custaria enterrar profundamente o amor que Al-Saud lhe inspirava se as visões que a assolavam brotassem com essa facilidade. A raiva e os ciúmes fariam um bom trabalho.

Suzanne trouxe-lhe o café da manhã numa bandeja, por volta das nove da manhã. Ezequiel entrou atrás da empregada com uma cara que não vaticinava nada de bom.

- Olha, Mat - disse, e atirou-lhe um exemplar da revista Paris Match que fez ricochete no edredão. - Acaba de sair. Lê a página vinte e quatro. Vai interessar-te.

Reconheceu-o logo. A fotografia de Eliah Al-Saud ocupava a página inteira. Deviam tê-la tirado num dia muito frio porque ele envergava o sobretudo de pele de camelo e caminhava com as mãos nos bolsos e a cabeça ligeiramente inclinada para a frente. Tinha um aspecto cruel e ameaçador que as sobrancelhas pretas e densas acentuavam. Passou os dedos pela imagem até que o título do artigo chamou a sua atenção. «O mercador da

guerra.» Temia ler o corpo da notícia, não queria saber o que se tinha perguntado tantas vezes na casa da avenue Elisée Reclus. Atualmente dão um aspeto de legitimidade ao chamarem ao seu negócio «empresa militar privada.» No entanto, não são mais do que uma companhia de mercenários, soldados especialistas, armas letais que vendem os seus conhecimentos e experiência à melhor oferta. Matilde lia com dificuldades, com a pulsação a aumentar nos ouvidos e no pescoço, provocando-lhe uma respiração irregular e rápida. Depois da queda do Muro, as sociedades ocidentais e orientais começaram a exigir o desarmamento e uma diminuição nos orçamentos destinados às Forças Armadas. Dessa forma, a mão de obra altamente qualificada, sobretudo proveniente da antiga URSS, inundou o mercado. Assim nasceram estas «empresas militares privadas». Há poucas no mercado, faturam milhares de milhões de dólares por ano e cada dia ganham mais poder e influência no mundo da política. No reduto fechado dos mercenários diz-se que um encabeça a lista dos melhores e mais bem-sucedidos: Eliah Al-Saud, presidente da Mercure S.A. Matilde largou a revista como se se tivesse queimado e procurou consolo em Ezequiel. Este, implacável, tirou a revista da cama e leu o artigo desde o início. Matilde ouvia termos como «tráfico de armas», «evasão fiscal», «violação das normas da ONU», mas não captava completamente o sentido do que Ezequiel lia. Havia referências à época em que Eliah fora aviador de L' Armée de L' Air e da sua participação na Guerra do Golfo. É um piloto exímio e pode pilotar qualquer máquina que se suspenda no ar, desde um Mirage 2000 até um helicóptero. A sua participação na Guerra do Golfo deu-lhe vários galardões. Então, porque é que saiu de L' Armée de L' Air onde o aguardava um futuro promissor? Alguns especulam que se ficou a dever ao papel que desempenhou no bombardeamento de um bunker em Hagdade, no subúrbio de Amiriyah, no qual, depois de ter disparado mísseis guiados por laser GBU-27, mísseis que deslizaram pelas bocas de alimentação do sistema de ventilação, morreram carbonizadas 408 mulheres, crianças e adolescentes.

- Não! - exclamou Matilde. - Ele não sabia que havia mulheres e crianças ali! Tenho a certeza de que não sabia!

Matilde só prestou atenção à leitura de Ezequiel vários parágrafos depois. Não ouvia a sua voz, mas o diálogo que ela e Eliah tinham mantido depois de fazerem amor na noite da festa de aniversário de Francesca. «Estiveste em alguma guerra?» «Sim, estive na guerra. Mas não quero falar sobre isso. Não tenho boas lembranças.» Lembrou-se também de que, horas antes, no quarto onde ela brincava com os filhos de Shariar, ele lhe pedira que fosse a mãe dos seus filhos;... e enquanto vendia armas aos Tigres para a libertação do Tamil Eelam, treinava os exércitos do Sri Lanka que se preparavam para os liquidar. Arrasou com as guerrilhas na Papua-Nova Guiné e protege os perímetros das minas de diamantes na Serra Leoa, enquanto os seus clientes saqueiam os recursos naturais do país com recurso ao trabalho de meninos-escravos.

- Chega, Ezequiel! Já não quero ouvir mais!

- Está bem, acalma-te. Queria que lesses para te convenceres de que te livraste de um sacana sem escrúpulos.

Matilde afundou a cara na almofada e desatou a chorar. Juana entrou no quarto em pijama e a bocejar.

- O que é que se passa, Matita? - disse, e deitou-se ao lado da sua amiga.

- Passa-se isto - interveio Ezequiel, e entregou-lhe a Paris Match.

Depois de ler o artigo, Juana concluiu que o que se tinha quebrado na tarde anterior acaba de se desfazer em pó por causa do artigo. «Já não há esperanças para o

bonitão. Quem é que escreveu esta merda?» Procurou o nome do jornalista. «Sejas quem fores, vai morrer longe, Ruud Kok!»

Permanecia dentro do Aston Martin até que a via sair da escola de línguas, atravessar rapidamente o passeio e entrar no Audi de Jean-Paul conduzido pelo seu motorista. A distância entre a porta do Lycée des Langues Vivantes e o Audi era percorrido por Matilde sob a escolta de Diana e de Markov, a quem cumprimentava com um sorriso tímido. Ezequiel foi buscá-las duas vezes e Matilde permitiu-lhe que ele passasse um braço sobre os seus ombros e a conduzisse dessa forma até ao Porsche 911. Matilde nunca levantava o olhar para o Aston Martin estacionado a uns metros deles, embora soubesse que ele estava ali, a observá-la, a sentir a sua falta, a amá-la, e que se abstinha de a abordar para não a perturbar. Assim o tinha aconselhado Juana. O que teria feito sem Juana, a sua grande aliada? Graças a ela, tinha notícias de Matilde todos os dias, porque embora Diana e Markov a vissem e a seguissem no automóvel, não podiam informá-lo sobre grande coisa.

Sabia por Juana que estava muito pra baixo, que comia muito pouco - isso deixava-o louco de preocupação, que a encontrava a chorar sozinha e que tentava dissimular. Pelo seu lado, ele não estava em melhores condições. Dormia mal naquela cama sem Matilde e tinha perdido o gosto por tudo. Faltava algo essencial à casa, como se o teto tivesse voado. Nesse quase mês e meio de convivência, Matilde tinha-se apoderado completamente dele e da casa que, antes dela, tinha preservado de qualquer outra mulher porque constituía o seu refúgio. Agora compreendia que Matilde era o seu refúgio e que, sem ela, a vida se tornava cinzenta e não tinha sentido.

Na sexta-feira, 27 de março, uma semana depois do encontro com Céline no George V, Juana e ele almoçaram no mesmo restaurante da avenue des Champs Élysées onde Matilde lhe tinha oferecido o frasco de doce de leite. Juana reparou nas olheiras dele e no quão abatido estava.

- Ai, bonito. Não sabes o quanto lamento tudo isto.

- Sim, eu sei.

- Caiu-lhe tudo em cima. A cena com a cabra da Celia e o artigo da Paris Match.

- O que é que a Matilde diz sobre o artigo da Paris Match?

- Nada. A verdade é que fala pouco.

- Está a comer melhor? - Juana negou com a cabeça. - Por favor, Juana, tens de fazer alguma coisa para que se alimente.

- Não te preocupes. O Ezequiel está a tratar disso. Quando estava a fazer a quimioterapia e não queria comer porque tudo a enjoava, era o Ezequiel que se sentava ao pé dela e lhe dava de comer na boca, contando-lhe anedotas para a fazer rir. Era o único que conseguia que comesse qualquer coisa. Agora está a fazer o mesmo.

- Meu Deus! Matilde... - A sua voz estrangulou-se e olhou para outro lado para que Juana não reparasse nas lágrimas nos seus olhos.

- E tu, bonito? Como é que estás?

- Juana, nunca pensei dizer algo tão louco como o que vou dizer, mas não posso viver sem ela.

- Eu sei. E não é louco, Eliah. Quando uma pessoa ama tão intensamente como vocês se amam, passa a fazer parte do outro. Sem uma parte, não pode viver. Mas fala-me de ti. O que tens feito nossos dias?

Al-Saud pensou nas vezes que tinha suportado as cenas do Céline no lobby do George V, quando entrava sem que os seguranças a vissem, ou na rua, e também à porta da casa da sua família, na avenue Foch. Felizmente não conhecia a casa da avenue Elisée Reclus. Farto do lidar com aquela louca e com medo de que magoasse Matilde, ligou para o seu agente, Jean-Paul Trégart, e ameaçou o: ou a levava a desfilar para os antípodas ou um artigo substancial sobre a sua estadia de quase dois meses numa clínica de desintoxicação pararia nas mesas das redações de todas as revistas do país. No dia anterior, Tiógart ligara para lhe dizer que Céline passaria uma longa temporada em Milão.

Al-Saud pensou também na quantidade de reuniões que tinha tido no escritório do doutor Lafrange para planejar o processo contra a revista semanal Paris Match e contra Ruud Kok. Tiraria vários milhões de francos a esses sacanas e obrigá-los-ia a publicar uma retratação ou não se chamava Eliah Ayman Al-Saud. O artigo era provocador e tendencioso, ambíguo em certas passagens, como quando, ao referir à tragédia de Amiriyah, sugeria que Al-Saud acabou a sua carreira de piloto por ter bombardeado um bunker cheio de mulheres e crianças; o leitor podia supor que Eliah destruiu o local por iniciativa própria, e L' Armée de L' Air o puniu com a cessação de funções, quando, na verdade, acontecera o contrário. Só um homem poderia ter fornecido a Kok certos dados sobre o seu passado como membro de L' Agence: Nigel Taylor. O filho da mãe também pagaria. Ao revelar essa informação, o canalha tinha violado o juramento prestado ao entrar nos quadros de L' Agence.

- Estive a fazer a mesma coisa de sempre - respondeu. - A trabalhar muito. A Céline foi-se embora, não foi?

- Sim, bonito. O Jean-Paul conseguiu-lhe um contrato em Milão. De qualquer forma, antes de se ir embora, ainda fez das suas. Na terça-feira conseguiu entrar no prédio e plantou-se em frente da porta do apartamento e começou a pontapeá-la porque a Suzanne não lhe quis abrir a porta. O Jean-Paul saiu e ameaçou-a de que voltaria a interná-la se não deixasse de se comportar como uma louca.

- Está louca. Completamente desequilibrada.

- Perdoa-me a curiosidade, bonito, mas como é que te foste envolver com ela? É bonita e muito sensual, eu sei, mas...

- Começámos a dar-nos pouco tempo depois de ela chegar a Paris. Era mais velha do que eu, o que me atraía, muito bonita e insinuava-se a mim cada vez que nos víamos, que eram muitas porque naquela altura ela vivia com a tia Sofia e já sabes que a Sofia vai com frequência à casa dos meus pais. Eu tinha-me casado há pouco tempo, era jovem e estúpido. Podes imaginar o resto. A Céline converteu-se numa droga. Gostava que fosse tão desenfreada, livre e audaz, tudo o que a minha mulher não era. Deixei-a depois da morte da Samara.

- É verdade que estavas com ela quando a tua mulher teve o acidente?

- Sim, a Samara andava por todo o lado à minha procura... - baixou o olhar e brincou com a faca - ... para me dizer que estava grávida.

- Bonitão, deve ter sido terrível para ti. - Al-Saud assentiu sem olhar para ela. - Lamento muito.

- A culpa consumia-me. Deixei a Céline. Passado um ano, mais ou menos, comecei a sair com uma moça...

- A Natasha? A que a Celia referiu?

- Sim, a Natasha. Era muito doce e fazia-me sentir bem. Há uns meses desapareceu. Esfumou-se de um dia para o outro. Sei que está bem, mas não sei onde está. Tinha muito carinho por ela, mas não a amava. Pouco tempo depois de a Natasha desaparecer, a Céline ligou-me e convidou-me para jantar. Voltámos a estar juntos algumas vezes até que, no dia 31 de dezembro, a tua amiga entrou na minha vida e se apoderou de tudo o que havia para se apoderar, e devolveu-me a vontade de viver e a felicidade. E ensinou-me o que era amar de verdade.

O toque do celular interrompeu a conversa no seu ponto mais emotivo. Al-Saud, franzindo as sobrancelhas, viu quem era.

- Juana, deixa-me atender esta chamada. - Levantou-se e afastou-se para uma parte menos barulhenta do restaurante. *Allô, Olivier. Ça va?*

- Elish, ligo-te porque tenho notícias sobre o tipo que atacou a senhora Martinez na Capela da Medalha Milagrosa.

- Conta.

- Um sujeito garante tê-lo visto no domingo, 1 de março, na Gare du Nord.

- Disse-te isso só agora? irritou-se Al-Saud.

Acaba de voltar de viagem, por isso é que só fez a denúncia agora. Viu-o no banheiro da estação, chamou-lhe a atenção que estivesse a tirar uns bocados de algodão da boca. Pouco depois, enquanto esperava pelo comboio, viu o retrato-falado na televisão de um café. Por acaso voltou a vê-lo no mesmo comboio que ele próprio tinha apanhado. Depois de olhá-lo bem para ele durante um bocado, convenceu-se de que era muito parecido com o retrato-falado, apesar de ter as bochechas maiores.

- Graças ao algodão. Investigaram para onde se dirigia o comboio?

- Era um Thalys com destino final Bruxelas.

- Já tens a lista dos passageiros que o apanharam na Gare du Nord?

- Sim, vou enviar-te.

- Sim, faz isso, mas agora lê-me rapidamente os apelidos dos passageiros, para ver se algum me soa familiar.

Ao chegar ao J, Al-Saud agudizou a atenção. Jacopi, Jaspers, Jennings, Jürkens. «Aqui estás, sacana maldito», resmungou para si mesmo. «Onde é que estás agora?»

- Conheces algum nome? - indagou Dussollier.

- Não, nenhum. Lamento. O que é que vão fazer com essa informação?

- Já informámos os nossos colegas em Bruxelas. Eles vão investigar as imagens das câmaras de segurança da estação de comboios à qual chegou esse Thalys. Também te ligo para te dizer que o médico-legista determinou que tipo de agente nervoso matou os rapazes iraquianos. Tratou-se de uma dose elevadíssima de ciclosarin, um agente nervoso parecido com o gás mostarda, muito utilizado pelo Iraque durante a guerra com o Irão.

- O ciclosarin não é como a ricina, que se pode produzir num laboratório caseiro. Requer uma grande tecnologia. Que países o produzem?

- Desde a Convenção sobre Armas Químicas da ONU, a sua produção é proibida. Evidentemente, nem todos os países ratificaram a convenção. Teremos de os investigar. Como deves imaginar, o Iraque encabeçará a lista. Mantenho-te informado se houver alguma novidade.

- *Merci beaucoup*, Olivier.

- *De rien*, Eliah.

Al-Saud voltou à mesa.

- Desculpa ter-te feito esperar. Era um assunto importante.

- Não te preocupes, bonitão.

- Juana, já passaram sete dias desde aquele episódio nefasto. Fui paciente, respeitei a vontade de estar sozinha da Matilde, mas preciso de a ver. Não pode continuar a negar-se. A Matilde e eu temos de falar.

- Eu peço-lhe todos os dias, bonitão.

- O que é que ela diz?

- Diz que se te visse, iria imaginar-te com a Celia na cama e não conseguiria suportá-lo.

- Merde!

- Bonitão, a Matilde pediu-me para ir buscar o resto das nossas coisas à tua casa. Estamos sem roupa. Podemos ir agora? Tenho tempo antes de ir para a escola de línguas.

Assentiu de má vontade; tinha conservado a ilusão de que se a roupa e os objetos de Matilde permanecessem na casa da avenue Elisée Reclus ainda existia a esperança de lê-la de novo com ele; essa esperança acabava de se evaporar.

- Depois levo-te à escola de línguas.

Estacionaram o Aston Martin à porta do Lycée des Langues Vivantes. Al-Saud estava de péssimo humor porque Juana não tinha empacotado os vestidos, sapatos, carteiras, perfumes e restantes presentes que ele tinha dado a Matilde nesse tempo.

- Se fosse por mim, bonitão, levava tudo. Mas a Mat insistiu muito que não levasse nada disto e não a quero contrariar. Que desperdício! - lamentou-se.

Permaneceram em silêncio dentro do carro. Juana sabia que Al-Saud esperava que Matilde chegasse. Poucos minutos depois, o Porsche de Ezequiel estacionou em frente deles, e o carro com Diana e Markov, atrás. Al-Saud endireitou-se no assento para a ver. Ezequiel estendeu-lhe a mão para a ajudar a sair. Juana abriu a porta do Aston Martin e ficou com meio corpo de fora.

- Mat! - gritou, e Matilde virou-se.

Al-Saud reparou que depois de olhar para a amiga, olhou para o lugar do condutor. Devido aos vidros fumados, não o conseguia ver; no entanto, ambos sentiam o fluxo de energia que os ligava. «Amo-te», disse-lhe em pensamento. Saiu do carro e ficou de pé, apoiado à porta. Tirou os Serengeti e olhou para ela a escassos metros. Ao fazer tenções de se aproximar, ela apressou-se a entrar na escola de línguas. Juana revirou os olhos.

- Tem paciência, bonito.

Matilde pousava os cadernos e os livros na mesa quando Juana se sentou ao seu lado.

- Porque é que não esperaste um momento? O bonito queria falar contigo.

- Agora és mais amiga do bonito do que minha?

- Não sejas injusta. Ele está arrasado. Procura-me para falar de ti, para saber como estás.

- Eu também estou arrasada. Não lhe disseste?

- Sim, está muito preocupado porque não comes bem.

- Claro! Porque não como bem. Esse é o menor dos meus problemas.

- Porque é que não aceitas encontrar-te com ele e assim resolvem os problemas entre vocês?

- Já te disse mil vezes.

- Não me venhas com essa de que o vais imaginar na cama com a Celia! Isso é uma desculpa.

- Uma desculpa? Achas que é uma desculpa que o homem que amo e com quem convivi durante quase um mês e meio seja amante da minha irmã?

- Não é amante da tua irmã. Era.

- Não sabes. Estavam juntos na noite da festa em casa do Jean-Paul.

- Ele queria falar com ela para lhe dizer que estava apaixonado por ti e que a relação deles acabava para sempre.

- E tu acreditas nele?

- Claro que sim!

- Quando lhe perguntei se eles tinham sido amantes, ele disse-me que só tinham sido amigos. Mentiu-me!

- Querias que te dissesse «Matilde, eu ia para a cama com a tua irmã porque ela é uma puta e oferecia-se a mim»?

- A Celia odeia-me porque diz que eu lhe tirei tudo, o amor do meu pai, da minha avó. Não quero tirar-lhe também o Eliah.

- Sabes uma coisa, Mat? Estou a ficar com vontade de te dar um par de estalos, por isso vou sentar-me na outra ponta da sala.

- Não, não vás - implorou-lhe, e segurou-a pelo pulso. - Diz me a verdade, acreditas nele quando te diz que, depois de mim, não voltou a estar com ela?

- Matita, conheço os homens muito melhor do que tu e sei muito bem quando mentem e quando dizem a verdade. O bonitão está a dizer a verdade quando afirma que não pode viver sem ti, que te ama mais do que tudo e que não voltou a estar com a Celia desde que se apaixonou por ti.

As palavras de Juana comoveram-na e sensibilizaram-na para o discurso que veio de seguida.

- Aqui não se trata do caso com a Celia, mas do teu orgulho. Por que é que não admites que não queres enfrentar o Eliah desde que ele ficou a saber que não podes ter filhos? Destas a ideia de que ele saiba que nunca vais ser mãe, que nunca lhe poderás dar filhos se se casarem, Estou errada?

Matilde saltou da mesa e correu para o banheiro. Juana seguiu-a e abraçou-a ao encontrá-la a chorar.

- Amo-o, Juana! Amo-o como nunca ameie ninguém, É tão grande o que sinto que nem sequer me importa que seja mercenário, traficante de armas ou o que quer que seja.

- O bonitão disse-me que são calúnias, e que já processou a Paris Match e o jornalista que escreveu a reportagem.

- Tu e eu sabemos que há algo de verdade em tudo isso.

- E há algo de verdade quando digo que não o enfrentas por orgulho?

- Sim, por orgulho e por vergonha. Eu não queria que ele soubesse que sou uma mulher incompleta. Eu sei que o Eliah deseja ter filhos. Ele disse-mo uma vez e a Yasmin também o mencionou. Não posso prendê-lo a mim, não posso. Por um lado, não lhe daria filhos e, por outro, ambas sabemos que a doença que tive pode voltar; o risco de recidiva é grande. Não quero atá-lo a uma doente.

- Não digas isso! Essa maldita doença não vai regressar.

Matilde apoiou as mãos sobre o granito do lavatório, inclinou o corpo e a cabeça para frente. Soltou um suspiro.

- Se é verdade que a Celia o ama tanto, tenho de desaparecer para que eles tenham uma oportunidade, Ela poderia dar-lhe os filhos que eu não posso.

- Como é que podes desejar mal ao amor da tua vida? Porque garanto-te, Mat, que desejar-lhe que se case com essa víbora, essa tarada da Celia, é desejar-lhe mal.

Na terça-feira seguinte de manhã, Al-Saud encontrava-se numa reunião com o empresário israelita Shaul Zeevi quando o seu celular tocou. Era Juana. Desculpou-se e atendeu com espírito ansioso.

- Bonitão, ontem ligou-nos o Auguste Vanderhoeven. Lembras-te dele? O médico da Mãos Que Curam.

- Sim - resmungou.

- Disse-nos que vamos para o Congo antes da data prevista. Há uma situação muito grave e precisam de todos os recursos disponíveis. E nós estamos disponíveis.

- Quando partem? - perguntou, com o coração descontrolado.

- Na próxima segunda-feira, dia 6 de abril. Já estamos a preparar tudo. Hoje vamos levar a vacina contra a febre amarela.

- Acabou-se, Juana! Vou ver a Matilde nem que tenha de derrubar a porta da casa do Trégart e arrastá-la cá para fora.

- Espera, bonitão. Tenho uma ideia. A Sofia convidou-nos para jantar no sábado porque nos quer fazer uma despedida. Além disso, vai dar-nos umas encomendas para a Amélie, a filha dela. Porque é que não pedes à Sofia para te convidar para o jantar? A Mat não terá outro remédio senão ver-te e poderão falar.

Matilde entrou no apartamento da sua tia Sofia e viu-o imediatamente. Al-Saud olhou para ela e sorriu. Não estava sozinho. Yasmin, Sándor e Alaman acompanhavam-no. Não se deu conta de que Ginette lhe tirava o casaco e a shika. Juana soltou exclamações, feliz por encontrá-los, e cumprimentou-os com gestos exagerados, com Fabrice à sua volta como um cachorro. Sofia e Nando beijaram Matilde e conduziram-na à sala. Mal tinha recuperado o autodomínio, quando Sándor e Yasmin se aproximaram para lhe agradecer o que tinha feito por ele na Capela da Medalha Milagrosa. Alaman abraçou-a e, com o seu eterno bom humor, arrancou-lhe um sorriso. Al-Saud afastou o irmão e inclinou-se para a cumprimentar. Beijou-a perto da comissura dos lábios, tal como tinha feito no passado, e sussurrou-lhe:

- Olá, meu amor. Estás bonita.

Matilde afastou-se depressa e juntou-se ao grupo, procurando refúgio. Al-Saud ficou a olhar para ela com o coração destrocado.

- Vá - animou-o Alaman já lhe vai passar a irritação.

- Por favor, faz o que te pedi.

Alaman assentiu e entrou no apartamento. Encontrou Ginette na cozinha.

- Diz-me uma coisa, Ginette. Onde é que puseste os nossos casacos?

- No primeiro quarto, à direita.

Estavam num sofá. Viu logo o de Matilde e o de Juana. Se Juana tinha o telemóvel com ela, a questão complicar-se-ia. Procurou dentro da carteira dela e encontrou-o. Tirou a bateria e colocou um transmissor de rastreamento por satélite do tamanho de uma lentilha achatada. Montou-o novamente e devolveu-o à carteira. Quanto a Matilde, Eliah tinha-lhe pedido que o colocasse na shika, que ia com ela para todo o lado. Alaman estudou-a com as sobranceiras franzidas. Não seria fácil colocar a pequena lentilha naquele tecido tão aberto. Decidiu-se pela correia, que formava uma pequena dobra. Tirou o canivete Victorinox e fez um pequeno corte no início da correia, onde se juntava ao corpo da mala. Descolou uma etiqueta do minúsculo transmissor, colocou-o lá dentro e pressionou para que ficasse bem seguro.

Sentado em frente de Matilde, Al-Saud observava-lhe os pulsos magros e via-a dar voltas à comida sem entusiasmo. Matilde, ao sentir o seu olhar cravado nela, obrigou-se a meter pequenos bocados de carne e de legumes à boca para aparentar que o seu ânimo era bom. No entanto, custava-lhe engoli-los; a sua garganta tinha-se fechado. Os outros riam-se e comentavam a viagem ao Congo, e ela experimentava uma sensação de alheamento e de angústia cada vez mais insondável. Mantinha o olhar fixo no prato e passeava-o dentro de um raio muito limitado, até que se permitiu elevá-lo uns milímetros e captar as mãos de Al-Saud, grandes, morenas e peludas. Não se tinha enganado, bastava um olhar fugaz para imaginá-las sobre a pele de Celia. Levantou o queixo e olhou-lhe para os lábios, e imaginou-os a percorrer a parte de dentro das coxas da sua irmã. Não suportava que ele tivesse sido de Celia. Quando os seus olhares se encontraram, não se importou que Al-Saud visse as lágrimas nos seus olhos porque sabia que também veria fúria.

Pareceu-lhe o jantar mais longo e amargo da sua vida. Queria ir-se embora. Escapuliu-se para a biblioteca onde tinha visto um telefone. Ligaria para Ezequiel e dir-lhe-ia: «Vem resgatar-me.» Enquanto marcava o número, ouviu o barulho da porta a fechar-se. Espreitou por cima do ombro e viu Al-Saud. Acabou de marcar e, antes de alguém atender, o indicador de Al-Saud cortou a chamada. Virou-se com o fone no ouvido.

- Como te atreves?

- Temos de falar - disse ele.

- Não há nada para falar.

- Eu acho que sim. Depois do que tu e eu vivemos, não me podes dizer que não temos nada para dizer um ao outro. Não podes partir sem me ouvir, sem me dar uma oportunidade de me explicar...

- A Celia tratou de me explicar muito bem como são as coisas. E o artigo da Paris Match explicou-me quem és realmente.

Tratava-se de um golpe baixo. Matilde sabia-o. Apercebeu-se da dor nos seus olhos verdes e arrependeu-se imediatamente do que lhe tinha dito.

- É a primeira vez na tua vida que és cruel com alguém - censurou-a Al-Saud. - Tinhas logo de o ser com quem mais te ama.

- Não quero continuar esta conversa.

Matilde esquivou-se dele e avançou até à porta. Eliah deteve-a pelo pulso antes de a abrir. Matilde desprendeu-se do contato de forma brusca.

- Está bem, não vamos falar aqui. Então, onde?

- Amanhã, na casa do Ezequiel, às quatro da tarde.

Matilde voltou à sala para junto dos outros e Al-Saud permaneceu na biblioteca para se acalmar. Alarmava-o a dureza de Matilde. Desconhecia a mulher ressentida e mordaz com quem tinha acabado de ter aquela conversa.

Era óbvio, pelo tamanho das olheiras e pelas pálpebras avermelhadas, que nenhum tinha passado uma boa noite. Matilde estendeu a mão para lhe indicar que se sentasse, e Al-Saud reparou que tremia. Ao evocar a felicidade que tinham partilhado, tinha vontade de gritar de dor e de impotência.

- Como é que está a Leila? - quis saber Matilde, sentada numa cadeira de frente e afastado do que ocupava Al-Saud.

- Muito triste. Quase não disse nada desde que partiste.

- Vou ligar-lhe esta noite para me despedir.

Um silêncio incómodo caiu sobre eles. Matilde, com o olhar pousado nas mãos entrelaçadas, como se rezasse, ouviu que Al Saud se mexia no seu assento. Tinha-se movido para se sentar na beira do cadeirão e olhava-a fixamente.

- Matilde, meu amor, sei que o que se passou no George V foi extremamente desagradável. Mas não podemos permitir que por causa dos disparates de uma louca...

- Lembro-te que essa louca é minha irmã.

- Sim, tua irmã, que não significou nem significa nada para mim.

- Porque é que me mentiste, Eliah? Quando te perguntei se havia alguma coisa entre vocês, precisamente aqui, na noite da lesta que o Trégart organizou, disseste-me que eram só amigos,

- Porque não te ia dizer, justamente a ti, que tínhamos sido amantes. Por favor, meu amor disse, e abandonou o seu lugar para se sentar ao pé de Matilde, entende me. O destino quis que a tua irmã e eu tivéssemos uma aventura no passado...

- Ela não se refere ao vosso caso como uma aventura. Ela diz. que lhe prometeste deixar a tua mulher.

- Isso é mentira! - protestou. - Jamais, nunca lhe prometi tal coisa. Tanto ela como eu sabíamos que o que nos unia era o sexo, nada mais.

Matilde levantou-se e afastou-se na direção da janela. A palavra sexo na boca de Eliah para se referir a Celia era mais do que conseguia suportar. Levantou a cortina de voile e observou a rua. A paz da avenue Charles Eloquet, o rumor das folhas dos castanheiros agitadas pelo vento e o ladrar longínquo de um cão tiveram o efeito de um sedativo no seu ânimo. Fechou os olhos, sentindo-se esgotada de repente. Pensou em despachar logo Al-Saud, correr para o quarto e dormir durante tanto tempo que, ao acordar, se tivesse esquecido daqueles três meses em Paris.

Al-Saud aproximou-se em silêncio para não a assustar e apoiou as mãos na cintura magra de Matilde. Inclinou-se e, com o nariz, afastou-lhe o cabelo até deixar o seu pescoço

a descoberto, para o beijar e cheirar. Matilde reparou que ele tinha posto A Men; ela não usava nenhum perfume, nem sequer a colónia Upa la la.

- Meu amor - sussurrou-lhe com paixão -, não sabes como sinto a tua falta na minha vida. Amo-te tanto. Não suporto esta separação. A dor está a matar-me. Vamos sair daqui e vamos viver a nossa vida juntos.

A forma como Matilde se desfez das suas mãos e se afastou dele, com uma delicadeza que falava do seu domínio e determinação, fê-lo tremer de medo.

- Mentiste-me demasiado, Eliah. Escondeste-me o teu romance de anos com a minha irmã e nunca me confessaste qual era a verdadeira natureza do teu negócio.

- Eu e a Céline já não temos nada um com o outro.

- Mas tiveram, não me digas que não. Para que uma relação dure tanto tempo deve ter havido mais do que sexo.

- Matilde, vou dizer-te uma coisa que pode parecer machista, até poderás pensar que vem de uma mente simples, mas um homem sabe que ama uma mulher quando só deseja fazer amor com ela; as outras, simplesmente, deixam de existir. Isso aconteceu-me ao longo dos meus trinta anos apenas uma vez: quando te conheci. Só te desejo a ti, só quero fazer amor contigo, só quero estar contigo. Com mais ninguém.

Apesar de tudo, Matilde acreditava nele.

- Não me disseste a que é que realmente te dedicavas.

- Não me disseste que tinhas tido essa doença aos dezasseis anos e que não podias ter filhos. - De modo instintivo, Matilde virou-lhe as costas para esconder a sua vergonha.
- Porque é que nunca me falaste disso?

- Uma vez, quando me contaste que eras piloto - disse, e obrigou-se a respirar -, perguntei-te se tinhas estado em alguma guerra. Respondeste-me que sim, mas que não querias falar sobre isso porque não tinhas boas lembranças. O mesmo te digo eu agora: não quero falar sobre isso. Para mim, a luta contra o cancro foi a guerra que tive de enfrentar e não tenho boas lembranças.

- Alguma vez mo ias contar? - perguntou ele, com um tom de raiva e ironia. - Quando é que pensavas dizer-me que não podias ter filhos?

- Nunca! - Virou-se com tanta violência que Al-Saud sentiu um arrepio. - Não pensava dizer-te nunca porque sabia que a nossa relação ia terminar mais cedo ou mais tarde. A cena com a Celia no George V só precipitou o que estava iminente.

- De que é que estás a falar? O que é que queres dizer com isso?

- Que, quando partisse para o Congo, a nossa relação acabaria. Não tinha futuro. Eu não confiava em ti. Ficava louca de ciúmes se alguma mulher se aproximava de ti. Por outro lado, há a minha carreira, que é primordial para mim.

- Estás a querer dizer que, enquanto nos amávamos, enquanto partilhávamos o que partilhámos, tu sabias que ias acabar comigo? - Matilde assentiu, sem levantar o rosto, mas ao ouvir o barulho do parquet, teve coragem para olhar para ele. A alma caiu-lhe ao chão. Al-Saud estava a vestir o blusão. Era evidente que se ia embora. - Enganaste-me,

Matilde. Nunca imaginei que fosses tão fria e calculista. Usaste-me como um idiota. Usaste-me. Não és melhor do que a tua irmã Céline. Pelo menos ela sempre foi sincera.

Matilde viu-o abrir a porta da pequena sala, atravessar o hall de entrada e abandonar o apartamento. Tal como lhe costumava acontecer quando algo a comovia, pensou numa coisa estúpida. «Não conhecia aquelas calças pretas. Ficam-lhe muito bem.» Temia mover-se. Se começasse com o movimento, teria de continuar em frente, e suspeitava que já não tinha forças para o fazer. Ao ver Ezequiel na soleira, contemplando-a com tristeza, Matilde lutou contra a vontade de chorar. Enquanto se reprimia, aquela ganhava um vigor que lhe provocava tremores. Por fim, a vista turvou-se, a resistência cedeu e caiu ao chão, arrancando lágrimas a Ezequiel. Este correu para a abraçar e consolar. Juana observou-os da porta, passou a mão pelos olhos com um gesto impaciente e foi buscar a agenda. Tinha de fazer uma chamada.

- *Cabshinha?* - Era o que restava do nome bombom Cabsha destinado a Alaman.

- Sim, Juani. Que surpresa. Não estava à espera de receber a tua chamada.

- Desculpa incomodar-te. Estás ocupado?

Alaman, nu de pé junto à cama, deu uma olhadela à mulher com quem acabava de fazer sexo.

- Ocupado? Não. De que é que precisas?

- Podes vir-me buscar a casa do Trégart e levar-me a casa do Eliah? E urgente.

- Daqui a uma hora parece-te bem? Espera que vou apontar a morada do Trégart.

Chegaram a casa de Al Saud por volta das sete da tarde. Juana temia que ele não estivesse.

- Toca tu à campainha. Tenho medo de que, se disser que sou eu, não me queira ver. Saiu da casa do Trégart furioso.

Leila abriu-lhes a porta e emitiu uma exclamação ao ver Juana. Abraçaram-se.

- A Matilde?

- Ufa, Leilinha! Zangou-se com o Eliah. Está muito mal.

- Quero vê-la.

- Amanhã partimos para o Congo. Acho que não há tempo. O Eliah está?

A moça assentiu e disse:

- Ginásio.

- Eu fico cá em baixo para que vocês conversem calmamente.

Juana subiu as escadas que lhe eram tão familiares. Fê-lo lentamente, apreciando cada detalhe da excêntrica decoração Art Nouveau e sorrindo ao meditar no quão felizes tinham sido as semanas na estranha casa da avenue Elisée Reclus.

Ainda com a porta do ginásio fechada, Juana ouvia as exclamações de Al-Saud enquanto fazia exercício. Entreabriu a porta sem fazer barulho. Eliah, com umas calças de karaté brancas e o tronco nu, dava pontapés a um saco comprido de areia preso a um cabo de aço por um sistema de roldanas que lhe permitia mover o saco de uma ponta do dojo à outra. Ela, para se divertir, tinha tentado movê-lo, quer com murros ou com os pés, sem conseguir deslocá-lo um centímetro. Por isso, quando Al-Saud, proferindo um clamor, lhe deu um pontapé que o fez deslizar vários metros, Juana teve uma ideia muito clara do tipo de raiva que o dominava. Teve medo dele. No entanto, entrou.

- Olá, bonitão.

Al-Saud, que tinha inclinado o tronco até quase tocar nos joelhos e que respirava com dificuldade, virou a cabeça e olhou-a com ódio. Endi- reitou-se com uma lentidão deliberada e passou uma toalha pela testa antes de falar.

- Juana, sabes o quanto eu gosto de ti. Mas não chegaste num bom momento. E melhor saíres.

- Sim, eu sei, Eliah. Cheguei num mau momento, mas como amanhã partimos para o Congo, tinha de vir falar contigo agora. Não tenho outra oportunidade.

- Não sei sobre o que é que queres falar comigo. A tua amiga deixou tudo muito claro para mim. Usou-me de uma maneira...

- Não, Eliah! - Juana levantou a mão para o calar. - Ouve-me, por favor. Concede-me um momento. Peço-to em nome da amizade que temos.

Al-Saud assentiu e sentou-se numa das máquinas para levantar pesos. Parecia abatido e cansado.

- Sei muito bem a quantidade de parvoíces que a Mat acaba de te dizer para te afastar dela. Porque é preciso que saibas que a única coisa que procurava era afastar-te para sempre. Sabes porquê? Porque não te quer prender a ela.

- Prender-me a ela? O que é que isso significa? Eu quero estar preso a ela. Sempre.

- Mas ela não te pode dar filhos e por isso não to quer prender a ela.

Uma faísca de emoção cruzou o olhar de Al Saud e extinguiu-se logo a seguir.

- Não sei se devo acreditar em ti, Juana disse, abanando a cabeça baixa. - Porque é que uma pessoa agiria assim, deitando borda fora a sua felicidade, sacrificando-se dessa forma? Não me parece verosímil.

- Ah, Eliah. Essa é a Mat, Depois destes meses com ela, achas que não é capaz de se sacrificar por ti? Diz que tu queres ter filhos.

- Desculpa, Juana, mas ela pareceu-me muito firme quando me disse que sempre soube que acabaria comigo quando fosse para o Congo. A sua carreira está em primeiro lugar. A minha má reputação com as mulheres também teve um papel importante na sua decisão, segundo me disse.

- Não vou negar que o caso da Celia e o do artigo tia Paris Match não a tenham magoado muito, mas, no fundo, ela sempre soube que o vosso romance acabaria devido ao fato de ela ser infértil. Se analisarmos friamente, vemos que também há uma parte de

orgulho em tudo isto. E a Mat é extremamente orgulhosa. Herdou do pai. Os Martínez Olazábal podiam participar num campeonato de orgulho. Quando lhe extirparam o útero, o seu grande sonho, ser mulher e mãe, foi por água abaixo. Desde esse momento, tornou-se numa obsessão para ela conseguir o diploma de médica e dedicar-se a curar os mais fracos. A psicóloga disse-lhe que, como tinha ficado sem um objetivo na vida (o de mãe e mulher), inventou outro, e hasteia-o como uma bandeira para que ninguém duvide de que, apesar de ela não poder dar vida, de certa forma ainda o pode fazer. Em suma, bonitão, ela quer demonstrar que, apesar de nunca trazer um filho ao mundo, é valiosa e tem direito a existir.

As últimas palavras de Juana tocaram-lhe o coração. A sua Matilde não precisava de procurar um sentido para a vida. A sua mera existência era um sentido porque convertia o mundo num lugar melhor. Teria desejado ter aquela conversa com ela e não com Juana. Teria desejado consolá-la e demonstrar-lhe que ela era o sentido da sua vida.

- Meu Deus, Juana - lamentou-se. - Estou tão confuso. Como é que ela aceitou casar-se com o Blahetter? Também não lhe podia dar filhos a ele.

- Ora, esse idiota, que Deus o tenha na sua glória. Não compares essa situação com esta. A Matilde não o amava. Além disso, sabia que o Roy era um egocêntrico, só pensava nele e no sucesso da sua carreira. Estava-se nas tintas para ter um filho. Ainda por cima, não te esqueças da pressão que o pai da Mat fez para que ela o aceitasse e se casasse com ele. O senhor Aldo tem uma influência muito forte sobre a Mat. Ela adora-o, apesar de saber que ele é o homem mais insensato do mundo.

Al-Saud apoiou os cotovelos nos joelhos e segurou a cabeça com as mãos. Passaram uns segundos em silêncio. Juana olhou para o relógio. Tinha de se ir embora, ainda não tinha acabado de fazer a mala.

- Bonitão, tenho de ir. É tarde. Só queria que soubesses qual é a verdade por detrás de toda esta situação.

Al-Saud levantou-se e caminhou até Juana. Pôs-lhe uma mão no ombro e sorriu-lhe.

- Obrigado. Foste uma excelente amiga. Para a Matilde também.

- Pois! Sou assim - disse num tom brincalhão -, uma wonder woman.

- Posso ter esperanças, Juana?

- Eu acho que sim. E por isso que estou aqui, tendo corrido o risco de me dares um pontapé na cabeça mal entrei por aquela porta. - Al-Saud riu-se apesar do seu desânimo. - Não será fácil reconquistá-la, bonitão. Na verdade ficou muito zangada com a questão da Celia, sobretudo porque foi ela a revelar-te a sua infertilidade. Saber o que soube pelo artigo da Paris Match também não ajudou muito. Mas ama-te até à loucura. Tenho a certeza de que ela poderá perdoar-te tudo o que, aos seus olhos, é condenável. A pergunta aqui é: Será que a Matilde se perdoará a si própria o fato de ser uma mulher infértil e se permitirá ser feliz com o homem que ama? Isso será mais difícil, bonitão.

Al-Saud contemplou Juana a descer as escadas e, enquanto admirava o seu espírito inquebrantável, debatia-se entre acreditar nela ou descartar a sua teoria.

Matilde sorriu com tristeza sem que Juana nem Ezequiel a vissem. Esse sorriso, que tinha algo de irônico também, era dirigido a ela própria. Três meses antes, em Ezeiza, ao entrar no avião que a traria a Paris, tinha imaginado que a vida lhe concedia por fim a oportunidade que tanto desejava: ir para África curar os mais fracos e os esquecidos. Naquele momento, sentira-se feliz e eufórica. Agora, ao atravessar o lobby sobrelotado do Aeroporto Charles de Gaulle e à medida que se aproximavam do balcão da companhia aérea belga Sabena, que as conduziria, Kiushasa, a capital da República Democrática do Congo, a vida pesava-lhe como se se tratasse de um túnel escuro, úmido e frio, sem uma luz no fundo. Não queria caminhar por ali sem Eliah. Ele tinha sido a verdadeira luz na sua vida.

Diana e Markov escoltavam-na pela última vez. Sentiria a falta deles, pensou. Ezequiel e Juana entretiveram-se numa loja de jornais e revistas. Matilde observava-os a conversar e a rir como quem vê a chuva cair. «*Regarde-moi*, Matilde.» A voz tão familiar pareceu nascer nos seus ouvidos. Ao mesmo tempo, sentiu uma mão no ombro. Virou-se de repente. Estava sozinha, não havia ninguém atrás dela. Olhou um pouco mais longe e viu-o. Ele estava ali, a alguns metros, e olhava-a com firmeza. Eliah Al-Saud em carne e osso. E como sempre, sentiu a energia que ele emanava e que a envolvia e a subjugava, e que se desvaneceu como que por magia, quando reparou na forma estranha como brilhava o verde dos seus olhos. Eram lágrimas que se derramavam e lhe caíam pela face por barbear.

- Bonjour, Matilde! Oh, desculpa, não te queria assustar!

- Bonjour, Auguste - murmurou.

- Estás bem? - perguntou Vanderhoeven, preocupado.

- Sim, sim, estou bem. Desculpa-me - disse, e virou-se em direção a Al-Saud, mas ele já não estava. Procurou-o com desespero. A multidão confundia-a. Correu até à porta, procurou com o olhar entre os automóveis mas não viu o Aston Martin. Al-Saud tinha desaparecido.

Gérard Moses sabia que aquele privilégio era concedido a muito poucos. Olhou pela janela do helicóptero Panther AS 565 e avistou, no meio da insondável escuridão das montanhas do Norte do Iraque, as luzes do palácio onde o sayid rais o receberia para jantar. A faustosa residência na aldeia de Sarsing era o único lugar onde Saddam Hussein se sentia a salvo. Por essa razão, ser convidado para entrar no coração dessa fortaleza era uma raríssima regalia que Gérard conquistara ao oferecer ao rais aquilo que ele mais valorizava: lealdade. Saddam preferia rodear-se de ministros e assessores pouco dotados de inteligência mas fiéis, submissos e obsequiosos. Gérard Moses era alguém pouco usual: um colaborador com um coeficiente de inteligência fora do comum e uma lealdade à prova de tudo. Vinha dando mostras das duas qualidades há vários anos e convencera Saddam Hussein de que a sua aversão pelos sionistas e israelitas só conhecia uma maior: a do próprio Gérard Moses. Unia-os, para além do ódio, um objetivo comum: destruir Israel. Demorou quase meia hora a passar pelas medidas de segurança a cargo dos agentes do Destacamento de Polícia Presidencial (em árabe, Amn al Khass), sob o comando de Qusay Hus-sein, o segundo filho do rais. A meio da noite era difícil ver os homens que protegem o palácio dentro do perímetro de arame eletrificado. Mas Gérard sabia que estavam ali; ouvia os latidos dos dobermann e dos rottweiler de que Saddam tanto gostava. Levantou o olhar e vislumbrou as silhuetas dos mísseis antiaéreos Crotale posicionados no telhado.

Evidentemente, o palácio era um arsenal, com bunkers com capacidade para mil pessoas, abastecidos com água e alimentos para suportar meses debaixo de terra. Dizia-se, embora Gérard não o pudesse confirmar, que desses bunkers nasciam corredores que conduziam a uma base subterrânea localizada vários quilómetros a oeste onde, além disso, funcionava um laboratório de armas químicas e biológicas que as forças aliadas não tinha detetado durante a Guerra do Golfo por se encontrar camuflada na paisagem por uma técnica de engenharia russa conhecida como maskirovka. O que faltava na fortaleza era o barulho dos motores dos caças que, antes do conflito, a tinham sobrevoado para proteger o espaço aéreo. Fauzi Dahlan comentara que, depois de 1991, a flamante Força Aérea do Iraque ficara reduzida a um monte de sucata, já para não falar dos pilotos que desertaram, levando com eles os MIG e os Mirage para o Irão e para a Arábia Saudita. Abriu-se uma das folhas da porta de carvalho e Gérard entrou na sala de jantar que já conhecia. A familiaridade do local e dos rostos que o observavam de diferentes pontos da divisão conferiu-lhe uma sensação de pertença que não tinha sentido muitas vezes ao longo da sua vida. Fauzi Dahlan aproximou-se com um sorriso.

- Professor Orville Wright! - exclamou. - Bem-vindo!

A maioria dos presentes conhecia o verdadeiro nome de Gérard; contudo, aprovavam o seu costume de assinar os artigos que escrevia para as revistas científicas e de se fazer chamar, no âmbito académico, pelo nome de um dos inventores do avião, dado o seu ódio pelo apelido Moses, tão judeu e tão relacionado com a causa sionista.

Como Saddam Hussein não era religioso, admitia o consumo de álcool, e, por isso, de imediato, um empregado entregou-lhe um copo de champanhe com o qual se passeou pela divisão cumprimentando os outros convidados. Deu-se conta de que se encontravam ali os homens mais próximos de Saddam e os mais importantes do regime. Cumprimentou os seus dois filhos, Uday e Qusay. Do primogénito dizia-se que era um psicopata sádico, que se deleitava a magoar as pessoas e os animais. No ano de 1988, assassinara com uma faca elétrica o criado pessoal e provador de comida do seu pai porque o empregado tinha apresentado a Saddam uma jovem que se tornara sua amante. A última obsessão de Uday, converter a seleção nacional de futebol em campeã do mundo, mantê-lo-ia ocupado nos seus escritórios da sede olímpica, em Bagdade. Comentava-se que prendia os jogadores depois de uma derrota e os açoitava com cabos. Gérard reparou que, como de costume, ele tinha bebido demasiado, falava demasiado alto e ria-se de parvoíces. Qusay, pelo seu lado, mostrava um temperamento mais sóbrio e sensato, falava pouco e passeava o seu olhar inteligente pelos comensais, como se tentasse descobrir segredos obscuros. Apesar de ser o segundo filho, dizia-se que o pai confiava mais nele do que no instável primogénito e planeava nomeá-lo seu herdeiro.

Fauzi Dahlan apresentou-o ao novo ministro da Indústria Militar, Khidir Al-Saadi, um tecnólogo especialista em armas, cuja ascensão ao gabinete de ministros se devia ao plano idealizado por Gérard Moses, em 1995, como parte da estratégia para tirar de cima do Iraque os olhos atentos da ONU e, dessa forma, poder recomeçar a produção de armas nucleares, biológicas e químicas sem o peso das incómodas inspeções. Para levar a cabo o plano era necessário o protagonismo de um homem, de Hussein Kamel, o ministro da Indústria Militar daquele momento e genro do rais. Saddam Hussein chamou-o uma manhã ao seu palácio de Bagdade e disse-lhe:

- Hussein, meu filho, vou pedir-te um sacrifício e quero que o faças em nome do teu amor pela pátria.

- O que quiseses, sayid rais.

- Preciso que desertes, que me atraíções.

- Isso nunca! Nunca te atraíçoiaria, sayid rais! Tu sabes! A minha lealdade é absoluta.

- Eu sei, meu filho. É por isso que te peço este favor. Preciso que desertes e peças asilo ao rei Hussein da Jordânia. Ali abordar-te-ão as diferentes agências de inteligência do Ocidente e também as muitas comissões da ONU que foram criadas em 1991 para me irritar. Como és o encarregado de fornecer o armamento ao meu Exército, perguntar-te-ão pelas armas de destruição em massa. Tu dir-lhes-ás que as mandaste destruir todas, que não restou nada no território. Passados uns meses, eu mostrarei a minha misericórdia para contigo e para com a minha filha, dir-lhes-ei que será tudo perdoado e podem regressar a casa.

O plano traçado por Gérard incluía uma última fase que não foi comunicada a Kamel: a da sua morte.

- Sayid rais - tinha raciocinado Moses -, a morte do seu genro será inevitável se queremos dar ao nosso plano um ar de verosimilhança. Se o Hussein Kamel regressar e for perdoado, os ocidentais ficarão a saber que foi um emissário teu para lhes dar informações falsas. Por outro lado, se morrer, pensarão que o que contou é verdade. E deixar-nos-ão em paz.

Saddam Hussein abanou a cabeça, com uma expressão triste e o semblante muito carregado, e disse:

- Existem sempre danos colaterais nestas estratégias. Que seja tudo para salvar o Iraque do inimigo sionista.

Kamel cumpriu a sua parte do acordo. Desertou com a família, pediu refúgio em Amã e passou meses a falar. Insistiu em que tinha mandado destruir as armas iraquianas. Do antrax, a coluna vertebral do desenvolvimento de armas biológicas, não restava nada. Tinham eliminado agentes nervosos e convertido os laboratórios em fábricas de inseticidas e medicamentos. Não encontrariam uma ogiva nuclear em todo o Iraque, embora tenha confessado que ainda contavam com os *blueprints* ou modelos dos planos para construir mísseis. Relativamente às reservas de urânio, tinham sido acondicionadas em contentores de chumbo e enterradas nas profundezas do mar.

Em fevereiro do ano seguinte, em 1996, depois de longas conversas entre a família e políticos de alto nível internacional, Saddam anunciou que perdoava o genro e a sua filha Raghda, e convidou-os a voltar. Hussein Kamel morreu num fogo cruzado pouco tempo depois de regressar a Bagdade. Quando a Polícia apareceu em sua casa, acusou-o de traição e tentou prendê-lo. Dessa forma, o lugar de chefe do Ministério da Indústria Militar ficou livre, e Khidir Al-Saadi ocupou-o.

Gérard Moses continuou a avançar pela sala, com o copo de champanhe na mão. Ficou satisfeito ao cumprimentar o famoso traficante de armas Rauf Al-Abiyia, que lhe apresentou o sócio, Mohamed Abu Jihad. Moses contemplou a barba meio loira e branca de Abu Jihad e os seus traços mais semelhantes ao de um escandinavo, mas não fez perguntas. Naquela sala, a curiosidade pagava-se muito cara.

Um empregado abriu as portas de carvalho de par em par e anunciou a iminente chegada do sayid rais. Os convidados, como em formação escolar, colocaram-se ao lado das cadeiras que ocupariam durante o jantar. Saddam Hussein era seguido pelo seu criado

pessoal e provador de comida, uma das pessoas em quem mais confiava, que se apressou a mover o trono que ocuparia o seu senhor na cabeceira da comprida mesa. O rais entrou, e Gérard Moses admitiu que tinha o porte e o carisma de um rei.

Disse: «Boa-noite, amigos», com o rosto sério, e passeou o olhar por cada um dos presentes. Deteve-se ao ver Moses e mostrou o primeiro sorriso da noite.

- Professor Orville Wright! - Moses apressou-se a ir ter com ele. Cumprimentaram-se. - Esperei por este momento com grande ansiedade e expectativa. Falou-nos tanto dessa invenção que não vejo a hora de a ter à minha frente.

- Não o vou defraudar, sayid rais. O que construí para si é muito mais do que imagina.

Saddam assentiu com um sorriso e indicou-lhe que retomasse o seu lugar. Ao terminar a refeição, Gérard pediu autorização para se ausentar da sala de jantar durante um instante e reapareceu poucos minutos depois, precedido por dois empregados que empurravam uma mesa com rodas sobre a qual havia um objeto coberto com um tecido de cetim violeta, a cor preferida do rais.

- Shukran - disse Moses aos empregados, uma das poucas palavras que sabia em árabe. Sorriu em direção ao rais e pronunciou: - Esta é a minha melhor invenção, fruto de anos de investigação. E entrego-lha a si, querido sayid rais. - Saddam voltou a assentir e a sorrir enquanto pensava nos milhões que Moses tinha exigido pela sua invenção. - Com isto, converter-se-á no dono do Oriente e porá o Ocidente de joelhos. Não haverá Estado no mundo que não o tema e o respeite.

Com um gesto teatral, descobriu o objeto. Ninguém na sala teria sabido dizer o que era. Construído com metal prateado e lustroso, tratava-se de um tubo de um metro e meio de altura, uns vinte centímetros de diâmetro, com vários botões e mangueiras de alumínio e de plástico.

- Meus senhores, têm à vossa frente a mais revolucionária centrífugadora de urânio. A centrífugadora Wright, capaz de enriquecer urânio em dez dias.

Perante aquela afirmação, a maioria reagiu arqueando as sobrancelhas e murmurando. Saddam Hussein bateu na mesa e o silêncio refez-se entre os convidados.

- Professor Wright, quer dizer que o que antes nos demorava anos agora só nos vai levar dez dias?

- Não é só isso, sayid rais, mas também que o consumo energético, o outro grande problema das centrífugadoras em cascata, se reduz a uma quarta parte com a minha centrífugadora.

De novo os murmúrios, as trocas de olhares e o gesto do rais.

- Rais, isto que vê aqui é só um protótipo numa escala menor. Se conseguirmos construir dez e contarmos com o combustível nuclear - referia-se ao urânio - para pô-las a trabalhar, igualaremos Israel no seu potencial nuclear num período de seis meses.

- Isso é incrível! - exclamou Saddam Hussein, e abandonou o seu trono para se aproximar do aparelho. - É um verdadeiro génio, professor Wright. Bendita a hora em que me lembrei de o convidar para dissertar na nossa universidade!

- Obrigado, sayid rais - disse, com um brilho exultante nos olhos. Pensou em Eliah Al-Saud. "Teria gostado de partilhar o seu sucesso com ele. - Ora bem, este projeto, o de criar uma potência nuclear em tão curto prazo, só será possível se se reunirem duas condições: construir as centrífugas e contar com o combustível nuclear para as pôr em funcionamento.

- Se me permite, sayid rais, gostaria de fazer uma pergunta ao professor Wright - disse o ministro da Indústria Militar, Khidir Al-Saadi. Perante o gesto com a mão de Saddam Hussein, o ministro atreveu-se a continuar.

- Diga-me, professor Wright, qual é o custo de produção desta centrífuga?

- Cerca de duzentos e cinquenta mil dólares. Com dez destas a trabalhar durante vinte e quatro horas, conseguiremos um arsenal nuclear de, aproximadamente, trezentas ogivas, quantidade semelhante ao arsenal israelita. - Ao ouvir isto, Saddam Hussein virou-se para o seu diretor do Serviço de Inteligência, que assentiu, ratificando a informação. - Como é evidente, se construíssemos mais, os tempos reduzir-se-iam e a quantidade superaria o número que acabo de apresentar.

- Contamos com a tecnologia para as construir?

- Sim. Certas peças internas são de fabricação alemã. A empresa que as fabrica está disposta a fornecer-me uma série delas. Inclusivamente aqui, no Iraque, obteremos o aço que é necessário para o tubo - disse, e acariciou-o.

- Este é um aço especial, aço maraging, com uma liga rica em níquel, o que o torna extremamente leve e, ao mesmo tempo, resistente.

- Quero que lidere o projeto, professor Wright! - interveio o rais, e Moses baixou a cabeça e sorriu, dando a sua aquiescência ao capricho de Saddam Hussein.

- Será preciso contar com o combustível nuclear mal tenhamos concluído a construção das centrífugas. Sei que as existências de urânio são nulas neste momento e que voltar a abastecer-nos não será fácil, se tivermos em conta o embargo ao qual está a ser submetida a república.

Saddam Hussein levantou o braço e apontou para dois comensais no extremo oposto da mesa, que se tinham mantido em silêncio e a observar.

- Para isso contamos com a ajuda inestimável dos nossos amigos Rauf Al-Abiyia e Mohamed Abu Jihad. Eles vão tratar de conseguir os bolos amarelos de que precisar, professor Wright.

O urânio, uma vez extraído do minério, é esmagado, moído, banhado em ácido, seco e empacotado na forma que é conhecida como bolo amarelo. Este último é utilizado como base para o processo de enriquecimento que se realiza por meio das centrífugas.

Rauf Al-Abiyia e Mohamed Abu Jihad levantaram-se e inclinaram-se perante as palavras de Saddam Hussein.

- Às suas ordens, sayid rais.

- Sabe uma coisa, professor Wright, o amigo Abu Jihad arriscou muito para conseguir para a glória do Iraque grandes quantidades de mercúrio vermelho.

- E agora, sayid rais - interveio Aldo Martínez Olazábal -, continuarei a arriscar-me para conseguir o urânio de que o Iraque precisa. Os minérios mais ricos estão na República Democrática do Congo. Aí poderemos obter as quantidades de que o professor Wright precisa para o seu projeto.

Ninguém passava a noite no palácio de Sarsing exceto o rais e o seu círculo mais íntimo, por isso o resto dos comensais entrou nos helicópteros para regressar a Bagdade.

Rauf Al-Abiyia instalou-se no assento e reparou que a mão do seu sócio e amigo tremia ao tentar apertar o cinto de segurança.

- Sentes-te bem, sadik7.

- Sim, sinto-me bem. Um pouco cansado - mentiu Aldo.

Despediram-se à porta dos seus quartos de hotel em Bagdade. Minutos depois, Rauf apercebeu-se de que embora Abu Jihad se tivesse queixado de cansaço, perambulava pelo quarto como um tigre enjaulado.

Na verdade, Aldo não tinha sono. A dose de adrenalina injetada no seu sangue durante o jantar mantê-lo-ia acordado toda a noite. Encontrara-se frente a frente com aquele que tinha despojado Roy da sua invenção magistral e o mandara assassinar com uma dose de ricina, e não tinha aberto a boca. A impotência e a ira transtornaram-no ao ponto de equacionar a hipótese de arrancar a Uday a arma que levava sempre à cintura e disparar contra o filho da puta do Orville Wright.

Num primeiro momento, quando Al-Abiyia lho apresentou, o nome pareceu-lhe familiar. Foi só quando o professor revelou a centrífugadora que as peças do quebra-cabeças se encaixaram na sua mente, leve de recorrer a toda a sua força de vontade para não desatar a chorar. Amara Roy como um filho. Não conseguia esquecer o seu entusiasmo pela grandeza da sua invenção. Nesse momento, poderia ser rico e feliz mm Matilde, porque essa história de Juana, de que Roy a violara, cheirava lhe a farsa. Roy Blahetter tinha sido um cavalheiro, incapaz de cometer um ato dessa índole.

Na manhã seguinte, entrou no quarto de Raul, cumprimentou-o e prepararam-se para rezar voltados para Meca. Acabado o ritual, Aldo escreveu num papel: tenho de falar contigo lá fora, Aqui ha microfones. Rasgou o papel em vários pedaços e atirou os para a sanita Puxou várias vezes o autoclismo até que nenhum ficasse a flutuar.

Saíram para o jardim do hotel e caminharam à beira da piscina. Rauf Al-Abiyia conhecia as aspirações de Roy Blahetter e o seu desejo de vender a centrífugadora. Dado que a tinha considerado uma ideia descabelada de um jovem sonhador, não se tinha preocupado em conseguir potenciais compradores. O que Abu Jihad lhe contava mudava radicalmente a situação.

- Nunca me disseste que o professor Wright tinha roubado a ideia ao teu genro.

- Não julguei necessário - explicou Aldo. - Só pretendia que me arranjasses o contato de alguém interessado em comprá-la. era isso que o Roy queria.

- Perdemos um negócio milionário - lamentou-se. - Pergunto-me quanto terá pagado o Saddam ao Wright por aquela invenção.

- De que é que estás a falar, Rauf? Lamentas-te pelo dinheiro quando eu te estou a dizer que perdi um filho às mãos do Orville Wright? Quero esmagá-lo, torturá-lo, cortá-lo aos bocados.

- Calma, Mohamed. Ao longo da tua vida foste impetuoso e pagaste caro pelos teus impulsos. Viste como o Saddam tem o professor Wright em muito boa conta. Agora depende dele para conseguir realizar o seu sonho da potência nuclear. Eliminá-lo neste momento seria assinar a nossa sentença de morte.

- Ninguém teria de saber que fui eu a liquidar esse filho da puta.

- Ai não? - troçou Al-Abiyia. - Por acaso não sabes que o Saddam tem olhos e ouvidos em todo o lado e que é rara a vez em que acontece alguma coisa no seu país que ele não saiba? Tu próprio me disseste para falarmos cá fora porque o quarto está cheio de microfones.

- Podia matá-lo fora do Iraque.

- Achas que o Saddam chegou onde chegou porque é idiota? De agora em diante, vai proteger o Wright como a um filho. Não deste conta que ele era um dos poucos que passava a noite no palácio de Sarsing? Será quase impossível aproximarmo-nos do professor. - Rauf olhou com compreensão para o amigo e colocou-lhe uma mão no ombro. - Mohamed, sei que te será difícil não vingares a morte do teu genro. Compreendo a tua amargura. Mas este mundo é duro e injusto. Terás de esquecer o assunto e deixar que o teu genro descanse em paz para poderes continuar a viver. Não provoques o Saddam, Mohamed, não te metas no seu caminho. Não só acabaria contigo como faria desaparecer a tua família da face da Terra. É nisso que consiste a sua vingança preferida.

Aldo pensou em Matilde, e um arrepio percorreu-lhe o corpo.

FIM DA PRIMEIRA PARTE

,

«Agradecimentos

A Estefanía Tapié, que me contou as suas experiências como missio-nária em Moçambique e que, com os seus relatos, me inspirou para criar uma das personagens deste romance.

À doutora Claudia Rey, exímia ginecologista e uma pessoa maravi-lhosa, que me explicou de maneira clara o cancro do ovário.

À doutora Raquel «Raco» Rosenberg, cujo testemunho inestimável me serviu para compreender a situação de África e o sofrimento do seu povo.

À doutora Valeria Vassia, que, tal como a minha Matilde, é cirurgiã pediátrica e me transmitiu informação valiosíssima.

À minha querida Estelita «Amorosa» Casas, que conhece o glamour de Paris como ninguém e me descreveu os lugares nos quais Eliah Al-Saud se move.

A Juan Simeran, que viveu sete anos em Israel e me forneceu a infor-mação e os seus escritos, e me ofereceu um livro que me serviram para compreender a situação desse país e

da Palestina. A sua mulher, Evelia Ávila Corrochado, uma querida leitora, que serviu de ligação.

A Clarita Duggan, outra leitora maravilhosa, por me relatar a sua experiência em Eton.

À minha amiga, a escritora Soledad Pereyra, por partilhar comigo os seus conhecimentos em matéria de aviões de guerra. Sol, querida, ainda sonho em ver o teu livro Desmesura publicado.

À minha amiga, a queridíssima «Gellyta» Caballero, por me oferecer ideias brilhantes e o seu carinho; por inspirar algumas das saídas espirituosas de Juana Follicuré; por me emprestar livros incríveis para a investigação; e por analisar o manuscrito com tanto amor e, ao mesmo tempo, com tanto profissionalismo.

A Leana Rubbo, pelas suas investigações que pareciam impossíveis.

À minha amiga íntima, Adriana Brest, pelos seus dois maravilhosos presentes: a epígrafe da primeira parte de Cavalo de Fogo e O jardim Perfumado.

À minha queridíssima amiga Paula Canón, que anda sempre em busca de material para as minhas investigações e que, para Cavalo de Fogo, conseguiu uma história de incalculável valor.

À doutora Maria Teresa «Teté» Zalazar, por me ajudar a construir uma cena que teria sido muito difícil para mim sem os seus conhecimentos de Medicina.

A minha doce e íntima amiga Fabiana Acebo. Ela e eu sabemos porquê.

A Uriel Nabel, um soldado israelita, que com tanta generosidade partilhou comigo a sua experiência de três anos no Tsahal.

A Sonia Hidalgo, uma querida leitora que procurou informação para este livro com um desinteresse que me tocou profundamente e também por fazer de ponte entre o seu sobrinho Uriel Nabel e eu.

A Marcela Conte-Grand, que colaborou desinteressadamente com as traduções para francês.

A minha querida amiga Vanina Veiga, que também me deu uma mão nas traduções para francês.

A minha prima, a doutora Fabiola Furey, que, apesar das suas inúmeras obrigações profissionais e familiares, teve tempo para me procurar material sobre a porfíria.

A Laura Calonge, delegada dos Médicos Sem Fronteiras na Argentina, e à sua assistente, Carolina Heidenhain, por me explicarem a filosofia e o funcionamento deste grande organismo de ajuda humanitária.

E, por último, às minhas queridas amigas, Natalia Canosa, Carlota Lozano e Pia Lozano, por me acompanharem e incentivarem sempre durante os meus processos criativos e por me inspirarem para criar Juana Follicuré. À Lotita agradeço-lhe do coração a sua permanente e desinteressada ajuda nas traduções para francês.

Da mesma autora:

O Quarto Arcano - O Anjo Negro

No princípio do século XIX, a revolução espalha-se pelas colónias espanholas da América, desejosas de se tornarem independentes da Coroa de Espanha. Buenos Aires será uma das primeiras capitais a concretizar esse sonho.

Roger Blackraven é um abastado homem de negócios inglês, com interesses particulares em Buenos Aires, onde é amo e senhor de terras e gentes, que o temem e respeitam. Mas a sua vida vai cruzar-se com o Anjo Negro...

O Anjo Negro é Melody Maguire, uma exótica crioula ruiva, filha de um irlandês que escapou à justiça inglesa. Assim apelidada pelos escravos, Melody luta pelo fim da escravatura. Roger representa para ela tudo o que mais odeia: é inglês, mulhengo, dono de escravos, um déspota - e, no entanto, não consegue evitar a atração escaldante que nasce entre os dois.

Romance histórico profundamente comprometido, romance sentimental com as cores e os cheiros da América Latina, muitas vezes imbuído de uma carga de erotismo fortemente explícito, O Quarto Arcano revela aos leitores portugueses uma das mais populares escritoras argentinas.

Em O Porto das Tormentas, segundo e último volume de O Quarto Arcano, Florencia Bonelli dá continuidade à história de Roger Blackraven e Melody Maguire, com que os leitores se familiarizaram em O Anjo Negro.

O Quarto Arcano O Porto das Tormentas

Depois de abandonar Buenos Aires, Blackraven chega às costas brasileiras com os seus primos Marie e Luís Carlos, filhos de Luís XVI e Maria Antonieta, cujas vidas estão em perigo. Aí irá encontrar velhos companheiros de aventuras: o padre jesuíta Malagrida e Adriano Távora, sempre disponíveis para o ajudar nas situações mais difíceis.

Novos personagens e novos cenários acompanham as aventuras do Escorpião Negro desde a costa americana até à velha Europa. O Porto das Tormentas é um romance repleto de ação: conspirações, assassinatos e abordagens em alto mar fazem desta leitura uma experiência quase cinematográfica.